unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LEANDRO DORVAL CARDOSO

# A *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio:
## introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Volume III

ARARAQUARA – SP
2018

LEANDRO DORVAL CARDOSO

# A *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio:
## introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários

**Linha de pesquisa:** Relações Intersemióticas

**Orientador:** Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

**Bolsa:** CAPES (Processo: 88882.180355/2018-01 – Migrado - SACPAIS)

ARARAQUARA – SP
2018

Cardoso, Leandro Dorval
A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução, tradução e comentários (cantos I-V) / Leandro Dorval Cardoso — 2018
3v. (360, 360, 403) f.

Tese (Doutorado em Estudos Literários) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

1. Literatura Latina. 2. Épica Latina. 3. Estácio, Públio Papínio. 4. Tebaida. 5. Tradução poética. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**LEANDRO DORVAL CARDOSO**

# A *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio:
## introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

**Linha de pesquisa:** Relações Intersemióticas

**Orientador:** Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

**Bolsa:** CAPES (Processo: 88882.180355/2018-01 – Migrado - SACPAIS)

Data da defesa: 30/05/2018

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira**
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura**
Universidade Federal do Paraná

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite**
Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos**
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves**
Universidade Federal do Paraná

---

**Local**: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

SUMÁRIO

Apresentação 15

**Capítulo Primeiro: Estácio e a *Tebaida*, uma introdução 19**

1.1. Estácio e seu canto 19

1.2. *Tebaida*: síntese dos cantos 23

1.3. A *Tebaida* e o maneirismo em questão 41

**Capítulo Segundo: Projeto para a tradução da *Tebaida* 71**

2.1. Antoine Berman: um projeto em cada tradução 71

2.2. Posição e Projeto: o horizonte de tradução da *Tebaida* 84

2.2.1. A posição tradutória 85

2.2.2. O projeto de tradução 91

**Capítulo Terceiro: A tradução da *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V) 111**

3.1. Nota sobre o texto 111

A *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V) 113

Canto I 115

Canto II 161

Canto III 209

Canto IV 257

Canto V 311

**Capítulo Quarto: Comentários à *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V) 363**

4.1. Nota sobre os comentários 363

Comentários ao Canto I 367

Comentários ao Canto II 477

Comentários ao Canto III 599

Comentários ao Canto IV ..... 721

Comentários ao Canto V ..... 927

**Referências Bibliográficas ..... 1037**

**Apêndices ..... 1055**

Apêndice A: A *Tebaida*, de Públio Papínio Estácio (Canto VI) ..... 1057

## COMENTÁRIOS AO CANTO IV

**1-31. Por vez terceira ... à popa acenam:** (Parkes) "Estácio prefacia seu catálogo com uma seção introdutória na qual as preparações para a expedição são vistas a partir de dois ângulos, o divino e o humano. Na primeira parte (4.1-12), nós vemos as ações de Febo, que assegura a passagem do tempo, e o envolvimento de Belona, mostrada declarando guerra e agitando o desejo pela batalha entre as tropas. Na seção seguinte (4.13-31), o foco recai sobre o comportamento humano. Sinais de hostilidade à guerra aparecem conforme o ardor dos homens hesita durante a despedida de seus amados. Essa passagem fornece um dos muitos exemplos em que os humanos ignoram os planos dos deuses. Os guerreiros estão, na verdade, sob a influência de Belona, mas fazem sacrifícios a Júpiter e Marte (4.13-4). Eles parecem não ter consciência de sua falta de poder, esforçando-se para aplacar os deuses como se o resultado da campanha pudesse ser influenciado a seu favor. Os humanos não são, contudo, exonerados de culpa pela ignorância das maquinações divinas: como no caso das divinações prévias, eles continuam com uma guerra nefasta a despeito dos presságios [...]."

**1. Por vez terceira, aos frios abrandara com Zéfiro:** Zéfiro é o vento que sopra do Oeste e anuncia a primavera. Com ele, Febo (4.2) já enfraquecera o inverno – os **frios** – por três vezes, ou seja: já se passaram três anos desde a negativa de Etéocles (cf. 2.415-51). Como em Virgílio (*G.* 1.43-4): *uere nouo, gelidus canis cum montibus humor / liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit* ("mal, no verão, de encanecidos cumes / liquesce e escorre o gelo, e a podre gleba / Zephyros amolentam" – trad. Odorico Mendes).

**2-3. angusta, impelia em um verno caminho / a luz mais longe:** sentido: "e impelia a angusta luz para mais longe por um caminho primaveril". Há divergência nas edições quanto ao texto latino: Lesueur, Klotz e Bailey registram *angusto cogebat limite uernum / longius ire diem* ("impelia a luz primaveril a ir mais longe por um caminho estreito"); Lactâncio, Barthius, Amar-Lemaire, Mueller, Hall e Parkes, *angustum cogebat limite uerno / longius ire diem* – lição ora adotada. A ideia, no passo, é de que Febo, trazendo a primavera, força a luz **angusta** ("breve") do inverno, pois que no inverno os dias são mais curtos, por uma novo caminho, que a leva mais **longe**: o da primavera. A lição *angusto ... uernum* inverte o tamanho do dia vernal, pois que descreve Febo impelindo o dia vernal por um caminho mais curto. Por esse motivo, optou-se pela lição ora apresentada.

**3-4. extinto o fórum / pelo Fado:** no final do Canto Terceiro, Adrasto diz a Argia que acalme

seu marido, Polinices, pois ele pretende adiar o início da guerra – **tardando, glórias preparamos** (2.719). Os Fados, porém, conduzem à guerra – cf. 3.241-3 e comentários *ad loc.* –, desfazendo o plano do rei argivo.

**4. DA GUERRA ... ENSEJO:** a ocasião de guerrear. (PARKES) "*data copia belli*, como em Virgílio (*A.* 9.720): *data copia pugnae* ("é dado o ensejo da luta"); Lucano (*Luc.* 7.251): *copia pugnae* ("o ensejo da luta"); e Ovídio (*Met.* 13.208) e Sílio Itálico (*Sil.* 8.4): *copia Martis* ("o ensejo de Marte")." **AOS MÍSEROS:** aqueles que se envolverão na guerra.

**5-11. PRIMEIRO, À MÃO, DO CIMO ... CONVOCA ÀS PORTAS:** (PARKES) "Nestes versos, Belona combina o papel de um general dando início às hostilidades (4.6-8) e instando os homens (4.9-12) com o de uma divindade despertando as tropas e o mal. Como general, a deusa da guerra atua como César encorajando os seus homens à batalha em Lucano (*Luc.* 7.557-81): compare 7.574 (um paralelo possível, já que o próprio César é vinculado a Belona em 7.568): *ipse manu subicit gladios ac tela ministrat* ["ele, com a mão, entrega os gládios e as flechas distribui"] com *Theb.* 4.10: *dat euntibus ensis* ["provê gládios"] (cf. também *V. Fl.* 2.215 – Vênus: *cunctantibus ingerit enses* ["aos exitantes fornece as espadas"]). Nos termos de uma divindade, a deusa evoca a Atena de Homero (4.9-10) e, particularmente, as Fúrias. Ao estimular, do alto, a guerra, relembra o comportamento de Alecto em Virgílio (*A.* 7-511-13: *at saeua e speculis tempus dea nacta nocendi / ardua tecta petit stabuli et de culmine summo / pastorale canit signum* ["a divindade nociva, que o instante fatal procurava / de fazer mal, sobe ao teto de tosca choupana e, do ponto / mais elevado, no corno recurvo tocou a rebate" – trad. Carlos Alberto Nunes]) e Tisífone, tal Alecto, na *Tebaida* (1.114-24)."

**5. DO CIMO DE LARISSA:** do alto da entrada da cidade – cf. 1.382n. **RÚBEO / FACHO:** uma tocha rutilante.

**6. BELONA:** é a deusa eminentemente romana da guerra, introduzida aqui em uma batalha grega anterior à fundação de Roma. (GRIMAL) "Como deusa romana da guerra, Belona, durante muito tempo uma simples potência mal definida, foi, pouco a pouco, identificada com a deusa grega Enio. É, por vezes, considerada como a mulher do deus Marte. É representada, também, como a condutora do seu carro, sob traços aterradores: segura na mão uma tocha ou um gládio ou uma lança. Assemelha-se muito à representação tradicional das Fúrias."

**7. TRAVAL:** da grossura de uma trave, de um tronco.

**7-8. QUE EM CÉU LIMPO ZUMBE, / VOA E AOS EXCELSOS MUROS DE DIRCE SE ENCRAVA:** conforme afirma Parkes (*ad loc.*), o arremesso da flecha pela deusa, dando início à guerra, em muito se assemelha – pelo que simboliza, é forçoso dizer – à abertura dos portões da guerra por Juno em Virgílio (*A.* 7.620-2): *tum regina deum caelo delapsa morantis / impulit ipsa manu portas, et cardine uerso / Belli ferratos rumpit Saturnia postis* ("Então, baixando, / a rainha Satúrnia arromba mesma / as lentas portas, a couceira quebra / e os ferrados batentes desmantela." – trad. Odorico Mendes). Em Ovídio, também, há uma passagem em que o arremesso de uma lança indica a guerra, mas, no ritual aí descrito, a lança é atirada pelo sacerdote núncio da paz e da guerra em uma coluna diante do templo da deusa, e não ao território inimigo (*Fast.* 6.205-8): *prospicit a templo summum breuis area Circum: / est ibi non paruae parua columna notae; / hinc solet hasta manu, belli praenuntia, mitti, / in regem et gentes cum placet arma capi* ("Área breve / que ao templo adjaz, e d' onde lá ao longe / o mais alto do circo se descobre, / contém essa coluna, escassa em vulto, não escassa em valor, donde é costume / por mão do Fecial rojar-se a lança / pregoeira de guerra, em se empunhando / contra reis ou nações em Roma as armas" – trad. Antônio Feliciano de Castilho).

**9-11. DEPOIS, NO CASTRO ... CONVOCA ÀS PORTAS:** como a Atenas homérica (*Il.* 2.450-2): *σὺν τῇ παιφάσσουσα διέσσυτο λαὸν Ἀχαιῶν / ὀτρύνουσ' ἰέναι· ἐν δὲ σθένος ὦρσεν ἑκάστῳ / καρδίῃ ἄλληκτον πολεμίζειν ἠδὲ μάχεσθαι* ("fúlgida, lança-se aos Gregos / incita-lhes a marcha, excita o coração / dos homens à refrega, ao combate sem trégua" – trad. Haroldo de Campos).

**9. LUZINDO OURO E FERRO:** brilhando por conta do ouro e do ferro de suas armas.

**10. IRMÃ NAS ARMAS, FREME:** como se a própria Belona fosse um guerreiros nas fileiras argivas.

**13-31. CHEGA O DIA FIRMADO ... PEDRA À POPA ACENAM:** depois das movimentações divinas para o início da excursão rumo a Tebas (4.1-12), é o momento dos homens inciarem os preparativos: os guerreiros fazem sacrifícios aos deuses (4.13-4) e se despedem de seus familiares, uma cena descrita com grande apelo ao *páthos* (4.16-31). Cf. os comentários *ad loc.*

**13. O DIA FIRMADO:** pelos Fados (cf. 4.3-4n), conforme Jove já havia revelado – cf. 3.241-3.

**13-4. AO TONANTE E AO GRADIVO / TOMBA INGENTE REBANHO:** a partida para a guerra é precedida pelos ritos propiciatórios como em Homero (*Il.* 2.400-31): *ἄλλος δ' ἄλλῳ ἔρεζε θεῶν αἰειγενετάων / εὐχόμενος θάνατόν τε φυγεῖν καὶ μῶλον Ἄρηος. / αὐτὰρ ὃ βοῦν ἱέρευσε ἄναξ ἀνδρῶν Ἀγαμέμνων / πίονα πενταέτηρον ὑπερμενέϊ Κρονίωνι, / κίκλησκεν δὲ γέροντας ἀριστῆας Παναχαιῶν, / Νέστορα μὲν πρώτιστα καὶ Ἰδομενῆα ἄνακτα, / αὐτὰρ ἔπειτ' Αἴαντε δύω καὶ Τυδέος*

*υἱόν, / ἕκτον δ' αὖτ' Ὀδυσῆα Διὶ μῆτιν ἀτάλαντον. / αὐτόματος δέ οἱ ἦλθε βοὴν ἀγαθὸς Μενέλαος· / ἤδεε γὰρ κατὰ θυμὸν ἀδελφεὸν ὡς ἐπονεῖτο. / βοῦν δὲ περιστήσαντο καὶ οὐλοχύτας ἀνέλοντο· / τοῖσιν δ' εὐχόμενος μετέφη κρείων Ἀγαμέμνων· / Ζεῦ κύδιστε μέγιστε κελαινεφὲς αἰθέρι ναίων / μὴ πρὶν ἐπ' ἠέλιον δῦναι καὶ ἐπὶ κνέφας ἐλθεῖν / πρίν με κατὰ πρηνὲς βαλέειν Πριάμοιο μέλαθρον / αἰθαλόεν, πρῆσαι δὲ πυρὸς δηΐοιο θύρετρα, / Ἕκτόρεον δὲ χιτῶνα περὶ στήθεσσι δαΐξαι / χαλκῷ ῥωγαλέον· πολέες δ' ἀμφ' αὐτὸν ἑταῖροι / πρηνέες ἐν κονίῃσιν ὀδὰξ λαζοίατο γαῖαν. / Ὣς ἔφατ', οὐδ' ἄρα πώ οἱ ἐπεκραίαινε Κρονίων, / ἀλλ' ὅ γε δέκτο μὲν ἱρά, πόνον δ' ἀμέγαρτον ὄφελλεν. / αὐτὰρ ἐπεί ῥ' εὔξαντο καὶ οὐλοχύτας προβάλοντο, / αὐέρυσαν μὲν πρῶτα καὶ ἔσφαξαν καὶ ἔδειραν, / μηρούς τ' ἐξέταμον κατά τε κνίσῃ ἐκάλυψαν / δίπτυχα ποιήσαντες, ἐπ' αὐτῶν δ' ὠμοθέτησαν. / καὶ τὰ μὲν ἂρ σχίζῃσιν ἀφύλλοισιν κατέκαιον, / σπλάγχνα δ' ἄρ' ἀμπείραντες ὑπείρεχον Ἡφαίστοιο. / αὐτὰρ ἐπεὶ κατὰ μῆρε κάη καὶ σπλάγχνα πάσαντο, / μίστυλλόν τ' ἄρα τἆλλα καὶ ἀμφ' ὀβελοῖσιν ἔπειραν, / ὤπτησάν τε περιφραδέως, ἐρύσαντό τε πάντα. / αὐτὰρ ἐπεὶ παύσαντο πόνου τετύκοντό τε δαῖτα / δαίνυντ', οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς ἐΐσης.* ("Este roga a um deus; a outro aquele, aos sempiternos, / todos, temendo a morte e a Ares, sacrificam. / Agamêmnon também, o rei, faz oferenda: / um touro de cinco anos, gordo, a Zeus potente. / Convida ao sacrifício os Panaqueus, os velhos / chefes de toda a Grécia. Desde logo Néstor, / o rei Idomeneu, os Ájazes, o filho / de Tideu. Odisseu, na argúcia par de Zeus, / o sexto. Menelau, brado-estentóreo, veio / por conta própria, vendo o irmão atribulado. / Rodeando o boi, nas mãos levam sacra farinha; / Agamêmnon, o rei, no meio deles, roga: / "Grande Zeus, todo-glória, nuviescuro, pai / etéreo, que o sol não se ponha, as turvas trevas / parem, até que eu tenha posto abaixo o paço / do rei Príamo e ateado fogo a seus portais, / rasgado com o bronze a couraça de Héctor / e arrojado à poeira muitos dos seus homens, / cara no chão, de bruços, mastigando terra". / Falou. Mas Zeus não o atendeu de pronto. Aceito / o sacrifício, novas penas reservou-lhes. / Então, depois de orar e de espalhar farinha, / destroncam e degolam bois, esfolam touros, / coxas cortam e apartam, cobrem-nas de graxa – / dupla camada – e lançam talhos crus por cima. / Em lenha desfolhada vão queimando as carnes; / suspendem sobre o fogo de Hefestos as vísceras / e as tostam. Mordem coxas, provam dessas vísceras. / O que resta retalham, enfiam no espeto, / assam peritamente e vão tirando os nacos. / Trabalho concluído, está pronto o banquete: / banqueteiam-se então, cada qual a seu gosto" – trad. Haroldo de Campos).

**14.** NADA BOM NAS VÍSCERAS: nenhum bom presságio foi lido pelo ministro nas entranhas e vísceras do animais. Neste trecho há, novamente, uma referência aos rituais premonitórios realizados antes da batalha, conforme já relatado no canto terceiro (cf. 3.456-9 e comentários

*ad loc.*), e tal como lá, não há nada propício aos argivos no haruspicismo aqui praticado.

**15. Às armas finge esperança o ministro:** outro indício da culpa dos humanos pela insistência em uma guerra fadada ao fracasso (cf. 4.1-31n). Toda a reação de Capaneu aos presságios funestos de Anfiarau (3.598-677), na verdade, pode ser vista como uma reação não à negativa dos deuses, mas ao próprio vate, como o próprio Anfiarau parece entender ao final de sua fala (cf. 3.646-7). O fingimento, aqui, assemelha-se, ainda, ao medo que manteve Anfiarau e Melampo afastados dos argivos após a ornitomancia que realizaram (cf. 3.570-5 e comentários *ad loc.*): não temem somente o futuro previsto, mas a reação dos sócios com a revelação de um porvir funesto. Como Arrunte, em Lucano (*Luc.* 1.637-8): *flexa sic omina Tuscus / inuoluens multaque tegens ambage canebat* ("assim o Etrusco tudo intrincando e encobrindo, / vaticinava por rodeios tresdobrados" – trad. Brunno Vieira).

**16-23. Os seus filhos, suas noivas ... raiva, arfando hesitam:** a partida dos viajantes é um tema comum na literatura clássica, seja com foco na lamentação ou nos desejos de boa viagem – mais afins aos chamados *propemptika* (do grego *προπεμπτικόν*), os discursos de adeus a quem parte. Aqui, Estácio dá destaque ao sofrimento dos que ficam, que é tamanho a ponto de fazer vacilar a ira anteriormente acesa daqueles que partem. De modo semelhante, agem as mães daqueles que partem na Argo junto de Jasão (cf. 2.281n) em Valério Flaco (1.315-9): *increscunt matrum gemitus et fortia languent / corda patrum, longis flentes amplexibus haerent. / uox tamen Alcimedes planctus supereminet omnis, / femineis tantum illa furens ululatibus obstat, / obruat Idaeam quantum tuba Martia buxum* ("Os ais das mães / crescem e os fortes corações dos pais fraquejam; / chorando estreitam-se em abraços demorados. / Porém, de Alcímede suplanta a voz aos choros: / transtornada, ela tolhe os fêmeos gritos tanto / quanto a trompa de guerra encobre a flauta idália" – trad. Márcio Meirelles).

**16. Os seus filhos, suas noivas e pais:** como em 3.114.

**18-9. Não há limite ao choro: escorrem crista e clípeo / com triste adeus:** as armas se inundam com as lágrimas derramadas pelos parentes que se despedem (e pelos próprios guerreiros? – cf. 4.23n). Como em Homero, quando os Mirmidões choram por sobre as armas de Pátroclo (23.15-6): *δεύοντο ψάμαθοι, δεύοντο δὲ τεύχεα φωτῶν / δάκρυσι* ("lavam-se de lágrimas / os arneses, a areia lava-se" – trad. Haroldo de Campos); e em Virgílio, quando Eneias e Tarconte cuidam dos corpos de seus companheiros mortos em batalha (*A.* 11.191): *spargitur et tellus lacrimis. sparguntur et arma* ("e a terra é banhada por lágrimas, e são banhadas as armas").

**20. casas gemendo:** por "familiares gemendo".

**23. LAMENTAM E, FRANGIDA A RAIVA, ARFANDO HESITAM:** assim como Argia, após implorar a seu pai que desse início à guerra (cf. 3.687-710 e comentários *ad loc.*), declara que, mais tarde, no momento em que partissem para a guerra, poderia pedir-lhe o contrário (cf. 3.707-10), também os guerreiros, inflamados para a guerra por Belona (cf. 4.9-12) e com a ira acendida (3.382-3) pelo sofrimento de Tideu e Polinices, deixam-se levar pelo lamento dos seus.

**24-31. COMO QUANDO, AO PARTIREM ... PEDRA À POPA ACENAM:** primeiro dos símiles do canto. Novamente, Estácio lança mão de um símile náutico (cf. 1.193-4; 1. 370-5; 2.105-8n; 2.193-5n; 3.22-32n), mas, dessa vez, comparando os argivos aos parentes que restam na costa despedindo-se daqueles que partem para o alto mar: não há, portanto, como nas outras vezes, um intuito de aproximar chefes e reis, assim como cidades e povos, à figura de marinheiros e embarcações sujeitas a diferentes fatores que, de uma maneira ou de outra, atrapalham ou inviabilizam a navegação. Mesmo assim, a sujeição a forças superiores e a incapacidade de reação parecem estar aqui presentes, ainda que de maneira indireta: diante da partida iminente, vendo que nada mais pode ser feito para que se a evite ou ao menos se protele, detém-se as mãos que se despedem (4.26), e o que restam são tentativas de abraços e olhos embaçados pelas lágrimas e pelo nevoeiro do mar (4.27-8); resta seguir as velas infladas (o **linho aos olhos / fugindo**) e a dor de ver os ventos que sopram da pátria tomando corpo à favor da navegação (**pátrios ventos ... propícios**).

**26. DETÉM-SE A MÃO AMIGA:** vendo que nada mais poderia ser feito nem para evitar, nem para tardar a partida dos guerreiros, a **mão amiga** (daqueles que ali se reuniram para despedirem-se) se detém, desistindo de sua empreitada (cf. 4.24-31n).

**28-9. DEIXADOS, / NAS ROCHAS SE MANTÊM:** refere-se àqueles que permaneceram na praia para saudar, à distância, os que partem para o mar.

**29-30. O LINHO AOS OLHOS / FUGINDO:** as velas se inflando com a força dos ventos e distanciando-se no horizonte, até que não podem mais ser vistas a olhos nus.

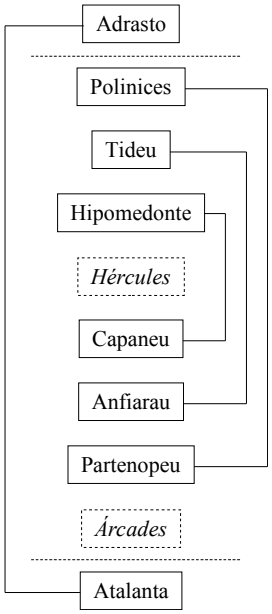
**30. PÁTRIOS VENTOS DOEM, PROPÍCIOS:** ou seja, causa dor o fato de os ventos que sopram da terra (por isso **pátrios**) estarem a favor da navegação, levando a nave para o alto mar.

**31. [QUEDAM INDA, E DE NOTA PEDRA À POPA ACENAM.]:** o verso é tratado como interpolação pela maioria dos editores, uma vez que simplesmente resume o que foi dito anteriormente.

**32-344. ORA, A MIM, PRÉVIA FAMA ... ENCARGA AO CHEFE ADRASTO:** catálogo de heróis. Aqui, o poeta enumera personagens importantes que vão tomar vez na guerra ao lado dos argivos. É um

*topos* comum da poesia épica, cujos exemplos mais famosos são o Catálogo das Naus de Homero (*Il.* 2.484-817), o Catálogo dos Guerreiros em Virgílio (*A.* 7.641-817; 10.163-214) e o Catálogo das Tropas de César, em Lucano (1.392-465). Para Parkes (*ad loc.*), o catálogo está dividido em oito seções – além da evocação dos numes (4.32-8): cada uma das oito partes é dedicada a um dos sete generais e às suas tropas, salvo a quinta, que apresenta as tropas tiríntias, as quais marcham sob a proteção de Hércules. Em cada uma destas seções, são apresentados o general e as cidades que enviaram seus homens para que combatessem sob os seus auspícios, na seguinte ordem: 1. Adrasto (4.38-73); 2. Polinices (4.74-92); 3. Tideu (4.93-115); 4. Hipomedonte (4.116-44); 5. as tropas Tiríntias (4.145-64); 6. Capaneu (4.165-86); 7. Anfiarau (4.187-245); e 8. Partenopeu (4.246-344). Essa ordem, de acordo com Parkes, está, de alguma forma, espelhada na ordem em que Homero apresenta os chefes gregos na *Ilíada* (2.484-817), mas também impregnada por certos aspectos intrínsecos à *Tebaida*: "tendo-se decidido por seus oito contingentes, Estácio não os listou simplesmente em uma ordem aleatória. Certa importância parece ter sido cuidadosamente emprestada à posição de cada um dos líderes. O comandante Adrasto é o primeiro príncipe a ser mencionado. Heitor, que lidera o exército troiano, é igualmente o primeiro a ser nomeado no catálogo de Homero (*Il.* 2.816) [...] A primeira posição de Adrasto é explorada para que se levantem questões sobre a natureza da guerra e o seu heroísmo: a repugnância pessoal deste rei amante da paz (4.38-73) define nossas reações [...] A última seção, que diz respeito a Partenopeu, estabelece, de certa forma, um contraste com a primeira: a juventude é apresentada em contraponto à experiência [...] o entusiasmo e a vitalidade, em contraponto ao cansaço [...] Estácio, contudo, cria uma atmosfera sombria relacionada àquela da seção de Adrasto por meio do conhecimento que o autor tem de sua morte vindoura e as preces patéticas de Atalanta por seu retorno para casa em 4.309-44. A decisão por posicionar a descrição das tropas de Polinices logo após a exposição dos guerreiros de Adrasto se parece com a de Homero ao posicionar o contingente de Menelau, por causa de quem a guerra é realizada, após o contingente de Agamêmnon [...] A escolha de Tideu logo após Polinices parece justificada pelo relacionamento próximo entre os dois guerreiros; além do mais, a justaposição expõe seus níveis similares de entusiasmo [...] A transição que se segue para as tropas maiores de Hipomedonte (4.116) está de acordo com a descrição do contingente guerreiro de Tideu em uma escala de força. A seção de Hércules é colocada após a de Hipomedonte para que se estabeleça um contraste nítido [...] O princípio do contraste também funciona na sequência final: Anfiarau segue o blasfemo Capaneu [...] e o vulnerável Partenopeu sucede as bravas tropas espartanas de Anfiarau".

Para Vessey (1973, p. 196-205), por outro lado, a estrutura do episódio é outra, pensada justamente para que diferisse daquela utilizada por Homero e Virgílio. Para o crítico, são sete as seções do catálogo, pensadas uma para cada um dos generais. Além delas, há duas digressões: a primeira diz respeito às tropas de Tirinte (4.145-64), e a segunda, aos arcádios, cuja origem e costumes são descritos durante a apresentação de Partenopeu (4.275-308). As sete seções, por sua vez, estariam arranjadas em uma ordem quiasmática, fundamentada em semelhanças e diferenças entre os personagens (1973, p. 203):




Nesse esquema, Adrasto e Atalanta estariam ligados por representarem dois aspectos das obrigações parentais: enquanto Adrasto cede aos rogos de Argia, sua filha, e aos anseios de seu genro, Polinices (3.712-20), afirmando assim sua decisão em favor da manutenção da guerra, Atalanta busca justamente o contrário, pois quer dissuadir seu filho, Partenopeu, dos anseios bélicos (4.318-40). Polinices e Partenopeu, porque o primeiro deseja a guerra para assegurar seu retorno à casa paterna, enquanto o outro deseja deixar sua casa para participar da guerra. Tideu e Anfiarau contrastam quanto à postura perante a batalha: se o enida se lança à guerra com entusiasmo, certo da vitória, o eclida hesita ante ao conhecimento da morte certa. Hipomedonte e Capaneu, por sua vez, assemelham-se não só por seu tamanho (cf. 4.129; 4.165), mas também pela força e o valor guerreiro. As digressões, por fim, teriam um valor simbólico, pois que apresentam valores humanos em contraste com a violência e o horror que dominam as descrições dos heróis no catálogo (cf. comentários *ad loc.*).

Por fim, sem que sejam excludentes, as leituras de Parkes e Vessey ressaltam aspectos diferentes do episódio, fornecendo alternativas variadas para a leitura e a interpretação do pas-

so. Ambos os autores, porém, consideram o episódio não só a partir da tradição épica – Homero e Virgílio, principalmente –, mas também de valores da *Tebaida*, fazendo assim com que se destaque o processo crítico e poético que caracteriza as retomadas que o autor faz da tradição.

**32-8. Ora, a mim, prévia Fama ... de haurida fonte vem:** assim como no início do seu canto (1.41), Estácio convoca os numes para que o ajudem a cantar os heróis envolvidos na batalha. Tal como o catálogo, a invocação dos deuses também é um *topos* da épica clássica (cf. 4.32-344n). Na *Ilíada*, Homero evoca as Musa olimpianas, filhas de Zeus, para que o ajudem a lembrar os nomes dos envolvidos no cerco de Troia (*Il.* 4.484-93): *Ἔσπετε νῦν μοι Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι· / ὑμεῖς γὰρ θεαί ἐστε πάρεστέ τε ἴστέ τε πάντα, / ἡμεῖς δὲ κλέος οἶον ἀκούομεν οὐδέ τι ἴδμεν· / οἵ τινες ἡγεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσαν· / πληθὺν δ' οὐκ ἂν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ' ὀνομήνω, / οὐδ' εἴ μοι δέκα μὲν γλῶσσαι, δέκα δὲ στόματ' εἶεν, / φωνὴ δ' ἄρρηκτος, χάλκεον δέ μοι ἦτορ ἐνείη, / εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι Διὸς αἰγιόχοιο / θυγατέρες μνησαίαθ' ὅσοι ὑπὸ Ἴλιον ἦλθον· / ἀρχοὺς αὖ νηῶν ἐρέω νῆάς τε προπάσας* ("Ó Musas, me dizei, moradoras do Olimpo, / divinas, todo-presentes, todo-sapientes / (nós, nada mais sabendo, só a fama ouvimos), / quais eram, hegemônicos, guiando os Dânaos, / os príncipes e os chefes. O total de nomes / da multidão, nem tendo dez bocas, dez línguas, / voz inquebrável, peito brônzeo, eu saberia / dizer, se as Musas, filhas de Zeus porta-escudo, / olímpicas, não derem à memória ajuda, / renomeando-me os nomes. Só direi o número / das naves e os navarcas que assediaram Troia" – trad. Haroldo de Campos).

Virgílio, nos dois momentos em que entoa um catálogo de heróis, também evoca as Musas, mas aquelas do Hélicon (*A.* 7.641-6): *pandite nunc Helicona, deae, cantusque mouete, / qui bello exciti reges, quae quemque secutae / complerint campos acies, quibus Itala iam tum / floruerit terra alma uiris, quibus arserit armis; / et meministis enim, diuae, et memorare potestis; / ad nos uix tenuis famae perlabitur aura* ("o Helicon, musas, franqueai-me: ousados / reis vou cantar, as tropas que os seguiram / cobrindo os campos; que armas flamejaram, / que heróis já n'alma Itália floresceram. / Como lembradas sois, contai-mo, ó divas: / mal nos roçou leve aura do passado" – trad. Odorico Mendes); e (*A.* 10.163-5): *pandite nunc Helicona, deae, cantusque mouete, / quae manus interea Tuscis comitetur ab oris / Aenean armetque rates pelagoque uehatur* ("abri-me o Helicon, Musas; descantai-me / que Tusca multidão, munindo os lenhos, / vogue na azul campina" – trad. Odorico Mendes).

Valério Flaco também as evoca antes de seu catálogo de heróis (*V. Fl.* 6.33-41): *hinc age Rhipa-*

*eo quos uideris orbe furores, / Musa, mone, quanto Scythiam molimine Perses / concierit, quis fretus equis per bella uirisque. / uerum ego nec numero memorem nec nomine cunctos / mille uel ora mouens. neque enim plaga gentibus ulla / ditior: aeterno quamquam Maeotia pubes / Marte cadat, pingui numquam tamen ubere defit / quod geminas Arctos magnumque quod impleat Anguem / ergo duces solasque, deae, mihi promite gentes* ("Musa, que viste no Rifeu as iras, canta / com que aparato à Cítia Perses sublevou, / confiado em quais cavalos e homens para a guerra. / Não lembraria todos números e nomes / nem com mil línguas, pois nenhuma terra teve / mais gentes. Posto que, em perene guerra, os jovens / Meotas caíram, nunca faltam na abastada / terra que abrange as gêmeas Arctos e a Serpente. / Mostrai-me, ó deusas, pois só os líderes e as gentes." – trad. Márcio Meirelles).

E também Sílio Itálico, que, tal como Estácio, evoca especificamente Calíope (*Sil.* 3.222-230): *prodite, Calliope, famae, quos horrida coepta / excierint populos tulerintque in regna Latini, / et quas indomitis urbes armarit Hiberis / quasque Paraetonio glomerarit litore turmas / ausa sibi Libye rerum deposcere frenos / et terris mutare iugum. non ulla nec umquam / saeuior it trucibus tempestas acta procellis, / nec bellum ruptis tam dirum mille carinis / acrius infremuit trepidumque exterruit orbem* ("transmite, Calíope, à fama, a quais, lançados os horrores, / povos chamaram e serviram contra o reino de Latino, / e quais urbes de indômitos Ibérios armou / e quais tropas reuniu nas costas Paretônias / a Líbia, ousando demandar a si própria as rédeas de tudo / e a mudar o jugo da terra. Nunca nenhuma / tempestade mais seva veio e com procelas mais selvagens, / nem guerra tão dira que, com mil barcos partidos, / mais ferozmente rugiu e ao orbe trépido aterrou").

Além de Calíope, porém, Estácio evoca a **Fama** e a **Velhice**. Sobre isso, diz Parkes (*ad loc.*): "[...] tradição, antiguidade e a Musa Calíope são convocadas, um excesso de figuras de autoridade para reforçar a confiabilidade do catálogo de Estácio e desafiar seus predecessores (normalmente, as Musas são o suficiente, embora outras figuras como Apolo possam ser acrescentadas [...]). Somente aqui as personificações [...] **Fama** e **Velhice** são nomeadas em um catálogo. As musas são convencionalmente chamadas por causa da inspiração, seguindo Homero (*Il.* 2.484-92 [*supra*]) [...] Depois de duas invocações únicas para um catálogo, então, Estácio descaradamente apresenta a figura esperada da Musa quase que como um pensamento tardio [...] Há, também, um sentido de intensificação necessária: **Fama** e **Velhice** podem recontar as ações dos homens, mas uma deusa é necessária para contar sobre as ações das deidades (**quais forças, quais armas movera / o Gradivo, e quais urbes deixou sem pesso-**

**as** – 4.35-6). Nas invocações, Estácio joga com as noções aceitas de confiabilidade".

Novamente, então, pode-se dizer que, como ocorre com a estrutura do catálogo, na invocação há um esforço do poeta não só no sentido de filiar-se à já bem estabelecida tradição épica clássica, mas também de fazer algo diferente com vistas a evitar a monotonia de seu canto (Vessey, 1973, p. 202-3): assim foi com a estrutura quiasmática das seções que compõem o catálogo e com as digressões entre elas inseridas, e assim é com a introdução de personificações alheias às invocações feitas antes dos catálogos na poesia épica.

**32. prévia Fama, do orbe ima Velhice:** cf. 4.32-8n.

**33. a quem é cura chefes lembrar e ampliar vidas:** refere-se especificamente à Velhice, mas há um quê de coincidência entre as ações das duas personificações nomeadas por Estácio. Diz que lhe cabe **ampliar vidas** não porque tenha algum poder sobre o destino dos homens, mas porque seria a responsável por dar sobrevida a seus nomes, mantendo vivas as lembranças que deles se têm.

**34-5. Dama do bosque sonoro, / tu, Calíope:** uma das Musas, talvez a principal – donde diz ser a **dama** (*i.e.*, a rainha – em latim, *regina*). É conhecida como a Musa da poesia épica e apontada por alguns autores como a mãe de Orfeu (Hyg. *Fab.* 14; *Apollod.* 1.3.2; *A. R.* 1.23-5). Com **bosque sonoro**, refere-se ao Hélicon (cf. 1.33n), monte dedicado às musas e comumente apontado como sua morada. Por esse mesmo motivo, pode, ainda, referir-se ao Monte Píero, na Macedônia, já citado pelo poeta (cf. 1.3n). O bosque é **sonoro**, enfim, porque a música está presente na arte de Calíope e de outras das Musas.

**35-6. quais forças, quais armas movera / o Gradivo, e quais urbes deixou sem pessoas:** são esses, pois, os assuntos de seu catálogo. De acordo com Parkes (cf. 4.32-8n), Calíope (4.35) foi evocada justamente para que desse conta dos feitos divinos, cabendo à Fama e à Velhice (4.32) os outros assuntos. Diz sobre Marte (**Gradivo**) por ter sido ele o responsável (cf. 3.229-52n) por espalhar a notícia da guerra e acender, no coração dos homens, o ardor bélico, pelo qual deixaram suas cidades para juntar-se aos argivos.

**37. trama na lira:** é dizer "lavora, trabalha, prepara em tua lira". Musa da poesia épica, mas às vezes também da lírica, o canto de Calíope era então acompanhado pela lira (cf. 4.34-5n).

**37-8. o ardor mais sublime a ninguém / de haurida fonte vem:** é comum a imagem do poeta que se inspira bebendo a água de uma fonte dedicada às musas. Propércio (*Prop.* 3.3) descreve de modo interessante a cena, retratando um eu lírico que tenta beber de diferentes fontes

– a saber, da Castália, em Delfos (cf. 1.565n), e de Hipocrene/Aganipes, no Hélicon (cf. 4.60-1n) –, sendo impedido, respectivamente, por Apolo e Calíope, pois que das fontes que buscava beber não conseguiria a inspiração certa para o seu tipo de canto – bebendo de Hipocrene, por exemplo, tenderia à poesia épica, mas é poeta elegíaco. Ao fim, é guiado pela Musa à fonte adequada para o seu canto. Esta cena é, aqui, retomada por Estácio: após imperar a Calíope que laborasse o que pediu com a sua lira (cf. 4.37), dá a entender que, caso ele próprio bebesse de uma fonte em busca de inspiração, não seria tomado por um estro mais sublime do que quando a própria Musa tece o canto. O sentido, então, é: "em comparação com o lavor da própria Musa (4.37), não vem, de uma fonte da qual se beba, um estro mais sublime a quem quer que seja". Lactâncio, Barthius, Amar-Lemaire e Parkes (*ad loc.*) apontam fontes diferentes como a referente do termo genérico de Estácio. O mais provável, porém, é que se refira às fontes de Hipocrene ou Aganipe, no Hélicon, pois que se tratam de fontes cuidadas pela própria Calíope – inspiradoras da poesia épica, portanto (cf. *Prop.* 3.3.39-50).

**38-73. Um rei triste, doente ... grandes nós das chagas:** o primeiro exército descrito é o comandado por Adrasto – sobre a ordem em que são apresentados os heróis, cf. 4.32-344n. A seção segue um padrão: primeiro é apresentado o general (4.38-43), depois as origens de suas tropas (4.44-64) e, em seguida, as armas que carregam (4.64-7). No caso de Adrasto há, ao fim (4.68-73), um símile de touro que retoma a imagem do chefe já decadente, a qual abre seu trecho do catálogo (4.38-40): um herói já velho e cansado (**do fim rente à idade** – cf. 4.38-9n), **doente** por causa do **ônus de seu cargo** (4.38-9) e **relutante** (4.40), mas ainda soberano e guerreiro (4.41) – para Vessey (1973, p. 197), uma figura verdadeiramente patética. A imagem relutante de Adrasto – cujo nome, por sinal, só se revela ao final de 4.40, como se o próprio rei resistisse em aparecer – contrasta fortemente com a daqueles que o circundam – tanto a dos **exortantes** (4.40), como a de seus **velozes / corcéis** (4.42-3) e, nomeadamente, a de **Aríon** (cf. 4.43n). Sua demora e tranquilidade com relação à guerra (cf. 3.714-20), portanto, também se manifestam no momento da partida, contrastando sobremaneira com a disposição e as ânsias dos outros guerreiros.

**38-9. doente / pelo ônus de seu cargo, do fim rente à idade:** assemelha-se Adrasto, por essa descrição, ao Pompeu de Lucano (*Luc.* 1.129-30): *alter uergentibus annis / in senium longoque togae tranquillior usu* ("o outro [Pompeu], com os anos vergando / à velhice e, pelo longo uso da toga, tranquilo"). **do fim rente à idade:** é dizer "já próximo de seus anos finais" – *i.e.*, de seus últimos anos de vida.

**41. O FERRO À CINTA BASTA:** a interpretação do trecho (*contentus ferro cingi latus*, em latim) é caso de disputa na crítica, que lhe dá, em suma, dois sentidos: o primeiro, de que o próprio Adrasto caminha com uma espada (o **ferro**) presa em sua cintura; o segundo, de que ele é escoltado por uma única espada – *i.e.*, um guerreiro. Contudo, conforme aponta Parkes (*ad loc.*), a interpretação de que é Adrasto quem caminha satisfeito (*contentus*) com uma única espada presa à cintura parece mais ajustada à imagem de alguém que marcha, entre as fileiras, **relutante** (4.40). Além do mais, a descrição de que o seguem **as armas do manípulo** (4.41-2) reforça ainda mais a sua má vontade em relação à expedição – sendo essa, portanto, a leitura aqui adotada. Além do mais, assim Adrasto assemelha-se ao Príamo virgiliano ao ver Troia tomada pelos gregos (*A.* 2.509-11): *arma diu senior desueta trementibus aeuo / circumdat nequiquam umeris et inutile ferrum / cingitur, ac densos fertur moriturus in hostis* ("de ociosa armadura o velho os ombros / trêmulos veste, inútil ferro à cinta, / entre basto inimigo a morrer parte" – trad. Odorico Mendes).

**43. AO JUGO INDA SE OPÕE ARÍON:** conta Pausânias (8.25.5-7) que, quando Deméter (cf. 1.524n) andava à busca de Perséfone, sua filha, que foi raptada por Hades, Posídon se enamorou da deusa e começou a persegui-la. Para esconder-se, Deméter resolveu transformar-se em uma égua, mas o deus, percebendo o embuste, se transformou em um garanhão e cruzou com a deusa. Dessa relação, nasceram-lhe uma filha, conhecida como Senhora, ou Dama, cujo nome só era revelado aos já iniciados nos ritos de Deméter; e seu outro rebento foi um cavalo de extrema velocidade, de nome **Aríon**. Este pastou um tempo entre o rebanho de Onco, entre os cavalos junto aos quais Deméter se disfarçara, e depois pertenceu a Hércules. Somente após a luta deste contra Cicno é que Aríon chegou aos estábulos do rei argivo. Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.6.8) refere-se à mesma lenda contada por Pausânias, e Homero o diz de origem divina (*Il.* 23.346-7): *οὐδ' εἴ κεν μετόπισθεν Ἀρίονα δῖον ἐλαύνοι / Ἀδρήστου ταχὺν ἵππον, ὃς ἐκ θεόφιν γένος ἦεν* ("ainda que urgindo Aríone atrás de ti, veloz, / o célebre corcel de Adrasto, raça divo- / gênita" – trad. Haroldo de Campos). Lactâncio (*ad loc.*), por sua vez, refere-se a Aríon como um cavalo filho de Netuno e Terra, o qual foi dado pelo deus a Pélope, de quem passou, então, a Adrasto. Sua velocidade, aclamada por todos os autores ora citados, é mais um elemento que contrasta e ressalta, portanto, a morosidade do rei argivo – é por ela também, um sinônimo de liberdade, que diz opor-se o corcel **ao jugo**.

**44-64. LARISSA ARMA SEUS HOMENS ... TRÊS MIL CONTAVA / EXULTA:** no passo, apresenta o poeta a tropa que marchava sob o comando de Adrasto. A apresentação é feita conforme o padrão: a

partir da cidade de origem de cada grupo de guerreiros. São elas: **Larissa**, que se refere à acrópole de Argos – cf. 1.382n – e **Prosimne** – cf. 1.383n – (4.44); **Mídea** e **Fliunte** (cf. 4.45n); **Néris** (cf. 4.46-7n) e **Cleonas** (cf. 4.47n); **Tírea** (cf. 4.48n), **Drépano** e **Sícion** (cf. 4.50-2n); **Efire** (cf. 4.59n) e, por fim, **Cêncreas** (cf. 4.60-1n). Estácio ainda se refere a uma fonte de água (**Estrangila** – cf. 4.51n) e a um rio, o **Helisso** (cf. 4.52-8n). Vindo desses dez lugares, diz o poeta que juntarem-se a Adrasto três mil homens (4.63).

**45. Mídea, mais apta ao gado:** cidade ao leste de Argos, na Argólida. Segundo Parkes (*ad loc.*), o comparativo (**mais apta ao**) pode assumir dois sentidos no contexto: o primeiro deles, uma alusão ao modo de vida pacífico da região, que agora é interrompido pelo ardores bélicos espalhados por Marte a mando de Júpiter (cf. 3.229-52n); o segundo, que ela seria mais apta para o pastoreio dos animais do que para o provimento de guerreiros. **bovina Fliunte:** cidade ao norte de Argos, próxima e ao norte de Nêmea. Lactâncio (*ad loc.*), que lê, como seu nome, *Phyllos* em vez de *Phlius*, diz tratar-se de uma cidade da Arcádia. Uma vez que os árcades marcharão sob o comando de Partenopeu (4.246-344), dificilmente trata-se, então, dessa cidade. Conforme alega Parkes (*ad loc.*), a grafia escolhida por Estácio, que toma como epônimo da cidade o argonauta Flías (ou Fliante), pode ter confundido Lactâncio. O adjetivo **bovina** ressalta a mesma natureza bucólica apontada com relação a Mídea (*supra*).

**46-7. que teme em longo vale o Cáradro espumante, / Néris:** a referência com Néris é incerta: Pausânias (2.38.6) fala sobre uma vila chamada Néris ao norte do monte Párnon, situado na fronteira entre a Lacônia e a Arcádia; Estêvão de Bizâncio (*St. Byz.* 474.4) localiza Néris na Messênia, região sudoeste do Peloponeso; um dos fragmentos de Calímaco (*inc. sed.* fr. 566 Schneider) resume-se ao nome Néris sem apresentar, porém, nenhuma outra referência. Lactâncio (*ad loc.*) diz ser Néris o nome de um monte argivo; Barthius (*ad loc.*), por seu turno, contesta a interpretação de Lactâncio, perguntando-se por que, então, um monte temeria um rio em um vale (**que teme em longo vale o Cáradro espumante**). O rio **Cáradro** poderia auxiliar na localização de Néris; seu nome, porém, derivado do grego *χαράδρα* (*kharádra*), denota um córrego que corre por uma montanha, ou uma torrente que se avoluma com a chuva ou com o degelo da neve, motivo pelo qual é o nome de diferentes rios por toda a Grécia: Asquith (2001, p. 49) fala de um Cáradro na Ática, um próximo a Argos, um outro na Messênia – onde Estêvão de Bizâncio localiza uma Néris (*supra*) – e um último a oeste de Drépano (cf. 4.50n). Pausânias se refere a dois rios com esse nome: um próximo de Patras (7.22.11), cidade no noroeste do Peloponeso, e outro próximo a uma Énoe (2.25.2), na Coríntia – ao qual

também se refere Tucídides (*Th.* 5.60). Ao que se sabe, porém, o Cáradro descrito por Pausânias em 2.25.5 é hoje chamado de Xerias (Vessey, *in* Estácio, 1992, p. 345, n. 80), um rio que nasce no monte Párnon (*Paus.* 2.38.6 *supra*) e corre para o norte, passando a leste de Argos, onde encontra o Ínaco – o seu nome moderno, derivado do grego *ξερός* (*xerós* – "drenado, seco"), assemelha-se à ideia de um *χαράδρα*, um rio que se avoluma com as chuvas e o degelo das montanhas e se apequena durante o estio. O fato de a cidade temê-lo também corrobora a leitura, uma vez que, se fosse sempre caudaloso, não haveria motivo para que o temessem, pois que já estariam acostumados com seu volume e fluxo. Dessa forma, possivelmente a Néris de Estácio é aquela ao norte do Párnon, e o Cáradro, o que corre daí para o norte.

**47. A DE AMPLAS TORRES E MUITAS, CLEONAS:** de acordo com Pausânias (2.15.1), uma pequena cidade à beira da estrada entre Corinto e Argos, onde há um templo dedicado a Atenas e a tumba dos moliônidas, Êurito e Ctéato, mortos por Hércules quando foram chamados por seu tio Augias, rei da Élida, para defenderem seu reino. **DE AMPLAS TORRES E MUITAS:** é dizer "de amplas e de muitas torres". (PARKES) "Nós passamos da vulnerável Néris [cf. 4.46-7n] para a fortemente defendida Cleonas. As fortificações dessa cidade Argólida próxima à Nêmea são documentadas desde Homero (*Il.* 2.570): *ἐϋκτιμένας ... Κλεωνάς* ["a bem forjada Cleonas"]."

**48. À LEITURA DO CRUOR DE ESPARTA ELEITA, A TÍREA:** cidade localizada nas fronteiras da Lacônia e da Argólida, nas proximidades, segundo Pausânias (2.38.4-5), de Lerna. Foi disputada por argivos e espartanos, que reivindicavam seu controle, em uma batalha marcada por ter sido disputada por trezentos guerreiros de cada exército (*Hdt.* 1.82): aquele que, ao final da batalha, tivesse mais sobreviventes seria o vencedor. De acordo com Heródoto, ao final de um dia de batalha restaram dois argivos e um espartano: aqueles, crendo-se os vencedores, retiraram-se do campo de batalha para avisar seus conterrâneos da vitória. O espartano, porém, permaneceu no campo até o amanhecer e, após pilhar os cadáveres dos argivos mortos, alegou ser o vencedor por seus inimigos terem fugido do combate. Após mais um enfrentamento entre os exércitos, a cidade coube, por fim, aos espartanos – Pausânias (2.38.5) também refere-se a essa batalha. **À LEITURA DO CRUOR DE ESPARTA ELEITA:** conta Lactâncio (*ad loc.*) que um Teríades, chefe do exército espartano, findada a batalha com os argivos, escreveu com seu próprio sangue sobre os espólios pegos junto aos cadáveres dos inimigos as palavras *κατά Αργείων* ("dos argivos"). Ovídio, ao cantar sobres as festas para o deus Termo, que delimita os campos, alude a esse episódio (*Fast.* 2.663-5): *si tu signasses olim Thyreatida terram, / corpora non leto missa trecenta forent, / nec foret Othryades congestis lectus in armis* ("se, outrora, tu mar-

casses a terra de Tírea, / não seriam lançados à morte trezentos corpos, / nem nas armas pilhadas Otríades seria lido"). É por isso, então, que Estácio diz que a Tírea foi **eleita** ("fadada, destinada") a ler o sangue espartano (**o cruor de Esparta**).

**49-51. Os lembrados do rei outrora enviado se unem, / que a olivífera Sícion e as penhas de Drépano / aram:** há duas Drépano no Peloponeso: uma na Acaia, à beira do Golfo de Corinto, junto a Patras; outra na Argólida, à beira do Golfo Argólida, próxima a Argos. Ambas as cidades formam um cabo em direção ao mar, donde serem chamadas de Drépano – do grego δρέπανον (*drépanon* – "foice, faca de poda"). Nenhuma delas, porém, parece ter relação com a história de Adrasto. Qualquer das duas que tenha sido escolhida, o foi por contraste com **Sícion**: enquanto a cidade do antigo rei Pólibo é produtora de oliveiras (**olivífera**), Drépano é montanhosa, cheia de rochedos e de difícil cultivo, portanto. Sícion, por sua vez, vizinha de Corinto, foi a cidade em que Adrasto se exilou após Anfiarau, seu primo (cf. Quadro 3, p. 442), ter assassinado Tálao, pai de Adrasto (cf. 1.399n; 2.179-81; 2.179n). Em Sícion, Adrasto reinou após a morte de Pólibo, o primeiro momento, então, em que exerceu seu império, até que retornou para Argos (*Paus.* 2.6.6). Por isso, refere-se aos seus habitantes como aqueles que se lembram **do rei outrora enviado** – pois que não era nativo da cidade.

**51-2. aos que Estrangila, lenta, quieto o fluxo, / lambe:** o nome da fonte citada no verso é incerto. O manuscrito (ω) apresenta a leitura *langia*; (P), *strangilla*; (ς), *stagilla*. A maioria dos editores (Lactâncio, Barthius, Amar-Lemaire, Mueller, Lesueur e Bailey) imprime *Langia*, enquanto Hall e Klotz optam por *Strangilla* indicando a corrupção da palavra (†). As escolhas por *langia* se dão principalmente por a fonte voltar a ser citada durante o canto quarto (4.717; 4.775), novamente caracterizada como silenciosa (4.717). Há, contudo, um problema: nas duas aparições certas durante o canto, Langia é uma fonte localizada em Nêmea, onde mata a sede dos exércitos argivos (cf. 4.804-23). Sícion e Drépano, qual seja esta (cf. 4.50-2n), são cidades distantes o suficiente de Nêmea para que se diga impossível a presença das águas de Langia em seus arredores. Pouco provável, também, que o poeta pudesse se referir a duas fontes distintas com nomes iguais em um mesmo canto sem marcar-lhes mais claramente as diferenças. As leituras de (P) e (ς), por sua vez, baseiam-se no termo grego στραγγός (*stragós* – "gota, gotejo"), o que faz Klotz conjeturar, como o seu referente, a fonte conhecida como Στάζουσα (*Stázousa*), que Pausânias localiza em Sícion (*Paus.* 2.7.4), a qual não brotaria do chão, mas gotejaria a partir do teto de uma caverna – donde o seu nome (de στάζω – *stázō* –, "gotejar, pingar").

Parkes (*ad loc.*) rejeita as leituras de (P) e (ς) alegando que a fonte referida por Estácio no passo é **lenta** (*pigra*, em latim), e não gotejante. Além disso, para a autora, a imagem de um **fluxo** tranquilo, **quieto**, não condiz com uma fonte que pinga a partir do teto de uma caverna. A distância que uma simples fonte teria que percorrer, porém, para nascer em Sícion e banhar seja a Drépano acaia, seja a argólida, não parece ser um problema para Parkes nem para Lactâncio, Amar-Lemaire e Bailey, por exemplo. Ora, não parece impossível que uma fonte que pinga a partir do teto de uma caverna seja caracterizada como lenta, pois que as gotas podem cair lentamente, hesitando (um dos sentidos de *piger* apontados no *DLP*). Assim como nada impede que uma fonte gotejante corra em um fluxo calmo. Por esse motivo, optou-se seguir a leitura menos reproduzida pelos editores (S*trangilla*), mas adotada por Hall e Klotz em suas edições, e por Jane Joyce em sua tradução (Estácio, 2008).

**52. SERPEANDO EM RIBAS SINUOSAS, HELISSO:** o rio *Ἑλισσών* (*Helissṓn*), que Pausânias diz correr por Sícion em direção ao mar (*Paus.* 2.12.2). Seu nome deriva do termo *ἑλίσσω* (*helíssō* – "girar em torno"). Sua descrição contrasta com aquela da fonte Estrangila (cf. 4.52-3n): **lenta**, de um **quieto fluxo**, a fonte está ao lado do Helisso, que serpeia por margens sinuosas. A fonte e o rio, portanto, de certa forma representam a cena de Adrasto entre os seus homens: um único e lento homem, já velho e hesitante, apequenando em meio a uma tropa exultante (cf. 4.38-73n).

**53-8. HONRA SEVA A DO FLUME ... ÁGUAS COM TANTA PEÇONHA:** as digressões nos catálogos ocorrem desde Homero (*Il.* 2.546-51, por exemplo), fazendo-se presentes também em Virgílio (*A.* 7.765-80) – Parkes (*ad loc.*). Ora, a digressão sobre o Helisso apresenta sua relação com as Fúrias, acostumadas a banhar no flume suas faces e as serpes de seus crânios para refrescá-las após beberem do **Flégeton**, o rio de fogo dos Infernos que se une ao Cocito (cf. 1.89-90n) para formar o Aqueronte (cf. 1.597n) – por isso as diz, então, **arfando com os goles do Flégeton** (4.55). As águas do Helisso, porém, se evadem das **natantes** (4.57-8) – as serpentes e das Fúrias –, o que pode ser uma explicação para a sinuosidade de suas margens e para o seu serpentear (4.52). Interessante perceber que as figurações lidas em 4.52 podem se estender para a digressão: as Fúrias são a causa do serpentear do rio como o são, também, com relação à movimentação das tropas, uma vez que Tisífone desempenha um papel importantíssimo no acender-se da guerra entre os edipônidas (cf. 1.123-55). Seu veneno, que turva as águas do Helisso (4.58), também infeta as tropas argivas.

**53. DO FLUME:** do Helisso. **ESTÍGIAS EUMÊNIDES:** isto é, "do Estige", um dos rios dos Infernos. So-

bre as Eumênides, cf. 1.52n.

**56-7. QUER ROMPAM CASAS TRÁCIAS, MICENENSES TETOS / ÍMPIOS, OU LAR CADMEU:** é dizer "quer façam as Fúrias qualquer uma dessas coisas (cf. comentários *ad loc.*), banham-se nas águas do Helisso após beber do Flégeton" (cf. 3.53-8n).

**56. CASAS TRÁCIAS:** a alusão mais provável é ao mito de Tereu e Procne. Filha de Pandíon, rei de Atenas, foi dada em casamento a Tereu, um rei trácio filho de Ares, quando este auxiliou seu pai a derrotar Lábdaco, rei de Tebas (cf. 1.17n), em uma questão de terras. Filomela, irmã de Procne, foi estuprada por Tereu, que cortou-lhe a língua para evitar ser descoberto; ela, porém, bordou os momentos pelos quais passou e entregou à irmã, que resolveu vingar-se do marido matando o próprio filho e o servindo ao esposo em um banquete. Após o feito, fugiu com sua irmã e, quando descoberta, rogou aos deuses que as salvassem: eles, apiedados das jovens, transformaram-nas em aves: Filomela foi metamorfoseada em um rouxinol, e Procne, em uma andorinha. Teseu também foi mudado em pássaro, assumindo a forma de uma poupa – ave migratória de plumagem rosada. Ainda que com algumas diferenças entre si, referem-se a esse mito Pausânias (*Paus.* 1.41.8-9; 10.4.8-9), Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.14.8), Higino (*Fab.* 45) e Ovídio (*Met.* 6.424-721).

**56-7. MICENENSES TETOS / ÍMPIOS:** aqui, as referências mais plausíveis são os crimes de Tântalo (cf. 1.246-7n) e a disputa nefasta entre os irmãos Atreu e Tiestes (cf. 1.325n).

**57. LAR CADMEU:** refere-se aos crimes ocorridos em Tebas, especialmente àqueles diretamente relacionados ao sangue de Cadmo – sobre eles, cf. 1.1-17 e comentários *ad loc.*

**59. VAI, SÓCIA, EFIRE, QUE CONSOLA DE INO O PRANTO:** de acordo com Barthius (*ad loc.*), Efire é um território da região de Corinto. Muitas vezes, porém, o termo é entendido como um antigo nome da própria Corinto. Diz-se ter sido desse local que Ino, com Palêmon ao colo, pulou no mar Jônio fugindo de seu marido, Átamas, que a perseguia atormentado pelas Fúrias (cf. 1.13n; 1.13-4n). A presença das Fúrias nas tropas de Adrasto, diretamente aludidas nos versos anteriores (cf. 4.53-8), é indiretamente reforçada aqui.

**60-2. CÊNCREAS, ONDE A CÔNSCIA ... PROPENSOS AFASTA DA TERRA:** Cêncreas é a região de Corinto, no lado ocidental do Istmo, onde está localizado o Porto Sisifeu, no Golfo Sarônico (cf. 2.380n). Por isso diz, diz ser onde **obsta o abismo** (o oceano) **o Istmo**, afastando da terra os **mares propensos** – isto é, "inclinados [em sua direção]". A **cônscia fonte** – segundo Parkes (*ad loc.*), consciente de seu próprio conhecimento poético – à que Estácio se refere aqui não é a fonte

Hipocrene/Aganipes do Hélicon (cf. 4.37-8n), mas sim a fonte Pirene, em Corinto, a cujo surgimento o poeta atribui o mesmo mito da fonte do Hélicon: um coice do Pégaso, o **Górgone corcel**, as teria feito brotar do solo – sobre a relação entre o Pégaso e as Górgonas, cf. 1.544-7n. Pausânias relaciona o surgimento da fonte Pirene a acontecimentos diferentes: em 2.3.2, diz que foram as lágrimas de Pirene, mãe do jovem Cêncreas, quem Ártemis matou por acidente, que se transformaram na nascente; em 2.5.1, diz que Pirene pode ser a mesma fonte que se encontra atrás do templo de Afrodite no Acrocorinto – local da Acrópole de Corinto; esta, diz Pausânias, teria sido um presente do Asopo a Sísifo, o fundador da cidade.

**63. A TROPA QUE TRÊS MIL CONTAVA:** Parkes (*ad loc.*) destaca a semelhança entre a indicação do contingente de homens nas tropas de Adrasto, a maior entre os sete generais, e a de Agamêmnon em Homero (*Il.* 2.577-8): *ἅμα τῷ γε πολὺ πλεῖστοι καὶ ἄριστοι / λαοὶ ἕποντ'* ("e com ele seguiam as melhores / e mais numerosas hostes" – trad. Frederico Lourenço). Embora não exista coincidência no número de soldados ou mesmo na formulação, ambos são apontados como as maiores tropas das respectivas expedições. Essa relação, aqui, abre caminho para que o próximo contingente a ser descrito seja o de Polinices, aquele por quem a guerra é realizada, assim como Menelau, cujo exército é apresentado logo após o de Agamêmnon na *Ilíada* – é, pois, por Menelau que lutam os gregos. O uso de "seguir" para indicar o movimento das tropas em relação ao seu chefe também é um ponto comum em ambos os textos (*sequor*, em latim; em grego, *ἕπομαι – épomai*), aproximando ainda mais não só os personagens, mas também o momento em que a narrativa se encontra.

**64-7. ALGUNS COM DARDOS ... RISCAM COM UM CÍRCULO:** são descritas as armas que cada grupo de combatentes carrega: **dardos** (4.64), **mocas rijas / nas flamas** (ou seja, enrijecidas pelo fogo – 4.64-5) e **tersas fundas** (4.66). A heterogeneidade das turmas é então explicada pelos diferentes povos que as compõem: **às milícias, pois, comum, nenhum / costume ou sangue**. A única coisa que os une é seu general, Adrasto: o rei que impôs regras a uma Argos infrene (cf. 1.179-81) é capaz de unir homens de famílias e modos tão diferentes sob um mesmo cetro.

**67. O CÉU LÍMPIDO RISCAM COM UM CÍRCULO:** ao manejarem suas fundas (cf. 4.66) para que lançassem os projéteis.

**68-73. VERENDA A IDADE E ... GRANDES NÓS DAS CHAGAS:** quarto símile envolvendo touros até o momento – ou o quinto, caso se considere os touros caçados por lobos em 3.45-52. No primeiro (cf.1.131-9n), Polinices e Etéocles são comparados, logo após serem infetados por Tisífone, a novilhos que, não acostumados ao jugo, não conseguem realizar seu trabalho arando a terra;

o segundo (cf. 2.323-32), compara as ânsias de Polinices a um touro que, expulso de seu pasto por um rival, retorna e triunfa, recuperando o controle sobre as fêmeas do rebanho e sobre o pasto; no terceiro (cf. 3.330-6), é Tideu quem, retornando vitorioso da emboscada armada por Etéocles, é comparado a um touro banhado em sangue e exultante por sua vitória sobre o inimigo.

Ora, não se vê a imagem do touro guerreiro, mas daquele já cansado, **de ombros fracos e cerviz já frouxa** (4.70), com os chifres encurtados pelos sucessivos golpes durante as batalhas e, no peito, as cicatrizes de guerra (4.72-3). Não há, porém, decrepitude na cena: embora já velho e cansado, caminha entre as tropas soberano (**altivo**, 4.69), ainda um **líder** (4.71) com poder o suficiente para desencorajar um ataque dos mais novos (4.71-3). Contudo, embora o símile reforce a imagem de um rei cansado e indisposto para a guerra – **relutante** (4.40) –, sua soberania não é ameaçada. De certa maneira, então, o símile também ressalta o valor de uma figura da realeza cuja mente **madura** pouco encoraja o alarde da própria fama (cf. 2.176-7), cuja virtude doma a Fortuna (cf. 2.177-8): assim, Estácio destaca características e comportamentos de Adrasto que são o exato contrário daquelas encontradas nos edipônidas, e mesmo em Tideu.

Portanto, aos touros jovens do símile em 1.131-9, que não sabem caminhar sob o domínio do jugo por não o conhecerem (**porque nunca soube a relha, / nobre a cerviz afunda nos nodosos ombros** – 1.133-4), se contrapõe um que **em prisca posse [...] cruza altivo / os pastos, de ombros fracos e cerviz já frouxa, / mas líder** (4.69-71). Aos touros por um rival expulsos de seus pastos e que acabam retornando e sobre ele triunfam (2.323-32; 3.330-6), opõe-se aquele cujas marcas de antigas batalhas vencidas desencorajam a rebelião da juventude. Mais do que reforçar a imagem extenuada e relutante de Adrasto, então, o símile, porque também exalta sua soberania e virtude, depõe contra o comportamento dos jovens Tideu, Polinices e Etéocles em uma construção que beira o elogio à experiência e à autoridade do monarca em detrimento à juventude e aos ardores dos outros personagens – note-se, pois, que o trecho começa chamando de veneráveis a idade e o império de Adrasto (**verenda a idade e o cetro** – 4.68).

**74-92. Próximo ao velho Adrasto ... peito afasta a doce Tebas:** o exército de Polinices vem logo após o de seu sogro, em número aparentemente menor (cf. 4.38-73). Seguindo a mesma estrutura da apresentação anterior, Estácio primeiro mostra Polinices (4.74-6), em seguida detém-se sobre a origem das tropas que o acompanham (4.76-83) e sobre as armas que traz

consigo (4.84-7). Ao final, cita o embate entre a terra pátria e o reino argivo, que ocupa sua mente (4.88-92). Apenas três cidades da região marcham sob as insígnias de Polinices, a ele confiadas por Adrasto (4.80): **Égio**, na Acaia, **Arene**, na Messênia, e **Trezena**, na Península Argólida (4.81). Seus outros guerreiros são os que vieram de Tebas, cooptados pela situação do herói ou de seu reino (4.76-80).

**74-5. Próximo ao velho Adrasto, o Dírceo genro leva / a insígnia:** à diferença de Adrasto, que andava relutante entre os que exortam (4.40), o tebano vem à frente de seus comandados, levando suas insígnias – "seus estandartes". Novamente aqui (cf. 4.68-71n), Estácio marca o contraste entre a postura de Adrasto e a de Polinices, entre o **velho Adrasto** e o **Dírceo genro**. Lactâncio (*ad loc.*) chama a atenção para a relevância do epíteto que qualifica Polinices: em vez de dizê-lo tebano, evoca a horrenda história de Dirce – que foi morta por touros que a arrastaram pela cidade de Tebas (cf. 1.38n; 1.152n) –, assinalando não só sua origem sombria, mas sua nefasta liderança frente aos homens que lutam por ele.

**75-6. a insígnia à qual anuem o prélio e ajustam iras / as coortes todas:** é, pois, por ele que as tropas marcham. Foi às suas causas que as **coortes todas** não só permitiram a guerra, reconhecendo a gravidade da sua situação, mas também ajustaram as suas iras, afinando-se aos pesares do exilado tebano.

**76-80. prestes varões do chão ... mais certa, sua causa / cooptou:** as tropas de Polinices são formadas também por tebanos: homens que vieram por ele (**o êxule trouxe**) atraídos pela miséria do herói (**lealdade / pelo infortúnio inflada**), outros para os quais tirar Etéocles do poder era o principal motivo (**precípuo**) e, por fim, os que julgavam a causa do irmão exilado a melhor dentre os dois (4.79-80). A disposição desses tebanos em acorrer Polinices no exílio e marchar contra a própria cidade contrasta, como destaca Vessey (1973, p. 197), com a indisposição e a má vontade dos tebanos que lutarão ao lado de Etéocles (cf. 4.345-68), que se apresentam **sem qualquer vigor** (cf. 4.349) para a guerra e os seus preparativos – a ponto de Baco precisar intervir para que Tebas estivesse preparada quando os argivos chegassem (cf. 4.652-79).

**80-3. O próprio sogro ... pátria sentisse ultrajadas:** afora os guerreiros tebanos que vieram para lutar ao lado de Polinices (cf. 4.76-80n), Adrasto entregou ao genro o controle sobre as tropas de três outras cidades (*ad loc.*), para que ele, **inglório**, não comandasse uma tropa diminuta (**não movesse tropa / pouca**), nem sentisse ultrajadas as **honras da** sua **pátria**. Estácio encerra, assim, destacando a ajuda do **sogro** (4.80) ao **genro** (4.74), o breve catálogo das tro-

pas de Polinices. Para Parkes (*ad loc.*), a insistência, no passo, em referir-se a ambos os personagens pelo seu parentesco ecoa os conflitos entre Pompeu e César – Pompeu era casado com Júlia, filha de César – e também entre Latino e Eneias, na *Eneida* de Virgílio, além de vincular o **Dírceo** (4.74) a Argos.

**81. Égio:** cidade portuária da Acaia, junto ao Golfo de Corinto. **Arene:** cidade da Messênia. **Tesida Trezena:** refere-se a Trezena, na península Argólida. Pausânias (2.30.9) conta que Piteu e Trezen, filhos de Pélope, partilhavam o reino da região de Trezena junto com Écio, um rei nativo daquele lugar. Após a morte de Trezen, Piteu uniu as três cidades em que reinavam em uma só, à qual deu o nome de Trezena. Diz **Tesida** por ser a cidade onde nasce Teseu – sobre o seu nascimento, cf. 1.475-6n. Lactâncio e Amar-Lemaire (*ad loc.*) dizem ser uma cidade da Tessália, mas nisso se enganam. (Parkes) "A alusão nos lembra da ausência de Teseu na corrente expedição e de seu ataque posterior e moralmente mais justificável contra Tebas (posterior e motivado pela morte de Polinices): a *melior causa* ["causa melhor", 4.79] de Polinices parece ser menos segura."

**84-5. hóspede certo, / trouxe a noite hibernal:** Polinices está com as mesmas roupas e as mesmas armas que usava quando chegou ao palácio de Adrasto vindo de Tebas. Porque foi predito por Apolo em um presságio a Adrasto (cf. 1.395-7; 1.482-97 e comentários *ad loc.*), diz **hóspede certo** ("fadado, devido, determinado"). Com **noite hibernal**, o poeta se refere à noite de tempestades durante a qual Polinices, e também Tideu, chegaram a Argos (cf. 1.334-89; 1.401-7 e comentários *ad loc.*).

**85-6. leão Teumeso encobre / o dorso:** ou seja, a pele do leão que Hércules matou em Teumeso (cf. 1.485n).

**86. o ferro gêmeo à ponta luz nos dardos:** isto é, "na ponta dos dardos, brilha o ferro gêmeo". O **ferro gêmeo** é uma hipálage, pois que gêmeos são os dardos, não o ferro que recobre as suas pontas – sobre o uso da hipálage por Estácio, cf. 1.20n; 3.185-7n.

**87. dura, no gládio algoz ao lado, enrija a Esfinge:** na espada de Polinices, está gravada a figura da Esfinge, o mostro que horrorizava Tebas e que seu pai, Édipo, matou – motivo pelo qual casou-se com Jocasta, recém-viúva de Laio (cf. 1.66n). É também do alto da antiga morada da Esfinge que Tideu inicia seu ataque aos emboscados tebanos (cf. 2.504-23n). A imagem que enfeita a arma de Polinices tem duplo sentido: pode lembrar o triunfo de seu pai sobre o monstro que assolava sua cidade natal, mas lembra também o próprio monstro, e todo o horror e a destruição que ele levou aos tebanos. A dualidade no símbolo que Polinices carre-

ga é a mesma da marcha contra sua cidade, que pode significar tanto a salvação de Tebas das mãos de seu irmão, como a chegada de um novo monstro que trará consigo a morte e a ruína.

**88-92. JÁ TRAZ SEU REINO ... AFASTA A DOCE TEBAS:** preparado para a guerra, seus pensamentos já estão em Tebas e em sua mãe e irmãs (4.88-9) – não há menção do pai como um membro da família. Édipo, em relação a Polinices e suas lembranças, se resume, nesse momento, à figura da Esfinge que estampa sua espada (cf. 4.87n). Contudo, tão logo vê sua esposa o observando a partir de uma das torres do palácio – quase uma teicoscopia, que só se realizará com Antígone no canto sétimo (7.243-373) –, Polinices **reconduz** a mente e os olhos a Argia, deixando Tebas de lado (4.92). Para Vessey (1973, p. 198), a cena traduz o embate entre as ambições de Polinices – **seu reino, o mátrio seio e as fiéis irmãs** (4.88) – e sua afeição pela esposa. Pode-se dizer, porém, que também simboliza, de certa forma, o modo com que Polinices encara a incursão a Tebas, pois que se constrói pondo em destaque valores importantes para ele. A cena será lembrada por Argia no canto décimo segundo, quando o poeta descreve as lembranças que ela tem do então falecido esposo (*Theb.* 12.190-1): *multumque a limine summo / respiciens* ("e [ele] muitas vezes do sumo portão / tornando os olhos").

**93-115. EIS ENTRE OS SEUS, AS ... ENTÃO, DE QUAL A GUERRA:** como Polinices e diferentemente de Adrasto, Tideu surge **alegre** (4.94) para a guerra. No passo, são apresentados o herói (4.93-100), suas tropas (4.101-9), suas armas (4.110-1) e, por fim, é dado destaque a seu comportamento entre as fileiras (4.112-5). Todos os seus homens vieram da Etólia, região da origem de Tideu (cf. 1.42n; 1.402n), das seguintes cidades: **Pilene**, **Plêuron**, **Óleno**, **Cálidon** e **Cálcis** e, aparentemente, formam um exército maior que o de Polinices. Interessante perceber que, em se tratando desses dois generais, os guerreiros vêm até o seu encontro, pois que não estão em suas terras natais.

**93-100. EIS ENTRE OS SEUS, AS ... AS PRESAS DA PRIMA PEÇONHA:** a apresentação de Tideu, assim como a de Adrasto (cf. 4.69-73n), conta com um símile. Se o rei, porém, foi comparado a um touro venerável, o herói comporta-se como uma jovem serpente que acaba de trocar sua pele (4.95-100). Já recuperado dos ferimentos que sofrera na emboscada de Etéocles (**com o corpo íntegro** – 4.94), apresenta-se pronto e **alegre** (4.94) tão logo os primeiros avisos de guerra são dados (4.95). Sua presteza e animação contrastam fortemente com as de Adrasto (cf. 4.38-73n): Tideu é **fulmíneo** (4.94), veloz como um raio, tal o "fulmíneo Mnesteu" de Virgílio (*A.* 9.812: *fulmineus Mnestheus*). Sua agilidade é comparada à de uma cobra cuja troca de

pele se deu há pouco– **do velho livre e de anos pálidos / despida** (cf. 4.97-8n): como ela se ergue em meio às ervas (4.98) à primeira **brisa de um brando sol vernal**, Tideu se apresta às primeiras notas da rebate. O furor bélico do herói é, ao fim, comparado à **prima peçonha** (4.100) da serpe: a ideia aqui é a de que, durante a troca de pele, a víbora apura sua peçonha, como se o tempo em que fica inativa maturasse seu veneno – pobre, então, do primeiro que por ela for mordido (4.99-100). Assim, pois, é Tideu: ausente dos campos de batalha desde a emboscada, seus ardores mavórcios se apuraram – pobre, então, de seu primeiro adversário na batalha.

No canto segundo, logo após Tideu apresentar a exigência do cetro tebano a Etéocles em nome de Polinices, o tirano de Tebas é comparado a uma serpente a cujas presas se assoma o veneno quando expulsada de sua toca por pedradas (cf. 2.411-4 e comentários *ad loc.*). Ora, é a vez de Tideu se assomar contra os tebanos tal como uma serpente. A ideia de rejuvenescimento presente no símile da cobra que troca de pele é comum na literatura clássica: Ovídio, por exemplo, assim descreve Hércules em seu pós-morte (*Met.* 9.266-9): *utque nouus serpens posita cum pelle senecta / luxuriare solet, squamaque nitere recenti, / sic ubi mortales Tirynthius exuit artus, / parte sui meliore uiget, maiorque uideri / coepit et augusta fieri grauitate uerendus* ("tal nova serpe, quando deixa a antiga pele, / sói dar-se ao luxo, as frescas escamas brilhando, / o Tirinte, ao sair de seus membros mortais, / sua melhor parte amplia e, se vendo maior, / de angusta gravidade verendo se torna"). Para Parkes (*ad loc.*), porém, em sua imagem de Tideu, Estácio combina elementos de Ésquilo e Virgílio: daquele (*Th.* 380-1): *Τυδεὺς δὲ μαργῶν καὶ μάχης λελιμμένος / μεσημβριναῖς κλαγγαῖσιν ὡς δράκων βοᾷ* ("e Tideu, fora de si, cheio de desejo por lutar, / grita e geme como uma serpente ao sol de meio-dia" – trad. Marcus Mota); do mantuano (*A.* 2.469-75 – sobre Pirro): *uestibulum ante ipsum primoque in limine Pyrrhus / exsultat telis et luce coruscus aena: / qualis ubi in lucem coluber mala gramina pastus, / frigida sub terra tumidum quem bruma tegebat, / nunc, positis nouus exuuiis nitidusque iuuenta, / lubrica conuoluit sublato pectore terga / arduus ad solem, et linguis micat ore trisulcis* ("Pirro à entrada no pórtico ufaneia, / com o aço e lustre aêneo relumbrando: / tal, cevada em má grama, à luz a cobra, / que prenhe o brumal frio a soterrava, / nova a pele, se entesa, e moça e nédia, / lúbrico dorso enrola, árdua o Sol mira, / fulge e vibra a trissulca ardente língua" – trad. Odorico Mendes).

**94. JÁ COM O CORPO ÍNTEGRO:** porque o Epidáurio Ídmon curou-lhe os ferimentos causados durante o combate contra os emboscados tebanos (cf. 3.398-400 e comentários *ad loc.*).

**96. À BRISA DE UM BRANDO SOL VERNAL:** "aos ventos aquecidos pelo sol da primavera, nem muito quente, nem muito frio". O **sol vernal** surge, aqui, como outra imagem do renascimento, dadas as características da primavera (cf. 4.93-100n).

**97-8. DO VELHO LIVRE E DE ANOS PÁLIDOS / DESPIDA E EM FÉRTEIS ERVAS MINAZ VERDEJANDO:** o **velho** e os **anos pálidos** dos quais se livra estão marcados em sua pele – **pálidos**, sem cor, como fica a pele antiga quando a cobra dela se desfaz. Diz **verdejando** para referir-se a seu renascimento, mas também para ressaltar sua nova cor. As gramas são **férteis** por causa da primavera (cf. 4.96n).

**99-100. À HIANTE / ENTREGUE:** ou seja, surpreendido pela serpente, já com a boca aberta e as presas à mostra (**hiante**), sem possibilidade de reação – por isso diz **entregue**.

**100. PRIVA AS PRESAS DA PRIMA PEÇONHA!:** a **peçonha** é a primeira (**prima**) porque, depois da troca de pele, a cobra ainda não a utilizou. A ideia é de que o veneno estaria mais apurado, mais potente (cf. 4.93-100n). Perceba-se que, na imagem, cabe à pessoa mordida a culpa por ter sido atacada: não é, pois, a cobra quem a ataca, mas ela quem priva as presas da serpe de sua primeira peçonha pós-muda. Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para o fato, alegando que, assim, a compaixão passa do homem à cobra, dando a entender, portanto, um ataque defensivo – o que aproxima ainda mais a postura do réptil à de Tideu, já emboscado pelos tebanos (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*).

**101-9. TAMBÉM DA ETÓLIA, A FAMA ... SOFREM AS MARGENS COM PÓ:** vêm da Etólia, tal como Tideu, as tropas que lutarão sob seu comando. Ao contrário do que ocorreu com Polinices, porém, a quem alguns tebanos acorreram por simpatia ou preocupação com o futuro da cidade sob o comando de Etéocles (cf. 4.76-80n), os Etólios (**prestes varões**) se lhe apresentam por causa da **fama da guerra**: foi, pois, o empenho de Marte em anunciar a guerra e inflamar os homens a seu favor (cf. 3.229-52 e comentários *ad loc.*) que trouxe os compatriotas do herói ao Peloponeso.

**102. PILENE, A ROCHOSA:** cidade da Etólia, região ao sul da Grécia continental, separada do Peloponeso pelo golfo de Corinto. De acordo com Parkes (*ad loc.*), com **rochosa** Estácio transfere para Pilene o epíteto de Cálidon dado por Homero (*Il.* 2.640): *Καλυδῶνά ... πετρήεσσαν* ("Cálidon, a pedregosa").

**103. PLÊURON ... MELÉAGRA:** outra cidade Etólia, próxima a Cálidon. Diz **Meléagra** por causa de Meléagro (ou Meleagro), meio-irmão de Tideu – sobre sua paternidade, cf. 1.464n –, respon-

sável pela morte do javali calidônio – sobre isso, cf. 1.453n; 2.475n. **POR NOTAS AVES PRANTEADA:** a referência aqui é às meleágrides, as irmãs de Meléagro, as quais choraram a morte de seu irmão durante a guerra contra os curetes. Diz-se que, após a caçada ao javali de Cálidon, os etólios e os curetes entraram em guerra pelas honras da caçada. Durante a luta, Meléagro matou seus tios maternos, o que fez Alteia invocar, contra o próprio rebento, as Fúrias (cf. 1.52n). Provavelmente morto durante essa batalha, suas irmãs o prantearam a tal ponto que Ártemis, compadecida do seu sofrimento, as transformou em aves. Ovídio refere-se ao fato (*Met.* 8.536-46): *inmemores decoris liuentia pectora tundunt, / dumque manet corpus, corpus refouentque fouentque, / oscula dant ipsi, posito dant oscula lecto. / post cinerem cineres haustos ad pectora pressant / adfusaeque iacent tumulo signataque saxo / nomina conplexae lacrimas in nomina fundunt. / quas Parthaoniae tandem Latonia clade / exsatiata domus praeter Gorgenque nurumque / nobilis Alcmenae natis in corpore pennis / adleuat et longas per bracchia porrigit alas / corneaque ora facit uersasque per aera mittit* ("da graça imêmores, aos peitos palentes golpeiam, / enquanto o corpo se mantém, e o corpo aquecem e reaquecem, / dando-lhe beijos, e beijos dando no escolhido leito. / Depois de incinerado, as recolhidas cinzas contra o peito apertam / e, prostradas, jazem sobre a tumba e, assinado na pedra, / ao nome se abraçam e as lágrimas no nome vertem. / A Latônia, por fim, com a vingança à casa de Portáon / saciada, exceto em Gorge e na nora / da nobre Alcmena, penas no corpo nascidas / faz surgir, e longas asas pelos braços estende, / das bocas faz bicos e, mudadas, as envia para os céus").

**104. CÁLIDON ÁRDUA:** por "Cálidon escarpada". Das cidades da Etólia, Cálidon é mais vinculada a Tideu: é de lá que diz-se ter ele saído em 1.401 (**a antiga Cálidon deixando**), e ele o declara em 1.453-4 (**Cálidon, a monstrífera ... / deixei**); em 1.490, diz-se que vestia, na chegada a Argos, **o couro honra de Cálidon**; em 2.476-7 é o **herói / Calidônio** e, em 2.736, promete a Atena cem donzelas calidônias: **Virgens dadas às aras, cem jovens de Cálidon**. Assim como choraram, em Plêuron, Meléagro (cf. 4.103n), são as mulheres da Calidônia que lamentam a sua morte em *Theb.* 12.117-9: *proxima Lernaeo Calydonidas agmine mixtas / Tydeos exequiis trahit* [...] *Deipyle* ("depois, mistas à tropa Lérnea, as Calidônias / leva às exéquias de Tideu [...] Deípile").

**104-5. AO IDA ENRAIVANDO COM JOVE, / ÓLENO:** outra cidade da Etólia também (cf. 4.104n) vinculada a Tideu – cf. 1.402n. Estácio alude à disputa entre Óleno e o Monte Ida, em Creta (cf. 1.278n), no que diz respeito à criação de Júpiter quando criança – sobre isso, cf. 3.25n. É dizer, então: "com Jove, provocando o Ida".

**105-6. às ondas Jônias gentil com seu porto / Cálcis:** cidade portuária da Etólia, localizada na entrada do Golfo de Corinto – por isso diz, então, ser **gentil** com as ondas do **Jônio**, que entra no Golfo através do porto de Cálcis.

**106-9. de inquietos traços por ... sofrem as margens com pó:** refere-se ao Aqueloo, o rio que separa a Arcânia da Etólia (cf. 2.142n; 2.472n), e à sua disputa com Hércules por Dejanira, meia-irmã de Tideu. Conforme conta Ovídio (*Met.* 9.1-97), apaixonados pela jovem, Hércules e Aqueloo a disputaram em uma dura luta, ao final da qual Hércules, mais forte, prostrou o rio, que havia assumido a forma de um touro, e quebrou-lhe um dos chifres – por isso diz **trunca**, "quebrada", a **face**. A vergonha pelo ocorrido também está presente em Ovídio (*Met.* 9.96-7): *uultus Achelous agrestes / et lacerum cornu mediis caput abdidit undis* ("o rosto agreste Aqueloo, / e a cabeça lacerada de um corno, em meio às ondas esconde"). A imagem, porém, se estende, e o poeta apresenta o rio recluso à sua fonte (**imerso crânio em glauca gruta**) e, por isso, suas margens arfantes sofrendo com a falta de água (**com pó**).

Tideu é, em alguns momentos, aproximado ao rio, como em 2.142 e 8.522, onde é o *Acheloius heros* (o **Aquelóide herói**). Vessey (1973), por outro lado, aponta várias semelhanças entre Tideu e Hércules na *Tebaida*: em 3.62, Méon se refere à *uis inuicta* (o "invicto brio") de Tideu, o que o crítico vê como uma possível aproximação a *Hercules Inuictus*, cultuado em Roma (1973, p. 112). Em 3.119, aos vários labores e aos feitos realizados por um único homem (*unius acta uiri et tantos in nocte labores* – **por ver os feitos / de um só homem e as vastas obras de uma noite**), poder-se-ia comparar Hércules e os seus trabalhos (1973, p. 123); a volta de Tideu de Tebas, triunfante, Vessey (1973, p. 148, n. 1) compara à catábase de Hércules, celebrada em Sêneca (*Her. F.* 47-9; 56; 423; 566); por fim, compara a luta de Tideu e Agileu (*Theb.* 6.826-910) à de Hércules e Anteu, conforme a descreve Lucano (4.593-655).

Assim, evocar nesse momento o Aqueloo e sua disputa com Hércules seria mais uma das aproximações entre a imagem de ambos os heróis. Não se podem deixar de lado, porém, os vínculos entre Tideu e o Aqueloo (*supra*), derrotado por Hércules tal qual o será Tideu: embora tenha potencial para tornar-se herói imortal como o alcida – Parkes (*ad* 4.106-110) chama o enida de "proto-Hércules" –, Tideu, inflamado pelas Fúrias, exacerbará sua ira a ponto de ter sua imortalidade negada por Atena (cf. 3.544-5n). É vencido, então, por Hércules, que será divinizado ao final de sua vida.

**110-1. Êneas, protegem todos ... elmo o pátrio Mavorte:** as armas que trazem os etólios e, especificamente, Tideu: **êneas ... vergas**, ou seja, placas de bronze – é dizer "armadura de bron-

ze"; **sevos pilos** (cf. 1.148n) e, em Tideu, uma gálea com Marte incrustado – o **pátrio Mavorte** (sobre isso, cf. 1.402n).

**111. o pátrio Mavorte:** em Eurípedes, Tideu também traz Marte (Ares) estampado em uma de suas armas (*Ph.* 133-4): *παῖς μὲν Οἰνέως ἔφυ / Τυδεύς, Ἄρη δ' Αἰτωλὸν ἐν στέρνοις ἔχει* ("na verdade, vem o filho de Eneu, / Tideu, no peito trazendo o Ares Etólio").

**112-3. À volta, eleitos jovens cercam o magnânimo / Enida, vivo à guerra:** ao contrário de Adrasto, que marcha entre (4.40) as suas tropas, a quem seus homens seguem (4.41-2), Tideu vem cercado pelos seus guerreiros, **eleitos jovens** – *i.e.*, "jovens escolhidos". É, ainda, **magnânimo**, **vivo à guerra** – "animado, agitado" –, e não **triste** ou **doente** (4.38), **relutante** (4.40).

**113-4. ornado com noturnas / feridas:** refere-se, na verdade, às cicatrizes da embosca noturna tramada por Etéocles. Note-se que, no símile do touro que remete a Adrasto (4.68-73), também se diz que, em seu peito, são vistos **os grandes nós das chagas** (4.73 – cf. 4.68-73n).

**114-5. nem na ira é menor, nem na ameaça, / que Polinices: dúbio, então, de qual a guerra:** a disposição e o entusiasmo de Tideu para a guerra são tamanhos que, a partir desse único aspecto, fica difícil saber por quem as tropas marcham (**dúbio, então, de qual a guerra**). Parkes (*ad loc.*) apresenta uma leitura interessante para o passo: agindo assim, Tideu demonstra um comportamento, em relação a Polinices, mais além da simples amizade, pois que age como uma familiar do tebano, como um irmão agiria. Assim sendo, pode-se pensar que, aqui, tal como o verdadeiro irmão de Polinices, Tideu parece roubar-lhe o direito, nesse caso, de lutar por seu trono, agindo como se a guerra fosse em seu favor.

**116-44. Maior, depois, com novas ... rio barrou com o corpo:** dedica-se, aqui, à apresentação de Hipomedonte (cf. 1.44n). Invertendo, porém, a sequência anteriormente adotada, Estácio apresenta primeiro as tropas que acompanham o herói e somente em 4.129 revela o nome de Hipomedonte – um adiamento que cria certo suspense para o leitor. Por fim, descreve a chegada do herói em Argos (4.136-44) por meio de um símile que compara Hipomedonte a um dos centauros (4.139-44). Acompanham o herói tropas das regiões banhadas pelo **Lírcio** e pelo **Ínaco** (4.117-21), pelo **Astérion** (4.121-2) e pelo **Erasino** (4.122), bem como de **Epidauro** (4.123-4), **Dime** (4.124-5) e **Pilo** (4.125-7). Algumas das cidades que marcham sob o comando de Hipomedonte são, então, engenhosamente descritas por uma série de referências a rios da Argólida, referências essas que, por sua vez, se relacionam intimamente com o herói: em 7.424-40, Hipomedonte é o primeiro a lançar-se ao Asopo (cf. 3.337n) para atravessá-lo, exortando as tropas aliadas para que o sigam; em 9.404-538, morre durante uma cheia do Ismeno,

provocada pelo próprio rio (cf. 3.544n).

**116-27. Maior, depois, com novas ... castro danado negou-se:** (Lactâncio) "Transição para Hipomedonte. Com magna arte e variedade na dicção, descreve primeiro as tropas e, depois, o general."

**116. com novas armas:** ao contrário do que ocorre com alguns dos argivos que seguiram Capaneu (cf. 3.580-91 e comentários *ad loc.*), diz serem **novas** as armas do exército de Hipomedonte. **a ordem Dórica:** é dizer "a divisão dos dóricos" – sobre o gentílico, cf. 2.181-3n. Ora, refere-se aos argólidas que estão sob o comando de Hipomedonte.

**117-8. os que tuas margens, Lírcio, com muitos arados / volvem:** com Lírcio, Estácio parece mencionar um rio da Argólida. A referência, porém, é algo obscura, uma vez que não há outras menções a este rio. Estrabão (*Str.* 8.6.17) diz ser o Lírcio uma aldeia localizada em um monte do mesmo nome na divisa entre a Argólida e a Arcádia, e Pausânias (2.25.5) diz tratar-se de uma pequena cidade próxima a Argos. Ovídio (*Met.* 1.598) fala sobre os bosques do Lírcio, referindo-se, então, ao monte: *consitaque arboribus Lyrcea* [...] *arua* ("e os campos do Lírcio plenos de árvores"). Em outro momento, Estrabão (*Str.* 6.2.4.86-90) cita um fragmento de Sófocles (Fr. 249 Nauck) em que o tragediógrafo descreve rios que correm por baixo da terra, referindo-se especialmente ao Ínaco: *ῥεῖ γὰρ ἀπ' ἄκρας Πίνδου" φησὶν ὁ Σοφοκλῆς "Λάκμου τ' ἀπὸ Περραιβῶν εἰς Ἀμφιλόχους καὶ Ἀκαρνᾶνας, μίσγει δ' ὕδασιν τοῖς Ἀχελώου." καὶ ὑποβὰς "ἔνθεν ἐς Ἄργος διὰ κῦμα τεμὼν ἥκει δῆ μον τὸν Λυρκείου* ("pois corre desde o cume do Pindo, diz Sófocles, e do Lacmo, desde o país dos Perrebos até os Anfílocos e os Arcânios, e se mescla com as águas do Aqueloo. E mais à frente: desde esse lugar, segue em direção a Argos e, com as ondas abrindo caminho, chega ao Lírcio"). Possivelmente, então, o nome se refere a um rio que corre do monte Lírcio, na divisa da Argólida e da Arcânia. Se considerarmos o trecho de Sófocles (*supra*), pode tratar-se de uma fonte do Ínaco – como o considera Amar-Lemaire. O rio volta a ser nomeado em 4.711.

**118-21. e as praias tuas, de Acaios ... do genro Jove ufano:** o Ínaco, rio que corre a leste de Argos (cf. 1.356n). O trecho evoca a história de Io, filha de Ínaco, que foi seduzida por Jove – por isso diz **genro** a **Jove**. Sobre a história, cf. 1.254-5n; 1.356n. Sentido: "que não sai do chão perseide quando, espúmeo, sorve Touro e as aquosas Plêiades com mais força do que se assoberba com Jove sendo o seu genro". A digressão sobre o Ínaco, cujos destaques são a sua força e o seu volume, tem paralelo na amplificação do Ismeno quando da morte do herói (cf. 3.544n).

**119. chão Perseide:** é dizer "do chão argivo" – sobre o uso do patronímico, cf. 3.441n.

**120. sorvendo touro e aquosas Plêiades:** sobre as constelações e sua relação com as chuvas – donde diz **aquosas** – cf. 1.26n.

**121-2. Os que veloz Astérion / banha:** em latim, *quos celer ambit / Asterion*. (Parkes) "Astérion, o rio-'estrela' (*ἀστήρ – astḗr*) surge apropriadamente após as constelações de 4.20. A fraseologia relembra a descrição do rio Céfiso no catálogo de Lucano (*Luc.* 3.174-5: *quos inpiger ambit / ... Cephisos* – "que, enérgico, banha / ... o Céfiso"), com a adição de **veloz** [*celer*] da descrição do argonauta Astérion em Valério Flaco (1.355). Um rio da Argólida que corre de cima do Hereu (*Paus.* 2.15.17), e aparece novamente em 4.713-5 como um dos rios drenados, embora não apareça novamente na poesia latina."

**122. aos Dríopes safras tirando, o Erasino:** sobre o Erasino, cf. 1.356n. Os dríopes, um povo originariamente dos vales do Esperqueu, na Tessália, migraram para o Peloponeso, estabelecendo-se em Ásine, na Messênia (*Paus.* 4.34.9). Refere-se às enchentes do Erasino, que destruíam as plantações dos dríopes.

**123. os que agros de Epidauro domam:** cidade da Península Argólida, no Golfo Sarônico – é conhecida como a cidade de Asclépio (cf. 1.712-5; 3.398).

**123-4. bom a Iaco / o monte, a Ceres de Ena obstado:** com **monte** refere-se a Epidauro (cf. 3.123n), cidade montanhosa. Com **Iaco**, refere-se a Baco (cf. 2.85n); com **bom a Iaco**, então, é dizer "bom para o vinho", uma referência ao epíteto Homérico de Epidauro (*Il.* 2.561): *ἀμπελόεντ' Ἐπίδαυρον* (*ampelóent' Epídauron* – "a viticultora Epidauro"). Assim sendo, proibida para a **Ceres de Ena** é ser proibida para o plantio de grãos: em resumo, mais propícia às videiras do que aos cereais. **Ena:** (Parkes) "Ena, na Sicília, é o lugar do rapto de Prosérpina por Pluto [...] e o lugar de um culto a Ceres."

**124. Dime, ínvia:** cidade do extremo oeste da Acaia. Por isso diz **ínvia**, levando em conta tratar-se de um local bastante remoto em relação a Argos.

**125. Pilo Nelida:** isto é, "de Neleu". Neleu é bisavô de Adrasto, pai de Pero; irmão de Pélias, foi, em certo momento da vida, exilado por ele, indo se estabelecer, então, na Messênia, onde fundou Pilo. Nestor, seu filho com Clóris, uma das nióbidas (cf. 1.711n), foi o único sobrevivente, dentre os seus doze filhos homens, de uma incursão de Hércules contra Neleu (*Apollod.* 1.9.9; 2.7.3). Nestor, por sua vez, foi personagem afamado por participar de diversas batalhas: na guerra contra Pílios e Epeus, dos lápitas contra os centauros, na tomada de Te-

nedo por Aquiles, na morte do gigante Ereutálion, na caçada do javali calidônio e, principalmente, na guerra de Troia. Em Homero, é figura certa no aconselhamento dos heróis durante todo o poema – como em (*Il.* 1.247-52): *τοῖσι δὲ Νέστωρ / ἡδυεπὴς ἀνόρουσε λιγὺς Πυλίων ἀγορητής, / τοῦ καὶ ἀπὸ γλώσσης μέλιτος γλυκίων ῥέεν αὐδή· / τῷ δ' ἤδη δύο μὲν γενεαὶ μερόπων ἀνθρώπων / ἐφθίαθ', οἵ οἱ πρόσθεν ἅμα τράφεν ἠδ' ἐγένοντο / ἐν Πύλῳ ἠγαθέῃ, μετὰ δὲ τριτάτοισιν ἄνασσεν / ὅ σφιν ἐὺ φρονέων ἀγορήσατο καὶ μετέειπεν* ("Néstor / levantou-se então, grande orador, fala doce, / voz melíflua de Pílio, palavras de mel. / Gerações de mortais, mais de uma, diante dele, / nutridos e nascidos na divina Pílio, / já vira perecer. Reina sobre a terceira. / Néstor, o bem-pensante, falou como na ágora" – trad. Haroldo de Campos); e (*Il.* 4.293): *ἔνθ' ὅ γε Νέστορ' ἔτετμε λιγὺν Πυλίων ἀγορητὴν* ("defrontou com Néstor, / de Pilo, orador clari-harmonioso" – trad. Haroldo de Campos).

**126. URBE INDA IGNOTA:** diz de Pilo, pois que a fama de Nestor ainda não se espalhara.

**126-7. JOVEM, NA IDADE SEGUNDA, / NESTOR, QUE A ESTAR EM CASTRO DANADO NEGOU-SE:** para explicar a ausência de Nestor no embate, diz que o herói não só estava **na idade segunda**, como também que se negou a estar em **castro danado**, pois que a fama das previsões de Anfiarau e Melampo certamente chegara ao rei. Diz-se que a vida de Nestor foi bastante longeva, geralmente sendo associada a três idades, ou eras. Em Homero (*Il.* 1.250-2 *apud* 3.125n), diz-se que, quando da guerra de Troia, reinava em Pilo já sobre a terceira geração. Neste momento, então, uma geração antes da Guerra de Troia, estava em sua segunda idade, na qual, de acordo com Lactâncio e Amar-Lemaire (*ad loc.*), ainda não guerreava.

**128-9. VIBRA E AO AMOR DA PULCRA VIRTUDE OS CONDUZ / HIPOMEDONTE:** (PARKES) "Hipomedonte é escolhido como o exemplo a partir do qual seus homens podem aprender o **amor da pulcra virtude** [...] Essa imagem claramente positiva, que refaz a descrição em Eurípedes (*Supp.* 882-7, *esp.* 884-5 [...]), talvez seja estabelecida do ponto de vista de suas tropas. Certamente ela é questionada por seu retrato seguinte, incluindo as linhas subsequentes [...] Enquanto que a coragem e a força de Hipomedonte são inegáveis (note, por exemplo, seu ataque à serpente em 5.558-61 e o seu lançamento de disco em 6.607-15), essas qualidades são cegamente utilizadas para o desenrolar de uma guerra ímpia. Ele é uma figura que inspira terror [...], inclinada à raiva e à violência e dotada de uma força bruta instintiva [...] Esse chefe *fero* [...] tem um lado bestial, monstruoso mesmo: observe suas comparações aos centauros (4.139-44) e ao ciclope Polifemo (6.716-8).

**129. O ALTIVO:** Dewar (*ad* 9.91) discute o uso de *arduus* (**altivo**) como um epíteto para Hipome-

donte. O adjetivo, empregado em relação ao herói em quatro oportunidades (4.129; 5.560; 6.654; 9.91 – *arduus Hippomedon*), também designa, na *Tebaida*, Atlas (1.98: *arduus Atlans* – **altivo Atlas**) e o Ismeno (9.418: *arduus*). Questionando as leituras de Stosch (1968, p. 179) – para quem, nos casos citados, *arduus* implica exclusivamente "soberbo" – e de Klinnert (1970) – para quem o termo simplesmente traduz o *γαῦρος* ("altivez") de Eurípedes (*Ph.* 127-8: *ἔ ἔ, / ὡς γαῦρος, ὡς φοβερὸς εἰσιδεῖν, / γίγαντι γηγενέται προσόμοιος* ("Oh! Que altivez, como é terrível de se ver. / A um terrígeno gigante, radiante, assemelha-se" – trad. Waldir Souza Júnior), referindo-se unicamente ao caráter do herói –, Dewar traduz o adjetivo por *towering* ("elevado, alto, torreado"), preferindo, antes, a referência a seu tamanho monstruoso e sua força. O fato, porém, é que o termo latino se refere tanto a seu aspecto físico, como ao traço soberbo de seu caráter. Por esse motivo, então, preferiu-se, nesta tradução, **altivo**, termo que apresenta os mesmos traços do adjetivo latino empregado nos trechos ora citados.

**130. TRINÍVEA CRISTA EM RISTE:** (AMAR-LEMAIRE) "Juba tríplice, uma sobre a outra; uma gálea com três camadas. Como em Virgílio [sobre a gálea de Turno] (*A.* 7.785): *triplici crinita juba galea alta* ["com tríplice juba crinada, alta gálea"]."

**130-1. O CORPO, SOB AS ARMAS, / A FÉRREA TRAMA ROÇA:** "por baixo de todas as armas, uma malha de ferro raspa o seu corpo".

**132-5. NO QUAL VIVE DE OURO ... O SEU PAI LOUVA O NEFAS:** no escudo de Hipomedonte (**um orbe flâmeo** – 4.132), está estampada a **noite Dânaa**, em que as Danaides, a mando de seu pai, assassinaram seus maridos, os filhos de Egito – seus primos, portanto (cf. 2.222n). A imagem representa, ardendo sob o fogo negro das Fúrias (sua **atra luz**), os cinquenta leitos **nóxios** ("nocentes, criminosos") em que as filhas de Dânao perpetuaram o **nefas** que o próprio pai **louva** enquanto observa os **punhais** com que elas praticam o crime. Embora o elmo de Hipomedonte e o de Turno se assemelhem (cf. 4.130n), a imagem no orbe do rútulo é diferente desta (*A.* 7.789-92): *at leuem clipeum sublatis cornibus Io / auro insignibat, iam saetis obsita, iam bos, / argumentum ingens, et custos uirginis Argus, / caelataque amnem fundens pater Inachus urna* ("Io, seleto assunto, auri-esculpida, / já peluda novilha, alçando os cornos, / o éreo pavês lhe timbra açacalado. / Argos vigia a moça, e entorna o rio / da urna Ínaco pai" – trad. Odorico Mendes). É Io, já transformada em novilha, que enfeita o polido escudo de bronze de Turno (seu *éreo pavês açacalado*); ao lado, o seu pai, Ínaco, deitando suas águas de dentro da urna – sobre Io e Ínaco, cf. 1.254-5n; 1.356n; sobre a urna, 2.217-8n.

Em Ésquilo, é outra a imagem que orna o escudo do herói (*Th.* 493-6): *Τυφῶν' ἰέντα πύρπνοον*

*διὰ στόμα / λιγνὺν μέλαιναν, αἰόλην πυρὸς κάσιν· / ὄφεων δὲ πλεκτάναισι περίδρομον κύτος / προσηδάφισται κοιλογάστορος κύκλου* ("um Tifeu lançando vapor escuro de sua boca / inflamada pelo fulgor variado das chamas, / enquanto serpentes entrelaçadas estão fixas / ao longo do fundo côncavo da circunferência" – trad. Marcus Mota). Dewar (*ad* 9.91) chama atenção para a inabilidade de Hipomedonte em diferenciar o bem e o mal, evidenciada pela imagem escolhida por Estácio para estampar seu escudo. Sobre isso, diz Parkes (*ad loc.*): "[...] o expediente é explorado por Estácio para revelar o julgamento moral distorcido de Hipomedonte e seu prazer selvagem em matar [...] O emblema do escudo também ressoa com um contexto mais amplo: em 5.517-9 [...] as danaides serão incluídas como um exemplo para a mulher Lêmnia que procederá ao assassinato de seu marido em um nefas performado à noite e estimulado pelas Fúrias (cf. 5.32-3). Além disso, a presença das Fúrias (4.133 [...]), os **nóxios ... leitos** (4.133-4) e o encorajamento do conflito familiar pelo **pai** (4.134) pode nos lembrar da história de um outro rei, Édipo".

Dessa forma, então, a imagem do escudo de Hipomedonte não diria somente sobre seu caráter, mas estaria de acordo com um tema central da *Tebaida*, o nefas familiar, que engendra diferentes tramas durante a narrativa. Por fim, deve-se dizer que, embora a imagem da nefasta noite das danaides não estampe o escudo de Turno (*supra*), ela ilustrava o talim de Palante, do qual o rútulo se apodera após matá-lo – a cena é, pois, familiar para Turno, já que Abas, filho de Hipermnestra, a única das danaides que não matou seu marido, era o avô de Dânae, que fundou, junto com seu marido, Árdea, a capital dos domínios dos rútulos, na Península Itálica (*A.* 10.496-500): *rapiens immania pondera baltei / impressumque nefas: una sub nocte iugali / caesa manus iuuenum foede thalamique cruenti, / quae Clonus Eurytides multo caelauerat auro; / quo nunc Turnus ouat spolio gaudetque potitus* ("rouba o talim de peso, e nele impressos / do morticínio os tálamos sangrentos / em jugal noite; culpa atroz, gravada / pelo Eurítides Clono em chapas de ouro. / Turno com isto exulta" – trad. Odorico Mendes).

**136. Do alto Paládio:** Lactâncio e Barthius (*ad loc.*) consideram que, no passo, Hipomedonte chega a Argos vindo de Atenas, o **alto Paládio** ("de Palas", ou seja, "de Atenas"), por causa do Capitólio. Contudo, como lembra Amar-Lemaire (*ad loc.*), em Larissa, a cidadela de Argos (cf. 1.382n), há um templo de Atena (cf. 2.251-2n), o que explica a referência feita pelo poeta. Também é possível que Estácio tivesse em mente o templo de Atena sobre o Monte Pontino, em Lerna, onde Pausânias diz existirem, no seu tempo, as fundações da casa de Hipomedonte (*Paus.* 2.36.8). O herói vem para guerra assim como Turno, em Virgílio (*A.* 11.490): *fulgebat-*

*que alta decurrens aureus arce* ("e áureo, fulgia descendo do alto forte"). **UM CAVALO DE NÊMEA:** uma vez que Hipomedonte provém de Lerna (*supra*), parece não haver motivo para que seu cavalo seja de Nêmea. Um motivador possível pode ser, no contexto, a presença implícita de Hércules (cf. esp. 4.47n; 4.85-6n; 4.106-9n; 4.125n), sob cuja proteção marcham as tropas apresentadas logo na sequência (cf. 4.145-64 e comentários *ad loc.*). Vinculada à origem do cavalo de Hipomedonte, então, estaria latente o mito do leão de Nêmea, morto por Hércules em seu primeiro trabalho.

**137. DAS ARMAS TEMEROSO:** refere-se ao cavalo que traz Hipomedonte, que teme as armas do herói (cf. 4.130-5 e comentários *ad loc.*). **COM AMPLA SOMBRA ALADA:** por causa do tamanho de Hipomedonte, diz **ampla sombra**; por causa da velocidade do conjunto, diz **alada**, uma vez que cavalgavam como se voassem – a ponto de levantar poeira sobre os campos (**os campos deixa pulverosos** – 4.138).

**139-44. SEM DIFERENÇA, AS SELVAS ... RIO BARROU COM O CORPO:** por meio de um símile, o poeta compara a postura e a marcha de Hipomedonte sobre o seu cavalo (cf. 4.136-8) ao centauro Hileu – o qual, diz-se, ou teria sido morto por Atalanta durante a caçada ao javali calidônio por ter tentado estuprá-la (*Apollod.* 3.9.2), ou por Teseu (Serv. *A.* 8.294) durante a luta contra os lápitas (Verg. *G.* 2.457). O símile apresenta Hileu saindo de sua caverna com tal ímpeto que o Ossa, um monte da Tessália onde moram os centauros, tremeu sob sua marcha (**as vias teme**) e os animais selvagens caíram **de medo**. Além disso, os seus **próprios irmãos**, os outros centauros, teriam se apavorado, ao menos até que Hileu saltou e lançou-se às águas do Peneu (**águas / Peneias**), localizado na Tessália, ao **magno rio** barrando **com o corpo** (4.143-4). Além da imagem monstruosa de Hipomedonte que o poeta cria com o símile, pois a ferocidade do herói ganha novos contornos quando comparado com Hileu – cavalo e cavaleiro se fundem em um único ser selvagem e assustador –, há também a semelhança entre o pulo de Hileu no Peneu e o de Hipomedonte no Asopo, quando o herói toma a frente das tropas argivas e se lança ao rio tebano para exortar os homens à travessia (*Theb.* 7.424-40): *iam ripas, Asope, tuas Boeotaque uentum / flumina. non ausae transmittere protinus alae / hostilem fluuium; forte et trepidantibus ingens / descendebat agris, animos siue imbrifer arcus, / seu montana dedit nubes, seu fluminis illa / mens fuit obiectusque uado pater arma uetabat. / tunc ferus Hippomedon magno cum fragmine ripae / cunctantem deiecit equum, ducibusque relictis / gurgite de medio frenis suspensus et armis, / 'ite uiri,' clamat, 'sic uos in moenia primus / ducere, sic clausas uoueo perfringere Thebas.' / praecipitant cuncti fluuio puduitque secutos. / ac uelut ignotum si quando armenta per*

*amnem / pastor agit, stat triste pecus, procul altera tellus / omnibus et late medius timor: ast ubi ductor / taurus init fecitque uadum, tunc mollior unda, / tunc faciles saltus, uisaeque accedere ripae* ("Às tuas margens, Asopo, já vêm, e aos Beócios / rios. Não ousam, de pronto, atravessar as tropas / o flume hostil. Bravio e ingente, aos aterrados / campos baixava; os ânimos, o arco das chuvas / deu, das nuvens dos montes ou, do flume, aquilo / foi plano, e o pai, avesso, o vau vetou às armas. / O fero Hipomedonte, então, tal magna margem, / o hesitante corcel lançou e, aos chefes, longes, / em meio ao turbilhão, erguidas rédeas e armas: / "Marchem, varões, e vós, às muralhas, primeiro / conduzo e, assim, trancada, Tebas rompereis!" / Todos lançam-se ao rio, e pejam-se os segundos. / Tal como quando, o armento por ignoto flume / levando o pastor, para a rês, longe o outro lado / a todos e, entre, grande medo: e então, o touro / líder vai, cria um vau e, assim, moles as ondas, / fácil o andar, das margens vistas aproximam-se").

Além do mais, como defende Parkes (*ad* 4.140), a escolha por Hileu como o centauro com o qual se compara Hipomedonte "[...] responde à inclusão deste centauro por Virgílio (*A.* 8.294) como um dos monstros mortos por Hércules no contexto da batalha entre os lápitas e os centauros [...] Hipomedonte, então, surge como um antítipo de Hércules, mais como um dos monstros que ele matou".

**145-64. De espadas a quantia ... as marcas dos cúbitos:** o quinto contingente apresentado por Estácio não marcha sob o comando de nenhum dos generais argivos, mas respondendo a um chamado do **deus** (4.146): Tirinte marcha, então, convocada por Hércules. Como aponta Parkes (*ad loc.*), as tropas da cidade aparentam certo declínio físico: embora não careça de homens fortes e não diminua a fama de Hércules, o **honrado descendente** (4.148), suas forças não trazem todo o vigor (4.149-50). A independência da companhia quanto aos chefes argivos, porém, alega Parkes, ressalta a degeneração da sua liderança: "[...] a posição de sua entrada, logo após a de Hipomedonte, aparentemente distinta de seu contingente, está carregada de significância. Uma vez que os habitantes de Tirinte, de Nêmea e de Cleonas cultivam uma relação especial com o herói, é impressionante que eles marchem sob o comando de um deus ausente em vez de terem um chefe vivo [...] A falha do príncipe em performar o papel de Hércules, como sugerido pelo narrador [cf. 4.139-44n], é então confirmada pelos soldados. Hipomedonte é, por certo, somente um dos muitos chefes colocados em oposição a Hércules [...] A descrição desse contingente é a chave para nos lembrar das ações de Hércules que os outros personagens não têm a capacidade de emular: a apoteose [...], a vitória sobre

monstros, incluindo o leão de Nêmea [...], e uma admirável e benéfica permanência em Nêmea [*infra*]".

McNelis (2006, p. 82-88), por sua vez, lê na intercalação das tropas de Hércules àquelas dos chefes argivos uma suspensão no desenvolvimento dos assuntos bélicos que adianta, de certo modo, a suspensão da marcha a Tebas que ocorrerá entre os cantos quarto e sexto, quando os exércitos dos sete generais ficam presos em Nêmea por conta da sede, da morte de Ofeltes e dos jogos celebrados em sua memória. Para o crítico, a referência a Hércules e a Nêmea, nesse momento, embora se dê no contexto do catálogo das tropas e não fuja, de todo, dos motivos márcios trabalhados na descrição dos outros exércitos, inclui elementos que evocam uma imagem menos belicosa tanto de Hércules como de Nêmea. Para McNelis (2006, p. 86-7), essa imagem é de inspiração calimaquiana, pois que teria sido Calímaco o primeiro a vincular a passagem do herói por Nêmea, quando da caça ao leão que aterrava a região, a um pobre agricultor de nome Molorco (McNelis, 2006, p. 84), referido por Estácio em 4.160. Além do mais, é em Calímaco que está a principal fonte da vertente que atribui a Hércules, como uma celebração por ter retornado a salvo de sua caçada, a instituição dos Jogos Nemeus, que é comumente atribuída aos generais, que os celebraram em honra a Ofeltes (cf. Call. *Aet.* Fr. 59 Pf.; Parsons; Kassel, 1977). Some-se a isso, ainda, o fato de as tropas Nemeias marcharem entoando os peãs de Hércules e celebrando seus feitos (4.157-8), tropas cujas forças, segundo o narrador, são atribuídas pelas vinhas de Molorco (4.159-60): o clima, então, parece muito mais de celebração do que de guerra.

**145-6. De espadas a quantia, a gente e o vigor, quem / de voz mortal empata?:** ou seja, "quem, que tenha uma voz mortal, iguala a quantia de espadas e as gentes e as forças?". É dizer que nenhum humano tem a capacidade para reunir tantas espadas, esses povos e essas forças. Somente um **deus** (4.145) é capaz de fazê-lo: Hércules (cf. 4.145-64n).

**147. Tirinte antiga:** (Amar-Lemaire) "*Tirinte*, cidade da Argólida, na qual Hércules foi educado, donde é chamado 'tiríntio'". **antiga:** porque se diz que os ciclopes construíram essa cidade. Foi destruída pelos argivos, e os cidadão recebidos em sua cidade.

**148. do honrado descendente:** de Hércules.

**150-1. no agro vácuo, um escasso habitante / mostra as torres:** (Parkes) "Lucano foi o primeiro a transferir o prosaico **habitante** [*habitator*] para a épica (*Luc.* 1.27; 6.341), seguido por Estácio (3.604, 4.150, 9.846). A raridade do uso acentua o eco, em Estácio, da descrição de Lucano de uma Itália pós guerra civil – apropriadamente, para uma cidade que está planejando

participar em um conflito fraternal – (*Luc.* 1.27): *rarus et antiquis habitator in urbibus errat* ["na urbe antiga, um escasso habitante vagueia"]."

**151. POR OBRAS DOS CICLOPES FEITAS:** cf. 4.147n.

**152-3. BANDO / INCONTÁVEL À GUERRA:** mais por causa de sua bravura e forças (cf. 4.145-6) do que pelo número – são apenas dez por cento da tropa que avança com Adrasto (cf. 4.63n).

**153-6. EM QUEM DARDOS ... EM INFINDAS FÁRETRAS:** descreve as armas das tropas hercúleas: dardos, espadas (**ferros / rudes**) e as costas cobertas com **flava pele / de leão**, uma alusão ao leão de Nêmea morto por seu patrono (cf. 1.355-6n) – por isso, então, **honra pátria**. Além disso, trazem clavas de pínus (**píneas**) e flechas. Parkes (*ad* 4.155) ressalta a importância do material com que fizeram suas clavas: em oposição à forte oliveira da massa de Hércules (Theoc. *Id.* 25.207-8: *ἑτέρηφι δὲ βάκτρον / εὐπαγὲς αὐτόφλοιον ἐπηρεφέος κοτίνοιο* – "mas, na outra [mão], a clava / firme, com a casca, de selvagem oliveira pendendo"), seus homens trazem armas de quebradiço pínus.

**157. PEÃS DE HÉRCULES:** o peã é um tipo do hino normalmente cantado em honra a Apolo, mas que também surge em contextos bélicos. Como destaca Parkes (*ad loc.*), é geralmente entoado pelas tropas: durante a batalha, para que se peça aos deuses a proteção e o favorecimento dos seus antes do embate, como em Ésquilo (*Pers.* 391-5): *φόβος δὲ πᾶσι βαρβάροις παρῆν / γνώμης ἀποσφαλεῖσιν· οὐ γὰρ ὡς φυγῇ / παιᾶν' ἐφύμνουν σεμνὸν Ἕλληνες τότε, / ἀλλ' ἐς μάχην ὁρμῶντες εὐψύχῳ θράσει· / σάλπιγξ δ' ἀυτῇ πάντ' ἐκεῖν' ἐπέφλεγεν* ("O pavor veio a todos os bárbaros / frustrados da expectativa, pois não em fuga / os gregos então hineava o solene peã, / mas em marcha de guerra com viva audácia, / o clarim a gritar vibrava em todos ao redor" – trad. Jaa. Torrano); e Eurípedes (*Ph.* 1102-3): *παιὰν δὲ καὶ σάλπιγγες ἐκελάδουν ὁμοῦ / ἐκεῖθεν ἔκ τε τειχέων ἡμῶν πάρα* ("Os peãs e os trompetes ressoavam igualmente / do lado de lá e do lado de nossas muralhas" – trad. Waldir Souza Júnior); ou depois da batalha, celebrando a vitória ou a derrocada de um inimigo em específico, como em Homero (*Il.* 22.391-2): *νῦν δ' ἄγ' ἀείδοντες παιήονα κοῦροι Ἀχαιῶν / νηυσὶν ἔπι γλαφυρῇσι νεώμεθα, τόνδε δ' ἄγωμεν* ("Mas agora entoando o canto vitorioso [peã], ó mancebos dos Aqueus, / regressemos para as côncavas naus e levemos este cadáver" – trad. Frederico Lourenço); e Virgílio (*A.* 10.737-8): *pars belli haud temnenda, uiri, iacet altus Orodes. / conclamant socii laetum paeana secuti* ("esteio não desprezável da guerra, varões, jaz o alto Orodes. / Conclamam os sócios que um alegre peã se siga"). Os Tiríntios cantam antes da guerra, celebrando os feitos passados de seu deus (**vastada por monstros / a terra**, 4.157-8), quem, do Eta, os escuta (cf. 4.158n) – o que,

para Parkes, é uma forma de Estácio marcar o olhar para o passado que caracteriza as tropas de Hércules.

**158. DO ETA FRÔNDEO, AO LONGE, O DEUS ESCUTA:** onde Hércules se matou – cf. 2.165-6n.

**159-64. DÁ OS SÓCIOS A NÊMEA ... AS MARCAS DOS CÚBITOS:** é precisamente esse o ponto em que a crítica, especialmente McNelis (2006 *apud* 4.145-64n), observa a inclusão de um mundo alheio ao contexto bélico que domina esse momento da narrativa. De acordo com Vessey (1973, p. 199-200): "As palavras evocam o Hércules estoico, o benfeitor da humanidade, que costumava usar sua força corporal para livrar o mundo de monstros e que, então, mereceu a deificação. Ele, aqui, performa a *uirtus* mais como uma força purificante, construtiva e *moral* do que como um desejo *imortal* por glória como ela é no caso de Tideu e Hipomedonte, que também poderiam ter sido agentes do bem no mundo, em vez de terem-se transformado por meio de atividades más e fúteis. Estácio termina a alusão com uma sequência de versos descrevendo a visita de Hércules a Nêmea (onde, em pouco tempo, os argivos devem chegar), que revela o aceite voluntário do herói por uma habitação humilde, de sua enorme forma em descanso: uma triste antítese para o delírio e a ambição que agitam Tideu e Hipomedonte [...]. A referência a Hércules é emblemática: por certo tempo, nos é dada uma visão da glória que pertence à força do herói dedicada a uma causa pacífica [a caça ao leão de Nêmea]".

**160. CLEONEU MOLORCO:** Molorco, o pobre agricultor que deu abrigo para Hércules antes de seu encontro com o leão de Nêmea – sobre sua inclusão no mito, cf. 4.145-64n. Conta Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 2.5.1) que, antes da chegada de Hércules a Nêmea, o herói foi hospedado na humilde casa de Molorco, em Cleonas, que quis celebrá-lo como a um deus, com um sacrifício. Hércules, então, pediu que o senhor o aguardasse por trinta dias; ao final desse período, se ele não voltasse, que o homem então fizesse o sacrifício a ele como se deve fazer a um herói. Caso voltasse, que o fizesse em honra a Zeus Salvador. **SACRAS VINHAS:** de acordo com Parkes (*ad loc.*), Estácio parece evocar, com isso, uma etimologia de "Molorco" (*Μόλορχος – Mólorkhos*) como "vinicultor" (de *μέλω – mélō* –, "cultor", e *ὄρχος – órkhos* –, "vinhedo"). O adjetivo **sacras**, por sua vez, seria influência da relação entre Baco e o vinho.

**161. DO RANCHO:** do rancho de Molorco, em Cleonas.

**162. DEUS GENTIL:** Hércules. Sua caracterização como **gentil** está de acordo com a leitura do passo feita por Vessey (cf. 4.159-64n).

**164. TERRA ONDE RESTAM AS MARCAS DOS CÚBITOS:** o lugar da terra em que Hércules se deitou,

onde ainda se podem ver as marcas deixadas por seus cotovelos. Dá ideia do tamanho do herói, assim como de sua humildade, pois que deitou-se direto sobre a terra para descansar (cf. 4.159-64n).

**165-86. Mas, andando, com olhar ... a Celena do suspenso Sátiro:** é a vez de Capaneu e de suas tropas. Após apresentar o herói em marcha soberba (4.165-6), o poeta descreve suas armas (4.166-77); depois, são enumeradas as cidades que o acompanham (4.178-82) – quais sejam, **Anfigênia**, **Messene**, **Itome**, **Épi**, **Trio**, **Helos**, **Ptéleo** e **Dórion**. Por fim, o trecho se encerra com uma digressão sobre o destino de Tâmiris, um poeta que desafiou os deuses. A descrição do herói é acompanhada por índices de sua grandeza, força, violência e impiedade. Estas duas últimas são, pois, dados da tradição poética: como em Ésquilo (*Th.* 424-34; 438-46): *γίγας ὅδ' ἄλλος, τοῦ πάρος λελεγμένου / μείζων, ὁ κόμπος δ' οὐ κατ' ἄνθρωπον φρονεῖ, / πύργοις δ' ἀπειλεῖ δείν', ἃ μὴ κραίνοι τύχη· / θεοῦ τε γὰρ θέλοντος ἐκπέρσειν πόλιν / καὶ μὴ θέλοντός φησιν, οὐδὲ τὴν Διὸς / Ἔριν πέδοι σκήψασαν ἐμποδὼν σχεθεῖν / τὰς δ' ἀστραπάς τε καὶ κεραυνίους βολὰς / μεσημβρινοῖσι θάλπεσιν προσῄκασεν· / ἔχει δὲ σῆμα γυμνὸν ἄνδρα πυρφόρον, / φλέγει δὲ λαμπὰς διὰ χερῶν ὡπλισμένη· / χρυσοῖς δὲ φωνεῖ γράμμασιν 'Πρήσω πόλιν.'* / [...] *τῶν τοι ματαίων ἀνδράσιν φρονημάτων / ἡ γλῶσσ' ἀληθὴς γίγνεται κατήγορος. / Καπανεὺς δ' ἀπειλεῖ, δρᾶν παρεσκευασμένος, / θεοὺς ἀτίζων, κἀπογυμνάζων στόμα / χαρᾷ ματαίᾳ θνητὸς ὢν εἰς οὐρανὸν / πέμπει γεγωνὰ Ζηνὶ κυμαίνοντ' ἔπη· / πέποιθα δ' αὐτῷ ξὺν δίκῃ τὸν πυρφόρον / ἥξειν κεραυνόν, οὐδὲν ἐξῃκασμένον / μεσημβρινοῖσι θάλπεσιν τοῖς ἡλίου* ("Esse outro gigante, gaba-se mais que / o primeiro, gloriando-se mais que um homem / poderia pensar. / Fala que vai saquear, querendo deus / ou não, a cidade, mesmo que a cólera / de Zeus se abata sobre ele. / O brilho e a luz dos raios celestes / compara com o sol no calor do meio dia. / Seu brasão é um homem nu portando fogo, / uma tocha flamejante em suas mãos como arma, / e que em letras douradas proclama: "Vou queimar / a cidade" [...] Seguramente dos pensamentos arrogantes dos mortais / a língua se torna verídico acusador. / Capaneu faz promessas e se prepara para agir. / Exercitando sua boca em desonrar os deuses, / sendo mortal se engrandece lançando para o céu contra Zeus / orgulhosas e sonoras palavras. / Mas estou convencido de que, com justiça, sobre ele vai / sobrevir o raio flamejante incomparavelmente maior / que o brilho do Sol no calor do meio dia" – trad. Marcus Mota).

E também em Eurípides (*Ph.* 1172-86): *Καπανεὺς δὲ πῶς εἴποιμ' ἂν ὡς ἐμαίνετο; / μακραύχενος γὰρ κλίμακος προσαμβάσεις / ἔχων ἐχώρει, καὶ τοσόνδ' ἐκόμπασεν, / μηδ' ἂν τὸ σεμνὸν πῦρ νιν εἰργαθεῖν Διὸς / τὸ μὴ οὐ κατ' ἄκρων περγάμων ἑλεῖν πόλιν. / καὶ ταῦθ' ἅμ' ἠγόρευε καὶ*

*πετρούμενος / ἀνεῖρφ' ὑπ' αὐτὴν ἀσπίδ' εἰλίξας δέμας, / κλίμακος ἀμείβων ξέστ' ἐνηλάτων βάθρα. / ἤδη δ' ὑπερβαίνοντα γεῖσα τειχέων / βάλλει κεραυνῶι Ζεύς νιν· ἐκτύπησε δὲ / χθών, ὥστε δεῖσαι πάντας· ἐκ δὲ κλιμάκων / [ἐσφενδονᾶτο χωρὶς ἀλλήλων μέλη, / κόμαι μὲν εἰς Ὄλυμπον, αἷμα δ' ἐς χθόνα, / χεῖρες δὲ καὶ κῶλ' ὡς κύκλωμ' Ἰξίονος] / εἰλίσσετ', ἐς γῆν δ' ἔμπυρος πίπτει νεκρός* ("De Capaneu, como falarei de seus desvarios? / Portando longas escadas para as escaladas / ele se aproximava, e de tal maneira se ufanava: / nem mesmo o sacro fogo de Zeus o impediria / de tomar a cidade até a sua parte mais elevada. / Isso ele alardeava enquanto era apedrejado, / e subia, contraindo-se sob o próprio escudo, / calcando os planos degraus de sua escada. / Quando já se apoiava no peitoril da muralha, / Zeus lhe lança um relâmpago: até o solo / ressoa, e todos sentem medo. Da escada, então, / seus membros se esvoaçam um para cada lado, / {sua cabeça para o Olimpo, seu sangue para o chão}, / e mãos e pernas, como na roda de Ixíon, / rodam. Seu corpo em chamas cai na terra" – trad. Waldir Souza Júnior).

**166-77. DE INDOMADOS TOUROS ... CIPRESTE SEM FOLHAS:** o gigantismo de Capaneu é sugerido em diferentes momentos (cf. 4.165-86n; 6.753-5; 10.849-52; 11.7-8; 11.12-7). Ora, suas armas dão noção de seu tamanho monstruoso: o couro que lhe recobre o dorso foi feito com a pele de **quatro** touros **indomados** – já que a rebeldia sempre acompanha suas descrições; na camada de bronze que recobre o escudo, a **ênea massa por cima enrijando**, é a Hidra quem figura: morta por Hércules, é aqui imagem de horror e violência (cf. 4.168-72n). Todo o lado de seu corpo, a **extensão das ilhargas**, e o seu peito **amplo** são recobertos por uma armadura feita com o **tecido dos Cálibes**: o ferro (cf. 4.174n); por fim, no topo do elmo há um gigante se erguendo, e sua lança é um **cipreste sem folhas** e de **ponta aguda** que só pode ser por ele lançado – **míssil por ele somente**. São, pois, as suas armas que dizem sobre Capaneu: tamanho, violência e rebeldia são as qualidades que o herói dá ao mundo. Harrison (1992) aponta três possíveis modelos para a descrição das armas de Capaneu feita por Estácio. Nos modelos gregos, Ésquilo e Eurípedes, é possível ver tanto a presença do caráter selvagem e do aspecto gigantesco do personagem como também a presença do fogo, elemento que o leva a morte; em Virgílio, é a presença horripilante de Turno em meio às fileiras que se compara à descrição estaciana.

Assim, em Ésquilo (*Th.* 432-4): *ἔχει δὲ σῆμα γυμνὸν ἄνδρα πυρφόρον, / φλέγει δὲ λαμπὰς διὰ χερῶν ὡπλισμένη· / χρυσοῖς δὲ φωνεῖ γράμμασιν 'Πρήσω πόλιν.'* ("Seu brasão é um homem nu portando fogo, / uma tocha flamejante em suas mãos como arma, / e que em letras doura-

das proclama: "Vou queimar / a cidade"– trad. Marcus Mota); e em Eurípedes, *Ph.* 1130-3: *σιδηρονώτοις δ' ἀσπίδος κύκλοις ἐπῆν / γίγας ἐπ' ὤμοις γηγενὴς ὅλην πόλιν / φέρων μοχλοῖσιν ἐξαναστάσας βάθρων, / ὑπόνοιαν ἡμῖν οἵα πείσεται πόλις* ("Em relevo de férreo molde, havia em seu escudo / terrígeno Gigante que nos ombros carregava / uma cidade inteira com barras retirada de suas bases: / prenúncio para nós do que nossa cidade sofreria" – trad. Waldir Souza Júnior).

Em Virgílio (*A.* 7.783-92): *ipse inter primos praestanti corpore Turnus / uertitur arma tenens et toto uertice supra est. / cui triplici crinita iuba galea alta Chimaeram / sustinet Aetnaeos efflantem faucibus ignis; / tam magis illa fremens et tristibus effera flammis / quam magis effuso crudescunt sanguine pugnae. / at leuem clipeum sublatis cornibus Io / auro insignibat, iam saetis obsita, iam bos, / argumentum ingens, et custos uirginis Argus, / caelataque amnem fundens pater Inachus urna* ("De ponto em branco, à frente, na estatura / formoso Turno sobreleva a todos. / O elmo sustém, cristado com três jubas, / a Quimera a expirar Etnéias chamas: / ignívoma, eferada, ela mais brame / quanto em mais sangue o ataque se encruece. / Io, seleto assunto, auri-esculpida, / já peluda novilha, alçando os cornos, / o éreo pavês lhe timbra açacalado; / Argos vigia a moça, e entorna o rio / da urna Ínaco pai" – trad. Odorico Mendes).

**168-72. EM TRIPLO ANEL RAMOSA ... EM FERRO LERNA CÉRULA:** o assassinato da Hidra de Lerna foi o segundo trabalho de Hércules – sobre o mito, cf. *D. S.* 4.11.5; Ov. *Met.* 9.69-74; e *Apollod.* 2.5.2. Entre as diferentes descrições do monstro, a mais assustadora é a de um dragão formado por cem cabeças de cujos pescoços, quando cortada uma de suas frontes, brotavam outras duas cabeças. Para matá-la, Hércules mandou Iolau queimar cada um dos pescoços conforme ele os decapitava, impedindo assim o crescimento de novas cabeças. A imagem no escudo de Capaneu representa a Hidra já morta: a ideia é que a representação contraste a vida e a morte ainda presentes no monstro (cf. 4.169-71n). Para Harrison (1992, p. 248), há certa ironia na escolha do triunfo de Hércules sobre a Hidra para a ilustração do escudo de Capaneu: "[...] a atribuição a Capaneu de um símbolo desse grande deus-heroi, apresentado aqui e em outras partes da *Tebaida* como um paradigma marcial e moral, parece dramaticamente irônico, uma vez que, em seu final falho e ímpio em Tebas, Capaneu está tão longe de alcançar a grandiosidade e o benefício dos trabalhos de Hércules, apenas mencionados no poema, como de queimar a cidade [cf. 3.339-40n]". Além do mais, pode-se entender que a morte da Hidra, cujos pescoços são carbonizados por Hércules, profetiza, de certa forma, o fim de Capaneu, que morre fulminado por um raio de Zeus (cf. 3.539-40n).

**168-9. EM TRIPLO ANEL RAMOSA, ENRUGA / A HIDRA EM FRESCO FIM:** a descrição da Hidra como **ramosa** segue Ovídio (*Met.* 9.73: *hanc ... ramosam* – "aquela, ... ramosa"); com **triplo anel** refere-se à posição do monstro no escudo: ou porque contorna a sua circunferência três vezes, ou porque está enrolada, sobre si própria, em três voltas. De acordo com Harrison (1992, p. 249), com **enruga** (em latim, *squalet*) Estácio se refere mais à estética da imagem, fazendo apelo a uma qualidade tátil da representação, do que à morte da Hidra: mais do que descrever a feição moribunda da Hidra ("minguando"), refere-se ao relevo com que fora gravada no escudo, como em Virgílio, onde se lê sobre o golpe de espada com que Eneias matou Téron (*A.* 10.314): *per tunicam squalentem auro latus haurit apertum* ("através da túnica enrugada em ouro, haure o flanco descoberto"). O seu **fresco fim**, sua "morte recente" diz repeito, pois, ao fato de que a representação traz a Hidra logo após ter sido morta por Hércules, e não ao de que tenha sido feita logo após a sua morte.

**169-71. COM VIVAS SERPES ... MORRENTE SE ANEGRA:** a imagem descreve as serpentes que formam a Hidra – sobre o monstro, cf. 4.168-72n. Parte delas, entalhadas na prata como se ainda estivessem vivas, **fulge** (em latim, *micat*), um verbo com o qual, lembra Harrison (1992, p. 249), os poetas costumam referir-se ao movimento veloz de exposição e recolha da língua efetuado pelas cobras, a qual, exposta, brilha por ser úmida – como em Virgílio (*A.* 2.475): *et linguis micat ore trisulcis* ("na boca, fulge a língua trissulca"). Da outra parte, diz **a nu por arte**, com o que se refere mais ao fato de Hércules ter descoberto o meio pelo qual a poderia matar do que ao trabalho artístico de sua representação: é dizer, então, "habilmente descoberta". Sobre o verbo **se oculta** (*conditur*, em latim), diz Harrison (1992, p. 250), evocando a leitura de Håkanson (1973, p. 22), que, assim como o uso de "enrugar" em 4.168 (cf. 4.168-9n), "ocultar-se" é, aqui, um termo específico para descrever algo que se coloca em segundo plano em uma representação – como em Plínio (*Nat.* 35.127.1-2): *dein, cum omnes, quae uolunt eminentia uideri, candicanti faciant colore, quae condunt, nigro* ("em seguida, enquanto todos [os pintores] retratam com cores claras as partes as quais desejam que pareçam em evidência e com [cor] escura as quais ocultam"). Dizer, então, que **se oculta** a outra parte da Hidra, a **morrente**, é dizer que ela está em segundo plano em relação à parte gravada em prata: ela, pois, **se anegra** no **ouro fulvo** – ou seja: em contraste com o ouro, foi retratada mais escura para que ficasse, então, em segundo plano.

**172. EM VOLTA O IMÓVEL RIO E EM FERRO LERNA CÉRULA:** Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para a presença de rios nos escudos de diferentes heróis na poesia épica: em Homero, no escudo de

Aquiles (*Il.* 18.607-8): *ἐν δ' ἐτίθει ποταμοῖο μέγα σθένος Ὠκεανοῖο / ἄντυγα πὰρ πυμάτην σάκεος πύκα ποιητοῖο* ("Colocou ainda a grande força do rio Oceano, / à volta do último rebordo do escudo bem forjado" – trad. Frederico Lourenço); em Hesíodo, no escudo de Hércules (*Sc.* 314-5): *ἀμφὶ δ' ἴτυν ῥέεν Ὠκεανὸς πλήθοντι ἐοικώς, / πᾶν δὲ συνεῖχε σάκος πολυδαίδαλον* ("ao redor do orbe fluía Oceano, parecia cheio / e continha todo o escudo multilavrado" – trad. Jaa. Torrano); em Virgílio, no de Eneias (*A.* 8.671-4): *haec inter tumidi late maris ibat imago / aurea, sed fluctu spumabant caerula cano, / et circum argento clari delphines in orbem / aequora uerrebant caudis aestumque secabant* ("também de ouro, a espumar com branca vaga, / representa o cerúleo inchado plaino; / delfins de argênteo brilho, às voltas, o esto / rasgam, de cauda o pélago açoutando" – trad. Odorico Mendes); em Sílio Itálico, no de Aníbal (2.449-50): *extrema clipei stagnabat Hiberus in ora, / curuatis claudens ingentem flexibus orbem* ("Na extrema orla do escudo Ebro estagnado / com curvos seios cerra a ingente roda" – trad. Filinto Elísio); em Valério Flaco, no de Canto (1.452-4): *at interea clari decus adiacet orbis / quem genitor gestabat Abas secat aurea fluctu / tegmina Chalcidicas fugiens Euripus harenas* ("no entanto o acompanha o honor do nobre escudo / que o pai levara: o Euripo corta o áureo couro / com a onda, a fugir das areias da Cólquida" – trad. Márcio Meirelles).

O que chama a atenção na imagem descrita por Estácio, porém, é o termo *amnis torpens* (**imóvel rio**) referindo-se a Lerna, porque, embora houvesse na região um rio homônimo, seu pântano, sistematicamente designado por *palus* (2.376; 5.748) ou *stagna* (1.385; 5.579), é o mais conhecido por causa do mito da Hidra. Harrison (1992, p. 50) sinaliza, na escolha de *amnis*, uma possibilidade para que o poeta pudesse aludir às águas infernais que Sêneca qualifica como *torpentes lacus* (*Phaed.* 1202; *Oed.* 584 – "imóveis lagos"). Nessa mesma esteira, aponta ainda uma possível alusão por meio do adjetivo **cérula** aos *caerulea certa* (**festões cerúleos**) que Tirésias usa durante a necromancia em 4.449. Dessa forma, conclui: "[...] estas alusões ctônicas são apropriadas, pois, como outros detalhes do escudo, elas sugerem a morte a que Capaneu está destinado".

**174. ENTRANÇADA EM TECIDO DOS CÁLIBES:** em ferro – designa o material de que é feita sua armadura. Sobre os **Cálibes**, cf. 3.586n.

**175. DOM DE HORROR, NÃO DE MÃE:** "a trama de sua armadura (cf. 4.174) é obra de horror, e não de mãos maternas". Compare com Virgílio, quando o poeta descreve a túnica de Lauso, que acabara de ser ferido de morte pela espada de Eneias (*A.* 10.818): *et tunicam, molli mater quam neuerat auro* ("e a túnica, que em ouro mole a mãe tecera").

**178-86. E obedecem-no aqueles ... Celena do suspenso Sátiro:** é novamente homérico o modelo que Estácio utiliza para descrever as cidades sob o comando de Capaneu. Na *Ilíada*, após apresentar as cidades que navegavam com Nestor, dentre elas Anfigênia (ou Anfigeneia), Épi, Trio (ou Tríon), Helos (ou Helo), Ptéleo e Dórion, Homero também evoca as Musas e a história funesta de Tâmiris (*Il.* 2.591-601): *οἳ δὲ Πύλον τ' ἐνέμοντο καὶ Ἀρήνην ἐρατεινὴν / καὶ Θρύον Ἀλφειοῖο πόρον καὶ ἐΰκτιτον Αἰπὺ / καὶ Κυπαρισσήεντα καὶ Ἀμφιγένειαν ἔναιον / καὶ Πτελεὸν καὶ Ἕλος καὶ Δώριον, ἔνθά τε Μοῦσαι / ἀντόμεναι Θάμυριν τὸν Θρήϊκα παῦσαν ἀοιδῆς / Οἰχαλίηθεν ἰόντα παρ' Εὐρύτου Οἰχαλιῆος· / στεῦτο γὰρ εὐχόμενος νικησέμεν εἴ περ ἂν αὐταὶ / Μοῦσαι ἀείδοιεν κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο· / αἳ δὲ χολωσάμεναι πηρὸν θέσαν, αὐτὰρ ἀοιδὴν / θεσπεσίην ἀφέλοντο καὶ ἐκλέλαθον κιθαριστύν· / τῶν αὖθ' ἡγεμόνευε Γερήνιος ἱππότα Νέστωρ* ("Os que habitavam Pilos e a agradável Arena, / Tríon, travessia do Alfeu, e o bem fundado Épi; / eles que habitavam Ciparisseis e Anfigeneia, / Ptéleo e Helo e Dórion, lá onde as Musas / encontraram Tâmiris, o Trácio, e o canto lhe calaram, / vindo da Ecália, de casa de Êurito, o Ecálio — / pois ufanara-se ele de as vencer, se contra ele cantassem / as Musas, filhas de Zeus detentor da égide; / mas elas na sua cólera o estropiaram e lhe tiraram / o canto sortílego, fazendo-o esquecer a arte da lira. / Destes era comandante Nestor de Gerênia, o cavaleiro" – trad. Frederico Lourenço). É interessante, pois, o contraste entre os generais que comandarão, em gerações diferentes, as mesmas tropas: de um lado, Capaneu e sua ferocidade e impiedade (cf. *esp*. 4.165-8n); do outro, Nestor, o grande orador de fala mansa e voz melíflua (cf. 4.125n).

**178. Anfigênia fértil:** de acordo com Estrabão (8.3.25), está localizada em uma região ao sul da Élida conhecida como Macista.

**179. Messene plana e Itome montanhosa:** cidade localizada no sudoeste do Peloponeso, na Messênia, a oeste do monte Itome. De acordo com Lactâncio (*ad loc.*), Messene pode não ser, por sua localização, **plana**; o adjetivo, então, pode ter sido utilizado para contrastar com **Itome**, dita **montanhosa** porque localizada no monte homônimo – seguindo o epíteto de Homero (*Il.* 2.729): *Ἰθώμην κλωμακόεσσαν* (*Ithṓmēn klōmakóessan* – "Itome rochosa").

**180. os de Trio e, oprimida em sumos montes, Épi:** ambas cidades da Messênia, igualmente justapostas em Homero (*Il.* 2.592): *καὶ Θρύον Ἀλφειοῖο πόρον καὶ ἐΰκτιτον Αἰπὺ* ("Tríon, travessia do Alfeu, e o bem fundado Épi" – trad. Frederico Lourenço). Para Parkes (*ad loc.*), o epíteto escolhido por Estácio para Épi, **oprimida em sumos montes**, brinca com o significado do adjetivo grego *αἰπὺς* (*aipùs*), "alto, íngreme" (*GEL*), que origina o nome da cidade (em grego,

*Aἰπὺς*).

**181. os de Helos, Ptéleo:** de acordo com Estrabão (*Str.* 8.3.25), Ptéleo foi fundada, na Messênia, por agricultores vindos de uma cidade homônima na Tessália – é citada por Homero ao lado de Helos (*Il.* 2.594): *καὶ Πτελεὸν καὶ Ἕλος* ("e Ptéleo e Helos"). Helos, também de acordo com Estrabão (*Str.* 8.3.25), é uma cidade de localização incerta mesmo em Homero.

**181-2. o vate Gético chorando, / Dórion:** outra cidade da Messênia, próxima a Pilo – a cidade de Nestor (cf. 4.125n). O **vate Gético** – é dizer "trácio" (cf. 1.275-6n) – é Tâmiris (cf. 4.183; 4.182-6n). A fraseologia (*Getico quos flebile uati* / *Dorion*) tem relação com a de Lucano, por meio da qual o poeta se refere ao mesmo episódio mitológico (*Luc.* 6.352-3): *Dorion ira* / *flebile Pieridum* ("Dórion, com a ira / chorando das Piérides").

**182-6. crendo no canto se antepor ... Celena do suspenso Sátiro:** de acordo com Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 1.3.3), Pausânias (*Paus.* 4.33.7) e Homero (*Il.* 2.594-601 *apud* 4.178-86n), Tâmiris, um famoso poeta trácio (cf. 4.181-2n; *Il.* 2.595), desafiou as Musas no canto, julgando-se melhor do que elas – donde diz **crendo no canto se antepor às doutas / Musas**; se as vencesse no desafio, poderia deitar-se com todas. Vencido por elas, porém, **foi sujeitado a tempos mudos**, pois que calou sua **cítara** e sua **voz**. Estácio destaca a imprudência de Tâmiris diante dos deuses – **a claros numes quem desdenha?** – evocando, ao final (4.185-6), a história de Mársias, um Sátiro que desafiou, com sua flauta, Apolo e sua lira: vencido, foi pendurado em uma árvore pelo deus – donde diz **suspenso** – e teve sua pele esfolada (sobre este mito, cf. 1.709n). **Celena** é uma cidade na Frígia, onde deu-se o embate entre Mársias e Apolo. Assim como Capaneu (cf. 3.539-40n), então, Mársias e Tâmiris foram penalizados por terem desafiado uma divindade.

**187-245. E, ora, a mente expugnada ... chão cavado a chuva molha:** descreveAnfiarau e sua companhia. Antes de qualquer apresentação, porém, se detém nos acontecimentos que levaram o vate à guerra (4.187-213), que só é apresentado após esse *flashback* (4.214-7). Na sequência, descreve suas armas (4.217-22) e, por fim, as cidades que marcham sob o seu comando (4.223-45). Como aponta Vessey (1973, p. 203-4 *apud* 4.32-344n), Anfiarau e Tideu parecem opor-se completamente no que diz respeito à excursão contra Tebas: "um [Tideu] juntou-se entusiasmadamente à expedição, confiante na vitória; o outro, hesitantemente e consciente da derrota final. O símile comparando Tideu a uma serpente encontra uma resposta no padrão da **Píton ... vencida** do escudo de Anfiarau (cf. [...] 4.222). Os detalhes fornecidos sobre as tropas de Tideu são remanescentes daqueles dos espartanos de Anfiarau (cf.

4.110ss; 4.228ss). O primeiro tem uma imagem de Marte em sua crista, e o último, de um cisne (**no elmo o pátrio Mavorte**, 4.111; **no elmo a crista de Leda**, 4.236)".

**187. A MENTE EXPUGNADA:** diz **expugnada** porque o herói tomou parte na batalha não por vontade própria, mas sim por causa da influência do colar de Harmonia sobre sua esposa, Erifile (cf. 4.192-213n). Há certo apelo à imagética bélica no uso do termo (*expugnata*, em latim) – cf. 4.194n. **DO ÁUGURE PROFÉTICO:** de Anfiarau.

**188-9. A QUEDA VIU, E OS DIROS / SINAIS:** remete o poeta à ornitomancia realizada por Anfiarau e Melampo (cf. 3.460-677). Em latim, diz Estácio que o vate viu *casus et dira ... signa*. O termo *casus*, aqui traduzido por **queda**, pode significar também "sorte, destino", uma ambiguidade interessante para o contexto. Priorizar, na tradução, a ideia de **queda** justifica-se tanto pela queda das águias durante a ornitomancia (cf. 3.539-47 e comentários *ad loc.*)– *i.e.*, sua morte –, como pelo fim de Anfiarau durante a guerra: sua descida – ou queda – para o interior da terra em direção ao Hades (cf. 3.546-7n).

**189-90. NA HESITANTE MÃO PLANTARA AS ARMAS / ÁTROPO:** interessante a referência à influência de Átropo na decisão de Anfiarau. Seguindo Parkes (*ad loc.*), pode-se dizer que ela se dá, provavelmente, porque Átropo, a fiandeira do fio da vida (cf. 1.111n), caracterizada a seguir (4.600-1) como a **férrea ... Átropos**, é, como já foi dito , **inculta em trocar de sentença** (cf. 3.67-9n): é dizer, portanto, que um dos motivos que conduziram o vate à guerra é a inescapabilidade do destino; Átropo trama o fio da vida, mas não tem poder para mudar suas características.

**190. E OBSTARA O DEUS:** (AMAR-LEMAIRE) "Isto é, Apolo, ou os avisos divinos: os fados, pois, sobrepujaram o pressentimento do espírito e os augúrios."

**190-1. DA CÔNJUGE NÃO FALTA / O EMBUSTE, E A CASA BRILHA JÁ COM OURO VETADO:** somem-se aos motivos anteriores (cf. 4.188-9n; 4.189-90; 4.190n), ainda, o **embuste** de Erifile, a **cônjuge**, e a interferência do colar de Harmonia (cf. 2.265-305 e comentários *ad loc.*). Sobre a traição de Erifile, cf. 4.192-213n.

**191. VETADO:** Parkes (*ad loc.*) lê a passagem como um indício de que Anfiarau teria proibido a presença do colar em sua casa – uma leitura reforçada pela afirmação em 4.192 (cf. 4.192-3n). Pseudo-Apolodoro também se refere a essa proibição (*Apollod.* 3.6.2): *Ἀμφιάραος μὲν οὖν ἀπεῖπεν Ἐριφύλῃ παρὰ Πολυνείκους δῶρα λαμβάνειν* ("Anfiarau, porém, havia declarado a Erifile que não aceitasse presentes de Polinices").

**192-213. Esse ouro, infesto ... do amanhã riu Tisífone:** a ida de Anfiarau para a guerra e a influência de Erifile em sua decisão, assim como a importância do colar de Harmonia, estão presentes em outros autores: em Homero, por exemplo, há dois trechos que aludem à traição de Erifile e ao poder do colar de Harmonia (*Od.* 11.326-7): *στυγερήν τ' Ἐριφύλην, ἣ χρυσὸν φίλου ἀνδρὸς ἐδέξατο τιμήεντα* ("e a detestável / Erífile, que o cônjuge trocou por ouro" – trad. Trajano Vieira); e (*Od.* 15.246-7): *οὐδ' ἵκετο γήραος οὐδόν, / ἀλλ' ὄλετ' ἐν Θήβῃσι γυναίων εἵνεκα δώρων* ("mas não transpôs o umbral serôdio, pois em Tebas / morreu (o dom que dera a uma mulher vitima-o)" – trad. Trajano Vieira). Diodoro Sículo (4.65.6) ignora o colar e condiciona a influência de Erifile ao acordo feito por Anfiarau e Adrasto, pelo qual seria a esposa a juíza de qualquer discordância que houvesse entre os dois (cf. 1.399n). Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.6.2), por sua vez, atribui a influência ao colar de Harmonia, alegando que Polinices, sabendo do acordo entre Adrasto e Anfiarau e do poder por eles dado a Erifile, após ser informado que a argiva desejava para si o colar que ora pertencia à sua esposa, entregou-lhe a joia para que ela arbitrasse em favor da presença de seu marido na excursão a Tebas.

Higino (*Fab.* 73) apresenta uma versão significativamente diferente, de acordo com a qual foi Adrasto quem convenceu Erifile a arbitrar pela partida de Anfiarau, dando a ela um colar de ouro e gemas que ele próprio fez. Fantham (2011, p. 608, n. 3) revela que Ésquilo, em *Sete contra Tebas*, não inclui a história de Erifile em seu enredo, a qual, porém, dominaria as narrativas sobre a morte de Anfiarau em *Erifile*, de Sófocles, e em *Alcméon*, de Eurípedes. Para a autora (2010, p. 608), a pouca atenção que Estácio dá a essa história é indício de que ele prefere dar mais importância às visões de Anfiarau do que ao motivo da traição doméstica. Conforme se crê, porém, as visões de Anfiarau têm pouco ou nenhuma influência em sua decisão de acompanhar os generais tebanos, e a própria necessidade de ora trazer à tona a interferência de sua esposa mostra que a ciência de seu fado e da impossibilidade de a ele escapar demonstrada pelo personagem (cf. 3.647n) é insuficiente para fazê-lo encarar a certeza de sua própria morte. Para Parkes (*ad loc.*), a brevidade da passagem está de acordo com sua função na narrativa: além de apresentar o motivo pelo qual Anfiarau juntou-se aos companheiros, ela cria um contraste entre Erifile, a **esposa ... pérfida** (4.193), e Argia, a **fiel esposa** (2.332). Por isso, então, uma digressão detalhada sobre o episódio dificultaria a contraposição das duas personagens. Além disso, Parkes também atribui a menção simples ao episódio ao fato de, na tradição poética, ele ser evocado somente de forma alusiva (como em Homero e Sófocles, *supra*).

**192. Esse ouro:** refere-se, por metonímia, ao colar de Harmonia (cf. 2.265-305 e comentários *ad loc.*).

**192-3. infesto os Fados mostravam ao vate / Argivo:** em nenhum outro momento Estácio se refere a um conhecimento prévio da natureza nefasta do colar de Harmonia por parte de Anfiarau. A possibilidade de sua ciência, porém, é reforçada pela proibição à qual o poeta se refere em 4.191, que pode ser lida também em Pseudo-Apolodoro (*Apollod*. 3.6.2 *apud* 4.191n).

**194. por espólios:** em latim, *spoliis*. Estácio continua trabalhando a imagética bélica dentro da passagem (cf. 4.187n).

**195. com roubado ornato distinguindo-se:** o **roubado ornato** refere-se ao colar de Harmonia, então em posse de Argia. A ideia de distinguir-se das outras argivas também estará presente na fala da esposa de Polinices, mas por um motivo diferente do desejado por Erifile (cf. 4.208-9 e comentários *ad loc.*).

**196-210. Por si – o ardor dos reis ... o esposo, que se alegre:** o foco narrativo muda bruscamente e, da casa de Anfiarau e Erifile, passamos ao momento em que Argia decide entregar o colar de Harmonia a Polinices para que este, então, o entregue à esposa de Anfiarau. No trecho, Estácio remarca a ideia de que foi a própria esposa quem tomou a decisão: **por si** (4.196 – *illa libens*, em latim).

**196-8. o ardor dos reis ... junto / não fosse:** Argia, pensando na saúde e na felicidade de seu marido, desejava que a guerra finalmente acontecesse (cf. 3.686-710; 3.678-710n). Sabendo, então, que Anfiarau não partiria para a guerra sem que sua esposa fosse convencida de arbitrar por sua partida (cf. 4.192-213n), e que a excursão seria incerta se o profeta guerreiro não se juntasse a eles, a mulher de Polinices decide entregar-lhe o colar de Harmonia, que despertara em Erifile uma **selvagem / inveja** durante as ceias e as celebrações do casamento de Argia e Polinices (cf. 2.299-301).

**197-8. se o próprio herói profeta junto / não fosse:** em latim, *pariter ni prouidus heros / militet ipse*. Seguiu-se aqui a edição de Hall. Em 4.197, Mueller, Klotz e Bailey imprimem *pariter si*, enquanto Lesueur escolhe *pariter nisi*; Barthius, Amar-Lemaire e Hall optam por *pariter ni*. Em 4.198, Barthius, Amar-Lemaire, Mueller, Lesueur, Klotz e Bailey imprimem *militet – ipsa* (com o pronome se referindo a Argia), e Hall, *militet ipse* – (com o pronome se referindo a Anfiarau). A leitura de Hall (1992, p. 68-9) para o passo nos parece mais adequada: "eu devo dizer que não sigo a defesa de Hill por *si* contra a leitura alternativa *ni(si)* em 4.197: 'os outros

recusariam combater se Anfiarau combatesse como um aliado [...]'. Argia [...] deseja a guerra para o bem de seu marido Polinices, e ela vê que os esforços para a guerra falharão se ... se o quê? Anfiarau, o **herói profeta**, já foi empurrado para a guerra pelos Fados (4.189-90, Átropo colocou as armas em sua mão relutante), e o embuste de Erifile apenas assegurou sua desgraça. Certamente, nesse contexto, com Argia determinada a trazer a guerra e Anfiarau já comprometido com ela contra sua vontade, não há sentido em considerar que ele pode não tomar parte na ação porvir. *Ni* ou *nisi*, por outro lado, são aqui requeridos. No verso 4.198, o pronome *ipsa* é supérfluo: é claro que nenhuma outra pessoa removerá o colar de Argia. *Militet ipse*, ao contrário, coloca certa ênfase sobre o esperado envolvimento de Anfiarau". É interessante perceber, aqui, que o assunto dos esforços de Argia para a realização da guerra não se limitam ao pedido de celeridade feito a seu pai no final do canto terceiro (cf. 3.686-710 e comentários *ad loc.*), mas também levam a argiva a entregar, de bom grado, o presente de casamento que o seu marido lhe dera (cf. 2.265-8) – uma joia de família.

**198-9. Argia, ao colo seu, do amado esposo / despiu o sacro ornato:** trecho disputado pela crítica. Barthius, Amar-Lemaire, Mueller e Bailey imprimem *deposuit nexus* ("depôs o cordão"); Lesueur, Klotz, Hall e Parkes, ora considerados, *exuerat cultus* ("despiu o ornato"). Conforme aponta Parkes (*ad loc.*): "[...] alguns editores, mais recentemente Bailey, imprimem a leitura de ω, *deposuit nexus*, em vez de *exuerat cultus*, de Pç; a leitura de ω deve ser adotada por aqueles que (como Bailey) preferem entender **ao colo** como se referindo ao de Polinices, para o qual Argia transferiu o colar [...] Note-se, entretanto, os precedentes para descrever o colar como **ornato** (*cultus*) em 2.301 e 4.195 [...] **Despir** (*exuere*), como **depor** (*deponere*), são frequentemente utilizados para indicar a remoção de itens [...] Parece preferível, então, adotar a leitura de Pç e entender **ao colo** como o peito de Argia, do qual ela tira o colar (que pode ser dito **do amado esposo** porque foi dado por ele como um presente de casamento para a esposa)".

**198. do amado esposo:** refere-se ao colar – o **sacro ornato** (4.199) –, porque foi dado a Argia por Polinices como um presente de casamento. Por isso diz ser dele.

**199. acrescentou sem mágoa:** isto é, sem mostrar-se contrariada pelo gesto.

**200-10. Não me é certo o momento ... o esposo, que se alegre:** a postura de Argia durante todo o poema vem se alterando de modo a construir uma personagem que contrasta radicalmente com a esposa de Anfiarau, Erifile: em sua primeira aparição, Estácio desenha uma Argia bastante tímida e recatada diante da presença de seu pai e do futuro marido (cf. 1.536-9 e co-

mentários *ad loc.*). No casamento, os rituais de consagração de seus cabelos e o pedido de desculpas por sua primeira noite com o futuro marido (cf. 2.253-6 e comentários *ad loc.*) estabelecem o início da mudança em sua vida, colocando lado a lado a imagem da moça virgem e recatada e da futura esposa. Após o casamento, a **fiel esposa** (2.332) teme pelas ânsias do marido, assustada com sinais que predizem infausto o retorno de Polinices a Tebas (cf. 2.332-52 e comentários *ad loc.*). Ao final do canto terceiro, os seus medos dão lugar à complacência, e a esposa que teme ser abandonada implora ao pai que ceda às ânsias do marido e dê marcha à guerra (cf. 3.687-710 e comentários *ad loc.*).

Federica Bessone (2005, p. 124-7) vê, na postura de Argia, um crescente em direção à assimilação simpática do belicismo de seu esposo, da qual não só a anuência à guerra, mas também a postura ativa para que a excursão de fato ocorra – abrindo mão de seu presente de casamento para que Anfiarau seja persuadido a aliar-se a seus companheiros – são os indícios máximos. Seguindo os exemplos de Aretusa (*Prop.* 4.3) e principalmente da Laodâmia ovidiana (*Ep.* 13), a personagem de Estácio representa a reconciliação entre o amor e a guerra, além de transcender a imagem elegíaca da esposa abandonada. Com essa postura, diz Bessone (2005, p. 125), Argia passa a ser cúmplice no *nefas* que define e embasa a batalha entre os irmãos: agindo por amor, sua atitude acaba se delineando como um erro trágico.

No canto décimo segundo (12.173-277), por fim, vagando em busca do corpo do esposo, abandonado sem exéquias, Argia assume postura guerreira e parte intrépida a Tebas para a reconquista do cadáver de Polinices (*Theb.* 12.177-9): *hic non femineae subitum uirtutis amorem / colligit Argia, sexuque immane relicto / tractat opus* ("brusco, por não femíneas virtudes, um amor / prova Argia e, esquecendo seu sexo, um imenso / trabalho enceta"). O modelo mesmo para esse seu discurso pode ser encontrado em Ovídio, quando, levando em conta a situação de seu marido, Laodâmia abdica das mesmas coisas que Argia (*Ep.* 13.31-42): *pectora legitimus casta momordit amor. / nec mihi pectendos cura est praebere capillos / nec libet aurata corpora ueste tegi. / ut quas pampinea tetigisse Bicorniger hasta / creditur, huc illuc, qua furor egit, eo. / conueniunt matres Phylleides et mihi clamant: / "Indue regales, Laodamia, sinus!" / scilicet ipsa geram saturatas murice lanas, / bella sub Iliacis moenibus ille gerat? / ipsa comas pectar? galea caput ille premetur? / ipsa nouas uestes, dura uir arma ferat? / qua possum, squalore tuos imitata labores / dicar et haec belli tempora tristis agam* ("Ao casto peito um amor genuíno morde-lhe. / Nem me é certo penteados trazer os cabelos, / nem convém com áureas vestes ter o corpo. / Como as que toca com a haste pampínea o Bicorne, / de um lado ao outro vou, onde urge a fúria. /

Juntam-se as mães de Filos e clamam pra mim: / 'Régios, Laodâmia, ostenta os teus vestidos!' / Devo eu trazer as lãs saturadas de múrex / se ele, aos muros Troianos, leva a guerra? / Pentear as mechas, se ele a face no elmo espreme? / Ter novas vestes, e ele, duras armas? / Que, como posso, imito os feitos teus com a incúria / vou dizer e esta guerra aguentar triste").

**202-3. BASTA EM GRUPAL CONFORTO O INCERTO MEDO / REPRIMIR:** "basta que eu contenha o meu medo com o conforto de um coletivo". Argia pretende acalmar-se nos encontros com as outras mulheres nos templos (4.203), contendo ali o seu **incerto medo** (*dubium ... timorem*, em latim). A maioria das traduções consultadas (Lesueur, Bailey e Hall) considera *dubium* ("dúbio, incerto, instável") não como um adjetivo de *timorem* ("temor, medo"), mas como substantivo ("dúvida, questão, incerteza"), traduzindo o passo como "conter a dúvida e o medo". Porém, assim como Jane Joyce e Parkes, que traduzem como "*anxious fear*", ora se optou por traduzir *dubium* como o adjetivo que, de fato, ele parece ser, acreditando que a incerteza do temor de Argia pode ser explicada pela aparente instabilidade de sua postura com relação à guerra: seu medo, então, seria dúbio assim como é dúbia a sua atitude diante da partida do marido (cf. 4.200-10n).

**203. E VARRER COM AS MECHAS SOLTAS TEMPLOS:** (AMAR-LEMAIRE) "Refere-se ao costume bastante batido, de acordo com o qual as mulheres, por causa de grande emergências, não somente vagavam súplices pelos templos, mas também varriam, com os cabelos soltos, os altares e os pavimentos dos templos."

**204. INFAME!:** com essa apóstrofe, Argia não só condena o ato que diz não lhe convir enquanto o seu marido está em guerra, mas também Erifile, para quem deixará que seu presente de casamento seja entregue (cf. 4.209-10).

**204-5. CONTIGO PRESO EM MINAZ ELMO, / EM FERRO RESSOANDO:** como em Ovídio (*Ep.* 13-37-40 *apud* 4.200-10n).

**205. O OURO DOTAL:** novamente (4.192) refere-se metonimicamente ao colar de Harmonia como **ouro** – dito **dotal** por ter sido um presente de casamento.

**206. MAIS FAUSTAS, VAI DAR GLÓRIAS:** "mais feliz do que a glória do presente recebido". A afirmação, porque se sabe o quão nefastas são as consequências para quem carrega o colar de Harmonia (cf. 2. 265-305 e comentário *ad loc.*), assume um traço de fina ironia.

**207-9. E EU VOU VENCER ... SACRO CANTO ENCHERES:** compare com 4.195, onde se diz que Erifile se

distinguirá das demais mulheres por causa do colar de Harmonia. Ora, Argia também se vê em vantagem sobre as outras argivas, mas porque o Acaso por dar-lhe-á glórias **mais faustas** (4.206-7): que seu marido retorne salvo e, em sua companhia, encha os templos com os cantos de agradecimento. Novamente (cf. 4.200-10n; 4.204n) há uma preocupação em contrapor as duas esposas por sua postura diante da situação em que se encontram.

**210. NA GUERRA O ESPOSO, QUE SE ALEGRE:** ao final de sua fala, Argia torna claro o principal motivo pelo qual crê ser diferente de Erifile em seu comportamento: a impossibilidade de pensar em si própria (cf. 4.200-6 e comentários *ad loc.*), que ela já deixou de lado anteriormente quando pediu ao pai que apressasse a guerra (cf. 3.687-710 e comentários *ad loc.*), subjaz como uma censura ao que deseja para Erifile: "que ela seja feliz, então, enquanto o seu marido está na guerra, pois que, a mim, neste momento, essa conduta não cabe".

**211-3. E, ENTÃO, AOS DEUSES ... DO AMANHÃ RIU TISÍFONE:** nos versos, o colar de Harmonia (o **ouro mortífero**) é personificado: ele **irrompe** aos **deuses de Erifile** – é dizer "aos penates de Erifile" – e, de **amplos crimes** (cf. 2.267-8), planta as **sementes**: a referência, porém, não diz respeito somente à traição de Erifile, mas também ao matricídio do qual será vítima por causa de sua ganância (cf. 2.305n) – sobre o matricídio, cf. *Apollod.* 3.7.2; 3.7.5; *D. S.* 4.65.7; *Paus.* 8.24.7; e Hyg. *Fab.* 73.

**214-45. ALTIVO EM TÊNARES CORCÉIS ... CAVADO A CHUVA MOLHA:** refere-se a Anfiarau. Após o *flashback* que revela um dos motivos pelos quais o herói partiu para Tebas junto a seus companheiros (cf. 4.187-213 e comentários *ad loc.*), é a vez do general e de suas tropas serem introduzidos. A aparição de Adrasto (4.214-21) é seguida pela apresentação de suas tropas, feita em dois blocos: no primeiro, são nomeadas as coortes que vieram da Lacônia: de **Amiclas** e **Pilo**, de **Málea**, **Cária**, **Fáris** e **Messe**, do **Taígeto** e do **Eurota**, seguindo-se a descrição de suas armas (4.228-36); no segundo, as que vieram de **Élis**, de **Pisa** e das margens do **Alfeu** (4.236-40) e, então, suas armas (4.241-5). A chegada de Anfiarau, **altivo** sobre os seus corcéis, será retomada na sequência quando o herói disputa e vence a corrida de cavalos nos Jogos Nemeus (cf. 6.326-9); e o fechamento do trecho, em que a figura de Enômau (4.241-6 *apud* 1.274n) ganha destaque, reforça ainda mais a imagem do auriga, altamente significativa e não só pela corrida no canto sexto (6.326-549), mas pelas condições do desaparecimento de Anfiarau, que desce aos infernos conduzindo, com suas próprias mãos, seu carro (cf. 3.546-7n). Sobre os homens que acompanham Anfiarau, escreve Helen Lovatt (2005, p. 183): "As tropas de Anfiarau chegam de duas regiões distintas [...]: primeiro vêm os espartanos, logo

após a descrição de Anfiarau e da traição de sua esposa; eles são seguidos pelos piseus; as duas partes estão vinculadas por uma referência ao atletismo [...] Isso [sua entrada] nos encaminha para a corrida de carros e sua descida final para o submundo, com sua carruagem, como se a estivesse conduzindo pelo poema".

Para Parkes (*ad loc.*), a chegada e a descrição do vate são um alargamento de sua breve apresentação em Eurípedes (*Ph.* 171-3): *{Αν.} οὗτος δ', ὦ γεραιέ, τίς κυρεῖ, / ὃς ἅρμα λευκὸν ἡνιοστροφεῖ βεβώς; / {Θε.} ὁ μάντις Ἀμφιάραος, ὦ δέσποιν', ὅδε* ("[Antígone] E aquele, ancião, quem será? / Aquele que, de pé, conduz um carro branco? / [Pedagogo] Eis Anfiarau, senhora, o nigromante" – trad. Waldir Souza Júnior). A imagem de Anfiarau como cocheiro é destacada em dois outros momentos do poema: (*Theb.* 7.584-8): *non aliter cursu rapidae atque inmane frementes / transiliunt campos aurigamque impete uasto, / Amphiarae, tuum – nec defuit omen, eriles / forte is primus equos stagna ad uicina trahebat – / corripiunt* ("Não de outro modo, em lesto e imane curso, ardentes, / cruzam campos, e o auriga teu, com grande arroubo, / Anfiarau – nem foi sem presságio que os eris / corcéis, acaso, aos charcos afins conduzia – / atacam"); e (7.690-2): *eminet ante alios iam formidantibus arua / Amphiaraus equis ac multo puluere uertit / campum indignantem* ("Ante os outros se eleva, aos agros já temendo / os corcéis, Anfiarau, em muito pó tornando / o irado campo").

**214. Tênares corcéis:** ou seja, "corcéis de Tênaro", promontório ao sul do Peloponeso conhecido por ser uma das entradas do Hades (cf. 1.96n). Os corcéis de Anfiarau são ainda ditos **Ebálios** (6.326) e, novamente, de Tênaro (o **eixo Tênare**, 6.508). Para Parkes (*ad loc.*), a referência vincula Anfiarau à entrada dos Infernos, adiantando sua descida ao mundo inferior com seus cavalos (cf. 3.546-7n). De acordo com Lovatt (2005, p. 184), por meio desses gentílicos Estácio cria uma ligação com os espartanos, pois Tênare e Ebálio – *i.e.*, de Esparta (cf. 2.164n) – referem-se a regiões da Lacônia, cuja principal cidade é Esparta. Essa relação, por sua vez, teria em vista o comportamento atlético e belicoso desse povo, que acaba resumindo a postura de Anfiarau durante a excursão rumo a Tebas.

**214-5. de um coito díspar / a progênie que ao ínscio Cástor gerou Cílaro:** quer dizer que os cavalos de Anfiarau são prole de Cílaro, o cavalo de Cástor – irmão de Pólux e um dos argonautas (cf. 3.352-3n). Como em Sêneca (*Phaed.* 810-11): *frenis Castorea mobilior manu / Spartanum poteris flectere Cyllaron* ("com a mão de Cástor nas rédeas, mais flexível / tu podes curvar o Espartano Cílaro"); e Valério Flaco (1.425-6): *uectorem pauidae Castor dum quaereret Helles / passus Amyclaea pinguescere Cyllaron herba* ("Castor, enquanto buscasse o condutor de Heles,

pávida, / permitiu que Cílaro se nutrisse com as ervas Amícleas"). Virgílio, porém, parece submetê-los ao controle de Pólux (*G.* 3.89-90): *talis Amyclaei domitus Pollucis habenis / Cyllarus* ("tal como, de Amiclas, é dominado pelas rédeas de Pólux / Cílaro"). De acordo com Parkes (*ad loc.*), vincular os cavalos de Anfiarau a Cílaro é, provavelmente, uma tradição iniciada por Estácio. **DE UM COITO DÍSPAR:** de acordo com Álcman (fr. 25 PMGF), a origem de Cílaro remonta a Posídon. Para Lactâncio (*ad loc.*), a nobreza de Cílaro é tão grande que égua alguma poderia equipará-la, donde Estácio dizer, então, que a prole veio de uma relação desigual – um **coito díspar**.

**216. COM PARNÁSIA HONRA:** ou seja, com as honras de Apolo. Sobre o Parnaso, monte sob o qual está o oráculo de Delfos, cf. 1.118n.

**217-8. O ELMO EM CRINAS DE OLIVEIRA FRÔNDEA, / E ALVA ÍNFULA ÀS CRISTAS PURPÚREAS SE ENTRANHA:** é clara a referência ao duplo papel de Anfiarau, o vate guerreiro: suas armas, o **elmo** e as **cristas** que lhe enfeitam, estão entremeadas por símbolos do sacerdócio, os ramos de **oliveira** e a **alva ínfula** – sobre a ínfula, cf. 2.98n.

**219. JUNTO, AS ARMAS SEGURA, E O FREIO ATADO AO JUGO:** ter, firmes, nas mãos, ao mesmo tempo, suas armas e as rédeas de seu carro demonstra a grande habilidade de Anfiarau. Note-se, por exemplo, como aponta Parkes (*ad loc.*), a ênfase dada por Homero na ação de Automedonte, que não consegue combater e guiar seu carro ao mesmo tempo (*Il.* 17.463-5): *ἀλλ' οὐχ ἥρει φῶτας ὅτε σεύαιτο διώκειν· / οὐ γάρ πως ἦν οἷον ἐόνθ' ἱερῷ ἐνὶ δίφρῳ / ἔγχει ἐφορμᾶσθαι καὶ ἐπίσχειν ὠκέας ἵππους* ("No entanto não matava ninguém, quando depressa perseguia, / pois não lhe era possível, sozinho no carro sagrado, / atacar com a lança e controlar os céleres corcéis" – trad. Frederico Lourenço).

**222. BRANDE PÍTON VENCIDA EM SEU CLÍPEO:** Estácio imprime um símbolo da vitória de Apolo no escudo de Anfiarau, onde ele agita a imagem da Píton já derrotada – sobre isso, cf. 1.562-3n. Em Eurípedes e em Ésquilo, porém, nada há no escudo do vate guerreiro: (E. *Ph.* 1111-2): *ὁ μάντις Ἀμφιάραος, οὐ σημεῖ' ἔχων / ὑβρισμέν' ἀλλὰ σωφρόνως ἄσημ' ὅπλα* ("o mante Anfiarau, que não porta estandarte / de *hýbris*, mas armas sobriamente indistintas"); (A. *Th.* 590-1): *τοιαῦθ' ὁ μάντις ἀσπίδ' εὐκήλως ἔχων / πάγχαλκον ηὔδα· σῆμα δ' οὐκ ἐπῆν κύκλῳ* ("Isso falava o adivinho brandindo imperturbável / o escudo de bronze maciço. Nenhum brasão havia sobre a orbe" – trad. Marcus Mota).

**223. AMICLAS APOLÍNEA:** Amiclas é uma cidade da Lacônia. Por ser a cidade de Jacinto (*infra*) e por ser consagrada a Apolo, diz **Apolínea**. (LACTÂNCIO) "Cidade da Lacônia consagrada a Apo-

lo, onde Jacinto era celebrado em jogos públicos em hora ao menino do rei. O jovem, quando se exercitava com o disco, atingido por um vórtex de Zéfiro, que a ele Apolo enviara, morreu. O seu sangue foi transformado em uma flor com o seu nome para que fosse perpétua a graça de sua memória. Como Virgílio (*Ecl.* 3.106-7): *dic quibus in terris inscripti nomina regum / nascantur flores, et Phyllida solus habeto* ["dize em que terra inscritas flores nascem / com régios nomes, e só tenhas Fílis" – trad. Odorico Mendes]."

**224. Pilo:** localizada na Lacônia, pode ser a cidade de Nestor (cf. 4.125n), cujos homens também são comandados por Hipomedonte (4.125). De acordo com Parkes (*ad loc.*), por conta da repetição, Kohlmman imprimiu, no lugar de *Pylos*, *Helos* – suportando a decisão no catálogo das naus homérico, em que Helos é listada logo após Amiclas (*Il.* 2.584); Hall e Klotz seguiram a edição de Kohlmman. Porém, no mesmo catálogo homérico, os homens de Helos são apresentados sob o comando de Menelau (*Il.* 2.584) e, na sequência, sob o comando de Nestor (*Il.* 2.594). Ainda conforme Parkes (*ad loc.*), assim como há a possibilidade de que Homero tenha se referido a duas cidades distintas, mas homônimas, Estácio também pode ter feito o mesmo, designando duas Pilos distintas, ainda que ambas na Lacônia. **por dúbias quilhas evitada, a Málea:** uma cidade e um promontório localizado no extremo sul do Peloponeso – na Lacônia, portanto. (Lactâncio) "A Málea, porque é circundada por perigos para os navegantes. Como Virgílio (*A.* 5.193): *Maleaeque sequacibus undis* ["a Málea de ondas sequazes"]. A história desse monte foi transmitida deste modo: Máleo era um rei Teucro, o primeiro a ter descoberto a tuba. Ele, quando praticava a pirataria, estando o mar tomado por tempestades, ocupou esse monte e batizou, por causa de seu nome, Apolo de Maleótico e o próprio monte de Máleo. Outros dizem que o monte está na Acaia. Bem diz Estácio que vinham em auxílio do vate, porque o seu povo venerava especialmente o deus Apolo."

**225. Cária, capaz de às palmas de Diana ecoar:** Cária é outra cidade da Lacônia. De acordo com Parkes (*ad loc.*), é conhecida por um ritual anual de celebração de Diana realizado por virgens, cuja principal característica são as danças feitas por elas. As **palmas**, então, referem-se às que são batidas pelas virgens durante a performance sacra.

**226. Fáris:** cidade da Lacônia (cf. 2.163n). **Citereia Messe, afim aos pássaros:** Messe é uma cidade da Lacônia. A referência aos pássaros vem, pois, de Homero (*Il.* 2.582): *πολυτρήρωνά τε Μέσσην* ("e Messa cheia de pombas" – trad. Frederico Lourenço). Diz **Citereia** por causa de Vênus, uma vez que as pombas são aves consagradas à deusa.

**227. do Taígeto:** um monte localizado na Lacônia, próximo a Amiclas (cf. 4.223n) e ao Eurota

(*infra*). **DO EUROTA CISNÍFERO:** o Eurota é um rio da Lacônia. O adjetivo **cisnífero** é por causa de Leda, a Mãe de Pólux e Cástor (cf. 4.214-5n) e de Clitemnestra e Helena. Segundo Higino (*Fab.* 77), Zeus, apaixonado pela mortal, assumiu a forma de um cisne para seduzi-la e com ela deitar-se. Dessa relação, nasceram Pólux e Helena, e Clitemnestra e Cástor seriam filhos de seu marido, Tíndaro.

**228-33. OS VARÕES, NO SEVO PÓ ... COM FESTÕES NO CADÁVER:** no passo, Estácio põe em destaque o treinamento atlético dos lacônios e a sua bravura diante da morte – **o doce custo / da bela morte**. Mercúrio, aqui evocado como **Arcas** – por ter nascido no monte Cilene, na Arcádia –, é comumente visto como o patrono das academias, como em Horácio (*Carm.* 1.10.1-4): *Mercuri, facunde nepos Atlantis, / qui feros cultus hominum recentum / uoce formasti catus et decorae / more palaestrae* ("Ó Mercúrio, neto eloquente de Atlas, / brutos cultos do homem arcaico numa / voz, sagaz, moldaste e os modos para / nobre palestra" – trad. Guilherme Flores); e Ovídio (*Fast.* 5.663-8): *clare nepos Atlantis, ades, quem montibus olim / edidit Arcadiis Pleias una Ioui: / pacis et armorum superis imisque deorum / arbiter, alato qui pede carpis iter, / laete lyrae pulsu, nitida quoque laete palaestra, / quo didicit culte lingua docente loqui* ("Agora tu, de Atlante ilustre neto, / belo filho, que a Plêiade mais bela / nesses montes da Arcádia há dado a Jove; / tu, que pões guerra ou paz a teu arbítrio / ente os numes do Olimpo entre os do Averno; / tu que os ares alípede transcorres; / tu, a quem lira, a quem palestra prazem, / e por quem a eloquência aos homens veio" – trad. Antônio Feliciano de Castilho).

**228. NO SEVO PÓ:** refere-se ao pó das palestras, onde os homens se exercitavam na luta hoje conhecida como greco-romana e no pugilato.

**229-30. AS LEIS FORMOU, E IRAS, DA NUA / VIRTUDE:** o sintagma **nua virtude** (*nudaeque ... uirtutis*) é de difícil interpretação: Bailey, Hall e Parkes o traduzem como "naked valour"; Lesueur, no mesmo sentido, traduz como "prouesse toute nue" ("proeza, coragem nua"); Joyce, por sua vez, parece desdobrar a metáfora estaciana com "naked aggression", fazendo referência às lutas disputadas por homens despidos. Parkes (*ad loc.*) aponta um deslocamento do adjetivo, que deixa de fazer referência aos atletas e passa a qualificar seu espírito – um hipálage, portanto. A ideia é a de que Mercúrio instila nos homens os modos e as paixões da luta praticada nua, mas, em um contexto onde o ensino das habilidades é o assunto principal, a atribuição do adjetivo à virtude e não à luta faz pensar em uma virtude – a coragem para as lutas e as guerras – ainda não formada, despida, sem identidade, sobre a qual Mercúrio então trabalha os valores do atletismo. O verbo utilizado pelo poeta *ingenerat* (*ingenero*: "produzir, im-

plantar, infundir" – aqui **formou**) destaca o processo de formação e desenvolvimento presente no passo.

**230-3. A FORÇA DA ALMA ... COM FESTÕES NO CADÁVER:** (PARKES) "Seguindo a interpretação dos escoliastas (Lactâncio *ad Theb.* 4.227), essas linhas são comumente relacionadas ao ritual espartano em que os jovens são fustigados diante do altar de Ártemis para ganharem resistência [...]. De qualquer forma, o anseio pela morte em 4.231-2 se encaixa nessa teoria: embora aqueles que pereçam nessa tentativa sejam honrados [...], sobreviver era o final desejado para o teste. A questão é, principalmente, que o combate atlético prepara os meninos para a guerra, induzindo a atitude mental correta e despertando sua sede pela glória para que estejam preparados para morrer se necessário. A educação espartana era guiada para produzir os mais duros soldados para os quais a única alternativa para o sucesso na guerra era uma morte honrada na batalha."

**230-1. DISSO A FORÇA DA ALMA E O DOCE CUSTO / DA BELA MORTE:** como consequência do seu treinamento, os jovens espartanos adquiriam a força necessária à sua alma, seu espírito de bravura: a noção de que era **doce** o sacrifício – o **custo** – da bela morte – *i.e.*, da morte honrada no campo de batalha (cf. 4.230-3n).

**231. OS FADOS SEUS:** "os destinos dos jovens treinados para a guerra – cf. 4.230-3n; 4.230-1n. **PAIS:** o termo em latim, *parentes*, serve para indicar "pais e mães". A especificação da figura materna em 4.233, porém, pode levar a crer que, aqui, refere-se o poeta às figuras paternas – que passaram pelo mesmo treinamento que seus filhos.

**232-3. A TURBA GEME EFEBOS, / E SE CONTENTA A MÃE COM FESTÕES NO CADÁVER:** a ideia é a de que, enquanto uma turba lamenta pelos jovens mortos, as mães se satisfazem com o corpo coroado de seus filhos – por ter morrido honradamente durante a batalha. A quebra de expectativas pelo comportamento da mãe espartana, que não se desespera com a morte de seu filho durante a guerra – contraste seu comportamento com o das mães dos emboscados tebanos (cf. 3.114-32 e comentários *ad loc.*; 3.133-68n) – é acompanhada por uma quebra de expectativas dentro do próprio verso: **e se contenta a mãe com festões no cadáver** (em latim, *coronato contenta est funere mater*). A ideia de que uma mãe se contenta com os festões pode fazer com que se espere a figura de um filho retornando triunfante, coroado por sua vitória; **se contenta**, porém, é dizer "se satisfaz", e os **festões** indicam não a vitória, mas a honra que se presta ao **cadáver** daquele que morreu durante a batalha. (AMAR-LEMAIRE) "Sobre a força das mulheres espartanas pode-se ler em Plutarco e outros escritores. Ora, um único exemplo é o

suficiente: as mães, trazendo os escudos quando seus filhos partiam para a guerra, diziam: 'ou com este, ou sobre este'. Isso significa que ou deveriam voltar, com o seu escudo, vencedores, ou , então, trazidos sobre ele. A vergonha era perder o seu escudo: *relicta non bene parmula* (Hor. *Carm.* 2.7.10 ["nada bom, com o parma esquecido"])."

**234. REGEM FREIOS E DUPLOS DARDOS POR FIOS PRESOS:** como o seu comandante, os espartanos partem montados, regendo as rédeas e, ao mesmo tempo, as armas (cf. 4.219n). Sobre os dardos, Barthius (*ad loc.*) supõe estarem unidos por uma cordão sob seus escudos.

**235. HORRÍVEL:** é dizer "assustadora", de aspecto duro, feroz.

**236. NO ELMO A CRISTA DE LEDA:** uma crista de penas de cisne em referência ao mito de Leda e Zeus (cf. 4.227n).

**237. RECOSTADA:** refere-se a **Élis** (4.238), que pode ser tanto uma cidade na região da Élida como a própria região, que também é chamada de Élis. Para Parkes (*ad loc.*), é mais provável que Estácio se refira à região do que à sua homônima cidade, na costa do Peneu – não confundir com o Pneu, rio da Tessália e pai de Dafne (cf. 1.554n). Nessa leitura, o adjetivo **recostada** (em latim, *resupina* – "inclinada para trás", *DLP*) diria respeito ao terreno montanhoso característico da Élida. Amar-Lemaire (*ad loc.*), porém, considera que o poeta se refere, aqui, especificamente à cidade, pois que o adjetivo teria sido escolhido porque a urbe foi construída na encosta de um monte. Estrabão descreve a cidade de Élis (*Str.* 8.3.2) como sendo cortada pelo rio Peneu; seu solo, de acordo com o geógrafo, era bastante fértil, e sua configuração, côncava – donde diz, então, *κοίλη Ἦλις* (*koílē Élis* – "Élis Cava") –, dando a entender que, na verdade, tratava-se de um vale. Uma vez que Estácio também se refere a Pisa destacando-lhe o vale (cf. 4.238), pode-se crer que, ora, a Élis em questão trata-se da cidade **recostada** nas colinas do vale do Peneu.

**238. DAS DEPRESSÕES DE PISA ASCENDE A GENTE:** cidade da Élida, onde reinava Enômau (cf. 1.274-5n; 1.421-2n). Por estar em um vale, diz então que ascendiam de suas **depressões**.

**239-40. FLAVO ALFEU, NA SICÍLIA / ESTRANGEIRO E INTOCADO POR ÁGUAS PROFUNDAS:** apóstrofe ao Alfeu, um rio da Élida que margeia Pisa (cf. 4.238), seguida por uma breve digressão sobre a sua busca por Aretusa. Sobre o rio e o mito envolvendo Aretusa, a Sicília e suas águas intocadas, cf. 1.270-2n.

**241-5. COM INFINDOS CARROS ... CAVADO A CHUVA MOLHA:** a apresentação dos contingentes de Anfiarau se encerra com a descrição dos habitantes da Élida guiando seus carros, recuperando,

então, uma imagem já presente no início da seção (cf. 4.214-45n). A imagem de Enômau é aqui retomada como forma de ressaltar a destreza dos elidenses na condução de seus carros, bem como sua natureza inclinada para as disputas de corrida.

**242-4. AO POVO ESSA GLÓRIA ... EIXOS DE ENÔMAU:** sobre isso, cf. 1.274-5n.

**245. ALVA, O CHÃO CAVADO A CHUVA MOLHA:** refere-se à baba que escorre da boca dos cavalos, que espumam por causa dos freios (4.244-5), e cai sobre o solo **cavado** por seus cascos.

**246-308. NÃO SABE A MÃE, MAS ... POR LÁ TRAMANDO PRÉLIOS:** Partenopeu é o último dos sete generais a aparecer. Após sua apresentação (4.246-64) e a de suas armas (4.265-74), surgem as tropas árcades que o acompanham, vindas de diferentes cidades daquela região (4.275-98) – uma variedade que se reflete na caracterização dos soldados (4.299-304). Ao fim do passo, Estácio ressalta a ausência de Micenas entre os homens da expedição (4.305-8). Os detalhes e as questões presentes em cada uma dessas partes estão comentados *ad loc.*

**246-64. NÃO SABE A MÃE, MAS ... AS SETAS NÃO SABEM SE PEJA:** a apresentação de Partenopeu é feita principalmente em função de sua beleza e imaturidade (cf. 4.251-9 e comentários *ad loc.* – *esp.* 4.251n) e de sua inexperiência na guerra (4.260-4). Para Parkes (*ad loc.*), o destaque dado à ausência de sua mãe como a única chance para que ele partisse à guerra (4.248-50) ressalta ainda mais a imaturidade do jovem. A **brandura** de suas formas **egrégias** (4.252) e a falta de idade para o seu vigor (4.253) contrastam com a experiência dos árcades que o acompanham – **velhos, prévios à lua e aos astros** (4.275) – e com sua robustez – nascidos de **hirtas árvores de bosques** (4.276). De acordo com Vessey (1973, p. 203-4), Partenopeu é o contrapeso de Polinices: enquanto este anseia retornar para sua casa, aquele se alegra por deixar a sua; enquanto Polinices antecipa o encontro com sua mãe e sua irmã (4.88-9), Partenopeu comanda as tropas sem que sua mãe saiba (4.246); se o escudo daquele apresenta o triunfo de seu pai sobre a Esfinge (4.87), aqui (4.267-8) é o triunfo materno que estampa a arma do jovem guerreiro. Na estrutura quiasmática apresentada por Vessey para o catálogo de heróis de Estácio (cf. 4.32-344n), é na relação entre o herói e seu lar que reside o principal ponto de equilíbrio entre Polinices e Partenopeu.

O passo ainda apresenta a transição prematura (cf. 4.253) do jovem de sua inocência um tanto idílica – quando Diana o viu, o jovem estava **nas sombras do Ménalo / riscando a relva a passo tenro** (cf. 4.256n; 4.257n) – para a dura realidade da guerra (4.260-4), que será fatal para o jovem e inexperiente guerreiro: **ninguém mais belo à triste despedida andava** (4.251). Para Vessey (1973, p. 218-9), o foco sobre a juventude, a beleza e a imaturidade de Parteno-

peu, que se repete em outros momentos da narrativa (cf. por exemplo 6.574-5; 6.578-82), cria certo efeito de *páthos* em torno do herói, reforçado por sua morte certa (cf. 3.540-1n).

**246. MÃE:** refere-se a Atalanta, mãe de Partenopeu. As fontes apresentam diferentes pais para Atalanta – ora é filha de Iásio, ora de Ménalo e, ora, de Esqueneu –, mas todas concordam quanto a seu destino (*Apollod.* 3.9.2): rejeitada pelo pai, foi exposta logo após o nascimento sobre o Monte Partênio (cf. 2.206-7n); nutrida por uma ursa, foi criada por caçadores, recusando o matrimônio quando atingiu a idade adequada, entregando-se à caça e à vida em meio aos bosques como Diana, sua patrona. Ludibriada por Hipômenes durante um desafio cujo prêmio seria o matrimônio (cf. 2.280-1), Atalanta se casou com seu desafiante e, após deitar-se com ele em um templo dedicado a Zeus, foi transformada pelo deus supremo em um leão. De acordo com Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.9.2), Partenopeu seria filho de Hipômenes, de Melânio, ou de Ares. **PARRÁSIAS:** da Arcádia (cf. 3.421n). O adjetivo refere-se ao Monte Parrásio (Barthius, *ad loc.*) e/ou a uma cidade homônima (Amar-Lemaire, *ad loc.*).

**247. A NOVA GLÓRIA MUITO EXCITA O RUDE EM ARMAS!:** em latim, *a rudis armorum, tantum noua gloria suadet!*. Os editores discordam quando ao trecho: Lactâncio, Amar-Lemaire, Mueller, Lesueur e Klotz imprimem *rudis annorum*; Hall, Bailey e Parkes, ora considerados, *rudis armorum*. De acordo com Parkes (*ad loc.*), ainda que Partenopeu seja de fato jovem, o sintagma *rudis annorum* não encontra paralelo nos textos da Antiguidade. Sendo assim, e também porque a pouca idade de Partenopeu é indicada logo na sequência (4.253) e a sua imperícia na guerra é importante para sua caracterização, seguiu-se aqui a lição *rudis armorum*. **NOVA GLÓRIA:** refere-se à glória do guerreiro, que é **nova** para Partenopeu por ele ainda ser considerado **rude em armas** – ou seja, inculto na arte da guerra.

**248-50. NO ENTÃO, PRADOS REMOTOS ... ERMOS DO LICEU GELADO:** enquanto Partenopeu comandava as tropas árcades, Atalanta pacificava, com seu arco, os prados remotos e os distantes lugares do gélido Liceu.

**249. POIS NÃO TERIAS OUTRA CHANCE:** o narrador faz uma apóstrofe a Partenopeu apontando a única condição para que o herói conseguisse levar a cabo suas intenções. **SEVA MADRE:** Atalanta. De acordo com Parkes (*ad loc.*), a caracterização quase paradoxal reforça a condição limítrofe de Atalanta, uma mãe caçadora – dividida entre um papel feminino e um masculino. Dizê-la **seva** não deixa de ser outra forma de reforçar a brandura de seu filho (cf. 4.252).

**250. CALMAVA COM ARCO:** pacificava – pois que, com seu arco, caçava as feras que neles habitavam. É conhecida, nesse sentido, sua participação na caçada ao Javali de Cálidon (cf. 1.453n).

(LACTÂNCIO) "Ou seja, tornava-os calmos com a caça às feras. Como em Virgílio (*A.* 6.802-3): *aut Erymanthi / pacarit nemora et Lernam tremefecerit arcu* ["ou do Erimanto / calmara os bosques e assustara, com arco, Lerna"]."

**251. NINGUÉM MAIS BELO À TRISTE DESPEDIDA ANDAVA:** em latim, *pulchrior haud ulli triste ad discrimen ituro / uultus*. (PARKES) "A opinião sobre a aparência dos guerreiros é originalmente homérica (cf. *Il.* 2.673-4 [*Νιρεύς, ὃς κάλλιστος ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε / τῶν ἄλλων Δαναῶν μετ' ἀμύμονα Πηλεΐωνα* – "Nireu, o Aqueu mais belo dos que Ílion vieram / (apenas o Peleide, imáculo, o supera)", trad. de Haroldo de Campos]; *Od.* 8.115-7 [*ἂν δὲ καὶ Εὐρύαλος, βροτολοιγῷ ἶσος Ἄρηϊ, / Ναυβολίδης, ὃς ἄριστος ἔην εἶδός τε δέμας τε / πάντων Φαιήκων μετ' ἀμύμονα Λαοδάμαντα* – "nem faltam / o igual de Marte Euríalo, o formoso / e esbelto Naubólides mais que todos, / fora o guapo Laodamas", trad. Odorico Mendes]). A frase de Estácio evoca as descrições virgilianas de Lauso (*A.* 7.649-50: *filius huic iuxta Lausus, quo pulchrior alter / non fuit excepto Laurentis corpore Turni* ["o filho Lauso junto deste – mais belo que ele, outro / não houve, exceto o Laurentino Turno"]) e Euríalo (*A.* 9.179-80: *et iuxta comes Euryalus, quo pulchrior alter / non fuit* ["e junto o companheiro Euríalo – mais belo que ele, outro / não houve"]). Perceba como *pulchrior* [**mais belo**] contrasta com *triste ... discrimen* [**triste despedida**]: a beleza de Partenopeu é colocada em relação com o duro contexto da guerra. A notável aparência do jovem é repetidamente enfatizada: cf. 6.571-5, 6.623, 9.701-6, 9.880, 12.806; *Silu.* 2.6.42-3. São características tomadas à tragédia grega, como evidenciado por Ésquilo (*Th.* 533: *βλάστημα καλλίπρῳρον* ["a prole de bela face"]) e Eurípides (*Supp.* 889: *εἶδος ἐξοχώτατος* ["forma excelente"]). Esses encantos causam admiração: em Eurípides (*Supp.* 899) diz-se que sua aparência atrai homens e mulheres: *πολλοὺς δ' ἐραστὰς κἀπὸ θηλειῶν †ὅσας†* ["embora tivesse muitos amantes entre homens e mulheres"] (contrastando com o poema de Estácio, em que o elemento homossexual é suprimido); na *Tebaida*, as ninfas (4.254-5) e até mesmo Diana (4.256-9) sucumbem à sua sedução (note-se também a reação das matronas tebanas em *Silu.* 5.2.122-3). Seu apelo, tanto para os dramaturgos como para Estácio, recai em sua juventude. Nos tragediógrafos, ele ainda é um menino (note-se a sua aparência abundante em Eurípides *Ph.* 146) ou um *ἀνδρόπαις ἀνήρ* (Aesch. *Th.* 533 ["jovem homem"]; note-se sua face recém coberta em *Th.* 534-5). Estácio expande o encanto infantil de Partenopeu: suas tranças esvoaçantes (9.701; 4.261-2) e a face sem barba (4.274) são motivos recorrentes. Estácio está interessado em trazer a sensualidade de uma tal aparência juvenil, seguindo a erotização virgiliana de seu *Heldenknaben* ["menino herói"]. Seu personagem resume a beleza ambígua muitas vezes preferida na antiguidade, compartilhando a delicadeza feminina dos traços com carac-

terísticas masculinas [...]."

**252. OU ÀS FORMAS EGRÉGIAS COM TANTA INDULGÊNCIA:** ou seja, nenhum dos que andam para a **triste despedida** (4.251) recebera tamanha licença para ter tão ilustres formas.

**253. VIGOR NÃO FALTA: VENHA ENTÃO MAIS FORTE IDADE:** se Partenopeu tem o vigor necessário à guerra, faltam-lhe, porém, os músculos, que somente a idade pode dar-lhe.

**254-9. DOS BOSQUES QUE DEIDADES ... NO OMBRO A PRÓPRIA ATOU:** o narrador dimensiona a beleza de Partenopeu mencionando seu efeito sobre numes silvestres – como ressalta Parkes (*ad loc.*), sobre as ninfas dos bosques, das águas e dos vales frondosos, pois que o nome Napeia vem do grego *νάπη* (*nápē – LS*: "vale frondoso"). Sua beleza seduziu, ainda, Diana, patrona de sua mãe, a ponto de fazê-la atar-lhe aos ombros aljava e dardos. Em 9.709-11, até mesmo as ninfas tebanas encantaram-se pelas formas do jovem: *illum et Sidoniae iuga per Teumesia Nymphae / bellantem atque ipso sudore et puluere gratum / laudant, et tacito ducunt suspiria uoto* ("Pelos Teumésios montes, as Sidônias Ninfas / ao guerreiro em seu próprio suor e em pó bem-vindo / louvam e, em voto tácito, soltam suspiros"). Sobre a beleza de Partenopeu, cf. 4. 251n; 4.252n.

**256. O MENINO:** Partenopeu. **NAS SOMBRAS DO MÉNALO:** (AMAR-LEMAIRE) "Isto é, na floresta Menália, sobre o monte Ménalo, na Arcádia – *nas sombras* porque as florestas produzem sombra."

**257. RISCANDO A RELVA:** (LACTÂNCIO) "Elegantemente não mostra o passo da criança amassando, mas *riscando*. Como em Horácio (*Ars* 158-9): *reddere qui uoces iam scit puer et pede certo / signat humum* ["o menino que já sabe articular as palavras e, com o pé firme, / risca o solo"]."

**258. DERA À ALIADA AS DESCULPAS:** as desculpas por ter perdido sua virgindade, gerando Partenopeu (cf. 4.246n). Sentido: tamanha era a beleza do jovem, que Diana perdoou a falta de Atalanta. **DARDOS DICTEUS:** do monte Dicte, em Creta (cf. 3.481n). (AMAR-LEMAIRE) "Isto é, cretenses, do monte Dicte em Creta. Diz, pois, dardos cretenses porque os cretenses são peritíssimos no manejo de flechas."

**259. ALJAVAS DE AMICLAS:** (AMAR-LEMAIRE) "De Amiclas, cidade da Lacônia, onde eram feitas ótimas fáretras."

**260-4. CORREU, GOLPEADO PELO ... SETAS NÃO SABEM O PEJA:** Estácio apresenta o entusiasmo de Partenopeu pela guerra: o verbo "correr" (*prosilit*, em latim), colocado na primeira posição do verso, contrasta com o jovem **riscando a relva a passo tenro** anteriormente apresentado (cf. 4.257n). Além disso, o amor das Ninfas, o qual ele próprio provocou (4.254-5), não foi capaz

de golpeá-lo como o fez o **ousado amor de Marte** – ou seja, o amor pela guerra. Como ressalta Parkes (*ad* 4.260), Estácio parece ter em mente, nessa passagem, a reação de Euríalo à expedição planejada por Niso em Virgílio (*A.* 9.197: *magno laudum percussus amore* – "golpeado pelo magno amor das glórias"), outro jovem que ansiava a glória das batalhas (*A.* 9.205-6): *est animus lucis contemptor et istum / qui uita bene credat emi, quo tendis, honorem* ("tenho e espírito altivo e sequioso de glórias, / pronto a arriscar até a vida no afã de obter o que almejas" – trad. Carlos Alberto Nunes).

**261. E P'RA OUVIR A TUBA ARDEU:** este é o primeiro dos três desejos (cf. 4. 261-2n; 4.262-3n) despertados em Partenopeu pelo golpe do amor Mavórcio (4.260): ouvir o rebate chamando os homens para a batalha.

**261-2. E EM BÉLICO / PÓ SUJAR A ÁUREA COMA:** Parkes (*ad loc.*) aponta, no anseio de Partenopeu, uma tentativa de ganhar credibilidade como guerreiro, pois que ele se livraria de sua aparência e de sua beleza infantis ao sujar seus cabelos louros com poeira – o corpo e as mechas recobertas pelo pó são claros e veneráveis sinais de batalha, como destaca Horácio (*Carm.* 2.1.21-2): *uidere magnos iam uideor duces / non indecoro puluere sordidos* ("Já creio ver os chefes magnânimos / manchados numa honrosa visão do pó" – trad. Guilherme Flores).

**262-3: TORNAR NUM SAQUEADO / CAVALO HOSTIL:** o terceiro desejo do jovem guerreiro. Como lembra Parkes (*ad loc.*), o anseio de retornar da guerra trazendo espólios de seus inimigos remonta a Homero (*Il.* 6.480-1: *φέροι δ' ἔναρα βροτόεντα / κτείνας δήϊον ἄνδρα* – "Que traga / da batalha despojos sangrentos de mortos, / troféus de guerra", trad. Haroldo de Campos), mas Estácio parece ter inovado ao especificar, aqui, um **cavalo** como o espólio ansiado por Partenopeu. Diz **hostil**, então, por ser um animal que pertencia ao inimigo.

**263-4. DE BOSQUES FARTO ... NÃO SABEM O PEJA:** (LACTÂNCIO) "Envergonha-se Partenopeu porque ainda não infectara suas flechas com sangue humano, e porque ainda não conseguira a glória por essa crueldade." Note-se, porém, que o poeta caracteriza a **glória do sangue humano** como "criminosa" (**ré** – *nocentem*, em latim).

**265-74. REFULGE, AVANTE, ACESO ... O RUBRO ROSTO EXPONDO:** após apresentar Partenopeu e ressaltar suas principais características, o narrador passa à descrição de suas armas. Destacam-se, no passo, especialmente a presença de sua mãe, seja no escudo (4.267-8), seja no armamento que o jovem carrega (4.268-70), a riqueza de suas vestes (4.265-7) e a beleza de suas armas (4.268-70) – o que contrasta de maneira clara com a postura e as armas dos guerreiros seus subordinados (cf. 4.299-304 e comentários *ad loc.*). Para Dewar (*ad* 9.683-711), o esplendor

das vestes de Partenopeu, além de vinculá-lo, por exemplo, com a Camila de Virgílio (*A.* 7.812-7: *illam omnis tectis agrisque effusa iuuentus / turbaque miratur matrum et prospectat euntem, / attonitis inhians animis ut regius ostro / uelet honos leuis umeros, ut fibula crinem / auro internectat, Lyciam ut gerat ipsa pharetram / et pastoralem praefixa cuspide myrtum* – "a juventude garrida e as mães velhas à porta corriam / para admirá-la à passagem, pasmados de sua elegância, / sem dela a vista apartar: como o manto de púrpura os ombros / tão delicados lhe cobre, as madeixas fivela acomoda, / de ouro, e a maneira de a aljava da Lícia trazer sempre ao lado, / ou como brande uma lança de mirto com ponta de ferro", trad. Carlos Alberto Nunes), reforçando ainda mais a sua feminilidade, indica também o seu despreparo para a guerra, como se as vestes e as armas valessem mais para a admiração do que para o combate – uma caracterização que remonta a Homero (*Il.* 2.870-5): *τῶν μὲν ἄρ' Ἀμφίμαχος καὶ Νάστης ἡγησάσθην, / Νάστης Ἀμφίμαχός τε Νομίονος ἀγλαὰ τέκνα, / ὃς καὶ χρυσὸν ἔχων πόλεμον δ' ἴεν ἠΰτε κούρη / νήπιος, οὐδέ τί οἱ τό γ' ἐπήρκεσε λυγρὸν ὄλεθρον, / — ἀλλ' ἐδάμη ὑπὸ χερσὶ ποδώκεος Αἰακίδαο / — ἐν ποταμῷ, χρυσὸν δ' Ἀχιλεὺς ἐκόμισσε δαΐφρων* ("Destes eram comandantes Anfímaco e Nastes / — Nastes e Anfímaco, filhos gloriosos de Nomíon. / Veio ele para a guerra todo vestido de ouro como uma donzela, / o estulto!, pois não foi por isso que evitou a morte dolorosa, / mas foi subjugado, no rio, às mãos do veloz Aquiles, / e foi o fogoso Aquiles que lhe ficou com o ouro" – trad. Frederico Lourenço).

Outros dois personagens podem ser relacionados a Partenopeu por suas vestes: Cloreu, em Virgílio (*A.* 11.768-77): *forte sacer Cybelo Chloreus olimque sacerdos / insignis longe Phrygiis fulgebat in armis / spumantemque agitabat equum, quem pellis aenis / in plumam squamis auro conserta tegebat. / ipse peregrina ferrugine clarus et ostro / spicula torquebat Lycio Gortynia cornu; / aureus ex umeris erat arcus et aurea uati / cassida; tum croceam chlamydemque sinusque crepantis / carbaseos fuluo in nodum collegerat auro / pictus acu tunicas et barbara tegmina crurum* ("De armas vistosas, Cloreu, sacerdote de Cíbele um tempo, / e ora a ela mesma sagrado, com sua vistosa armadura / longe aparece num belo corcel com jaez reluzente, / de bronze e de ouro entremeado, no jeito da bela plumagem. / Mas ele próprio brilhava com púrpura vinda de fora. / Setas gortíneas dispara de um arco provindo da Lícia, / de ouro, que no ombro trazia; também de ouro é o elmo brilhante, / e mais o briche esquisito que a clâmide no alto segura / de linho claro, com dobras sonantes ao longe, por tudo. / Belos bordados a túnica enfeitam e as grevas da Frígia" – trad. Carlos Alberto Nunes); e Euneu, um sacerdote de Baco, na própria *Tebaida* (7.649-61): *quis tibi Baccheos, Eunaee, relinquere cultus, / quis lucos, uetitus quibus emansisse sacerdos, / suasit et assuetum Bromio mutare furorem? / quem terrere queas? clipei penetrabile*

*textum / pallentes hederae Nysaeaque serta coronant, / candida pampineo subnectitur instita pilo, / crine latent umeri, crescunt lanugine malae, / et rubet imbellis Tyrio subtemine thorax, / bracchiaque in manicis et pictae uincula plantae / carbaseique sinus, et fibula rasilis auro / Taenariam fulua mordebat iaspide pallam, / quam super a tergo uelox gorytos et arcus / pendentesque sonant aurata lynce pharetrae* ("Quem, Euneu, a deixares os cultos de Baco / e os lucos, de onde é obstado ao ministro sair, / te induziu, e a mudar, afeita a Brômio, a insânia? / Quem aterras? Do clípeo a penetrável trama / palentes heras e festões de Nisa formam; / cândido, prende-se ao pampíneo pilo um folho, / cobre os ombros a crina, à face surgem pelos, / com a Tíria trama o imbele peitoral vermelha, / braços em mangas e sandálias com correntes, / roupas de linho, um broche reluzente de ouro / com fulva jaspe à Tênare mantilha morde: / sobre ela, às costas, o arco veloz e um carcás; / pendentes, soam áureas fáretras de lince").

**265. AVANTE:** à frente das **tropas Parrásias** (4.246). **ACESO DE OURO, ACESO DE OSTRO:** o trecho lembra a descrição que Tideu faz de Etéocles no canto segundo (cf. 2.406-7n).

**266. IBÉRIOS NÓS:** de acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), são duas as regiões, na antiguidade, referidas pelo nome Ibéria: aquela a que atualmente chamamos Espanha e uma outra, próxima ao Ponto Euxino e à Cólquida. Bailey entende o trecho como uma referência a um cinto ou à couraça de Partenopeu, forjados em metal extraído na Espanha. Parkes (*ad loc.*), por sua vez, desacredita Bailey e defende o trecho como uma referência à cor dos cordões que prendem a túnica de Partenopeu na altura da cintura – donde dizer, então, **vincando seu ventre ondejante** (*infra*). Para a autora, **Ibérios** indica o corante púrpura que tinge-lhe os cordões, como o fazem Catulo (64.226-7): *nostros ut luctus nostraeque incendia mentis / carbasus obscurata decet ferrugine Hibera* ("para que o luto nosso e o fogo em nossa mente / o linho Ibério, escuro qual ferrugem, mostre"), e Virgílio (*A.* 9.581-2): *stabat in egregiis Arcentis filius armis / pictus acu chlamydem et ferrugine clarus Hibera* ("De Arcente o filho ali estava, munido de egrégio armamento, / clâmide rubra da Ibéria na cor e bordados de preço" – trad. Carlos Alberto Nunes) – alusão esta que, ainda de acordo com Parkes, ora preferida, reforçaria ainda mais as relações entre Partenopeu e os efebos virgilianos (cf. 4.265-74n). **VINCANDO SEU VENTRE ONDEJANTE:** hipálage: Estácio atribui ao ventre de Partenopeu uma característica de suas vestes: na altura dos cordões que atavam-lhe a toga à altura da cintura, o tecido dobra-se na forma de ondas.

**267-8. NO IMBELE PARMA ORNANDO AS CALIDÔNIAS GUERRAS / DA MÃE:** de acordo com Vessey (cf. 4.32-344n; 4.246-64n), esse é um dos pontos de equilíbrio entre Partenopeu e Polinices: en-

quanto no escudo do edipônida o triunfo do pai sobre a Esfinge era celebrado (cf. 4.87), ora é o triunfo da mãe na caçada ao javali calidônio (cf. 1.453n) – por isso diz **Calidônias guerras** – que estampa o escudo do jovem, dito **imbele** para que se marque, outra vez, a inexperiência e a imaturidade do herói.

**268-9. AO DORSO, CRESPO / DE PLUMAS:** (LACTÂNCIO) "Descreve as escamas da couraça, a qual outros chamam *cataphactam* [cota de linho recoberta de escamas ou lâminas de metal]. Como em Virgílio (*A.* 11.770-1): *quem pellis aenis / in plumam squamis auro conserta tegebat* ["com xairel de pele / de énea escama e áureas plumas recamado" – trad. Odorico Mendes]."

**269. FLECHAS CIDONES:** isto é, de Cidona, cidade de Creta – por causa da reputação dos cretenses no manejo do arco (cf. 3.587-8n; 4.258n).

**270. BRANCA COM O ELETRO:** com **eletro** pode referir-se tanto ao âmbar de cor amarelada, como a uma mistura palente de ouro e prata, que parece ser o caso aqui. A mesma substância aparece no escudo de Hércules, em Hesíodo (*Sc.* 142: *ἠλέκτρῳ θ' ὑπολαμπὲς ἔην χρυσῷ τε φαεινῷ* – "com eletro brilhava e com ouro luzente"), e nas grevas da armadura de Eneias, em Virgílio (*A.* 8.624: *tum leuis ocreas electro auroque recocto* – "então, as leves grevas, de eletro e ouro puro"). **DAS JADES DO EOO:** isto é, "com as jades do oriente". Essas gemas também são descritas adornando a espada de Eneias, em Virgílio (*A.* 4.261-2: *illi stellatus iaspide fulua / ensis erat* – "cuja espada o fulvo / jaspe estrelava" – trad. Odorico Mendes), e o broche que prende a roupa de Euneu, em Estácio (*Theb.* 7.658-9: *et fibula rasilis auro / Taenariam fulua mordebat iaspide pallam* – "um broche reluzente de ouro / com fulva jaspe à Tênare mantilha morde").

**271-3. EM CORNÍPEDE AFEITO ... ONUSTO CAVALGAVA ALTIVO:** (PARKES) "Uma descrição do cavalo de Partenopeu, inspirada, talvez, pelas alusões de Virgílio à armada montada dos arcádios (*A.* 10.364: *Arcados insuetos acies inferre pedestris* ["os Árcades, desacostumados à infantaria, faziam guerra"]). A proximidade entre o animal e o mestre, aqui sugerida pelo espanto do cavalo com o peso maior de Partenopeu (4.272-3), pode ter algo a ver com o relacionamento entre Palante [...] e seu cavalo, que lamenta a morte do dono em Virgílio (*A.* 11.89-90 [*post bellator equus positis insignibus Aethon / it lacrimans guttisque umectat grandibus ora* – "E atrás, desjaezado, úmidas gotas / Éton, fero corcel, dos olhos verte", trad. Odorico Mendes]) [...] Estácio usa o cavalo para refletir sobre o seu dono. A fineza de Partenopeu está espelhada na pele de lince em que sua montaria está ajaezada (4.272). A velocidade de ambos é remarcável: o cavalo, como o seu mestre (cf. 6.566-8), pode ultrapassar os **cervos trépidos** (4.271). Além disso, como o seu dono, o cavalo somente possuía experiência em caçadas (4.271; cf. 9.683-5, em

que o *uenator ... equis* ["o cavalo caçador"], que é *nescius armorum* ["néscio nas armas"], traz Partenopeu para a batalha). Como se verá adiante, é o fado de ambos ser vencido na guerra. O cavalo de Partenopeu é amputado (9.873-4 [*subit altera cuspis / cornipedisque fugam succiso poplite sistit* – "se assoma outra lança, / e a fuga do corcel, cortado o joelho, impede"]) e, enquanto ele morre, Partenopeu verte lágrimas por seu "jazente ... cavalo" (9.878-9: *iacentem / ... equum*), embora o sonho de Atalanta sugira que o "alípede famoso" (9.580: *alipedem notum*) retornará da guerra."

**272-3. ADMIRADO / COM AS ARMAS DO AMO ONUSTO:** o cavalo de Partenopeu percebe a diferença no peso de seu mestre (*grauioris*, em latim – "mais pesado"), causada pela armas de guerra que ora trazia, maiores e mais pesadas do que as utilizadas nas caçadas – a atividade à qual ambos estavam acostumados (cf. 4.271).

**273-4. CAVALGAVA ALTIVO, / EM VERDE E TENRA IDADE O RUBRO ROSTO EXPONDO:** o narrador passa do cavalo a Partenopeu no mesmo período sintático, indicando aqui a contiguidade entre cavalo e cavaleiro que Parkes sugere no passo (cf. 4.271-3n). O **rubro rosto**, que pode indicar certo esforço em manter-se equilibrado sobre o cavalo carregando armas mais pesadas do que as que carregava em suas caçadas (cf. 4.272-3n), também serve para remarcar-lhe a face imberbe, denunciando-lhe novamente a juventude.

**275-308. VELHOS, PRÉVIOS À LUA ... POR LÁ TRAMANDO PRÉLIOS:** Estácio detém-se sobre as tropas que marcham sob o comando de Partenopeu. Mais do que a enumeração das cidades que enviaram seus homens (4.284-98) e das armas que levavam consigo (4.299-304), o passo também possui duas digressões (uma espécie de antecipação formal do trecho seguinte (cf. 4.309-344 e comentários *ad loc.*, em que Atalanta descobre as intenções de seu filho e tenta convencê-lo a desistir de participar da incursão contra Tebas): na primeira (4.275-84), o narrador fala sobre a origem dos povos da Arcádia; na segunda (4.305-8), que fecha o passo, apresenta os motivos pelos quais Micenas não enviou homens para acompanhar os vizinhos argivos. Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para o grande contraste entre Partenopeu, descrito na riqueza de suas vestes e de suas armas, bem como nos seus traços infantis e afeminados (cf. 4. 246-64n; 4.251n; 4.265-74n; 4.273-4n), e a dureza dos antepassados dos árcades, povo que agora marcha sob o seu comando.

**275-84. VELHOS, PRÉVIOS À LUA ... PERDERAM A ESPERANÇA:** a genealogia dos árcades envolve três personagens importantes: Pelasgo, o pai; Licáon, o filho; e Árcade, o bisneto. Segundo Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 2.1.1), que atribui a afirmação a Hesíodo, Pelasgo seria o ances-

tral autóctone dos árcades. De acordo com Ásio (*Asius*, fr. 8), ele nasceu da própria terra, como uma árvore, dando origem à raça dos mortais: *ἀντίθεον δὲ Πελασγὸν ἐν ὑψικόμοισιν ὄρεσσι / γαῖα μέλαιν' ἀνέδωκεν, ἵνα θνητῶν γένος εἴη* ("mas Pelasgo, igual aos deuses, em frondosa rigidez / a terra negra produzira, para que a raça dos mortais produzisse"). Embora existam outras versões para o seu nascimento (cf. *Apollod.* 2.1.1; Hyg. *Fab*. 145; Grimal *ad loc.*), por atribuir a origem dos árcades às árvores – **de hirtas árvores de bosques / brotados** (4.276-7) –, bem como por considerar-lhes os primeiros a pisarem sobre a terra – donde diz que ela sentiu **os primos passos, / pasma** –, é esta à que Estácio se refere no passo. Licáon, filho de Pelasgo, o sucedeu no comando sobre o Peloponeso, e este foi, por fim, sucedido por Árcade (também chamado Arcas), filho de Zeus e de Calisto, filha de Licáon. Durante o reinado de Árcade, os pelasgos passaram a se chamar, então, árcades.

**275. Velhos, prévios à lua e aos astros, a ele Árcades:** Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para a posição do pronome referente a Partenopeu (**ele**) no verso (em latim, *Arcades huic ueteres astris lunaque priores*): entre os **Velhos ... Árcades** (*Arcades ... ueteres*), a figura juvenil do herói fica como que comprimida pela antiguidade de sua raça (cf. 4.275-84n). **Velhos:** Estrabão (*Str.* 8.8.1) também alega que os árcades são o mais antigo povo grego. **prévios à lua e aos astros:** Ovídio também aponta a anterioridade do nascimento dos árcades em relação ao surgimento da lua (*Fast.* 2.289-90): *ante Iouem genitum terras habuisse feruntur / Arcades, et luna gens prior illa fuit* ("dizem que a Arcádia antes de Jove já existia / e já havia seu povo antes da lua" – trad. Márcio Meireles).

**278. sem agros, inda, e casas e urbes:** a descrição remonta à Idade de Bronze (cf. 3.560n). São diversas as referências à vida dos homens nessa Idade, e algumas delas ressaltam exatamente os três pontos aqui elencados pelo poeta. Sobre a ignorância no cultivo da terra – **sem agros** –, lembram Lucrécio (5.933-6): *nec robustus erat curui moderator aratri / quisquam, nec scibat ferro molirier arua / nec noua defodere in terram uirgulta neque altis / arboribus ueteres decidere falcibus ramos* ("nem robusto era o mestre do encurvado arado, / nem com ferro sabia os campos trabalhar, / nem brotos enterrar, novos, na terra, ou de altas / árvores aparar, com foice, os velhos galhos"); e Virgílio (*G.* 1.115-8): *ante Iouem nulli subigebant arua coloni: / ne signare quidem aut partiri limite campum / fas erat; in medium quaerebant, ipsaque tellus / omnia liberius nullo poscente ferebat* ("antes de Jove, nenhum colono domava os agros: / nem que alguém marcasse ou repartisse o campo / era fás; no meio buscavam, e a própria terra, / mais livre, tudo, sem ninguém pedir, fornecia"); também na *Eneida* (*A.* 8.316-8): *quis neque mos ne-*

*que cultus erat, nec iungere tauros / aut componere opes norant aut parcere parto, / sed rami atque asper uictu uenatus alebat* (“touros jungir ignoravam, carentes de leis e costumes, / nem o adquirido sabiam gastar, nem guardar o poupado. / Alimentavam-se apenas de frutos silvestres e caças” – trad. Carlos Alberto Nunes);

Sobre a não existência de **casas**, Lucrécio (5.955-7): *sed nemora atque cauos montis siluasque colebant / et frutices inter condebant squalida membra / uerbera uentorum uitare imbrisque coacti* (“mas em bosques, cavernas e selvas moravam / e entre folhas guardavam seus membros esquálidos, / forçados a evitar, do vento, o açoite e as chuvas”); e Ovídio (*Met.* 1.121-2): *tum primum subiere domos; domus antra fuerunt / et densi frutices et uinctae cortice uirgae* (“então surgiram casas. Casas eram grutas, / galhos presos em córtice e arbustos densos” – trad. Raimundo Carvalho). Por fim, sobre a ausência das **urbes**, novamente Lucrécio (5.1108-9): *condere coeperunt urbis arcemque locare / praesidium reges ipsi sibi perfugiumque* (“puseram-se a erguer urbes e edificar torres / os reis, por si, p’ra guarda sua e p’ra o refúgio”).

**279. SEM REGRAS PRA SE UNIR:** em latim, *conubiisue modus*. (PARKES) “Em latim, *conubium* pode ser usado para ‘casamento’ ou, de forma menos precisa, para as relações sexuais – *e.g.* Lucrécio (3.776 – sobre o coito entre animais [*denique conubia ad Veneris partusque ferarum* – “por fim, as uniões p’ra Vênus e os partos das feras”]) e Estácio (*Theb.* 7.298-300 [*crudumque maritis / ignibus ante diem cupido uiolauit amore / improba conubii* – “[ao jovem,] cru nos nupciais / fogos, com amor voraz violou antes do dia”]) [...] o primeiro sentido é, provavelmente, o que ora se deve entender. A maioria dos editores lê *conubiisue modus* com a maioria dos manuscritos [...] Entretanto, isto quer seguramente dizer que os árcades não tinham limites para as relações [...] Enquanto se acreditava que os primeiros homens eram promíscuos (veja *Lucr.* 5.962-5 [*et Venus in siluis iungebat corpora amantum; / conciliabat enim uel mutua quamque cupido / uel uiolenta uiri uis atque inpensa libido / uel pretium, glandes atque arbita uel pira lecta* – “e Vênus, nas selvas, unia os corpos dos amantes; / conciliava, pois, ou por desejo mútuo, / ou pela violenta força dos homens e pela excessiva libido, / ou pelo preço de algumas bolotas, morangos ou peras selecionadas”]), esta ideia não combina com o discurso sobre os métodos árcades de procriação por meio de árvores. O *conubiiue modus* de Mueller parece preferível, como *modus* significando ‘estado’, ‘forma’ ou ‘costume’ (com o genitivo [*conubii*]); certos sentidos de limites envolvidos no casamento podem ser tardios. Ao reforçar que o casamento ou os relacionamentos são estranhos para os árcades porque sua reprodução é feita por árvores, Estácio pode estar respondendo a Lucrécio, que documentou tanto a promiscuidade

primitiva dos primeiros homens (*Lucr.* 5.962-5 [*supra*]), como o movimento em direção a um *conubium* monogâmico ([...] *Lucr.* 5.1011-2 [...] [*inde casas postquam ac pellis ignemque pararunt / et mulier coniuncta uiro concessit in unum* – "então, depois que obtiveram casas, peles e fogo, / e a mulher concedeu a um só homem se unir"]). O próprio Lucrécio pode estar respondendo às ideias fantasiosas sobre o antigo nascimento dos árcades de árvores em sua teoria de acordo com a qual os jovens nasceram do interior da terra (*Lucr.* 5.807-15 [...] [*hoc ubi quaeque loci regio opportuna dabatur, / crescebant uteri terram radicibus apti; / quos ubi tempore maturo pate fecerat aetas / infantum, fugiens umorem aurasque petessens, / conuertebat ibi natura foramina terrae / et sucum uenis cogebat fundere apertis / consimilem lactis, sicut nunc femina quaeque / cum peperit, dulci repletur lacte, quod omnis / impetus in mammas conuertitur ille alimenti* – "quando uma região qualquer do lugar se mostrava oportuna, / cresciam os ventres, à terra presos pelas raízes; / aos quais – quando, no momento da maturação, fazia o tempo que se abrissem / à infância, da umidade fugindo e aos ares buscando – / revolvia, ali, a natureza as ranhuras da terra, / e um suco forçava a jorrar de veios abertos, / símile ao leite, assim como, agora, uma mulher / que tenha parido, repleta de doce leite porque todo / aquele impulso alimentício converteu-se às mamas"])."

**279-80. GERARAM, ROBLE E LOURO, / FIRMES FILHOS:** sobre o roble como a origem de antepassados, cf. 3.560n. Plutarco (*Mor.* 286a) também sugere uma ligação entre os árcades e o roble: *Ἀρκάδων* [...] *οἷς ἔστι τις συγγένεια πρὸς τὴν δρῦν; πρῶτοι γὰ ρ ἀνθρώπων γεγονέναι δοκοῦσιν ἐκ γῆς, ὥσπερ ἡ δρῦς τῶν φυτῶν* ("... dos Árcades [...], que têm um parentesco com o carvalho? Pois, acredita-se, foi o primeiro homem nascido da terra, assim como o carvalho foi a primeira planta"). Para Parkes (*ad loc.*), porém, a referência aos loureiros (**louro**) é invenção de Estácio, que pode tê-la feito levando em conta Dafne, a filha do deus-rio Ládon, da Arcádia, que foi amada e perseguida por Apolo até ser transformada em um loureiro (em grego, *δάφνη – dáfnē*) – para isso, porém, seria necessário desconsiderar a cronologia dos fatos.

**281. O FREIXO:** o freixo já figura em Hesíodo como uma das árvores das quais nasceram os homens da Idade de Bronze (*Op.* 143-5): *Ζεὺς δὲ πατὴρ τρίτον ἄλλο γένος μερόπων ἀνθρώπων / χάλκειον ποίησ', οὐκ ἀργυρέῳ οὐδὲν ὁμοῖον, / ἐκ μελιᾶν, δεινόν τε καὶ ὄβριμον* ("E Zeus pai uma outra raça de humanos de fala articulada, a terceira, / de bronze fez, em nada igual à de prata, / mas nascida de freixos, terrível e vigorosa" – trad. Alessandro R. de Moura).

**282-4. PASMOS, DIZEM, COM A VOLTA ... PERDERAM A ESPERANÇA:** Estácio refere-se aqui ao comportamento dos homens primitivos diante do suceder dos dias e das noites: assustados com o

desaparecimento da luz, perdiam a esperança de que ela voltasse a brilhar (cf. 4.283-4n). Porque eram anteriores à lua e às estrelas (cf. 3.275), sua noite era de completo breu, donde diz, então, **a caligem / da noite**. Como destaca Parkes (*ad loc.*), contudo, Lucrécio já refutara essa teoria sobre os homens primitivos (*Lucr.* 5.973-81): *nec plangore diem magno solemque per agros / quaerebant pauidi palantes noctis in umbris, / sed taciti respectabant somnoque sepulti, / dum rosea face sol inferret lumina caelo* ("nem, com magno plangor, o dia e o sol pelos campos / buscavam, pávidos, dispersos pelas sombras da noite, / mas tácitos aguardavam imersos no sono / até que, com rósea face, o sol trouxesse luz ao céu").

**283-4. DO DIA / PERDERAM A ESPERANÇA:** como aponta Mueller (*ad loc.*), a passagem se assemelha à de Lucano, quando os presságios funestos prenunciam a guerra civil (*Luc.* 1.542-3): *gentesque coegit / desperare diem* ("e às gentes fez / perder a esperança do dia").

**284-98. ENFRAQUECE O ALTO MÉNALO ... O ESTINFALO BRONZÍSSONO:** entre cidades e demais localidades (rios e montes), são vinte aquelas que Estácio lista sob o comando de Partenopeu: o **Ménalo**, o **bosque Partênio**, **Rifeus**, **Estrácia**, **Enispe**, **Cilene**, **Álea**, **Clitor**, **Ládon**, **Lampia**, **Féneo**, **Azânia**, **Parrásia**, **Nonácris**, **Orcômeno**, **Cinosura**, **Epito**, **Psófis**, **Erimanto** e **Estinfalo**. (PARKES) "O foco retorna para os árcades, que estão agrupados para a guerra. Em 4.310-1, Atalanta ouve que o filho está conduzindo a **Arcádia / toda**. Aqui, um número de lugares de diferentes partes da Arcádia é especificado. As diferenças entre os árcades dos últimos dias e seus primitivos ancestrais tornam-se imediatamente claras [...]: casas e cidades foram estabelecidas, e a agricultura introduzida. Entretanto, elas foram abandonadas, mostrando o efeito destrutivo da expedição. Lugares caracterizados pelo seu ambiente pastoral (4.285; 4.288; 4.294-5), referências a locais de histórias amorosas (4.289-90; 4.293-4), conexões divinas (4.288) e locais de devoção (4.287) estão desertos por causa de uma guerra no estrangeiro."

Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança entre o passo e um trecho do catálogo de Homero (*Il.* 2.603-8): *Οἳ δ' ἔχον Ἀρκαδίην ὑπὸ Κυλλήνης ὄρος αἰπὺ / Αἰπύτιον παρὰ τύμβον ἵν' ἀνέρες ἀγχιμαχηταί, / οἳ Φενεόν τ' ἐνέμοντο καὶ Ὀρχομενὸν πολύμηλον / Ῥίπην τε Στρατίην τε καὶ ἠνεμόεσσαν Ἐνίσπην / καὶ Τεγέην εἶχον καὶ Μαντινέην ἐρατεινὴν / Στύμφηλόν τ' εἶχον καὶ Παρρασίην ἐνέμοντο* ("Os que habitavam a Arcádia debaixo da escarpada montanha / de Cilene, junto ao túmulo de Épito, onde os homens combatem / encostados; senhores de Feneu e Orcômeno de muitos rebanhos; / de Ripa e de Estrácia e da ventosa Enispa; / eles que detinham Tegeia e a agradável Mantineia, / senhores de Estínfalo que habitavam a Parrásia" – trad. Frederico Lourenço).

**284. ESCASSEIA O ALTO MÉNALO:** monte da Arcádia. Em Lucano, os árcades também deixam o Ménalo em direção à guerra (*Luc*. 3.177-8): *Maenala liquit Arcas* ("deixa o Ménalo / o Árcade").

**285. BOSQUE PARTÊNIO:** um bosque na Arcádia, na divisa com a Argólida.Higino (*Fab.* 70) indica o monte Partênio, localizado dentro do bosque homônimo, como o local de origem de Partenopeu – provavelmente influenciado pela semelhança entre ambos os nomes: *Parthenium* (Partênio) e *Parthenopaeus* (Partenopeu).

**286. RIFEUS E ESTRÁCIA MANDAM, E A VENTOSA ESNIPE:** cidades da Arcádia, de localização desconhecida (*Str.* 8.8.2; *Paus.* 8.25.12). O verso de Estácio (*Rhipeque et Stratie uentosaque donat Enispe*) é uma tradução quase palavra-a-palavra de Homero (*Il.* 2.606): *Ῥίπην τε Στρατίην τε καὶ ἠνεμόεσσαν Ἐνίσπην* ("Rifeus, e Estrácia e também a ventosa Enispe").

**287. NEM TÉGEA FOLGA:** cidade no sudoeste da Arcádia.

**287-8. DEVOTA AO DEUS ALADO, / CILENE:** Cilene é uma cidade do norte da Arcádia, onde nasceu Mercúrio – o **deus alado** (cf. 1.293n).

**288. NEM FRONDOSO O TEMPLO DA ÁLEA ATENA:** (PARKES) "Não é claro que área é indicada por essa frase. O lugar mais importante para o culto de Atena Álea fica em Tégea (*Paus.* 8.45.4-7), mas essa hipótese parece ser excluída por sua menção em 4.287. Estácio pode estar se referindo a outros locais de culto da Arcádia, como Mantineia (*Paus.* 8.9.6) ou Álea, cidade próxima ao Estinfalo (*Paus.* 8.23.1; Plin. *Nat.* 4.20) [...] A descrição do templo como **frondoso** [...] contribui para o sentido de um idílio pacífico sob ameaça."

**289. CLÍTOR LESTO:** refere-se ao rio – donde dizê-lo **lesto** – que corre próximo a uma cidade sua homônima – também na região do Ládon (*infra*). **PÍTIO:** refere-se a Apolo. O epíteto foi-lhe dado por causa da Píton, serpente que matou em Delfos para instalar ali o seu mais famoso oráculo – cf. 1562-3n. **LÁDON:** rio da Arcádia, apontado, assim como o rio Pneu, da Tessália, como o pai de Dáfne (cf. 1.554-5n; 4.279-80n) – por isso diz **quase sogro** (4.290).

**290. LAMPIA, DE AUGES NÍVEOS BRANCA:** parte da cadeia de montanhas do Erimanto (cf. 4.298n). Diz **branca** por causa dos seus cimos nevados (**auges níveos**).

**291. FÉNEO – CRÊ-SE, AO NEGRO DITE ENVIA O ESTIGE:** dos auges níveos de Lampia (cf. 4.290n), Estácio passa para as águas do **Estige** (cf. 1.290-1n), enviadas ao **negro Dite** – aos infernos, portanto. **Féneo** é uma cidade ao norte da Arcádia.

**292. AZÂNIA, EMULANDO DO IDEU OS AULIDOS:** (LACTÂNCIO) "*emulando* o Ideu porque, nesse monte,

tanto Júpiter como também a Mãe dos deuses são adorados conforme o rito do Ida." (PARKES) "Estácio usa o nome *Azan* ["Ázan"], filho de Árcade e epônimo da tribo dos Azanianos (*Paus.* 8.4.2-3), para **Azânia**, um distrito ao no norte da região da Arcádia. É improvável que essa linha se refira ao culto de Cibele ocorrendo na Azânia como no monte Frígio Ida (*e.g.* Lactâncio e Bailey), pois embora o Ida fosse um famoso local de adoração a Cibele, e *ululatus* ["uivo"] uma palavra comum para os gritos ritualísticos [...], parece não haver outro sinal de culto à deusa nessa região. Em vez disso [...] a alusão parece ser à entrega secreta e à educação de Júpiter (o irmão do deus Dite mencionado no verso anterior). Uma versão da lenda afirma que esse fato ocorreu na Arcádia [...] A rivalidade de Azânia quanto aos gemidos do Ida referir-se-ia, assim, à sua reivindicação pela honra do nascimento de Júpiter [...] *ululatibus* [**os aulidos**] talvez denote as dores do parto de Reia [...], ou o choro do infante [...]."

**293. HOMENS PARRÁSIOS:** de Parrásia (cf. 4.246n).

**293-4. DO QUE RISTES, Ó AMORES, / GRATO AO TONANTE ARQUEIRO, O NONÁCRIS RURAL:** Nonácris é o nome de um monte e de uma cidade da Arcádia, onde se diz ter-se dado a sedução de Calisto, filha de Licáon, por Júpiter, uma união da qual nasceu Árcade (cf. 4.275-84n) – Ovídio a chama "virgem Nonácria" (*Met.* 2.409: *uirgine Nonacrina*). De acordo com Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.8.2), Calisto era devota de Ártemis, motivo pelo qual conservava sua virgindade cultivando a arte da caça junto de suas companheiras. Para conseguir seu objetivo, então, Júpiter teria assumido a forma de Apolo, a cuja beleza a jovem não teria resistido, ou a da própria Ártemis, fazendo assim com que Calisto não fugisse. Seja uma ou outra a forma assumida pelo deus, o arco é o símbolo tanto de Apolo como de Ártemis, donde Estácio dizê-lo **Tonante arqueiro**. Ainda de acordo com o mito, Calisto teria sido transformada em um urso: ou por Jove, para que assim ficasse protegida da ira de Juno; ou por Ártemis, seja por influência de Juno após ter descoberto a traição de seu marido, seja por vingança da própria deusa, irritada pela falta (contra a castidade) de sua devota. **DO QUE RISTES, Ó AMORES:** Parkes (*ad loc.*) sugere que a reação dos Cupidos (os **Amores**) tenha-se dado ou por terem visto Júpiter tomado de desejo por Calisto, ou por terem-no visto metamorfoseado em Ártemis. **RURAL:** o adjetivo reforça a ambientação idílica do passo.

**295. RICAS, EM FERAS CINOSURA E, EM BOIS, ORCÔMENO: Orcômeno** é uma montanha situada na porção leste da Arcádia. Pausânias (*Paus.* 8.13.1-3) situa, na região da montanha, um templo dedicado a Ártemis, o que reforça a presença da deusa em todo o passo (cf. 4.246-344). O sintagma estaciano – **Orcômeno** [rica] **em bois** – foi tomado de Homero (*Il.* 2.605): *Ὀρχομενὸν*

*πολύμηλον* (*Orkhomenón polýmēlon* – "Orcômeno, de muitos rebanhos"). A localização de **Cinosura**, outra montanha, é incerta, e Lactâncio (*ad loc.*) a define como "um local da Arcádia". Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para o equilíbrio do verso em latim (*diues et Orchomenos pecorum et Cynosura ferarum*), em que ambas as localidades são introduzidas pela mesma conjunção (*et* – "e") e seguidas por uma construção genitiva dependente do *diues* (**ricas**) que abre o verso – *pecorum* (**em bois**) e *ferarum* (**em feras**).

**296. Epito:** *Aepytios*, em latim. Não há evidências sobre uma cidade com esse nome na região. Refere-se o poeta, então, provavelmente, ao local descrito por Homero em seu catálogo (*Il.* 2.603-4): *οἳ δ' ἔχον Ἀρκαδίην ὑπὸ Κυλλήνης ὄρος αἰπὺ / Αἰπύτιον παρὰ τύμβον* ("os que habitavam a Arcádia debaixo da escarpada montanha / de Cilene, junto ao túmulo de Épito" – trad. Frederico Lourenço). **Psófis:** cidade fundada por um Psófis, filho de Licáon, ou de Nictimo. Pode ser, ainda, uma filha do deus-rio Xanto, ou de Érix, rei dos Sícanos. Nesse caso, Psófis teria sido desposada por Hércules na Sicília e entregue a um Licortas na Fegeia, cidade da Arcádia. Em homenagem à mãe, seus dois filhos com Hércules teriam fundado a cidade sua homônima. Ora, esta última parece fazer mais sentido, uma vez que os versos seguintes evocam Hércules (cf. 4.297-8n).

**297. os montes ditos de Hercúlea virtude: / Erimanto monstruoso e Estinfalo bronzíssono:** Erimanto é um monte da Arcádia, e também um de seus rios, assim como o Estinfalo. Os dois foram palco de dois dos doze trabalhos de Hércules – por isso **ditos de Hercúlea virtude**: a caçada ao javali do Erimanto, que assolava a região e deveria ser levado vivo para Euristeu em Micenas; e a dos pássaros do Estinfalo, que, devido ao seu grande número, assolavam as plantações da região. Por causa do javali, diz que o Erimanto era **monstruoso**; por causa da técnica empregada para caçar os pássaros do Estinfalo, o poeta o chama **bronzíssono** – a saber, para que as aves deixassem a mata fechada onde se escondiam e, então, pudessem ser mortas por suas flechas, Hércules fez soar umas castanholas de bronze, feitas por Hefesto, as quais o herói ganhara de Atena. Sobre os trabalhos, cf. *Apollod.* 2.5.4; 2.5.6; Hyg. *Fab.* 20; 30; e *Paus.* 8.22.4; 8.24.5.

**299-304. Una estirpe de heróis ... ricto de urso Licaônide:** apresenta o armamento e a vestimenta dos árcades. Longe, porém, da beleza e da nobreza das armas de seu líder (cf. 4.265-74 e comentários *ad loc.*), as armas e aparatos rústicos dos soldados são mais um representante de sua origem: murtas curvadas (4.300), troncos (4.301), arcos, dardos e varas (4.302). Enquanto alguns vestem elmos crinados (4.302), outros trazem, na cabeça, gorros (4.303) e ma-

xilas de ursos (4.304).

**299-300: Una estirpe de heróis, eis os Árcades, díssonos / nas armas:** embora sejam unos em sua origem, descendendo de um mesmo ancestral (cf. 4.275-84n), suas armas e os aparatos de guerra são dissemelhantes (cf. 4.299-304 e comentários *ad loc.*).

**300. murtas Páfias:** a murta, ou mirto, é um arbusto cujo tronco era utilizado na confecção de lanças. A planta era consagrada a Vênus, cujo culto em Pafos, no Chipre, era famoso – sobre o vínculo entre a deusa e a planta, cf. por exemplo Ovídio (*Fast.* 4.15-6): *mota Cytheriaca leuiter mea tempora myrto / contigit et 'coeptum perfice' dixit 'opus'* ("Moveu-se a Citereia e, de leva, a minha têmpora com a murta / tocou e disse: 'completa a obra começada'"). **na raiz uns curvam:** ou seja: dobram-na, à altura das raízes, para arrancá-la do solo.

**301. pastorais troncos:** refere-se aos cajados com que os pastores costumam conduzir seus rebanhos – segundo Lactâncio (*ad loc.*), são as mesmas armas às quais Homero se refere como *ῥόπαλον* (*rhópalon* – "bordão, clava"), utilizando tanto para bater (*Il.* 11.559-61: *ὡς δ' ὅτ' ὄνος παρ' ἄρουραν ἰὼν ἐβιήσατο παῖδας / νωθής, ᾧ δὴ πολλὰ περὶ ῥόπαλ' ἀμφὶς ἐάγῃ, / κείρει τ' εἰσελθὼν βαθὺ λήϊον· οἱ δέ τε παῖδες / τύπτουσιν ῥοπάλοισι·* – "num campo / arado, um asno, quando, a pastar desgarrado, / entra, pouco lhe importa a chusma de meninos / a fustigar-lhe o dorso com bastões; teimoso, / vai fustigando a messe, indiferente aos golpes / infantis" , trad. Haroldo de Campos), como para apoiar-se ao caminhar (*Od.* 17.195-6): *δὸς δέ μοι, εἴ ποθί τοι ῥόπαλον τετμημένον ἐστί, / σκηρίπτεσθ', ἐπεὶ ἦ φατ' ἀρισφαλέ' ἔμμεναι οὐδόν* ("báculo, / se o já talhas, entrega-mo, pois que o sendeiro / é escorregadio, como me disseste, / e sou infirme" – trad. Trajano Vieira).

**303. o costume tem do Arcádio gorro:** refere-se a uma espécie de gorro feita com pele de animais utilizada pelos povos da Arcádia durante as batalhas.

**304. um ricto de urso Licaônide:** é dizer "uma mandíbula de um urso da Arcádia" – pois que a Arcádia, quando governada por Licáon (4.275-84n), chamava-se Licaônia –, de acordo com o costume de tropas primitivas. A referência a Licáon, porém, evoca a figura de Calisto, sua filha, transformada em urso após ter-se deitado com Júpiter (cf. 4.293-4n).

**305-8. A essa turma de guerra ... irmãos por lá tramando prélios:** (Parkes) "Estácio encerra a parte formal do seu catálogo com uma explicação sobre o porquê de Micenas, a despeito de sua proximidade, não ter enviado reforços ao exército. O poeta seguramente tem em mente a técnica de encerramento de Ovídio nas *Metamorfoses*, em que a alusão à ausência de simpa-

tia por parte de Atenas arredonda um catálogo de lugares (*Met.* 6.421-3): *solae cessastis Athenae. / obstitit officio bellum, subuectaque ponto / barbara Mopsopios terrebant agmina muros* ["somente tu, Atenas, não te manifestastes. A guerra impediu o cumprimento desse dever; tropas bárbaras, levadas pelo mar, assolavam as muralhas da Ática" – trad. David Jardim Júnior]. Entretanto, o encerramento é, em certo sentido, falso: o confronto entre Atalanta e o exército (4.309-44) atrasa o verdadeiro final da representação do conjunto. O contexto principal é a descrição em Homero da embaixada argiva para Micenas, procurando ajudá-la contra Tebas (*Il.* 4.376-81 [*ἐκ μέν τοι ἐρέω, ἤ τις σύ πέρ ἐσσι θεάων, / ὡς ἐγὼ οὔ τι ἑκὼν κατερύκομαι, ἀλλά νυ μέλλω / ἀθανάτους ἀλιτέσθαι, οἳ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν. / ἀλλὰ σύ πέρ μοι εἰπέ, θεοὶ δέ τε πάντα ἴσασιν, / ὅς τίς μ' ἀθανάτων πεδάᾳ καὶ ἔδησε κελεύθου, / νόστον θ', ὡς ἐπὶ πόντον ἐλεύσομαι ἰχθυόεντα* – "Uma vez veio até Micenas, mas não com intento belicoso, / como hóspede do divino Polinices, para juntar um exército. / Nesse tempo levavam a guerra contra as sagradas muralhas de Tebas, / e muito suplicavam eles para que lhes concedessem famosos aliados. / E os Micênios queriam atendê-los e assentiam quando pediam; / mas Zeus desviou as decisões, mostrando portentos desfavoráveis", trad. Frederico Lourenço]).

A mudança no detalhe está expressa: na *Ilíada*, os micenenses são avisados contra a aliança por portentos de Zeus (*Il.* 4.381), enquanto, na *Tebaida*, eles estão muito ocupados lutando suas próprias batalhas internas (contraste com Ovídio *Met.* 6.421-3, *supra*) para considerar o auxílio. Estácio é cuidadoso em apontar as semelhanças na situação (veja 4.308: dois outros irmãos presos no ódio e na vingança), e então ele situa a guerra contra Tebas no mesmo momento dos notórios eventos em Micenas [cf. 1.325n].

**305. A MARTE PEITOS PRONTOS:** isto é, "de espírito devotado à guerra".

**306. CONTÍGUA MICENAS:** Micenas é cidade vizinha de Argos, donde dizê-la, então, **contígua** – sobre as cidades, comumente confundidas na poesia, cf. 1.325n.

**307. CEIAS FATAIS:** referência ao evento em que Tântalo serviu aos deuses o seu próprio filho, Pélope, durante um banquete (cf. 1.246-7n), assim como o fez Atreu, neto de Tântalo e filho de Pélope, que matou três dos filhos de Tiestes, seu irmão, e a ele os serviu em um jantar (cf. 1.325n).

**307-8. DE UM CURSO EM MEADOS O REGRESSO / DO SOL:** "e o regresso do Sol, estando ele já no meio de seu percurso". Refere-se ao acordo entre Júpiter e Atreu, pelo qual o trono de Micenas pertenceria a este se, em algum momento do dia, o Sol retornasse ao nascente e lá se pusesse – cf. 1.325n.

**308. E OUTROS IRMÃOS POR LÁ TRAMANDO PRÉLIOS:** porque, em Micenas, outro par de irmãos disputava entre si o trono da cidade, assim como Etéocles e Polinices (cf. 1.325n).

**309-44. JÁ PREENCHERA OS OUVIDOS DE ... ENCARGA O CHEFE ADRASTO:** ora, Estácio acrescenta, como um apêndice ao catálogo, segundo Parkes (*ad loc.*), a reação de Atalanta à notícia da marcha de seu filho rumo a Tebas. Na estrutura quiasmática imaginada por Vessey para o catálogo (cf. 4.32-344n), Atalanta se contrapõe a Adrasto, o primeiro dos chefes apresentados, na medida em que ambos representam duas dimensões distintas dos "deveres paternais" (1972, p. 203): enquanto Adrasto se decide pela guerra em grande parte por causa dos apelos de sua filha (cf. 3.678-710 e comentários *ad loc.*), a esperança de Atalanta é dissuadir Partenopeu de sua decisão, evitando assim sua participação na incursão. Ainda de acordo com Vessey (1973, p. 202), o discurso de Atalanta para Partenopeu (4.317-40) pode ser classificado como uma "suasória apaixonada", e o fato de ela o ter recomendado ao chefe Adrasto (4.344) a aproxima de Evandro, em Virgílio, quando recomenda seu filho Palante a Eneias (*A.* 8.514-9): *hunc tibi praeterea, spes et solacia nostri, / Pallanta adiungam; sub te tolerare magistro / militiam et graue Martis opus, tua cernere facta / adsuescat, primis et te miretur ab annis. / Arcadas huic equites bis centum, robora pubis / lecta dabo, totidemque suo tibi nomine Pallas* ("confio-te a só prole, meu conforto, / minha esperança: a militar contigo / aprenda e a ter em pouco o Márcio peso; / novel, te observe e admire-te as façanhas, / dar-te-ei duzentos guapos cavaleiros / número igual te ofertará Palante" – trad. Odorico Mendes).

Ao incluir a reação de Atalanta, então, Estácio traz à tona, novamente, um tema importante em seu texto: as relações entre pais e filhos – especialmente, aqui, entre mãe e filho. No canto terceiro, logo após a chegada dos pais dos cinquenta emboscados tebanos ao campo de batalha, a narrativa detém-se sobre a busca de Ide pelos corpos de seus dois filhos (3.133-68), um trecho repleto de referências internas tanto à postura de Édipo antes e depois da morte de seus primogênitos, como à de Jocasta (cf. 3.133-68n), que também tenta dissuadir seus rebentos da guerra (*Theb.* 11.338-47): *me miseram! uinces? prius haec tamen arma necesse est / experiare domi: stabo ipso in limine portae / auspicium infelix scelerumque inmanis imago. / haec tibi canities, haec sunt calcanda, nefande, / ubera, perque uterum sonipes hic matris agendus. / parce: quid oppositam capulo parmaque repellis? / non ego te contra Stygiis feralia sanxi / uota deis, caeco nec Erinyas ore rogaui. / exaudi miseram: genetrix te, saeue, precatur, / non pater; adde moram sceleri et metire quod audes* ("Ai de mim! Vencerás? Terás, antes, que as armas / testar em casa: à frente da porta estarei, / o auspício infausto, o imenso símbolo dos crimes. / Tu terás que,

estas cãs e estes seios, nefasto!, / pisar, impondo ao ventre da mãe teu sonípede. / Calma! Por que, com ferro e o parma, a obstante afastas? / Eu, às Estígias deusas, não te dei com fúnebres / votos, nem com olhos cegos às Fúrias roguei. / Ouve a infausta: tua mãe, ó sevo, está pedindo, / não o pai; soma ao crime o atraso, e o que ouves, mede").

Tão importante quanto essas passagens, porém, o relato da chacina de filhos e maridos cometida pelas lêmnias, feito por Hipsípile no canto quinto do poema (cf. 5.48-498), pode apresentar uma relação mais estreita com a suasória de Atalanta, fazendo com que a cena seja mais do que mero apêndice, uma vez que passa a compor o quadro complexo das relações entre pais e filhos na *Tebaida*.

**311-2. OS PASSOS TREMERAM, CAÍRAM-LHE OS DARDOS / AO CHÃO:** como Andrômaca, em Homero, que estremece e derruba as ferramentas de seu tear ao ouvir, das muralhas de Troia, o grito daqueles que lamentavam a morte de Heitor, seu marido (*Il.* 22.447-8): *κωκυτοῦ δ' ἤκουσε καὶ οἰμωγῆς ἀπὸ πύργου· / τῆς δ' ἐλελίχθη γυῖα, χαμαὶ δέ οἱ ἔκπεσε κερκίς* ("mas Andrômaca ouviu os gritos e o pranto vindos da muralha: / estremeceu-lhe o corpo e a lançadeira caiu ao chão" – trad. Frederico Lourenço). Em Virgílio, a mãe de Euríalo é outra que deixa cair de suas mão a lançadeira ao saber da morte de seu nato (*A.* 9.475-6): *at subitus miserae calor ossa reliquit, / excussi manibus radii reuolutaque pensa* ("enfia e gela a triste; a lançadeira / das mãos lhe cai, e o fio que tramava" – trad. Odorico Mendes). Ao contrário de suas precedentes literárias, porém, Atalanta, uma caçadora, deixa que tombem ao chão suas armas.

**312-3. SELVAS CRUZOU MAIS ÁGIL DO QUE O VENTO, / SOBRE PEDRAS E RIOS OBSTANTES DE ANCHAS MARGENS:** Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para as semelhanças entre a descrição que Estácio faz da velocidade de Atalanta e as feitas por Ovídio quando da disputa entre Hipômenes e Atalanta – sobre a disputa, cf. 4.246n – (*Met.* 10.652-5): *cum carcere pronus uterque / emicat et summam celeri pede libat harenam: / posse putes illos sicco freta radere passu / et segetis canae stantes percurrere aristas* ("com os corpos inclinados para a frente, os dois transpõem a linha de saída e com passos leves afloram a superfície da areia. Dir-se-ia que seriam capazes de correr sobre o mar sem molharem os seus pés ou sobre as espigas de uma seara sem as curvarem" – David Jardim Júnior); e por Virgílio, descrevendo Camila (*A.* 7.808-11): *illa uel intactae segetis per summa uolaret / gramina nec teneras cursu laesisset aristas, / uel mare per medium fluctu suspensa tumenti / ferret iter celeris nec tingeret aequore plantas* ("pelo agro intacto, mais veloz que o vento, / a voar não lesara a tenra espiga; / suspensa o pego túmido correra, / sem que molhasse a desenvolta planta" – trad. Odorico Mendes).

**314-5. COMO ESTAVA: ESTIRADA A ROUPA E, À FACE, AS LOIRAS / MECHAS AO NOTO:** tamanha pressa, Atalanta deixa os **prados remotos** em que caçava (4.248-50) e sai em disparada para encontrar Partenopeu. Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para o cabelo da heroína no passo. Em Ovídio, durante a caçada ao javali calidônio, Atalanta trazia seus cabelos presos (*Met.* 8.319): *crinis erat simplex, nodum conlectus in unum* ("simples estava a crina, em um nó reunida"). Estácio, assim, poderia tê-la imaginado em um momento de descanso durante a caçada, o que é pouco provável dado a ênfase em sua atividade, ou então descabelada pela própria caçada, como ocorre com seu filho durante os jogos Nemeus (*Theb.* 6.611-2): *tunc liber nexu lateque in terga solutus / occursu Zephyri retro fugit* ("do elo então livre e, ao longo, pelas costas solto, / voa pra trás, de encontro ao Zéfiro"). **ESTIRADA A ROUPA:** esticada para trás por causa dos movimentos de Atalanta contra o vento, ao correr.

**315-6. ASSIM, ATROZ, FILHOS ROUBADOS, / PERSEGUE A TIGRE OS RASTROS DE CORCÉIS DO BANDO:** Atalanta, em busca de seu filho, é comparada a uma tigresa – sobre o uso de **tigre** como substantivo feminino, cf. 2.128n – correndo atrás de suas crias levadas por caçadores. A imagem não ressalta somente o desespero e a ferocidade da heroína em sua busca pelo filho, mas também a relação entre ambos, pois que Atalanta o trata como a tigresa trata seus filhotes. A relação de dependência, então, motivada pela pouca idade do herói, também está incutida no símile.

**317-44. QUANDO PAROU, LANÇADO ... ENCARGA O CHEFE ADRASTO:** a cena retoma aquela de Vênus diante do carro de Marte (3.262-91), quando a deusa tentou dissuadi-lo de cumprir as ordens de Júpiter contra os tebanos (cf. *esp.* 3.263-4). O elemento erótico, porém, bastante presente na cena entre os deuses, foi substituído por um elemento maternal. Contudo, como ocorreu com Vênus e como ocorrerá com Jocasta ao tentar impedir a batalha entre seus filhos (*Theb.* 11.338-47 *apud* 4.309-44n), as palavras de Atalanta não surtirão efeito: os eventos aos quais as personagens se opõem decorrem independentemente de suas ações. Estácio reutiliza ambas as cenas em sua *Achilleis*, quando Tétis tenta intervir diante de Netuno em favor de seu filho (*Ach.* 1.61-78) e, depois, tentando convencer o próprio Aquiles (*Ach.* 1.251-74).

**318. BRANCO ELE OLHOU AO CHÃO:** refere-se a Partenopeu e à sua reação diante da mãe. O pudor que lhe recobre de branco a face e faz com que seus olhos mirem o chão, e não a própria mãe, é mais um sinal de sua submissão a Atalanta. (BARTHIUS) "Essa frase, colocada entre parênteses [no texto em latim], exibe de maneira admirável a violência da mãe e o estupor e o pudor do filho. Ao mesmo tempo, essa *oração abrupta* mostra a disposição apressada de falar da mãe, e tardia no filho, como se ele tivesse sido flagrado em um crime imperdoável. É ad-

mirável, aí, a arte de Papínio."

**318-40. "DONDE FURIOSA ÂNSIA ... ROCHAS E ROBLES NASCIDOS!":** para Dominik (1994a, p. 318), a fala de Atalanta se configura como um discurso deliberativo, buscando persuadir Partenopeu especialmente pelo uso de perguntas retóricas (4.318-9; 4.320-1; 4.322; 4.325-6) com as quais questiona a capacidade física do jovem para a guerra – retrabalhando, assim, o assunto de sua imaturidade (cf. 4.246-64n; 4.251n; 4.267-8n). Para Vessey (1973, p. 202), como vimos (cf. 4.309-44n), ela pode ser considerada uma "suasória apaixonada" – *i.e.*, um monólogo que igualmente objetiva a persuasão, mas afetado pelas paixões daquele que declama. Parece mais interessante, contudo, a ideia apresentada por Hardie (1989, p. 11), de que a fala de Atalanta se configura como um *propemptikon* apaixonado (*schetliastic*). Diferentemente de um *propemptikon*, porém, um tipo de poema cujos assuntos se estabelecem com base na despedida a alguém (*e.g.*, Hor. *Carm.* 1.3; *Prop.* 3.12), o discurso da heroína sugere a passagem de Partenopeu para a maturidade, levada a cabo com o abandono de um mundo elegíaco/pastoral (cf. 4.254-9; 4.263; 4.271; 4.322-6; 4.329-30 e comentários *ad loc.*). Assim, seria possível estabelecer uma relação entre o passar do tempo para os árcades, que evoluíram de uma raça nascida de árvores até transformarem-se em homens prontos para a guerra (cf. 4.275-304), e Partenopeu, cujo rito de passagem para a vida madura se resume à sua decisão de participar da incursão contra Tebas ao lados dos argivos.

**318-9. DONDE FURIOSA ÂNSIA, / FILHO, EM TI:** a frase se parece com a da Sibila de Cumas, em Virgílio, endereçada a Palinuro (*A.* 6.373): *unde haec, o Palinure, tibi tam dira cupido?* ("donde, ó Palinuro, em ti, essa dira ânsia?").

**319. EM TEU TENRO PEITO O AUDAZ VIGOR?:** em latim, *teneroque unde improba pectore uirtus?* Como aponta Parkes (*ad loc.*), a escolha de Estácio por *uirtus* ("virtude, vigor") é bastante relevante: enquanto *tener* (**tenro**) sugere a imaturidade de Partenopeu, a *uirtus* está propriamente relacionada ao *uir*, ao homem. Com *improba* ("ímprobo"), então, provavelmente o poeta se refira ao atrevimento da aspiração de Partenopeu à maioridade – a tornar-se *uir* –, donde ora o termo ser traduzido por **audaz**.

**322-6. HÁ POUCO TE VI, PÁLIDA ... ORA, A GUERRA?:** na tentativa de convencer seu filho, Atalanta relembra um evento recente em que a pouca força do filho poderia ter-lhe custado a vida caso ela não o ajudasse (4.324-5). O episódio parece ser aludido por Diana durante o canto nono (*Theb.* 9.719-21): *perque antra ferarum / uix tutae sine matre uiae, siluestria cuius / nondum tela procax arcumque implere ualebas* ("e pelo antro das feras / do caminho dificilmente seguro

sem a mãe, de quem as selvagens / flechas e o arco ainda não tinhas força pra envergar").

**323-4. QUANDO ACERCA PREMIAS LANÇA ... JOELHO, QUASE ARRIANDO:** a pouca força que Atalanta crê no filho é evidenciada por essa cena: ao encontrá-lo, deparou-se com Partenopeu **curvado** sobre os seus **frouxos joelhos** – *i.e.*, "vacilantes" –, a ponto de cair (**quase arruindo**) diante do javali (o **tenaz porco**) que tentava matar – **acerca** dá a ideia de que o esforço necessário para que o jovem matasse sua caça era tamanho que a proximidade com a vítima era a melhor forma de empreendê-lo.

**325-6. SE FLECHAS COM O ARCO CURVO NÃO LANÇASSE, ONDE, / ORA, A GUERRA?:** "se eu não interviesse com minhas flechas, onde pensas que faria guerra agora?".

**326-8. OS MEUS DARDOS NÃO ... O CORCEL EM QUE CRÊS:** interessante perceber que Atalanta inclui, no conjunto das armas de Partenopeu, suas próprias flechas: **meus dardos não te auxiliarão**. O aviso da heroína, dotado de um tom algo minaz, também relembra que o jovem ainda depende da mãe para vencer suas batalhas, como o exemplo em 4.322-6 demonstrou. Outro aspecto importante do passo é a qualificação do **arco** por sua aparência (**polido**), e não por sua efetividade – o que também ocorre com o cavalo em que está montado (**discolor com atras manchas**).

**327. DISCOLOR COM ATRAS MANCHAS:** com a pelagem manchada de preto – por isso diz **discolor**, uma vez que, manchada, a pelagem tem mais de uma tonalidade.

**328. O CORCEL EM QUE CRÊS:** (PARKES) "Partenopeu é como o *pulcherrimus* ["belíssimo"] Astur (Verg. *A.* 10.180), que é *equo fidens et uersicoloribus armis* ["fiado no cavalo e nas versicolores armas"] (Verg. *A.* 10.181; a última frase talvez inspire o *discolor* [**discolor**] e a ideia de que *teretes arcos* [**arco polido**] pode ajudar – 4.326-7) e Camila (Verg. *A.* 11.706, *fidis equo* ["fiada no cavalo"]). A ideia de confiar no cavalo e na montaria remete a Homero (*Il.* 4.303-4 [*μηδέ τις ἱπποσύνῃ τε καὶ ἠνορέηφι πεποιθὼς / οἷος πρόσθ' ἄλλων μεμάτω Τρώεσσι μάχεσθαι* – "que confiante na destreza de cavaleiro e na coragem / nenhum de vós pretenda combater os Troianos isolado", trad. Frederico Lourenço], *Il.* 23.319-21 [*ἀλλ' ὃς μέν θ' ἵπποισι καὶ ἅρμασιν οἷσι πεποιθὼς / ἀφραδέως ἐπὶ πολλὸν ἐλίσσεται ἔνθα καὶ ἔνθα, / ἵπποι δὲ πλανόωνται ἀνὰ δρόμον, οὐδὲ κατίσχει* – "Outro homem, confiante nos cavalos e no carro, / muito serpenteia à toa para um lado e para o outro / e seus cavalos vagueiam no curso e não os controla", trad. Frederico Lourenço]), mas a implicação aqui é a de que a confiança está no lugar errado. O cavalo pode ser testado na caça (4.269) e cativante na montaria, mas, perigosamente, falta-lhe experiência em batalha (4.271-3). Compare com Átis em *Theb.* 8.569 [*talibus (heu!) fidens uocat*

*ultro in proelia Graios* – "(ah!) confiado em tais coisas, chama ao prélio os Graios"], que caminha para a destruição acreditando em sua ornamental armadura [...] A conexão de Partenopeu com seu cavalo é demonstrada por sua tristeza quando da morte do corcel (9.878-9 [*moriensque iacentem / flebat equum* – "morrendo, ao jazente / cavalo pranteia])."

**328-30. GRANDES FAINAS PROCURAS ... DO ERIMANTO ÉS PUERIL:** após questionar se a força de seu filho seria suficiente para uma guerra (cf. 4.318-26 e comentários *ad loc.*), Atalanta coloca em xeque a maturidade de Partenopeu: "já persegues os grandes esforços, mas ainda és pouco maduro (**pueril**) para as camas de Dríades e para as Ninfas".

**329. DRÍADES:** ninfas das árvores (cf. 2.521n).

**330. ERIMANTO:** cf. 4.297n. **SÃO VEROS OS PORTENTOS:** (LACTÂNCIO) "O futuro é, por certo, danoso. Isto é: os prodígios que eu vi são verdadeiros. Como se estive triste ou irada pela morte futura."

**331-3. ME ESPANTAVA QUE O TEMPLO ... SACRA AS PELES CAÍSSEM:** novamente um templo é local de prodígios na *Tebaida*: no canto segundo, durante a procissão de casamento das filhas de Adrasto com Polinices e Tideu, um escudo despencou do alto do templo de Atena esmagando as tochas que seguiam à frente do séquito (cf. 2.256-61 e comentários *ad loc.*). Ora, diz-se que o templo de Diana sofreu um abalo, causando não só a queda das peles presas à cúpula (cf. 4.332-3n), mas a mudança de feição da estátua da própria Diana (cf. 4.332n). Ao dizer que esses presságios são verdadeiros (4.330), Atalanta está certa, uma vez que todos os portentos expressos na *Tebaida* se cumprem.

**332. E ÍNFERA A DEUSA SEMELHASSE:** há outras passagens em que as estátuas dos deuses mudam sua feição, como em Sêneca, logo após Tiestes se decidir por vingar-se de seu irmão (*Thy.* 262-6): *imo mugit e fundo solum, / tonat dies serenus ac totis domus / ut fracta tectis crepuit et moti Lares / uertere uultum: fiat hoc, fiat nefas / quod, di, timetis* ("do imo profundo muge o solo, / troa o dia sereno e a casa toda, / como rompesse o teto, estala, e os Lares, movendo-se, / tornam a face: que seja feito, que seja feito o nefas, / ó deuses, que vós temeis"); em Tito Lívio, falando sobre os prodígios que seguiram-se às eleições realizadas em torno de 180 a.C. (40.59.7): *in fanis publicis, ubi lectisternium erat, deorum capita, quae in lectis erant, auerterunt se, lanxque cum integumentis, quae Ioui apposita fuit, decidit de mensa* ("nos templos públicos, onde era feito o lectistérnio, as cabeças dos deuses que estavam sobre o leito voltaram-se, e o prato coberto que havia sido posto para Jove caiu de sobre a mesa"); na própria Tebaida, ao final da marcha dos argivos para Tebas (*Theb.* 7.418-9): *Perseos effigiem maestam exorantque Mycenae*

/ *confusum Iunonis ebur* (“de Perseu, triste a imagem a que ora Micenas, / de Juno, pasmo o mármore”); e nas *Silvas*, sobre os prodígio que acompanharam a morte de Alexandre (*Silu.* 4.6.73-4): *uultus alios in numine caro / aeraque supremis timuit sudantia mensis* (“outros olhos no caro nume / temeu, e o bronze, à mesa suprema, suando”).

**332-3. À CÚPULA / SACRA AS PELES CAÍSSEM:** refere-se às peles das caças oferecidas à deusa como ex-votos – talvez, pela própria Atalanta; como aponta Parkes (*ad loc.*), a **cúpula** (*tholus*, em latim) era o local onde eram deixas as oferendas aos deuses (Verg. *A.* 9.406-9: *si qua tuis umquam pro me pater Hyrtacus aris / dona tulit, si qua ipse meis uenatibus auxi / suspendiue tholo aut sacra ad fastigia fixi, / hunc sine me turbare globum et rege tela per auras* – “se em teu altar nalgum tempo eu depus as valiosas ofertas / de meu pai Hírtaco, com meus despojos da caça acrescidas, / ou os pendurei no alto tempo e nos pórticos belos dos paços, / lança a desordem naquela mantilha e dirige o meu dardo!”, trad. Carlos Alberto Nunes).

**333-4. DISSO, O ARCO MAIS ... NENHUMA CERTEIRA:** na continuação, Atalanta se refere ao que aconteceu com ela própria, o que interpreta agora como presságios ruins: o **arco mais lento** (4.333), as **mãos** inábeis (**rudes** – 4.334), as flechas voando sem mira (**nenhuma certeira** – 4.334). Embora semelhantes, não é possível afirmar que esses eventos tenham ligação com aqueles referidos em 4.311-2, os quais parecem ter ocorrido mais como uma reação pela notícia recebida do que como um prenúncio do futuro de Partenopeu.

**335-9. AGUARDA HONRAS MAIORES ... AS ARMAS P’RA CASA!:** o pedido de Atalanta se fundamenta nos mesmos pontos ressaltados durante todo o passo dedicado a Partenopeu (4.246-344): sua imaturidade, simbolizada principalmente pelos questionamentos sobre a força física do jovem e pela presença de traços femininos em sua feição – sobre isso, cf. 4.246-308n; 4.146-64n; 4.251n; 4.267-8n; 4.318n; e 4.319n. Como o esperado, então, a heroína pede ao filho que aguarde os seus **anos mais firmes** (4.335) e a consequente chegada da virilidade – caracterizada pelo surgimento da barba e a masculinização dos traços faciais (4.336-7).

**335. AGUARDA HONRAS MAIORES:** “honras maiores do que aquelas que esta guerra pode oferecer”. **OS ANOS MAIS FIRMES:** é dizer “de maior força”. Mesma ideia expressa em 4.253.

**336. CHEGAR A SOMBRA AO RÓSEO ROSTO:** “crescer-lhe a barba no rosto ainda infantil”.

**336-7: OS TRAÇOS MEUS / TE DEIXAREM:** (LACTÂNCIO) “Para que tu não sejas considerado a partir da leveza feminina do rosto. Enquanto os meus traços deixam a tua feição, isto é, enquanto surge a suma forma de homem. Pois, de outro modo, seria igual à mãe.”

**337. A GUERRA E O FERRO QUE ARDES:** "a guerra e o ferro pelos quais tu ardes".

**339-40. VÓS DEIXAIS, Ó ÁRCADES, / QUE ELE MARCHE, Ó DE ROCHAS E ROBLES NASCIDOS!:** percebendo a ineficácia do apelo ao filho, Atalanta se dirige aos que os circundam, evocando novamente a origem dos árcades: **ó de rochas e robles nascidos** remete diretamente ao mito evocado pelo narrador antes da apresentação das tropas que seguiram Partenopeu (cf. 4.275-84n), mas também pode se referir à ausência de piedade pelo pedido de Atalanta.

**341-2. AO REDOR, CONFORTAM FILHO E CHEFES, / E O MEDO CALMAM:** não há menção à resposta de Partenopeu, nem aos argumentos apresentados pelos circundantes para convencer e acalmar Atalanta. A resposta do filho, na verdade, só será dada em seu leito de morte, ao final do canto nono (*Theb.* 9.885-907): *labimur, i, miseram, Dorceu, solare parentem. / illa quidem, si uera ferunt praesagia curae, / aut somno iam triste nefas aut omine uidit. / tu tamen arte pia trepidam suspende diuque / decipito; neu tu subitus neue arma tenenti / ueneris, et tandem, cum iam cogere fateri, / dic: "merui, genetrix, poenas; inuita capesse: / arma puer rapui, nec te retinente quieui, / nec tibi sollicitae saltem inter bella peperci. / uiue igitur potiusque animis irascere nostris / et iam pone metus. frustra de colle Lycaei / anxia prospectas, si quis per nubila longe / aut sonus aut nostro sublatus ab agmine puluis: / frigidus et nuda iaceo tellure, nec usquam / tu prope, quae uultus efflantiaque ora teneres. / hunc tamen, orba parens, crinem,"' dextraque secandum / praebuit, '"hunc toto capies pro corpore crinem, / comere quem frustra me dedignante solebas. / huic dabis exequias, atque inter iusta memento / ne quis inexpertis hebetet mea tela lacertis / dilectosque canes ullis agat amplius antris. / haec autem primis arma infelicia castris / ure, uel ingratae crimen suspende Dianae."* ("Morro! Infausta, ó Dorceu, vá e consola a mãe. / Ela, é certo, se o zelo traz veros presságios, / ou em sonho ou em triste augúrio o nefas viu. / Mas tu, com arte piedosa, incerta a deixa e, um tempo, / a engana: nem de pronto, nem com ela armada / chegue; então, quando a confessar te obrigar, diz: / 'mereci, mãe, a pena; contrariada, aceita: / menino, às armas fui; me obstaste, e eu não parei; / nem te considerei, ansiosa, em meio à guerra. / Vive, então, e melhor que te ires com a alma nossa / e os medos deixes. Do monte Liceu, em vão / frustrada, buscas se, à distância, de entre as nuvens, / ou um som ou, das nossas tropas, surge a poeira: / gelado, em terra nua eu jazo, e, em parte alguma / por perto, tu terás meu rosto e a boca exânime. / Esta coma, órfã mãe,' com a destra ao sacrifício / dando, 'esta coma pega por todo o meu corpo, / que, comigo negando em vão, pentear usavas. / A isso darás exéquias, nas quais lembrarás / que ninguém com inexpertas mãos tomou meus dardos / nem levou meus diletos cães a outra caverna. / Por fim, esta arma infausta do primeiro cas-

tro / queima ou, à ingrata Diana, pendura estas mechas.").

**342-3. VIBRAM, PORÉM, OS HORRENTES / SONS DA TROMPA:** soam os sinais da guerra, com os quais é dado início à marcha das tropas.

**343-4. DO ABRAÇO PIO, NÃO PODE O FILHO / SOLTAR E MUITO, ENTÃO, ENCARGA O CHEFE ADRASTO:** Parkes (*ad loc.*) aponta certo aspecto circular do catálogo estaciano, pois, assim como a cena inicial da despedida dos guerreiros (4.16-20) retrata o abraço de seus parentes, assim também Atalanta se despede de seu filho. Além do mais, em se tratando especificamente da estrutura do catálogo, Adrasto, o primeiro a ser apresentado pelo poeta, é também o último dos nomes a ser por ele referido. Nesse mesmo sentido, a disposição quiasmática proposta por Vessey (cf. 4.32-344n) também é cíclica, se pensarmos que ela se abre e se fecha com figuras parentais.

**344. MUITO, ENTÃO, ENCARGA O CHEFE ADRASTO:** é dizer, "muito o recomenda ao chefe Adrasto". Amar-Lemaire (*ad loc.*) alega tratar-se de um outro Adrasto, que não o chefe argivo, mas não há motivos para isso, uma vez que os exércitos ter-se-iam encontrado em Argos para então partirem rumo a Tebas. Sobra a semelhança com o Evandro de Virgílio, cf. 4.309-44n.

**345-405: MAS DE OUTRA PARTE ... JÁ BACO AFASTANDO-SE:** o foco narrativo passa a Tebas, detendo-se sobre os preparativos para a guerra. Ao contrário da mobilização que tomou conta dos chefes argivos e suas tropas (cf. 4.32-344 e comentários *ad loc.*), porém, os tebanos procedem aos preparativos de modo bastante relutante (4.345-55), e mesmo a cidade e suas muralhas, ora personificadas, parecem se entregar ao futuro contrariadas (4.356-60). Na sequência, detêm-se o narrador sobre as outras cidades da Beócia, que se aprontam não para ajudar Etéocles, mas para protegerem a si próprias (4.360-7). A Fama, então, se encarrega de aumentar o medo nos povos envolvidos (4.368-77), e uma bacante possuída revela os presságios que a ela surgiram (4.377-405). O passo, além de dar continuidade ao assuntos do catálogo argivo, ocupando-se dos preparativos bélicos dos tebanos, serve como passagem para um novo assunto, a necromancia realizada na sequência por Tirésias e Manto (4.406-645), que também influenciará os tebanos em sua organização.

**345. A GENTE MAVÓRCIA DE CADMO:** ou seja, os tebanos – citados a partir do fundador da cidade (cf. 1.7-8n). **MAVÓRCIA:** (AMAR-LEMAIRE) "Ou porque Harmonia, a filha de Marte, casou-se com Cadmo, ou porque os cinco Espartos, que ajudaram Cadmo na fundação da cidade [cf. 1.7-8n], nasceram dos dentes da serpente consagrada a Marte, ou porque são belicosos os tebanos."

**346. TRISTE COM A RÉGIA FÚRIA:** um dos motivos apresentados para a pouca velocidade dos tebanos ao se aprontarem para a batalha. E dizer, pois, que o comportamento de seu rei, Etéocles, furioso, em vez de acendê-los com os ardores bélicos, os entristece – cf. 4.348n. **COM A ATRA FAMA PÁVIDA:** refere-se tanto ao conteúdo do verso seguinte (4.347), em que se diz já ser do conhecimento dos tebanos a marcha dos argivos, como também aos **amplos pavores** que a **Fama** espalha a respeito dos homens e dos aliados de Adrasto (cf. 4.369-7).

**348. A CAUSA E O REI OS INIBEM:** desenvolvimento de 4.346 (**triste com a régia fúria**): uma vez que a guerra era injusta, porque o trono pertencia a Polinices por direito, sentiam-se envergonhados tanto por fazê-la, como pelas atitudes de seu rei, que negou o trono ao irmão e emboscou um mensageiro – sobre isso, cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*

**349. SE MOVE:** somente no fim do período, iniciado em 4.345, Estácio deixa claro que os tebanos começaram seus preparativos – uma emulação, no nível da expressão, da morosidade dos combatentes. Compare sua atitude com a celeridade que toma conta de outras tropas, como em Virgílio (*A.* 7.623-40): *ardet inexcita Ausonia atque immobilis ante; / pars pedes ire parat campis, pars arduus altis / puluerulentus equis furit; omnes arma requirunt. / pars leuis clipeos et spicula lucida tergent / aruina pingui subiguntque in cote securis; / signaque ferre iuuat sonitusque audire tubarum. / quinque adeo magnae positis incudibus urbes / tela nouant, Atina potens Tiburque superbum, / Ardea Crustumerique et turrigerae Antemnae. / tegmina tuta cauant capitum flectuntque salignas / umbonum cratis; alii thoracas aenos / aut leuis ocreas lento ducunt argento; / uomeris huc et falcis honos, huc omnis aratri / cessit amor; recoquunt patrios fornacibus ensis. / classica iamque sonant, it bello tessera signum; / hic galeam tectis trepidus rapit, ille trementis / ad iuga cogit equos, clipeumque auroque trilicem / loricam induitur fidoque accingitur ense* ("Arde a quieta Ausônia, e armas já pede: / qual a pé campear, qual furioso / quer trotar em corcel pulverulento; / qual dardos unta e limpa, adargas lustra, / machadinhas amola e partasanas: / praz desfraldar pendões e ouvir as tubas. / Malham cidades cinco e forjam lanças, / Atina e Árdea possantes, Crustumério, / Tíbur altiva, Antenas torreada; / cavos elmos estofam, tecem tarjas / de vergas de salgueiro, finas grevas / de argênteos fios, êneos corsoletes: / retemperam na frágua o pátrio alfanje: / assim trocou-se o amor da fouce e relha! / Transmite o dado a senha, os clarins fremem: / quem o casco arrebata, ou rinchadores / junge ao coche, ou rodela e auri-trilice / Loriga veste, ou cinge a fida espada" – trad. Odorico Mendes) – cf. ainda 3.580-97 – e comentários *ad loc.*

**350. NEM DE OS OMBROS COM CLÍPEO PATERNO ENCOBRIR:** compare com o ímpeto do argivos em uti-

lizar as armas de seus acentrais (cf. 3.580-2 e comentários *ad loc.*) – cf. também Virgílio (*A.* 7.636): *recoquunt patrios fornacibus ensis* ("retemperam na frágua o pátrio alfanje" – trad. Odorico Mendes).

**352-3. TRÉPIDAS / AS MÃOS JURARAM:** em latim, *trepidas ... / promisere manus.* Isto é, "com medo, oferecem ajuda". Compare com Lucano (*Luc.* 1.386-8): *cohortes / elatasque alte, quaecumque ad bella uocaret, / promisere manus* ("as coortes, / ao alto impulsas, quem quer que à guerra os convocasse, / as mãos juraram").

**353-5. TRISTE SORTE AOS PAIS ... OS MÍSEROS HERDEIROS:** mais um motivo para esfriar o entusiasmo dos tebanos pela guerra. Assim como ocorreu com os argivos (cf. 4.18-23 e comentários *ad loc.*), então, os parentes – **pais concordes**, a **esposa tão jovem** e os **míseros herdeiros** ainda por nascer – também contribuíram para o pouco gosto dos tebanos em participar da guerra.

**356. NADA ARDEU O DEUS BÉLICO:** é dizer que Marte, o **deus bélico**, ao contrário das ordens de Júpiter (cf. 3.218-323), não agitou os tebanos à guerra.

**356-60. AS PRÓPRIAS MURALHAS ... E INDIGNAS / OS FIRMAM:** descreve o poeta a condição das fortificações tebanas: as **muralhas** e as **torres** erguidas por Anfíon, famosas por sua grandeza e pela mística de sua construção (cf. 1.9-10), são ditas já gastas pelo tempo e desfazendo-se (cf. 4.358n). Nem mesmo para reconstruir e fortificar os **alçados muros / por sacra lira aos céus** esforçam-se os homens, os reconstruindo por meio de **obras mudas e indignas**.

**358. DESPEM, JÁ GASTA E VELHA, A FACE:** a construção da imagem é bastante interessante e leva em conta o aspecto quase animado (Parkes, *ad loc.*) das muralhas de Tebas: se, as encantando com sua lira mágica, Anfíon fez com as pedras se movessem para formar os muros da cidadela (cf. 1.9-10n), parece lícito descrevê-las como se, dotadas de um corpo, apenas despissem a roupa, já gasta e antiga, que lhes recobre as faces.

**359. POR SACRA LIRA:** a lira de Anfíon – cf. 1.9-10n. **OBRAS MUDAS E INDIGNAS:** são **mudas** em contraste com as comandadas por Anfíon e sua lira; **indignas**, porque realizadas por homens vis, e não valorosos como o construtor de outrora.

**360-2. MAS NAS URBES BEÓCIAS ... SÓCIA, POIS, SE MOVEM:** ao contrário dos próprios tebanos, as cidades suas aliadas – as **urbes Beócias** – aprestam-se para a guerra inspiradas pelo **víndice furor por ferro**. Não o fazem, porém, para ajudar Etéocles, o **iníquo / rei**, mas por causa da **gente sócia** – os tebanos.

**360. URBES BEÓCIAS:** da Beócia – região onde Tebas está. **VÍNDICE:** (BARTHIUS) "Muitos danos fo-

ram anunciados pelo exército dos argivos aos cidadãos beócios, de onde já estavam tão próximos que já eram considerados presentes. Assim, com razão, se aprestaram para a vingança daquelas questões em sua cidade."

**363-8. Como um lobo que expugna ... não ínscio, o rei foge:** (Parkes) "O foco se move, aqui, para os sentimentos do próprio rei. A transição é um pouco brusca, embora não o suficiente para supor que o símile tenha sido interpolado ou que haja versos perdidos [...]. Etéocles é comparado a um lobo que, depois de atacar um rebanho de ovelhas, escapa da cena com medo de ser descoberto. A matança das ovelhas corresponde à emboscada que Etéocles comandou conta Tideu no canto segundo [...] [cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*]: exatamente como o lobo teme um retorno dos **pastores firmes** (4.368), assim também os tebanos temem uma invasão retaliadora, a qual se diz que está para acontecer (em 4.494-9, a ansiedade de Etéocles por tomar uma ação, a necromancia, é retratada por um símile). A consciência do lobo sobre o ultraje que ele praticou espelhará corretamente a consciência de Etéocles sobre o seu crime (cf. *e.g.* 3.4-22). Contudo, os paralelos destacam uma diferença importante: a emboscada resultou em um banho de sangue para os tebanos, não para sua presa. Tideu desempenha melhor o papel de lobo destruindo o seu inimigo. Esse paralelo foi primeiro sugerido pela comparação da cena da emboscada ao local de um ataque de lobos (3.45-52; cf. 8.691-4), e as reminiscências do símile de um leão em 2.675-81 ajudam mais a escolher Tideu como um predador do que Etéocles. Em 7.393-7, o símile é revertido: na organização de suas tropas, Etéocles é vinculado a um pastor vigiando seu rebanho. O símile remete a Homero (Il. 15.585-8 [Ἀντίλοχος δ' οὐ μεῖνε θοός περ ἐὼν πολεμιστής, / ἀλλ' ὅ γ' ἄρ' ἔτρεσε θηρὶ κακὸν ῥέξαντι ἐοικώς, / ὅς τε κύνα κτείνας ἢ βουκόλον ἀμφὶ βόεσσι / φεύγει πρίν περ ὅμιλον ἀολλισθήμεναι ἀνδρῶν – "Porém Antíloco não aguentou, célere guerreiro embora fosse, / mas fugiu como a fera selvagem que praticou qualquer crime: / que matou um cão ou um boieiro no meio da manada de bois / e depois foge perante o avanço da multidão de homens reunidos", trad. Frederico Lourenço]) e, especialmente, seu sucessor – a descrição de Arrunte fugindo em Virgílio (A. 11.809-15: *ac uelut ille, prius quam tela inimica sequantur, / continuo in montis sese auius abdidit altos / occiso pastore lupus magnoue iuuenco, / conscius audacis facti, caudamque remulcens / subiecit pauitantem utero siluasque petiuit: / haud secus ex oculis se turbidus abstulit Arruns / contentusque fuga mediis se immiscuit armis* ["Quando o lobo, / antes que os tiros chovam, por desvios / vai-se, morto o pastor ou nédio almalho, / na montanha esconder; cônscio da audácia, / pávido o rabo encolhe e as selvas busca: / de evadir-se contente, assim medroso, / Arunte no tropel desaparece" – trad. Odorico Mendes]). Símiles de lobo na poesia

épica remontam a Homero (*e.g. Il.* 4.471; 11.72; 16.156-73; 16.352-5); na épica latina, veja: Verg. *A.* 2.355-60; 9.59-66; *Sil.* 7.126-30; 7.717-22. Em Estácio, cf. 3.45-52; 8.691-4; 10.42-8; *Ach.* 1.704-8; note, ainda, *Theb.* 5.165-9; 9.116; 11.30."

**363. Como um lobo que expugna profuso rebanho:** note-se o vocabulário militar empregado pelo poeta para descrever o lobo: *ille uelut pecoris lupus expugnator opimi*; o *lupus expugnator* de Estácio (o **lobo que expugna**) carrega, pois, uma qualidade típica dos generais.

**367. pastores firmes:** "obstinados", decididos por encontrar o assassino de seu rebanho.

**368. da magna ousadia não ínscio:** como o lobo em Virgílio (*A.* 11.812): *conscius audacis facti* ("consciente da audácia cometida"). A lítotes (**não ínscio**) é enfática: embora não fosse inconsciente sobre a audácia de seus feitos, também não se pode dizer que estava totalmente consciente – um comportamento que se aplica tanto ao lobo como a Etéocles, cujas atitudes foram regidas especialmente por Tisífone e por Jove (cf. 1.83-5n; 1.123-96; 1.292-302; 2.94-133 e comentários *ad loc.*).

**369-77. E acresce a turbadora ... vênia não houve?:** a Fama (1.684n) espalha as notícias sobre a marcha dos argivos, aumentando o medo entre os tebanos e seus aliados. Compare com o papel da Fama na disseminação dos rumores sobre o inimigo que antecedem a batalha em Lucano (*Luc.* 1.469-89): *uana quoque ad ueros accessit fama timores / inrupitque animos populi clademque futuram / intulit et uelox properantis nuntia belli / innumeras soluit falsa in praeconia linguas. / est qui tauriferis ubi se Meuania campis / explicat audaces ruere in certamina turmas / adferat, et qua Nar Tiberino inlabitur amni / barbaricas saeui discurrere Caesaris alas; / ipsum omnes aquilas conlataque signa ferentem / agmine non uno densisque incedere castris. / nec qualem meminere uident: maiorque ferusque / mentibus occurrit uictoque inmanior hoste. / hunc inter Rhenum populos Albimque iacentes / finibus Arctois patriaque a sede reuolsos / pone sequi, iussamque feris a gentibus urbem / Romano spectante rapi. sic quisque pauendo / dat uires famae, nulloque auctore malorum / quae finxere timent. nec solum uolgus inani / percussum terrore pauet, sed curia et ipsi / sedibus exiluere patres, inuisaque belli / consulibus fugiens mandat decreta senatus* ("a Fama enganadora em medo verdadeiro / se tornou, aterrando o povo, e o mal futuro / adiantou, e a guerra vindoura correu / no boca a boca que distorce, aumenta, inventa. / Contam que, onde Mevânia se estende em tauríferas / campinas, pelotões intrépidos pelejam / e que, onde o Nar deságua no Tibre, desanda / de César fero a bárbara cavalaria; / das águias e demais brasões à frente avança, / com não parco esquadrão, em quarteis numerosos. / Nem não é o conhecido general que veem: maior, na mente, mais brutal e sanguinário / do que as

hostis nações que ele venceu, parece. / Os que entre o Reno e o Elba habitam, removidos / dos Árticos rincões, despatriados, seguem-no, / horda que tinha ordens de rapinar Roma / às vistas dos Romanos. Nisso, o medo de uns / à fama aumenta e, mesmo sem ver malfeitores, / o inventado se teme, e não somente o vulgo / se abala ao vão temor, mas a Cúria e os Conscritos / aos pátrios lares deixam, e da guerra os vis / decretos um Senado em fuga envia aos cônsules" – trad. Brunno Vieira).

**370. ÀS MARGENS DO ASOPO:** rio entre Tebas e Corinto – cf. 3.337n.

**371. CORCÉIS LÉRNEOS:** "de Lerna" – cf. 1.359n. É dizer, aqui, "argivos". **CITÉRON BÁQUICO:** sobre o Citéron, cf. 1.114-22n. Diz **báquico** por ser um local onde se realizavam os ritos de Baco – sobre isso, cf. por exemplo 1.11n.

**372. TEUMESO:** local da Beócia – cf. 1.485n.

**373. QUEIMA COM A GUARDA A VÍGIL PLATEIA ANUNCIAM:** Plateia é uma cidade da Beócia na fronteira com o Peloponeso. Diz **vígil**, portanto, por ser cidade fronteiriça, devendo estar atenta às possíveis invasões inimigas. Nesse cenário, pode-se dizer que a cidade **queima com a guarda** seja porque mantém acesas as fogueiras para a vigilância noturna, uma interpretação anticlímax (Parkes, *ad loc.*) dados os rumores assustadores espalhados pela Fama, seja porque já foi tomada pelas tropas argivas, as quais, assim, já estariam nos domínios tebanos.

**374-7. QUE OS LARES TÍRIOS ... VÊNIA NÃO HOUVE?:** uma série de prodígios acompanha as notícias espalhadas pela Fama, dando veracidade, assim, aos relatos – e fazendo, por consequência, aumentar o pavor nos que ouvem. São famosos os vários prodígios descritos por Lucano que precedem a guerra civil (*Luc.* 1.522-83): *tum, nequa futuri / spes saltem trepidas mentes leuet, addita fati / peioris manifesta fides, superique minaces / prodigiis terras inplerunt, aethera, pontum. / ignota obscurae uiderunt sidera noctes / ardentemque polum flammis caeloque uolantes / obliquas per inane faces crinemque timendi / sideris et terris mutantem regna cometen. / fulgura fallaci micuerunt crebra sereno, / et uarias ignis denso dedit aere formas, / nunc iaculum longo, nunc sparso lumine lampas. / emicuit caelo tacitum sine nubibus ullis / fulmen et Arctois rapiens de partibus ignem / percussit Latiare caput, stellaeque minores / per uacuum solitae noctis decurrere tempus / in medium uenere diem, cornuque coacto / iam Phoebe toto fratrem cum redderet orbe / terrarum subita percussa expalluit umbra. / ipse caput medio Titan cum ferret Olympo / condidit ardentis atra caligine currus / inuoluitque orbem tenebris gentesque coegit / desperare diem; qualem fugiente per ortus / sole Thyesteae noctem duxere Mycenae. / ora ferox Siculae laxauit Mulciber Aetnae, / nec tulit in caelum flammas sed uertice prono / ignis in Hesperium cecidit latus. atra Charybdis / sanguineum fundo*

*torsit mare; flebile saeui / latrauere canes. Vestali raptus ab ara / ignis, et ostendens confectas flamma Latinas / scinditur in partes geminoque cacumine surgit / Thebanos imitata rogos. tum cardine tellus / subsedit, ueteremque iugis nutantibus Alpes / discussere niuem. Tethys maioribus undis / Hesperiam Calpen summumque inpleuit Atlanta. / indigetes fleuisse deos, urbisque laborem / testatos sudore Lares, delapsaque templis / dona suis, dirasque diem foedasse uolucres / accipimus, siluisque feras sub nocte relictis / audaces media posuisse cubilia Roma. / tum pecudum faciles humana ad murmura linguae, / monstrosique hominum partus numeroque modoque / membrorum, matremque suus conterruit infans; / diraque per populum Cumanae carmina uatis / uolgantur. tum, quos sectis Bellona lacertis / saeua mouet, cecinere deos, crinemque rotantes / sanguineum populis ululatum tristia Galli. / conpositis plenae gemuerunt ossibus urnae. / tum fragor armorum magnaeque per auia uoces / auditae nemorum et uenientes comminus umbrae. / quique colunt iunctos extremis moenibus agros / diffugiunt: ingens urbem cingebat Erinys / excutiens pronam flagranti uertice pinum / stridentisque comas, Thebanam qualis Agauen / inpulit aut saeui contorsit tela Lycurgi / Eumenis, aut qualem iussu Iunonis iniquae / horruit Alcides uiso iam Dite Megaeram. / insonuere tubae et, quanto clamore cohortes / miscentur, tantum nox atra silentibus auris / edidit. e medio uisi consurgere Campo / tristia Sullani cecinere oracula manes, / tollentemque caput gelidas Anienis ad undas / agricolae fracto Marium fugere sepulchro* ("Então, p'ra que nenhuma esperança futura / o medo minorasse, a manifestação / pior do Fado veio, e, minazes, os deuses / encheram de prodígios terra, céu e mar. / Noites escuras astros viram incomuns, / e o céu arder em chamas, e fachos de fogo / cruzando o polo, e a cauda da estrela temível, / e o cometa que os reinos da terra transtorna. / No dito firmamento trovões rebentaram, / e o fogo no infinito traçou muitas formas: / ora alongado, um dardo, ora estreito, um candeeiro. / Caiu de um céu sem nuvens um taciturno raio, / que do Ártico trazendo as chamas, fulminou / a cabeça de Jove Lacial, e as menores estrela costumadas a correr no tempo / em que a noite é vazia, em pleno dia vêm; / já Febe, constrangida, quando refletia / o irmão em toda a esfera, súbito eclipsou-se / tocada pela súbita sombra das terras. / O próprio Titã-Sol ao se elevar a pino, / em negra névoa os carros de fogo escondeu, / e ao mundo trouxe as trevas, e fez toda gente / não mais crer que era dia; como sucedeu / na Micenas de Tiestes quando sobreveio / a noite, tendo o sol se posto no Oriente. / Vulcano, o Abrandador, abriu feroz as bocas / de Etna que as flamas não levou ao céu, / mas, transbordante, verteu lava pelas costas / da Hespéria. Desde o fundo, seu sanguíneo mar / girou Caríbdis negra e os cães cruéis aflitos / ganiram. Das Vestais o fogo transportou-se / e a chama que das Festas Latinas o fim / marca reparte-se, surgindo duplicada, / imitando as Tebanas piras. Inclinou-se, / então, a terra e os Alpes, tre-

mentes, a neve / antiga despediram. Com vagalhões, Tétis / cobriu o Hespério Calpe e o altanado Atlante. / Indígites choraram, Lares transpiraram / da urbe a dor testemunhando, caiu todo / ex-volto dos sacrários, ouvimos dizer / que pássaros de agouro o dia poluíram, / que à noite audazes feras, das florestas vindo, / fixaram seus covis nas esquinas de Roma. / Ao gado, então, foi fácil murmurar qual homens, / e mais de um feto humano um monstro multimembre / figurou. Calafrios causou o filho à mãe. / Entro o povo, os sinistros carmes da Sibila / se divulgaram. Os possessos de Belona / vaticinaram, bracirrotos, e com eles / os Galos, revirando o cabelo sanguento. / Urnas plenas de ossadas gemidos soaram. / Então, nos ermos florestais, estalo de armas, / e vozerio se ouviram, e espectros rondando. / E os que habitam nos campos ao redor dos muros / fogem: cercava a urbe gigantesca Erínia / sacudindo um pinheiro em chamas e os ofídicos / cabelos, feito aquela que a Tebana Agave / moveu, tal como a Eumênide que armou Licurgo, / qual Megera que, enviada pela iníqua Juno, / horrorizou Alcides, visto já Plutão. / Ao som das tubas, quanto estridor há no choque / de tropas, taciturna aquela negra noite / verberou. Foram vistos no Campo de Marte / de Sula o espectro dando tristes profecias, / e do gelado Ânio, desfeito seu túmulo, / Mário, erguendo a cabeça, assustou os colonos" – trad. Brunno Vieira).

**374. Que os Lares Tírios suam:** é dizer "os Lares tebanos". Sobre os deuses Lares, cf. 1.50n; sobre o uso do adjetivo, cf. 1.9-10n. Como em Lucano (*Luc.* 1.556-7): *urbisque laborem / testatos sudore Lares* ("Lares transpiram, / da urbe a dor testemunhando" – trad. Brunno Viera); e Virgílio, quando descreve os presságios que se seguem à morte de César (*G.* 1.480): *et maestum inlacrimat templis ebur aeraque sudant* ("mesto o marfim lagrima, e os bronzes suam" – trad. Odorico Mendes).

**374-5. Dirce, cruenta, / vaza:** "Dirce corre ensanguentada", "com as águas transformadas em sangue". Sobre a fonte tebana chamada pelo nome da antiga rainha Dirce, cf. 1.38n; 1.152n.

**375. que novas proles vêm:** diz **novas** (*nouos*, em latim) no sentido de "incomuns, estranhas". É como o trecho de Lucano no qual se diz que os fetos humanos tornaram-se monstros (*Luc.* 1.562-3): *monstrosique hominum partus numeroque modoque / membrorum, matremque suus conterruit infans* ("e mais de um feto humano um monstro multimembre / figurou. Calafrios causou o filho à mãe" – trad. Brunno Vieira).

**375-6. que outra vez fala / a Esfinge à pedra:** o último presságio ora listado se trata da ressurreição da Esfinge, que novamente estaria às portas de Tebas com seus enigmas mortais (cf. 1.66n; 1.67n). É interessante perceber que a volta do monstro é um prenúncio da chega-

da dos exércitos argivos, seja por sua crueldade – motivo pelo qual já foi, de certa forma, termo de comparação para Tideu (cf. 2.504-23 e comentários *ad loc.*) –, seja pelo seu significado para Tebas, especialmente. Ao mesmo tempo em que, ao matar o monstro, Édipo livrou a cidade de um mal, ele também deu início aos eventos que quase levam Tebas a ruir por completo, já que o prêmio a ele concedido por tê-la matado foi o matrimônio com Jocasta. A ambiguidade desse feito – e, indiretamente, da própria Esfinge, pois que, apesar de trazer infortúnios aos tebanos, se tivesse vencido Édipo com seu enigma, teria livrado a cidade de uma desgraça ainda maior – parece estar implícita na chegada das tropas argivas à urbe cadmeia: se os exércitos de Polinices vencessem, subjugariam a cidade, mas a livrariam de um rei injusto, ainda que às custas de muitas mortes. Muito embora não será esse o caso, a incursão dos argivos, mesmo causando sofrimentos, acabará com a casa dos labdácidas, livrando a urbe de seu mal maior como a Esfinge poderia ter feito.

**376-7. A QUEM, OU P'RA SABER OU VER, / VÊNIA NÃO HOUVE?:** "a que pessoa não foi permitido ver esses presságios, ou ao menos sabê-los?" – refere-se aos listados em 4.374-6.

**377-405. E ALÉM, A PEITOS TENSOS ... JÁ BACO AFASTANDO-SE:** o passo se encerra com a manifestação da bacante, que expressa visões nela inspiradas por Baco. A presença de Baco como o nume que suscita os presságios, e não de Apolo, como se poderia esperar, deve-se à estreita relação entre o deus e Tebas, já aludida em outros momentos do épico (cf. 1.11n; 1.287-9; 2.71-3n; 2.73-80n) e, na sequência, novamente explorada pelo poeta (cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*). A passagem possui estreita relação com a matrona possuída de Lucano, cujas profecias sobre a guerra civil formam uma espécie de clímax (Parkes, *ad loc.*) para os prodígios de guerra na *Farsália* (*Luc.* 1.673-95): *terruerant satis haec pauidam praesagia plebem, / sed maiora premunt. nam, qualis uertice Pindi / Edonis Ogygio decurrit plena Lyaeo, / talis et attonitam rapitur matrona per urbem / uocibus his prodens urguentem pectora Phoebum: / 'quo feror, o Paean? qua me super aethera raptam / constituis terra? uideo Pangaea niuosis / cana iugis latosque Haemi sub rupe Philippos. / quis furor hic, o Phoebe, doce, quo tela manusque / Romanae miscent acies bellumque sine hoste est. / quo diuersa feror? primos me ducis in ortus, / qua mare Lagei mutatur gurgite Nili: / hunc ego, fluminea deformis truncus harena / qui iacet, agnosco. dubiam super aequora Syrtim / arentemque feror Libyen, quo tristis Enyo / transtulit Emathias acies. nunc desuper Alpis / nubiferae colles atque aeriam Pyrenen / abripimur. patriae sedes remeamus in urbis, / inpiaque in medio peraguntur bella senatu. / consurgunt partes iterum, totumque per orbem / rursus eo. noua da mihi cernere litora ponti / telluremque nouam: uidi iam, Phoebe, Philippos.' / haec ait, et lasso iacuit*

*deserta furore* (“tal presságio aterrou a plebe apavorada, / mas um maior a oprime: pois, tal como no alto / Pindo, à bacante Trácia move Baco Ogígio, / cruza a pasma cidade, em transe uma matrona / a possessão de Apolo em tais termos expressa: / “Aonde sou levada, Péan? Sobre os ares / arrebatada, em qual país me vais deixar? / O grisalho Pangeu de níveos cimos noto, / nas faldas do Hemo o largo campo de Filipos. / Que insânia é esta, ó Febo, em que os braços e os dardos / do Lácio se debatem sem que haja inimigo? / Aonde agora sou trazida? Ao Oriente, / por onde o mar transforma-se em Nilo Lageio: / o feio tronco que na areia jaz do rio, / eu reconheço ... Sobre o plaino, às dúbias Sirtes / e à desértica Líbia me levas, e aonde / triste Enió deixou as falanges Emátias. / E já de um sobranceiro lugar nos transportas / ao monte de Pirene e ao nubiloso Alpe. / Tornamos às moradas da cidade pátria, / onde ímpias lutas são travadas no Senado. / Os partidos motinam-se outra vez, e o mundo / eu torno a percorrer. Deixa-me desvendar / novas praias no mar, novas paragens: eu / já vi Filipos, Febo”. Ao dizer tais palavras, / livre, prostrou-se ao chão, lassa de tanta fúria” – trad. Brunno Vieira).

**377-8. E ALÉM, A PEITOS TENSOS TURBA / UM NOVO MEDO:** o trecho que introduz a chegada da bacante assemelha-se ao que introduz, em Virgílio, Laocoonte imolando um touro a Netuno logo antes de surgirem os monstros que matam a ele e a seus filhos (*A.* 2.199-200): *hic aliud maius miseris multoque tremendum / obicitur magis atque improuida pectora turbat* (“outro prodígio, então, mais triste e mais tremendo, / mais obsta e aos peitos imprórvidos turba”).

**378-82. OS CESTOS LARGANDO E POSSUÍDA ... COM ESPANTOSOS GRITOS:** (PARKES) “Uma bacante desce correndo de uma montanha de Tebas, provavelmente o Citéron, um lugar bem conhecido de revelação báquicas [...]. Uma mênade comumente migra da cidade para a montanha (veja, *e.g.*, o símile em *Theb.* 5.92-9; Verg. *A.* 7.385-405 [*quin etiam in siluas simulato numine Bacchi / maius adorta nefas maioremque orsa furorem / euolat et natam frondosis montibus abdit, / quo thalamum eripiat Teucris taedasque moretur, / euhoe Bacche fremens, solum te uirgine dignum / uociferans: etenim mollis tibi sumere thyrsos, / te lustrare choro, sacrum tibi pascere crinem. / fama uolat, furiisque accensas pectore matres / idem omnis simul ardor agit noua quaerere tecta. / deseruere domos, uentis dant colla comasque; / ast aliae tremulis ululatibus aethera complent / pampineasque gerunt incinctae pellibus hastas. / ipsa inter medias flagrantem feruida pinum / sustinet ac natae Turnique canit hymenaeos / sanguineam torquens aciem, toruumque repente / clamat: 'io matres, audite, ubi quaeque, Latinae: / si qua piis animis manet infelicis Amatae / gratia, si iuris materni cura remordet, / soluite crinalis uittas, capite orgia mecum.' / talem inter siluas, inter deserta ferarum / re-*

*ginam Allecto stimulis agit undique Bacchi* – "té sanhuda, a fingir de Iaco o influxo, / com mais nefando arrojo se entranhando, / no monte oculta a filha, por que aos Troas / roube o tálamo e as núpcias procrastine; / brada e freme: "Evoé! só, Baco, és digno / da virgem que maneja os moles tirsos, / gira em coro, a ti sacra a trança cria." / Grassa o rumor: as mães da peste acesas, / por sede nova ardendo aguilhoadas, / cabelo e colo ao vento, os lares deixam; / ou peles a trajar, pampínea a lança, / de trêmulo ululado os ares coalham. / Ela entre as mais sustém flagrante pinho, / raiva, canta o himeneu da filha e Turno; / torva grita, virando olhos sanguíneos: / "Io latinas mães! quem sois, ouvi-me; / se Amata vos condói, ou do materno / jus vos remorde o zelo, nestas orgias, / desenastrada a coma, interessai-vos." / Tal entre brenhas e ferinos ermos / Alecto em bacanais punge a rainha", trad. Odorico Mendes]; e Ov. *Met.* 3.528-30 [ *Liber adest, festisque fremunt ululatibus agri: / turba ruit, mixtaeque uiris matresque nurusque / uulgusque proceresque ignota ad sacra feruntur* – "Líber chega, e festiva grita freme os campos; / a turba corre, matronas, moças e rapazes, / o povo e os próceres ao novo culto acodem", trad. Raimundo Carvalho]): esse movimento contrário anuncia a invasão do *furor* em Tebas [...]; 'a *regina* antecipa a loucura causada pela Fúria que, em breve, afundará a cidade e seus cidadãos' (HERSHKOWITZ, 1998, p. 46). A passagem se parece com a descrição, em Virgílio, da pseudo-bacante Amata (*A.* 7.397-400 [*supra*]) e o retrato, em Lucano, da matrona mênade [...] em 1.674-7 [*nam, qualis uertice Pindi / Edonis Ogygio decurrit plena Lyaeo, / talis et attonitam rapitur matrona per urbem / uocibus his prodens urguentem pectora Phoebum* – "pois, tal como no alto / Pindo, à bacante Trácia move Baco Ogígio, / cruaza a pasma cidade, em transe uma matrona, / a possessão de Apolo em tais termos expressa", trad. Brunno Vieira]."

**378. os cestos largando:** de acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), refere-se aos cestos que as bacantes costumavam carregar nos rituais a Baco, utilizados para carregar as frutas e folhas consagradas ao deus. **possuída:** "tomada pelo frenesi de Baco; subjugada ao deus".

**379. a rainha dos cantos silvestres:** diz respeito à líder das bacantes, responsável pelo coro e pelas cantorias em honra ao deus.

**379-80. corre ao campo ... / do acume Ogígio:** "do acume Ogígio, corre em direção ao campo". Como Laocoonte, em Virgílio, ao ver adentrar os muros de Troia o cavalo de madeira ofertado pelos Gregos (*A.* 2.41): *Laocoon ardens summa decurrit ab arce* ("Laocoonte, ardendo, do alto acume vem correndo").

**380. acume Ogígio:** com Ogígio diz "tebano" – sobre o uso do adjetivo, cf. 1.173n. Embora não

se possa afirmar com certeza, muito provavelmente refere-se ao Citéron. Parkes (*ad loc.*) ressalta, neste uso, uma alusão a Lucano, onde o adjetivo está vinculado a Baco (*Luc.* 1.675): *Ogygio ... Lyaeo* ("Ogígio ... Lieu").

**380-1. AQUI E ALI SEU PINHO / TRÍFIDO LANÇA:** refere-se à tocha que trazia a bacante, tripartida na ponta para facilitar a combustão – por isso **trífido**. O verbo "lançar", aqui, indica antes o movimento de agitar a tocha de um lado para outro do que o de atirá-la. Como aponta Lactâncio (*ad loc.*), o passo é bastante semelhante ao de Amata em Virgílio (*A.* 7.397-8): *ipsa inter medias flagrantem feruida pinum / sustinet* ("Ela entre as mais sustém flagrante pinho" – trad. Odorico Mendes).

**381. ARDENTE:** em latim, *ardens*. Como Laocoonte, em Virgílio (*A.* 2.41 *apud* 4.379-80n). **COM OS OLHOS DE SANGUE:** refere-se aos olhos da bacante, vermelhos durante sua possessão pelo frenesi divino – por isso diz **de sangue**. Como Amata, em Virgílio (*A.* 7.399): *sanguineam torquens aciem* ("olhos sanguíneos revirando" – trad. Odorico Mendes).

**383-404. "Ó ONIPOTENTE PAI NISEU ... E OUTRO REI TEM O PRADO!":** a fala da bacante pode ser dividida em dois momentos: no primeiro (4.383-396), ela se dirige diretamente a Baco com vistas a chamar sua atenção para a cidade de Tebas; no segundo (4.396-404), profere as visões incutidas pelo deus, um augúrio funesto para os irmãos Etéocles e Polinices. Como aponta Parkes (*ad loc.*), em sua fala a bacante busca ressaltar o aspecto guerreiro de Baco para pedir-lhe ajuda a uma cidade imbele (4.390).

**383. NISEU:** (AMAR-LEMAIRE) "Cognome de Baco por causa de Nisa, cidade ou da Arábia, na qual o deus foi criado, ou da Índia, a qual fundou, ou por causa de alguma outra cidade onde o nome de Baco seja sagrado."

**383-4. QUE AO POVO ANTIGO / HÁ MUITO O AMOR NEGOU:** refere-se a Tebas – o **povo antigo**. Filho de Sêmele, descendente direto de Cadmo (cf. 1.12n), portanto, Baco foi abandonado por sua cidade, um fato do qual o principal expoente foi a proibição de seu culto por Penteu (cf. 1.11n). Como fez o narrador no início do canto primeiro (1.11), a bacante retoma, aqui, a mágoa e, indiretamente, a ira de Baco pela cidade de sua mãe.

**384-9. TU, SOB O FRIO ARCTURO ... À FONTE DO HERMA SAIS:** (PARKES) "Há uma tendência acusatória na bajulação da mênade. A referência às conquistas de terras distantes por Baco era uma característica tradicional de seus panegíricos – veja, e.g., Ov. *Fast.* 3.719-20: *Sithonas et Scythicos longum narrare triumphos / et domitas gentes, turifer Inde, tuas* ["longo é contar os triunfos síto-

nos e os cíticos, / e o teu povo vencido, ó Indo turrífero" – trad. Márcio Meirelles]; *Tr.* 5.3.21-4: *nec patria est habitata tibi, sed adusque niuosum / Strymona uenisti Marticolamque Geten, / Persidaque et lato spatiantem flumine Gangen, / et quascumque bibit decolor Indus aquas* ["não foi por ti habitada a pátria, mas ao tão longe e nevado / Estrímon foste, e ao Geta Márcio, / e à Pérsia e, correndo em amplo curso, o Ganges, / e às águas as quais bebe o negro Indo"]. Entretanto, a ênfase subsequente na aflição tebana (4.390-3) enfraquece, de certa forma, o elogio: o deus dá pouca atenção para sua casa. A sua conquista do norte (4.384-6) é novamente referida em 4.652-4. Os sucessos de Baco no leste (4.387-9) também são mencionados em 7.565-6 (*belli quondam uastator Eoi / currus Erythraeis sed nuper uictor ab oris* ["outrora da guerra Eoo destruidor / o carro, há pouco vencedor na orla Eritreia"]); 8.237-9 (*ceu modo gemmiferum thyrso populatus Hydaspen / Eoasque domos nigri uexilla triumphi / Liber et ignotos populis ostenderet Indos* ["só com o tirso assolasse o gemífero Hidaspe / e Eoas casas, e do negro triunfo as signas / mostrasse, aos povos, Líber, e os Indos ignotos"]); 9.441 (*an Eous melius pacatur Hydaspes?* ["melhor, acaso, o Hidaspe Eoo aplacar?"]); cf. *V. Fl.* 3.538-40 [*uidisti roseis haec per loca Bacchus habenis / cum domitas acies et eoi fercula regni / duceret ac rursus thiasos et sacra mouentem* – "Por estas plagas viste-o a Baco conduzir / vencidas coortes e os despojos dos eôos, / os tirsos retornando, e os sacros aparatos", trad. Márcio Meirelles]; 5. 75-9 [*his Bacchus in undis / abluit eoo rorantes sanguine thyrsos. / illum post acies rubrique nouissima claustra / aequoris hic resides thiasos, hic aera mouentem / udaque pampinea nectentem cornua uitta* – "Lieu nessa água / do sangue oriental lavou os sujos tirsos. / Lembrastes dele, Águas, ainda agora, após / as lutas nos confins, no rubro mar movendo / inquietas danças e trombetas, a cingir / os chifres úmidos com fitas", trad. Márcio Meirelles] [...]. A combinação de alusões à passagem do deus pelas águas do Oeste e a vitória sobre Licurgo ocorreu, anteriormente, em Horácio (*Carm.* 2.19.16-7): *Thracis et exitium Lycurgi. / tu flectis amnes, tu mare barbarum* ["e a morte do Trácio Licurgo. / Tu curvas rios, tu, o mar bravo"]; e Sêneca (*Her. F.* 903 – especificamente o Mar Vermelho): *adsit Lycurgi domitor et rubri maris* ["se achega o conquistador de Licurgo e do mar rubro"]. Para os episódios referidos por Estácio, cf. comentários *ad loc.*"

**384. SOB O FRIO ARCTURO:** "no norte". Sobre **Arcturo**, cf. 1.18n.

**385. VELOZ COM TIRSO FÉRREO IMPELES BÉLICO ÍSMARO:** o **Ísmaro** é uma montanha localizada na região sul da Trácia, a qual, segundo Amar-Lemaire (*ad loc.*), é rochosa e inculta em um de seus lados, e fértil para as vinhas e as oliveiras do outro – como em Homero (*Od.* 9.196-8): *ἀτὰρ αἴγεον ἀσκὸν ἔχον μέλανος οἴνοιο, / ἡδέος, ὅν μοι δῶκε Μάρων, Εὐάνθεος υἱός, / ἱρεὺς Ἀπόλλωνος,*

ὃς Ἴσμαρον ἀμφιβεβήκει (“um odre / cápreo locupletei de vinho negro e doce, / um dom inesquecível de Maron Evânteo, / protetor dos Ismaros, seguidos de Apolo” – trad. Trajano Vieira); é consagrada a Baco, como se encontra em Virgílio (*G.* 2.37): *iuuat Ismara Baccho* (“Baco exulta no Ismaro”). É dito **bélico** pela fama guerreira e belicosa dos povos da Trácia – sobre isso, cf. 3.288n. O **tirso**, um bastão típico de Baco (cf. 2.664n), é aqui dito **férreo** por ser um contexto de guerra.

**386. FAZES PAMPÍNEO BOSQUE A LICURGO ARRASTAR-SE:** Licurgo foi um rei da Trácia com quem Baco se indispôs. De acordo com Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.5.1), já adulto e buscando atravessar a Trácia para guerrear contra os indos, Baco teria sido expulso por Licurgo durante uma batalha no Estrímon. Depois disso, tomado de uma insânia enviada pelo deus, o rei matou seu próprio filho crendo tratar-se de uma videira. Baco, então, tornou infértil o solo dos domínios de Licurgo, dizendo ao povo que somente o sangue de seu rei podia torná-los férteis. Os trácios, então, amarraram os membros de Licurgo a cavalos e fizeram com que cada um deles corresse em uma direção, desmembrando seu monarca e se livrando, assim, da maldição de Baco. Em Higino (*Fab.* 132), após ter expulsado Baco de seus domínios, Licurgo, bêbado, tentar deitar-se com a própria mãe; recuperado, teria ordenado ao povo que arrancasse e acabasse com as videiras do reino, para que o mal que elas provocam pudesse ser evitado. Baco, então, o teria tornado louco. Ainda de acordo com Higino, Licurgo teria cortado um de seus pés, crendo tratar-se de uma videira que se lhe assomava.

Homero conta uma versão diferente, de acordo com a qual Baco teria sido expulso pelo rei ainda criança, tendo sido então cegado, como vingança, por Júpiter (*Il.* 6.130-9): *οὐδὲ γὰρ οὐδὲ Δρύαντος υἱὸς κρατερὸς Λυκόοργος / δὴν ἦν, ὅς ῥα θεοῖσιν ἐπουρανίοισιν ἔριζεν· / ὅς ποτε μαινομένοιο Διωνύσοιο τιθήνας / σεῦε κατ’ ἠγάθεον Νυσήϊον· αἳ δ’ ἅμα πᾶσαι / θύσθλα χαμαὶ κατέχευαν ὑπ’ ἀνδροφόνοιο Λυκούργου / θεινόμεναι βουπλῆγι· Διώνυσος δὲ φοβηθεὶς / δύσεθ’ ἁλὸς κατὰ κῦμα, Θέτις δ’ ὑπεδέξατο κόλπῳ / δειδιότα· κρατερὸς γὰρ ἔχε τρόμος ἀνδρὸς ὁμοκλῆ. / τῷ μὲν ἔπειτ’ ὀδύσαντο θεοὶ ῥεῖα ζώοντες, / καί μιν τυφλὸν ἔθηκε Κρόνου πάϊς* (“Nem mesmo o filho de Driante, o possante Licurgo, / viveu muito tempo, ele que lutou contra os deuses celestiais. / Foi ele que outrora escorraçou as amas do delirante Dioniso / da sagrada montanha de Nisa; e todas elas deixaram cair / no chão as varas de condão, golpeadas pelo carniceiro Licurgo / com o acicate das vacas. Mas Dioniso fugiu espantado / e mergulhou nas ondas do mar, onde em seu regaço acolheu / Tétis o amedrontado: enorme era seu terror ante a ameaça do homem. / Contra Licurgo se enfureceram os deuses que vivem sem dificulda-

de. / E o filho de Crono cegou-o" – trad. Frederico Lourenço).

O pâmpano é o ramo da videira. O **pampíneo bosque**, então, um campo de videiras em broto. A solução criada por Estácio para referir-se ao triunfo de Baco sobre Licurgo é, pois, bastante interessante e sofisticada, pois que reporta o feito com a imagem dos brotos de videira rastejando (*irreptare*, em latim) em direção a Licurgo, como se a planta não apenas objetivasse assomar-se ao rei, mas também tomasse conta do solo de seu reino – espalhando Baco, portanto, pelo local de onde ele foi expulso. Sendo assim, mesmo sem filiar-se a uma versão específica do mito em se tratando daquelas ora indicadas, o poeta relembra a vitória do deus sobre o seu desafeto.

**387. NO AMPLO GANGES:** por meio do Ganges, famoso rio da Índia, refere-se o poeta aos indos. A passagem retoma as conquistas de Baco no subcontinente indiano, de onde se diz (*D. S.* 4.3.1) ter o deus voltado "pleno de notáveis espólios" (*λαφύρων ἀξιόλογον πλῆθος*). Ainda de acordo com Diodoro Sículo (*esp.* 4.3.1-2), por ter sua expedição pela Índia durado três anos, após o retorno de Baco para as terras da Grécia esses povos passaram a comemorar a cada três anos, em um grande festival, os triunfos do deus. Seria essa, então, a origem dos trietéris (*τριετηρίς* – *trietērís* – cf. 2.73-80n) em honra a Baco.

**387-8. NOS REMOTOS FINS DE TÉTIS / RUBRA:** refere-se à região costeira do atual Mar Vermelho – **Tétis** (cf. 1.39-40) é usada, então, como metonímia para "mar".

**388. EM LARES DO EOO:** "nas casas do oriente".

**388-9. NUMA ARDENTE VITÓRIA / TE ENRAIVAS:** as três referências (4.387-8) dizem respeito à incursão de Baco à Índia (cf. 4.387n), retomando diferentes locais por onde o deus passou. Sua **ardente vitória**, então, se trata das conquistas no subcontinente indiano.

**389. DOURADO À FONTE DO HERMA SAIS:** (AMAR-LEMAIRE) "Herma, um rio que revolve areia de ouro. Nasce próximo a Dorileu, uma cidade da Frígia, no monte Dorileu, e corre por entre a planície Esmirna, dividindo a Frígia da Cária; por fim, inundando a Lídia, deságua no mar." **DOURADO:** por banhar-se ou cruzar as águas do Herma, diz que Baco sai **dourado**, uma vez que a areia do rio estaria impregnada de ouro (*supra*).

**390-3. MAS, TEU RAMO ... OS DOTES, / SOFREMOS:** desenvolve a ideia lançada em 4.383-4. A bacante alega que, conquistador de terras estrangeiras (cf. 4.384-9 e comentários *ad loc.*), por ter há muito negado o seu amor a Tebas (cf. 4.383-4n) Baco deixa que os tebanos sofram com a guerra, o pranto e o medo – aumentado pelos rumores da Fama (cf. 4.369-7) –, e também

com o nefas fraternal. Seu apelo será posteriormente atendido, quando Baco toma partido na disputa e auxilia os seus na preparação para a luta (cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*).

**390. TEU RAMO:** os próprios tebanos, compatriotas do deus.

**390-1. PROSTRADAS DAS GENTES AS ARMAS / QUE NO CULTO TE OFERTAM:** refere-se ao tirso (cf. 2.664n; 4.385n). (PARKES) "A mênade implicitamente opõe as 'armas nacionais' [**das gentes**], o tirso (4.385), e as armas militares com as quais eles foram obrigados a substituí-las. Sobre esse contraste, cf. Ov. *Met.* 3.541-2: *quos arma tenere / non thyrsos* ["os que armas seguram, / não tirsos"] [...]."

**391-3. GUERRA, PRANTO, MEDO ... OS DOTES, / SOFREMOS:** refere-se a bacante ao que o povo de Baco (**teu ramo**, 4.390) é obrigado a pagar (*pendimus*, em latim, ora vertido por **sofremos**) enquanto seu patrono conquista terras estrangeiras: deixados os tirsos e empunhadas as armas (cf. 4.390-1n), um **reino injusto** – pois que Etéocles reina durante o tempo de mando de Polinices – lhes deixa seus presentes: a **guerra**, o **pranto**, o **medo** e o **nefas fraternal** – a guerra entre os irmãos.

**393-6. POIS MELHOR, Ó BACO ... LEVAR-ME QUE ... EU CONTAR:** a bacante diz preferir ser mandada a terras distantes e desconhecidas (cf. comentários *ad loc.*) do que contar os prodígios nela inspirados, que dizem respeito especialmente aos edipônidas (cf. 4.395n). Compare com a matrona de Lucano (*Luc.* 1.678-80 *apud* 4.377-405n): *quo feror, o Paean? qua me super aethera raptam / constituis terra? uideo Pangaea niuosis / cana iugis latosque Haemi sub rupe Philippos.* ("Aonde sou levada, Péan? Sobre os ares / arrebatada, em qual país me vais deixar? / O grisalho Pangeu de níveos cimos noto, / nas faldas do Hemo o largo campo de Filipos" – trad. Brunno Vieira).

**393-4. À GEADA ETERNA, / ONDE UIVAM AMAZONAS ARMAS ALÉM-CÁUCASO:** refere-se aqui ao distante monte Cáucaso (cf. 4.393n) como um marco para as terras conhecidas: o **além-Cáucaso**, então, indica as distantes terras bárbaras, desconhecidas e misteriosas, bem como selvagens: **onde uivam Amazonas armas** (cf. 4.394n).

**393. À GEADA ETERNA:** diz-se que as amazonas (cf. 4.394n) viviam sobre os cimos do Cáucaso, monte localizado entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, na Cítia. Assim, refere-se o poeta ao cume do Cáucaso, morada das amazonas.

**394. AMAZONAS ARMAS:** é dizer "amazonas tropas". As amazonas eram uma tribo de mulheres guerreiras, devotas de Ártemis, que vivam no monte Cáucaso (cf. 4.393-4 e comentários *ad*

*loc.*), na Cítia. Têm parte nas lendas de Hércules, que foi encarregado por Euristeu de roubar o cinto de Hipólita, a chefe das guerreiras.

**395. AS VISÕES DOS REIS E A RAÇA ÍMPIA:** em latim, *monstra ducum stirpemque profanam*. Trata-se de uma hendíadis: "as visões dos reis da raça profana" – ou seja, as visões envolvendo Etéocles e Polinices.

**396-7. OUTRA INSÂNIA, Ó BACO, / TE JUREI:** refere-se àquela dos bacanais, em contraposição, aqui, à da divinação.

**397-404. NUM COMBATE EU VEJO ... E OUTRO REI TEM O PRADO!:** novamente aqui, Etéocles e Polinices são comparados a touros em ação (sobre isso, cf. 2.323-32n). Ora, os touros **símiles** – *i.e.*, por terem **honra igual** e ser **único** o **sangue na origem** – combatem entre si (4.399-400) e, **em ira mútua**, ambos morrem. A visão da bacante retoma, assim, aquela de Anfiarau durante a ornitoscopia, em que o vate viu Etéocles e Polinices tombarem juntos ao chão (cf. 3.542n).

**401-2. TU, PIOR, TU, DESISTE ... COMUM QUER GUARDAR:** a mênade apostrofa um dos touros, o **pior**, que quer reinar sobre os **campos ancestrais** (cf. Verg. *G.* 3.228 *apud* 3.323-32n) e a **montanha comum** – *i.e.*, que deve ser compartilhada por ambos os touros. É como se se dirigisse, então, a Etéocles. Ora, a descrição da visão é interrompida pela bacante que, revoltada, dirige-se diretamente a um dos touros do presságio. É interessante perceber como, com essa apóstrofe, Estácio faz com que a personagem pareça estar realmente em transe, como se estivesse presente no local onde vê combaterem os touros.

**403-4. Ó MÍSEROS, COM TANTO ... OUTRO REI TEM O PRADO":** continua a apóstrofe a bacante, dirigindo-se agora a ambos os touros. Lamenta (**ó míseros**) que o esforço de ambos (**com tanto sangue vós guerreastes**) tenha resultado vão, pois que **outro rei tem o prado** – uma referência a Creonte, que reinará sobre Tebas após a morte de Etéocles e Polinices.

**405. JÁ BACO AFASTANDO-SE:** indica o fim da possessão da bacante pelo deus.

**406-645. TENSO COM O AGOURO ... DEIXA COM O ENIGMA TORTUOSO:** ritual de necromancia demandado por Etéocles e comandado por Tirésias e sua filha, Manto – sobre o vate, cf. 2.94-5n. O episódio pode ser dividido da seguinte forma: 4.406-14 – Etéocles se decide por Tirésias e a necromancia é escolhida; 4.414-8 – início do ritual; 4.419-42 – descrição do local onde o ritual será levado a cabo; 4.443-518 – continuação do ritual; 4.519-43 – descrição do Hades; 4.543-52 – Manto intensifica votos e oferendas; 4.553-603 – Manto descreve o que vê e Tirésias interpreta os sinais; 4.604-45 – Tirésias chama Laio e Laio vaticina. Como lembra Parkes (*ad loc.*), a

tradição de consulta aos mortos, na poesia épica ou na tragédia, é bastante longa. Depois da necromancia realizada por Odisseu em Homero (*Od.* 11.13-640), tomada como ponto de partida, Virgílio também faz com que Eneias tenha a chance de consultar os mortos para saber sobre o futuro (*A.* 6.236-898). Sexto Pompeu é outro a interrogar os mortos, e delega a Ericto a tarefa de abrir-lhe o Hades em Lucano (*Luc.* 6.419-825). Também Alcímede (*V. Fl.* 1.730-826) e Cipião (*Sil.* 13.395-895) buscam, pela necromancia, os fados em Valério Flaco e Sílio Itálico, respectivamente. Na tragédia, e em profunda relação com a *Tebaida*, Sêneca faz com que Édipo encarregue Creonte de acompanhar Tirésias e Manto durante o ritual para que se descubra, finalmente, quem é o assassino de Laio que deverá ser punido (*Oed.* 288-698).

Para a autora (*ad loc.*), porém: "A necromancia de Estácio é caracterizada pela redundância e pelo excesso [...]. Este excesso é sugerido pela natureza hiperbólica dos ritos, que superam instâncias anteriores [...] [cf. 4.443-68], e pela atenção que a narrativa dispensa à cerimônia. Reconhecidamente, em termos de proporção de espaço destinado ao episódio em comparação com o resto do poema, Estácio fica atrás de Homero e Sêneca: Taisne (1991, p. 270 n.16) estima que Homero dedica 4% do seu trabalho à necromancia, Sêneca 10% e Estácio 2,5%. Essa estatística, porém, não cobre a digressão engendrada pela necromancia de Estácio. Bem como fomentar as preparações dos tebanos para o avanço do exército argivo [...], o episódio atrasa o curso da narrativa [...]. Um sentimento de lentidão desnecessária é criado especialmente pela prolongada construção da chegada das sombras (o que inclui duas descrições de local), e o chamado inútil de todos os espíritos. Pois a maioria das sombras é imediatamente mandada de volta [...] e, diferentemente da necromancia em Sêneca, Estácio dá atenção a essa deposição, destacando a inutilidade dessa parte dos ritos. Além disso, a predição da vitória tebana pelo comportamento dos fantasmas argivos é melhor transmitida pelas palavras de Laio (4.641), tornando sua aparição desnecessária. Os esforços de Tirésias são dificilmente justificados pelo resultado: os tebanos descobrem que a vitória está assegurada, mas são presenteados com especificações enigmáticas e inúteis (4.639-44). O resultado final é, marcada e deliberadamente, anticlímax. Dando atenção à manipulação da forma, mais do que reforçando o valor do método da necromancia, Estácio pode estar discutindo a transformação da necromancia em uma característica literária convencional".

Essa leitura, porém, parece dar pouca atenção às relações entre o episódio conforme desenhado por Estácio e os de seus antecessores, uma vez que, embora de fato atrase o andamento da narrativa, o excesso e a redundância durante a necromancia não são traços exclusiva-

mente seus. Em Homero, Odisseu está em busca do caminho para sua casa, em Ítaca, após a vitória dos Gregos em Troia. Por influência de Circe, o herói acaba procurando a sombra de Tirésias no Hades, afim de saber sobre o futuro. O fantasma do vate tebano, porém, não é nem a primeira nem a última sombra com a qual trava conversa: primeiro (*Od.* 11.50) encontra Elpênor, um de seus marinheiros que morrera diante da morada de Circe; depois (*Od.* 11.84), sua própria mãe se assoma, seguida por Tirésias (*Od.* 11.84); após conversar com a sombra do vate (*Od.* 11.91-151), dá voz à sua mãe para saber de sua morte e de Penélope, sua esposa que o espera em Ítaca. Na sequência (*Od.* 11.225-333), Perséfone envia-lhe uma série de sombras de mulheres famosas (Antíope, Alcmena, Jocasta e Ariadne, entre outras) e, depois (*Od.* 11.386-640), Odisseu ainda conversa com as sombras de seus aliados na guerra de Troia (Agamêmnon, Aquiles, Pátroclo, etc.). Somente após o relato de todos esses encontros e conversas é que a narrativa recomeça, já no Canto XII. Na *Eneida*, Eneias e a Sibila entram no Hades em 6.262, e só encontram Anquises, o pai de Eneias, a quem foi procurar o herói, em 6.687. Do momento da descida até o encontro com seu pai, Eneias encontra diversas almas (a de Dido, por exemplo, e a de Agamêmnon), detendo-se somente diante de seu pai. São várias, também, as descrições, desde antes de encontrarem Caronte, que os atravessa para as portas do submundo, até durante o encontro com Anquises.

Embora, como alega Parkes (*supra*), a atenção dedicada ao ritual seja maior em Estácio do que em Homero (*Od.* 11.23-50) e Virgílio (*A.* 6.236-54), isso não implica, nestes autores, uma maior objetividade na narração do que acontece após os heróis terem acesso aos Infernos, uma vez que, em Homero, o encontro com a sombra ansiada é protelado pelo surgimento de outros mortos e seguido por uma série de outros encontros; e, em Virgílio, mais de 400 versos separam o momento da entrada nos Infernos (*A.* 6.262) do encontro com Anquises (*A.* 6.687). Mais semelhante ao passo estaciano, contudo, é a necromancia realizada por Ericto em Lucano (*Luc.* 6.419-825). Nela, o momento no qual Sexto Pompeu expõe suas ânsias a Ericto (*Luc.* 6.570-623) é precedido por uma série de acontecimentos, que vão desde a decisão de Sexto por Ericto (*Luc.* 6.419), passando por uma digressão sobre o poder das bruxas da Tessália (*Luc.* 6.438-506) e daquela escolhida pelo general especificamente (*Luc.* 6.507-28), até a descrição dos seus costumes para a realização da necromancia (*Luc.* 6.529-69), atrasando assim o início do ritual, que só começa em 6.624. Em Lucano, assim como em Estácio, as diferentes etapas do ritual de invocação dos mortos são bastante demoradas, e se prolongam até o verso 6.750, momento em que o cadáver que será interpelado pela bruxa finalmente revive. Também como na *Tebaida*, a consulta, por si, é bastante rápida quando comparada aos ri-

tos invocativos, e se encerra já em *Luc.* 6.820.

No contraste com Homero e Virgílio, então, o cuidado dedicado a partes distintas do episódio, como a maior atenção à cerimônia, à descrição dos ambientes e à chegada e à negação das sombras, não é característica exclusiva de Estácio, como o faz crer Parkes, pois já estão em Lucano, que também valoriza muito mais a preparação e a execução dos rituais do que a consulta. Portanto, se Estácio discute, ao manipular a forma do episódio, o valor da necromancia como um característica literária convencional, não o faz exclusivamente, mas seguindo os passos de Lucano, cujo ritual é muito mais semelhante ao de Estácio do que ao de Virgílio ou de Homero. Além disso, ao falar que, dedicando-se mais a essa manipulação, Estácio deixa de lado o valor da necromancia como um método de divinação, Parkes parece exagerar. Ao contrário da suposta inutilidade dos esforços de Tirésias, condicionada pelo aspecto "enigmático e inútil" das especificações do vaticínio de Laio (*Theb.* 4.639-44), principal motivo pelo qual sua interferência seria "dificilmente justificável", as palavras de Laio emprestam, ao presságio, a incompreensibilidade que caracteriza grande parte dos presságios na *Tebaida* (como as predições de Apolo sobre os genros de Adrasto – cf. 1.395-9 e comentários *ad loc.*), e também dos que envolvem a casa de Édipo. Dessa forma, então, Estácio não discutiu, simplesmente, a convencionalidade da necromancia no contexto épico, mas moldou o seu episódio de acordo com características de seu próprio poema, seguindo seus predecessores – especialmente Lucano e Sêneca –, mas sem deixar de lado o aspecto crítico da sua prática de imitação. Essa questão e os detalhes mais pontuais do episódio estão discutidos nos comentários *ad loc.*

**406-14. Tenso com o agouro ... chamados, diz, não mostram:** o início do episódio em Estácio muito se assemelha ao de Lucano (*Luc.* 6.419-37): *turbae sed mixtus inerti / Sextus erat, Magno proles indigna parente, / cui mox Scyllaeis exul grassatus in undis / polluit aequoreos Siculus pirata triumphos. / qui stimulante metu fati praenoscere cursus, / inpatiensque morae uenturisque omnibus aeger, / non tripodas Deli, non Pythia consulit antra, / nec quaesisse libet primis quid frugibus altrix / aere Iouis Dodona sonet, quis noscere fibra / fata queat, quis prodat aues, quis fulgura caeli / seruet et Assyria scrutetur sidera cura, / aut siquid tacitum sed fas erat. ille supernis / detestanda deis saeuorum arcana magorum / nouerat et tristis sacris feralibus aras, / umbrarum Ditisque fidem, miseroque liquebat / scire parum superos. uanum saeuumque furorem / adiuuat ipse locus uicinaque moenia castris / Haemonidum, ficti quas nulla licentia monstri / transierit, quarum quidquid non creditur ars est* ("Entre os covardes, / prole indigna do Grande, estava Sexto; / esse, a quem dentro

em pouco o mar de Cila / exul veria, e sículo pirata / dar mate aos de Pompeu navais triunfos. / Todo sustos, o vil anseia, anela, / sem mais tardanças, extorquir aos fados / certezas do porvir, que o dessossega. / Não busca pois as trípodes de Delos, / pítias [covas], ou selvas de Dodona, / mesa do homem primevo, hoje de Jove / brônzeo oráculo ao mundo. Não indaga / se há quem soletre em fibras o futuro, / voos de aves decifre, intenta os raios, / sonde as estrelas, com saber de assírios: / de vaticínios lícitos não cura. / Conquanto saiba que os supernos deuses / detestam da magia as cerimônias, / as aras tristes de exequiais mistérios, / Dite, e os espectros respondendo aos homens, / tem para si (misérrimo!) que os numes / do que vai cá na terra alcançam pouco. / Ajuda-lhe inda o sítio a crua insânia: / perto dos arraiais divisa os muros / das mulheres Hemônides, que excedem / quanto se há de espantoso fabulado / e a todo o incrível com sua arte abrangem" – trad. José F. de Castilho).

Enquanto Etéocles demanda os trabalhos de Tirésias por estar **Tenso** por causa do **agouro** da bacante (4.383-404) e incapacitado (**inapto**) pelos **medos vários** que sente (cf. 4.406n), Sexto Pompeu o faz: estimulado pelo medo (*stimulante metu*, *Luc.* 6.423), impaciente com a demora (*impatiensque morae*, *Luc.* 6.424) e triste com o porvir (*uenturisque omnibus aeger*, *Luc.* 6.424). Embora, em Estácio (4.409-14), a escolha pela necromancia seja feita por Tirésias e, em Lucano, pelo próprio general (*Luc.* 6.425-37), em ambos os casos a decisão é tomada pelo mesmo motivo – qual seja, ser mais certeira a necromancia em relação às outras formas de divinação (cf. *Theb.* 4.409-14; *Luc.* 6.425-34). Essa diferença pode ser devida ao estado em que se encontra Etéocles diante dos medos que sente: **inapto** (4.406), não saberia escolher a melhor forma de saber sobre o futuro, cabendo a decisão ao próprio vate convocado. É interessante perceber que, novamente, Etéocles não sabe como agir, como quando foi instado pela sombra de seu avô para dar ensejo à guerra contra seu irmão (sobre isso, cf. 2.102-19 e comentários *ad loc.*).

**406. TENSO COM O AGOURO:** refere-se ao presságio anteriormente fornecido pela bacante possessa (cf. 4.377-405 e comentários *ad loc.*). **INAPTO PELOS MEDOS VÁRIOS:** "incapacitado pelos vários medos que sente". Os **medos vários** referem-se, pois, aos pavores espalhados pela Fama (cf. 4.369-77 e comentários *ad loc.*).

**407. HÁBEIS TREVAS:** pode se referir tanto à cegueira de Tirésias, que é hábil porque, mesmo cego, o vate prediz o futuro, ou às trevas que o ancião abrirá para a consulta. (LACTÂNCIO) "Porque Tirésias é cego, mas divino; hábeis, porque a tudo investigam."

**408. A QUEM CHAMAM OS TEMENTES:** a referência aqui é metaliterária. Pode-se referir, de um

modo geral, como alega Parkes (*ad loc.*), a todos os momentos da poesia clássica em que a necromancia foi o método considerado para o conhecimento do futuro (cf. 4.406-645n), mas por certo se refere, especificamente, às intervenções de Tirésias nos diferentes mitos em que tem papel – por exemplo, em Homero (*Od.* 10.534-40; 11.90-151). Sêneca, contudo, parece ser a referência mais direta, uma vez que, chamado por Édipo para que apontasse o responsável pela morte de Laio, evocará, durante uma necromancia, o fantasma do próprio Laio para que lhe revele o ocorrido (*Oed.* 288-698).

**409-14. Que os deuses, por ... chamados, diz, não mostram:** Tirésias lista uma série de métodos divinatórios que julga inferiores à necromancia – os **manes do fundo linde da atra Morte / chamados**. Sobre eles, cf. comentários *ad loc.*

**409. por opimo gado morto:** provável referência ao haruspicismo, arte da divinação por meio das entranhas de animais sacrificados (cf. 4.410n) – ritual já realizado por Melampo e Anfiarau (cf. 3.456-8 e comentários *ad loc.*).

**410. por penas de aves:** a ornitomancia, como a praticada por Anfiarau e Melampo (cf. 3.460-551 e comentários *ad loc.*). **vísceras que indicam fatos:** pela semelhança com o haruspicismo (cf. 4.409n), pode referir-se especificamente à divinação pela leitura do fígado das vítimas, chamada de hepatoscopia.

**411. trípode obscura:** por meio de oráculos – sobre a **trípode**, cf. 1.509n. Diz **obscura** por serem reconhecidamente enigmáticos os oráculos de Apolo – cf. por exemplo o oráculo em que predisse a Adrasto os seus genros (cf. 1.395-9 e comentários *ad loc.*). **números que seguem astros:** a astrologia, que, por meio da matemática, calcula a posição dos astros no céu.

**412. por fumos de incenso que sobre aras voam:** a libanomancia, que se refere especificamente à fumaça dos incensos. Lactâncio (*ad loc.*) aponta a capnomancia, método pelo qual se observava a fumaça despendida nos altares sacrificiais. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), observava-se a dispersão da fumaça e sua coloração.

**414. diz:** é Tirésias quem diz, não Etéocles (cf. 4.406-14n).

**414-8. Os ritos do Letes ... longos murmúrios expurga:** preparando-se para a necromancia, Tirésias purifica Etéocles, que está **imerso** no Ismeno, mais especificamente onde as suas águas encontram o mar (o **ponto**). Em Valério Flaco, Mopso se purifica após um massacre na beira do rio Esepo, na Mísia, onde ele deságua no mar (*V. Fl.* 3.417-23): *iamque sopor mediis tellurem presserat horis / et circum tacito uolitabant somnia mundo, / cum uigil arcani speculatus tem-*

*pora sacri / Ampycides petit aduersis Aesepia siluis / flumina et aequoreas pariter decurrit ad undas. / hic sale purpureo uiuaque nitentia lympha / membra nouat seque horrificis accommodat actis* ("O sono da alta noite à terra já ocultara / e pelo mundo silencioso voavam sonhos / enquanto o Ampícida, observando vigilante / do culto o tempo, busca o Esepo em bosques próximos / e segue o rio até às ondas do oceano. / Ali, co'o mar purpúreo e a linfa viva e bela / anima os membros e se aplica a horríveis atos" – trad. Márcio Meirelles).

Em Luciano, a catábase de Menipo é precedida por um rito de purificação em um rio (*Nec.* 7): *παραλαβὼν δέ με ὁ ἀνὴρ πρῶτα μὲν ἡμέρας ἐννέα καὶ εἴκοσιν ἅμα τῇ σελήνῃ ἀρξάμενος ἔλουε κατάγων ἕωθεν ἐπὶ τὸν Εὐφράτην πρὸς ἀνίσχοντα τὸν ἥλιον, ῥῆσίν τινα μακρὰν ἐπιλέγων ἧς οὐ σφόδρα κατήκουον· ὥσπερ γὰρ οἱ φαῦλοι τῶν ἐν τοῖς ἀγῶσι κηρύκων ἐπίτροχόν τι καὶ ἀσαφὲς ἐφθέγγετο. πλὴν ἐῴκει γέ τινας ἐπικαλεῖσθαι δαίμονας. μετὰ δ' οὖν τὴν ἐπῳδὴν τρὶς ἄν μου πρὸς τὸ πρόσωπον ἀποπτύσας, ἐπανῄει πάλιν οὐδένα τῶν ἀπαντώντων προσβλέπων. καὶ σιτία μὲν ἦν ἡμῖν τὰ ἀκρόδρυα, ποτὸν δὲ γάλα καὶ μελίκρατον καὶ τὸ τοῦ Χοάσπου ὕδωρ, εὐνὴ δὲ ὑπαίθριος ἐπὶ τῆς πόας. Ἐπεὶ δ' ἅλις εἶχε τῆς προδιαιτήσεως, περὶ μέσας νύκτας ἐπὶ τὸν Τίγρητα ποταμὸν ἀγαγὼν ἐκάθηρέν τέ με καὶ ἀπέμαξε καὶ περιήγνισεν δᾳδὶ καὶ σκίλλῃ καὶ ἄλλοις πλείοσιν, ἅμα καὶ τὴν ἐπῳδὴν ἐκείνην ὑποτονθορύσας. εἶτά με ὅλον καταμαγεύσας καὶ περιελθών, ἵνα μὴ βλαπτοίμην ὑπὸ τῶν φασμάτων, ἐπανάγει εἰς τὴν οἰκίαν, ὡς εἶχον, ἀναποδίζοντα, καὶ τὸ λοιπὸν ἀμφὶ πλοῦν εἴχομεν* ("Então o homem, pegando em mim, em primeiro lugar banhou-me durante vinte e nove dias, a começar na lua nova, mergulhando-me no Eufrates desde o nascer ao pôr do sol, ao mesmo tempo que recitava uma longa ladainha de que eu não entendia nada, pois, como os maus arautos dos jogos, [o homem] falava muito rápida e atabalhoadamente. No entanto, parecia invocar certas divindades. Depois das fórmulas encantatórias, cuspia-me três vezes no rosto, e só depois é que eu regressava [a casa], sem olhar para ninguém que encontrasse [no caminho]. A nossa comida eram frutos secos, e a bebida era leite, hidromel e água do [rio] Coaspes; quanto a cama, era ao ar livre, sobre a erva. Quando entendeu que já me tinha ministrado o tratamento preparatório suficiente, levou-me, aí por volta da meia-noite, até ao rio Tigre, onde me lavou, me esfregou e me untou todo com cebola albarrã e muitos outros ingredientes, ao mesmo tempo que murmurava a tal fórmula encantatória. A seguir, depois de fazer muitos feitiços andando à minha volta, a fim de não ser molestado pelos fantasmas, leva-me para casa, tal e qual como estava, e andando às arrecuas. Então, preparamos tudo para o embarque" – trad. Custódio Magueijo).

**414. Os ritos do Letes:** é dizer "os ritos dos Infernos". **Letes** é uma fonte localizada no submundo, da qual os mortos deveriam beber para esquecer aquilo que fizeram enquanto esta-

vam vivos. É conhecida como a Fonte do Esquecimento.

**415. IMERSO NOS CONFINS DO ISMENO AO PONTO UNIDO:** refere-se a Etéocles, que estava **imerso** nas águas do Ismeno (cf. 1.39n), no local onde o rio deságua no mar (onde está, pois, **ao ponto unido**). Diz **confins** por ser a foz do flume.

**416. O REDOR:** entenda-se "o entorno de Etéocles", o **rei** (4.416). **COM ENTRANHAS:** Mopso também utiliza, em sua purificação (cf. 4.414-8n), entranhas de animais (*V. Fl.* 3.439-43): *tunc piceae mactantur oues prosectaque partim / pectora per medios, partim gerit obuius Idmon. / ter tacitos egere gradus, ter tristia tangens / arma simul uestesque uirum lustramina ponto / pone iacit, rapidis adolentur cetera flammis* ("São imoladas negras reses: parte é pêlo, / mas a outra parte, ao lado, Ídmon distribui. / Três vezes guiou os mudos passos; três, tocando / as vestes e armas dos heróis, lançou p'ra trás, / no mar, as lustrações; o resto as chamas ardem" – trad. Márcio Meirelles).

**417. DE BIDENTES:** sobre isso, cf. 3.457n.

**418. LONGOS MURMÚRIOS:** Menipo, em Luciano (*Nec.* 7), também se refere a uma "fórmula encantatória" que o vate "murmurava" enquanto o purificava para a descida aos infernos, "uma longa ladainha de que eu não entendia nada" (cf. 4.414-8n).

**419-42. SELVA DE LONGA IDADE ... A CASA TORNA O ARMENTO:** descreve o local escolhido por Tirésias para a realização do ritual: um bosque consagrado a Diana. Parkes (*ad loc.*) aponta uma inversão do *topos* do *locus amoenus* ("local agradável") ora realizada: local de descanso para Diana (4.431-3), a mata fechada é perfeita para que ali se abram as portas do Hades. Seu bosque é vizinho, porém, da terra onde Cadmo semeou os dentes do Dragão de Marte (cf. 1.7-8n), terras mais que propícias para o derramamento de sangue. O bosque conforme descrito por Estácio possui estreitas relações com outros bosques nos quais necromancias foram realizadas, como em Sêneca (*Oed.* 530-47): *est procul ab urbe lucus ilicibus niger / Dircaea circa uallis inriguae loca. / cupressus altis exerens siluis caput / uirente semper alligat trunco nemus, / curuosque tendit quercus et putres situ / annosa ramos: huius abrupit latus / edax uetustas; illa, iam fessa cadens / radice, fulta pendet aliena trabe. / amara bacas laurus et tiliae leues / et Paphia myrtus et per immensum mare / motura remos alnus et Phoebo obuia / enode Zephyris pinus opponens latus. / medio stat ingens arbor atque umbra graui / siluas minores urget et magno ambitu / diffusa ramos una defendit nemus. / tristis sub illa, lucis et Phoebi inscius, / restagnat umor frigore aeterno rigens; / limosa pigrum circumit fontem palus* ("Há longe da cidade um negro bosque, / próximo ao vale úmido de Dirce. / Elevando seu cume na alta selva, / um cipreste constrange toda a mata / à

sombra do seu tronco sempre verde, / e um idoso carvalho estende os ramos / curvos e corroídos de bolor: / ávido, o tempo desgastou-lhe um lado; / e ele, inclinado, com a raiz cansada, / pende, por outra árvore firmado. / Há um loureiro de frutos amargosos; / murtas de Pafos; tílias agradáveis; / um álamo que remos moverá, / cortando o mar em sua imensidão; / e um pinheiro que a Febo se apresenta, / sem nós no tronco, aos Zéfiros se opondo. / No meio está uma árvore grandiosa / que oprime outras menores com sua sombra / e, em ramos espalhada largamente, / acoberta sozinha todo o bosque. / Triste sob ela, sem a luz de Febo, / há água endurecida em frio eterno; / lodoso, cerca a calma fonte um pântano" – trad. Cíntia Sanches).

Em Lucano (*Luc.* 6.642-56): *haud procul a Ditis caecis depressa cauernis / in praeceps subsedit humus, quam pallida pronis / urguet silua comis et nullo uertice caelum / suspiciens Phoebo non peruia taxus opacat. / marcentes intus tenebrae pallensque sub antris / longa nocte situs numquam nisi carmine factum / lumen habet. non Taenariis sic faucibus aer / sedit iners, maestum mundi confine latentis / ac nostri, quo non metuant admittere manes / Tartarei reges. nam, quamuis Thessala uates / uim faciat fatis, dubium est, quod traxerit illuc / aspiciat Stygias an quod descenderit umbras / discolor et uario furialis cultus amictu / induitur, uoltusque aperitur crine remoto, / et coma uipereis substringitur horrida sertis* ("'Té perto dos plutônicos abismos / se esconsa o chão precípite, que afrontam / pálidos bosques de pendidos ramos. / Teixos, que para os céus não alçam cume, / e onde nem Febo rompe, o sítio enoitam; / dentro se estagnam mádidas as trevas. / Descorado bolor alastra o antro, / onde o escuro sem fim se quebra apenas, / quando mágica voz lhe acorda um lume. / As gargantas do Tênaro, na extrema / entre o invisível mundo e o mundo nosso, / ar tão crasso não têm. Mandar seus manes / desejam para aqui os reis do Averno. / Pois, bem que a hemônia vate aos fados force, / mal se sabe ante ao hórrido negrume, / se o trouxe ela da Estige, ou se é voragem / que para lá se engolfa. A vestidura / que Ericto enverga, desvairada em cores, / ares lhe dá furiais; do rosto arreda / as ásperas melenas, apertando-as / em bruto feixe com listão vipéreo" – trad. José F. de Castilho).

E novamente em Sêneca, quando é descrito um bosque nos fundos do palácio de Pélope onde os tantálidas costumavam receber augúrios (*Thy.* 650-8): *arcana in imo regio secessu iacet, / alta uetustum ualle compescens nemus, / penetrale regni, nulla qua laetos solet / praebere ramos arbor aut ferro coli, / sed taxus et cupressus et nigra ilice / obscura nutat silua, quam supra eminens / despectat alte quercus et uincit nemus. / hinc auspicari regna Tantalidae solent, / hinc petere lapsis rebus ac dubiis opem* ("Secreta, em imo retiro, jaz uma região, / em fundo vale confinando um

vetusto bosque, / o santuário do reino, onde nenhuma árvore costuma / os férteis ramos expor ou por ferro ser cuidada, / mas o teixo e o cipreste e, de obscuro azevinho, / uma negra selva acenam, sobre a qual, eminente, / desdenha do alto um carvalho, dominando o bosque. / Ali, auspiciar o reino os Tantálidas costumam, / ali pedir, pra o que vai mal ou é incerto, ajuda").

Há semelhanças, ainda, com o bosque de Marselha descrito na *Farsália* (*Luc.* 3.399-452 – especialmente 3.399-401): *lucus erat longo nunquam uiolatus ab aeuo / obscurum cingens conexis aera ramis / et gelidas alte summotis solibus umbras* ("era um bosque sagrado, inviolado há muito, / cujo denso arvoredo escuro o ar fazia / e sombrio, e gelado, ao sol inacessível" – trad. Bruno Vieira). Para mais detalhes, cf. comentários *ad loc.*

**419. Selva de longa idade à ação do tempo arqueada:** a idade dos bosques, bem como o arqueamento dos troncos das árvores – marca de sua antiguidade –, parece ser uma constante nesses rituais. Cf. por exemplo Sêneca (*Oed.* 534-6): *curuosque tendit quercus et putres situ / annosa ramos: huius abrupit latus / edax uetustas* ("curvos e podres de bolor, estende o roble/ anoso os galhos: desgastou-lhe um dos lados / o tempo voraz"); e (*Thy.* 651): *alta uetustum ualle compescens nemus* ("em fundo vale confinando um vetusto bosque").

**420-1. com frondes sempre intonsas e nunca invadida / pelos sóis:** a descrição destaca a escuridão do bosque: as **frondes sempre intonsas** das árvores dificultam a entrada de luz, donde diz então que a selva nunca foi **acessada pelos sóis**. Novamente, o aspecto sombrio é característica recorrente dos bosques escolhidos como local para a execução de rituais – cf. Sêneca (*Oed.* 530): *lucus ... niger* ("bosque ... negro"); Lucano (*Luc.* 6.643-5): *quam pallida pronis / urguet silua comis et nullo uertice caelum / suspiciens Phoebo non peruia taxus opacat* ("que afrontam / pálidos bosques de pendidos ramos. / Teixos, que para os céus não alçam cume, / e onde nem Febo rompe, o sítio enoitam" – trad. José F. de Castilho); e Virgílio, sobre a caverna em que a Sibila conduz os necromantes ritos (*A.* 6.238): *tuta lacu nigro nemorumque tenebris* ("protegida por negro lago e pela escuridão dos bosques").

**421-2. nem a arrasam invernos, nem Noto / tem jus, nem Bóreas tem da Ursa Gética a força:** impérvia ao sol (cf. 4.420-1n), a selva escolhida, de tão densa, não é atingida pelo inverno (**nem a arrasam invernos**), nem **Noto**, o vento quente que sopra do sul, ou **Bóreas**, o vento frio que sopra do Norte. (Parkes) "Assim também no bosque de Marselha em Lucano (3.408-9): *nec uentus in illas / incubuit siluas* ["nem vento naquelas / selvas tocou"]. A fraseologia ecoa Lucano (1.406-7), sobre o porto de Hércules, a moderna Mônaco: *non Corus in illum / ius*

*habet aut Zephyrus* ["nem Coro, ali, / tem jus, nem Zéfiro"]. A constelação da Grande Ursa (**Ursa**) surge como metonímia para o norte [...]. O adjetivo **Gética**, para "trácio". Veja [...] *Thracius ... Boreas* (*Sil.* 1.587 ["o Trácio ... Bóreas"]), tradicional associação de Bóreas com o norte."

**422. DA URSA GÉTICA A FORÇA:** é dizer "do norte a força" – cf. 4.421-2n. Ou seja, não sopra tão gelado, com todo o ímpeto com o qual vem do norte. A redundância indicando sua origem setentrional – **Ursa** e **Gética** – pode ser vista como uma forma de destacar o ímpeto (a **força**) com que sopra o vento.

**423. ABAIXO, OCULTA, A CALMA:** conduz o poeta o olhar do leitor: da copa das árvores (cf. 4.419-2 e comentários *ad loc.*), passa para dentro do bosque – e, mais tarde, para os Infernos (4.519-603). Na mata, descrita como se estivesse fechada, inacessível ao mundo que a circunda, a **calma** – a quietude – só pode mesmo estar **oculta** em seu interior.

**423-4. HORROR / VÁCUO:** combinação de palavras bastante peculiar. Provavelmente, em meio à quietude do bosque inacessível ao mundo que o cerca e sem luz (4.420-1n), diz que o medo (**horror**) existe por si só – na tradução de Hall, *a blank sense of awe* ("uma sensação de pavor vazia").

**424. DA EXCLUSA LUZ, MAL A IMAGO EMPALECE:** o trecho parece contradizer 4.420-1, em que se descreve escura a floresta – **nunca invadida / pelos sóis** –, já que, aqui, poder-se-ia perceber, ainda que pouca, alguma luz: "a imago da luz excluída mal empalece". Parkes (*ad loc.*), porém, levanta uma possibilidade bastante interessante para a interpretação do passo: uma vez que, ao descrever o bosque, Estácio parece ter em mente Trívia Diana (cf. 4.425-33n), a "imagem da luz excluída" pode referir-se, na verdade, à Lua – uma das faces da divindade. Para isso, *imago* (**imago**) deve ser lida no sentido de "reflexo" (como em Ovídio *Ep.* 18.77: *unda repercussae radiabat imagine lunae* – "a água irradiava a imagem da lua refletida"), referindo-se então à Lua como o reflexo da luz do Sol – **exclusa** porque, quando está a Lua no céu, a luz do Sol não se manifesta diretamente. Nessa chave de leitura, diz o poeta, então, que a imago-reflexo do Sol mal se vê por entre as copas das árvores. Com isso, as três faces de Trívia Diana seriam contempladas na descrição (cf. 4.425-33).

**425-33. NÃO FALTA O DEUS ... ALJAVA ACOLHEDORA FOLGA:** revela o poeta que o bosque era consagrado a Diana, mas evoca aqui Trívia Diana, que concentra, em uma só divindade, Hécate, a deusa feiticeira (cf. 4.430n), Diana e a Lua (cf. 4.424n) – como em Virgílio (*A.* 4.511 – *tergeminamque Hecaten, tria uirginis ora Dianae* – "a trigêmina Hécate, três faces da virgem Diana"). A

presença de Hécate na descrição é relevante, uma vez que se trata de um local destinado às práticas mágicas. A deusa também é invocada pela Sibila, em Virgílio, durante a necromancia (*A.* 6.247: *uocans Hecaten caeloque Ereboque potentem* – "chamando Hécate, no céu e no Érebo poderosa"), e por Ericto, em Lucano (*Luc.* 7.699-700; 7.736-8): *caelum matremque perosa / Persephone, nostraeque Hecates pars ultima* [...] *teque deis, ad quos alio procedere uoltu / ficta soles, Hecate pallenti tabida forma, / ostendam faciemque Erebi mutare uetabo* ("que o céu e a mãe detesta / Perséfone, da Hécate nossa a forma última [...] e tu, aos deuses, aos quais com outra face aparecer / costumas, Hécate, palente com a forma putrefata / eu mostrarei e, que a face do Érebo mudes, vetarei").

**425-6. Latônia, cultora dos bosques, / é dada à umbra:** com **Latônia**, refere-se a Diana, filha de Latona. Ora, seria a latônia a segunda face de Trívia Diana a que se refere Estácio no passo (cf. 4.424n; 4.425-33n; 4.429-30n).

**426-7. em cedro, pinho e cada roble / retratada:** como se estivesse a imagem de Diana insculpida nos cedros, pinhos e robles do bosque. A presença de imagens dos deuses em bosques é comum, como no bosque de Marselha, em Lucano (*Luc.* 3.412-3): *simulacraque maesta deorum / arte carent caesisque extant informia truncis* ("e mestos simulacros de deuses, / de arte carecendo, restam informes em troncos cortados"); e em Ovídio, sobre uma estátua da própria Diana em um bosque a ela consagrado (*Ep.* 12.70): *aurea barbarica stat dea facta manu* ("áurea restava a deusa, feita por mão bárbara"). Note-se a coincidência: são três as formas da deusa, e três as árvores descritas (o **cedro**, o **pinho** e o **roble**).

**428. Invisíveis, no bosque estridulam suas flechas:** assim como a deusa, acobertada em **sacras trevas** pela densidade da floresta (4.257), suas flechas também são invisíveis, perceptíveis apenas pelo som que produzem (**estridulam**).

**429. dos cães os noturnos uivos:** como aponta Parkes (*ad loc.*), os **noturnos uivos** dos cães dizem respeito aos cães de Hécate, que geralmente acompanham a deusa em suas aparições – como em Sêneca (*Med.* 840-1: *uota tenentur: ter latratus / audax Hecate dedit*: "foram os votos compreendidos: três latidos / a audaz Hécate deu") e Valério Flaco (*V. Fl.* 6.112-3: *latratuque cohors quanto sonat horrida Ditis / ianua uel superas Hecates comitatus in auras*: "latiu a coorte, como quando soa de Dite a horrível / porta ou, aos súperos céus, o séquito de Hécate").

**429-30. quando ao tio / foge:** em latim, *ubi limina patrui / effugit* (*lit.* "quando às soleiras do tio paterno / foge"). Refere-se a Dite, divindade romana bastante antiga que, com o tempo, foi completamente assimilada pelo Plutão dos gregos (ou Hades). É, portanto, o deus do sub-

mundo, irmão de Júpiter – que é pai de Diana (cf. 1.711n).

**430. MELHOR, COM FACE VEM DE NOVA DIANA:** a imagem de Diana referida por suas flechas (4.428) é seguida pela de Hécate, já sugerida pelos latidos de seus cães (cf. 4.429n) e pela referência à sua origem Infernal (cf. 4.429-30n). Ora, Estácio ressalta a mudança nas feições da deusa ao deixar o Hades – surgindo, então, **melhor**. Em Lucano, uma das ameaças feitas pela bruxa Ericto para que Hécate atenda o seu desejo é a de vetar à deusa que altere sua aparência (*Luc.* 7.736-8): *teque deis, ad quos alio procedere uoltu / ficta soles, Hecate pallenti tabida forma, / ostendam faciemque Erebi mutare uetabo* ("e tu, aos deuses, aos quais com outra face aparecer / costumas, Hécate, palente com a forma putrefata / eu mostrarei e, que a face do Érebo mudes, vetarei"). A assimilação de Diana e Hécate (ou Perséfone/Prosérpina) à Lua – a imagem da Trívia Diana – pode-se dar, como aponta Barthius (*ad loc.*), ao próprio movimento do astro em relação à Terra: "[...] diz-se que a Lua, quando está pela metade, ou quando não está cheia, desce aos Infernos e é chamada Prosérpina. Quando tem o seu orbe completo, diz-se que está junto aos súperos, e é chamada Diana. Quando é incitada para a mágica, é nomeada Hécate."

Barthius também cita um trecho de Prudêncio (Aurélio Clemente Prudêncio, poeta romano dos séc. IV-V d.C.) no qual, "por exigência da filosofia cristã", o poeta refere-se a uma tal interpretação de Trívia Diana (*contra Symmachum* 356-78): *Eumenidum domina Stygio caput exerit antro / rapta ad tartarei thalamum Proserpina regis, / et, si quando suos dignatur adire Quirites, / placatur uaccae sterilis ceruice resecta, / et regnare simul caeloque Ereboque putatur, / nunc bigas frenare boues, nunc saeua sororum / agmina uipereo superis inmittere flagro, / nunc etiam uolucres caprearum in terga sagittas / spargere, terque suas eadem uariare figuras. / denique cum Luna est, sublustri splendet amictu; / cum succincta iacit calamos, Latonia uirgo est / cum subnixa sedet solio, Plutonia coniunx / imperitat Furiis et dictat iura Megaerae. / si uerum quaeris, Triuiae sub nomine daemon / tartareus colitur, qui te modo raptat ad aethram / sidereoque deum uenerandum suadet in astro, / per siluas modo mortiferi discurrere mundi / erroresque sequi subigit nemorumque putare / esse deam, quae corda hominum pauitantia figat / quaeque feras perimat letali uulnere mentes, / depressos modo subter humum formidine sensus / obruit, inplorent ut numina lucis egena / seque potestati committant noctis opertae* ("A senhora das Eumênides tira a cabeça para fora do antro Estígio, / raptada Prosérpina para seu leito pelo rei do Tártaro, / e, quando se digna a aproximar-se de seus Quirites [cidadãos], / é propiciada pela cabeça cortada de uma vaca estéril; / crê-se que reina, ao mesmo tempo, no céu e no Érebo, / ora freando bovinas bigas,

ora das irmãs os sevos / campos com vipéreo açoite enviando aos súperos, / ora, ainda, às costas de cabras flechas volantes / lançando, três vezes, e a mesma, mudando suas formas. / Por fim, quando é Lua, resplandece com manto cintilante; / quando, cinte, atira as canas, é a virgem Latônia; / quando, no solo assente, se abanca, esposa de Plutão, / governa as Fúrias e dita as juras de Megera. / Se a verdade buscais, sob o nome de Trívia o demônio / Tartáreo é honrado, que a ti, então, leva ao éter / e, um astro celeste, te convence a ser venerado qual deus; / que pelas selvas revolvas de um mundo mortífero / e labirintos sigas compele, e que penses dos bosques / ser a deusa que os trepidantes corações dos homens acalma / e que as feras mentes mata com mortais feridas; / e, então, sob o solo suprimidos, com horror aos sentidos / cobre, para que implorem aos numes de luz destituídos / e a si próprios confiem aos poderes da noite aberta"). **COM FACE VEM DE NOVA DIANA:** por essa chave de leitura (*supra*), então, vir com face de **nova Diana** é sair dos Infernos (4.429-30) e brilhar, Lua nova, nos céus.

**431-3. OU QUANDO, DE ALTOS LASSA ... ALJAVA ACOLHEDORA FOLGA:** (PARKES) "Como Brown (1994, p. 14) e Newlands (2004, p. 139-41) sugerem, esses versos evocam o encontro do meio-dia (*Met.* 3.144-5 [*iamque dies medius rerum contraxerat umbras / et sol ex aequo meta distabat utraque* – "e o meio dia já contraíra as sombras das coisas, / e o sol distava, por igual, de uma e outra meta"]) de Actéon com Diana [cf. 3.201-4n], a qual fora ao umbroso bosque de Gargafe após uma caçada (cf. *Met.* 3.165-6; 3.163 *uenatu fessa* ["lassa do arco"]; compare com *Theb.* 4.431 *fessa iugis* ["lassa dos cumes"]). Essa alusão traz uma carga bastante sinistra à luz do sangrento destino de Actéon [...]. Um tom ominoso também é criado pela ênfase no armamento da deusa. Ela se cerca com dardos (4.432), com sua aljava sob a cabeça (4.433), como se tivesse aprendido a lição sobre vulnerabilidade a partir da experiência nua em Ovídio.

**431. DE ALTOS LASSA:** em latim, *fessa iugis* – ou seja, "cansada dos cimos dos montes". É dizê-la, ao fim, cansada das caçadas.

**431-2. QUANDO ... AO DOCE SONO A LUZ / A PRUMO GUIA:** "quando a luz a prumo ao doce sono conduz". Refere-se ao meio-dia (a **luz a prumo**), horário da sesta (o **doce sono**).

**434-42. ALÉM AVANÇAM, TERRAS ... A CASA TORNA O ARMENTO:** o local exato da necromancia é o mesmo campo onde Cadmo semeou os dentes do dragão de Marte dando origem aos Espartos, um local contíguo ao bosque já descrito (cf. 4.419-33 e comentários *ad loc.*) – sobre os Espartos e sua guerra, cf. 1.7-8n. Um campo de batalha também é o local que Ericto elege para seu ritual em Lucano, onde é possível escolher o cadáver mais propício para sua magia (*Luc.* 6.624-31): *dixerat, et noctis geminatis arte tenebris / maestum tecta caput squalenti nube pererrat /*

*corpora caesorum tumulis proiecta negatis. / continuo fugere lupi, fugere reuolsis / unguibus inpastae uolucres, dum Thessala uatem / eligit et gelidas leto scrutata medullas / pulmonis rigidi stantis sine uolnere fibras / inuenit et uocem defuncto in corpore quaerit* ("Cala. Aumenta negrume à noite negra, / por condões de sua arte; em nuvem parda / a torva fronte some; e vai-se à toa / por essa de insepultos ceifa amplíssima. / Fogem lobos diante ela; abutres fogem; / largam a preia das famintas garras. / Para achar o adivinho entre os defuntos, / vai-lhes palpando as frígidas entranhas, / até dar com pulmão sadio, intacto, / intima então a voz precisa ao morto" – trad. José F. de Castilho).

**434. TERRAS MAVÓRCIAS:** *i.e.*, "de Marte". O local era protegido por uma serpente, cria de Marte, quando da chegada de Cadmo e de seus companheiros à Beócia (cf. 1.7-8n).

**434-5. OS CAMPOS / FECUNDADOS POR CADMO:** em que Cadmo plantou os dentes do dragão de Marte (cf. 1.7-8n).

**435-7. FRIO O QUE PRIMEIRO ... OUSOU LAVRAR:** de acordo com Parkes (*ad loc.*), a certa disputa entre os editores quanto ao referente de **frio o que** (em latim, *durus qui*): referir-se-ia o trecho a Cadmo, ou a algum fazendeiro que nesse campo se deteve após o fundador de Tebas? Para a autora, como Cadmo só é referenciado como "agricultor" no contexto da semeadura dos dentes da serpente de Marte – como em 1.8 e 3.180-3 –, então a referência, aqui, deve ser a um lavrador subsequente a Cadmo – o qual seria **frio** por dedicar-se à cultura de campo marcado por **consanguíneas hostes e sulcos nocentes** (cf. 4.436n). Assim como Parkes, Lesueur, Hall e Bailey, e também Jane Joyce, consideram que se trata de um lavrador outro, o primeiro a cultivar a terra após o incidente dos Espartos – ao contrário do que fazem Lactâncio e Amar-Lemaire, para quem o tírio é o referente do verbo. Pelo motivo exposto por Parkes, como também pela referência cronológica explícita a um outro momento posterior ao evento vivenciado por Cadmo no verso seguinte (4.436), ora seguiu-se a leitura difundida por Parkes e pelos tradutores acima enumerados.

**435. FRIO:** isto é, "insensível" – por causa dos eventos que ali se haviam passado (cf. 4.436n).

**436. PÓS CONSANGUÍNEAS HOSTES E SULCOS NOCENTES:** refere-se, aqui, à guerra entre os Espartos e às covas em que plantou os dentes do monstro Mavórcio. Repare nas semelhanças com *Theb.* 1.1 (*fraternas acies* – "fraternas hostes") e *Luc.* 1.4 (*cognatasque acies* – "cognatas hostes") – cf. 1.1n.

**437-8. PODRES DE PUS, PRADOS / SULCOU:** que semeou em campos infectados pelo sangue irmão

derramado durante a batalha entre os Espartos (cf. 1.7-8n).

**438-42. A TERRA INFAUSTA UM ... A CASA TORNA O ARMENTO:** a terra é assombrada pelas sombras daqueles que ali morreram – o **ingente tumulto**. Assemelha-se o trecho à descrição de Tênaro em 2.48-54, inclusive no que diz respeito à figura do agricultor.Vessey (1973, p. 253) ressalta que a floresta de onde Laio surgirá dos Infernos assemelha-se, assim, ao local por onde ele deixou o Hades acompanhado por Mercúrio. Parkes (*ad loc.*) aponta a semelhança com Lucano descrevendo os incidentes noturnos nos campos Farsálios pós-batalha (*Luc.* 7.768-70): *ingemuisse putem campos, terramque nocentem / inspirasse animas, infectumque aera totum / manibus et superam Stygia formidine noctem* ("pensei que os campos gemiam, que a terra nocente / inspirava almas, que os ares estavam todos infectados / pelos manes, e a noite súpera, pelo horror Estígio").

**439-40. EM MEIO À LUZ OU PELA SOMBRAS DA ERMA NOITE / EXALA:** tanto durante o dia como à noite as sombras vagam livres pelo campo. Compare com o bosque de Marselha, em Lucano (*Luc.* 3.423-5): *medio cum Phoebus in axe est / aut caelum nox atra tenet, pauet ipse sacerdos / accessus dominumque timet deprendere luci* ("Estando a pino Febo-Sol, / ou no céu alta noite, um sacerdote ali / não vai: teme topar com o Senhor do Bosque" – trad. Brunno Vieira); e com Sêneca (*Thy.* 677-9): *nec dies sedat metum; / nox propria luco est, et superstitio inferum / in luce media regnat* ("nem o dia acalma o medo; / o luco é a própria noite, e a superstição do Inferno / reina em meio à luz"); e (*Thy.* 668-73): *hinc nocte caeca gemere feralis deos / fama est, catenis lucus excussis sonat / ululantque manes. Quidquid audire est metus / illic uidetur: errat antiquis uetus / emissa bustis turba et insultant loco / maiora notis monstra* ("que, ali, na noite cega gemem deuses mortais / é fama, e que o bosque soa com correntes cortadas, / que ululam os manes. O que quer que se ouça e dá medo / ali se vê: erra uma velha turba / de antigas tumbas enviada, e saltam pelo lugar / monstros maiores que o sabido").

**440-1. QUANDO A VÃOS COMBATES SURGEM NEGROS / TERRÍGENOS:** (PARKES) "O recorrente fantasma da batalha reflete o interminável ciclo de violência tebano e [...] antecipa o combate fraternal do Canto XI. A escuridão dos Espartos pode se dar à sua origem da terra, sua aparição noturna (4.439), ou sua associação com o Hades (preta é cor tipicamente ctônica [...])."

**441-2. TREMENDO, FOGE AO CAMPO INCOADO / O AGRICULTOR:** compare com os Campos Farsálios conforme descritos por Lucano (*Luc.* 7.861-3): *nec terram quisquam mouisset arator, / Romani bustum populi, fugerentque coloni / umbrarum campos* ("nem movia qualquer terra o arador, / tumba do povo Romano, e os colonos fugiam / dos campos de sombras"). **CAMPO INCOADO:** é

dizer “do campo já começado”, isto é, que já se começou a lavrar.

**443-472. O VELHO VATE, ALI ... E A VOZ ATERRA O FOGO:** tem início o ritual de necromancia propriamente dito (cf. 4.414-8n, sobre a purgação de Etéocles). Conforme já destacado (cf. 4.406-645n), Estácio dedica uma atenção bastante grande aos procedimentos ritualísticos, como Lucano. Em Homero, por exemplo, da eleição das vítimas sacrificiais ao contato com as sombras, decorrem 28 versos (*Od.* 11.23-50), em que se descrevem: a preparação das vítimas (*Od.* 11.23-4); as libações (*Od.* 11.24-8); as súplicas (*Od.* 11.28-33); o sacrifício das vítimas (*Od.* 11.34-6); a aparição das sombras (*Od.* 11.36-43); as oferendas aos deuses ínferos (*Od.* 11.44-7) e a aproximação das sombras (*Od.* 11.47-50). Em Virgílio (*A.* 6.243-63), são 24 versos nos quais são apresentadas: a preparação das vítimas (*A.* 6.243-5); as libações (*A.* 6.246); a invocação de Hécate (*A.* 6.247); o sacrifício das vítimas e as primeiras ofertas (*A.* 6.248-52); as ofertas a Hades (*A.* 6.253-4); a abertura dos Infernos (*A.* 6.255-8); e a entrada de Eneias e a Sibila (*A.* 6.258-63). Em Lucano, por sua vez, são 126 versos (*Luc.* 6.624-749) entre o início do ritual e o momento em que o cadáver eleito por Ericto ressuscita, compreendendo: a procura por um cadáver para o ritual (*Luc.* 6.624-31); a preparação do cadáver eleito (*Luc.* 6.637-41); o espanto de Sexto Pompeu (*Luc.* 6.657-66); a continuação da preparação do cadáver (*Luc.* 6.667-84); a imitação da voz de animais e de outros sons por Ericto (*Luc.* 6.685-93); o carme de Ericto (*Luc.* 6.693-718); a aproximação da sombra do cadáver eleito (*Luc.* 6.719-25); a ameaça de Ericto aos deuses infernais (*Luc.* 6.725-49) e a ressurreição do cadáver (*Luc.* 6.750ss). Sêneca utiliza 38 versos para descrever o ritual desde o seu início até o momento em que as sombras começam a emergir na terra (*Oed.* 549-86), apresentando: a preparação de Tirésias (*Oed.* 549-55); a chegada das vítimas ao local do rito (*Oed.* 556-7); o sacrifício das vítimas (*Oed.* 557-8); a invocação dos numes (*Oed.* 559-63); as libações (*Oed.* 563-7); demais invocações (*Oed.* 567-8); a resposta de Hécate e da Terra (*Oed.* 569-71); a Terra se abrindo (*Oed.* 571-83); o espanto de Creonte com o ritual (*Oed.* 583-6); e o surgimento das primeiras sombras (*Oed.* 586ss). Embora mais curto que o trecho de Lucano e de Estácio, o ritual em Sêneca possui mais semelhanças com estes do que com Homero em Virgílio. Veja o Quadro 4, a seguir, em que se apresentam lado a lado os trechos de cada um dos poetas:

| Homero (*Od.* 11.23-50) | Virgílio (*A.* 6.243-63) | Sêneca (*Oed.* 549-86) | Lucano (*Luc.* 6.624-749) | Estácio (*Theb.* 443-518) |
|---|---|---|---|---|
| Preparação das vítimas (11.23-4) | Preparação das vítimas (6.243-5) | Preparações de Tirésias (549-55) | Busca pelo cadáver (6.624-31) | Escolha das vítimas (4.443-7) |
| Libações (11.24-8) | Libações (6.246) | Preparação das vítimas (556-7) | Preparação do cadáver (6.637-41) | Preparação das vítimas (4.449-50) |
| Súplicas (11.28-33) | Invocação de Hécate (6.247) | Sacrifício das vítimas (557-8) | O espanto de Sexto Pompeu (6.657-66) | Libações primeiras (4.450-4) |
| Sacrifícios (11.34-6) | Sacrifício e primeiras ofertas (6.248-52) | Invocações primeiras (559-63) | Preparação do cadáver (6.667-84) | Ofertas primeiras (4.455-61) |
| Surgimento das sombras (11.36-43) | Ofertas a Hades (6.253-4) | Libações (563-7) | Ericto imita sons de animais e elementos da natureza (6.685-93) | Sacrifício das vítimas (4.461-3) |
| Oferendas (11.44-7) | Abertura da Terra (6.255-8) | Invocações outras (567-8) | Carme de Ericto (6.693-718) | Libações e ofertas outras (4.463-72) |
| Chegada das sombras (11.47-50) | Entrada de Eneias e da Sibila (6.258-63) | Respostas de Hécate e da Terra (569-71) | Chegada da sombra (6.719-25) | Carme de Tirésias (4.473-87) |
| ------ | ------ | Abertura da Terra (571-83) | Ameaças de Ericto aos numes infernais (6.725-49) | O espanto de Etéocles (4.488-99) |
| ------ | ------ | O espanto de Creonte (583-6) | Ressurreição do cadáver eleito (6.750ss) | Ameaças de Tirésias aos numes infernais (4.500-18) |
| ------ | ------ | Chegada das sombras (586ss) | ------ | Chegada das primeiras sombras (4.519ss) |

*Quadro 4: Comparação entre os rituais de necromancia em Homero, Virgílio, Sêneca, Lucano e Estácio*

Como se pode ver, Sêneca, Lucano e Estácio acabam desdobrando alguns dos procedimentos do ritual que já apareciam em Homero e Virgílio: a preparação das vítimas para o sacrifício, por exemplo, com que se inicia a necromancia nestes autores, é explorada de maneira distinta por aqueles: em Sêneca, não só as vítimas são preparadas para o ritual (*Oed.* 556-7), mas o próprio Tirésias se apresta para iniciar a cerimônia (*Oed.* 549-55); em Lucano, não é a preparação das vítimas que abre o rito, mas a busca do cadáver que servirá de núncio dos Infer-

nos (*Luc.* 6.624-31), seguida por sua preparação, dividida em dois momentos (*Luc.* 6.637-41; 6.667-84); Estácio, por sua vez, dá um destaque maior às características dos animais que serão sacrificados (*Theb.* 4.443-7), deixando sua preparação para um segundo momento (*Theb.* 4.449-50).

A chegada das sombras também é tratada de maneira diferente pelos autores: em Homero, elas aparecem logo após o sacrifício dos animais (*Od.* 11.36-43), e só se aproximam para receber as oferendas de Odisseu depois que estas são detalhadas (*Od.* 11.47-50); em Virgílio, não são as sombras que sobem ao mundo superior, mas este que se abre para que Eneias e a Sibila possam adentrar-lhe, o que só ocorre após os sacrifícios e as oferendas (*A.* 6.255-8); em Lucano, o momento em que a sombra do cadáver eleito se aproxima de seu corpo (*Luc.* 6.719-25) e aquele em que ela de fato reassume seu posto, dando nova vida ao morto (*Luc.* 6.750ss), são separados por uma série de ameaças feitas por Ericto a diferentes divindades infernais (*Luc.* 6.725-49); já em Estácio, a chegada das primeiras sombras que vêm atrás das oferendas realizadas (*Theb.* 4.519ss) é separada do carme com que Tirésias as invoca (*Theb.* 4.473-87) por um momento em que Etéocles se assusta com os acontecimentos (*Theb.* 4.488-99) – tal como Creonte se espantou em Sêneca (*Oed.* 583-6), e Sexto em Lucano (*Luc.* 657-66) – e pelas ameaças feitas por Tirésias, irritado com a demora para obter um resposta (*Theb.* 4.500-18) – tal e qual Ericto, na *Farsália* (*Luc.* 6.725-49).

Em se tratando, então, da liturgia que precede as claras manifestações do Mundo Inferior em resposta ao rito realizado pelos vates em questão, pode-se dizer que há, de Homero a Estácio, um desdobramento de algumas das práticas desenvolvidas e necessárias ao sucesso da empresa, fazendo com que algumas partes do rito fossem mais exploradas nos últimos textos do que em Homero. A partir disso, é possível concordar com a alegação de Parkes (*ad loc.*) de que Estácio oferece uma versão maior das preparações comumente envolvidas com os ritos do submundo – "maior e melhor", diz a autora *ad loc.* Como se vê, porém, e consoante com aquilo que aqui já foi dito (cf. 4.406-645n), não foi somente Estácio que operou mudanças na parte mais formal na narrativa, mas, ao menos desde Sêneca, diferentes passos foram ganhando mais ou menos destaque, sendo mais ou menos desdobrados nessa tradição. Embora seja possível afirmar que Estácio, ao agir de tal forma, parece colocar em questão o aspecto convencional das necromancias dentro da literatura clássica, como o faz Parkes (*ad* 4.406-645), é fundamental que se tenha em mente todo o espectro de representações a partir das quais ele descreveu a realização do próprio rito – uma consideração que, além de possi-

bilitar o delineamento do exercício crítico a partir do qual o poeta retoma seus antecessores, faz com que esse seu exercício crítico seja examinado em relação àqueles que guiaram as modificações realizadas por seus predecessores. Na sequência (comentários *ad loc.*), as aproximações entre as diferentes narrativas serão feitas de modo mais pontual e detalhado.

**443. O VELHO VATE, ALI:** em latim, *hic senior uates*. A chegada de Tirésias ecoa sua entrada em cena em Sêneca (*Oed.* 548): *huc ut sacerdos intulit senior gradum* ("quando, p'ra ali, levou seus passos o velho sacerdote").

**443-4. CHÃO DADO A ESTÍGIOS CULTOS, / PINGUE SOLO QUE EM SANGUE FRESCO SE DELEITA:** descreve o local exato da realização do ritual, ressaltando o sangue outrora derramado pelos Espartos (cf. 1.7-8n) – uma ação que parece ocorrer sucessivamente desde então (cf. 4.439-1; 4.440-1n). A adequação do lugar escolhido para a necromancia também é destacada por Lucano, para quem a proximidade do acampamento com a cidade das tessálides influenciou na escolha de Sexto Pompeu pelo ritual de evocação dos mortos (*Luc.* 6.434-6): *uanum saeuumque furorem / adiuuat ipse locus uicinaque moenia castris / Haemonidum* ("ao vão e sevo furor / ajuda o próprio sitio: afins ao castro, os muros / das Hemônides").

**445-7. QUE OVELHAS DE ATRA LÃ ... QUAL SEJA, / CONDUZ:** Tirésias escolhe as vítimas que serão sacrificadas – **ovelhas de atra lã**, **gado escuro** e a **mais bela rês da manda** –, uma parte importante dos rituais ctônicos, como atesta sua recorrência: em Homero, Circe a ensina a Odisseu (*Od.* 10.527; 10.531-3): *ἔνθ' ὅϊν ἀρνειὸν ῥέζειν θῆλύν τε μέλαιναν* [...] *δὴ τότ' ἔπειθ' ἑτάροισιν ἐποτρῦναι καὶ ἀνῶξαι / μῆλα, τὰ δὴ κατάκειτ' ἐσφαγμένα νηλεῖ χαλκῷ, / δείραντας κατακῆαι* ("imola após a negra pécora e um carneiro" [...] "exorta os sócios a carnear e arder as bestas / que jazem degoladas pelo bronze agudo"); em Virgílio, a Sibila aponta sua necessidade e, depois, os conduz ao local escolhido para o ritual (*A.* 6.153; 6.243): *duc nigras pecudes* [...] *ea prima piacula sunto* [...] *quattuor hic primum nigrantes terga iuuencos* ("conduze negras reses; que a primeira expiação elas sejam" [...] "ali, primeiro, quatro novilhos de negro dorso"); em Sílio Itálico, Autônoe a ordena (*Sil.* 13.415; 13.429): *duc praedicta sacris duro placamina Diti* ; *ordine mactari pecudes iubet* ("conduz aos ritos preditas vítimas pra o duro Dite"; "que em sucessão matem as reses ordena"); e Tirésias, em Sêneca, também a realiza (*Oed.* 556-7): *nigro bidentes uellere atque atrae boues / antro trahuntur* ("bidentes de negro velo e atras vacas / ao antro são trazidas").

**447-8. DIRCE E O TRISTONHO CITÉRON GEMERAM, / SOB SILÊNCIO INCOMUM MEDROU O VALE ECOANTE:** sobre Dirce, fonte tebana, cf. 1.152n. Em Estácio, como aponta Dewar (*ad* 9.679), Dirce e o Cité-

ron costumam ser colocados lado a lado (*Theb.* 4.447; 9.679; *Silu.* 2.7.18). Ora, unindo-se ao vale onde se realiza o ritual, parecem agir como uma resposta da própria Terra ao horror do rito realizado por Tirésias. Nesse sentido, assemelha-se o passo aos trechos de Virgílio e Sêneca, em que a Terra responde aos pedidos e ofertas, respectivamente, da Sibila e de Tirésias – *A.* 6.255-7: *ecce autem primi sub limina solis e ortus, / sub pedibus mugire solum et iuga coepta moueri / siluarum* ("eis, senão, sob as portas do orto do primo sol, / sob os pés mugiu o solo, e o cimo a se mover começou / das selvas"); e *Oed.* 569-71: *ter ualles cauae / sonuere maestum, tota succusso solo / pulsata tellus* ("três vezes / os fundos vales ressoaram tristes, / com o abalado solo, a terra pulsa").

**448. SOB SILÊNCIO INCOMUM MEDROU O VALE ECOANTE:** a interpretação do verso pela crítica é divergente. Para Lactâncio (*ad loc.*), o vale ecoa os gritos das Bacantes, dada a proximidade do Citéron, e assusta-se com os mugidos das reses a serem sacrificadas – o que não explica, contudo, o **silêncio incomum**. Amar-Lemaire (*ad loc.*), seguindo Barthius (*ad loc.*), entende esse **silêncio** como o resultado do sacrifício dos animais, "[...] os quais, com mugidos e balidos, enchiam o vale" – donde dizê-lo, então, **ecoante**. Como estes, Parkes (*ad loc.*) também entende o **silêncio** como o resultado do sacrifício dos animais, o que também teria causado os gemidos de Dirce e do Citéron (4.447). Assim, então, o **ecoante** se refere aos mugidos e balidos que se costumava escutar pelo local, donde qualificar o **silêncio** como **incomum** (em latim, *noua*).

**449. BORDOU FESTÕES CERÚLEOS NOS SELVAGENS CORNOS:** após escolher as vítimas (4.445-7), Tirésias enfeita-lhes os chifres com **festões cerúleos** que ele mesmo tramou – **feitos às próprias mãos** (4.450). As guirlandas de flores podem ser mero enfeite nos chifres dos animais, como em: Ovídio, quando se diz que Europa adorna o touro-Zeus momentos antes de ser raptada (*Met.* 2.867-8: *modo cornua sertis / impedienda nouis* – "ora os cornos com festões / frescos envolvendo") e que Ciparisso enfeita os chifres de um cervo (*Met.* 10.123): *tu modo texebas uarios per cornua flores* ("tu, então, várias flores trançavas nos chifres"); e em Virgílio, quando Sílvia orna o seu cervo (*A.* 7.488): *mollibus intexens ornabat cornua sertis* ("tecendo, com tenros festões os cornos ornava"). A cor dos festões, porém, pode ser sinal de pesar, como quando Eneias e seus companheiros usam faixas cerúleas para demonstrar seu luto por Polidoro (*A.* 3.64): *caeruleis maestae uittis* ("com cerúleas fitas pelo luto"). Assim, as guirlandas podem ser, mais do que enfeites, uma preparação para a morte dos animais.

**450. FEITOS ÀS PRÓPRIAS MÃOS:** ênfase nas habilidades de Tirésias, que, mesmo cego, realiza tra-

balhos manuais. (LACTÂNCIO) “Com as mãos, executa o ofício dos olhos.”

**450-4. NOS FINS DA NOTA SELVA ... SANGUE SUASÓRIO / AOS MANES:** primeiras libações feitas por Tirésias. Em Sêneca, o ritual performado pelo vate é, nesse ponto, um pouco diferente: ao invés de abrir fendas na terra e nelas derramar o vinho (**de Baco o sumo**), o **leite**, o mel (**da Ática as chuvas**) e o **sangue**, Tirésias derrama o sangue das vítimas, o leite e o vinho sobre o fogo em que as queimou (*Oed.* 563-7): *sanguinem libat focis / solidasque pecudes urit et multo specum / saturat cruore; libat et niueum insuper / lactis liquorem, fundit et Bacchum manu / laeua* (“ele derrama sangue na fogueira, / e os animais inteiros incendeia, / e a gruta enche com bastante sangue; / e derrama no fogo o leite branco, / e despeja, com a mão esquerda, Baco” – trad. Cíntia Sanches). Chama a atenção a quantidade de libações feitas pelo profeta (**vezes nove e à farta**): para Parkes (*ad loc.*), o excesso presente no passo é indício do tratamento hiperbólico dispensado por Estácio na construção de seu ritual; para Vessey (1973, p. 253), surge em decorrência de seu estilo maneirista.

Compare com os procedimentos descritos por outros autores: Homero (*Od.* 11.24-8): *ἐγὼ δ' ἄορ ὀξὺ ἐρυσσάμενος παρὰ μηροῦ / βόθρον ὄρυξ' ὅσσον τε πυγούσιον ἔνθα καὶ ἔνθα, / ἀμφ' αὐτῷ δὲ χοὴν χεόμην πᾶσιν νεκύεσσι, / πρῶτα μελικρήτῳ, μετέπειτα δὲ ἡδεῖ οἴνῳ, / τὸ τρίτον αὖθ' ὕδατι· ἐπὶ δ' ἄλφιτα λευκὰ πάλυνον* (“e eu, desembainhando a espada afiada de junto da coxa, / cavei uma vala de um cúbito em amas as direções, / e em seu redor verti uma libação para todos os mortos, / primeiro de leite e mel, depois de vinho doce, / e em terceiro lugar de água, polvilhando com branca cevada” – trad. Frederico Lourenço); Apolônio de Rodes (3.1207-11): *πήχυιον δ' ἄρ' ἔπειτα πέδῳ ἔνι βόθρον ὀρύξας, / νήησεν σχίζας, ἐπὶ δ' ἀρνειοῦ τάμε λαιμόν / αὐτόν τ' εὖ καθύπερθε τανύσσατο· δαῖε δὲ φιτρούς / πῦρ ὑπένερθεν ἰείς, ἐπὶ δὲ μιγάδας χέε λοιβάς, / Βριμὼ κικλήσκων Ἑκάτην ἐπαρωγὸν ἀέθλων* (“ali, então, de um cúbito cavou, na terra, um buraco, / empilhou pedaços de madeira, sobre eles cortou a garganta de uma ovelha / e corretamente deitou por cima; queimou ou troncos / e lançou por baixo da pira, derramou por cima mistas libações, / a Terrível Hécate chamando pra ajudá-lo nos conflitos”); Horácio (*S.* 1.8.26-9): *scalpere terram / unguibus et pullam diuellere mordicus agnam / coeperunt; cruor in fossam confusus, ut inde / manis elicerent animas responsa daturas* (“a escalpelar a terra / com as unhas e a rasgar um cordeiro negro com mordidas / começaram; o sangue em uma cova difuso, para que as almas dos manes coagissem a dar respostas”); Ovídio (*Met.* 7.242-7): *has ubi uerbenis siluaque incinxit agresti, / haud procul egesta scrobibus tellure duabus / sacra facit cultrosque in guttura uelleris atri / conicit et patulas perfundit sanguine fossas; / tum super inuergens liqui-*

*di carchesia mellis / alteraque inuergens tepidi carchesia lactis* ("Depois de colocar em torno ramos e folhagens agrestes, fez uma sacrifício, perto dali, em duas covas abertas na terra, e enfia a faca no pescoço de um carneiro preto e espalha o sangue nas fossas abertas. Depois, enquanto derramava em cima copos de vinho e depois copos de bronze cheios de leite tépido" – trad. David Jardim Júnior); Luciano (*Nec.* 9.13-5): *βόθρον τε ὠρυξάμεθα καὶ τὰ μῆλα κατεσφάξαμεν καὶ τὸ αἷμα περὶ αὐτὸν ἐσπείσαμεν* ("abrimos uma fossa, imolámos as ovelhas e vertemos o seu sangue na fossa, em libação" – trad. Custódio Magueijo); e Valério Flaco (1.735-6): *in scrobibus cruor et largus Phlegethontis operti / stagnat honos* ("nas covas, o sangue abundante, do esconso Flegetonte / a honra, empoça").

**450. NOS FINS DA NOTA SELVA:** o ritual é realizado no limite entre o bosque de Diana, anteriormente descrito, e os campos de Marte em que lutaram os Espartos (cf. 4.419-42n; 4.434-42n e comentários *ad loc.*).

**451-2. À TERRA EM COVA, VEZES NOVE E À FARTA / VERTE:** Parkes (*ad loc.*) aponta uma ambiguidade no adverbio *nouies* (**vezes nove**), que, para a autora, poderia ser lido em referência à quantidade de sulcos abertos na terra ou às libações. Parece certo, porém, que se refere mesmo à quantidade de vezes em que as oferendas foram derramadas sobre a terra escavada (a **terra em cova**). Essa imagem, hiperbólica para Parkes (*ad loc.*), pode não ser simples resultado de exagero ou maneirismo (cf. 4.450-4n), mas exigência do próprio campo onde se realiza o rito, composto por um **pingue solo que em sangue fresco se deleita** (4.444). A conclusão em 4.454 (**bebe a terra seca o quanto entorna**) demonstra a sede do solo onde, outrora, batalharam os irmãos Espartos e, agora, ainda disputam **vãos combates** (4.440) os **negros terrígenos** (4.440-1) – sobre o lugar, cf. 4.434-42n e comentários *ad loc.* Dessa forma, ainda que, em comparação com as libações descritas por outros autores (cf. 4.450-4n), possa-se falar em um acréscimo na quantidade de ofertas, as nove vezes que Tirésias deita ao solo os líquidos descritos (4.452-4) parecem exigências da própria terra, afeita a **Estígios cultos** (4.443).

**452. DE BACO O SUMO:** isto é, o vinho, um ingrediente comum nos ritos ctônicos – como em Homero (*Od.* 11.27: *μετέπειτα δὲ ἡδεῖ οἴνῳ* – "depois, o prazeroso vinho"), Ésquilo (*Pers.* 614-5: *ἀκήρατόν τε μητρὸς ἀγρίας ἄπο / ποτόν, παλαιᾶς ἀμπέλου γάνος τόδε* – "e sem mescla, vindo de mãe silvestre, / este potável licor de vetusta videira", trad. Jaa. Torrano), Sêneca (*Oed.* 566-7: *fundit et Bacchum manu / laeua* – "derrama Baco com a mão / esquerda") e Sílio Itálico (13.434: *fundunt mella super Bacchique et lactis honorem* – "derramam sobre [ele] mel e ofertas de Baco e leite").

**452-3. AS OBLAÇÕES DE VERNO / LEITE:** diz **verno** ("primaveril") seja por um provável aumento na produção de leite pelos animais durante a primavera (Parkes *ad loc.*), seja no sentido de "fresco", recém ordenhado; é um ingrediente comum nesses rituais: como em Homero (*Od.* 11.27): *πρῶτα μελικρήτῳ* ("primeiro, de leite e mel"); Ésquilo (*Pers.* 611): *βοός τ' ἀφ' ἁγνῆς λευκὸν εὔποτον γάλα* ("alvo potável leite, de consagrada novilha" – trad. Jaa. Torrano); Ovídio (*Met.* 7.247): *alteraque inuergens tepidi carchesia lactis* ("e outros copos derramando de leite tépido"; Sêneca (*Oed.* 565-6): *et niueum insuper / lactis liquorem* ("e, em cima, o níveo líquido do leite"); e Virgílio (*A.* 3.66): *inferimus tepido spumantia cymbia lacte* ("vertemos copos espumando leite tépido").

**453. DA ÁTICA AS CHUVAS:** refere-se ao mel do monte Himeto, próximo a Atenas – donde dizê-lo **da Ática** –, cuja qualidade era celebrada na antiguidade (cf. *Paus.* 1.32.1). De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), diz **chuvas** para referir-se à liquidez do mel, mas pode-se referir também à sua abundância. Outro ingrediente comum nos rituais, como na mistura leite e mel de Homero (*Od.* 11.27 *apud* 4.452-3n); de Ésquilo (*Pers.* 612): *τῆς τ' ἀνθεμουργοῦ στάγμα, παμφαὲς μέλι* ("e destilado por flórea operária, fúlgido mel" – trad. Jaa. Torrano); e de Sílio Itálico (*Sil.* 13.434): *fundunt mella super* ("por sobre, o mel derramam").

**453-4. SANGUE SUASÓRIO / AOS MANES:** elemento de suma importância nos rituais de necromancia, visto que devolve a vida aos mortos e a fala aos fantasmas. Por isso é dito **suasório**, ou seja, "persuasivo", como em: Homero (*Od.* 11.35-7): *τὰ δὲ μῆλα λαβὼν ἀπεδειροτόμησα / ἐς βόθρον, ῥέε δ' αἷμα κελαινεφές· αἱ δ' ἀγέροντο / ψυχαὶ ὑπὲξ Ἐρέβευς νεκύων κατατεθνηώτων* ("tomando as ovelhas, degolei-as por cima da vala, / e o negro sangue turvo correu; e vieram / do Érebo as almas dos mortos que partiram" – trad. Frederico Lourenço); Sêneca (*Oed.* 563-5): *sanguinem libat focis / solidasque pecudes urit et multo specum / saturat cruore* ("ele derrama sangue na fogueira, / e os animais inteiros incendeia, / e a gruta enche com bastante sangue" – trad. Cíntia Sanches); Valério Flaco (*V. Fl.* 1.735): *in scrobibus cruor et largus Phlegethontis operti / stagnat honos* ("nas covas, o sangue abundante, do esconso Flegetonte / a honra, empoça"); Sílio Itálico (*Sil.* 13.406-7): *reclusaeque abdere terrae / manantem iugulis spirantum caede cruorem* ("e colocar na terra aberta / o sangue que emana das garganta das espirantes vítimas"); Virgílio (*A.* 6.248-9): *supponunt alii cultros tepidumque cruorem / suscipiunt pateris* ("outros as vítimas cortam por baixo e nas copas o sangue / quente recolhem" – trad. Carlos Alberto Nunes); e Lucano (*Luc.* 6.554-7; 6.667; 6.750-62 – este último, descrevendo a ressuscitação do cadáver após Ericto embeber-lhe as entranhas em sangue): *nec cessant a caede ma-*

*nus, si sanguine uiuo / est opus, erumpat iugulo qui primus aperto, / [nec refugit caedes, uiuum si sacra cruorem] / extaque funereae poscunt trepidantia mensae* [...] *pectora tum primum feruenti sanguine supplet* [...] *protinus astrictus caluit cruor atraque fouit / uolnera et in uenas extremaque membra cucurrit. / percussae gelido trepidant sub pectore fibrae, / et noua desuetis subrepens uita medullis / miscetur morti. tunc omnis palpitat artus, / tenduntur nerui; nec se tellure cadauer / paulatim per membra leuat, terraque repulsum est / erectumque semel. distento lumina rictu / nudantur. nondum facies uiuentis in illo, / iam morientis erat: remanet pallorque rigorque, / et stupet inlatus mundo. set murmure nullo / ora astricta sonant: uox illi linguaque tantum / responsura datur* ("nem deixam a vítima as mãos, se o sangue vivo / é necessário, o primeiro que jorra da garganta aberta, / [nem evita as mortes, se o sangue vivo os ritos exigem] / e se as fúnebres mesas pedem pulsantes vísceras [...] primeiro, então, enche o peito com sangue fervente [...] de pronto, o sangue seco se aquece e amorna as negras / chagas, às veias e aos membros extremos correndo. / Sob o peito frio, as fibras percutidas trepidam, / e uma nova vida, deslizando pelas desacostumadas medulas, / se mescla à morte. Então, palpitam todas articulações, / estendem-se os nervos; da terra, o cadáver não se / levanta aos poucos, membro a membro, mas do chão foi expulso, / de uma vez se erguendo. Distendidas as mandíbulas, os olhos / desnudam-se. De um vivo, ainda não havia nele a face, / mas já era de um moribundo: permanece e palidez e a rigidez, / e se assusta ao ver-se no mundo. Nenhum murmúrio, porém, / ressoa na boca constrita: a ele, a voz e a língua somente / foi dada pra responder").

**454. BEBE A TERRA SECA O QUANTO ENTORNA:** sedenta por sangue, a terra bebe o quanto de sangue, leite e mel for nela entornado. Sobre a sede do solo onde Tirésias realiza o ritual, cf. 4.443-4n; 4.451-2n.

**455-61. ROLAM TRONCOS DO BOSQUE ... TRANÇOU, E OS LADOS TODOS:** com árvores arrancadas do bosque de Diana (cf. 4.419-42 e comentários *ad loc.*), ordena Tirésias que se construam pelo menos oito fogueiras: três para Hécate (cf. 4.446n), uma para cada uma das Fúrias (cf. 4.446-7n), uma para Dite (cf. 4.447n) e uma para Perséfone (cf. 4.449-50n). Em Virgílio, fala-se somente em altares ao rei do Estige, em cujas chamas são queimadas as vísceras das vítimas do sacrifício (*A.* 6.252-4): *tum Stygio regi nocturnas inchoat aras / et solida imponit taurorum uiscera flamis; / pingue superque oleum infundens ardentibus extis* ("ao rei do Estige, então, noturnas aras ergue, / e as densas vísceras dos touros leva às chamas / e o óleo pingue infunde às ardentes entranhas"). Em Sêneca, fala-se apenas de vítimas queimando dentro de uma vala (*Oed.* 556-8): *nigro bidentes uellere atque atrae boues / antro trahuntur. flamma praedatur dapes, /*

*uiuumque trepidat igne ferali pecus* (“bidentes de negro velo e atras vacas / ao antro foram levadas. As chamas pilharam as ofertas, / e em fero fogo o gado vivo ferve”).

**455. Rolam troncos do bosque:** cortados, os troncos são rolados através do bosque até o local do ritual. **o mesto sacerdote:** Tirésias – seguindo, talvez, Sêneca (*Oed.* 554): *maestus ... senex* (“o mesto ancião”).

**456. três a Hécate:** porque diz respeito não somente a Hécate, mas a Trívia Diana (cf. 4.425-33n), ergue três piras (uma para a Lua, uma para Diana e uma para Hécate). Sobre a deusa, cf. também 4.429n; 4.430n.

**456-7. o bastante às do fero Aqueronte / virgens:** além das três piras de Hécate (cf. 4.456n), manda Tirésias que sejam acendidos troncos (4.455) **o bastante** para as donzelas (as **virgens**) do **fero Aqueronte** – isto é, para as Fúrias. Uma vez que são três essas divindades – Megera, Alecto e Tisífone –, são, então, três as fogueiras acesas, uma para cada uma – por isso diz **o bastante**. Sobre as Fúrias, cf. 1.52n; sobre o Aqueronte, 1.597n.

**457. a ti, reitor do Averno:** refere-se a Dite (cf. 4.429-30n). Assim como Eneias (*A.* 6.252 *apud* 4.455-61n), Tirésias também ergue uma pira ao deus.

**458-9. embora adentre o chão, ao céu se eleva a pilha / de pinho:** embora a fogueira seja uma oferta a um deus dos Infernos (**embora adentre o chão**), ela se eleva aos céus – é, então, bastante alta.

**459-60. Ceres / do abismo:** é dizer “Ceres Infernal, das profundezas”. Refere-se a Prosérpina (ou Perséfone), filha de Ceres e Júpiter. Como ressalta Parkes (*ad loc.*), referir-se a Prosérpina por meio de construções perifrásticas é comum na poesia, como em Virgílio (*A.* 6.138): *Iunoni infernae* (“a Juno infernal”); e no próprio Estácio (*Theb.* 4.526-7): *Stygiaeque seueros / Iunonis thalamos* (“os terríveis tálamos / da Estígia Juno”; e (*Silu.* 2.1.147): *infera Iuno* (“ínfera Juno”). Sua presença nos rituais ctônicos também é comum: Homero (*Od.* 11.44-7): *δὴ τότ' ἔπειθ' ἑτάροισιν ἐποτρύνας ἐκέλευσα / μῆλα, τὰ δὴ κατέκειτ' ἐσφαγμένα νηλεῖ χαλκῷ, / δείραντας κατακῆαι, ἐπεύξασθαι δὲ θεοῖσιν, / ἰφθίμῳ τ' Ἀΐδῃ καὶ ἐπαινῇ Περσεφονείῃ* (“ordenei então aos meus companheiros que esfolassem / as ovelhas, que ali jaziam degoladas pelo bronze impiedoso, / e que as queimasse, dirigindo preces aos deuses, / a Hades poderoso e à terrível Perséfone” – trad. Frederico Lourenço); Virgílio (*A.* 6.251): *sterilemque tibi, Proserpina, uaccam* (“e pra ti, Prosérpina, uma vaca estéril”); Lucano (*Luc.* 6.699-700 – citada durante as invocações de Ericto): *caelum matremque perosa / Persephone* (“que o céu e a mãe detesta, / Perséfo-

ne"); Sílio Itálico (*Sil.* 13.430-1): *tum proxima diuae / caeditur Hennaeae casta ceruice iuuenca* (então, depois, à deusa / de Ena, foi morta pela cerviz uma casta novilha"); e Luciano (*Nec.* 9.17-9): *ἀνακραγὼν δαίμονάς τε ὁμοῦ πάντας ἐπεβοᾶτο καὶ Ποινὰς καὶ Ἐρινύας καὶ νυχίαν Ἑκάτην καὶ ἐπαινὴν Περσεφόνειαν* ("ao mesmo tempo que invocava todos os espíritos, as Punições, as Fúrias, e Hécate sombria, e Perséfone temível" – trad. Custódio Magueijo).

**460-1. COM CIPRESTE LAMENTADO, AS FRENTES / TRANÇOU, E OS LADOS TODOS:** Tirésias enfeitou, também, as piras que acendeu aos deuses citados (cf. 4.456-60). A referência ao cipreste **lamentado** evoca a história de Ciparisso, transformado em um cipreste após ter flechado mortalmente um cervo seu amigo que habitava o bosque por onde o jovem caçava, contada por Ovídio (*Met.* 10.126-42): *aestus erat mediusque dies, solisque uapore / concaua litorei feruebant bracchia Cancri: / fessus in herbosa posuit sua corpora terra / ceruus et arborea frigus ducebat ab umbra. / hunc puer inprudens iaculo Cyparissus acuto / fixit et, ut saeuo morientem uulnere uidit, / uelle mori statuit. quae non solacia Phoebus / dixit et, ut leuiter pro materiaque doleret, / admonuit! gemit ille tamen munusque supremum / hoc petit a superis, ut tempore lugeat omni. / iamque per immensos egesto sanguine fletus / in uiridem uerti coeperunt membra colorem, / et, modo qui niuea pendebant fronte capilli, / horrida caesaries fieri sumptoque rigore / sidereum gracili spectare cacumine caelum. / ingemuit tristisque deus 'lugebere nobis / lugebisque alios aderisque dolentibus' inquit* ("Fazia calor, era o meio-dia, e com o vapor do sol / os recurvados braços de Câncer faziam ferver o litoral: / cansado, sobre a herbosa terra deitou seu corpo / o cervo, aproveitando o frescor de arbórea sombra. / O jovem Ciparisso, imprudentemente, com uma flecha aguda / o transpassou e, quando por seva chaga o viu morrendo, / decidiu que queria morrer. Que consolos Febo / não disse, que por matéria tão leve se doía / o avisando! Chorou, porém, e uma prenda suprema / aos deuses pediu: que por todo o tempo se enlutasse. / E, esvaído o sangue pelo pranto imenso, / começaram seus membros a se tornarem verdes, / e os cabelos que outrora pendiam da nívea fronte / fizeram-se horrenda cabeleira, tornando-se enrijecidos / apontando o crânio afunilado para o céu estrelado. / Triste, lamentou o deus, 'por nós serás chorado, / por outros tu vais chorar e te aproximarás com as dores' dizendo").

**461-3. JÁ COM FERRO A ALTIVA ... TOMBA AOS GOLPES A GREI:** refere-se ao ato de cortar, das vítimas, um pouco dos pelos, que serão ofertados aos numes. Ao dizer **com o ferro ... marcada**, então, refere-se à falha provocada pelo corte feito com a espada. Como em Homero (*Od.* 3.445-6): *χέρνιβά τ' οὐλοχύτας τε κατήρχετο, πολλὰ δ' Ἀθήνῃ / εὔχετ' ἀπαρχόμενος, κεφαλῆς τρίχας ἐν πυρὶ*

*βάλλων* (“deu início ao rito com a água lustral e os grãos de cevada, / invocando Atena e atirando ao fogo pelos da cabeça do animal” – trad. Frederico Lourenço); e em Virgílio (*A.* 6.245-6): *et summas carpens media inter cornua saetas / ignibus imponit sacris, libamina prima* (“e as sumas cerdas cortando de entre os cornos / ao fogo sagro entrega, oblações primeiras”); e também, bastante semelhante ao paço estaciano (*A.* 12.173-4): *et tempora ferro / summa notant pecudum* (“e com o ferro as têmporas / sumas das rezes marcam”).

**462. COM ALVO LIBAME DOS GRÃOS:** refere-se à farinha, geralmente temperada com sal, comumente utilizada durante as libações. Como em Virgílio (*A.* 12.173): *dant fruges manibus salsas* (“dão aos manes os salgados grãos”).

**463-8. A INÚBIL MANTO, ENTÃO ... AS RÁPIDAS / TOCHAS ATIRA:** Manto participa do ritual, realizando as oferendas de sangue e de entranhas, ao contrário do que ocorre em Sêneca, onde Tirésias é o responsável por essa etapa (*Oed.* 563-5): *sanguinem libat focis / solidasque pecudes urit et multo specum / saturat cruore* (“ele derrama sangue na fogueira, / e os animais inteiros incendeia, / e a gruta enche com bastante sangue” – trad. Cíntia Sanches).

**463. A INÚBIL MANTO:** Manto é filha de Tirésias e acompanha seu pai também em Sêneca (*Oed.* 288-90): *in tempore ipso sorte Phoebea excitus / Tiresia tremulo tardus accelerat genu / comesque Manto luce uiduatum trahens* (“Logo, chamado, intérprete de Febo, / o moroso Tirésias acelera, / de luz privado, o trêmulo joelho, / a companheira Manto o conduzindo” – trad. Cíntia Sanches).

**464. COM A PÁTERA PRIMEIRO LIBA O SANGUE:** logo após o sacrifício (4.463), Manto recolhe o sangue das vítimas e faz as devidas libações antes da queima das vísceras e das entranhas (4.466-7). Em Sêneca, esses eventos ocorrem em ordem contrária, e Tirésias primeiro lança as vítimas ao fogo (*Oed.* 556-9 *apud* 4.463-8n) para, somente depois, derramar seu sangue sobre as chamas (*Oed.* 563-5 *apud* 4.455-6n).

**464-5. AS CHAMAS / TRÊS VEZES CINGE:** aqui surge novamente o número três (cf. 4.425-33n; 4.426-7n; 4.456n; 4.456-7n). Como destaca Parkes (*ad loc.*), o ato de Manto ecoa parte de um rito fúnebre comum na poesia, em que se circunda a pira funerária três vezes, como em Virgílio (*A.* 11.188-90): *ter circum accensos cincti fulgentibus armis / decurrere rogos, ter maestum funeris ignem / lustrauere in equis ululatusque ore dedere* (“três voltas deram em torno das chamas os fortes guerreiros, / em suas armas vestidos; três voltas também os ginetes, / com ululado tristonho as fogueiras sagradas rodearam” – trad. Carlos Alberto Nunes); em Ovídio (*Met.* 13.610-1) *terque rogum lustrant, et consonus exit in auras / ter plangor* (“três vezes a pira lustram,

e cônsono aos ares se vai / três vezes um lamento"); em Valério Flaco (*V. Fl.* 3.347-8): *inde ter armatos Minyis referentibus orbes / concussi tremuere rogi* ("Armados Mínias vezes três rodas formando, / batida, a pira estremeceram" – trad. Márcio Meirelles); e no próprio Estácio (*Theb.* 6.217): *ter curuos egere sinus* ("três voltas fazem"); no funeral de Miseno, em Virgílio, Corineu purifica os companheiros os circundado três vezes (*A.* 6.229): *idem ter socios ... circumtulit* ("da mesma forma, três vezes os sócios ... circunda"). Amar-Lemaire (*ad loc.*) cita Virgílio para explicar o fato de ser um número ímpar (*Ecl.* 8.75): *numero deus impare gaudet* ("com número ímpar alegra-se o deus").

**465. É ASSIM QUE SÓI AO SANTO PAI:** embora afirme o narrador tratar-se do costume de Tirésias, não há, no *Édipo* de Sêneca, onde o vate realiza o mesmo tipo de ritual, registros de que as chamas tenham sido três vezes lustradas com o sangue das vítimas.

**466-7. AS SEMIMORTAS FIBRAS OFERTA, E AS ENTRANHAS / INDA VIVAS:** com **semimortas** e **inda vivas**, diz o poeta que estão frescas, uma vez que o sacrifício deu-se ainda há pouco (4.463). Em Homero, as entranhas também são queimadas (*Od.* 11.44-6 *apud* 4.559-60n); já em Sêneca, os animais são lançados à fogueira ainda vivos (*Oed.* 558; 564 *apud* 4.455-61n; 4.463-8n).

**467-8. ÀS ATRAS FRONDES, LOGO, AS RÁPIDAS / TOCHAS ATIRA:** logo após lançar ao fogo as entranhas das vítimas do sacrifício (4.466-7), Manto alimenta o fogo atirando, às piras, as **tochas**.

**467. ATRAS FRONDES:** as piras erguidas para as divindades (cf. 4.455-61n e comentários *ad loc.*). Diz **atras** por serem dedicadas a numes infernais.

**467-8. RÁPIDAS / TOCHAS:** com **rápidas** refere-se o poeta à velocidade com que queimam os fachos lançados por Manto.

**468-72. QUANDO EM CHAMAS OS SONANTES ... TREME, E A VOZ ATERRA O FOGO:** cego, Tirésias acompanha (**sente**) os passos realizados por Manto por meio de outros sentidos: a audição, pela qual escuta queimarem os galhos das árvores (**sonantes ramos**) e o crepitar das chamas (**fogueiras tristes crepitando**), e o tato, pelo qual percebe o calor do fogo aquecendo-lhe a face e o ar quente entrando-lhe pelos orbes vazios de seus olhos.

**473-87. Ó MORADAS DO TÁRTARO ... NÃO DESVIE CÉRBERO:** o carme de Tirésias. Após as preparações e as oferendas realizadas pelo próprio Tirésias e por Manto (cf. 4.443-72 e comentários *ad loc.*), o vate invoca as divindades Infernais e ordena que deixem subir à luz as sombras escolhidas. Estácio dá voz ao sacerdote, que voltará a se manifestar após a demora da resposta do Hades (cf. 4.500-18 e comentários *ad loc.*), diferentemente de Sêneca, onde Creonte reporta

as palavras de Tirésias (*Oed.* 559-63: *uocat inde manes teque qui manes regis / et obsidentem claustra letalis lacus, / carmenque magicum uoluit et rabido minax / decantat ore quidquid aut placat leues / aut cogit umbras* – "E invoca os manes, e o senhor dos manes, / e quem vigia o acesso ao mortal lago. / E entoa os versos mágicos e, furioso, / ameaçador, recita o que apazígua / e o que reúne os rápidos fantasmas", trad. Cíntia Sanches), e tal como Lucano, que apresenta o carme de Ericto (*Luc.* 6.695-78): *Eumenides Stygiumque nefas Poenaeque nocentum / et Chaos innumeros auidum confundere mundos / et rector terrae, quem longa in saecula torquet / mors dilata deum; Styx et quos nulla meretur / Thessalis Elysios; caelum matremque perosa / Persephone, nostraeque Hecates pars ultima, per quam / manibus et mihi sunt tacitae commercia linguae, / ianitor et sedis laxae, qui uiscera saeuo / spargis nostra cani, repetitaque fila sorores / tracturae, tuque o flagrantis portitor undae, / iam lassate senex ad me redeuntibus umbris, / exaudite preces. si uos satis ore nefando / pollutoque uoco, si numquam haec carmina fibris / humanis ieiuna cano, si pectora plena / saepe deo laui calido prosecta cerebro, / si quisquis uestris caput extaque lancibus infans / inposuit uicturus erat, parete precanti. / non in Tartareo latitantem poscimus antro / adsuetamque diu tenebris, modo luce fugata / descendentem animam; primo pallentis hiatu / haeret adhuc Orci, licet has exaudiat herbas, / ad manes uentura semel. ducis omnia nato / Pompeiana canat nostri modo militis umbra, / si bene de uobis ciuilia bella merentur* ("Fúrias! Nefária Estige! Eternas Penas! / Caos!, que ávido em ti confundirias / mundos sem conto! Regedor do inferno, / deus a quem aborrece a eternidade! / Elísios, a nós téssalas defesos! / Perséfone, que o céu abominaste, / e abominaste a mãe, postrema forma / da nossa tríplice Hécate, deidade / por quem os manes e eu tacitamente / falamos entre nós! Porteiro e guarda / que ao limiar desse espantoso mundo / lanças nossa forçura ao cão ferino! / E vós, Irmãs, que este cortado fio / ides atar, para o cortar de novo! / E tu, Arrais do rio flamejante, / velho estafado de volver-me espectros! / Ouvi ora o meu rogo! Se eu vos chamo / com boca assaz nefanda, assaz poluta; / se nunca estes cantares vos dirijo / sem me desjejuar com febra humana / se tanta vez de minhas mãos houvestes / maternos seios túrgidos; e as postas / vos dei regadas com miolos quentes; / se tanta vez creanças, de que hei posto / cabeça e entranhas nas bandejas vossas, / prontas para viver: cumpri-me a prece! / Não vos pedimos alma oculta há muito / no antro tartáreo, e já casada às trevas; / Eis, uma, que da luz recém-fugida / inda vai a descer, e à beira do Orco / lôbrego...hesita. Permiti se renda / ao meu conjúrio; nem por isso aos manes / há de ir mais uma vez. Era inda há pouco / soldado cá na terra: à terra torne / sombra agora, e os destinos pompeianos / do seu grão general declare ao filho, / já que às guerras civis deveis tais lucros!" – trad. José F. de Castilho).

**473-6. Ó MORADAS DO TÁRTARO ... DO IMO MUNDO A CORTE:** a primeira parte da fala de Tirésias compreende a invocação dos deuses aos quais se dirige o pedido, e, assim como fez Édipo ao invocar as Fúrias contra seus filhos (1.56-9), começa o vate pelo Tártaro. Para Vessey (1973, p. 254 n1), o passo constrói uma relação entre Tebas e o Orco: "As palavras que Tirésias usa moldam um paralelo entre Tebas e o submundo: **Ó moradas do Tártaro, e ó reino espantoso / da ávida Morte, e tu, dos irmãos o mais sevo**, diz o vate, inevitavelmente lembrando um guia sobre Tebas, a espantosa cidade das mortes sem fim, onde, agora, as Fúrias implantaram o espírito do Tártaro; o termo aplicado a Dite traz à mente o fato de que, junto de Tirésias, está o sevo irmão de Polinices. Os fantasmas são vistos como escravos de Dite, e o deus como um tirano: **a quem servem os manes, de réus o perpétuo / castigo, ao qual acata do imo mundo a corte**. Etéocles é modelado nos moldes do Rei dos mortos, e seu reino é também um lugar de culpa e punições, e ele é um déspota."

**474. DA ÁVIDA MORTE:** "da insaciável Morte". **DOS IRMÃOS O MAIS SEVO:** refere-se a Dite (cf. 4.429-30n), irmão de Júpiter e Netuno. O deus é comumente evocado nos rituais ctônicos, como em Homero (*Od.* 11.47): *ἰφθίμῳ τ' Ἀΐδῃ* ("ao poderoso Hades"); Ésquilo (*Pers.* 629): *βασιλεῦ τ' ἐνέρων* ("e o rei dos ínferos"); Sêneca (*Oed.* 559): *teque qui manes regis* ("e tu, que sobre os manes reinas"); e Lucano (*Luc.* 6.697-8): *rector terrae, quem longa in saecula torquet/ mors dilata deum* ("regedor do inferno, / deus a quem aborrece a eternidade" – trad. José F. de Castilho); e também (*Luc.* 6.742-3): *tibi, pessime mundi / arbiter* ("e a ti, do mundo ó péssimo / juiz").

**475-6. DE RÉUS O PERPÉTUO / CASTIGO:** de acordo com Parkes (*ad loc.*), trata-se de uma provável alusão a Lucano (*Luc.* 6.695): *poenaeque nocentum* ("e as penas dos culpados").

**476. DO IMO MUNDO A CORTE:** refere-se às sombras, que servem a Dite, o senhor do Mundo Inferior (do **imo mundo**).

**477. O SÍTIO MUDO:** o Hades, como em Ovídio (*Met.* 4.433): *ducit ad infernas per muta silentia sedes* ("conduz às moradas infernais pelo mudo silêncio"). **PERSÉFONE:** ou Prosérpina – cf. 1.111n; 4.43n.

**478. O VAZIO:** o Hades também é **vazio** (*inane*, em latim) em Virgílio (*A.* 6.269): *perque domos Ditis uacuas et inania regna* ("pelas casas vazias de Dite e os reinos inanes") e Lucano (*Luc.* 6.731): *Erebi per inane* ("pelo vazio do Érebo"). **O POVO AUSENTE:** porque está distante do mundo superior, de onde fala Tirésias – *repostum*, em latim, "afastado, retirado".

**479. E QUE O BARQUEIRO VOLTE EM LENHO PLENO:** refere-se a Caronte, o barqueiro que atravessa as

almas pelo Aqueronte (cf. 1.598n) – ou pelo Flegetonte, como em Lucano (*Luc.* 6.704-5): *tuque o flagrantis portitor undae, / iam lassate senex ad me redeuntibus umbris* ("e tu, ó barqueiro das águas flamejantes, / já cansado velho de trazer-me as almas"). O desejo de que **volte em lenho pleno** vai contra sua função, que é levar ao Hades as almas, mas não de trazê-las de volta – donde Virgílio dizer, da margem onde desembarca Eneias diante de Cérbero (*A.* 6.425): *ripam iremeabiles undae* ("a margem do irremeável rio").

**480-7. Vinde juntos; e aos manes ... não desvie Cérbero:** no passo, Tirésias ordena a Hécate (**Perseide** – cf. 4.482n), Mercúrio (**Arcas** – cf. 4.483n) e Tisífone que tragam as sombras do Elísio e do Érebo – Mercúrio é convocado nas necromancias de Ésquilo (*Pers.* 629: *Γῆ τε καὶ Ἑρμῆ* – "Gaia e Hermes") e Valério Flaco (*V. Fl.* 1.737-8): magnaeque nepotem / Pleiones ("e o neto da grande / Pleione"). Como destaca Parkes (*ad loc.*), Tirésias parece convocar todas as almas do Hades, uma atitude que a autora trata como redundante, pois que o vate ordena, mais adiante (4.543-6), que as sombras que não são nem tebanas nem argivas sejam enviadas de volta aos Infernos. Contudo, dispensar as sombras que não interessam não é algo específico de Estácio, uma vez que, como já visto, em outros autores também surgem sombras que não interessam para quem realiza os rituais (cf. sobre isso 4.406-645n). O que há de diferente em Estácio, porém, é a explicitação da ordem para que essas sombras não se aproximem e retornem à sua morada (4.543-6), o que não ocorre nos outros autores, nos quais elas são simplesmente ignoradas.

**481-3. tu, num grupo, os Elísios ... Arcas brumoso traga:** exige Tirésias que as sombras sejam trazidas por caminhos diferentes (**e aos manes dai meio não único / de voltarem p'ra luz** – 4.480-1). O primeiro grupo é formado pelos **Elísios pios** (sobre os Campos Elísios, cf. 3.108-9n), que deverá ser arranjado por Hécate (a **Perseide** – cf. 4.482n) e trazido ao mundo superior por Mercúrio (**Arcas** – cf. 4.483n).

**482. ó Perseide:** refere-se a Hécate, filha de Astéria e Perses – donde o patronímico **Perseide**. **o bastão potente:** o caduceu, já utilizado por Mercúrio para conduzir a sombra de Laio para Tebas (sobre o caduceu, cf. 1.306n; sobre a primeira aparição da sombra de Laio, cf. 2.1-133 e comentários *ad loc.*).

**483. Arcas brumoso:** com **Arcas** refere-se a Mercúrio, nascido no Monte Cilene, na Arcádia. É dizer, pois, "árcade". Com **brumoso**, pode referir-se ao fato de ter que atravessar as nuvens do submundo (cf. 2.2-3; 2.55-7), ou mesmo porque cruza constantemente as celestes nuvens, como no canto primeiro (cf. 1.310-1) e em Virgílio (*A.* 4.245-6): *illa fretus agit uentos et turbida*

*tranat* / *nubila* (“nela apoiado, conduz os ventos e cruza as túrbidas / nuvens”).

**483-6. AOS MORTOS PELOS CRIMES ... LÍDER ABRE A LUZ, TISÍFONE:** o segundo grupo de sombras, formados pelos que morreram por causa de seus crimes, deve ser conduzido a Tebas por Tisífone – que já conhece bem os caminhos para a cidade (cf. 1.100-3 e comentários *ad loc.*). Com **aos mortos pelos crimes**, Estácio distingue os dois grupos tendo por base a culpa e a inocência: os guiados por Mercúrio, os **Elísios pios** (4.481-2), são almas inocentes; estes, trazidos por Tisífone, são almas culpadas – muitas delas descendentes de Cadmo (cf. 4.484n).

**484. MUITOS DO ÉREBO, MUITOS DO SANGUE DE CADMO:** dos que morreram por seus crimes (4.483), muitos são do Érebo, e muitos são da família de Cadmo. O **Érebo** é, enquanto uma divindade, a personificação das Trevas Infernais (cf. 1.296-8n), mas, além de ser um dos nomes pelos quais os poetas referem-se ao Hades, pode designar uma parte específica entre o mundo superior e o Inferno dominada pela escuridão (*LS*; Coulter-Turner *ad loc.*), por onde os recém-mortos chegam ao Aqueronte para esperar Caronte (cf. 4.479n). Homero parece utilizar o termo nesse sentido ao descrever o Érebo como a morada de Cérbero (*Il.* 8.368): *ἐξ Ἐρέβευς ἄξοντα κύνα στυγεροῦ Ἄϊδαο* (“do Érebo trazer o cão de Hades, detestável” – trad. Frederico Lourenço). Uma vez que Estácio especifica uma região do Hades em 4.481 (**Elísios**) para referir-se ao primeiro grupo de almas que deverá ser conduzido ao mundo superior, parece certo acreditar que, aqui, **Érebo** designe outra das partes do Hades, de onde virão muitas das sombras evocadas por Tirésias. Ao lado delas, porém, e também muitos, vêm os mortos **do sangue de Cadmo**, uma outra forma de aproximação entre o Hades e Tebas (cf. 4.473-6n).

**485. COM TRÊS GOLPES DE SERPE, AVANTE O ÍGNEO TEIXO:** a serpente à mão como se fosse um açoite e a tocha (o **ígneo teixo**) são comumente descritos como artefatos que acompanham as Fúrias: em Estácio, diz-se que Tisífone traz nas mãos um **fogo fúnebre** uma **viva serpe** (*Theb.* 1.112-3); em Virgílio, Alecto atira ao peito de Turno uma tocha que trazia à mão (*A.* 7.456-9 *apud* 1.123-30n) e, em Amata, uma cobra que arranca de sua cabeça (*A.* 7.346-8 *apud* 1.123-30n). Também em Sêneca e Lucano as Fúrias trazem consigo tochas: (Sen. *Her. F.* 100-3): *incipite, famulae Ditis, ardentem citae / concutite pinum et agmen horrendum anguibus / Megaera ducat atque luctifica manu / uastam rogo flagrante corripiat trabem* (“Começai, fâmulas de Dite: velozes, o ardente / pinho agitai, e que a tropa horrenda de cobras / Megera conduza e, com a medonha mão, / vasta, da pira em chamas tome uma trave”); (*Luc.* 1.572-3): *ingens urbem cingebat Erinys / excutiens pronam flagranti uertice pinum* (“ingente, à urbe envolvia a Erínia, / agitando à frente do crânio um pinho em chamas”).

**486-7. QUE, ÀS SOMBRAS / VINDO AO DIA, COM AS BOCAS NÃO DESVIE CÉRBERO:** sobre a morfologia do cão do Hades, cf. 2.27n. Tirésias termina sua invocação com um período optativo, expondo o desejo de que Cérbero não vete às sombras o retorno para o mundo superior, uma vez que era essa a sua principal função. Em Estácio, Mercúrio desperta o sono no cão para que ele e Laio possam passar rumo a Tebas (cf. 2.26-31 e comentários *ad loc.*).

**488-99. DISSE, E JUNTOS ENTÃO ... COM CEGA AFLIÇÃO:** terminada a invocação (4.473-87), Tirésias e Manto aguardam que o Hades responda. Enquanto esperam, porém, Etéocles é tomado por um **vasto ... temor** ante as palavras de Tirésias e a liturgia performada pelo profeta e por Manto. Em Homero, Odisseu reconhece ter sido tomado pelo medo quando as sombras começaram a surgir (*Od.* 11.43: *ἐμὲ δὲ χλωρὸν δέος ἶρει* – "e o pálido terror me dominou", trad. Frederico Lourenço), assim como Eneias, que foi acometido por um horror repentino em Virgílio (*A.* 6.290: *subita trepidus formidine* – "nervoso com um súbito horror"), e Creonte, em Sêneca (*Oed.* 585-6: *gelidus in uenis stetit / haesitque sanguis* – "gelado, nas veias parou / e se fixou o [meu] sangue"). Etéocles, porém, que, de acordo com Parkes (*ad loc.*), é caracterizado por Estácio como um covarde, tem uma postura mais parecida com a de Sexto, em Lucano (*Luc.* 6.657-66): *ut pauidos iuuenis comites ipsumque trementem / conspicit exanimi defixum lumina uoltu, / 'ponite' ait 'trepida conceptos mente timores: / iam noua, iam uera reddetur uita figura, / ut quamuis pauidi possint audire loquentem. / si uero Stygiosque lacus ripamque sonantem / ignibus ostendam, si me praebente uideri / Eumenides possint uillosaque colla colubris / Cerberus excutiens et uincti terga gigantes, / quis timor, ignaui, metuentis cernere manes?'* ("Vendo aos sócios do moço espavoridos / e ele próprio a tremer, o olhar pasmado, / de quem defronta a morte: – 'Eia! deponde / (disse) da mente aflita o sobressalto! / O homem vai reviver; mas tão qual era, / tão no seu natural, que inda os mais tímidos / hão de poder ouvir-mo enquanto fale. / Veríeis; se eu quisesse, o Estígio lago, / e as ribas flami-horríssonas; veríeis, / sendo eu, qual sou, convosco, impunemente / Eumênides; o Cérbero embalar-vos / angui-peludo colo; e os manietados / trás as costas gigantes. E haveis medo / agora de tão pouco, entes covardes?! / Medo de uns manes, que de medo tremem!'" – trad. José F. de Castilho). Diferentemente do romano, contudo, o edipônida deseja abandonar o ritual ainda no seu início (**anseia os ritos deixar já no início** – 4.493). Sobre o símile que encerra o passo, cf. 4.494-9n).

**489. O ESPÍRITO DISPÕEM:** é dizer "dirigem sua atenção" – *i.e.*, esperam as manifestações vindas do submundo em resposta às palavras de Tirésias e às oferendas feitas aos numes.

**489-90. OS DOIS SEM NENHUM MEDO, / COM DEUS NO PEITO:** refere-se a Manto (a **virgem Fêbea**,

4.488) e Tirésias. Em Sêneca, Creonte relata que Manto assustou-se com a performance ritualística de seu pai (*Oed.* 595-6): *ipsa quae ritus senis / artesque norat stupuit* ("ela própria, que os ritos do pai / e as artes conhecia, assustou-se"); e o profeta, por sua vez, não se teria assustado por causa de sua cegueira (*Oed.* 596-7): *intrepidus ... / audaxque damno* ("intrépido ... / e audaz por sua deficiência"). Ora, alega o poeta que a presença do **deus** em seu peito (provavelmente referindo-se a Apolo, cuja influência é lembrada como o adjetivo **Fêbea** em 4.488) faz com que não temam nem o porvir, nem o que se realizara. Repare na oposição entre o pai e a filha, **os dois** (*illi*, em latim) **juntos** (*pariter* – 4.488), e Etéocles (o **Edipônida**, 4.491), que está sozinho (**apenas** – 4.490, *solum*).

**491-3. AO VATE ENTOANDO ATROS CANTARES / ORA AS MÃOS, ORA OS OMBROS E OS VELOS AGARRA, / INQUIETO:** desesperado, enquanto o profeta canta os **atros cantares** (em latim, *horrenda*, "coisas horríveis" – cf. 4.494-9n), Etéocles agarra-se em Tirésias, segurando suas **mãos**, seus **ombros** e seus **velos** – sobre este paramento, cf. 2.96n. A cena é bastante ridícula, expondo de modo claro a covardia de Etéocles, e não encontra paralelo na postura de outros heróis durante rituais de necromancia (cf. 4.488-99n).

**494-9. QUAL, DA ESCASSEZ DA SELVA ... COM CEGA AFLIÇÃO:** Etéocles, que já foi comparado a um lobo fugindo da cena de uma chacina por medo dos pastores que o caçam (cf. 4.363-8 e comentários *ad loc.*), ora é comparado a um caçador encurralado por um leão do qual só ouviu o rugido, mas desconhece o tamanho. Nessa comparação, enquanto Etéocles suscita as sombras por meio de Tirésias, que exclama (em latim, *exclamat* – 4.472) ao Hades, o caçador atrai o leão com um **longo clamor** (em latim, *longo clamore*); se este ouve o **atro eco de urros** (em latim, *horrida signa frementis*) do leão, aquele escuta os **atros cantares** (em latim, *horrenda canentis*) do vate. Mantendo o seu brio, porém (4.496), o caçador **aperta** (em latim, *premens*) sua lança, enquanto o tebano, inquieto, **agarra** (*prensat*) o ministro. Além disso, pode-se dizer que Etéocles, tal como o caçador, está em dúvida (**incerto**) sobre o **que vem** e sobre o **porte** dos que responderão aos apelos, pois que ambos desconhecem aquilo que evocaram, medindo os **grunhidos** (do leão por um, do vate por outro) por meio de uma **cega aflição**.

**494. DA SELVA GETÚLIA:** a **Getúlia** é uma região do noroeste da África – continente muito associado aos leões desde a antiguidade.

**495. POR LONGO CLAMOR VINDO:** refere-se ao leão, que foi atraído pelo caçador por meio de um demorado (**longo**) clamor.

**500-35. ENTÃO TIRÉSIAS, NÃO CHEGANDO ... SOMBRA DE EGÉON CENTÍMANO?:** irritado com a demora

da resposta à sua invocação – perceba como o episódio do temor de Etéocles (4.488-99) retarda a narrativa de modo a criar, entre o final do carme de Tirésias (4.487) e o início desse passo (4.500), um intervalo de passagem de tempo –, Tirésias reforça seus desejos, dessa vez em um tom ressentido, bem mais minaz do que em sua primeira prece (cf. 4.488-99n). Em Sêneca também foi necessário que o vate reforçasse seus votos, mas não há, no *Édipo*, uma ênfase como Estácio deu ao episódio na *Tebaida* (*Oed.* 567-8): *canitque rursus ac terram intuens / grauiore manes uoce et attonita citat* ("e outra vez canta e, olhando para a terra, / com voz mais grave e atônita os manes incita"). Lucano, por sua vez, faz com que Ericto tenha que ameaçar os numes infernais para que a alma do cadáver escolhido se achegue, criando o modelo que parece ter servido para Estácio (*Luc.* 6.725-49 – os trechos relevantes para a comparação serão citados *ad loc.*), embora, na *Tebaida*, sejam mais concisas as ameaças feitas pelo vate.

O segundo carme de Ericto em Lucano pode ser estruturado da seguinte maneira: 1. (6.730-2) – Ericto reclama da demora para as Fúrias; 2. (6.732-5) – Ericto ameaça as Fúrias; 3. (6.736-8) – Ericto ameaça Hécate; 4. (6.739-42) – Ericto ameaça Perséfone; 5. (6.742-4) – Ericto ameaça Dite; e 6. (6.744-9) – Ericto ameaça com o deus sem nome. Em Estácio, como se segue: 1. (4.501-3) – Tirésias reclama do atraso para as Fúrias; 2. (4.503-7) – Tirésias reclama por não ser ouvido; 3. (4.507-13) – Tirésias pede respeito ao numes infernais por sua idade, sua cegueira e sua crueldade; 4. (4.514-8) – Tirésias ameaça agitar Hécate e o deus sem nome. Como se pode perceber, as ameaças feitas por Tirésias são mais genéricas em comparação com as realizadas por Ericto: enquanto a bruxa ameaça cada uma das divindades ctônicas (a saber, as Fúrias, Hécate, Perséfone e Dite), Tirésias parece ameaçar somente as Fúrias, dizendo não ter receios de **agitar ... Hécate** para ter o seu pedido atendido, nem mesmo **o mor do mundo triplo** – este, também utilizado por Ericto para fechar sua intimação. É de se imaginar, porém, que Tirésias continuaria com sua imprecação, uma vez que somente se cala após Manto interrompê-lo para avisar que as primeiras sombras vinham chegando – **Ora, vós eu ..." ansiosa, rompe a Fêbea Manto** (4.518) –, encerrando o passo com a descrição do **vulgo exangue** que se aproxima.

**500-2. Então Tirésias, não chegando ... vertemos as taças:** a cobrança que Tirésias fará para as Fúrias (cf. 4.501n) está fundamentada nas ofertas a elas realizadas durante a necromancia: as libações com sangue sobre as chamas (cf. 4.501n) e aquelas feitas sobre as covas abertas na terra (cf. 4.502n). Tendo cumprido seu dever, por que as deusas não lhe dão o que pediu?

**500. NÃO CHEGANDO AINDA AS SOMBRAS:** a frase não só indica a apreensão que tomava conta de Tirésias e que se converterá em raiva e ameaças em sua nova fala ao submundo, mas também, como destaca Parkes (*ad loc.*), torna ainda mais patética a reação de Etéocles ao ritual (4.488-99), uma vez que as sombras ainda nem se haviam manifestado.

**501. "INTIMO," DIZ, "Ó DEIAS:** em latim, *"testor," ait, "diuae*. Amar-Lemaire, Lesueur, Klotz, Bailey e Parkes imprimem o vocativo feminino plural *diuae* (**ó deias**); Barthius e Hall escolhem o acusativo masculino plural *diuos* ("deuses"), para que se incluam na ameaça de Tirésias todas divindades, masculinas e femininas, evocadas pelo vate em seu carme (cf. 4.473-87 e comentários *ad loc.*). Parkes (*ad loc.*), por outro lado, defende que o uso do vocativo feminino plural ocorre por influência da imprecação de Ericto contra os numes ctônicos em Lucano, onde a bruxa evoca primeiro as Erínias (*Luc.* 6.730-2): *Tisiphone uocisque meae secura Megaera, / non agitis saeuis Erebi per inane flagellis / infelicem animam?* ("Tisífone e, alheia à minha voz, Megera, / não agitais com sevo açoite pelo inane Érebo / a alma infeliz?"). Além disso, defende a autora que a referência a Hécate em 4.515 provavelmente retira a deusa do escopo do vocativo, que diria respeito, então, somente às Fúrias, como em Lucano. **Ó DEIAS A QUE O FOGO ENCHEMOS:** isto é, "ó deusas para as quais enchemos o fogo" (*saturaiuimus ignem*, em latim). O trecho se refere às três libações feitas sobre as chamas por Manto (4.463-5). O uso do verbo (*saturauimus*) remonta a Sêneca (*Oed.* 564-5): *et multo specum / saturat cruore* ("e a gruta com muito / sangue enche").

**502. E EM TERRA ABERTA SESTRAS VERTEMOS AS TAÇAS:** diz respeito às libações feitas no início do ritual, antes do sacrifício das vítimas (cf. 4.451-4 e comentários *ad loc.*), quando Tirésias deitou sobre o solo aberto em covas vinho, leite, mel e sangue. **SESTRAS:** de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), são **sestras** porque entornadas com a mão esquerda, como se deve fazer durante os ritos infernais.

**503-11. SACERDOTE, EU SOU P'RA NADA ... CORTAR DÉBEIS FIBRAS?:** o passo é bastante interessante: enquanto a raiva se lhe assoma, Tirésias problematiza a atenção que as Fúrias deram a seu pedido, tendo ele feito as oferendas necessárias (cf. 4.501n; 4.502n). Irritado com isso, então, o vate questiona se sua posição – **sacerdote, eu sou p'ra nada / ouvido?** – e seus métodos não são suficientes para animar as deusas a seu favor, e para isso alude diretamente a Lucano: **se, em irado carme, ordena a Téssala, / vós vindes?**. A referência aqui é a Ericto, a bruxa a quem Sexto encomenda a necromancia na *Farsália* (*Luc.* 6.419-825), mas, mais especificamente, ao momento em que, irritada com a demora para obter uma resposta dos Infernos, impreca

contra os numes ctônicos, um episódio que certamente influenciou Estácio (*Luc.* 6.730-49): *Tisiphone uocisque meae secura Megaera, / non agitis saeuis Erebi per inane flagellis / infelicem animam? iam uos ego nomine uero / eliciam Stygiasque canes in luce superna / destituam; per busta sequar per funera custos, / expellam tumulis, abigam uos omnibus urnis. / teque deis, ad quos alio procedere uoltu / ficta soles, Hecate pallenti tabida forma, / ostendam faciemque Erebi mutare uetabo. / eloquar inmenso terrae sub pondere quae te / contineant, Hennaea, dapes, quo foedere maestum / regem noctis ames, quae te contagia passam / noluerit reuocare Ceres. tibi, pessime mundi / arbiter, inmittam ruptis Titana cauernis, / et subito feriere die. paretis, an ille / conpellandus erit, quo numquam terra uocato / non concussa tremit, qui Gorgona cernit apertam / uerberibusque suis trepidam castigat Erinyn, / indespecta tenet uobis qui Tartara, cuius / uos estis superi, Stygias qui perierat undas?* ("Sus! Megera e Tisífone! Estais surdas? / Por que não me acossais co'o o rijo látego / ess'alma triste pelos vácuos do Érebo? / Guardar! Não vos chame eu por vossos nomes! / Se eu vos assumo à terra, hei de largar-vos, / cadelas infernais, na luz perdidas; / mas sempre atrás de vós; sempre a guardar-vos / por funerais e piras; prestes sempre / a espancar-vos de túmulos e de urnas. / E a ti, Hécate falsa, a ti que aos deuses / ostentas cada noite um novo aspecto, / hei de obrigar-te a aparecer-lhes pálida, / tal qual és, cadavérica, medonha, / monstro do Érebo enfim, por mais que o fujas. / Publicarei por que manjar, gulosa, / filha de Ena, aceitaste o ser cativa / nas entranhas da terra; com que pacto / foste mulher do triste Rei da Noite; / e nem Ceres, por ver-te em tanto opróbrio / te quis reivindicar. E a todo mundo / o pior soberano, hei de enfurnar-te / pela abóbada rota o sol em cheio, / que te alvorote as lôbregas cavernas / e te cegue co'a luz. Obedeceis-me?! / Ou chamo por aquele, a cujo nome, / assim que o ouve, a terra se arrepia? / O que olha em face à Górgona? O que pune / co'o seu flagelo a Erínis trepidante? / O que mora nos Tártaros, profundas / tão abaixo de vós, que as vós não vedes, / e figurais de súperos? Em suma: / o que à Estige perjura impunemente?" – trad. José F. de Castilho).

Não é, porém, somente ao **irado carme** de Ericto que o vate estaciano se refere, mas também às suas artes: os métodos descritos entre 4.507 e 4.511 são tão horripilantes quanto os utilizados por Ericto para reviver o cadáver em Lucano (*Luc.* 6.529-43; 6.554-61): *uiuentis animas et adhuc sua membra regentis / infodit busto, fatis debentibus annos / mors inuita subit; peruersa funera pompa / rettulit a tumulis, fugere cadauera letum. / fumantis iuuenum cineres ardentiaque ossa / e mediis rapit illa rogis ipsamque parentes / quam tenuere facem, nigroque uolantia fumo / feralis fragmenta tori uestesque fluentis / colligit in cineres et olentis membra fauillas. / ast, ubi seruantur saxis, quibus intimus umor / ducitur, et tracta durescunt tabe medullae / corpora, tunc omnis auide*

*desaeuit in artus / inmergitque manus oculis gaudetque gelatos / effodisse orbes et siccae pallida rodit / excrementa manus* [...] *nec cessant a caede manus, si sanguine uiuo / est opus, erumpat iugulo qui primus aperto, / [nec refugit caedes, uiuum si sacra cruorem] / extaque funereae poscunt trepidantia mensae. / uolnere sic uentris, non qua natura uocabat, / extrahitur partus calidis ponendus in aris; / et quotiens saeuis opus est ac fortibus umbris / ipsa facit manes. hominum mors omnis in usu est* ("Vivos, inda a sentir mover os membros, / ela os usa enterrar; forçosa morte / leva os que a longa vida o fado dera. / Outras vezes dos túmulos convoca / um fúnebre cortejo alvoroçado / da jazida os cadáveres fugirem! / Fumantes cinzas, incendidos ossos / de corpos juvenis, ela do centro / da tragadora pira os arrebata, / e até da mão dos pais o pio archote. / Junta as parcelas do funéreo toro / que esvoaçam no fumo, a roupa em cinzas, / e o borralho co'o cheiro a carne humana [...] Mata por sua mão, se é necessário / sangue inda vivo, o que primeiro golfa / de rasgada garganta. Ela, homicídios / havia de os fugir, quando lhe pedem / seus ritos sangue quente, às mesas fúnebres / lhe são mister entranhas palpitantes?! / Assim, talhando a mãe, lhe extirpa o feto / (pelo medonho rasgue à luz trazido, / não por onde o chamava a natureza) / e o põe na ara incendida. Em carecendo / de espectros mais terríficos, mais fortes / sabe manes fazer; todo homicídio / em sua arte aproveita" – trad. José F. de Castilho).

A relação entre a Tessália e os ritos necromânticos já foi anteriormente estabelecida pelo autor. Durante a busca pelos corpos dos emboscados tebanos, mortos por Tideu (cf. 2.482-743), o narrador trouxe à tona a destreza das tessálides na necromancia para comparar os sentimento de Ide, a mãe dos tespíadas (cf. 3.133-68 e comentários *ad loc.*), aos de uma téssala que percorre os campos de batalha cingindo em sangue os mortos e trazendo-os de novo à vida (cf. 3.140-6 e comentários *ad loc.*). Aqui, então, novamente, as mulheres da Tessália são vinculadas não só às artes mágicas (cf. por exemplo 1.105-6n; 2.21-2n), mas principalmente à necromancia. Além disso, Tirésias também fala sobre **a de Colcos**, **armada com venenos Cíticos**, certamente se referindo a Medeia, a feiticeira oriunda de Colcos – esposa de Jasão (cf. 2.281n), cantada por Ovídio (*Met.* 7; *Ep.* 12), Eurípides (*Med.*), Sêneca (*Med.*) e Valério Flaco (*V. Fl. passim*) – doutíssima na manipulação das ervas e na preparação de feitiços (cf. por exemplo 3.511n).

De acordo com Vessey (1973, p. 254-5): "[...] estes versos expressam sucintamente a diferença entre o que pode ser chamado de magia branca e negra; o sacerdote Tirésias rejeita a feitiçaria. Estácio também tem um propósito literário em mãos: ele explicitamente ab-roga a

abordagem de Lucano da necromancia, pois a 'Téssala' com seus ritos hediondos (4.507-11) é uma referência deliberadamente destinada a trazer Ericto à mente. A bruxa Cólquida é claramente um alusão a Medeia como tratada por Ovídio, Sêneca e Valério Flaco [*supra*]. Tirésias não tem nada com seres assim vis, pois que seu poder é baseado na retidão e no conhecimento." Por fim, é interessante perceber como, ao mesmo tempo em que Tirésias (mais do que Estácio, como o quer Vessey) recusa as artes de Ericto, o poeta faz com que ele se comporte, diante dos deuses ínferos, como a tessálide, imprecando contra eles por crer-se esquecido e menosprezado.

**512-3. A IDADE TÊNUE E A NUVEM SOBRE A FRONTE OPACA / NÃO DESPREZAI:** Tirésias pede respeito por sua idade avançada – diz **tênue** por sua debilidade – e sua cegueira – a **nuvem sobre a fronte opaca**. Com isso, não fala somente de suas condições físicas, mas também do conhecimento e da experiência adquiridos durante sua longa vida – de acordo com uma das lendas sobre a forma pela qual ficou cego, Zeus ter-lhe-ia concedido viver durante sete gerações humanas – e de sua capacidade de divinação, um presente divino – ao contrário de Ericto e Medeia, cujas artes são de outra natureza (cf. 4.504-11n). Para as lendas sobre o dom da divinação de Tirésias, cf. 2.94-5n.

**513. EM NÓS HÁ CRUELDADE:** ou seja, a despeito de sua idade e sua condição física, bem como da natureza divina de seu dom (cf. 4.512-3n), Tirésias afirma ser, também, cruel – provavelmente tendo em mente os crimes hediondos e as imprecações de Ericto (cf. 4.504-11n).

**514-6. EU SEI O QUE TEMEIS ... A QUEM SABER É NEFAS:** o final do discurso de Tirésias coincide com o de Ericto, em Lucano, quando a bruxa ameaça os outros numes com a possibilidade de chamar um deus sem nome (*Luc.* 6.744-9 *apud* 4.504-11n). Lá, como aqui, essa divindade é vista como mais poderosa do que os deuses olimpianos – **o mor do mundo triplo**, ou seja, "o maior dos três mundos" (o superior, governado por Júpiter; o dos mares e das profundezas, governado por Netuno; e o inferior, governado por Dite). Diferentemente de Ericto, porém, Tirésias não usa somente essa divindade suprema para ameaçar as Fúrias, mas também Hécate: **eu sei ... agitar ... Hécate e o mor do mundo triplo**. Já em Lucano, Hécate é um dos numes ameaçados por Ericto (*Luc.* 6.736-42 *apud* 4.503-11n). Utilizando-os para coagi-las, Tirésias também demonstra seu poder sobre as divindades, mesmo sobre aquela cujo sabê-la é nefasto – **a quem saber é nefas**.

**514. EU SEI O QUE TEMEIS QUE SEJA EXPRESSO OU NOTO:** conjecturando qual poderia ser essa informação temida pelas Fúrias, Parkes (*ad loc.*) sugere tratar-se de seus verdadeiros nomes, como

em Lucano (*Luc.* 6.732-3): *iam uos ego nomine uero / eliciam* ("a vós, então, pelo nome verdadeiro / evocarei").

**515. NEM A TI, TIMBREU, TEMEREI:** refere-se a Apolo. Sobre o etnônimo, cf. 1.643n. Embora ausente dos ritos ora realizados, a presença de Apolo já foi marcada em 4.488 (**virgem Fêbea**) e o será, novamente, em 4.518 (**Fêbea Manto**). Conforme ressalta Lactâncio (*ad loc.*), embora diga a Apolo que não o temerá caso seja necessário agitar Hécate – uma das faces de Trívia Diana, da qual outra face é de Diana, irmã do deus (cf. 4.425-33n) –, a fala demonstra respeito, pois que julgou necessário avisá-lo.

**517-8. ESTE ... MAS CALO: IMPEDE-ME, CALMA, A VELHICE. / ORA, VÓS EU ...":** há, nas palavras que marcam o final da fala do profeta, uma aparente mitigação de seu ímpeto minaz, embora não seja possível afirmar se as ameaças cessariam por completo, caso Manto não o interrompesse, ou se ele somente desistira de falar sobre o **mor do mundo triplo** (4.516), o referente do pronome que abre o verso.

**518-35. ANSIOSA, ROMPE A FÊBEA ... DE EGÉON CENTÍMANO:** Manto interrompe Tirésias para alertá-lo sobre os primeiros sinais enviados pelo Hades, que começa a se abrir depois dos apelos do sacerdote. A descrição feita pela jovem ecoa as de Creonte, em Sêneca (*Oed.* 583-5): *subito dehiscit terra et immenso sinu / laxata patuit. ipse pallentes deos / uidi inter umbras, ipse torpentes lacus / noctemque ueram* ("subitamente, a terra se divide / e, imensa, a cavidade se escancara. / Eu mesmo vi nas sombras deuses pálidos / e vi o lago imóvel e a real noite" – trad. Cíntia Sanches); de Autônoe, em Sílio Itálico (*Sil.* 13.435-41): '*sta, iuuenis, faciemque, Erebo quae surgit ab omni,' / exclamat uates 'patere. accedentia cerno / Tartara et ante oculos adsistere tertia regna. / ecce ruunt uariae species et quicquid ab imo / natum hominum extinctumque chao est' – iam cuncta uidebat, / Cyclopas Scyllamque et pastos membra uirorum / Odrysiae telluris equos* ("'parai, jovens, e o rosto, ao Érebo que surge por inteiro,' / exclama a vate, 'voltai. Aproximando-se, eu vejo / o Tártaro e, diante dos olhos, impor-se o terceiro reino. / Eis correr espécies várias e qualquer um que, desde o imo / caos, tenha nascido e morrido' – e tudo junto via, / os Ciclopes, e Cilas e os membros dos homens, pastos / dos corcéis Odrísios na terra"); e, por fim, da Sibila, em Virgílio, que descreve a Eneias aquilo que ele não é capaz ver (*A.* 6.566-74; 6.601-5; 6.630-2): *Cnosius haec Rhadamanthus habet durissima regna / castigatque auditque dolos subigitque fateri / quae quis apud superos furto laetatus inani / distulit in seram commissa piacula mortem. / continuo sontis ultrix accincta flagello / Tisiphone quatit insultans, toruosque sinistra / intentans anguis uocat agmina saeua sororum. / tum demum horrisono stridentes cardine sacrae / pan-*

*duntur portae* [...] *quid memorem Lapithas, Ixiona Pirithoumque? / quos super atra silex iam iam lapsura cadentique / imminet adsimilis; lucent genialibus altis / aurea fulcra toris, epulaeque ante ora paratae / regifico luxu* [...] *'Cyclopum educta caminis / moenia conspicio atque aduerso fornice portas, / haec ubi nos praecepta iubent deponere dona* ("O duríssimo Gnósio Radamanto / é quem manda; e os indaga e pune os crimes, / e a confessar constrange os que expiá-los / para a tardia morte diferiram, / de os ter furtado ao mundo em vão contentes. / Ultriz, logo insultando os azorraga / Tisífone; e a chamar as outras Fúrias, / destorce com a esquerda e assanha as cobras [...] Dos Lápitas, Ixion, de Peritôo / que direi, sobre os quais já já desaba / atra iminente rocha? Ante eles brilham / em leitos geniais pilares de ouro, / banquetes régios de esquisito luxo [...] Dos Ciclopes forjados vejo os muros, / no arco da frente as portas, onde a oferta / depor se nos prescreve" – trad. Odorico Mendes).

**519. O VULGO EXANGUE VEM CHEGANDO:** como em Sêneca (*Oed.* 598): *exsangue vulgus* ("o exangue vulgo").

**520. DO ELÍSIO O CAOS SE EXPÕE:** utiliza **do Elísio** para referir-se a todo o Inferno. Como em Lucano (*Luc.* 6.600): *Elysias resera sedes* ("abra as sedes Elísias"). A passagem corresponde à de Sêneca (*Oed.* 572): *rumpitur caecum chaos* ("rompe-se o cego caos").

**520-1. DAS SECRETAS TERRAS / A EXTENSA SOMBRA SALTA:** é dizer que, do Hades (**das secretas terras**), a **extensa** escuridão se assoma (a **sombra**) – em latim diz *umbra capax* ("a sombra que contém").

**522. O AQUERONTE LANÇA PLÚMBEA AREIA:** *i.e.*, areia cor de chumbo, entre o cinza e o azul escuros. A descrição segue Virgílio (*A.* 6.295-7): *hinc uia Tartarei quae fert Acherontis ad undas. / turbidus hic caeno uastaque uoragine gurges / aestuat atque omnem Cocyto eructat harenam* ("daqui, sai a via que às águas do Tartáreo Aqueronte conduz. / Túrbido, em lodo e vasto turbilhão o abismo / ferve e no Cocito descarrega toda a sua areia"). Sobre o Aqueronte, cf. 1.597n.

**523. FUMOSO VOLVE AOS VAUS ATRAS FLAMAS O FLÉGETON:** sobre o Flégeton, o rio de fogo do Hades, cf. 2.6n.

**524. CIRCUNFUSO O ESTIGE IMPEDE EXCLUSOS MANES:** sobre o Estige, o rio do esquecimento, cf. 1.57n. O seu aspecto circular (**circunfuso**) já foi ressaltado por Estácio (cf. 2.5-6n). Diz **exclusos manes** por estarem eles circundados pelo Estige – separados dos outros, portanto.

**525. NO TRONO O PRÓPRIO, PÁLIDO:** refere-se a Dite, o deus dos Infernos (cf. 4.429-30n). É **pálido**

porque habita o submundo, onde não há luz (cf. 4.520-1, onde é a escuridão que se projeta quando o Hades se abre, e não a luz). Como em Sêneca (*Oed.* 583-4): *ipse pallentes deos / uidi inter umbras* ("eu mesmo deuses palentes / vi entre as sombras").

**526-7. E OS TERRÍVEIS TÁLAMOS / DA ESTÍGIA JUNO:** a **Estígia Juno** – a "Juno Infernal" – é Prosérpina (ou Perséfone). Sobre isso, cf. 4.459-60. Relata os seus **terríveis tálamos** porque Perséfone foi levada aos Infernos para ser a esposa de Hades.

**528-9. NO ALTO ATRA MORTE ... A VEZ MAIOR SEQUÊNCIA:** a Morte, sentada sobre um local alto (*speculis*, em latim – "mirante"), enumera os mortos para o senhor dos Infernos, enquanto aguarda a sua vez uma quantidade de sombras ainda maior do que aquela que então ela conta (**espera a vez maior sequência**). Compare com a fala de Deífobo a Eneias e à Sibila, em Virgílio (*A.* 6.544-5): *ne saeui, magna sacerdos; / discedam, explebo numerum reddarque tenebris* ("não te enraive, magna sacerdotisa; / vou partir, completar o número e retornar às trevas").

**530-2. REVOLVE-OS NA IMPLACÁVEL URNA ... PENAS E AS FUGAS CONFESSEM:** refere-se a Minos, rei de Creta, filho de Zeus e Europa. Depois de sua morte, diz-se que recebeu a tarefa de julgar as almas dos mortos no Hades – como em Homero (*Od.* 11.568-71): *ἔνθ' ἦ τοι Μίνωα ἴδον, Διὸς ἀγλαὸν υἱόν, / χρύσεον σκῆπτρον ἔχοντα θεμιστεύοντα νέκυσσιν, / ἥμενον· οἱ δέ μιν ἀμφὶ δίκας εἴροντο ἄνακτα, / ἥμενοι ἑσταότες τε, κατ' εὐρυπυλὲς Ἄϊδος δῶ* ("Foi então que vi Minos, o filho glorioso de Zeus, com o cetro / dourado na mão, a julgar os mortos, sentado, / enquanto outros interrogavam o rei sobre questões de justiça, / sentados e em pé, na mansão de amplos portões de Hades" – trad. Frederico Lourenço); e Virgílio (*A.* 6.430-3): *hos iuxta falso damnati crimine mortis. / nec uero hae sine sorte datae, sine iudice, sedes: / quaesitor Minos urnam mouet; ille silentum / consiliumque uocat uitasque et crimina discit* ("por crime falso à morte os condenados / estão perto. Os lugares não se assinam / sem sortes, sem juiz; que a urna Minos / roda, ao silente povo cita e inquire, / e das vidas conhece e dos pecados" – trad. Odorico Mendes).

**530. O JUIZ GORTÍNIO:** é dizer "cretense". Sobre o uso do etnônimo, cf. 3.587-8n.

**533-5. E SOBRE OS MONSTROS ... DE EGÉON CENTÍMANO?:** Manto fecha a primeira parte de sua fala perguntando a Tirésias – sem expressar o verbo, porém – se deveria prosseguir seu relato com uma série de feras que vê no Hades, um período que parece ecoar a Sibila de Virgílio ao perguntar a Eneias enquanto lhe descreve os Infernos (*A.* 6.601): *quid memorem Lapithas, Ixionа Pirithoumque?* ("Sobre a memória de Lápitas, Ixíon e Pirítoo?"). Durante as necromancias, são comuns os relatos de diferentes **monstros** que habitam no Hades, como em Virgílio (*A.* 6.574-600): *cernis custodia qualis / uestibulo sedeat, facies quae limina seruet? / quinquaginta atris*

*immanis hiatibus Hydra / saeuior intus habet sedem. tum Tartarus ipse / bis patet in praeceps tantum tenditque sub umbras / quantus ad aetherium caeli suspectus Olympum. / hic genus antiquum Terrae, Titania pubes, / fulmine deiecti fundo uoluuntur in imo. / hic et Aloidas geminos immania uidi / corpora, qui manibus magnum rescindere caelum / adgressi superisque Iouem detrudere regnis. / uidi et crudelis dantem Salmonea poenas, / dum flammas Iouis et sonitus imitatur Olympi. / quattuor hic inuectus equis et lampada quassans / per Graium populos mediaeque per Elidis urbem / ibat ouans, diuumque sibi poscebat honorem, / demens, qui nimbos et non imitabile fulmen / aere et cornipedum pulsu simularet equorum. / at pater omnipotens densa inter nubila telum / contorsit, non ille faces nec fumea taedis / lumina, praecipitemque immani turbine adegit. / nec non et Tityon, Terrae omniparentis alumnum, / cernere erat, per tota nouem cui iugera corpus / porrigitur, rostroque immanis uultur obunco / immortale iecur tondens fecundaque poenis / uiscera rimaturque epulis habitatque sub alto / pectore, nec fibris requies datur ulla renatis* ("Atentas / qual, sentada ao vestíbulo, o vigia / medonha catadura? Pois mais seva / cinquenta atras goelas Hidra enorme / dentro arreganha; e o Tártaro despenha-se / no inferno, o dobro do que a vista alcança / desde baixo ao luzente Olimpo etéreo. / Lá fulminados os Titãs mancebos, / filhos da Terra, nas profundas rolam. / Vi de gigante corpo os dois Aloidas, / que, o céu mesmo escalando, acometeram / derribar do seu trono o rei superno. / Vi Salmoneu penando, que o sonido / e os fuzis do Tonante arremedara: / tocha a brandir, em carro de dous tiros, / por Élide ia ovante, e à força os povos / o adoravam por deus; com o estrupido / dos cornípedes néscio em érea ponte / trovões fingia e o fogo inimitável: / Júpiter, fachos não, não fúmeas tedas, / sim contorce um corisco d'entre as nuvens, / e em turbilhão sulfúreo o precipita. / Também da mãe comum o aluno Tício / por jeiras nove, ó pasmo! estira os membros: / seu fígado imortal, de bico adunco, / rói abutre cruel, e esquadrinhando / para o tormento as vísceras fecundas, / a fome ceva, no âmago se encarna; / de renascer as fibras não descansam" – trad. Odorico Mendes); e em Sílio Itálico (*Sil.* 13.587-90): *sedet ostia Ditis / centenis suetus Briareus recludere palmis / et Sphinx uirgineos rictus infecta cruore / Scyllaque Centaurique truces umbraeque Gigantum* ("Senta-se, os portões de Dite / com as cem mãos acostumado a abrir, Briareu, / e a Esfinge, os virgíneos dentes de sangue sujos, / e Cilas e os ferozes Centauros e as sombras dos Gigantes").

**533. Cila:** monstro marinho que ataca Odisseu em Homero. Assim a descreve o poeta (*Od.* 11.85-92): *ἔνθα δ' ἐνὶ Σκύλλη ναίει δεινὸν λελακυῖα. / τῆς ἦ τοι φωνὴ μὲν ὅση σκύλακος νεογιλλῆς / γίνεται, αὐτὴ δ' αὖτε πέλωρ κακόν· οὐδέ κέ τίς μιν / γηθήσειεν ἰδών, οὐδ' εἰ θεὸς ἀντιάσειε. / τῆς ἦ τοι πόδες εἰσὶ δυώδεκα πάντες ἄωροι, / ἓξ δέ τέ οἱ δειραὶ περιμήκεες, ἐν δὲ*

*ἑκάστῃ / σμερδαλέη κεφαλή, ἐν δὲ τρίστοιχοι ὀδόντες, / πυκνοὶ καὶ θαμέες, πλεῖοι μέλανος θανάτοιο* ("É nela que habita Cila, ladrando de modo danado. / Embora a sua voz não seja mais forte que a de um cão / recém-nascido, ela é um monstro terrível e ninguém / se alegraria ao vela, nem um deus. / Pois ela tem no total doze pernas delgadas / e seis pescoços muito longos e, sobre cada um, / uma horrível cabeça, cada uma com três filas de dentes / grossos e cerrados, cheios da negra morte" – trad. Frederico Lourenço).

**533-4. Centauros / bravos em vão:** diz **em vão** por estarem encerrados no Hades, onde não adianta enraivar-se.

**534-5. os grilhos dos Gigantes, torsos, / de ferro:** por causa da Gigantomaquia (cf. 2.596n), os gigantes foram agrilhoados no Hades. **Torsos** qualifica os **grilhos**, feitos em metal torcido para que ficassem mais resistentes.

**535. a breve sombra de Egéon centímano?:** também chamado Briareu, era um dos hecatônquiros (cf. 2.596n). Diz **breve** (*angustam*, em latim) provavelmente por estar Egéon acorrentado ao chão – ou porque, no mundo tomado pela escuridão, não se formam sombras.

**536-48. "Não," disse, "ó guia ... aclara a nossa noite":** Tirésias responde Manto, dizendo-lhe desnecessárias as informações sobre os já conhecidos habitantes do Hades, embora os descreva em sua própria resposta – um recurso para que se apresentem aos leitores algumas de suas mais afamadas sombras. Após enumerar alguns dos castigos a elas aplicados, Tirésias alega conhecê-las de outra incursão ao Hades, quando lá foi guiado por Hécate (cf. 4.540-3n). Por fim, ordena à filha que faça permanecerem ali somente as almas de argivos e tebanos, e então recomece a narrativa daquilo que delas observa (cf. 4.546-8n).

**537-40. Quem, da rocha retornável ... giros, / não conhece?:** o breve catálogo das sombras feito por Tirésias apresenta personagens conhecidos de outras descrições dos Infernos. A pergunta **Quem ... não conhece?**, então, também apresenta contornos metaliterários, como as referências às bruxas da Tessália e de Colcos (cf. 4.504-11n). Das fontes, destacam-se Homero (*Od.* 11.576-600) e Ovídio (*Met.* 4.457-63) – as comparações serão feitas *ad loc.*

**537. da rocha retornável:** refere-se a Sísifo (cf. 2.380n) e a seu castigo: Sísifo deveria empurrar uma rocha de morro a cima fazendo uso somente de sua força, mas a rocha, tão logo atingia o cume, deslisava novamente ao sopé do morro, obrigando-o a retomar sua empreitada – donde dizer, então, **rocha retornável**. De acordo com Grimal (*ad loc.*), diferem as fontes quanto ao motivo de seu castigo: conta-se que Sísifo teria entregado Zeus quando este rap-

tou a jovem Egina, causando a ira do deus, que: ou o fulminou com um raio e mandou-lhe ao Hades, onde passou a cumprir seu castigo; ou, irritado, enviou Tânatos para que o matasse. Por meio de um estratagema, porém, Sísifo teria prendido o deus da Morte por um tempo, evitando que qualquer pessoa morresse; após soltá-lo, tendo sido então morto, fez com que sua mulher prometesse não enterrar os seus restos, ato que serviu-lhe como argumento para pleitear nova vida junto aos deuses infernais. Depois de consegui-la e de viver muitos outros anos, finalmente morreu e foi então condenado pelos numes ctônicos ao afamado castigo para que não tivesse tempo de tramar novamente contra os deuses.

Odisseu também vê Sísifo no Hades, e assim o descreve em Homero (*Od.* 11.593-600): *καὶ μὴν Σίσυφον εἰσεῖδον κρατέρ' ἄλγε' ἔχοντα, / λᾶαν βαστάζοντα πελώριον ἀμφοτέρῃσιν. / ἦ τοι ὁ μὲν σκηριπτόμενος χερσίν τε ποσίν τε / λᾶαν ἄνω ὤθεσκε ποτὶ λόφον· ἀλλ' ὅτε μέλλοι / ἄκρον ὑπερβαλέειν, τότ' ἀποστρέψασκε Κραταιΐς· / αὖτις ἔπειτα πέδονδε κυλίνδετο λᾶας ἀναιδής. / αὐτὰρ ὅ γ' ἄψ ὤσασκε τιταινόμενος, κατὰ δ' ἱδρὼς / ἔρρεεν ἐκ μελέων, κονίη δ' ἐκ κρατὸς ὀρώρει* ("Vi Sísifo a sofrer grandes tormentos, / tentando levantar com as mãos uma pedra monstruosa. / Esforçando-se para empurrar com as mãos e os pés, / conseguia levá-la até o cume do monte; mas quando ia / a chegar ao ponto mais alto, o peso fazia-a regredir, / e rolava para a planície a pedra sem vergonha. / Ele esforçava-se de novo para a empurrar: dos seus membros / escorria o suor; e poeira de sua cabeça se elevava" – trad. Frederico Lourenço). O personagem também aparece em Ovídio (*Met.* 4.460): *aut petis aut urgues rediturum, Sisyphe, saxum* ("buscas e empurras, Sísifo, a rocha que retornará").

**538. DE ÁGUAS FALSAS:** refere-se a Tântalo e a seu castigo. Diz **águas falsas** por causa do lago em que vivia no Hades, do qual lhe escapava a água sempre que tentava recolhê-la para aplacar sua sede – sobre o personagem e o castigo, cf. 1.246-7n. De Tântalo, dizem Homero (*Od.* 11.582-92): *καὶ μὴν Τάνταλον εἰσεῖδον χαλέπ' ἄλγε' ἔχοντα, / ἑσταότ' ἐν λίμνῃ· ἡ δὲ προσέπλαζε γενείῳ. / στεῦτο δὲ διψάων, πιέειν δ' οὐκ εἶχεν ἐλέσθαι· / ὁσσάκι γὰρ κύψει' ὁ γέρων πιέειν μενεαίνων, / τοσσάχ' ὕδωρ ἀπολέσκετ' ἀναβροχέν, ἀμφὶ δὲ ποσσὶ / γαῖα μέλαινα φάνεσκε, καταζήνασκε δὲ δαίμων. / δένδρεα δ' ὑψιπέτηλα κατὰ κρῆθεν χέε καρπόν, / ὄγχναι καὶ ῥοιαὶ καὶ μηλέαι ἀγλαόκαρποι / συκέαι τε γλυκεραὶ καὶ ἐλαῖαι τηλεθόωσαι· / τῶν ὁπότ' ἰθύσει' ὁ γέρων ἐπὶ χερσὶ μάσασθαι, / τὰς δ' ἄνεμος ῥίπτασκε ποτὶ νέφεα σκιόεντα* ("Vi Tântalo a sofrer grandes tormentos, / em pé num lago: a água chegava-lhe ao queixo. / Estava cheio de sede, mas não tinha maneira de beber: cada vez que o ancião se abaixava para beber, / a água desaparecia, sugada, e em volta dos seus pés / aparecia terra negra, pois um deus tudo secava. / Havia ár-

vores altas e frondosas que deixavam pender seus frutos, / peras, romãs e macieiras de frutos resplandecentes; / doces figos e azeitonas luxuriantes. / Mas quando o ancião estendia as mãos para os frutos, arrebatava-os o vento para as nuvens sombrias" – trad. Frederico Lourenço); e Ovídio (*Met.* 4.458-9): *tibi, Tantale, nullae / deprenduntur aquae, quaeque inminet, effugit arbor* ("por ti, Tântalo, nenhuma / água é recolhida e, eminente, foge a árvore").

**538. DE TÍCIO, O ALIMENTO DAS AVES:** sobre o gigante Tício e sua morte, cf. 1.709-10n. No Hades, foi condenado a ter seu fígado eternamente devorado por duas águias – por isso o diz "**alimento das aves**). Sobre o seu castigo, relata Odisseu (*Od.* 11.576-81): *καὶ Τιτυὸν εἶδον, Γαίης ἐρικυδέος υἱόν, / κείμενον ἐν δαπέδῳ. ὁ δ' ἐπ' ἐννέα κεῖτο πέλεθρα, / γῦπε δέ μιν ἑκάτερθε παρημένω ἦπαρ ἔκειρον, / δέρτρον ἔσω δύνοντες· ὁ δ' οὐκ ἀπαμύνετο χερσί. / Λητὼ γὰρ ἔλκησε, Διὸς κυδρὴν παράκοιτιν, / Πυθώδ' ἐρχομένην διὰ καλλιχόρου Πανοπῆος* ("Vi também Títio, filho da magnificente Gaia, / estendido no chão: o seu corpo cobria nove jeiras / e dois abutres, um de cada lado, lhe rasgavam o fígado, / mergulhando os bicos nos seus intestinos; e com as mãos / ele não os afugentava; pois violara Leto, consorte de Zeus, / quando se dirigia para Delfos através do belo Panopeu" – trad. Frederico Lourenço); e Ovídio (*Met.* 4.457-8): *uiscera praebebat Tityos lanianda nouemque / iugeribus distentus erat* ("as vísceras expunha Tício, mutiladas, e por nove / jeiras estava estendido").

**539. DE IXÍON, NAUSEADO COM SEUS LONGOS GIROS:** Ixíon foi rei dos lápitas e pai de Pirítoo (cf. 2.473n). De acordo com Grimal (*ad loc.*), depois de ter-se casado, jogou seu sogro às chamas, matando-o. Pela gravidade de seu crime, somente Zeus ousou purificá-lo, mas Ixíon enamorou-se de Hera e tentou violentá-la. Para evitar o estupro, Zeus (ou Hera) moldou uma imagem da deusa em uma nuvem, com a qual Ixíon teria gerado Centauro – o primeiro dos centauros. Diante do sacrilégio, Zeus prendeu Ixíon em uma roda em chamas, fazendo-o girar sem cessar por toda a eternidade – por isso o diz Estácio **nauseado com seus longos giros**. Sobre o seu castigo, diz Ovídio (*Met.* 4.461): *uolvitur Ixion et se sequiturque fugitque* ("gira Ixíon, e a si mesmo persegue e foge"). Com **longos** quer dizer "eternos".

**540-3. COM SANGUE MELHOR ... LUZ AO PEITO / ENTREGASSE:** Tirésias atribui o conhecimento sobre os famosos condenados do Hades a uma descida anterior, antes mesmo de tornar-se cego e de ganhar o dom da vidência. Não há, porém, nas fontes, relatos sobre uma catábase anteriormente realizada pelo vate.

**540-1. OCULTAS / SEDES:** as habitações do Hades, ditas **ocultas** seja porque se encontram sob a terra, seja porque são vetadas aos vivos.

**541. COM HÉCATE ME GUIANDO:** Hécate teria sido sua guia pelos Infernos assim como guiou a Sibila, em Virgílio (*A.* 6.564-5): *sed me cum lucis Hecate praefecit Auernis, / ipsa deum poenas docuit perque omnia duxit* ("mas, quando Hécate prepôs-me à luz do Averno / a própria deusa as penas mostrou e por tudo guiou-me").

**542. ANTES QUE A FACE O DEUS COBRISSE:** antes que fosse cegado pelo deus – repare que o vate não especifica qual o deus o cegou, pois que são diferentes a versões para o seu castigo – cf. 2.94-5n.

**542-3. E LUZ AO PEITO / ENTREGASSE:** como se dissesse "e a visão ao peito / entregasse". Depois de ter sido cegado, tornou-se vidente por dom divino – cf. 2.94-5n. Como aponta Parkes (*ad loc.*), há um contraste, aqui, entre as visões interna e externa, como em 4.584 e Lucano (*Luc.* 5.219-20): *dumque a luce sacra, qua uidit fata, refertur / ad uolgare iubar mediae uenere tenebrae* ("da sacra luz, na qual os Fados viu, retorna / à centelha vulgar; nisso as trevas chegaram" – trad. Brunno Vieira).

**544-5. O LEITE / VAZA EM QUADRA:** "derrama o leite quatro vezes". Para que dê novas ordens às sombras (4.545-6), Manto deve fazer outras quatro libações com leite.

**546-8. ENTÃO, O VULTO E O TRAJE ... ACLARA A NOSSA NOITE:** ordena que, após dispensar as sombras que não sejam argivas nem tebanas, descreva aspectos específicos daquelas que se aproximarão (cf. comentários *ad loc.*). Em Sêneca (*Oed.* 299-383), Manto descreve a Tirésias o que ocorre durante o haruspicismo que antecede a necromancia, seguindo diferentes ordens de seu pai (*Oed.* 301-2): *tu lucis inopem, nata, genitorem regens / manifesta sacri signa fatidici refer* ("tu, que, escasso em luz, filha, guia o genitor, / os claros sinais do rito profético declara").

**546. O VULTO E O TRAJE:** tanto a aparência (o **vulto**) das sombras que se aproximarão, para que as soubesse vitoriosas ou derrotadas, como suas roupas, para que as soubesse argivas ou tebanas.

**546-7. O ARDOR / PELO SANGUE VERTIDO:** a ânsia que as sombras apresentariam para beber o sangue libado no início do rito (cf. 4.463-4 e comentários *ad loc.*) – a cena é descrita em 4.553-78. Sua voracidade, então, também indicaria sua vontade de falar, o que os ajudaria a saber de quem se tratava.

**547. QUAL VEM MAIS SOBERBO:** (PARKES) Tirésias assume que o comportamento com que os fantasmas argivos e tebanos virão indicará o sucesso ou o fracasso de seu povo na guerra porvir. Essa tática é exibida na necromancia de Lucano (*Luc.* 6.783-99 [*infra*]; cf. *Luc.* 6.783-4, sobre as

sombras romanas): os mortos pios, com exceção de Catão, aparecem tristes (*Luc.* 6.784-92), enquanto dos vilões estão alegres (*Luc.* 6.793-9). O método é bem sucedido aqui: em *Theb.* 6.587-92, Tirésias é capaz de predizer a vitória tebana pelo aspecto desolado das sombras argivas.

Confira o trecho de Lucano (*Luc.* 6.783-99): *quid fata pararent / hi fecere palam. tristis felicibus umbris / uoltus erat: uidi Decios natumque patremque, / lustrales bellis animas, flentemque Camillum / et Curios, Sullam de te, Fortuna, querentem; / deplorat Libycis perituram Scipio terris / infaustam subolem; maior Carthaginis hostis / non seruituri maeret Cato fata nepotis: / solum te, consul depulsis prime tyrannis / Brute, pias inter gaudentem uidimus umbras. / abruptis Catilina minax fractisque catenis / exultat Mariique truces nudique Cethegi; / uidi ego laetantis, popularia nomina, Drusos / legibus inmodicos ausosque ingentia Gracchos; / aeternis chalybis nodis et carcere Ditis / constrictae plausere manus, camposque piorum / poscit turba nocens* ("por todos / se fez claro o que os fados aparelham. / O semblante das sombras fortunosas / ressumbrava tristeza. Eu próprio, hei visto / os Décios, filho e pai, vítimas santas, / expiatórias das passadas guerras, / chorarem; vi chorar Camilo e Cúrios; / Sila vi da fortuna a lastimar-se. / Cipião carpe o filho miserando, / que há de morrer em Líbia; o de Cartago / inimigo maior, Catão, lamenta / um neto, que ao servir prefere a morte. / Um só, só um, d'entre os fantasmas pios / vi contente: era Bruto, o que regera / cônsul primeiro a Roma desopressa. / Catilina minaz quebra as cadeias, / e exulta. Vão, como ele jubilando / Mários ferozes, semi-nus Cetegos. / Congratulam-se os ídolos do povo / Drusos, Gracos, em leis tão arrojados, / e tamanhos no ousar. Grilhões de aceiro, / inquebráveis grilhões, palmear não tolhem / aos que as masmorras de Plutão povoam; / ruge a turba danada, e pede em grita, / comparando-se aos mortos que se esperam, / para a mansão dos bons ser transportada" – trad. José F. de Castilho).

**548. ACLARA A NOSSA NOITE:** refere-se à sua própria cegueira, cuja escuridão será amenizada pelas palavras de Manto durante a descrição daquilo que ela pode ver do Hades.

**549-78. FAZ O MANDADO E O CARME ... LÍNGUA ASSENTIR MAIS:** Manto cumpre novamente as ordens de seu pai e a ele descreve as sombras tebanas, as primeiras que se assomam ao sangue. Parkes (*ad loc.*) destaca alguns aspectos do passo, especificamente no trecho em que são descritas as sombras dos descentes de Cadmo: veja-se que o trecho se incia (4.462) e se encerra (4.578) com referências a figuras maternas (Autônoe e Níobe, respectivamente). Além disso, Baco pode ser visto como um elo entre Sêmele (4.564), Agave (4.565), Penteu (4.565) e Equí-

on (4.568-9); Autônoe, mãe de Actéon, é nomeada em 4.562, e a metamorfose de seu filho, em 4.571; envolta por essa estrutura, estão as referências a Sêmele (4.564) e Lícon (4.570), que circundam, por sua vez, a narrativa sobre Agave, Penteu e Equíon (4.565-9).

**550-1. QUAL, SE O CRIME DEIXAS, / A CÓLQUIDE OU DE EEIAS PRAIAS CIRCE, A MÁGICA:** diz que Manto age, ao expulsar as sombras e convocar novamente as que se dispersaram, ou como Medeia (**a Cólquide** – cf. 4.504-11n) ou como Circe, a bruxa **da Eeias praias** – isto é, de Ea, ilha localizada por Homero na Itália: ali, Odisseu teria se demorado na companhia de Circe por causa de seus feitiços. Em Apolônio de Rodes, Circe é tia de Medeia, e dá abrigo a ela e a Jasão durante o retorno da caça ao velocino de ouro (cf. 2.281n). Contudo, embora se assemelhe às feiticeiras ao lançar seu carme (4.449), não se lhes assemelha no **crime** – sobre a diferença estabelecida por Tirésias entre a sua arte – e a de Manto, por conseguinte – e a das bruxas e feiticeiras, cf. 4. 504-11n.

**553-5. PRIMEIRO, ABAIXA CADMO ... BEBEM AS SERPENTES:** as primeiras sombras a se achegarem são a de Cadmo e de sua esposa, Harmonia (a **filha ... Citéria** – cf. 4.554n). As alusões são interessantes: ele foi o primeiro a chegar ao sítio em que fundaria Tebas, assim como foi o primeiro a se assomar ao local da necromancia; ambos são, pois, o mesmo local (cf. 1.7-8n; 4.434-42n) e, além disso, a água está envolvida em ambos os episódios: lá, porque Cadmo matou a serpente filha de Marte em uma fonte na qual fora buscar água; aqui, porque serve como metáfora para as poças do sangue ofertado por Manto e Tirésias (cf. 4.463-4) – o **lago / sanguíneo**. Por fim, a imagem da serpente também está presente nos dois episódios: no primeiro, designava a serpente filha de Marte que guardava o lugar; aqui, refere-se a Cadmo e Harmonia depois de metamorfoseados – sobre isso, cf. 1.227-8n. Vale destacar ainda que, após Cadmo ter chegado à Beócia e ter matado a serpente, os próximos a surgirem foram os Espartos, como ora se segue (cf. 4.556-60n).

**553-4. LAGO / SANGUÍNEO:** refere-se às poças de sangue formadas pelas libações feitas por Manto no início da necromancia com o sangue oriundo do sacrifício dos animais – cf. 4.463-4.

**554. A FILHA ... CITÉRIA:** Harmonia, filha de Marte e Vênus. Diz **Citéria** por ter Vênus passado parte de sua infância em Citera, uma ilha próxima à Lacônia.

**555. GÊMEAS:** não porque eram irmãs, mas porque eram duas – Cadmo e Harmonia, já metamorfoseados.

**556-60. E, GENTE MÁRCIA, OS CERCAM ... ENTRE SI, O SEU SANGUE:** após Cadmo e Harmonia (cf. 4.553-

5n), surgem as sombras dos Espartos (cf. 1.7-8n), colocados em volta daqueles (**os cercam**). Como são apresentados, continuam a disputa do dia em que nasceram e morreram (cf. 4.557n): de armas nas mãos (4.557-8), disputam entre si como se estivesses vivos (**com raiva de espirantes**). Interessante perceber que a fúria entre si é tamanha que não se preocupam em beber o sangue ofertado (**pôr-se à infausta fossa / não cuidam**), somente em exaurir, entre si próprios, o sangue. Como descritos por Sêneca (*Oed.* 586-8): *saeua prosiluit cohors / et stetit in armis omne uipereum genus, / fratrum cateruae dente Dircaeo satae* ("seva, se assoma a coorte / e chega, toda em armas, a gente vipérea, / a companhia de irmãos do dente de Dirce nascida").

**556. GENTE MÁRCIA:** o "povo de Marte" – pois nasceram dos dentes plantados da serpente filha do deus (cf. 1.7-8n). **TERRÍGENOS:** os Espartos, porque nascidos da terra (*supra*).

**557. MEDE UM DIA SUA VIDA:** por terem nascido e morrido no mesmo dia – com exceção daqueles que sobreviveram ao embate – cf. 1.7-8n.

**561-78. E UM BANDO, ENTÃO, DE FILHAS ... LÍNGUA ASSENTIR MAIS:** no trecho, Estácio apresenta um catálogo das filhas e dos netos de Cadmo: Autônoe (4.562), Ino (4.562-4), Sêmele (4.564), Agave (4.565-6), Penteu (4.565; 4.567-9) e Actéon (4.572-4); Níobe, a filha de Tântalo, fecha o passo (4.575-9) – comentários *ad loc.* A presença de mulheres é uma constante nos catálogos Infernais. Veja, por exemplo, Homero, onde a mãe de Odisseu surge duas vezes (*Od.* 11.84-9; 11.152-224) durante a *νέκυια* (*nékyia*) do herói (cf. *Od.* 11.84-9, quando Anticleia aparece pela primeira vez e 11.152-4, a segunda aproximação): *ἦλθε δ' ἐπὶ ψυχὴ μητρὸς κατατεθνηυίης, / Αὐτολύκου θυγάτηρ μεγαλήτορος Ἀντίκλεια, / τὴν ζωὴν κατέλειπον ἰὼν εἰς Ἴλιον ἱρήν. / τὴν μὲν ἐγὼ δάκρυσα ἰδὼν ἐλέησά τε θυμῷ· / ἀλλ' οὐδ' ὥς εἴων προτέρην, πυκινόν περ ἀχεύων, / αἵματος ἄσσον ἴμεν πρὶν Τειρεσίαο πυθέσθαι* [...] *αὐτὰρ ἐγὼν αὐτοῦ μένον ἔμπεδον, ὄφρ' ἐπὶ μήτηρ / ἦλυθε καὶ πίεν αἷμα κελαινεφές· αὐτίκα δ' ἔγνω / καί μ' ὀλοφυρομένη ἔπεα πτερόεντα προσηύδα* ("a alma de minha mãe falecida aproximou-se então de mim, / Anticleia, filha do magnânimo Autólico, / que eu deixara viva quando parti para Ílio sagrada. / Rompi a chorar assim que a vi e comoveu-se o meu coração. / Mas nem a ela permiti que do sangue se aproximasse, / embora fosse intensa a minha dor, antes de interrogar Tirésias [...] Eu permaneci onde estava, até que se aproximou a minha mãe / e bebeu do negro sangue turvo. De imediato me reconheceu, / e chorando me dirigiu palavras aladas" – trad. Frederico Lourenço).

E várias outras mulheres também surgem, enviadas por Perséfone (*Od.* 11.225-329), dentre as quais estão Tiro, Antíope, Epicasta (como Homero chama Jocasta, a mãe-esposa de Édipo) e

Clóris (*Od.* 11.225-7): *νῶϊ μὲν ὣς ἐπέεσσιν ἀμειβόμεθ', αἱ δὲ γυναῖκες / ἦλυθον, ὤτρυνεν γὰρ ἀγαυὴ Περσεφόνεια, / ὅσσαι ἀριστήων ἄλοχοι ἔσαν ἠδὲ θύγατρες* ("Enquanto trocávamos estas palavras, chegaram / as mulheres, pois mandara-as a altiva Perséfone: / todas as que tinham sido esposas e filhas de nobres" – trad. Frederico Lourenço). Também em Virgílio elas aparecem (*A.* 6.445-51): *his Phaedram Procrinque locis maestamque Eriphylen / crudelis nati monstrantem uulnera cernit, / Euadnenque et Pasiphaen; his Laodamia / it comes et iuuenis quondam, nunc femina, Caeneus / rursus et in ueterem fato reuoluta figuram. / inter quas Phoenissa recens a uulnere Dido / errabat silua in magna* ("Lá Prócris, Fedra, Erífile passeia, / mesta do filho algoz mostrando os golpes; / também Pasife, Laodâmia e Evadne; / Cênis, de fêmea transformada em homem, / por fadário a seu sexo reduzida. / No bando, fresca a chaga, errava a Tíria / nos desvios do bosque" – trad. Odorico Mendes).

**562. Autônoe ... carente:** filha de Cadmo e Harmonia e mãe de Actéon. Diz **carente** por causa da perda de seu filho, morto por seus próprios cães de caça – sobre isso, cf. 3.201-4n.

**562-4. Ino, arfando, / voltando ao arco os olhos, premendo nos seios / a cria:** filha da Cadmo e Harmonia, esposa de Átamas. Fugiu (por isso diz **arfando**) de seu esposo, que foi enlouquecido por Juno, para tentar salvar um de seus filhos, Palêmon (**premendo nos seios / a cria**). Porque Átamas os perseguiu com seu arco à mão, diz **voltando ao arco os olhos**. Sobre o episódio, cf. 1.13n.

**564. e, os braços ao redor do ventre, Sêmele:** Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia, foi seduzida por Júpiter e enganada por Juno, o que a levou à morte. Aqui, o poeta a retrata com os braços sobre o ventre, onde gerava Baco, seu filho com o deus supremo. Sobre o episódio, cf. 1.12n.

**565-9. A Penteu, a Cadmeia mãe ... corpo lacerado, Equíon:** Estácio descreve Agave, a mãe filhicida de Penteu e a esposa de Equíon (cf. 1.11n), de maneira a contrastá-la com as mães protetoras anteriormente apresentadas – **Autônoe**, sentindo a perda do filho (4.562), **Ino**, premendo seu filho nos seios (4.562-4), e **Sêmele**, com os braços enlaçando o ventre (4.564). Repare que Agave, a única das citadas que matou seu filho com as próprias mãos, é também a única a ser chamada de **mãe**. Sêneca também detalha a história da **mãe Cadmeia** (*Oed.* 615-8): *peior hac genetrix adest / furibunda Agaue, tota quam sequitur manus / partita regem; sequitur et Bacchas lacer / Pentheus tenetque saeuus etiamnunc minas* ("a pior / das mães, a insana Agave, vem depois / com o séquito que o rei esquartejou; / lacerado, Penteu segue as bacantes / e, irado, ainda agora impõe censuras" – trad. Cíntia Sanches).

**565-6. COM OS TIRSOS ROTOS, / JÁ DO DEUS ABRANDADA:** Estácio apresenta Agave após o crime, já livre da possessão de Baco (do **deus abrandada**). Ao dizer **rotos** os **tirsos**, pode referir-se tanto ao fato de Agave já ter despido os adornos característicos das bacantes (sobre os **tirsos**, cf. 2.664n), como a um provável rompimento com o próprio Baco. Em ambos os casos, porém, a ênfase parece recair sobre a sanidade de Agave no momento em que a cena é descrita.

**566-7. EXPOSTO O PEITO CRUENTO, / EM PRANTO ENCALÇA:** destaca o estado lutuoso de Agave enquanto persegue seu filho: o colo à mostra (**exposto o peito**) é um sinal de luto comum entre os povos da antiguidade (sobre o ato de rasgar as roupas em sinal de luto, deixando o corpo à mostra, cf. 3.125-6n), uma condição que seu **pranto** só intensifica. Há, portanto, claros sinais de arrependimento no comportamento aqui descrito (cf. 4.565-6n).

**567-9. FOGE, POIS, PELO ÍNVIO ... DOCE, CHORA / SEU PAI ... EQUÍON:** enquanto Agave persegue seu filho já sã e arrependida (cf. 4.565-7 e comentários *ad loc.*), Penteu foge pelo Letes com tamanha determinação que, impulsionado pelo medo ou pelo desgosto em relação à mãe, chega a atravessar o **lago Estígio**, constantemente visto como uma barreira – cf. *esp*. 4.524n. No além-Estige, encontra-se Equíon, o pai de Penteu, que, **mais doce**, chora enquanto costura os membros de seu filho, dilacerado por Agave e suas irmãs (cf. 1.11n) – por isso diz **compondo um corpo lacerado**. A sombra de Equíon, um dos Espartos que sobreviveram à guerra fratricida (cf. 1.7-8n), contrasta com as de seus irmãos, que perpetuam no Hades a batalha que tiveram em vida (cf. 4.556-60n): **mais doce** – seja em relação a seus irmãos, seja a Agave –, Equíon **chora** enquanto os outros Espartos se empenham em **haurir, entre si, o seu sangue** (4.560).

**570. TRISTE LÍCON:** são várias as personagens com esse nome na mitologia clássica. Apontam os comentadores de Estácio (Lactâncio, Amar-Lemaire e Parkes, *ad loc.*), porém, que aqui provavelmente se refere ao Lícon irmão de Nicteu e marido de Dirce, que sucedeu Penteu no trono tebano (sobre o personagem e Dirce, sua esposa, cf. 1.9-10n; 1.152n). Diz **triste**, então, ou por ter sido morto por Zeto e Anfíon, ou pelo horrendo fado da esposa – cf. *esp.* 1.152n.

**570-1. ÀS COSTAS PONDO A DESTRA, / UM CADÁVER LANÇADO NO OMBRO ONUSTO, O EÓLIDA:** Átamas, o marido de Ino, filho de Éolo – por isso **Eólida** (cf. 1.13n). A cena descreve o momento em que, com o corpo de Learco sobre um de seus ombros (**um cadáver lançado no ombro onusto**), Átamas busca, em sua aljava, outra flecha para lançar contra Ino e Palêmon (ou Melicertes) – donde diz **às costas pondo a destra**. Por esse motivo, Ino estaria correndo de seu esposo – perceba-se todo o movimento subentendido entre a cena de Ino (cf. 4.562-4n) e esta: Estácio

parece interromper a narrativa do episódio envolvendo Átamas e Ino para deter-se sobre Agave, Penteu, Equíon e Lícon.

**572-4. Nem, ainda, da nova forma ... que o ferem hiantes:** retoma a história aludida em 4.562, quando mencionou Autônoe. Ora, detém-se em Actéon, o filho de Autônoe e Aristeu (**Aristida**) que, por ter visto Diana nua, foi transformado pela deusa em um cervo – por isso menciona sua **fronte espinhada por chifres** – e morto por seus próprios cães de caça – motivo pelo qual **afasta cães que o ferem hiantes**. Sobre o mito, cf. 3.201-4n. Sêneca também refere-se ao episódio (*Oed.* 751-63): *quid Cadmei fata nepotis, / cum uiuacis cornua cerui / frontem ramis texere nouis / dominumque canes egere suum? / praeceps siluas montesque fugit / citus Actaeon, / agilique magis / pede per saltus ac saxa uagus / metuit motas zephyris plumas / et quae posuit retia uitat— / donec placidi fontis in unda / cornua uidit uultusque feros: / ibi uirgineos fouerat artus / nimium saeui diua pudoris* ("E o que dizer do fado / do Cadmeu neto quando / chifres de vivaz cervo / cobriram sua fronte / de galhos juvenis, / e os cães correr fizeram / o dono da matilha? / Fugiu precipitado / por montes e florestas / Acteão célere, / com pé mais leve, / por bosques e até pedras; / ele temeu as penas / pelo vento agitadas / e desviou das redes / que ele mesmo pusera. / Até que viu, na água / de uma fonte serena, / chifres e o feroz rosto: / foi ali que banhara / os seus virgíneos membros / a deusa de excessivo / e tão atroz pudor" – trad. Cíntia Sanches).

**572-3. Nem ainda da nova forma o ultraje e os traços / muda o Aristida:** glosa: "nem a aparência, nem a desonra da forma alterada mudou ainda o filho de Aristeu". No Hades, então, Actéon ainda conserva a forma que tinha quando foi morto, a de um cervo (cf. 4.572-3n) – contudo, cf. 4.573n. Diz **ultraje** pelo motivo que levou Diana a mudar a forma do jovem – sobre isso, cf. 3.201-4n.

**574. o dardo à mão:** o trecho pode ser confuso, dada a situação (cf. 4.572-3n). De acordo com Parkes (*ad loc.*), Estácio registra o exato momento em que a sombra de Actéon, após sua morte, está deixando sua forma animal e retornando à forma de homem, em um ponto em que já é possível segurar uma flecha (**dardo**) com as mãos, embora o rosto ainda possua os traços de um cervo. Para Bailey (*ad loc.*), essa informação (**o dardo à mão**) é, no fim, irrelevante, pois o leitor não a poderia entender sem uma representação imagética da transformação em curso. O advérbio **ainda** (4.572), porém, pode dar a entender que a alteração está ocorrendo, só não tendo se completado. Dessa forma, poder-se-ia explicar **o dardo à mão** de Actéon, com o qual ele **afasta cães que o ferem hiantes** (4.574).

**575-8. Eis se assoma também ... língua assentir mais:** refere-se a Níobe, esposa de Anfíon e filha de Tântalo – por isso o patronímico **Tantálida** (cf. 1.246-7n). Castigada por Latona por ter-se julgado maior que a deusa, uma vez que tinha sete filhos homens e sete filhas mulheres, enquanto a deusa só tinha dois, continua com a mesma soberba que a levou a seu infortúnio: pelas ofensas feitas à mãe, Apolo e Diana teriam assassinado todos os rebentos de Níobe, deixando-a sozinha – sobre o episódio, cf. 1.711n.

**575-6. Eis se assoma também, por grande turba invisa / ... a Tantálida:** em latim, *ecce autem magna subit inuidiosa caterua / Tantalis*. (Parkes) "Período marcadamente ovidiano. A maior parte da sentença ecoa Ovídio (*Met.* 6.165): *ecce uenit comitum Niobe celeberrima turba* ["eis vem Níobe, com celebérrima turba de companheiros"], enquanto *inuidiosa* [**invisa**] foi tomado de *Met.* 6.276 [*inuidiosa suis* – "invejosa dos seus"]. Além disso, *Tantalis* [**Tantálida**], que assinala Níobe como uma descendente de Tântalo [...], pode basear-se em *Met.* 6.211 [*Tantalis adiecit* – "a Tantálida acresceu"], embora o patronímico também apareça em Sêneca (*Oed.* 613 [*interque natos Tantalis tandem suos* – "e entre os seus filhos, por fim, a Tantálida"]) e sua aplicação a Níobe não seja incomum (*e.g.*, *Theb.* 3.193; *Prop.* 2.31.14 [*altera maerebat funera Tantalidos* – "chora a outra os funerais da Tantálida"]; Sêneca *Med.* 954 [*utinam superbae turba Tantalidos* – "por fim, a turba da soberba Tantálida"]; *Ag.* 375 [*tu Tantalidos funera matris* – "tu, os funerais da mãe Tantálida"]; *Her. F.* 390 [*riget superbo Tantalis luctu parens* – "endurece, com o luto soberbo, a mãe Tantálida"])."

**576-7. com luto altivo exéquias contando ... / sem que a derrube o mal:** "contanto os funerais [de seus quatorze filhos] com uma mágoa soberba, sem ser subjugada pelo mal que lhe acometeu". Níobe não se tornou humilde nem após perder todos os seus rebentos – cf. 4.575-6n.

**577-8. apraz do nume divo / ter fugido:** morta, não pode mais ser alvo dos deuses do Olimpo, pois que se encontra no Hades. Sendo assim, pode assoberbar-se sem medo de ser novamente punida por qualquer um dos olimpianos (cf. 1.711n; 4.575-6n; 4.576-7n).

**578. e, ora, à insana língua assentir mais:** mais ainda permitir à sua língua insana, visto que não precisa temer nova punição por parte dos deuses do Olimpo (cf. 4.557-8n).

**579-603. Enquanto ao pai tais coisas ... obsta, e mostra o sangue:** durante a narração de Manto, Tirésias retoma o controle de seu corpo e, tomado pela inspiração (4.586-7), passa a enxergar o que ocorre diante de seus olhos cegos, conduzindo, então, a narrativa. Primeiro, vê as almas enlutadas dos argivos (4.587-91), prevendo com isso o triunfo tebano na guerra (4.592), Depois, se aproximam as almas dos cinquenta emboscados tebanos, dos quais so-

mente um não foi morto por Tideu – Méon, que se suicidou no paço de Etéocles (cf. 3.87-8). Sobre a emboscada, cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*

**579. A INTACTA PÍTIA:** Estácio ressalta novamente a virgindade de Manto (cf. 4.488). Em latim, *intemerata sacerdos* ("intacta sacerdotisa").

**580-1. DELE SE ERGUEM, AS FITAS JÁ NO ALTO, AS MEDONHAS / MECHAS CÃS:** os cabelos brancos de Tirésias e suas fitas sacerdotais (sobre os ornamentos dos vates, cf. 3.466-7n) erguem-se em sinal de possessão divina, como em Sêneca (*Oed.* 230 – sobre o oráculo de Delfos): *incipit Letoa uates spargere horrentes comas* ("a vate de Leto começou a espalhar as comas horrentes"); e Lucano, sobre Femónoe (*Luc.* 5.154-5): *nulloque horrore comarum / excussae laurus* ("os louros do cabelo eriçado não soltos" – trad. Brunno Vieira). **MEDONHAS / MECHAS CÃS:** é dizer "os seus medonhos cabelos brancos".

**581. IMPELIDO AO TÊNUE ROSTO O SANGUE:** como se Tirésias voltasse à vida, seu rosto se avermelha com o sangue – em *Theb.* 2.98, foi destacada a palidez do vate.

**582. DEVOTA VIRGEM:** Manto – cf. 4.579n.

**584-5. "JÁ DE EXTERNA LUZ ME BASTA. INERTES / VÃO-SE AS NUVENS, E A NEGRA NÉVOA DEIXA O OLHAR:** tomado pelo ímpeto profético, Tirésias dispensa as descrições e narrações da filha, que atuara como seus olhos (a **externa luz**). Aparentemente, então, recuperou o vate a capacidade de enxergar por si só: **Inertes, / vão-se as nuvens** de sua cegueira, fazendo com que **a negra névoa** deixe seus olhos.

**586-7. DE SOMBRAS OU DO ALTIVO APOLO VINDO, O ESPÍRITO / ME OCUPA?:** buscando explicação para o que ocorre, Tirésias questiona se a retomada da visão é resultado da possessão de uma das sombras do Hades, ou de Apolo – que muito pouco poderia fazer em um ritual ctônico.

**587-92. MAS EIS / SE ENLUTAM ... O MELHOR DA GUERRA:** Tirésias vê sinais de pesar e derrota nas sombras dos argivos enlutadas e com os **olhos baixos**. Compõem o grupo os primeiros governantes e ancestrais argivos – comentários *ad loc.* –, alguns dos quais já mencionados durante o catálogo dos ícones de bronze que adornaram os átrios do paço de Adrasto quando do casamento de suas filhas (cf. 2.214-23 e comentários *ad loc.*).

**589. ABAS TORVO:** rei argivo, conhecido pelo espírito guerreiro – donde dizê-lo **torvo** (cf. 2.220n). **NOCENTE PRETO:** Preto (ou Proito) é filho de Abas, irmão de Acrísio (cf. Quadro 2, p. 412). Gêmeos, ao herdarem do pai um reino na Argólida, guerrearam pelo controle da região, cabendo a Acrísio o trono de Argos e a Preto o de Tirinte (*Apollod.* 2.2.1) – cf. 4.147n). Diz

**nocente** pelo episódio envolvendo Belerofonte: como consta em Homero (*Il.* 6.155-97), era Preto casado com Estenebeia (ou Anteia), filha de Ióbates, rei da Lícia; Belerofonte, procurando expiação por um homicídio do qual não teve culpa, foi purificado por Preto. Estenebeia apaixonou-se por Belerofonte, mas este negou-lhe seu amor. Para vingar-se, a rainha de Tirinte disse para o marido ter sido seduzida pelo hóspede, e Preto, então, o enviou a Ióbates para que seu sogro o matasse. Depois de sair vitorioso de uma série de trabalhos mortais designados por Ióbates, o rei se rendeu à força do herói e deu-lhe em casamento uma de suas filhas. Homero fala da reação de Preto contra Belerofonte (*Il.* 6.157): *αὐτάρ οἱ Προῖτος κακὰ μήσατο θυμῷ* ("mas contra ele planeou Proito no coração coisas malévolas" – trad. Frederico Lourenço).

**589-90. O COMPLACENTE / FORONEU:** antigo rei argivo, o primeiro a por lá fazer sacrifício em honra de Juno (cf. 1.252n). Em 2.219, é **Foroneu, o plácido** (em latim, *placidusque Phoroneus*).

**590. PÉLOPS TRONCHO:** filho de Tântalo, teve um dos ombros devorado por um deus quando, depois de morto, foi servido por seu pai em um banquete aos deuses – que se aperceberam da atrocidade e devolveram-lhe a vida, substituindo o ombro devorado por uma réplica de mármore. Sobre o episódio, cf. 1.246-7n. Diz **troncho**, então, por causa do ombro mutilado.

**590-1. COM ATRA POEIRA SUJO / ENÔMAU:** rei de Pisa, disputava corridas com os pretendentes de sua filha, Hipodâmia, e os matava ao final do pleito, que sempre vencia. Foi derrotado por Pélops – cf. 1.274-7 e comentários *ad loc.*

**591. COM ÁGUA À FARTA UMEDECEM OS ROSTOS:** "com lágrimas em abundância". Em latim, *largis ... imbribus*.

**592. DISSO, EU PREVEJO A TEBAS O MELHOR DA GUERRA:** baseado na consternação e no sofrimento demonstrados pelas almas argivas (cf. 4.587-91 e comentários *ad loc.*), Tirésias prevê a vitória dos tebanos na guerra.

**593-602. POR QUE, Ó DENSA GREI ... E OUTRA VEZ TIDEU":** após as sombras argivas, surgem as sombras dos cinquenta emboscados tebanos (sobre a emboscada, cf. 2.482-73 e comentários *ad loc.*), em uma espécie de efetivação, como aponta Parkes (*ad loc.*), da predição feita por Méon de que Etéocles seria assombrado pelos manes dos guerreiros mortos na emboscada (cf. 3.75-7 e comentários *ad loc.*). Em sua aparição, porém, não há um embate direto com o vate ou com Etéocles, e a interação se dá somente pela fala de Tirésias, que os conforta quanto ao motivo de sua morte (4.599-602), os afasta e designa-lhes o sangue para que se fartem

(4.602-3). Para Parkes, é mais relevante, porém, o fato de que os manes dos emboscados seguem Níobe em suas exéquias, as únicas que, em tristeza, podem ser comparadas às dos cinquenta jovens guerreiros enviados à morte (sobre isso, cf. 3.191-4 e comentários *ad loc.*).

**593. EXPONDO ARMAS E CHAGAS:** as armas com que atacaram Tideu (cf. 2.482-743) e os ferimentos que o herói lhes causou – como a sombra de Laio, que também traz o ferimento que lhe causou a morte (cf. 2.7-8).

**594. ALMAS BELAZES:** Etéocles escolheu, para a guerra, somente os melhores dentre os jovens guerreiros tebanos: **jovens fieis, p'ra guerra exímios / corpos** (2.483-4).

**595. NUM FALSO APELO AS MÃOS POSTAS, SEM PAZ:** demonstra a raiva que toma conta das sombras, em **falso apelo** se aproximando de Etéocles e Tirésias como se quisessem vingar-se pelo destino que lhes conferiu o tirano.

**596-8. ACASO, Ó REI, ME ENGANO ... COM OS NOSSOS LOUROS?:** Tirésias reconhece as sombras, o que demonstra a proporção que a impiedade de Etéocles alcançou. Dentre os cinquenta que se achegam, nomeia os que já foram distinguidos pelo poeta durante o combate e após o seu fim: **Ctônio** (cf. 2.538n), **Crômis** (cf. 2.613n), **Fegeu** (2.609) e **Méon** (cf. 2.692-3n).

**598. MARCADO COM OS NOSSOS LOUROS:** assim como Tirésias e Manto, Méon era um vate apolíneo – por isso diz **nossos louros**. Sobre Méon, cf. 2.692-3n; sobre a relação entre as folhas de louro e Apolo, cf. 1.554n.

**599-600. POR AÇÃO MORTAL NADA, / CREDE, SE OUSOU:** buscando destituir as sombras de seu ímpeto minaz (cf. 4.595n), Tirésias diz que nada foi feito, por Etéocles, com intenções mortais – ao menos no que diz respeito a eles.

**600. O AGORA TRANÇOU FÉRREA ÁTROPO:** a culpa da morte dos emboscados não foi de Etéocles, segundo Tirésias (cf. 4.599-600n), uma vez que o presente é de responsabilidade de **Átropo**, uma das Moiras (cf. 1.111n), aquela que trama o fio que determina a vida de cada um dos homens. É **férrea** por sua inflexibilidade: **inculta em trocar de sentença** (cf. 3.67-8n).

**601. VOS LIVRASTES DO ACASO:** morrendo, não estão mais suscetíveis ao acaso.

**602. E OUTRA VEZ TIDEU:** a primeira incursão de Tideu contra os tebanos resultou na morte dos cinquenta emboscados enviados por Etéocles (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*). Ressalta Parkes (*ad loc.*) que a ênfase em Tideu pode ser uma forma de marcar a reincidência das batalhas na história tebana.

**602-3. COM AS FOLHAS POR FITAS / LIGADAS, AOS INSTANTES OBSTA, E MOSTRA O SANGUE:** em latim, *uittaque ligatis / frondibus instantes abigit monstratque cruorem*. Hall interpreta *uittaque ligatis frondibus* como um sintagma vinculado a **instantes**, traduzindo o trecho da seguinte forma: *as they menaced his frond-bound chaplet* ("tendo eles ameaçado sua grinalda de amarradas folhas"). Para Hall, então, refere-se o paço aos ornamentos sacerdotais que Tirésias traz presos aos cabelos, ameaçados pelos manes dos emboscados tebanos. Barthius e Parkes (*ad loc*.) também leem o passo dessa forma. Bailey e Lesueur (*ad loc.*), por sua vez, leem o sintagma como um ablativo de instrumento ("com folhas ligadas por fita") – um adjunto de *abigit* (**obsta**), portanto. Nesse mesmo sentido, Barthius (*ad loc*.) reporta uma antiga glosa pela qual se entende as "folhas ligadas por fita" como uma coroa com a qual Tirésias espantou as sombras tebanas. Ora, por parecer pouco provável o uso da coroa que orna os cabelos do vates como uma metonímia para referir-se a Tirésias, como ocorre nas leituras de Hall e Parkes, optou-se pela leitura realizada por Lesueur e Bailey, que a considera uma espécie de objeto encantado com o poder de fazer recuarem as sombras Infernais – e também por não haver motivos para que somente Tirésias fosse ameaçado pelos manes, uma vez que a metonímia não poderia referir-se a Etéocles, que não é um profeta.

**604-45. SEM PAR, ESTAVA ÀS MESTAS ... COM O ENIGMA TORTUOSO:** Tirésias vê Laio isolado à beira do Cocito: é o ápice de sua necromancia. Após interrogá-lo (4.610-24), a sombra cede e dá, ao vate e ao neto, as respostas ansiadas (4.626-44). O trecho tem relação com diferentes passagens de outros autores, das quais a principal é a necromancia em Sêneca (*Oed.* 619-58), durante a qual Tirésias também interroga a sombra de Laio, mas buscando saber quem foi seu assassino. Eis o momento do encontro (*Oed.* 619-26): *tandem uocatus saepe pudibundum extulit / caput atque ab omni dissidet turba procul / celatque semet. instat et Stygias preces / geminat sacerdos, donec in apertum efferat / uultus opertos Laius – fari horreo. / stetit per artus sanguine effuso horridus, / paedore foedo squalidam obtentus comam, / et ore rabido fatur* ("Após muito clamor vem ele, Laio, / levanta a tímida cabeça e foge / para longe de todo esse tumulto / e se esconde de nós. O sacerdote / diz e rediz as preces infernais, / até que ele nos mostre o rosto inteiro – / o oculto Laio. Horror tenho ao falar. / Rude se eleva, o corpo envolto em sangue, / sujos cabelos com fedor indigno, / e declara com a boca enraivecida" – trad. Cíntia Sanches). Repare como, em ambos os casos (*Theb*. 4.604; *Oed.* 620-2), Laio demonstra o desejo de se isolar: em Estácio, já é visto sozinho; em Sêneca, se esconde após ser chamado. Porém, sua condição deplorável (*Oed.* 624-5) é completamente substituída pelo ódio (**imortal**, diz Estácio – 4.609), que já está indicado em Sêneca (*Oed.* 626).

Parkes (*ad loc.*) aponta, como outras fontes para o comportamento de Laio, a raiva de Dido em relação a Eneias, demonstrada durante a catábase do herói, e a de Ájax, descrita por Odisseu em Homero. Em Virgílio, após discursar desculpando-se, Eneias é obrigado a aceitar a indiferença de Dido, tomada de ódio pelo Troiano (*A.* 6.467-74): *talibus Aeneas ardentem et torua tuentem / lenibat dictis animum lacrimasque ciebat. / illa solo fixos oculos auersa tenebat / nec magis incepto uultum sermone mouetur / quam si dura silex aut stet Marpesia cautes. / tandem corripuit sese atque inimica refugit / in nemus umbriferum, coniunx ubi pristinus illi / respondet curis aequatque Sychaeus amorem* ("a Dido assim, que irosa e torva o encara, / queria embrandecer com pranto e mágoas: / ela aversa no chão pregava os olhos; / nem mais seu rosto à prática se move / que dura sílice ou Marpésia rocha. / Infensa aparta-se, e em retiro umbroso / do marido Siqueu se abriga ao peito, / que terno corresponde a seus cuidados" – trad. Odorico Mendes).

Em Homero, Ájax está ressentido por ter perdido para Odisseu a disputa pelas armas de Aquiles (*Od.* 11.543-7): *οἵη δ' Αἴαντος ψυχὴ Τελαμωνιάδαο / νόσφιν ἀφεστήκει, κεχολωμένη εἵνεκα νίκης, / τήν μιν ἐγὼ νίκησα δικαζόμενος παρὰ νηυσὶ / τεύχεσιν ἀμφ' Ἀχιλῆος· ἔθηκε δὲ πότνια μήτηρ, / παῖδες δὲ Τρώων δίκασαν καὶ Παλλὰς Ἀθήνη* ("só a alma de Ájax, filho de Télamon, permaneceu / afastada, ressabiada por causa da vitória que eu venci / na contenda junto às naus pelas armas de Aquiles, / que sua mãe veneranda designara como prêmio. / Dirimiram a contenda jovens Troianos e Palas Atena" – trad. Frederico Lourenço).

Ao contrário de Eneias e de Odisseu, porém, Tirésias convence a sombra a responder suas perguntas. Só consegue isso, contudo, pelas recompensas que oferece a Laio (cf. 4.622-4; 4.624-5) – como Ericto, em Lucano, que oferece diferentes prêmios para a sombra do cadáver que interroga (*Luc.* 6.762-74): *'dic' inquit Thessala 'magna, / quod iubeo, mercede mihi; nam uera locutum / inmunem toto mundi praestabimus aeuo / artibus Haemoniis: tali tua membra sepulchro, / talibus exuram Stygio cum carmine siluis, / ut nullos cantata magos exaudiat umbra. / sit tanti uixisse iterum: nec uerba nec herbae / audebunt longae somnum tibi soluere Lethes / a me morte data. tripodas uatesque deorum / sors obscura decet: certus discedat, ab umbris / quisquis uera petit duraeque oracula mortis / fortis adit. ne parce, precor: da nomina rebus, / da loca; da uocem qua mecum fata loquantur* ("'Responde ao que te mando', exclama a téssala, / 'e bom prêmio haverás! Fala a verdade; / e aqui das artes nossas te asseguro / isenção perenal. Darei teu corpo / a tal jazida, em lenha tal queimado, / e com tal carme estígio, que tua alma / não fique mais sujeita a encantadores. / Foi-te bom ressurgir, conjuros, plantas, / do teu sono leteu não mais

te acordam, / mal que eu lá te reponha. Ambiguidades, / deixemo-las às tripodes e às vates, / intérpretes do céu; quem pede às sombras / certeza do destino, e para obtê-la / co'a morte dura intrépido se arrosta, / não se há de ir hesitando em frases dúbias. / Ora pois, satisfaze-nos o empenho! / Repõe-nos cada cousa em termos claros! / Nomeia os sítios... Finalmente fala, / como falar comigo os fados ousam.'" – trad. José F. de Castilho).

**604-5. SEM PAR, ESTAVA ÀS MESTAS MARGENS DO COCITO / LAIO:** o poeta pospõe o nome de Laio de forma a deixá-lo isolado no verso seguinte, assim como encontra-se **sem par** a sombra no Hades, aos pés da margem do Cocito. Perceba a semelhança com a descrição de Tisífone, logo após os pedidos de Édipo para que amaldiçoasse seus filhos: **Sentava-se, pois, do inameno / Cocito à beira** (*Theb.* 1.89-90). Assim como a saída da sombra de Laio para o mundo superior no início do canto segundo se assemelha com aquela de Tisífone no canto primeiro (cf. 1.88-122; 2.1-70 e comentários *ad loc.*), há novamente aqui uma aproximação entre os personagens, que restavam no mesmo lugar até serem convocados por um humano para voltar ao mundo superior – para retornar a Tebas, mais precisamente.

**605-6. QUE O ALADO DEUS AO SELVAGEM AVERNO / JÁ LEVARA:** durante o primeiro concílio dos deuses, Júpiter ordenou a Mercúrio que buscasse Laio nos reinos de Plutão e o levasse para Tebas para que transmitisse a Etéocles um recado seu (cf. 1.292-301 e comentários *ad loc.*). Agora, quando Tirésias o vê, diz o poeta que Mercúrio (o **alado deus**) já o havia devolvido ao mundo das sombras – talvez esclareça isso por não ter a narrativa se detido sobre o retorno da sombra de Laio até este momento.

**606-7. DE ESGUELHA AO DIRO NETO OLHANDO:** o olhar de Laio indica desconfiança com relação ao neto, mas também é um indício de sua raiva (seu **ódio imortal** – 4.609).

**607-9. POR GOLES DE SANGUE NÃO VEM, / ... OU POR OUTROS LIQUORES: / RESPIRA ÓDIO IMORTAL:** Laio não se achega, como os outros manes, por causa do sangue ou dos outros líquidos ofertados (4.451-4). O ódio por seu neto, porém, toma-lhe o peito (**respira ódio imortal**) e determina sua postura (4.610-24). (PARKES) "Ájax está 'colérico' (Hom. *Od.* 11.544: *κεχωλωμένη*), Dido está 'ardendo e olhando ferozmente' em Virgílio (*A.* 6.467 – *ardentem et torua tuentem*) e o Laio de Sêneca fala 'com a boca raivosa' (*Oed.* 626: *rabido ore*) [...] Laio **respira ódio imortal**, apesar de sua condição não respirante de morto."

**608. TAL O RESTO DA PLEBE:** refere-se às sombras de argivos e tebanos, bem como daquelas enviadas de volta ao Hades por Manto (4.544-8). Talvez, desconsidere as sombras dos Espartos, cuja sede pelo sangue ofertado era menor do que aquela pelo sangue de seus irmãos (cf.

4.556-60 e comentários *ad loc*.).

**609. o vate Aônio:** "o vate tebano" – sobre o uso do gentílico, cf. 1.33n.

**610-24: "ó egrégio chefe de Tebas ... fiar-te a Estígios deuses":** (Parkes) "Creonte somente relata que Tirésias *Stygias preces* / *geminas* (*Oed.* 621-2 ["as Estígias preces / redobra"]). Aqui, nos é apresentado o roteiro da prece de Tirésias. Na presença da animosidade de Laio, o profeta precisa ser persuasivo. Então, ele adota um estilo grandioso [...], um tom conciliatório e lisonjeiro, e assegura o fascínio da travessia de um rio Infernal (4.621-3). Uma recompensa (de imunidade a futuras interrupções) é similarmente oferecida em Lucano (*Luc.* 6.762-74), no apelo de Ericto para que o cadáver revivido fale [cf. 4.604-45n]."

**610-2. ó egrégio chefe de Tebas ... viu, fausta, a luz:** "ó distinto chefe da Tíria Tebas que, desde a sua morte, nunca mais viu luz próspera refletindo em seus muros".

**611. aos muros de Anfíon:** sobre a lenda envolvendo a construção dos muros de Tebas por Anfíon, e sobre a origem do herói, cf. 1.9-10n.

**612-3. ó bem vingado já de atroz / decesso, ó sombra assaz calmada pela prole:** com **bem vingado**, Tirésias se refere tanto à pena autoinfligida por Édipo (sua cegueira), como aos últimos fatos ocorridos na casa de Édipo – especialmente a disputa entre Polinices e Etéocles. Ao dizê-lo, então, **sombra assaz calmada pela prole**, não fala com ironia ou em contradição com o ódio que inspira a sombra (cf. 4.607-9n), mas pensando do ponto de vista de Laio: dada a cegueira de Édipo e a iminente ruína de sua casa, é possível dizê-lo aplacado por seus herdeiros (**pela prole**).

**614-8. Tem longas exéquias ... que o óbito, / crê!:** um dos argumentos utilizados para aplacar a sombra de Laio é o castigo de Édipo, **sorte mais dura que o óbito**. A ideia da cegueira autoinfligida como uma pena mais que capital está presente já no canto primeiro, quando o narrador introduz a figura do herói (cf. 1.46-8). Ora, Tirésias desenvolve a ideia, dizendo que o filho **tem longas exéquias** e que **da morte afim os lindes sente**. Os olhos cobertos de **sangue e podridão**, diz Parkes (*ad loc.*), são inspirados na descrição feita por Sófocles (*OT* 1275-9): *τοιαῦτ' ἐφυμνῶν πολλάκις τε κοὐχ ἅπαξ / ἤρασσ' ἐπαίρων βλέφαρα· φοίνιαι δ' ὁμοῦ / γλῆναι γένει' ἔτεγγον, οὐδ' ἀνίεσαν / φόνου μυδώσας σταγόνας, ἀλλ' ὁμοῦ μέλας / ὄμβρος χαλάζης αἵματός τ' ἐτέγγετο* ("E, abrindo as pálpebras, / golpeava repetidamente ente os olhos. / Pupilas rubras banham sua barba. / Não era um gotejar sanguíneo, mas / um chover de granizos-melanina" – trad. Trajano Vieira); mas Sêneca também pode ter-lhe servido de inspiração

(*Oed.* 961-70 *apud* 1.71-2n). A autora também destaca a transmissão do aspecto horrendo de Laio, em Sêneca (*Oed.* 624-5 *apud* 4.604-45n), para Édipo, em Estácio.

**615. DA MORTE AFIM OS LINDES SENTE:** "já se apercebe das fronteiras da morte, que já está próxima". No canto primeiro, diz o narrador que, após ter-se cegado, Édipo arrastava sua alma **por extensa morte** (1.48).

**618. CRÊ!:** por ser cego também, Tirésias tem o conhecimento para falar sobre a aflição de sua condição. **INOCENTE NETO:** interessante a caracterização de Etéocles como **inocente**. Tirésias pode estar levando em conta a interferência de Júpiter e de Tisífone nas ações do jovem tirano (sobre isso, cf. 1.82-7; 1.292-302 e comentários *ad loc.*) ou, mais provavelmente, a irrelevância de suas ações para o crime cometido por Édipo contra Laio, que ocorreu antes mesmo do seu nascimento. Assim, Tirésias restringe o ódio de Laio a Édipo, eximindo os descendentes de culpa no episódio entre seus antepassados mais imediatos.

**619-21. MOSTRA FACE E TE ... E O MORTICÍNIO / REVELA:** após as lisonjas (4.610-4) e as tentativas de acalmar a sombra (4.614-9), Tirésias, oferecendo-lhe o sangue votado (4.619-20), pede a Laio que apareça e faz seus pedidos: que o mane narre os eventos da guerra e detalhe as mortes.

**621. REVELA, POR RANCOR OU POR CLEMÊNCIA AOS TEUS:** "seja por um ódio profundo em relação aos teus descendentes, ou seja por comiseração, revela o que eu te peço".

**622-4. ASSIM, DO OBSTADO LETES ... A ESTÍGIOS DEUSES:** após o pedido (4.419-21), Tirésias oferece as recompensas a Laio: a travessia do Letes (cf. 1.296-8n) no barco de Caronte (cf. 1.548n; 4.622-3n); a tranquilidade em **sacra terra** (cf. 4.623n); e o envio aos **Estígios deuses** (4.624n). Os motivos pelos quais o Letes lhe seria **obstado**, contudo, não estão claros no texto: em 1.296-8, diz que as margens do Letes não aceitam a alma de Laio **por lei do profundo / Érebo**; no passo, Lactâncio (cf. 1.296-8n) diz tratar-se de uma referência à crença de que os insepultos deveriam vagar durante muitos anos até que fossem aceitos pela água que escorre da fonte. Em 2.64, porém, refere-se o poeta ao túmulo de Laio, localizado na Fócida, e com isso a ideia de que sua alma vagava às margens do Letes por seu corpo não ter sido sepultado torna-se falsa. Lactâncio (*ad* 4.621), de modo diferente, alega que Tirésias lhe dá a esperança da outra margem porque ela era proibida para aqueles que foram mortos violentamente – sendo essa, então, a interpretação mais adequada tanto para este passo como para 1.296-8.

**623. EM SACRA TERRA A CALMA:** um repouso nos Campos Elísios (cf. 3.108-9n), onde restam as almas dos homens pios – o que não é o caso de Laio.

**624. FIAR-TE A ESTÍGIOS DEUSES:** "te confiar aos deuses do Hades" – uma vez que finalmente adentraria o mundo dos mortos.

**624-45. POR HONROSAS PRENDAS ... COM O ENIGMA TORTUOSO:** a última parte da necromancia compreende resposta de Laio aos apelos de Tirésias (cf. 4.619-21 e comentários *ad loc.*). Para Vessey (1973, p. 257): "[...] a fala profética de Laio prova ser inútil e decepcionante; grande parte dela é reiteração de queixas contra Édipo e amargores contra ele dirigidos. Suas palavras sobre a guerra futura são obscuras, pois os Fados o impedem de falar tudo (4.636). Ele prediz a morte e a destruição dos argivos e a ação ímpia de Creonte ao recusar as exéquias aos mortos. Tebas vencerá, mas isso não resultará em conforto para os filhos de Édipo [...] (cf. 4.641-4). Suas palavras são, para Etéocles e Tirésias, ambíguas e confusas. Para o leitor, elas são claras: nenhum dos irmãos vencerá a guerra, pois Édipo, o **pai cruel**, triunfará. Como o augúrio em Argos [cf. 3.460-677 e comentários *ad loc.*], a necromancia em Tebas é outra prova da debilidade e futilidade da busca humana pelo conhecimento do futuro: o destino não pode ser mudado. Estácio não deixa dúvidas sobre a eficácia das artes mânticas, mas deixa claro que o uso que delas é feito é geralmente perverso e vão."

**624-5. POR HONROSAS PRENDAS / REFREADO:** as recompensas oferecidas por Tirésias (cf. 4.622-4 e comentários *ad loc.*) acalmam Laio, que se aproxima e, então, fala.

**625. TINGE A FACE:** em latim, *tingitque genas*. Há certa ambiguidade no texto estabelecido, bem como na interpretação feita pelos comentadores: *tingit* pode significar tanto "molha" como "tinge" (*DLP*); e *genas* pode referir-se tanto às bochechas, como à face ou aos olhos (*DLP*). Sendo assim, Lactâncio (*ad loc.*), por exemplo, lê o trecho como se a sombra de Laio vertesse lágrimas após as palavras de Tirésias ("molha a face"); Barthius (*ad loc.*), por outro lado, diz preferir entender que Laio molhou ou tingiu sua face com o sangue anteriormente oferecido por Tirésias (cf. 4.619-20), que foi a interpretação escolhida por Parkes (*ad loc.*) e priorizada nesta tradução, uma vez que beber sangue parece ser um pressuposto para que os fantasmas falem, como em Homero (*Od.* 11.98-9): *ὁ δ' ἐπεὶ πίεν αἷμα κελαινόν, / καὶ τότε δή μ' ἐπέεσσι προσηύδα μάντις ἀμύμων* ("e depois que bebeu do negro sangue, / tais palavras me dirigiu o adivinho irrepreensível" – trad. Frederico Lourenço); Valério Flaco (*V. Fl.* 1.740): *talia libato pandebat sanguine Cretheus* ("tais coisas expôs Creteu com o sangue libado"); e Sílio Itálico (*Sil.* 13.621): *gustatus cruor* ("sentido o cruor").

**626-8. POR QUE, VOLVENDO OS MANES ... FALE O PORVIR?:** como alega Parkes (*ad loc.*), o precedente fornecido por Sêneca pode ser, em um nível metapoético, a resposta do porquê Laio ter sido

escolhido entre os manes, uma vez que Tirésias já o consultara naquela tragédia – sobre isso, cf. 604-45n.

**626. VOLVENDO OS MANES:** a ideia de revolvê-los traz em si o sentido de consultá-los. **COEVO SACERDOTE:** Laio e Tirésias estão na mesma faixa de idade – caso o falecido rei ainda estivesse vivo. Sobra a idade do profeta, cf. 2.94-5n.

**627. ENTRE MELHORES SOMBRAS:** Laio considera que outras sombras seriam mais indicadas para dizer-lhes sobre o futuro da guerra.

**629. FANTÁSTICOS NETOS:** o adjetivo é aqui utilizado em clara ironia, talvez uma resposta do avô à alegação da inocência de Etéocles feita por Tirésias (**o inocente neto** – 4.618).

**630-4. O OUTRO CHAMAI A ... ROGA NESTA GUERRA?:** demonstra todo o rancor e amargor que sente em relação a seu filho, Édipo, enumerando-lhe os crimes: o parricídio (4.631) e o incesto (4.631-2). Por isso o crê mais adequado para o ritual executado (**sestros ritos**).

**630. O OUTRO CHAMAI ... O OUTRO:** primeira ocorrência de anáfora na fala de Laio, que voltará a cometê-la em 4.637 (cf. comentário *ad loc.*). Como nos outros casos, a anáfora deixa transparecer a emoção que toma conta das palavras da sombra de Laio, que, como o próprio Tirésias revelou, **respira ódio imortal** (4.609). Sobre o recurso, cf. *esp.* 3.348-64n.

**631-2. QUE AO ORTO SEU / TORNOU:** que retornou à sua própria origem – *i.e.*, o ventre materno. Refere-se aqui ao incesto praticado por Édipo com sua mãe, Jocasta. O passo retoma *Theb.* 1.235 (**a seus ortos retornando – monstro!**) e Sêneca (*Oed.* 238): *turpis maternos iterum reuolutus in ortus* ("repulsivo, que outra vez ao orto materno regressou").

**633-4. E ORA ELE CANSA OS DEUSES E OS ATROS CONSELHOS / DAS FÚRIAS, E AO MEU MANE ROGA NESTA GUERRA?:** Laio culpa Édipo por ser perturbado nos Infernos. A referência aos deuses (**ora ele cansa os deuses**) e ao apelo à sua sombra (**e ao meu mane roga**) dizem respeito à primeira ascensão de Laio, quando Mercúrio o levou para Tebas a mando de Júpiter (cf. 1.292-301n; 2.1-133 e comentários *ad loc.*). A referência aos **conselhos das Fúrias**, por sua vez, concerne aos pedidos feitos a Tisífone no início do canto primeiro (cf. 1.56-87 e comentários *ad loc.*).

**635. SE VATE, ENTÃO, DE TEMPOS DE PRANTO EU AGRADO:** "se como vate em tempos de pranto eu agrado". Por causa da guerra e do desespero, diz tratar-se de **tempos de pranto**.

**636. DIREI TUDO QUE ANUEM MEGERA TORVA E LÁQUESIS:** Megera é uma das Fúrias, donde dizê-la **torva** (cf. 1.52n); **Láquesis** é uma das Moiras (cf. 1.111n). Ao nomeá-las, Laio quer dizer que

somente contará aquilo que os agentes dos Fados permitirem, já que era papel da Fúrias controlar as informações que os profetas poderiam revelar, e de Láquesis o de cortar o fio da vida dos homens, provocando, portanto, sua morte.

**637-44. GUERRA, DE INFINDAS TROPAS ... VENCE O PAI CRUEL":** Laio revela o quanto lhe permitem os agentes dos Fados sobre aquilo que lhe perguntou Tirésias (as **sucessões da guerra** e o **morticínio** – cf. 4.619-21): o estourar da guerra (cf. 6.637n), a influência de Marte sobre as tropas argivas (cf. 6.637-8n), os estratagemas dos deuses para refrear a investida (cf. 6.639n), as mortes dos generais inimigos (cf. 6.640n) e a proibição de funerais para os mortos argivos (cf. 6.640-1). Revela também a vitória de Tebas, a derrocada de Polinices e o triunfo das Fúrias – e, indiretamente, de Édipo (cf. 6.641-4n).

**637. GUERRA, DE INFINDAS TROPAS VEM GUERRA:** a repetição é enfática, e parece ecoar as palavras da Sibila, em Virgílio (*A.* 6.86): *bella, horrida bella* ("guerras, horríveis guerras"), e as do profeta Celeno, também em Virgílio, dirigidas aos troianos (*A.* 3.247-8): *bellum etiam pro caede boum stratisque iuvencis, / Laomedontiadae, bellumne inferre paratis* ("guerra, então, pela morte dos bois e prostrados novilhos, / Laomedontidas, guerra preparais").

**637-8. PUPILOS / LÉRNEOS MOVE GRADIVO COM AGUILHÃO DOS FADOS:** diz Laio que Marte (o **Gradivo**) comanda as tropas argivas (os **pupilos / Lérneos**) como um agente dos Fados (com o **aguilhão dos fados**). Foi, pois, a mando de Júpiter que o deus inflamou à guerra Polinices e seus aliados (cf. 2.218-52 e comentários *ad loc.*).

**639. IMPEDEM-NOS AGOUROS DA TERRA:** refere-se à morte de Anfiarau (7.794-823), que desce ao Hades com seu carro por uma fenda que se abre subitamente na terra – sobre a cena, cf. 3.546-7n. **ARMAS SÚPERAS:** ora, refere-se à morte de Capaneu (*Theb.* 10.921-39), causada por um raio enviado por Júpiter – sobre a cena, cf. 3.539-40n.

**640. AS PULCRAS MORTES:** provável referência à morte de Partenopeu – sobre a cena, cf. 3.540-1n. O plural é enfático, e diz **pulcras** não porque foi bela a sua morte, mas porque o próprio guerreiro era belo – sobre isso, cf. 4.251n; 4.252n. **DA EXTREMA CHAMA O VETO:** a referência e à proibição das exéquias para os mortos argivos feita por Creonte (*Theb.* 12.100-3): *quare iterum repetens iterumque edico: suprema / ne quis ope et flammis ausit iuuisse Pelasgos; / aut nece facta luet numeroque explebit adempta / corpora* ("de novo itero e afirmo de novo: com as chamas / supremas, ninguém ouse acorrer os Pelasgos; / com a morte vai pagar e somar-se aos cadáveres / socorridos"). Cf. ainda 1.36-7n.

**641-44. É CERTO ENTÃO DE ... VENCE O PAI CRUEL":** as últimas palavras de Laio são no mínimo imprecisas. como nota Vessey (cf. 4.624-45n), embora sejam claros para os leitores os augúrios de Laio, para Tirésias e Etéocles as previsões soam confusas – a ponto de o próprio narrador revelar que ambos ficam **dúbios com enigma tortuoso**: a vitória na guerra será de Tebas, e Polinices, então, o **irmão feroz**, não ganhará o cetro tebano. Ao contrário do que se possa esperar, porém, o reino não ficará com Etéocles, mas com **as Fúrias**. A afirmação de Laio certamente está fundamentada na influência de Tisífone sobre o desenrolar da guerra – sobre isso, cf. especialmente 1.59n. Vencendo as Fúrias, então, vence Édipo, o **pai cruel**, por meio do **nefas mútuo** e dos **ferros míseros** de seus filhos. Cf. ainda comentários *ad loc.*

Contraste-se a obscuridade do augúrio de Laio em Estácio com a clareza de seu oráculo em Sêneca (Oed. 626-58): *o Cadmi effera, / cruore semper laeta cognato domus, / uibrate thyrsos, enthea natos manu / lacerate potius! maximum Thebis scelus / maternus amor est. patria, non ira deum, / sed scelere raperis: non graui flatu tibi / luctificus Auster nec parum pluuio aethere / satiata tellus halitu sicco nocet / sed rex cruentus, pretia qui saeuae necis / sceptra et nefandos occupat thalamos patris / [inuisa proles: sed tamen peior parens / quam natus, utero rursus infausto grauis] / egitque in ortus semet et matri impios / fetus regessit, quique uix mos est feris, / fratres sibi ipse genuit—implicitum malum, / magisque monstrum Sphinge perplexum sua. / Te, te cruenta sceptra qui dextra geris, / te pater inultus urbe cum tota petam / et mecum Erinyn pronubam thalami traham, / traham sonantes uerbera, incestam domum / uertam et penates impio marte obteram. / "Proinde pulsum finibus regem ocius / agite exulem. quodcumque funesto gradu / solum relinquet: uere florifero uirens / reparabit herbas; spiritus puros dabit / uitalis aura, ueniet et siluis decor; / Letum Luesque, Mors Labor Tabes Dolor, / comitatus illo dignus, excedent simul. / et ipse rapidis gressibus sedes uolet / effugere nostras, sed graues pedibus moras / addam et tenebo: reptet incertus uiae, / baculo senili triste praetemptans iter. / eripite terras, auferam caelum pater* ("Ó de Cadmo morada desumana, / sempre propícia a sangue parental, / com suas etéreas mãos vibrai os tirsos; / dilacerai, de preferência, os filhos! / O crime máximo de nossa Tebas / é, sim, o amor materno. Ó pátria minha, / não por ira de deuses és tomada, / mas por um crime: não te prejudica / o triste Austro com sopro tão pesado, / nem a terra com seca exalação / de um ar chuvoso pouco saciada, / mas um rei sanguinário a quem o cetro / foi de um assassinato a paga / e ocupa o leito infando de seu pai / (odiosa prole: o pai pior que os filhos, / de novo um peso infausto para o útero). / Voltou à própria origem e inseminou / uns fetos impiedosos em sua mãe, / e, o que é costume apenas entre as feras, / irmãos para si mesmo ele gerou – / o mal entrelaçado, o monstro ambíguo, / bem mais ambíguo do que a sua Esfinge. / A ti, que tens o cetro

em mão cruenta, / eu, teu pai não vingado, atacarei / a ti, a ti, com toda essa cidade; / e levarei comigo a Fúria Erínis, / que foi dama de honra nas tuas núpcias; / e levarei açoites ressonantes, / derrubarei a casa incestuosa, / com ímpia guerra esmagarei Penates. / Assim, levai expulso o rei, banido, / pra fora das fronteiras com urgência. / Todo solo que atrás ele deixar, / com seu funesto passo: o verdejar / da nossa primavera tão florida / irá recuperar a relva toda; / o ar vital lançará límpidos sopros, / e o adorno às florestas voltará; / a Enfermidade, a Morte, a Destruição, / a Podridão, o Sofrimento e a Dor, / comitiva tão digna desse homem, / de uma só vez serão distanciados. / E ele próprio fugir desejará / com passos rápidos de nossas casas, / mas pesados entraves em seus pés / porei e prenderei: se arrastará / por via incerta tateando o chão, / com cajado senil. Tirai-lhe as terras, / e eu, seu pai, arrancar-lhe-ei o céu" – trad. Cíntia Sanches).

**643. POR NEFAS MÚTUO E FERROS MÍSEROS:** o **nefas mútuo** refere-se ao duelo fratricida entre os irmãos Etéocles e Polinices – sobre a cena, cf. 3.542n. Os **ferros míseros**, então, são as espadas utilizadas por cada um deles em seu combate fatal. Sêneca utiliza a expressão **nefas mútuo** (*geminum nefas*) para referir-se ao patricídio e ao incesto cometidos por Édipo (*Her. F.* 387-8): *quid geminum nefas / mixtumque nomen coniugis gnati patris?* ("e sobre o nefas mútuo / e a mescla do nome de esposo, filho e pai?").

**646-843. NISSO, A GELADA NÊMEA ... TROPAS QUEIRAS DISTINGUIR:** com o fim da necromancia em Tebas, a narrativa volta para os argivos e seu avanço. O narrador encontra os exércitos em Nêmea, e tem início aqui um longo atraso no início da guerra, que só se encerrará durante o canto sétimo com a intervenção de Marte e admissão dos Fados por Baco (*Theb.* 7.1-226). Ora, percebendo o avanço das tropas de Argos e a morosidade dos tebanos em seu preparo, Baco lança mão de um estratagema para deter o avanço argivo (4.652-78), ordenando às Ninfas das águas que façam secar as fontes, os riachos e os rios de Nêmea para que uma grande sede acometa as tropas inimigas e assim seja detido seu veloz avanço (4.680-96). Fortemente atingidos pela sede, os exércitos detém o passo, mais buscando água do que o rumo de Tebas (4.723-38). Durante a procura, encontram Hipsípile com Ofeltes ao colo e pedem sua ajuda – um encontro arranjado pelo próprio Baco (cf. 4.739). Deixando Ofeltes sobre a relva, Hipsípile leva os argivos até Langia, a única fonte da qual ainda brotava água (cf. 4.716-7), e o canto se encerra com alguns dos soldados clamando em louvor da descoberta. Depois disso, já no canto quinto, a narrativa de Hipsípile sobre sua vida e a morte de Ofeltes, bem como suas exéquias e os jogos em sua honra, deterão ao argivos em Nêmea até que Júpiter, no canto

sétimo, ordene a Marte que intervenha e apresse novamente as tropas contra Tebas. Vessey (1973, p. 165-7) compara ao atraso provocado por Baco àquele provocado por Adrasto, que promete ajuda a Polinices durante o canto segundo (2.199), mas só ordena a marcha dois anos após a intervenção de Argia ao final do canto terceiro (3.711-21).

O motivo da sede, que ora detém os argivos em Nêmea, tem paralelos em Apolônio de Rodes e em Lucano. Na *Argonáutica* (*A. R.* 4.1170-1484), atingidos por uma tempestade, os heróis vão dar com seu barco em um golfo que, logos após sua chegada, em razão da vazante da maré, torna-se seco, impossibilitado o retorno ao mar. Após um tempo perdidos no deserto e após um prodígio recebido, os marinheiros marcham pelo deserto com a nau sobre os ombros em busca de água, e chegam ao lago Tritônide, onde a deixam (*A. R.* 4.1390-2). Buscando, então, uma fonte da qual pudessem beber para aplacar sua sede, os argonautas foram ajudados pelas Hespérides (cf. 2.280-1n), que se convalesceram de seu desespero e indicaram-lhes uma fonte próxima, da qual finalmente puderam beber (*A. R.* 1411-84). Em Lucano (*Luc.* 4.255-336), as tropas de César, cercando as tropas de Pompeu durante a batalha, forçam sua retirada para um monte no qual não havia fonte de água. Ali, então, as tropas pompeianas desesperam-se, arrasadas pela sede (*Luc.* 4.319-36), até que se rendem aos exércitos de César (*Luc.* 4.337-8).

Em ambos os casos, porém, não houve intervenção divina para que a sede acometesse os homens, ao contrário do que ocorre em Estácio. E, embora o desespero dos argivos (*Theb.* 4.723-38) mais se assemelhe, por sua descrição, àquele dos pompeianos (*Luc.* 4.319-36), a estrutura do passo parece se assemelhar mais a Apolônio de Rodes, pois que há, entre ambos, diversas semelhanças – as principais delas, a ajuda de Hipsípile, na *Tebaida*, que é interpelada por Adrasto como se fosse uma deusa (4.746-64), e a das Hespérides, na *Argonáutica*, os numes que respondem ao apelo dos heróis e lhes indicam a fonte. As comparações pontuais foram feitas *ad loc.* Vale destacar, ainda, que o próprio Baco já foi acometido por grande sede quando retornava da Índia pelo deserto da Líbia (cf. 3.476-7n) – causando, então, aos argivos, um sofrimento que ele próprio já experimentara.

**646-51. Nisso, a gelada Nêmea ... da fama os proêmios:** o foco narrativo volta para as tropas argivas, que já se aproximam de Nêmea (cf. 1.355-6n) trazendo preocupações para os povos tebanos (4.648-9). Antes de deter-se no avanço das tropas, porém, o narrador faz uma invocação a Febo, pedindo-lhe ajuda para contar os eventos que se seguem – **Quem as iras / calmou e donde a mora e a curva dos que vêm** – já que seriam parcas as informações espalhadas pela

**fama** (4.651). Para mais detalhes, cf. os comentários *ad loc.*

**646. Nisso:** marca a mudança do foco narrativo. Como utilizado em outros momentos (1.312; 1.401; 2.1; 5.505; 6.355), inicia uma nova seção de modo a cobrir uma lacuna na narração, indicando que os fatos a serem narrados ocorreram de modo concomitante com os que acabaram de ser contados. Sendo assim, o que a partir de agora se narrará ocorreu em simultâneo com a necromancia em Tebas (4.406-645), logo após a Fama ter anunciado aos morosos tebanos o avanço das tropas de Argos (4.345-405).

**646-7. da honra Hercúlea cientes, / os densos bosques:** em consonância com os **montes ditos de Hercúlea virtude** anteriormente descritos (cf. 4.297n), os bosques de Nêmea são aqui ditos **cientes** da **honra Hercúlea** por causa de um dos seus trabalhos, a captura e a morte do leão de Nêmea – sobre isso, cf. 1.487n; 4.160n. Os argivos parecem seguir, nesse momento, os passos de Hércules tal como o fizeram os argonautas, que se depararam com as Hespérides na Líbia (*A. R.* 4.1432-49): *ἦ ἄρα δὴ μέγα πάμπαν ἐφ' ὑμετέροισιν ὄνειαρ / δεῦρ' ἔμολεν καμάτοισιν ὁ κύντατος, ὅστις ἀπούρας / φρουρὸν ὄφιν ζωῆς, παγχρύσεα μῆλα θεάων / οἴχετ' ἀειράμενος, στυγερὸν δ' ἄχος ἄμμι λέλειπται. / ἦλυθε γὰρ χθιζός τις ἀνὴρ ὀλοώτατος ὕβριν / καὶ δέμας, ὅσσε δέ οἱ βλοσυρῷ ὑπ' ἔλαμπε μετώπῳ, / νηλής· ἀμφὶ δὲ δέρμα πελωρίου ἔστο λέοντος / ὠμόν, ἀδέψητον· στιβαρὸν δ' ἔχεν ὄζον ἐλαίης / τόξα τε, τοῖσι πέλωρ τόδ' ἀπέφθισεν ἰοβολήσας. / ἦλυθεν οὖν καὶ κεῖνος, ἅ τε χθόνα πεζὸς ὁδεύων, / δίψῃ καρχαλέος· παίφασσε δὲ τόνδ' ἀνὰ χῶρον, / ὕδωρ ἐξερέων. τὸ μὲν οὔ ποθι μέλλεν ἰδέσθαι· / τῇδε δέ τις πέτρη Τριτωνίδος ἐγγύθι λίμνης· / τὴν ὅγ' (ἐπιφρασθείς, ἢ καὶ θεοῦ ἐννεσίῃσι) / λὰξ ποδὶ τύψεν ἔνερθε, τὸ δ' ἀθρόον ἔβλυσεν ὕδωρ· / αὐτὰρ ὅγ', ἄμφω χεῖρε πέδῳ καὶ στέρνον ἐρείσας, / ῥωγάδος ἐκ πέτρης πίεν ἄσπετον, ὄφρα βαθεῖαν / νηδύν, φορβάδι ἶσος ἐπιπροπεσών, ἐκορέσθη* ("Certamente que, uma poderosa ajuda para seus trabalhos, chegou aqui um amaldiçoado o qual, depois de arrancar a vida da serpente guardiã, partiu levando as douradas maçãs das deusas, e uma horrível pena deixou pra nós. Pois ontem veio esse homem, o mais sombrio em ousadia e aparência, e seus olhos fulguravam sob a espantosa fronte; um implacável desgraçado. Ele vestia a pele de um leão portentoso, rude e não curtida; trazia um sólido tronco de oliveira e um arco, com o qual atirou e matou o monstro. Veio também, como se atravessasse um longo campo a pé, devorado pela sede; e se apressava por todo o lugar procurando por água, mas em nenhum lugar podia vê-la. Havia, pois, uma rocha, perto do lago Tritônio; ele, por ideia própria ou por sugestão de algum deus, deu um golpe com seu pé na pedra, e a água verteu em abundância. Com as duas mãos, então, e o peito ao chão, da fraturada pedra bebeu enorme gole, até que, se lan-

çando para frente, igual um animal no pasto, saciou o enorme ventre"). Sobre as Hespérides e o episódio envolvendo Hércules, cf. 2.280-1n.

**647. COM ESPARSAS LEGIÕES:** em latim, *uaga legione*. Diz **esparsas** porque são **densos** os bosques de Nêmea (4.646), por onde caminham. Sendo assim, as fileiras de homens não conseguem caminhar compactas, tendo que se espalhar pela mata para atravessá-la.

**648. OS INÁCIOS:**"os descendentes do Ínaco", um rio argivo. É dizer, portanto, "os argivos". Sobre o mito de Ínaco e sua relação com Argos, cf. *esp*. 1.356n. **PRESAS SIDÔNIAS:** "espólios dos tebanos". Sobre o uso de **Sidônias**, cf. 1.5n.

**649-51. QUEM AS IRAS ... DA FAMA OS PROÊMIOS:** invoca o auxílio de Febo para narrar os fatos que se seguem. Apolo também é evocado em 6.296-7, para que revele ao narrador os nomes dos cavaleiros que disputarão a corrida durante os jogos em honra a Ofeltes ("Egrégios, Febo, diz, dos guias / os nomes, os cavalos diz"). Sobre sua evocação nesse momento da narrativa, diz Parkes (*ad loc.*): "há [...] uma disposição especial nessa invocação, uma vez que, como o deus-sol, Febo ajudará Baco a deter os argivos (cf. 4.689-90; 5.743-4) [...] O apelo retrabalha o questionamento da matrona em Lucano (*Luc.* 1.681-2): *quis furor hic, o Phoebe, doce, quo tela manusque / Romanae miscent acies bellumque sine hoste est* ["que insânia é esta, ó Febo, em que os braços e os dardos / do Lácio se debatem sem que haja inimigo?" – trad. Brunno Vieira]. A passagem estaciana, contudo, diz respeito à distração da raiva, que serve para enfatizar a passividade de Baco [cf. 4.649-50n]."

**649-50. QUEM AS IRAS / CALMOU:** (PARKES) "Baco é o deus que conduz a raiva dos argivos para longe de sua amada Tebas, ajudado por Apolo em seu papel de deus-sol [...]. Como Juno, em Virgílio, Baco tenta atrasar aqueles que ameaçam o destino da cidade sua protegida. Baco, porém, que já demonstrou **ira** contra Tebas (cf. 1.11), não tem, aqui, a movimentação e a fúria de Juno: de maneira reveladora, somos avisados de que Baco está preocupado em prevenir a raiva humana, e não de que ele próprio esteja furioso. Contraste com Virgílio (*A.* 1.8-11): *musa, mihi causas memora, quo numine laeso, / quidue dolens, regina deum tot uolvere casus / insigne pietate uirum, tot adire labores / impulerit. Tantaene animis caelestibus irae?* ["Ó Musa, agora as causas me recorda: / a rainha dos deuses, que sentiu? / Em que se lhe ofendeu a divindade / para impor ao varão piedoso e ilustre / tantos esforços e perigos tantos? / Quanta ira em espíritos celestes!" – trad. Márcio Thamos]."

**650. DONDE A MORA E A CURVA DOS QUE VÊM:** "de onde a demora e o desvio daqueles que vêm [para Tebas]". Refere-se aos argivos e à sua parada em Nêmea.

**651. SÃO-NOS POUCOS DA FAMA OS PROÊMIOS:** evoca, pois, o auxílio de Apolo (4.649-51) porque as notícias (**da fama os proêmios**) que tem dos acontecimentos a serem narrados são poucas.

**652-79. LANGUENTE, DO HEMO SEU ... CHEGA ANTES DO DITO:** Baco surge na narrativa retornando do norte, como atestam as referências ao **Hemo** (cadeia de montanhas na Trácia – cf. 1.275-6n), aos **Getas** (povo que habita o Hemo – cf. 1.275-6n), ao **Ótris** (monte da Tessália) e ao **Ródope** (outra montanha localizada na Trácia). Em meio a seu séquito (4.657-63) e rumo a Tebas (4.656-7), cruza Nêmea e percebe o avanço dos argivos contra Tebas (4.664-9), decidindo-se então por refrear o avanço dos inimigos (4.677). Esse tipo de episódio, em que um deus cruza com o(s) inimigo(s) enquanto se desloca de um lugar para o outro, tem paralelos já em Homero, quando Poseidon, vindo da terra dos etíopes, encontra Odisseu em seu barco (*Od.* 5.282-90), e em Virgílio, quando Juno se decide por atrasar Eneias e sua frota no cumprimento de seu destino (*A.* 1.23-49) e quando decide invocar Alecto para que acenda Turno contra Eneias (*A.* 7.286-340). As relações foram destacadas pontualmente (*ad loc.*).

**652-70. LANGUENTE, DO HEMO SEU ... SOAVAM, / E DIZ:** descreve o momento em que Baco retornava das terras do norte (cf. 4.652-79n) para casa (cf. 4.656n) e apresenta os motivos que o detiveram no Hemo. Assim como Estácio, Homero e Virgílio também iniciam dessa forma cenas em que deuses encontram os mortais seus preteridos. Veja-se Homero (*Od.* 5.282-4): *τὸν δ' ἐξ Αἰθιόπων ἀνιὼν κρείων ἐνοσίχθων / τηλόθεν ἐκ Σολύμων ὀρέων ἴδεν· εἴσατο γάρ οἱ / πόντον ἐπιπλείων* ("Mas vindo de junto dos Etíopes o poderoso Sacudidor da Terra, / das montanhas dos Sólimos viu Ulisses à distância, pois lhe surgira / diante da vista, navegando sobre o mar" – trad. Frederico Lourenço); e Virgílio (*A.* 7.286-91): *ecce autem Inachiis sese referebat ab Argis / saeua Iouis coniunx aurasque inuecta tenebat, / et laetum Aenean classemque ex aethere longe / Dardaniam Siculo prospexit ab usque Pachyno. / moliri iam tecta uidet, iam fidere terrae, / deseruisse rates: stetit acri fixa dolore* ("Eis que de Argos ináquia a seva esposa / de Jove parte; e avista lá dos ares, / desde o Paquino Síciulo, os Troianos / e ovante Eneias, já desembarcados, / na terra a edificar, seguros dela. / Para aflita" – trad. Odorico Mendes).

E, ainda em Virgílio, no primeiro momento em que Juno manifesta seu rancor com relação a Eneias, ao invés de apresentar o encontro entre a deusa e o mortal, o narrador destaca as justificativas de Juno para a sua decisão (*A.* 1.23-35): *id metuens ueterisque memor Saturnia belli, / prima quod ad Troiam pro caris gesserat Argis – / necdum etiam causae irarum saeuique dolores / exciderant animo; manet alta mente repostum / iudicium Paridis spretaeque iniuria formae / et genus inuisum et rapti Ganymedis honores: / his accensa super iactatos aequore toto / Troas, reliqui-*

*as Danaum atque immitis Achilli, / arcebat longe Latio, multosque per annos / errabant acti fatis maria omnia circum. / tantae molis erat Romanam condere gentem* ("Satúrnia o teme, e a pró dos seus Aquivos / recorda as lides que excitara em Troia; / nem da alma agravos risca e dores cruas: / no íntimo impressa a decisão de Páris, / a injúria da beleza em menoscabo, / e a raça detestada e as honras duram / do rapto Ganimedes. Nestes ódios / sobreacesa, os da Grécia e imite Aquiles / salvos Troas do Lácio ia alongando, / pelo undíssono páramo embatidos; / e em vagabundo círculo anos e anos, / de mar em mar seu fado os repulsava. / Tão grave era plantar de Roma a gente!" – trad. Odorico Mendes).

**652. Languente, do Hemo seu trazia as tropas Líber:** na primeira referência a seu retorno das terras do norte (cf. 4.652-79n), Baco é envolto por uma atmosfera militar: retornava, com as **tropas**, do **Hemo seu** – aludindo-se, assim, à conquista do monte (em latim, *edomito ... ab Haemo*: "do completamente conquistado Hemo"). A alcunha pela qual é chamado, porém, **Líber**, é um de seus títulos ritualísticos – por ter sido assimilado a *Liber Pater* (o "Pai Livre"), uma antiga divindade romana da vinicultura –, que remete mais a seus cultos festivos, portanto, do que à guerra. Some-se a isso, ainda, o adjetivo que abre o passo, **Languente**, que pode referir-se tanto ao cansaço que teria tomado conta de Baco após sua incursão no Hemo, como também ao estado de torpor decorrente do excesso de vinho, como apontam Lactâncio, Amar-Lemaire e Parkes (*ad loc.*) – interpretação esta reforçada por 4.667, em que se diz estar o deus com **a boca e o peito** moles. Há, então, já no verso que abre o trecho, uma mescla entre o lado militar de Baco, bastante ressaltado pela mênade durante sua possessão (cf. 4.377-405 e comentários *ad loc.*), e o de seus rituais, marcados pelo excesso de vinho – mescla essa que se espraia por todo o passo (4.652-79).

**653-5. por gêmeo inverno ... costumara, e o Ródope:** "durante dois invernos, por lá Baco acostumou os guerreiros getas a praticarem seus rituais secretos, e a tornarem-se verdes, com as sombras de Ícaro, o branco Ótris e o Ródope". Descreve aqui os objetivos com os quais Baco se ocupou durante dois anos (**por gêmeo inverno**) juntos aos **Getas**: ensiná-los as práticas de seus rituais secretos (**as orgias**) e a arte da viticultura. Com isso, seguindo a ambiguidade do verso inicial (cf. 4.652n), o poeta mostra como, pela influência de Baco, os habitantes da região tornaram-se, de guerreiros (**os Márcios Getas**), homens devotos também ao culto do deus; e os montes **Ródope**, na Trácia, e **Ótris**, na Tessália, verdes pelo cultivo das videiras – **com a escuridão de Icário** (cf. 4.655n).

De acordo com Parkes (*ad loc.*), o trecho sugere a magnitude do triunfo de Baco sobre os ha-

bitantes do norte. Não se pode deixar escapar, porém, a ambivalência dos feitos narrados, em que o poder militar do deus se mescla com os aspectos festivos de seu culto – o que está sugerido na palavra e no verso que abrem o passo (cf. 4.652n). Assim, de um deus predominantemente bélico conforme apresentado pela bacante durante sua possessão (cf. 4.377-405 e comentários *ad loc.*), passamos a ter a imagem de um deus que une, em si, comportamentos guerreiros e licenciosos, mais afim ao nume que, em vez de irar-se contra seus inimigos, demonstra uma postura um tanto passiva ante ao que farão, buscando apenas atrasá-los em seus propósitos – sobre isso, cf. 4.649-51n; 4.649-50n.

**654. NÍVEO ÓTRIS:** monte da Tessália, única referência fora da Trácia no passo (cf. 4.652-79n), tido como a morada dos lápitas. Pode ter em mente, para a menção, a vertente que atribui ao excesso de vinho a briga entre os centauros e os lápitas durante o casamento de Pirítoo (cf. 2.563-4n).

**655. COM A ESCURIDÃO DE ICÁRIO:** fala sobre Icário, que hospedou o deus durante uma de suas andanças até Atenas, a quem Baco recompensou ensinando-lhe o cultivo das vinhas. A **escuridão de Icário**, portanto, refere-se às sombras produzidas pelas videiras, que tornaram verdes o Ródope e as encostas nevadas do Ótris.

**656. P'RA AS MURALHAS MATERNAS:** as **muralhas maternas** são as muralhas da Tebas, cidade natal de Baco e de sua mãe, Sêmele (cf. 1.12n). **OS PAMPÍNEOS CARROS:** plural enfático. Diz **pampíneos** porque chama-se pâmpano o ramo da videira. Seu carro era adornado, portanto, com esses ramos.

**657-63. À SESTRA E À DESTRA INFRENES ... AO REI MUI SEMELHANTE:** descreve o séquito que acompanhava Baco, formado por animais vivos (**linces** e **tigres** – cf. 4.657n; 4.658n), pelas Mimálones (cf. 4.659-60n) e por algumas personificações, atípicas quando comparadas às que comumente seguem o deus: a **Ira**, o **Furor**, o **Medo**, a **Virtude** e o **Ardor** – sobre isso, cf. 4.661-3n. Compare-se o passo com as representações em Catulo (64.251-2): *at parte ex alia florens uolitabat Iacchus / cum thiaso Satyrorum et Nysigenis Silenis* ("mas, de outra parte, florente voava Iaco / com um tíaso de Sátiros e Nisígenos Silenos"); Horácio (*Carm.* 1.18.13-6): *saeua tene cum Berecyntio / cornu tympana, quae subsequitur caecus amor sui / et tollens uacuum plus nimio gloria uerticem / arcanique fides prodiga, perlucidior uitro* ("Busca acalmar o ávido tímpano / em berecíntio corno: eis logo atrás vem cego Amor de si, / vem a Glória a elevar alta e tão vã sua cabeça inane, / e a Lealdade secreta, inda mais translúcida que os vitrais" – trad. Guilherme Flores); Ovídio (*Ars* 1.541-8): *ecce Mimallonides sparsis in terga capillis: / ecce leues satyri, praeuia*

*turba dei: / ebrius, ecce, senex pando Silenus asello / uix sedet, et pressas continet ante iubas. / dum sequitur Bacchas, Bacchae fugiuntque petuntque / quadrupedem ferula dum malus urget eques, / in caput aurito cecidit delapsus asello: / clamarunt satyri 'surge age, surge, pater* ("eis as Mimálones com os cabelos soltos às costas; / eis os leves Sátiros, a prévia turba do deus; / ébrio, eis Sileno, o velho que no envergado burrinho / mal se mantém e às jubas puxando segura-se. / Então persegue as Bacantes, e as Bacantes fogem e ameaçam / o quadrúpede com uma vara, enquanto, errado, monta os cavalos / e, no orelhudo burrico, deitado, a cabeça derruba; / e os Sátiros clamam: 'levanta, anda, levanta, ó pai!'"); e Sêneca (*Oed.* 429-35): *te senior turpi sequitur Silenus asello, / turgida pampineis redimitus tempora sertis; / condita lasciui deducunt orgia mystae. / te Bassaridum comitata cohors / nunc Edono pede pulsauit / sola Pangaeo, / nunc Threicio uertice Pindi* ("Segue-te o ancião Sileno, em torpe jegue, / a gorda face envolta por trançados pâmpanos; / e aqueles nos mistérios de Baco iniciados / comandam rituais com secretas orgias. / O bando de Bacantes / que sempre te acompanha / ora dançou no edônio / monte Pangeu, / ora no Pindo Trácio" – trad. Cíntia Sanches).

**657. INFRENES LINCES VINHAM:** comumente representados junto de Baco, como em Propércio (*Prop.* 3.17.7-8): *te quoque enim non esse rudem testatur in astris / lyncibus ad caelum uecta Ariadna tuis* ("e, ainda, que tu não és rude testemunhou, ao céu / de estrelas pelos teus linces levada, Ariadne"); Ovídio (*Met.* 4.24-5): *tu biiugum pictis insignia frenis / colla premis lyncum* ("tu, co' as correias decoradas do bíjugo, os notáveis / colos premes dos linces"); e Virgílio (*G.* 3.264): *quid lynces Bacchi uariae* ("Por que os vários linces de Baco"). Diz **infrenes** porque vêm soltos, sem rédeas que lhes prendam.

**658. E O CONJUNTO LAMBIAM, FRESCO EM VINHO, OS TIGRES:** mostra os tigres lambendo o conjunto de freio que lhes atava ao carro do deus. **FRESCO DE VINHO:** porque estavam, as rédeas (**o conjunto**), embebidas no vinho. Também são membros comuns no séquito de Baco, como em Horácio (*Carm.* 3.3-13-5): *hac te merentem, Bacche pater, tuae / uexere tigres indocili iugum / collo trahentes* ("assim mereces, Baco, meu pai, que te / carreguem tigres que no pescoço têm / o indócil jugo" – Guilherme Flores); Ovídio (*Am.* 1.2.47-8): *talis erat domita Bacchus Gangetide terra; / tu grauis alitibus, tigribus ille fuit* ("estava tal Baco na terra domada do Ganges: / tu cheio de aves, e ele com os tigres"); e no próprio Estácio, onde são vistos bebendo o vinho (*Theb.* 7.575-6): *exceptantque cibos fusoque horrenda supinant / ora mero, uaga rure quies* ("e apanham a comida e, horrenda, a boca inclinam / ao derramado mero").

Em Virgílio e Sílio Itálico, é dito que as próprias rédeas eram feitas com ramos de videira (*A.*

6.804-5): *nec qui pampineis uictor iuga flectit habenis / Liber, agens celso Nysae de uertice tigres* ("nem, que os montes curva com as correias pampíneas, o triunfante / Líber, urgindo do alto cimo do Nisa os tigres"); e (*V. Fl.* 5.79): *udaque pampinea nectentem cornua uitta* ("os cornos úmidos com a fita pampínea ligando").

**659-60. Por trás, faustas, traziam pilhagens de armentos, / e expiantes lobos, e ursas truncas as Mimálones:** de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), **Mimálones** são "bacantes na língua dos macedônios". A palavra é decalque, já em latim (*mimallones*), do grego *μιμαλλών* (*mimallṓn*). Fazem parte do cortejo de Baco em Ovídio (*Ars* 1.541 *apud* 4.657-63n), e ora trazem as partes dos corpos de animais que foram mutilados durante os ritos de Baco: as **pilhagens de armentos** – *i.e.*, os "saques tomados aos rebanhos", continuando assim a temática militar (cf. 4.652n; 4.653-5n); **ursas truncas** – *i.e.*, os "pedaços de corpos de ursas"; e **expiantes lobos** – *i.e.* "moribundos, semimortos". A escolha dos animais, especialmente dos **lobos** e das **ursas**, reflete a ferocidade das companheiras do deus. Seu comportamento – **faustas** – reflete um estado delirante devido à ingestão de vinho durante o ritual.

Compare com a violência em Catulo, ao falar do comportamento de algumas bacantes (*Catul.* 64.257): *pars e diuulso iactabant membra iuuenco* ("parte, de um desmembrado novilho, arremessava os membros"); e especialmente em Eurípides (*Ba.* 734-47): *ἡμεῖς μὲν οὖν φεύγοντες ἐξηλύξαμεν / βακχῶν σπαραγμόν, αἱ δὲ νεμομέναις χλόην / μόσχοις ἐπῆλθον χειρὸς ἀσιδήρου μέτα. / καὶ τὴν μὲν ἂν προσεῖδες εὔθηλον πόριν / μυκωμένην ἔλκουσαν ἐν χεροῖν δίχα, / ἄλλαι δὲ δαμάλας διεφόρουν σπαράγμασιν. / εἶδες δ' ἂν ἢ πλεύρ' ἢ δίχηλον ἔμβασιν / ῥιπτόμεν' ἄνω τε καὶ κάτω· κρεμαστὰ δὲ / ἔσταζ' ὑπ' ἐλάταις ἀναπεφυρμέν' αἵματι. / ταῦροι δ' ὑβρισταὶ κἀς κέρας θυμούμενοι / τὸ πρόσθεν ἐσφάλλοντο πρὸς γαῖαν δέμας, / μυριάσι χειρῶν ἀγόμενοι νεανίδων· / θᾶσσον δὲ διεφοροῦντο σαρκὸς ἐνδυτὰ / ἢ σὲ ξυνάψαι βλέφαρα βασιλείοις κόραις* ("nossa fuga preserva-nos a vida / da dilaceração bacante; à mão / nua, atacam novilhas na pastagem. / Puderas ver naquelas mãos a vaca: / mamas repletas, bipartida, muge! / Houve quem o vitelo desmembrasse. / Era de ver o lombo e o casco – dupla / forquilha – a esmo lançados: gotejava, / sanguinolento, um charco de abetos. / Cornos enraivecidos, touros antes / arrogantes jaziam estatelados, / abatidos por muitas mãos novatas. / Laceravam o invólucro das carnes, / mais ágeis que o bater das régias pálpebras" – trad. Trajano Vieira).

**661-3. vinham junto, uma escolta ... ao rei mui semelhante:** sobre as figuras que comumente acompanham Baco, cf. 4.657-63n. Sobre as listadas no trecho, diz Parkes (*ad loc.*): "Esses são os acompanhantes lógicos do deus do vinho no sentido de que a bebedeira pode provocar

tais emoções, especialmente a **Ira** (Sen. *De Ira* 2.19.5: *uinum incedit iras* ["o vinho acende a ira"]) e o nunca sóbio Ardor [...]. Entretanto, como constantemente é ressaltado (*e.g.* VESSEY, 1973, p. 168), essas são figuras mais adaptadas ao cortejo de Marte, outro deus cuja chegada da Trácia foi aguardada [...] [cf. 3.218-52 e comentários *ad loc.*]. A **Ira**, então, é comumente encontrada como uma acompanhante de Marte (veja, *e.g.*, *Theb.* 3.424; 7.48 [*caecumque Nefas Iraeque rubentes* – "e o cego Nefas e a Ira rubente"], em que a Ira está entre as suas sentinelas; e 9.832-3 [*per inane ruenti / Ira comes* – "pelo inane ruindo, / a Ira companheira"]; Verg. *A.* 12.336 [*Iraeque Insidiaeque, dei comitatus, aguntur* – "e a Ira e a Insídia, acompanhantes do deus, agem"]; Sil. 4.436-7 [*exercitus una / Irarum Eumenidesque simul* – "juntas, no exército, / as Iras e Eumênides"]); o **Furor** aparece no séquito do deus da guerra em *Theb.* 3.424 e 9.833 [*reliquii sudant ad bella Furores* – "deixados, suam na guerra os Furores"], e vigia a sua casa em 7.52 [*stat medio, laetusque Furor* – "para no meio, e o ledo Furor"]; o **Medo** aparece entre as suas sentinelas em *Theb.* 7.49 [*exanguesque Metus* – "e o Medo exangue"]; e a **Virtude** permanece no meio da habitação de Marte em *Theb.* 7.51-2 [*tristissima Virtus / stat medio* – "a tristíssima Virtude / para no meio"]. Estácio enfatiza o aspecto marcial da caravana de Baco para construir a recusa anticlímax do deus em usas essas forças. Ele responde ao que vê como o *furor* de Juno com farsa e atraso [...]."

**661. UMA ESCOLTA INQUIETA:** em contraste com o estado do próprio Baco, **Languente** (cf. 4.652n). Em latim, diz por uma lítotes: *nec comitatus iners* ("uma companhia não inerte"). Lactâncio (*ad loc.*) parece entender como uma alusão à relação entre Baco – como sendo a ingestão do vinho – e os afetos listados (cf. 4.661-3n), e cita Virgílio (*G.* 2.455): *Bacchus et ad culpam causas dedit* ("e Baco deu motivos para a culpa").

**662. NUNCA SÓBRIO ARDOR:** o uso de **sóbrio**, embora também signifique "moderado", certamente serve para ressaltar a relação do afeto com o vinho.

**663. DE INCERTO ANDAR, É TROPA AO REI MUI SEMELHANTE:** reflete o estado de embriaguez em que se encontram os cinco companheiros de Baco (cf. 4.661-3n) em seu séquito – diz serem uma **tropa** semelhante a ele, o **rei**, por causa de **Languente** (cf. 4.652n).

**664-6. QUANDO A NÊMEA FERVENDO ... NÃO PRONTA TEBAS:** em meio ao séquito, Baco percebe uma série de sinais que conduzirão seus próximos passos: vê a Nêmea **fervendo em pulverosa nuvem**, um sinal do avanço das tropas tebanas (cf. 4.646-51), e **aos certames da guerra inda não pronta Tebas**, um contraste que lhe causa preocupação (**com o visto aflito** – 4.667). Percebase o arranjo cronológico que os versos criam: logo depois do catálogo dos heróis argivos (cf.

4.32-344), uma narrativa que se desenvolve durante a preparação das tropas em Argos, o foco narrativo passa diretamente para Tebas (cf. 4.345-68), ressaltando justamente o contraste entre o espírito guerreiro dos aliados de Polinices e a morosidade de Tebas, que mais **lenta ... à guerra / se move** (4.348-9). Na diegese, então, pode-se dizer que as duas cenas são simultâneas.

Sendo assim, enquanto as tropas partem de Argos rumo a Tebas, Tirésias comanda a necromancia a pedido de Etéocles (cf. 4.406-645); ao fim da necromancia, o foco retorna para as tropas argivas, que, a essa altura, já se encontravam em Nêmea (cf. 4.643-51). Uma vez que o ritual comandado por Tirésias não se alonga muito no tempo diegético, a lentidão dos tebanos e a marcha em curso dos argivos são fatos praticamente, se não completamente, concomitantes, a ponto de Baco poder observar os dois simultaneamente – sendo a onipresença uma qualidade divina mais espacial que temporal, a sincronia dos eventos é necessária para que o deus possa percebê-los no mesmo momento. No passo, então, o poeta insere informações para que o tempo da narrativa possa ser organizado, e, assim, os contrastes entre os afetos de tebanos e argivos em relação à guerra podem ser melhor delineados pelo leitor.

**664. FERVENDO EM PULVEROSA NUVEM:** por causa da movimentação das **esparsas legiões** (cf. 4.647n) dos argivos. A imagem ressoa Virgílio (*A.* 8.592-3): *stant pauidae in muris matres oculisque sequuntur / pulueream nubem et fulgentis aere cateruas* ("restam, pávidas, nos muros as mães e com os olhos seguem / a pulverosa nuvem e, fulgurando em bronze, as tropas").

**665. ABRASADO O SOL COM FÉRREOS RAIOS:** a imagem se constrói como a que descreve o escudo de Marte, cujo brilho **cora e ... fere o sol** (cf. 3.225-6). Invertendo a lógica, então, pela qual seriam as armas dos argivos a abrasarem-se com os férreos raios do sol, Estácio dá dimensões hiperbólicas ao exército que marcha contra Tebas, seja no que diz respeito a seu tamanho (as **esparsas legiões** – 4.647), seja à riqueza e à quantidade de suas armas – tantas e tão belas que seus **férreos raios** têm potência para abrasar o próprio **sol**. A imagem também inverte a situação que será estabelecida por Baco com a ajuda de Apolo: ora abrasado pelo reflexo das armas dos argivos, na sequência será o sol que castigará as tropas durante a seca provocada por Líber (cf. 4.680-96).

**667-9. COM O VISTO AFLITO ... ALTO SOAVAM, / E DIZ:** assim como Homero e Virgílio, Estácio detalha a ação do deus imediatamente anterior à sua fala. Compare com Homero (*Od.* 5.84-5): *ὁ δ' ἐχώσατο κηρόθι μᾶλλον, / κινήσας δὲ κάρη προτὶ ὃν μυθήσατο θυμόν* ("Muito se irou o deus; / abanou a cabeça e assim falou ao seu próprio coração" – trad. Odorico Mendes); e Virgílio

(*A.* 1.34-6): *uix e conspectu Siculae telluris in altum / uela dabant laeti et spumas salis aere ruebant, / cum Iuno aeternum seruans sub pectore uulnus / haec secum* ("mal, de Sicília velejando ledos, / no alto o cobre rompia a salsa espuma, / Juno, dentro guardada chaga eterna" – trad. Odorico Mendes); e (*A.* 7.292): *tum, quassans caput, haec effundit pectore dicta* ("e, a cabeça meneando, / a cólera extravasa" – trad. Odorico Mendes).

**667. EMBORA MOLE A BOCA E O PEITO:** a embriaguez do deus foi sugerida já em 4.652 (**Languente**, cf. 4.652n). Ora, diz que estava **mole** tanto com relação à fala (**boca**) como no **peito** ("sonolento por causa da bebedeira", diz Barthius *ad loc.*).

**668. BRONZES, E TÍMPANO, E A DESTOANTE BÍFORE:** com **bronzes**, refere-se aos címbalos, dois pequenos pratos feitos de bronze, tocados durante os festivais em honra a Baco, assim como o **tímpano** e a **bífore**, termo pelo qual se refere à tíbia, um instrumento de sopro formado por dois tubos separados. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), diz **destoante** porque a tíbia não possuía, em seus dois tubos, a mesma modulação. Os três são instrumentos típicos dos bacanais (cf. 2.77-8 e comentários *ad loc.*).

**670-8. P'RA ME ARRASAR, E A MEU ... ÀQUELE, / AMIGOS, IDE!:** em sua fala, Baco claramente culpa Juno pela marcha dos argivos contra Tebas, fundamentando seu entendimento no ciúme da deusa que, outrora, levou à morte sua mãe, Sêmele (sobre isso, cf. 1.12n). A acusação de Baco tem aporte na tradição poética, especialmente na *Eneida*, onde a deusa persegue incessantemente Eneias para atrasar-lhe os fados. Logo no início do poema de Virgílio, diz o narrador que a deusa ainda não esquecera a injúria de Páris, o que atiçou-lhe o ódio contra Troia (cf. 4.652-70n). Já na sequência, lamenta-se a deusa por não poder vingar-se de Eneias (*A.* 1.37-49): *mene incepto desistere uictam / nec posse Italia Teucrorum auertere regem! / quippe uetor fatis. Pallasne exurere classem / Argiuum atque ipsos potuit summergere ponto / unius ob noxam et furias Aiacis Oilei? / ipsa Iouis rapidum iaculata e nubibus ignem / disiecitque rates euertitque aequora uentis, / illum exspirantem transfixo pectore flammas / turbine corripuit scopuloque infixit acuto; / ast ego, quae diuum incedo regina Iouisque / et soror et coniunx, una cum gente tot annos / bella gero. et quisquam numen Iunonis adorat / praeterea aut supplex aris imponet honorem?* ("Eu, diz consigo, desistir vencida! / Nem vedar posso a Itália ao rei dos Teucros! / Ah! tolhe-me o destino. A esquadra Argiva / não queimou Palas mesma, submergindo-os / só de um Ajax Oileu por culpa e fúrias? / Do Tonante o corisco ela das nuvens / darda, os baixéis desgarra, assanha o pego; / ao triste, que varado expira chamas, / num torvelinho em rocha aguda o crava: / e eu, que rainha os imortais precedo, / mulher e irmã de Jove, tantos anos / guerreio

um povo! E a Juno há quem adore, / ou súplice inda a incense, a invoque e honre?" – trad. Odorico Mendes).

Não é só Juno, porém, que se baseia em questões pessoais para interferir diretamente na vida dos humanos. Como outro aporte para a argumentação de Baco no passo, Poseidon, também por questões pessoais – além de destruir Troia, Odisseu matou Polifemo –, decide-se por continuar perseguindo Odisseu, ainda que os outros deuses tenham se decidido por não mais atrapalhá-lo (*Od.* 5.286-90): *'ὤ πόποι, ἦ μάλα δὴ μετεβούλευσαν θεοὶ ἄλλως / ἀμφ' Ὀδυσῆϊ ἐμεῖο μετ' Αἰθιόπεσσιν ἐόντος· / καὶ δὴ Φαιήκων γαίης σχεδόν, ἔνθα οἱ αἶσα / ἐκφυγέειν μέγα πεῖραρ ὀϊζύος, ἥ μιν ἱκάνει. / ἀλλ' ἔτι μέν μίν φημι ἄδην ἐλάαν κακότητος.'* ("'Ah, decerto os deuses mudaram de intenção a respeito / de Ulisses, enquanto eu estava entre os Etíopes. / E agora está perto da terra dos Feácios, onde está destinado / que escape à servidão da dor que sobre ele se abateu. / Mas ainda o perseguirei pelo caminho do sofrimento" – trad. Frederico Lourenço).

**671-2. FERVE HÁ MUITO O FUROR: A MIM, ARGOS / SEVA E A IRA DA ATROZ MADRASTA A GUERRA INVOCAM:** acusa nomeadamente Argos por causa da relação entre a cidade e a deusa (cf. 1.261n; 1.262n). Diz que **ferve há muito o furor** por causa de Sêmele, sua mãe, que o gerou em uma relação com Júpiter – donde chamar Juno, então, de **atroz madrasta** e referir-se à sua ira. Na sequência (cf. 4.673-5n), enumera os acontecimentos que envolveram a vingança de Juno por causa da traição de Júpiter.

**673-5. FOI POUCO A MORTE ... RÚTILOS / QUE SENTI?:** refere-se Baco à vingança de Juno contra Sêmele. A **morte dada à mãe com iníqua cinza**, as **chamas natais, fúnebres** e os **raios rútilos** que o próprio deus alega ter sentido aludem à morte de Sêmele que, convencida por Juno a pedir a seu amante que revelasse sua natureza divina, foi fulminada pelos raios de Júpiter – sobre o episódio, cf. 1.12n.

**675. DA IDA AMANTE ATÉ SEPULCRO E RESTOS:** assumindo o discurso de Juno, Baco trata a própria mãe por **amante**, palavra que certamente caberia mais ao discurso da deusa que do filho.

**676. A OCIOSA TEBAS:** por causa da morosidade com que se prepara para a guerra – sobre isso, cf. 4.345-62 e comentários *ad loc.*

**677. COM FARSA OS TARDO:** prenuncia como atrasará os argivos em sua marcha. A despeito de seu séquito belicoso (cf. 4.661-3n e demais comentários *ad loc.*), Baco não vai utilizar a força para fazer os argivos se demorarem em Nêmea, mas um estratagema fraudulento – a saber,

uma seca que abrasará rios e fontes da região, impedindo o avanço dos inimigos (cf. 4.684-96 e comentários *ad loc.*).

**677-8. ÀQUELE CAMPO IDE, ÀQUELE, / AMIGOS, IDE!:** ordena Baco às **juntas da Hircânia** (4.678) que puxam seu carro: os tigres referidos em 4.658. A repetição de **àquele** (*illum*, em latim) indica a pressa do deus, que anseia chegar o mais rápido possível ao campo onde encontrará as Ninfas da água (cf. 4.684-96 e comentários *ad loc.*).

**680-96. O SOL, NO AUGE DO CENTRO ... SEQUIOSAS PILHAGENS DOS FAUNOS:** pede Baco às Ninfas dos rios que sequem as águas em Nêmea. A fala do deus estrutura-se da seguinte forma: primeiro (4.684-6), invoca as Ninfas; depois (4.686-9), anuncia seu pedido; na sequência (4.689-2), revela Febo e os astros como seus aliados; por fim (4.692-6), promete as recompensas que dará caso atendam seu pedido.

**680-1. O SOL, NO AUGE DO CENTRO ETÉREO, O DIA TÓRRIDO / ERGUIA:** Baco chega aos campos das Ninfas ao meio-dia, com o sol já **no auge do centro etéreo**. Escolhe, para fazer seu pedido às Ninfas, o horário mais quente do dia. É de se imaginar que os exércitos argivos já haviam caminhado durante toda a manhã, ansiando, então, encontrar uma fonte de água onde pudessem refrescar-se daquele **dia tórrido**.

**681-2. LENTO ... O MORMAÇO:** diz **lento** pelo efeito que causa nos homens (Amar-Lemaire *ad loc.*), deixando-os morosos.

**681. SOBRE OS HIANTES CAMPOS:** é dizer "sobre os campos rachados" por causa do calor. Contudo, a escolha do ajetivo **hiantes** (*hiantibus*, em latim – *lit.* "com a boca aberta") acaba trazendo à imagem algo do futuro das tropas argivas sobre esses mesmos campos, onde guerreiros e animais sofrerão com as bocas secas pela falta de água (cf. 4.731; 4.765-6 e comentários *ad loc.*).

**682. E OS LUCOS ADMITEM OS LUMES:** "e os bosques se abrem aos raios do sol". Tão forte brilha o sol, que mesmo os densos bosques de Nêmea (cf. 4.646-7) são por ele atingidos.

**683. AS DEUSAS D' ÁGUA:** as Ninfas das águas – sobre elas, cf. 4.684n.

**684. AGRESTES NINFAS, Ó DEUSAS DOS FLUMES:** como em Virgílio (*A.* 3.34): *multa mouens animo Nymphas uenerabar agrestis* ("muito no ânimo se movia, e às Ninfas agrestes eu rezava"). Dizlhes **agrastes** por serem dos campos – "silvestres".

**685. PARTE AMPLA DO MEU CORO:** Ovídio coloca as Ninfas dos rios entre as divindades que parti-

cipavam dos trietéris (*Fast.* 1.398): *quaeque colunt amnes solaque rura deae* ("e as deusas que vivem nos rios e nos campos"). Horácio (*Carm.* 3.25.14) chama Baco de "força das Náiades" (*Naiadum potens*), nome específico das Ninfas dos rios. Sobre o trietéris, cf. 2.71-80n.

**687. OBSTRUÍ COM A POEIRA:** para que, assim, suas águas transformem-se em poeira, fazendo com que as tropas argivas não possam matar sua sede, nem a de seus animais.

**688. DAS TROPAS RUMO AOS NOSSOS MUROS:** "caminho pelo qual as tropas marcham contra nossos muros" – *i.e.*, Tebas. **PRECÍPUA:** em latim, *praecipuam*. Usa **precípua** tanto por causa de seu sentido de "tomada primeiro" – de *praecipio*, "tomar antecipadamente" (*DLP*: *prae-* "antes" + *capio* "agarrar, apoderar-se") –, por ser a primeira cidade ocupada pelas coortes de Argos (cf. 4.646-8 e comentários *ad loc.*), como também de "essencial", para marcá-la como uma paragem fundamental para os exércitos, provavelmente por causa da água.

**689. QUE AO FUNDO FUJA A ÁGUA:** em latim, *ex alto fugiat liquor*. O passo é ambíguo, como atestam Lactâncio e Parkes (*ad loc.*), uma vez que *ex alto* pode significar tanto "do alto" como "das profundezas". Assim, então, pode ordenar que as águas fujam "das profundezas", impossibilitando que os argivos possam alcançá-las cavando a terra, por exemplo, ou que fujam "do alto", ou seja, que não caiam dos céus e não escorram dos montes. Na tradução, optou-se por "fugir **ao fundo**", de modo a recriar a ambiguidade, ainda que outra: deseja Baco, então, que a água fuja "para o fundo", afundando-se ainda mais, ou que ela fuja "do fundo", tornando impossível encontrá-la no subsolo. Embora o resultado das duas possibilidades de interpretação seja o mesmo, os eventos que o determinam são distintos, como em latim.

**689-90. AJUDE FEBO, / O PRÓPRIO, A PRUMO AGORA:** reforça Baco a posição do sol no céu (cf. 4.680-1n). Como Virgílio (*G.* 4.425-8): *iam rapidus torrens sitientes Sirius Indos / ardebat, caelo et medium sol igneus orbem / hauserat; arebant herbae et caua flumina siccis / faucibus ad limum radii tepefacta coquebant* ("já Sírio ardia, que assedenta os Indos; / ígneo o Sol no seu pino, haurindo, as ervas / ia murchando, recozendo o lodo / nos secos álveos dos cavados rios" – trad. Odorico Mendes).

**690-1. QUE VOSSA VONTADE / NÃO CESSE:** a vontade das Ninfas em ajudá-lo, fundamental para que seu plano se cumpra.

**691-2. FORÇA A ISSO OS ASTROS DÃO, DA ERÍGONE / MINHA ESPUMEJA O ARDENTE CÃO:** Erígone é filha de Icário, o agricultor que acolheu Baco em sua casa (cf. 4.655n). Segundo contam Higino (*Fab.* 130) e Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.14.7), durante sua estadia na casa de Icário, Baco o teria

presenteado com diversas ânforas de vinho, ordenando que espalhasse seu culto entre os pastores vizinhos. Estes, após se embriagarem, acreditaram que Icário os teria envenenado e o mataram. Erígone, avisada pela cadela de estimação da família, Mera, correu de encontro ao corpo do pai e acabou se matando. Ainda de acordo com Higino (*Fab.* 130; *Astr.* 2.4), por vontade dos deuses, após essas fatalidades Icário foi transformado na estrela Arturo (cf. 1.18n), Erígone, na constelação de Virgem, e Mera, em Canícula (cf. 1.635n).

Ao dizer, então, que os **astros** dão **força** a seu objetivo, diz Baco que não somente o sol **a prumo** (4.690) o ajuda, mas também Canícula (ou Sírio) – **o ardente cão** da **Erígone minha** –, cuja presença no céu é responsável pelo aumento do calor (cf. 1.635n), como já descrevia Homero (*Il.* 22.25-31): *τὸν δ' ὃ γέρων Πρίαμος πρῶτος ἴδεν ὀφθαλμοῖσι / παμφαίνονθ' ὥς τ' ἀστέρ' ἐπεσσύμενον πεδίοιο, / ὅς ῥά τ' ὀπώρης εἶσιν, ἀρίζηλοι δέ οἱ αὐγαὶ / φαίνονται πολλοῖσι μετ' ἀστράσι νυκτὸς ἀμολγῷ, / ὅν τε κύν' Ὠρίωνος ἐπίκλησιν καλέουσι. / λαμπρότατος μὲν ὅ γ' ἐστί, κακὸν δέ τε σῆμα τέτυκται, / καί τε φέρει πολλὸν πυρετὸν δειλοῖσι βροτοῖσιν* ("o primeiro a vê-lo com os olhos foi Príamo, o ancião: / viu-o refulgente como um astro a atravessas a planície, / como a estrela que aparece na época das ceifas, cujos raios / rebrilham entre os outros astros todo negrume da noite, / estrela a que dão o nome de Cão de Oríon. / É a estrela mais brilhante do céu, mas é portento maligno, / pois traz muita febre aos desgraçados mortais" – trad. Frederico Lourenço). Virgílio (*G.* 425-8), como Estácio, associa Canícula ao sol, de modo que a estrela intensifique o brilho e o calor do astro (cf. 4.689-90n).

Há, no original latino, um jogo de palavras entre o nome da cadela de Erígone, Mera, *Maera* em latim, e o possessivo feminino **minha**, referente a Erígone, *meae* em latim. Com o emprego do pronome, diz Parkes (*ad loc.*), alude Estácio a uma versão do mito de acordo com a qual Erígone teria sido seduzida por Baco, como sugere Ovídio (*Met.* 6.125): *Liber ut Erigonen falsa deceperit uua* ("como Líber, com falsas uvas, enganou Erígone"). Pode-se pensar, porém, que o pronome pode referir-se à sedução para o seu culto também, um prêmio dado pelo deus ao homem que o acolheu e à sua filha – embora o prêmio tenha levado ambos à morte.

**692-3. IDE, QUERENTES, / IDE AO ESCONSO CHÃO:** fala com as Ninfas, pedindo que se ocultem no solo. Assim, é como se falasse com a própria água, pedindo-lhe que se esconda. Compare com 4.689n.

**693-4. DEPOIS COM O FLUXO PLENO / VOS TRAREI:** novamente aqui (cf. 4.693-2n), fala com as Ninfas como se falasse com a própria água. Glosa (4.692-4): "escondei-vos, ó desejosas; depois disso, farei com que assomeis com a correnteza plena."

**695-6. NOTURNOS FURTOS DE OBSCENOS CORNÍPEDES / VOU BANIR, E AS SEQUIOSAS PILHAGENS DOS FAUNOS:** por fim, promete Baco às Ninfas acabar com os estupros cometidos, contra elas, por Sátiros – os **obscenos cornípedes** – e Faunos. Sobre a violência e a libidinosidade desses seres, cf. por exemplo Ovídio (*Ep.* 135-6): *me Satyri celeres – siluis ego tecta latebam – / quaesierunt rapido, turba proterua, pede* ("a mim, os céleres Sátiros – nas selvas eu me escondia – / buscavam com pés impetuosos, turba violenta"); e Horácio (*Carm.* 3.18.1): *Faune, Nympharum fugientum amator* ("Faunos, das Ninfas que fogem os amantes").

**697-8. MAIS TÊNUE PARECEU-LHES VIR AO ROSTO / O LIMO, E O VERDE HUMOR DA COMA SE ESGOTOU:** os desejos de Baco (4.680-96) são prontamente atendidos, e seus primeiros sinais surgem nas próprias Ninfas, que novamente aqui se confundem com as águas de Nêmea (cf. 4.693-4): em sua face, os numes percebem um **mais tênue ... limo**, e a umidade de seus cabelos (**o verde humor da coma**) se exaurindo. O início da seca se manifesta, portanto, no corpo das divindades como se ele fosse uma superfície aquosa: o **limo** que as recobre se atenua, fazendo com que o **verde** de sua aparência comece a se dissipar.

**699. INÁCIOS AGROS:** como aponta Parkes (*ad loc.*), o uso do adjetivo **Inácios** visa que, ora, seja evocada a imagem do Rio Ínaco (cf. 1.356n), o principal rio argivo, para que se possa dimensionar a gravidade da seca que assolaria a região.

**701. LAMA FERVENTE:** por causa do calor, diz que a **lama** fervia. **RIOS CAVOS:** os "fundos rios", outra forma de dimensionar a violência da seca enviada por Baco (cf. 4.699n) – até os rios de maior profundidade secaram.

**702-3. À BASE DA HASTE TENRA / CURVA-SE O GRÃO:** descreve como murcharam instantaneamente (**de pronto** – 4.699) as plantas por causa do repentino desaparecimento da água e de qualquer forma de umidade.

**703-4. À MARGEM DA BEIRA, ILUDIDA / PARA A RÊS:** iludem-se os animais à beira das conhecidas fontes de água, pois que creem ter chegado ao lugar onde matariam sua sede, mas nada encontram além de terra e poeira.

**704. E GREIS BUSCAM OS RIOS JÁ NADADOS:** aqueles em que, outrora, entravam para refrescar-se, ou mesmo os que deviam cruzar nadando para que atingissem a outra margem.

**705-10. ASSIM, QUANDO VAZANTE ... UM ANO GRANDIOSO:** ilustra a seca em Nêmea descrevendo a seca do Nilo, no Egito. (PARKES) "Estácio combina uma reformulação do símile do Nilo de Virgílio (*A.* 9.31-2: *pingui flumine Nilus / cum refluit campis et iam se condidit alueo* ["de fértil cor-

rente, o Nilo / quando reflui aos campos e, já no leito, se insere"]) com ecos de Ovídio [sobre o Nilo] (*Met.* 1.422-4: *sic ubi deseruit madidos septemfluus agros / Nilus et antiquo sua flumina reddidit alueo / aetherioque recens exarsit sidere linus* ["assim, quando o setênfluo Nilo os campos úmidos / deixou e retornou ao seu antigo leito, / e o limo novo ardeu-se sob etéreo astro" – trad. Raimundo Carvalho]) e sobre sua seca depois dos feitos de Faetonte (*Met.* 2.254-6: *Nilus in extremum fugit perterritus orbem / occuluitque caput, quod adhuc latet: ostia septem / pulueulenta uacant, septem sine flumine ualles* ["o Nilo horrorizado foge ao extremo do orbe, / e ocultou a cabeça até hoje escondida; / sete bocas vazias, sete goelas secas" – trad. Raimundo Carvalho]) [...] O símile combina com a narrativa de diferentes formas. As terras secas, rachadas do Egito (4.708-9 – **entreaberto ... o Egito**) correspondem a haurida Argólida com seus **hiantes campos** (4.681). As cavernas para as quais as águas do Nilo se recolhem espelham o **esconso chão** (4.693) para os quais as águas das Ninfas são enviadas; e no Egito, como em Nêmea, a água para em sua fonte (4.686: **à fonte**; 4.707: **no leito**). O símile também adianta o futuro da narrativa. Em ambos os casos a seca é temporária: a referência ao futuro retorno das águas aos campos do Egito (**aos Faros / agros**, 4.709-10) retoma o reestabelecimento dos rios prometido por Baco (4.693-4; veja também 4.686: **breve**). Em outro nível, há um paralelo entre o Nilo e Langia: ambos fornecem a água pela qual se orou (4.709: **a rogos**; cf. o pedido dos argivos a Hipsípile em 4.763-7) e continuam fluindo mesmo em tempos de seca (ainda que, como 4.840-2 mostra, Langia seja perene e não dependa de precipitação, enquanto o Nilo inunda no verão). Além do mais, a função nutriente do Nilo será combinada com a função revigorante das águas de Langia. A correspondência é remarcada pelo símile de 5.11-16, onde os exércitos, ao saírem do rio, são comparados a aves deixando o Nilo. Porém, há muitas e importantes diferenças entre a narrativa e o símile. O Peloponeso é muito diferente do Egito [...] Além disso, a vazante do Nilo é uma ocorrência anual natural, enquanto que a seca Argólide é tramada por Baco, que pede mais para que as águas partam do que para que retornem."

**705. QUANDO VAZANTE DESCE A GRUTAS VASTAS:** descreve a seca do Nilo, dizendo que, nessa época, suas águas recolhem-se em amplas cavernas (**grutas vastas**).

**706-7. DO INVERNO EOO OS LIQUEFEITOS PÁBULOS / NO LEITO GUARDA:** refere-se aos nutrientes que escorrem para o Nilo por causa das chuvas sobre as terras altas da Etiópia. Diz do **inverno** por ser a estação em que ocorrem as chuvas; e **Eoo**, por causa da localização das terras etíopes em relação ao Nilo – a leste do rio.

**708-9. entreaberto, do undoso pai espera os sons / o Egito:** o **undoso pai** é o próprio Nilo – sobre o uso de **pai** para referir-se a rios, cf. 2.217-8n. Seus **sons**, aqueles provocados por sua correnteza quando, enfim, se enche e alaga os campos do Egito – ora dito **entreaberto**, *i.e.*, com o solo rachado por causa da seca.

**709. a rogos:** em latim, *rogatus* ("rogado"). Diz que a cheia ocorre depois que preces são feitas ao Nilo para que o rio retorne a seu antigo leito.

**709-10. o sustento aos Faros / agros leva:** com águas ricas em nutrientes (cf. 4.706-7n), o Nilo pode novamente fertilizar os campos do Egito, levando assim o alimento a seu povo, os **Faros** – o nome advém de Faros, uma ilha do Egito oposta à cidade de Alexandria, onde Alexandre construiu um farol.

**711-22. Seca a Lerna culpada ... e ao maldito Ofeltes:** breve catálogo de rios argivos, detendo-se em Langia, após a qual o narrador adianta os acontecimentos que ocuparão os dois próximos cantos do épico: no canto quinto, a história de Hipsípile e a morte de Arquêmoro, e os jogos fúnebres em sua honra durante o canto sexto.

**711. a Lerna culpada:** ora, refere-se ao pântano da região homônima (cf. 1.359n). Sua culpa vem do mito envolvendo Hércules e a Hidra de Lerna (cf. 2.377). **o Lírcio:** um rio da Argólida (cf. 4.117-8n). **o Ínaco:** sobre o Ínaco, cf. 1.356n.

**712. rochas natantes revolvendo, o Cáradro:** sobre a localização do rio e seu nome, cf. 4.46-7n. Diz revolver **rochas natantes** pela própria natureza das cheias do rio, que se avoluma com as chuvas.

**713. audaz, nunca às suas ribas o Erasino:** sobre o rio Argólide, cf. 1.356n. Sobre suas enchentes e sua fúria, por causa das quais o chama **audaz** e o diz **nunca às suas ribas**, cf. 4.122n.

**714. o Astério:** sobre o Astério, também Astérion, cf. 4.121-2n. **aquele:** o Erasino.

**[716-22]:** Bailey, Klotz e Parkes incluem, entre colchetes, um trecho de sete versos presente em um manuscrito do século XVII (Ms. L), largamente considerados espúrios. De acordo com Parkes (*ad loc.*), "[...] provavelmente a interpolação foi inspirada pela descrição que Ovídio faz de uma seca causada por Faetonte (*Met.* 2.201-303 [...]) e pelo uso que Estácio faz dessa cena no símile do Nilo (cf. 4.705-10n), bem como pelos nomes dos rios listados [...]." Ora, optou-se pela exclusão destes versos do texto impresso, mantendo-se, assim, a numeração padrão para o restante do canto. Reproduziu-se, porém, na sequência, a interpolação seguida de sua tradução: *[sic Hyperionios cum lux effrena per orbem / rapta ruit Phaethontis equos, mag-*

*numque laborem / discordes gemuere poli, dum pontus et arua / stellarumque ruunt crines, non amnibus undae, / non lucis mansere comae, sed multus ubique / ignis, ubique faces et longa fluminis instar / indiget Aegaeon deceptus imagine ripae.]* ("[assim, quando a luz infrene, raptada por Faetonte, / prostrou os Hiperônios cavalos, e um grande labor / discordes gemeram os polos, enquanto o mar, e os campos / e as caudas das estrelas pereciam, nem águas nos rios, / nem folhas nos lucos restaram, mas, por tudo, muito / fogo, e chamas por tudo, e, por ampla imagem de margens / enganado, Egéon, como um rio, careceu"]).

**716-22. Sozinha, águas silentes ... e ao maldito Ofeltes:** apresenta, por fim, Langia, a única fonte que continua emanado água em Nêmea – por isso diz **sozinha**. Não só apresenta a fonte, porém, mas também diz de seu futuro, cuja fama lhe será assegurada pelo episódio da morte de Arquêmoro (cf. 4.718-9n) e pelos jogos fúnebres então celebrados pelos generais argivos (cf. 4.720-2n). Novamente aqui (cf. 4.692-3n; 4.693-4n), as figuras da fonte e de sua Ninfa se confundem, de ambas falando o narrador, portanto, sem distinguir entre o nume e o curso de água (cf. 4.719-20n).

**716. ordem do nume:** se os demais rios secaram por ordem de Baco, manteve-se Langia também por ordem do deus. (Lactâncio) "Do próprio Líber. Uma boa composição, na verdade. Pois, se Langia se esgotasse, morreriam os argivos, e não haveria guerra, o que se deve ao destino." **águas silentes:** compare com a agitação das águas descrita quando encontram o curso os argivos: 4.820-3.

**717. sob sombras secretas:** por causa do sol que arde sobre Nêmea, diz **secretas** as sombras sob as quais Langia corre, como se escondidas de Febo e de Sírio – sobre isso, cf. 4.689-90n; 4.691-2n.

**718-9. Morto, ainda não lhe dera o lamentável nome / Arquêmoro, nem fama à deusa:** Arquêmoro é, antes de sua morte, chamado Ofeltes. Filho de Licurgo, rei de Nêmea, e de uma Eurídice (*Fab.* 74; 273; *Apollod.* 3.6.4), teve seu nascimento acompanhado por um augúrio: não deveria tocar o chão antes de poder andar por si próprio, ou então morreria. Hipsípile, filha de Toas, rei de Lemno, era sua nutriz, mas deixou-o sobre a relva para encaminhar os argivos até a fonte Langia (cf. *esp.* 4.786-96). Depois de sua morte, os chefes nomeiam-lhe Arquêmoro (5.738-9), um nome que, segundo Lactâncio (*ad loc.*), significa "princípio do destino", pois que vem das palavras gregas *ἀρχή* (*arkhḗ* – "princípio") e *μοῖρα* (*moîra* – "destino"). Ainda de acordo com Lactâncio, recebe esse nome por ter sido o primeiro a morrer durante a incursão contra Tebas. Destaque-se, então, que o nome não será dado ao jovem por causa da

ou pela fonte, mas por sua morte. Sendo assim, no passo, o **lamentável nome** não se refere a **Arquêmoro**, mas ao renome que a morte do jovem dá à fonte. Veja-se, por exemplo, que o narrador também menciona a **fama** que, igualmente, ainda não foi dada **à deusa** – a saber, à Ninfa da fonte.

**719-20. ALHEIA, GUARDA / LUCO E RIO:** diz sobre a Ninfa da fonte, a **deusa** anteriormente mencionada: **alheia** aos acontecimentos futuros (cf. 4.718-9n), ora ela simplesmente guarda a fonte de água e o bosque que lhe circunda – o responsável, por certo, pelas **sombras secretas** sob as quais correm as águas (cf. 4.717n).

**720-2. VASTA GLÓRIA À NINFA ... E AO MALDITO OFELTES:** depois de aclarar qual o origem do lastimável renome de Langia (cf. 4.718-9n), descreve, por fim, os feitos que trarão à deusa da fonte (à **Ninfa**) a glória: quando os jogos e o festival fúnebre trienal **lembrarem** a **triste / Hipsípile** e o condenado (**maldito**) Ofeltes – cf. comentários *ad loc.*

**720-1. TRISTE / HIPSÍPILE:** aqui, por causa da morte de Ofeltes – sobre isso, cf. 4.718-9n.

**721-2. DOS AQUEUS O INTENSO JOGO E O LÚGUBRE / FESTIM TRIENAL:** tanto o **intenso jogo** como o **festim** dizem respeito aos jogos que serão instituídos pelos generais em honra à morte de Ofeltes – celebrados durante o canto sexto –, conhecidos como os Jogos Nemeus. Estácio segue, aqui, a tradição encontrada, por exemplo, em Baquílides, que atribui à morte de Ofeltes os jogos (*Epin.* 9.10-2): *κε[ῖθι φοι]νικάσπιδες ἡμίθεοι πρ[ώ-] / [τιστ]ον Ἀργείων κριτοὶ / ἄθλησαν ἐπ' Ἀρχεμόρῳ* ("nesse lugar, os semideuses carregando escudos vermelhos, os primei- / ros dos Argivos escolhidos / para disputar por causa de Arquêmoro"). Outras fontes os atribuem às celebrações pela vitória de Hércules sobre o leão de Nêmea (cf. 4.145-64n; 4.160n). **LÚGUBRE / FESTIM TRIENAL:** os Jogos Nemeus passaram a ser celebrados a cada três anos, donde dizê-lo um **festim** ("festival") **trienal** – considere-se para isso, porém, o sistema de contagem inclusiva, em que se conta o ano da realização como o primeiro. De outra forma, dir-se-ia que ocorre a cada dois anos. É **lúgubre** por ter sido celebrado em honra à morte de Ofeltes.

**723-38. POR ISSO, ARDENTES ... POR NUVENS, CRUZASSEM:** após descrever as mudanças no ambiente (cf. 4.697-722 e comentários *ad loc.*), detém-se o narrador nas tropas argivas, destacando como a seca os afetava. Parkes (*ad loc.*) chama a atenção para a recorrência de "palavras ardentes" (*burning words*) na seção: **ardentes** (*ardentes*, 4.723); **torra** (*torret*, 4.724); **se abrasam** (*perusti*, 4.725); **sol** (*sole*, 4.728); **quentes** (*calidam*, 4.729); **adusto** (*flammatum*, 4.733); **fogo** (*ingibus*, 4.736).

**723. ARDENTES CLÍPEOS:** porque aquecidos pelo sol, e não simplesmente por brilharem com o reflexo da luz solar.

**723-4. AMADURAS / JUSTAS AO PEITO:** de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), porque arfavam os guerreiros por causa do calor, desataram, então, as armaduras.

**725-8. NÃO SE ABRASAM SÓ ... NAS ENTRANHAS:** como aponta Parkes (*ad loc.*), a descrição do sofrimentos das tropas argivas, aqui, evoca a descrição das tropas de Pompeu em Lucano – a qual, por sua vez, segue a descrição dos efeitos da peste Egina. Compare (*Luc.* 4.324-9): *orrentur uiscera flamma / oraque sicca rigent squamosis aspera linguis; / iam marcent uenae, nulloque umore rigatus / aeris alternos angustat pulmo meatus, / rescissoque nocent suspiria dura palato; / pandunt ora tamen nociturumque aera captant* ("queimam em chamas toda víscera, / áspera a boca seca e a língua forma escamas. / Veias já murcham, não regado de umidade / as alternas passagens de ar fecha o pulmão, / a dura aspiração fere e fende o palato; / no entanto, boquiabertos, tragam o ar nocivo" – trad. Brunno Vieira); e (*Met.* 5.554-7): *uiscera torrentur primo, flammaeque latentis / indicium rubor est et ductus anhelitus; igni / aspera lingua tumet, tepidisque arentia uentis / ora patent, auraeque graues captantur hiatu* ("primeiro, as entranhas assam. São sintoma desse fogo oculto / a cor avermelhada e a respiração ofegante. / A língua fica áspera e incha; ressequida pelos ventos quentes, / a boca mantém-se aberta e respira por entre os lábios um ar pesado" – trad. Domingos Dias).

**725-6. OCLUSAS / FAUCES:** adotou-se aqui a lição de Hall (*ad loc.*) que imprime *angustasque ... / fauces*, um acusativo plural que segue *ora* (**bocas**), no lugar de *angustisque ... / faucibus*, preferido pelos outros editores (Barthius, Amar-Lemaire, Mueller, Lesueur, Klotz e Parkes).

**726. DURO, O PEITO:** em latim, *aspera ... / corda*. Parkes (*ad loc.*), alegando que o adjetivo indica certa anomalia nas batidas dos corações dos argivos, o traduz, seguindo Hall, pelo advérbio "irregularmente" (*irregularly*). Ora, optou-se pelo adjetivo **duro**, que funciona como um predicativo de **peito** e indica a dificuldade do pulsar dos corações argivos.

**727. AS VEIAS CONGELAM:** em latim, *gelant uenae*. Dizer que as **veias** – por "sangue" – **congelam** por causa da ação do sol e da seca é uma contradição interessante. Ora, porém, não o diz por terem-se tornado frias, mas por ter-se o sangue solidificado em seu interior (cf. **sangue espesso** – 4.727). A imagem se contrapõe àquela de Lucano (4.326-7 *apud* 4.725-8n), em que se diz terem murchado as veias dos soldados de Pompeu pela falta de umidade no sangue.

**728. PÚTRIDA:** por sua consistência farinhenta (**de poeira e sol**), e não por estar em infecta ou

em decomposição.

**729. CHUVA ESPÚMEA:** refere-se à saliva dos cavalos (os **baios**), que comumente se vê quando os animais mascam o freio (cf. 4.730). Ora, por causa da seca, nem a saliva dos cavalos se pode ver em sua boca.

**731. BOCAS QUE PÕEM À FRENTE AS LÍNGUAS ATRELADAS: "**bocas que lançam para fora as línguas jungidas pelos freios". Caminham os cavalos com a língua pra fora por causa do calor.

**732. NÃO SOFREM DO AMO A LEI:** não obedecem, portanto, os comandos dos cavaleiros, mas marcham para a direção que desejam.

**733. O ARMENTO ADUSTO:** o **armento**, aqui, refere-se à tropa dos cavalos, abrasados pela sede e pelo calor – por isso **adusto**.

**734. OS LAGOS LICÍMNIOS:** Lactâncio e Amar-Lemaire (*ad loc.*) não comentam o passo. Parkes (*ad loc.*) diz tratar-se de uma referência a Licímnia, acrópole de Tirinte (cf. 4.147n). Barthius (*ad loc.*) diz desconhecer a referência. Há, contudo, um Licímnio filho de Electrião e meio irmão de Alcmena, portanto um tio de Hércules, cujo túmulo estaria localizado em Argos (*Paus.* 2.22.8) – ele teria sido acidentalmente morto por Tlepólemo, um dos filhos de Hércules (Hom. *Il.* 2.661-3; *Apollod.* 2.8.2; *Paus.* 2.22.8; *D. S.* 4.58.5). É lícito imaginar, então, que o topônimo pode referir-se ao local de sua morte ou de sua tumba, uma vez que a leitura de Parkes (*supra*) não encontra apoio em nenhuma das fontes consultadas.

**735. AMIMONE:** Amimone foi uma das Danaides, as filhas de Dânao – sobre isso, cf. 2.222n. Como contam Higino (*Fab.* 169) e Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 2.1.4), enquanto, certa vez, Amimone caçava em uma floresta, acabou atingindo com suas flechas um Sátiro, que tentou estuprá-la. Netuno, porém, interveio e acabou ele próprio, após seduzi-la, deitando-se com a jovem. No local onde se uniram, o deus fez jorrar uma fonte à qual deu o nome de sua amada. Sobre isso, diz Propércio (*Prop.* 2.26.46-50): *Neptunus fratri par in amore Ioui: / testis Amymone, latices dum ferret, in aruis / compressa, et Lernae pulsa tridente palus. / iam deus amplexu uotum persoluit, at illi / aurea diuinas urna profudit aquas* ("Netuno é como Júpiter no Amor, / e a prova é Amimone, presa ao buscar água, / e o lago que o tridente fez em Lerna; / ao abraçá-la o deus cumpriu sua promessa: / verteu da urna áurea divas águas" – trad. Guilherme Flores).

**735-6. TUDO HAURIDO / POR CEGO FOGO:** (PARKES) "Lesueur (1990, p. 150, n. 58) sugere que o **cego fogo** refere-se ao calor do submundo que fez evaporarem as fontes (4.697-701), em oposição

ao calor perceptível do sol. A frase pode ser considerada do ponto de vista dos argivos, que ignoram a intervenção de Baco e que estão, presumivelmente, desnorteados pela repentinidade da seca."

**736. NEM CHUVA HÁ NO OLIMPO:** "nem há no céu chuva nenhuma". Referir-se ao céu como **Olimpo** deixa latente a natureza divina do calor e da seca que se espalham por Nêmea.

**737. ÁUREA LÍBIA:** diz **áurea** por causa da cor da areia. A comparação com os desertos líbios traz à tona a travessia de Baco pela Líbia, quando o deus também sofreu com a falta de água – sobre isso, cf. 3.476-7n. **ERMOS AREOSOS DA ÁFRICA:** os desertos arenosos da África.

**738. SIENE, NUNCA OCULTA POR NUVENS:** de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), a cidade que divide o Egito e a Etiópia. Como explica Parkes (*ad loc.*), é a moderna Aswan, no Alto Nilo. Como em Lucano (*Luc.* 2.587): *atque umbras nusquam flectente Syene* ("e, que as sombras nunca inclina, Siene").

**739-68. ENTRE SELVAS ENFIM ... DAS FROUXAS / BOCAS TÊM:** cruzando as selvas de Nêmea, as tropas encontram Hipsípile com Ofeltes em seu colo (cf. 4.718-9n). Ao toparem com a nutriz, Adrasto roga-lhe para que indique um fonte da qual ainda brote água para que seus homens se refresquem. Seu pedido (4.746-64) está em consonância com uma longa tradição poética em que os heróis pedem auxílio a personagens femininas, divinas ou humanas, como em Homero, onde Odisseu implora a Nausícaa (*Od.* 6.149-85 – *esp.* 6.149-52; 6.175-6): *γουνοῦμαί σε, ἄνασσα· θεός νύ τις ἦ βροτός ἐσσι; / εἰ μέν τις θεός ἐσσι, τοὶ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν, / Ἀρτέμιδί σε ἐγώ γε, Διὸς κούρῃ μεγάλοιο, / εἶδός τε μέγεθός τε φυήν τ' ἄγχιστα ἐΐσκω·* [...] *ἀλλά, ἄνασσ', ἐλέαιρε· σὲ γὰρ κακὰ πολλὰ μογήσας / ἐς πρώτην ἱκόμην* ("ajoelho-me perante ti, ó soberana. Serás deusa, ou mulher? / Se és uma das deusas, das que o vasto céu detém, / é a Artêmis, à filha do grande Zeus, que mais aproximadamente / te assemelho, pela beleza, pelas proporções e pela altura [...] Mas tu, ó soberana, compadece-te: é a ti em primeiro lugar / que me dirijo após tantos sofrimentos" – trad. Frederico Lourenço).

Em Virgílio, quando Eneias implora a Vênus (*A.* 1.326-24): *nulla tuarum audita mihi neque uisa sororum – / O quam te memorem, uirgo? Namque haud tibi uoltus / mortalis, nec uox hominem sonat: O, dea certe – / an Phoebi soror? an nympharum sanguinis una? – / sis felix, nostrumque leues, quaecumque, laborem, / et, quo sub caelo tandem, quibus orbis in oris / iactemur, doceas. Ignari hominumque locorumque / erramus, uento huc uastis et fluctibus acti: / multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra* ("Nenhuma ouvi nem vi das irmãs tuas, / ó ... quem direi? Não tens mortal semblante / nem voz de humano som; és deusa, ó virgem: / irmã de Febo ou ninfa? As nos-

sas penas / por quem és, tu minora; e nos ensines, / pois vagueamos sem saber por onde, / o país, clima ou povo, a que arrojou-nos / vento e escarcéu medonho. Hóstias sem conto / havemos de imolar nas aras tuas" – trad. Odorico Mendes)

Em Valério Flaco, onde Jasão dirige-se a Medeia (*V. Fl.* 5.378-90): *'si dea, si magni decus huc ades' inquit 'Olympi, / has ego credo faces, haec uirginis ora Dianae, / teque renodatam pharetris ac pace fruentem / ad sua Caucaseae producunt flumina nymphae. / si domus in terris atque hinc tibi gentis origo, / felix prole parens olimque beatior ille, / qui tulerit longis et te sibi iunxerit annis. / sed fer opem, regina, uiris! nos hospita pubes / aduehimur, Graium proceres [ta] tua tecta petentes. / duc, precor, ad uestri quicumque est ora tyranni / ac tu prima doce fandi tempusque modumque. / nam mihi sollicito deus ignaroque locorum / te dedit, in te animos atque omnia nostra repono'* ("'se és deusa', diz, 'se aqui está a glória do Olimpo, / creio estas sejam face e as tochas de Diana; / e tu, despida do carcás, da paz fruindo, / às suas águas as caucáseas ninfas trazem-te. / Porém, se habitas esta terra e és mortal, / feliz teu pai, e mais feliz, um dia, aquele / que te levar e mantiver por longos anos. / Mas traz, princesa, ajuda aos homens! Como hóspedes / viemos – jovens nobres gregos suplicantes. / Leva-nos, peço, ante ao teu rei, quem quer que seja, / e, prima, ensina o modo e a hora de falar-lhe. / Um deus a mim, perdido e aflito, deu-te, então, / em ti deponho tudo nosso e nossos ânimos'" – trad. Márcio Meirelles).

E, por fim, em Propércio, onde Hércules implora às virgens de um templo que lhe deixem entrar para tomar água (4.9.31-50): *huc ruit in siccam congesta puluere barbam, / et iacit ante fores uerba minora deo: / 'uos precor, o luci sacro quae luditis antro, / pandite defessis hospita fana uiris. / fontis egens erro circaque sonantia lymphis; / et caua succepto flumine palma sat est. / audistisne aliquem, tergo qui sustulit orbem? / ille ego sum: Alciden terra recepta uocat. / quis facta Herculeae non audit fortia clauae / et numquam ad uastas irrita tela feras, / atque uni Stygias homini luxisse tenebras? / [accipit: haec fesso uix mihi terra patet.] / quodsi Iunoni sacrum faceretis amarae, / non clausisset aquas ipsa nouerca suas. / sin aliquem uultusque meus saetaeque leonis / terrent et Libyco sole perusta coma, / idem ego Sidonia feci seruilia palla / officia et Lydo pensa diurna colo, / mollis et hirsutum cepit mihi fascia pectus, / et manibus duris apta puella fui'* ("corre pra lá com barba seca e empoeirada / e às portas pede, humilde para um deus: a vós, brincando nesse sacro bosque, imploro: / dai aos homens casados hospedagem! / Vago a buscar os sons das águas de uma fonte, / basta-me encher a palma na corrente. / Vós conheceis quem leva o mundo sobre os ombros? / Sou ele – a terra salva o chama Alcida. / Quem não conhece a clava Hercúlea, os fortes feitos, / os dardos que não falham sobre as feras / e o único pra

quem luzira a treva Estígia? / Acolhei-me! Ao cansaço, a terra braça. / Mesmo se fosse um sacrifício à amarga Juno, / nem a madrasta negaria água. / Se vos assusta o rosto, a juba de leão / ou cabelos tostados no sol Líbio, / também prestei servis serviços sob um mano / Sidônio e fiei lã na roca Lídia, / suave cinta tive em peito cabeludo / e com mãos rudes fui jeitosa moça' – trad. Guilherme Flores).

**739. O PRÓPRIO ÉVIO ARRANJARA:** assim como ordenara Baco – sobre o ritualístico **Évio**, cf. 2.72n – que Langia mantivesse suas águas (cf. 4.716n), também fizera o deus com que as tropas encontrassem Hipsípile – sua neta, uma vez que Toas era filho de Baco e Ariadne. Como defende Parkes (*ad loc.*), tanto o encontro com Hipsípile como a ordem para que Langia continuasse vertendo água eram imperativos ao deus, que só podia atrasar os argivos, e não matá-los, uma vez que era o seu destino chegar a Tebas.

**740. BRUSCA:** qualifica Hipsípile como **brusca** por a terem visto de maneira abrupta (cf. 4.800n). **EM BELA TRISTEZA:** a própria Hipsípile comenta sobre sua tristeza mais adiante (4.770). Lactâncio (*ad loc.*) lembra de seus dois filhos com Jasão, dois quais foi separada depois da partida dos argonautas ao ser sequestrada e vendida como escrava para Licurgo e Eurídice, dando a entender que sua tristeza advinha do fato de estar separada de seus filhos e do seu fado – visto que, de rainha, passara a escrava. Durante o canto quinto, porém, diversos acontecimentos envolvendo Hipsípile serão narrados, os quais explicam, e muito, os motivos de sua tristeza. Parkes (*ad loc.*) destaca o paradoxal **bela**, que adjetiva sua **tristeza**. Para a autora, a ideia pode advir da descrição de Iole por Sêneca, outra rainha que acabou tornando-se escrava (*Her. O.* 391-3): *uides ut altum famula non perdat decus? / cessere cultus penitus et paedor sedet; / tamen per ipsas fulget aerumnas decor* ("vês como a escrava não perde a nobre beleza? / No imo cessaram os cuidados, e a sujeira se assenta; / contudo, pelas próprias misérias refulge a beleza").

**742. PROLE INFAUSTA DO INÁCIO LICURGO:** diz **infausta** por ter sido destinado a ser o primeiro a morrer durante a incursão contra Tebas. Diz **Inácio Licurgo** para diferenciá-lo de Licurgo rei da Trácia, que foi castigado pelos deuses por ter maltratado o jovem Baco. Sobre isso, diz Homero (*Il.* 6.130-40): *οὐδὲ γὰρ οὐδὲ Δρύαντος υἱὸς κρατερὸς Λυκόοργος / δὴν ἦν, ὅς ῥα θεοῖσιν ἐπουρανίοισιν ἔριζεν· / ὅς ποτε μαινομένοιο Διωνύσοιο τιθήνας / σεῦε κατ' ἠγάθεον Νυσήϊον· αἳ δ' ἅμα πᾶσαι / θύσθλα χαμαὶ κατέχευαν ὑπ' ἀνδροφόνοιο Λυκούργου / θεινόμεναι βουπλῆγι· Διώνυσος δὲ φοβηθεὶς / δύσεθ' ἁλὸς κατὰ κῦμα, Θέτις δ' ὑπεδέξατο κόλπῳ / δειδιότα· κρατερὸς γὰρ ἔχε τρόμος ἀνδρὸς ὁμοκλῇ. / τῷ μὲν ἔπειτ' ὀδύσαντο θεοὶ ῥεῖα ζώοντες, / καί μιν τυφλὸν ἔθηκε*

*Κρόνου πάϊς· οὐδ' ἄρ' ἔτι δὴν / ἦν, ἐπεὶ ἀθανάτοισιν ἀπήχθετο πᾶσι θεοῖσιν* ("Nem mesmo o filho de Driante, o possante Licurgo, / viveu muito tempo, ele que lutou contra os deuses celestiais. / Foi ele que outrora escorraçou as amas do delirante Dioniso / da sagrada montanha de Nisa; e todas elas deixaram cair / no chão as varas de condão, golpeadas pelo carniceiro Licurgo / com o acicate das vacas. Mas Dioniso fugiu espantado / e mergulhou nas ondas do mar, onde em seu regaço acolheu / Tétis o amedrontado: enorme era seu terror ante a ameaça do homem. / Contra Licurgo se enfureceram os deuses que vivem sem dificuldade. / E o filho de Crono cegou-o. Nem por muito mais tempo viveu, / visto que era detestado por todos os deuses imortais" – trad. Frederico Lourenço).

**744. na face há marcas régias:** filha de Toas, o rei de Lemno, foi declarada rainha após ter ajudado seu pai a fugir da matança realizada pelas mulheres da ilha (cf. 5.320-2). Sobre as marcas reais impressas no semblante humano, diz Homero (*Od.* 24.252-3): *οὐδέ τί τοι δούλειον ἐπιπρέπει εἰσοράασθαι / εἶδος καὶ μέγεθος· βασιλῆι γὰρ ἀνδρὶ ἔοικας* ("mas pelo teu aspecto e estatura, / não me pareces um servo. Pareces antes um rei" – trad. Frederico Lourenço).

**746-64. Dos bosques ó potente ... magna marcará o bosque:** seguindo seus antecessores poéticos, Adrasto dirige-se à figura que encontra como se fosse uma deusa. E tal como Odisseu ao encontrar Nausícaa (*Od.* 6.151-2) e Jasão ao ver Medeia (*V. Fl.* 5.379) acreditavam estar diante de Ártemis – cf. os trechos citados em 4.739-68n –, Adrasto vê em Hipsípile, a princípio, a própria Diana (**dos bosques** a **potente deusa**). Na sequência, porém, provavelmente após perceber-lhe a criança aos seios, julga tratar-se de uma das companheiras da deusa (cf. 4.749-50n), ou da amante de algum deus (cf. 4.750-1) – uma ninfa portanto, ou mesmo uma mortal. Na primeira parte da súplica (4.746-52), como fez Tirésias para aplacar e persuadir a sombra de Laio (cf. 4.610-3 e comentários *ad loc.*), Adrasto elogia aquela que encontra – sobre o matrimônio como forma de elogiar a figura feminina, cf. 4.649-50n –, anunciando na sequência o seu pedido propriamente dito (4.752-60) e oferecendo, por fim (4.760-4), recompensas a Hipsípile, assim como Tirésias fez com Laio (cf. 4.622-4 e comentários *ad loc.*), e Baco com as Ninfas (cf. 4.693-6 e comentários *ad loc.*). Parkes (*ad loc.*) também destaca os traços hínicos da fala do general, especialmente o uso da segunda pessoa (como em 4.752; 4.758; 4.759; 4.760; 4.763) e a construção com **talvez ... ou ...** (*seu ... seu ...*, em latim) entre 4.749-52.

**746-7. a face e o pejo / negam raça mortal:** como Eneias ao ver Vênus, sem saber, porém, que estava diante de uma deusa (*A.* 1.327-8): *namque haud tibi uoltus / mortalis, nec uox hominem sonat* ("Não tens mortal semblante / nem voz de humano som" – trad. Odorico Mendes).

**749-50. talvez Latônia, a Arcífera, de um casto / coro te enviou ao tálamo:** possivelmente por ter percebido que Hipsípile trazia no colo o jovem Ofeltes, não podendo então se tratar de Diana, uma deusa virgem, Adrasto cogita que, em vez da própria deia, possa tratar-se de uma das companheiras de seu séquito (do **casto / coro**), que a própria deusa deu em casamento (**enviou ao tálamo**). Destaque-se ainda que a possibilidade do matrimônio era vista como digna de louvor, como em Homero (*Od.* 6.158-9: *κεῖνος δ' αὖ περὶ κῆρι μακάρτατος ἔξοχον ἄλλων, / ὅς κέ σ' ἐέδνοισι βρίσας οἶκόνδ' ἀγάγηται* – "por sua vez é mais bem-aventurado de todos aquele homem / que com os presentes nupciais te levar para casa", trad. Frederico Lourenço), em Ovídio (*Met.* 1.589-90: *o uirgo Ioue digna tuoque beatum / nescio quem factura toro* – "Ó virgem digna de Jove e que ao leito / farias qualquer um feliz", trad. Raimundo Carvalho) e em Valério Flaco (5.383-4: *felix prole parens olimque beatior ille, / qui tulerit longis et te sibi iunxerit annis* – "Feliz teu pai, e mais feliz, um dia, aquele / que te levar e mantiver por longos anos", trad. Márcio Meirelles). Diz **Latônia** porque Diana é filha de Latona; **Arcífera**, por manejar o arco, como seu irmão, Apolo.

**750-1. do céu baixando, / amor não húmil te fecunda:** depois de conjecturar ter sido enviada ao matrimônio pela própria Diana, Adrasto supõe ter sido Hipsípile engravidada por um deus – o **amor não húmil** que **do céu** advém.

**751-2. o mor dos deuses / não é novo em Argivas camas:** é dizer, pois, que Júpiter não é uma novidade nos leitos das mulheres argivas – suas conquistas incluem Io, a filha do Ínaco (cf. *Met.* 1.568-600), Dânae, a mãe de Perseu (cf. *Met.* 4.610-1) e Alcmena, a mãe de Hércules, que se exilou em Tebas. Adrasto parece ter em mente, então, o passado de Argos e as relações que Jove manteve com muitas de suas mulheres.

**753. Tebas digna:** é dizer "merecedora" do fim que lhe querem dar.

**756-8. quer seja rio túrbido / ou charco obsceno a ti; nada peja em tal sorte / nem calca:** o pedido de Adrasto, que anseia mesmo um **rio túrbido** ou um **charco obsceno**, dá sinais do desespero em que se encontram o chefe e suas tropas – como em Lucano, sobre os homens do exército de Pompeu buscando água (*Luc.* 4.308-18): *si mollius aruum / prodidit umorem, pinguis manus utraque glaebas / exprimit ora super; nigro si turbida limo / conluuies inmota iacet, cadit omnis in haustus / certatim obscaenos miles moriensque recepit / quas nollet uicturus aquas; rituque ferarum / distentas siccant pecudes, et lacte negato / sordidus exhausto sorbetur ab ubere sanguis. / tunc herbas frondesque terunt, et rore madentis / destringunt ramos et siquos palmite crudo / arboris aut tenera sucos pressere medulla* ("se uma terra mais seca sugere umidade, / com a mão so-

bre a boca espremem os torrões; / se um lamaçal imundo, puro limbo, encontram, / a tropa em trapos briga por um gole sórdido e / faz morrendo o que ninguém pra vencer faria. / Como animais, nas reses prenhes se amamentam / e, findo o leite, sugam até mesmo o sangue. / Também, a relva e as folhas trituram, e os ramos / borrifados de orvalho torcem, e dos brotos / arbóreos, se acham um, tentam tirar a seiva" – trad. Brunno Vieira).

**758-9. ÉS A BUSCADA, E NÃO VENTOS OU JOVE / PLUVIOSO:** nomeia Jove, aqui, não como o pai dos deuses, referido acima (4.751-2), mas como o gerador de chuvas. Porém, como **nem chuva há no Olimpo** (4.736), é em Hipsípile que Adrasto busca ajuda.

**761-4. PROVENDO OS PASSOS DO RETORNO ... MAGNA MARCARÁ O BOSQUE:** ainda crendo tratar-se de um nume, Adrasto promete a Hipsípile que, caso ela os ajude, em voltando com suas tropas a salvo, a ela dará recompensas dignas das ofertadas aos deuses: **despojos de guerra**, animais (**Dírceas greis**), **sangue** e um grande altar (uma **ara magna**). Compare, por exemplo, com as ofertas feitas por Tideu a Atena logo após sua monomaquia (cf. 2.726-42 e comentários *ad loc.*), bem como com as de Orfeu, na *Argonáutica* (*A. R.* 4.1418-21): *εἰ δέ κεν αὖτις / δή ποτ' Ἀχαιίδα γαῖαν ἱκώμεθα ναυτιλίῃσιν, / δὴ τότε μυρία δῶρα μετὰ πρώτῃσι θεάων / λοιβάς τ' εἰλαπίνας τε παρέξομεν εὐμενέοντες* (""); e de Eneias, em Virgílio (*A.* 1.134): *multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra* ("muitas vítimas pra ti, diante das aras, nossa destra tombará"); e em Ovídio (*Met.* 8.152-4): *uota Ioui Minos taurorum corpora centum / soluit, ut egressus ratibus Curetida terram / contigit, et spoliis decorata est regia fixis* ("os votos para Jove, Minos, com os corpos de cem touros / pagou quando, tendo nos barcos voltado, a terra dos Curetes / tocou, e com os espólios fixados foi decorado o palácio").

**763. DÍRCEAS GREIS:** é dizer "rebanhos tebanos". Sobre o uso do adjetivo, cf. 2.142n.

**765-8. E EM MEIO AOS PEDIDOS ... DAS FROUXAS / BOCAS TÊM:** a seção se encerra com nova ênfase nos efeitos da seca e do calor sobre Adrasto e seus homens. Compare com Lucano (*Luc.* 4.329): *pandunt ora tamen nociturumque aera captant* ("abrem as bocas, pois, e tragam o ar nocivo").

**768-85. COM O OLHAR NO CHÃO ... COM AMPLO CHORO O IDA:** após ser interrogada por Adrasto, Hipsípile responde ao general. Sua resposta é simples e direta: depois de recusar o título de "divina" conferido por Adrasto (**deusa** – 4.763) e de esclarecer ser a nutriz da criança em seus braços (4.769-73), fala sobre Langia e sua águas perenes, para lá conduzindo os homens (4.774-8). As poucas e ligeiras informações que dá sobre si própria, revelando não ser a mãe de Ofeltes e desconhecer o paradeiro de sua prole (4.771-3), bem como o fato de não dizer

qual sua origem e quem são seus ascendentes, deixam o assunto em aberto, o que possibilitará a interrogação direta de Adrasto no início do canto quinto (5.17-27), a qual, por sua vez, dará o ensejo à narrativa sobre Lemno e suas habitantes – some-se a isso, ainda, dizer-se a mais infausta dentre os mortais (4.770). Na sequência, diz o narrador que, para levar os homens até a fonte, Hipsípile deixa o jovem Ofeltes sozinho sobre a relva, cumprindo assim o seu fado (4.780). A seção se encerra com um símile que compara a ação de Hipsípile à de Cibele, que deixou o jovem Júpiter no monte Ida, em Creta (4.782-5).

**768. Com o olhar no chão, a Lêmnia:** o olhar voltado para baixo demonstra humildade e respeito diante da figura de Adrasto, já senhor, mas também o recato de Hipsípile. Refere-a como **Lêmnia** por ser de Lemno (ou Lemnos), uma ilha do Mar Egeu. Para o nome da ilha, lançou-se mão aqui de um expediente explorado por Camões em *Os Lusíadas*, onde não furtou-se o poeta a excluir o "s" final de "Ganges", por exemplo, por motivos métricos, fazendo mesmo coexistirem ambas as formas ("Ganges" e "Gange") em seu poema – como em 4.74.1: "eu sou o ilustre Ganges, que na terra"; e 7.20.7: "águas do Gange; e a terra de Bengala".

**769. inda que de orto etéreo:** é dizer "ainda que de origem divina". Seu pai, Toas, é filho de Baco e Ariadne. Somente no canto quinto, porém, Hipsípile irá revelar quem foi seu pai (cf. 5.38-9).

**771-2. dos seus privada, a nutriz de incumbida / prole:** revela não ser a mãe de Ofeltes, mas afirma ter seus próprios filhos, embora esteja deles afastada – por isso diz **dos seus privada**. Durante o canto quinto, após a morte de Ofeltes e já no paço de Licurgo, por intermédio de Baco Hipsípile reencontrará seus filhos, que gerou com Jasão (cf. 5.710-30 e comentários *ad loc.*).

**774. Por que afasto os cansados da fonte almejada?:** Hipsípile interrompe a si própria alegando deter os homens **cansados** com sua história. A relutância em falar de seu pai, porém, retornará durante o canto quinto (cf. 5.29-39 e comentários *ad loc.*), momento em que os motivos pelos quais se nega a relembrar o pai tornam-se mais evidentes: mais do que preocupada em tardar as tropas argivas, Hipsípile não quer rememorar seu próprio passado.

**775-8. Vinde, se ora Langia ... do astro Icário, / corre:** a fonte escolhida por Hipsípile é a mesma poupada por Baco (cf. 4.716). Os motivos pelos quais alega tê-la escolhido, porém, dizem respeito à sua notória perenidade: suas águas, **perpétuas**, correm mesmo que sob o **irado Câncer** e o brilhos do **astro Icário** (cf. comentários *ad loc.*).

**776. DO IRADO CÂNCER SOB AS SENDAS:** associa-se a constelação de Câncer ao calor porque o Sol se alinha com ela justamente durante o solstício de verão.

**777. FULGURE A JUBA DO ASTRO ICÁRIO:** com **astro Icário**, refere-se a Canícula (ou Sírio) – sobre isso, cf. 4.691-2n. Embora o termo **juba** (em latim, *iuba*) seja comumente utilizado para descrever a crina do leão, Estácio o emprega aqui – um uso, de acordo com Parkes (*ad loc.*), sem precedentes – para referir-se ao brilho da estrela.

**778-80. NISSO, O PENDENTE ... / ... NA GRAMA ... / DEITA:** Hipsípile deixa Ofeltes (**o pendente**, por estar suspenso em seu colo) sozinho sobre a grama, contrariando o augúrio de acordo com o qual o jovem não deveria ser colocado diretamente no chão antes de que aprendesse a andar (Hyg. *Fab.* 74). Por esse motivo, e porque **querem as Parcas**, a criança acabará sendo morta por uma serpente durante o canto quinto (5.449-553). O ambiente em que Hipsípile coloca Ofeltes, bem como o seu destino funesto, fazem lembrar a história relatada por Adrasto durante o canto primeiro, de acordo com a qual Apolo havia mandado um monstro a Argos para vingar a morte de seu filho com Psâmate, o jovem Lino (1.552-672). Segundo a narrativa, a criança foi deixada sobre a relva pelo pastor que a recolhera após ter sido abandonada pela mãe, tendo sido, então, devorada por cães selvagens (cf. 1.582-90 e comentários *ad loc.*). A imagem de Lino e dos cães seus assassinos que será entalhada na pira fúnebre de Ofeltes (*Theb.* 6.64-5) potencializa ainda mais a relação entre os dois episódios.

**778-9. P'RA GUIA A PELASGOS / NÃO SER LENTA:** "para não ser uma guia lenta para os argivos". Sobre o termo **Pelasgos**, cf. 2.156n.

**780. QUEREM AS PARCAS:** agentes do destino, era o desejo das Parcas que Hipsípile deixasse Ofeltes sozinho sobre o chão para que o fado do jovem se cumprisse – cf. 4.778-80n sobre o augúrio. **ENJEITADO O LUGAR:** Ofeltes protesta por ser colocado sobre a relva.

**782-5. ASSIM COMO A MÃE BERECÍNCIA ... COM AMPLO CHORO O IDA:** compara o comportamento de Hipsípile em relação a Ofeltes ao de Cibele, deusa Frígia, com relação ao menino Júpiter. Ora, em se tratando do mito que envolve a infância de Júpiter em Creta, Cibele identifica-se com Reia, a Grande Mãe (*Magna Mater*), que teria confiado a criação do jovem deus aos curetes e às Ninfas do Ida, em Creta. Na imagem evocada, para que acalmassem o choro do menino, os curetes dançavam e tocavam **sons órgios**; tamanho era seu desespero, porém, que o seu **amplo choro** ecoava pelo monte (4.785), vencendo os sons que embalavam os curetes em sua dança. Sobre o local onde Júpiter teria passado a infância, cf. 3.25n.

**782. MÃE BERECÍNCIA:** Cibele, assim chamada por seu culto no monte Berecinto, na Frígia.

**784. EM DISPUTA:** ou porque os curetes disputavam entre si quem produzia mais som com os instrumentos, ou porque disputavam com o choro do próprio deus, tentando suplantá-lo.

**785. SONS ÓRGIOS:** provável referência ao tímpano, instrumento utilizado durante os rituais em honra a Baco – cf. 4.668n.

**786-96. MAS O JOVEM, NO GRÊMIO ... DA ORTÍGIA AFUNDAVA:** detém-se a narrativa em Ofeltes e em seus movimentos sobre a grama onde o deixara Hipsípile. A cena é descrita de forma a potencializar o *phátos* da situação, enfatizando a ignorância do jovem em relação aos perigos a que está exposto (4.792-3) e seu comportamento típico de uma criança de colo – os movimentos por impulsão (4.787), o desejo por leite (4.788), o riso e o choro mesclados (4.788-9), o balbuciar ininteligível (4.790) e a curiosidade (4.791-3). Ao final do passo, três deuses são a ele comparados: Marte, Mercúrio e Apolo – uma comparação carregada de certa ironia, pois aproxima um mortal de três deuses, ou quatro, caso o infante Jove (4.782-5) seja levado em conta.

**786. NO GRÊMIO DE UM SOLO VERNANTE:** do seio de sua nutriz (4.741), Ofeltes é entregue ao **de um solo vernante**: se, quando ao colo de Hipsípile, nutria-se o jovem, ora o que encontrará será seu próprio fim.

**787-93. ORA DEITA A ERVA MOLE ... EM SUA VIDA, VAGUEIA:** descreve o comportamento de Ofeltes em um longo período: em um momento, amassa a relva a seu redor deixando cair a cabeça para a frente (cf. 4.787-8n); no outro, enquanto intercala diferentes ações (4.788-91), mantém-se imóvel sob o céu (4.792) ou se arrasta por seu entorno (4.793).

**787. DEITA A ERVA MOLE INCLINANDO / À FRENTE A FACE:** a semelhança com 4.257 aproxima Ofeltes de Partenopeu, outro jovem cujo destino é a morte, no passo em que o narrador revela a surpresa de Diana – a deusa com quem Adrasto confundiu Hipsípile (cf. 4.746-74n) – ao vê-lo **riscando a relva a passo tenro** (cf. 4.257n) às sombras do Ménalo (cf. 4.256n) – o mesmo monte em que Mercúrio é retratado, ainda criança, no símile que se segue (4.794-6). Aqui, por não ter força ainda em seu pescoço, diz o narrador que o menino deixa sua cabeça tombar para a frente, amassando, então, a **erva** macia (**mole**) em seu entorno.

**790. NOS TENROS LÁBIOS VERBOS BUSCANDO OBSTINADOS:** balbuciando, como é comum às crianças de colo. Diz **obstinados** os **verbos** seja porque as palavram teimam em sair, seja porque teima a criança em seu tartamudear.

**791. COLHE O À MÃO:** em latim, *obuia carpit* (lit., "as coisas mais evidentes colhe"). É dizer "recolhe o que está mais próximo".

**791-2. O DIA / COM BOCA ABERTA TRAGA:** resta sob o sol (**o dia**) sem fazer nada, como se simplesmente observasse o seu redor. Como Lino, que, deitado sobre a relva, é dito **de boca aberta haurindo o céu** (1.588). Sobre os dois personagens, cf. 4.778-80n.

**792-3. OS PERIGOS DO BOSQUE / IGNORANDO, ASSAZ CRENDO EM SUA VIDA VAGUEIA:** sem saber dos perigos a que estava exposto naquele ambiente, donde o narrador dizê-lo **assaz crendo** na própria vida, o infante Ofeltes se aventura a explorar as redondezas.

**794-6. TAL TENRO MARTE ... DA ORTÍGIA AFUNDAVA:** no símile (cf. 4.786-96n), Ofeltes é comparado a três deuses quando ainda crianças: Marte sobre a neve de Odrísia, na Trácia; Mercúrio, o **jovem áleo**, voando sobre os cimos do Ménalo, na Arcádia – Parkes (*ad loc.*) alega que o adjetivo **áleo** sugere o voo de Mercúrio sobre o monte; e a Apolo, que, **se arrastando pela praia**, afundava (em latim, *inclinabat*, "inclinava") um dos lados da Ortígia, nome pelo qual a ilha de Delos era conhecida antes do nascimento de Apolo – cf. sobre isso 1.573n; *esp.* 3.438-9n.

**797-823. ENTRE BRENHAS E ... PILHAM URBE GANHA:** as tropas chegam a Langia após acompanharem Hipsípile. A forma como seguem sua guia, com alguns a precedendo e outros à sua volta, demonstra que a ordem das fileiras foi desfeita, um sinal de desespero e de suspensão das normas que se repete no momento em que entram, por fim, no curso da fonte (cf. comentários *ad loc.*). Compare o trecho com a descrição que Tucídides faz dos guerreiros atenienses tentando atravessar o Rio Assínoros na tentativa de fugir das tropas peloponésias e também de fartar-se com a água (*Th.* 7.84): *Νικίας δ' ἐπειδὴ ἡμέρα ἐγένετο ἦγε τὴν στρατιάν· οἱ δὲ Συρακόσιοι καὶ οἱ ξύμμαχοι προσέκειντο τὸν αὐτὸν τρόπον πανταχόθεν βάλλοντές τε καὶ κατακοντίζοντες. καὶ οἱ Ἀθηναῖοι ἠπείγοντο πρὸς τὸν Ἀσσίναρον ποταμόν, ἅμα μὲν βιαζόμενοι ὑπὸ τῆς πανταχόθεν προσβολῆς ἱππέων τε πολλῶν καὶ τοῦ ἄλλου ὄχλου, οἰόμενοι ῥᾷόν τι σφίσιν ἔσεσθαι, ἢν διαβῶσι τὸν ποταμόν, ἅμα δ' ὑπὸ τῆς ταλαιπωρίας καὶ τοῦ πιεῖν ἐπιθυμίᾳ. ὡς δὲ γίγνονται ἐπ' αὐτῷ, ἐσπίπτουσιν οὐδενὶ κόσμῳ ἔτι, ἀλλὰ πᾶς τέ τις διαβῆναι αὐτὸς πρῶτος βουλόμενος καὶ οἱ πολέμιοι ἐπικείμενοι χαλεπὴν ἤδη τὴν διάβασιν ἐποίουν· ἁθρόοι γὰρ ἀναγκαζόμενοι χωρεῖν ἐπέπιπτόν τε ἀλλήλοις καὶ κατεπάτουν, περί τε τοῖς δορατίοις καὶ σκεύεσιν οἱ μὲν εὐθὺς διεφθείροντο, οἱ δὲ ἐμπαλασσόμενοι κατέρρεον. ἐς τὰ ἐπὶ θάτερά τε τοῦ ποταμοῦ παραστάντες οἱ Συρακόσιοι (ἦν δὲ κρημνῶδες) ἔβαλλον ἄνωθεν τοὺς Ἀθηναίους, πίνοντάς τε τοὺς πολλοὺς ἀσμένους καὶ ἐν κοίλῳ ὄντι τῷ ποταμῷ ἐν σφίσιν αὐτοῖς ταραςσομένους. οἵ τε Πελοποννήσιοι ἐπικαταβάντες τοὺς ἐν τῷ ποταμῷ μάλιστα ἔσφαζον. καὶ τὸ ὕδωρ εὐθὺς διέφθαρτο,*

*ἀλλ' οὐδὲν ἧσσον ἐπίνετό τε ὁμοῦ τῷ πηλῷ ἡματωμένον καὶ περιμάχητον ἦν τοῖς πολλοῖς* ("Às primeiras horas do dia Nícias saiu com suas tropas; os siracusanos e seus aliados continuaram a atacá-las da mesma maneira, lançando dardos contra elas e fustigando-as com suas lanças por todos os lados. Os atenienses avançaram em direção ao rio Assínaros, em parte por pensarem, premidos como estavam pelos ataques por todos os lados de numerosos cavalerianos e de tropas diversas, que estariam em melhor situação se atravessassem o rio, e em parte por causa de seu cansaço e de sua necessidade de beber água. Chegando ao rio, correram para entrar nele, já sem qualquer preocupação com a ordem, cada um mais ansioso por ser o primeiro a atravessá-lo. Ao mesmo tempo a pressão do inimigo tornava a travessia mais difícil, pois, como os atenienses eram obrigados a mover-se em massa, caíam uns sobre os outros e se pisoteavam; alguns pereceram ali mesmo, traspassados por seus próprios dardos, enquanto outros, embaraçando-se nas correias de suas armas, eram levados pela correnteza. Os siracusanos permaneciam na outra margem do rio, mais íngreme, e lançavam dardos sem parar sobre os atenienses, muitos dos quais bebiam avidamente a água do rio, amontoados em confusão no leito abaulado do mesmo. Alguns peloponésios desciam para a beira do rio, junto à água, e degolavam os soldados, especialmente os que estavam dentro do rio. A água logo se tornou turva, mas mesmo assim era bebida, embora lodosa e tinta de sangue, e muitos deles lutavam para conseguí-la" – trad. Mário Kury).

**798-9. PARTE CERCA, E PARTE SEGUE EM MASSA / A GUIA, OU A PRECEDE:** Hipsípile, a **guia**, caminha completamente cercada pelos homens em meio à mata em direção a Langia. Uns à sua volta, outros a seguindo e outros à frente – sobre a disposição dos homens, cf. 4.797-823n. Como aponta Parkes (*ad loc.*), sua posição central em meio à procissão dos argivos lembra Dido, em Virgílio (*A.* 1.497): *incessit magna iuuenum stipante caterua* ("avança, envolta por magna turba de jovens"); e também (*A.* 4.136): *tandem progreditur magna stipante caterua* ("por fim sai, envolta por magna turba").

**800. VELOZ, MAS NADA INDIGNA:** de acordo com Parkes (*ad loc.*), por essa afirmação pode-se crer que caminhar apressadamente ou correr fosse entendido como uma ação indecorosa. Diz, então, "veloz, embora nem um pouco indigna". Sua pressa está de acordo com o adjetivo **brusca**, que a qualifica logo que é vista pelos chefes argivos (cf. 4.740n).

**801-2. RUIDOSO O VALE SOA, E INSTIGA, PÉTREO, O OUVIDO / UM MURMÚRIO:** conforme se aproximam de Langia (4.800 – **já próximo ao rio**), ouve-se o barulho de sua corrente. Note-se, porém, que as águas da fonte foram anteriormente ditas silenciosas (4.716: **águas silentes**), e, ora,

diz-se que o vale por onde corriam soava **ruidoso**, e que um **pétreo ... / murmúrio** (*i.e.*, o som da água chocando-se com as pedras do vau) instigava os ouvidos. A ideia de que o som ouvido causou-lhes inquietação – **instiga ... o ouvido / um murmúrio** – pode demonstrar, porém, mais o desespero dos homens do que uma incompatibilidade entre a descrição anterior de Langia e a de agora, e a consequente reação de Argus e seus companheiros também demonstra isso (cf. 4.802-5 e comentários *ad loc.*): na situação em que se encontravam, mesmo o mais suave som – no caso, um **murmúrio** – podia parecer-lhes um flume caudaloso.

**802-5. EXULTANDO CONCLAMA ... SE LONGA / O CLAMOR: "ÁGUA!":** a reação dos argivos ao perceberem os primeiros murmúrios da água de Langia (cf. 4.801-2n) é de excitação: Argus, que carregava os brasões do exército à frente das tropas (4.803), é o primeiro a clamar (**exultando conclama primeiro**), sendo seguido pelos companheiros (**e na boca dos varões se alonga / o clamor: "Água!"**). Notem-se as semelhanças entre o passo e a exclamação de Acates em Virgílio (*A.* 3.521-4): *iamque rubescebat stellis Aurora fugatis / cum procul obscuros collis humilemque uidemus / Italiam. 'Italiam' primus conclamat Achates, / 'Italiam' laeto socii clamore salutant* ("Já enrubescia a Aurora com estrelas fugazes / quando, ao longe, os obscuros montes viu-se e, baixa, / a Itália. 'Itália!' Acates primeiro conclama; / 'Itália', então, os sócios saúdam num brado"). O nome **Argos** é também relevante, pois que lembra o nome da nave dos argonautas, Argo: esta, a primeira a singrar os mares; aquele, o primeiro dos guerreiros argivos a ver a água. É também o nome do monstro de cem olhos que guarda Io em Faros (cf. 1.254-5n), bem como do herói epônimo da cidade de Argos (cf. 1.225n).

**803. DAS TROPAS LIGEIRAS A INSÍGNIA:** após a cena em que as fileiras marcham desfeitas (cf. 4.797-823n), o destaque dado ao porta-insígnias da tropa lembra-nos de que se trata de um exército em marcha e já prepara o ambiente para seu avanço sobre as águas de Langia, realizado à forma de um assalto a uma cidade (cf. 4.809-24 e comentários *ad loc.*).

**805-8. ASSIM, NO LITORAL AMBRÁCIO ... SAUDADO EXPÕE LEUCAS:** o símile compara o barulho produzido pelos homens àquele feito pelos jovens nautas que, instruídos pelo piloto, bradam enquanto remam junto às praias da ilha de Leucas (ou Lêucade), no Mar Ambrácio – um braço do Mar Jônio. A ideia é que, remando, os marinheiros gritam para manter o ritmo (esse, portanto, o seu **naval grito**), assim como bradam os argivos, vindo pela terra, ao verem água. Não só esse som, contudo, se assemelha ao dos sedentos guerreiros, mas também o que a própria terra devolve aos remadores, **atingida** por seus brados.

**808. QUANDO APOLO SAUDADO EXPÕE LEUCAS:** de acordo com Estrabão (*Str.* 10.2.7-9), havia em

Leucas um templo de Apolo visível desde o mar. Ao dizer, então, que **Apolo ... expõe Leucas**, diz o poeta que a cidade é por eles reconhecida tão logo avistam o templo do deus – momento em que, é de se imaginar, saudavam-no.

**809-10. Por toda parte, atiram-se ao curso sem ordem / turba e chefes:** chegam à beira do curso e nele atiram-se **sem ordem**, isto é, sem respeitar hierarquias. Compare com Lucano, sobre a entrada das tropas de Pompeu na água (*Luc.* 4.365-7): *ut primum iustae placuerunt foedera pacis, / incustoditos decurrit miles ad amnes, / incumbit ripis permissaque flumina turbat* ("tão logo se acertou da justa paz o pacto, / corre o soldado rumo aos rios desguarnecidos, / deita às margens e agita as águas liberadas" – trad. Brunno Vieira).

**810-1. não pode distingui-los, mistos, / a mesma sede:** porque atingidos pela mesma sede, não há distinção entre os chefes do exército e os soldados, nem entre os soldados entre si: a sede tornou todos iguais.

**811-2. aos carros presas entram greis, / corcéis repletos de armas e varões se lançam:** não só os guerreiros convalesceram, mas também seus animais: o gado entra no curso de água ainda atado aos carros que arrastam, e os cavalos carregando as armas e os cavaleiros (os **varões**). A imagem intensifica o desespero dos homens, pois que se lançaram à fonte mesmo entre os animais. Mais adiante, sua agonia será ainda mais reforçada com a descrição das águas embarreadas que sorviam (cf. 4.817-21).

**817-20. então verde suave ... lama e o pó túrbido:** o passo dá razão a Adrasto, que pediu a Hipsípile uma fonte de água, fosse qual fosse – **quer seja rio túrbido / ou charco obsceno a ti** (4.756-7) –, evidenciando ainda mais o desespero das tropas (cf. 4.811-2n). Agitado pela movimentação de homens e animais em seu leito, o rio **limpo**, antes **de águas puras**, se turva e se agita: **caudaloso, com lama e o pó túrbido**.

**821. bebem-no, embora farta a sede:** ideia presente em Lucano, sobre os soldados de Pompeu (*Luc.* 4.368-72): *continuus multis subitarum tractus aquarum / aera non passus uacuis discurrere uenis / artauit clausitque animam; nec feruida pestis / cedit adhuc, sed morbus egens iam gurgite plenis / uisceribus sibi poscit aquas* ("a muitos, o sorver voraz de águas rompantes, / não permitindo o ar passar às secas veias, / obstrui e entrava o alento, mas o ardente mal / inda insiste e o contágio, exigindo oceanos, / requer mais água em ventres cheios" – trad. Brunno Vieira).

**821-3. Que guerreiam, / vais ... pilham urbe ganha:** o símile que encerra o passo retoma a se-

melhança, preparada pelo anúncio do porta-estandarte das tropas (cf. 4.803n), entre o avanço dos homens em direção ao curso de Langia e aquele feito contra uma cidade a ser pilhada (4.823). Também a disputa entre os soldados por um espaço dentro do leito (cf. 4.814-6) é comparada a uma guerra em que o próprio Marte estivesse enfurecido dentro das águas.

**822-3. COM JUSTIÇA / SE ENRAIVA:** em uma guerra legítima, e não em uma situação como a que ocorre ali.

**824-43. E ALGUM DOS REIS, ENTÃO ... TROPAS QUEIRAS DISTINGUIR:** o canto se encerra com a fala de um dos generais, não identificado pelo texto. Assim como ao final do canto primeiro (1.696-720), em que Adrasto entoa um hino em honra a Apolo pedindo ao deus que seja propício a Argos (cf. comentários *ad loc.*), e ao final do canto segundo (2.704-43), em que Tideu agradece a Atena, ora o chefe argivo agradece Langia e pede que a fonte torne a ser propícia às tropas ao final da batalha. A fala se divide em duas partes: na primeira (4.825-30), o chefe se enraiva com Nêmea por conta da seca, ignorante da influência de Baco na situação; na segunda (4.830-43), entoa louvores de tom hínico a Langia, pedindo-lhe ao final que permaneça auspiciosa aos argivos – note-se que, durante a louvação, Langia passa a ser tratada como um rio, donde a mudança de gênero na concordância nominal no passo (*esp.* 4.830-43).

O modelo para o trecho é a prece de Eneias, em Virgílio, às Ninfas e ao Tibre, pedindo a ambos que lhe sejam propícios, e aos seus (*A.* 8.71-8): *Nymphae, Laurentes Nymphae, genus amnibus unde est, / tuque, o Thybri tuo genitor cum flumine sancto, / accipite Aenean et tandem arcete periclis. / quo te cumque lacus miserantem incommoda nostra / fonte tenent, quocumque solo pulcherrimus exis, / semper honore meo, semper celebrabere donis / corniger Hesperidum fluuius regnator aquarum. / adsis o tantum et propius tua numina firmes* ("Ninfas, ó Ninfas das terras laurentes, que sois mães dos rios! / E tu também, gerador destas águas, do Tibre sagrado, / dai acolhida a Eneias, livrai-o de novos perigos. / Seja ond for o terreno da tua nascente, ó sagrado / rio que te compadeces do meu indizível tormento!, / seja qual for teu banhado de origem, terás o meu culto, / rio cornígero, rei destas águas benditas da Hespéria! / Sê-nos propício  e confirma afinal os teus próprios orac'los" – trad. Carlos Alberto Nunes).

**824. PELO RIO:** Langia passa de fonte a rio, provavelmente por causa da forma mesma pela qual os argivos, sedentos e refestelando-se em suas águas, percebem-na.

**825-30. DAS VERDES SELVAS ... DO TEU POVO / BASTA:** na primeira parte da fala, o general maldiz Nêmea por causa da seca a eles infligida. Ignorando a responsabilidade total de Baco pelo evento, após o tom encomiástico com que inicia o discurso (**das verdes selvas ... a rainha, /**

**sede eleita por Jove**), passa a acusá-la de ter sido mais dura com os seus – *i.e.* com os argivos (**Ter-se zangado contra os planos do teu povo**) – do que foi com Hércules, referindo-se ao assassinato do leão de Nêmea (4.827-8), o primeiro dos doze trabalhos do herói (sobre isso, cf. 1.355-6n). Não parece possível, porém, dizer que Nêmea irritar-se-ia com Hércules pela morte do leão, uma vez que, enviado por Juno, o monstro mais assolava a região do que cumpria alguma função que, após sua morte, pudesse voltar contra Hércules os bosques Nemeus.

**826. SEDE ELEITA POR JOVE:** por causa de um notório templo dedicado ao deus na região, como o descreve Pausânias (*Paus.* 2.15.2).

**829-30. TER-SE ZANGADO CONTRA OS PLANOS DO TEU POVO / BASTA:** diz por causa da sede, ainda referindo-se diretamente à região de Nêmea, uma vez que seus habitantes também estão entre aqueles que marcham contra Tebas (cf. 4.145-64n).

**830-43. E TU, NADA AFEITO A SER ... TROPAS QUEIRAS DISTINGUIR:** a fala do herói endereçada a Langia é de tom oposto àquela que remete a Nêmea. No início, em tom encomiástico, refere-se ao rio (cf. 4.824-43n; 4.824n) exaltando a perenidade de suas águas como uma qualidade quase divina (4.830-6), passando a compará-lo a outros famosos rios de modo a afirmar sua superioridade (4.837-9). Na sequência, oferece a ele honrarias divinas (4.839-40) caso novamente os aceite em suas águas ao retornarem triunfantes da guerra (4.841-3). Para as semelhanças com a prece de Eneias ao Tibre e às Ninfas, cf. o trecho citado em 4.824-43n.

**831. Ó CORNÍGERO:** o vocativo constrói-se com basa na imagem dos rios como dotados de chifres – para o assunto, cf. 2.217-8n sobre o termo **bicorne**, aplicado ao Rio Ínaco.

**832. SEGUE FAUSTO:** segue propício, volumoso. **ONDE QUER QUE A FRIA BOCA ABRAS:** refere-se à nascente do rio, onde quer que ela esteja.

**833. Ó TÚMIDO IMORTAL:** o passo é ambíguo, pois pode referir-se tanto à perenidade e ao volume das águas de Langia, como também à sua divindade e à soberba, que se manifesta pela inexpugnabilidade e a prevalência em relação a outros afamados flumes (cf. 4.833-9 e comentários *ad loc.*).

**833-6. O BRANCO INVERNO AS ... NÃO TE VENCEM, VAIS:** ressalta a força de Langia, que verte água por si própria, indiferente a outras formas de obtê-la – seja pelo derretimento da neve (4.833-4), por ser alimentada por outras fontes por meio da evaporação (4.834-5) ou mesmo pelas chuvas (4.835) – e também à influência dos astros (cf. 4.836n).

**835. O ÍRIS NÃO DÁ:** fala do arco-íris, visto aqui como um sinal de chuva – como em Ovídio

(*Met.* 1.271): *concipit Iris aquas alimentaque nubibus adfert* ("toma Íris as águas e alimento às nuvens leva"); e Lucano (4.80-2): *arcus uix ulla uariatus luce colorem / Oceanumque bibit raptos-que ad nubila fluctus / pertulit et caelo defusum reddidit aequor* ("o Arco-Íris, a custo multicor no escuro; / e ele sorveu o Oceano, e às nuvens seu refluxo / trouxe, e do céu o mar transfuso devolveu" – trad. Brunno Vieira). **DO CAURO:** vento noroeste, formador de chuva.

**836. OS ASTROS NÃO TE VENCEM:** é certo que Baco fez com que Langia ficasse imune ao Sol e a Canícula (cf. respectivamente 4.689-90n; 4.691-2n), mas o chefe faz a afirmação baseado nas informações passadas por Hipsípile, que disse ser a fonte isenta da influência de Câncer e de Canícula (cf. respectivamente 4.776n; 4.777n).

**837-9. NEM APOLÍNEO LÁDON ... LICORMAS / TE EXCEDEM:** o herói faz um breve catálogo de rios que, embora afamados, não são capazes de superar Langia (**nem ... te excedem**): o **Ládon**, um rio da Arcádia constantemente apontado como o pai de Dafne – donde dizê-lo, então, **Apolíneo** (cf. 4.279-80n; 4.289n); o **Xanto**, um rio da Lícia onde havia um templo dedicado a Apolo; o **Esperqueu**, da Tessália – dito **minaz** por ser caudaloso; e o **Licormas**, na Etólia, posteriormente chamado Eveno, onde Hércules matou o centauro Nesso – por isso, então, **Centáureo**.

**840. AS FESTAS MESAS:** as "mesas festivas" – *i.e.*, de festivais.

**841. PRIMEIRO HONRAS A JOVE:** a frase pode soar irônica para o leitor, que já sabe que Júpiter decidiu-se por destruir tanto Tebas como Argos (cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*). **FRUÍDA A GUERRA:** em latim, *bellis ... ouantes*. É dizer "por nós vencida a guerra".

**843. AS SALVAS TROPAS QUEIRAS DISTINGUIR:** pede que o rio reconheça, na volta (4.841), as tropas **salvas**, vendo Langia, então, como protetora dos argivos que ora recebe em suas águas.

# COMENTÁRIOS AO CANTO V

**1-16. EXPULSA A SEDE O RIO ... VERANEAR JÁ AS CONTENTA:** após os votos do general argivo a Langia, que encerram o canto quarto (cf. 4.824-43 e comentários *ad loc.*), a narrativa continua presa às tropas por entre a selva de Nêmea, acompanhadas por Hipsípile. Diferentemente dos outros cantos, então, não há, aqui, mudança de cena ou indicação de passagem de tempo, e a história continua do ponto onde havia parado. Ora, descreve-se como a água fez voltar aos argivos o vigor e os ímpetos belazes (5.3-6), provocando também, assim, o retorno à ordem e à hierarquia militar (5.7-9). Ao fim, a retomada da marcha é comparada ao voo das aves que fogem das chuvas sobre o Nilo (5.9-16), trazendo à tona duas imagens anteriormente trabalhadas: a do próprio Nilo (cf. 4.705-10n) e a de aves que simbolizam os exércitos em guerra (cf. 3.499-565 e comentários *ad loc.*). Sobre isso, confira os comentários *ad loc.*

**1. EXPULSA À SEDE O RIO:** ainda de acordo com o belicismo da investida dos argivos sobre as águas de Langia (cf. 4.707-823n; 4.803n), fala como se as águas tivessem derrotado a sede que sentiam. Continua chamando Langia, anteriormente apresentada como uma fonte, de rio (cf. 4.824n). **ESTRUÍDO O FLUVIAL CURSO:** seja porque os homens e os animais destruíram as encostas do leito de Langia (4.819-20), seja porque hiperbolicamente alega terem bebido toda sua água (4.816-7).

**2. O FLUME, MENOR:** seja porque, ao saírem todos de dentro do rio, o volume de suas águas pareceu ter diminuído, seja por ter diminuído por causa da quantidade de água que os homens e os animais beberam (cf. 4.816-7; 5.1n).

**3-6. ATROZ ASSOLA O CAMPO ... DO PRÉLIO OS JUÍZOS:** vencida, então, a sede (5.1), homens e animais tornam a experimentar o ardor bélico (**o ardor da cruenta / guerra**) em seu peito, como se o tivessem bebido junto com as águas de Langia.

**3. O PINGO:** "o cavalo". **O INFANTE:** o soldado da infantaria, que marcha à pé (em latim, *pedes*).

**6. MAGNOS DO PRÉLIO OS JUÍZOS:** refere-se às grandes decisões a serem tomadas durante o combate. Sua mente, então, voltou a se ocupar dos assuntos de guerra, agora que a sede findou.

**7-16. EM TURMAS OUTRA VEZ ... VERANEAR JÁ AS CONTENTA:** após recuperarem as forças, as tropas se recompõem conforme as rígidas normas para a formação do exército (**da ordem rígida / na lei**). Uma vez que sede foi vencida, a normalidade é reestabelecida, e o traço bélico das tropas, manifestado durante a invasão de Langia (cf. 4.707-823n; 4.803n), ora resume-se à

disposição das coortes em fileiras organizadas (**Em turmas outra vez dispostos**). O passo ecoa o início do canto terceiro da *Ilíada* – especialmente no que diz respeito à ordem das tropas, a elementos que compõem os símiles envolvidos e aos sons que produzem, destacando-se a poeira que seu avanço causa –, momento em que os troianos, em Homero, se aprestam para aguardar a chegada dos gregos, que marcham rumo às portas de Troia (Hom. *Il.* 3.1-14) – as comparações serão feitas *ad loc.*

**7-8. Em turmas outra vez dispostos, da ordem rígida / na lei, ante a seu posto e a seu chefe:** após a desordem provocada pelo desespero à que os levou a sede, os homens, saciados, retomam suas posições conforme a hierarquia e a disposição das fileiras. Compare com Homero, sobre as tropas troianas quando do encontro com os gregos (*Il.* 3.1): *αὐτὰρ ἐπεὶ κόσμηθεν ἅμ' ἡγεμόνεσσιν ἕκαστοι* ("Depois de todos alinhados juntamente com os chefes" – trad. Frederico Lourenço).

**9-10. Então, com o pó a terra / sobe:** retomada a marcha, o andar dos homens e animais enchem novamente Nêmea (cf. 4.464-8), fazendo com que a terra se levante em forma de pó – como os gregos, em Homero, ao aproximarem-se das tropas troianas (*Il.* 3.10-4): *εὖτ' ὄρεος κορυφῇσι Νότος κατέχευεν ὀμίχλην / ποιμέσιν οὔ τι φίλην, κλέπτῃ δέ τε νυκτὸς ἀμείνω, / τόσσόν τίς τ' ἐπιλεύσσει ὅσον τ' ἐπὶ λᾶαν ἵησιν· / ὣς ἄρα τῶν ὑπὸ ποσσὶ κονίσαλος ὄρνυτ' ἀελλὴς / ἐρχομένων· μάλα δ' ὦκα διέπρησσον πεδίοιο* ("Tal como quando o Noto derrama nos cumes das montanhas / a bruma que aos pastores não agrada, mas que ao ladrão / é mais propícia que a noite, pois apenas se consegue ver / a distância do arremesso de uma pedra – / assim se levantou um turbilhão de pó sob os pés / dos que marchavam; e depressa atravessaram a planície" – trad. Frederico Lourenço).

**10. e as selvas transmitem o brilho das armas:** se outrora ardiam-lhes as armas não somente porque refletiam o sol, mas porque tornaram-se quentes por sua causa, sendo difícil continuar as carregando (cf. 4.723n), ora o destaque recai em seu brilho e em como era possível vê-las por entre a selva – tanto por sua quantidade, como por seu esplendor.

**11-4. Qual sobre o mar ... veranear já as contenta:** o símile contrasta a retomada da marcha pelos argivos após a seca com o revoar dos pássaros no Nilo, fugindo das chuvas que lhe avolumam o fluxo. As tropas já foram comparadas a aves durante a ornitomancia realizada por Anfiarau (cf. 3.3.499-565 e comentários *ad loc.*). Agora, são comparadas aos grous (as **roucas ... coortes**) que, durante a seca, permanecem no Egito, mas dirigem-se para o norte com a chegada das chuvas (sobre a migração dos grous, cf. Cic. *N. D.* 2.123-5). O modelo para o passo

é certamente homérico, quando o poeta compara o barulho das tropas troianas àquele feito pelos corvos que levantam voo fugindo das chuvas do inverno (*Il.* 3.2-7): *Τρῶες μὲν κλαγγῇ τ' ἐνοπῇ τ' ἴσαν ὄρνιθες ὡς / ἠΰτε περ κλαγγὴ γεράνων πέλει οὐρανόθι πρό· / αἵ τ' ἐπεὶ οὖν χειμῶνα φύγον καὶ ἀθέσφατον ὄμβρον / κλαγγῇ ταί γε πέτονται ἐπ' ὠκεανοῖο ῥοάων / ἀνδράσι Πυγμαίοισι φόνον καὶ κῆρα φέρουσαι· / ἠέριαι δ' ἄρα ταί γε κακὴν ἔριδα προφέρονται* ("os Troianos levantaram um grito como se fossem pássaros: / era como o grito dos grous que ressoa do céu, / quando fogem ao inverno e às desmedidas tempestades / e com gritos se lançam no voo até as correntes do Oceano, / para trazerem aos Pigmeus o destino e a morte, / levando através do ar a hostilidade maléfica" – trad. Frederico Lourenço).

Virgílio também usa os grous como símbolo de barulho, comparando o som de dardos lançados aos céus com o das aves alçando voo para fugir de Noto (*A.* 10.264-6): *tela manu iaciunt, quales sub nubibus atris / Strymoniae dant signa grues atque aethera tranant / cum sonitu, fugiuntque Notos clamore secundo* ("dardos disparam aos centos, tal como entre nuvens espessas / grous do Estrimônio com grande algazarra, ao sinal do comando / o éter ruidoso repartem, fugindo de Noto violento" – trad. Carlos Alberto Nunes).

**11. GUARDADAS PELA AMENA FAROS:** sobre Faros, cf. 4.709-10n.

**11. ROUCAS ... COORTES:** refere-se aos grous, aves comumente evocadas na poesia por causa de seu crocito (cf. 5.11-4n).

**14. A CAMPOS E ÁGUAS SOMBRA:** tamanha a sua quantidade, que, ao voar, os grous fazem sombra sobre o mar e os campos. **IMPÉRVIO:** inacessível aos outros animais e também aos homens.

**15. BÓREAS:** o vento que sopra do norte, frio e violento – cf. 1.160n.

**16. NO HEMO NU:** monte da Trácia. Para Lactâncio (*ad loc.*), diz **nu** porque carece de árvores; Amar-Lemaire (*ad loc.*), por outro lado, seguindo Barthius (*ad loc.*), afirma que o adjetivo se deve ao derretimento da neve: fugindo do inverno, faz sentido que os grous migrem em direção ao calor – vide **veranear** (em latim, *aestiuare*), na sequência do verso.

**17-27. POR GRUPO IGUAL DE ... O ASPECTO LÂNGUIDO:** Adrasto interroga Hipsípile sobre sua origem (5.23-4), retomando o assunto sobre seu pai (5.25), que a própria já fizera questão de abandonar (cf. 4.772-4). A pergunta de Adrasto, intensificada após a réplica de Hipsípile (5.40-7), dá origem à narrativa que ocupa a maior parte do canto (5.48-498) sobre a história das mulheres de Lemno (cf. 5.48-498n).

**17. POR GRUPO IGUAL DE NOBRES OUTRA VEZ RODEADO:** a figura de Adrasto (o **rei Taláonide** – 5.18)

se assemelha à de Hipsípile, que, ao guiar os argivos até Langia, era por eles circundada (cf. 4.798-9 e comentários *ad loc.*). Ao contrário do que ocorreu naquele momento, porém, ora, já reestabelecida a ordem dos guerreiros (cf. 5.7-9 e comentários *ad loc.*), são **nobres** aqueles que o circundam – referindo-se, provavelmente, aos outros generais, e não à tropa toda.

**18. O REI TALÁONIDE:** Adrasto, porque é filho de Tálao (cf. Quadro 3, p. 442).

**19. NA HASTE DE POLINICES AO SEU LADO ESTEANDO-SE:** "apoiando-se na lança de Polinices, que dele está próximo". O cansaço de Adrasto foi referido já no início do catálogo de heróis (cf. 4.38-40 e comentários *ad loc.*).

**20-7. QUEM QUER QUE SEJAS ... O ASPECTO LÂNGUIDO:** por fim, Adrasto interroga Hipsípile para que revele sua origem – seu pai, especificamente (5.25). A pergunta parece retomar e desenvolver a fórmula Homérica *τίς πόθεν εἰς ἀνδρῶν* (*e.g. Il.* 21.150; *Od.* 1.170: "quem és tu e donde vens?"), também utilizada por Virgílio (*e.g. A.* 1.369-70: *sed uos qui tandem, quibus aut uenistis ab oris, / quoue tenetis iter?* – "mas vós, enfim, quem sois, de que terras viestes, / p'ra onde partis?").

**21. À QUE POR FADO AS VÁRIAS COORTES DEVEM:** acertadamente diz **por Fado**, uma vez que as decisões de Baco quanto aos eventos que ora ocorrem em Nêmea parecem ser limitadas e determinadas pelo destino dos argivos: não devem morrer ali, então o deus apenas atrasa seu avanço para que os tebanos consigam preparar-se para o prélio.

**22. HONRA QUE O PRÓPRIO PAI DOS DEUSES NÃO ENJEITA:** refere-se à quantidade de coortes (**várias** – em latim, *innumeras* – 5.21) em débito com Hipsípile: tantos são os homens, que ao próprio Jove agradaria ser por elas honrado.

**23. FEBRIS:** em latim, *alacres*. Pode ser traduzido como "alegres", mas, dado o contexto em que é utilizada (cf. 2.201n), preferiu-se traduzi-la por **febris**, em referência ao **ardor** bélico que tornou ao ânimo dos guerreiros (cf. 5.4-6). A palavra ocorre cinco vezes no poema, sempre indicando esse ardor (1.425; 2.201; 5.23; 7.288 – *ite alacres, numquam uestri morientur honores*, "febris marchai, jamais morrerão vossas honras"; e 12.648 – *ite alacres tantaeque precor confidite causae*, "febris marchai, e as causas, eu peço, deixai").

**24. QUAL TERRA E LAR:** cf. 5.20-7n. **DE QUE ASTROS TRAGASTE TUA ALMA:** baseado na crença estoica de que a alma humana descende dos astros celestes (cf. 2.62-3n). É outra forma de perguntar sobre a origem de Hipsípile.

**25. E AQUELE PAI?:** retoma Adrasto a fala de Hipsípile que ela mesma recusou-se a completar

(4.772-4) – por isso, o pronome **aquele**.

**25-7. Os numes, pois, de ti ... o aspecto lânguido:** Adrasto continua a retomar os assuntos levantados por Hipsípile sobre sua origem: embora a **Fortuna** não a acompanhe (cf. 4.770-2), diz que os **numes** não estão dela distantes, como a própria já os informara (cf. 4.769). Por isso conclui ser **maior** (*i.e.* "mais nobre") no rosto de Hipsípile **o sangue**, e refere-se à **dignidade** (*reuerentia*, em latim) que **exala** de sua feição.

**27. aspecto lânguido:** diz **lânguido** ("abatido") pelos mesmos motivos que levaram o narrador a apontar-lhe, no canto quarto, sua **bela tristeza** (cf. 4.740n).

**28-39. Lamenta, e um pouco incertas ... ao vosso rei Licurgo:** a resposta de Hipsípile à primeira indagação de Adrasto dá mostras de seu infortúnio, pois que são mencionados *en passant* o horror ocorrido em Lemno (5.30-4) e o destino de seu pai (5.34-6). Nesse ponto, porém, novamente Hipsípile interrompe o discurso por entender que a história somente atrasaria os soldados em sua missão (5.36-7 *apud* 4.774n), satisfazendo-se em revelar o nome de seu pai (5.38) e sua condição de escrava (5.39) – já sugerida em 4.771-2.

**28. um pouco incertas:** isto é, "vacilantes" – por despertarem-lhe a lembrança de seu sofrimento, Hipsípile hesita ante as palavras que profere. **em pranto modesto:** para que não se desfaça a dignidade de seu aspecto (5.27). Suas ações sempre denotam nobreza (cf. 4.800n).

**29-30. "imensas chagas, chefe, / ordenas que eu reabra:** o início da fala de Hipsípile retoma as palavras de Eneias no paço de Dido quando, incitado pela rainha, começa a narrativa dos infortúnios de Troia (Verg. *A.* 2.3): *infandum, regina, iubes renouare dolorem* ("uma dor infanda, ó rainha, ordenas que eu renove"). As **imensas chagas** de Hipsípile, que retomam e potencializam a *dor infanda* de Eneias tornando-a física, preparam a audiência para a história por vir, envolvendo um série de crimes nefastos que ocorreram em Lemno sob tutela divina (cf. 5.49-498 e comentários *ad loc.*). As relações entre Hipsípile e Eneias, porém, vão além disso.

De acordo com Ganiban (2007, p. 71-3), a personagem cumpre uma agenda específica no poema. Sendo a única manifestação da *pietas* em meio à barbárie que ocorre na ilha de Lemno (cf. 5.30-6n), Hipsípile encarna a mais valiosa virtude do herói virgiliano, mas torna-se imagem do *nefas* por causa da morte de Ofeltes, por quem deveria zelar (cf. 5.628: **cumpri, Lemno, teu nefas**): por conta disso, então, a rainha escravizada simboliza a inadequação da *pietas* no universo da *Tebaida*, a impossibilidade de sua sobrevivência em um mundo dominado pelo nefas (2007, p. 71) – de uma maneira diferente, portanto, do que ocorre com a narrativa

de Lino e Corebo, cuja principal função é oferecer uma imagem da *pietas* que se contraponha ao nefas que reina no poema (sobre isso, cf. 1.557-668n).

**30-6. Erínias, Lemno, a breve ... pai, a única, / ocultou:** resume Hipsípile os eventos ocorridos em Lemno e que precederam a chagada dos argonautas. Em resumo, conta (5.49-498) que, por não ter sido honrada pelo povo, Vênus decidiu vingar-se das habitantes da ilha para que padecessem de uma dor semelhante à sua. Para isso, surgiu em sonho a Polixo, após despertar nos homens de Lemno o desejo pela guerra, e fez com que a anciã incitasse suas conterrâneas a assassinar todos os homens da ilha como uma vingança pelo tempo que passaram longe e pelos prováveis divertimentos amorosos com as mulheres da Trácia, povo contra o qual guerreavam. Depois do morticínio, que se deu logo que os homens retornaram para casa, Hipsípile, tendo disfarçado Toas como fosse a estátua de Baco, fê-lo fugir, poupando-lhe a vida. Para uma abordagem mais detalhada da história, cf. 4.49-498n.

**30. Erínias:** por terem assassinado seus maridos, filhos e pais, as Erínias certamente atormentaram as lêmnias após o massacre (cf. 5.30-6n) – sobre as Erínias, cf. 1.52n.

**30-1. a breve / leito armas postas:** diz **breve** porque a matança ocorreu na mesma noite em que os homens de Lemno voltaram para casa, logo após terem adormecido por causa do vinho e da comida à larga preparados pelas mulheres (cf. 5.170-264).

**31-2. homens por espadas ímpias / mortos:** são **ímpias** as **espadas** porque erguidas pelas mulheres contra seus próprios maridos, filhos, pais e irmãos (cf. 5.30-6n).

**33. Ó infaustas, vós, às quais furor foi dado!:** interpela as lêmnias, cuja fúria contra os homens foi dada por Vênus. Como em Virgílio, quando Eneias inflama à luta os jovens guerreiros (*A.* 2.355): *sic animis iuuenum furor additus* ("assim, ao ânimo dos jovens o furor foi adicionado"). **Ó noite:** a noite em que os homens foram assassinados (cf. 5.30-6n).

**34-6. Aquela eu sou ... pai, a única, / ocultou:** com o horror do crime cometido pelas lêmnias em sua mente (cf. 5.30-6n) e crendo-se de antemão manchada pela fama horrenda ao revelar Lemno como sua terra de origem, o que poderia causar vergonha nos argivos por terem recebido acolhida bondosa de uma mulher, então, nefasta, Hipsípile primeiro se afirma como diferente das demais habitantes da ilha dizendo ser **a única** que escondeu, e não matou, seu próprio pai. Glosa: "para que a vós não envergonhe a minha hospitalidade benigna, digo que eu sou a única que poupou o próprio pai".

**36-7. Por que teço o mal em ... presto a grande ação:** novamente (cf. 4.774n) Hipsípile inter-

rompe a narrativa preocupada em atrasar os argivos em seu objetivo – opondo-se, então, às intenções de Baco (cf. 4.677n).

**38. o alto Toas:** é dizer "o nobre Toas". Filho de Ariadne e Baco, era o rei de Lemno quando do massacre (cf. 5.306n). É o primeiro momento em que Hipsípile nomeia seu pai. Relutante em revelar sua origem por conta do horror e das lembranças que a terra natal lhe trazem, a personagem assemelha-se a Polinices quando recém-chegado ao paço de Adrasto (cf. 1.465-7 e comentários *ad loc.*).

**39. cativa, eu sirvo ao vosso rei Licurgo:** sobre Licurgo, cf. 4.742n – não confundir com Licurgo da Trácia (cf. 4.386n). Diz **cativa** por ter sido vendida a Licurgo depois de ser sequestrada por piratas após a partida dos argonautas de Lemno (cf. 5.486-98n).

**40-7. Ouvem-na atentos e maior ... entregue a lidas tais:** Adrasto insiste em interrogar Hipsípile para que conte sua história. Ao contrário do primeiro momento em que se encontraram, quando abrasados pela seca enviada por Baco, ora alega o rei dispor de tempo para ouvi-la, dadas as dificuldades em cruzar Nêmea com tão grandes tropas (5.44-5).

**40-1. maior semelha, e honrada, / par de amplo feito:** as palavras de Hipsípile parecem despertar ainda mais a curiosidade dos argivos, que passavam a vê-la como ainda mais nobre (**maior**) do que haviam pressuposto, digna de um **amplo feito**.

**41-2. neles, por saber-lhe a queda / vindo o amor:** em latim, *cunctis tunc noscere casus / ortus amor*. Ganiban (2007, p. 73) compara, a essa afirmação do narrador estaciano, o julgamento que Eneias faz sobre as ânsias de seu público em Virgílio, quando afirma que Dido e os seus estão ansiosos por ouvir-lhe os relatos de Troia (*A.* 2.10): *sed si tantus amor casus cognoscere nostros* ("mas, se é tamanho o amor por saber nossa queda"). Segundo o autor, a diferença na voz que afirma o anseio pela história – em Virgílio é Eneias quem fala; em Estácio, o próprio narrador – assegura a efetividade do modo pelo qual Hipsípile atraiu a atenção dos homens para a sua narrativa. Pressupõe Ganiban, então, uma intenção por trás das recusas de Hipsípile em falar sobre seu passado (cf. 4.774n; 5.36-7n): despertar a curiosidade dos argivos.

Não há, porém, como afirmar essa interpretação, uma vez que faltam elementos textuais que assegurem tal leitura – e mesmo o fato de ter deixado Ofeltes sozinho por sobre a relva (cf. 4.778-85 e comentários *ad loc.*) para guiar os exércitos até Langia, bem como a afirmação do narrador, que a diz **imêmore** do jovem enquanto contava suas desventuras aos chefes (5.511), e o seu lamento por ter-se dele esquecido (5.611-2; 5.626-7), fazem crer que Hipsípile

não tensionava contar sua história. Antes, porém, é bastante provável que sua recusa denuncie, mesmo, o horror que lhe causam as lembranças de sua terra natal, o que aumenta ainda mais os traços nefastos da história que narrará na sequência. Há de se destacar, também, a influência de Baco no episódio.

**43-7. "SEGUE, ENQUANTO AS FILEIRAS ... ENTREGUE A LIDAS TAIS":** as palavras com que Adrasto incita Hipsípile para que prossiga com sua narrativa ecoam as palavras que Dido escolhe para incentivar Eneias a narrar as desditas de Troia (*A.* 1.753-6): *'immo age, et a prima dic, hospes, origine nobis / insidias,' inquit, 'Danaum, casusque tuorum, / erroresque tuos; nam te iam septima portat / omnibus errantem terris et fluctibus aestas'* ("segue e, desde o princípio, hóspede, nos conta / dos Dânaos as insídias', diz, 'dos teus as quedas / e os erros teus; pois, ora, a ti mantém, seteno, / errando pelas terras e mares, o estio"). Os temas da narrativa também se assemelham, mas com uma diferença importante: conforme ressalta Ganiban (2007, p. 74), Adrasto não destaca somente os infortúnios da história de Hipsípile, como o faz Dido com Eneias (*supra*), mas invoca também o seu ato heroico (**as glórias**), por ela já anunciado (cf. 5.34-6n). Assim, então, o chefe traria à tona a tensão entre o nefas e a *pietas* que atravessa a história de Hipsípile e corresponde ao principal motivo pelo qual, na visão de Ganiban, ela seria aqui tão detalhadamente relatada: oferecer uma imagem de *pietas* em um mundo dominado pelo nefas, bem como da impossibilidade de sua existência nesse mundo (cf. 5.29-30n).

**44-5. NÃO É FÁCIL TRANSPOR ... E INELUTÁVEL SOMBRA:** retoma Adrasto o tópico sobre a dificuldade de se atravessar Nêmea com um grande exército, já formulada em 4.646-8 (cf. comentários *ad loc.*).

**45. OCULTA EM COMA E INELUTÁVEL SOMBRA:** refere-se a Nêmea, tomada por densa floresta (**coma**) e por uma **inelutável sombra**. Resultado da densidade das árvores, é certo, essa sombra invencível parece contrastar com o calor e a seca que assolou os homens em meio ao bosque nemeu. Trata-se, porém, mais de uma referência às selvas fechadas da região (seus **densos bosques** – 4.647) e à consequente escuridão, do que ao frescor e ao refúgio oferecidos por uma sombra em meio ao sol a pino. Conforme explica Barthius (*ad loc.*), diz **inelutável** para referir-se à dificuldade que os homens têm de vencê-la para abrir caminho.

**49-498. O EGEU NEREU PRESSIONA ... TROUXE A ESTA COSTA:** Hipsípile começa a narrativa sobre os eventos ocorridos em Lemno, os quais culminaram em sua chegada em Nêmea. A história de como Vênus incitou as lêmnias a matarem seus cônjuges, filhos, pais e irmãos (5.49-334), porém, bem como aquela envolvendo a chegada dos argonautas à ilha e sua permanência ali

(5.335-498), já foram contadas por Apolônio de Rodes (*A. R.* 1.609-909) e Valério Flaco (*V. Fl.* 2.78-430). Os dois eventos que compõem o episódio, contudo, foram tratados de maneiras diferentes por esses autores, a começar já pelo espaço dedicado a cada um deles: em Apolônio de Rodes, apenas 22 versos do total de 301 do episódio são dedicados aos acontecimentos que antecederam a chegada dos argonautas à ilha; em Valério Flaco, a vingança de Vênus e a chacina passam a abranger a maior parte de narrativa, ocupando 215 versos do total de 353 do episódio. Estácio, por sua vez, destina 299 dos 450 versos do episódio à vingança de Vênus e à chacina, e somente 151 falam sobre a chegada e a permanência dos argonautas em Lemno. Não somente assim, contudo, diferenciam-se os autores, uma vez que as ênfases dadas por cada um deles, bem como os eventos escolhidos para compôr a passagem, são variados. A seguir, é apresentado um quadro (Quadro 5) comparativo dos eventos descritos por cada autor; os comentários sobre as passagens foram feitos *ad loc.*:

| **Apolônio de Rodes (*A. R.* 1.609-909)** | **Valério Flaco (*V. Fl.* 2.78-430)** | **Estácio (*Theb.* 5.49-498)** |
|---|---|---|
| A chacina dos lêmnios (1.609-30) | Os argonautas chegam a Lemno (2.78-96) | Descreve a falta contra Vênus (5.49-84) |
| As mulheres avistam os argonautas (1.630-9) | Vênus deseja vingança (2.96-106) | Polixo convoca uma assembleia (5.85-103) |
| Hipsípile aceita receber os homens (1.640-52) | Vênus trama sua vingança (2.107-34) | Polixo propõe o crime às lêmnias (5.104-29) |
| Hipsípile fala às lêmnias (1.653-66) | A Fama incita as lêmnias (2.135-61) | Polixo reitera a proposta (5.129-42) |
| Polixo fala às lêmnias (1.667-96) | As lêmnias se enfurecem (2.162-9) | As lêmnias firmam seu acordo (5.143-63) |
| Hipsípile envia a mensageira (1.697-707) | Vênus/Dríope incita as lêmnias (2.170-85) | Apóstrofe de Hipsípile (5.164-9) |
| Fala a mensageira aos argonautas (1.708-16) | Ocorre a chacina dos homens (2.186-241) | Os homens retornam à ilha (5.170-205) |
| Jasão se prepara para deixar o navio (1.717-73) | Hipsípile salva Toas (2.242-305) | Hipsípile descreve algumas mortes (5.206-35) |

| | | |
|---|---|---|
| Jasão chega à cidade (1.774-92) | Hipsípile assume o trono de Lemno (2.306-10) | Hipsípile ajuda Toas a cruzar a urbe (5.236-64) |
| Hipsípile fala a Jasão (1.793-833) | As lêmnias avistam a Argo (2.311-21) | Baco surge e Toas foge (5.265-95) |
| Jasão responde a Hipsípile (1.834-41) | Polixo defende receber os homens (2.321-5) | As lêmnias queimam seus mortos (5.296-325) |
| Os argonautas ficam em Lemno (1.842-67) | Os argonautas são recebidos (2.326-35) | Surge o arrependimento (5.326-34) |
| Hércules censura os companheiros (1.868-74) | Hipsípile fala aos argonautas (2.335-45) | Atacam os argonautas na praia (5.335-430) |
| Despedem-se as lêmnias (1.875-87) | Hipsípile recebe Jasão (2.346-50) | Desembarcam em paz os homens (5.431-44) |
| Despede-se Hipsípile (1.888-98) | Os deuses detém ali os argonautas (2.351-69) | Os argonautas são aceitos na urbe (5.445-58) |
| Despede-se Jasão (1.899-909) | Hércules censura os companheiros (2.370-84) | Hipsípile fala sobre Jasão (5.459-67 |
| Os argonautas deixam Lemno (1.910ss.) | Os argonautas preparam a partida (2.385-99) | Os argonautas decidem partir (5.468-75) |
| ----- | Hipsípile fala a Jasão (2.400-9) | Os argonautas deixam Lemno (5.476-85) |
| ----- | Hipsípile dá a manta a Jasão (2.410-7) | As lêmnias descobrem sobre Toas e Hipsípile é sequestrada (5.486-98) |
| ----- | Hipsípile implora a Jasão (2.418-24) | ----- |
| ----- | Os argonautas deixam Lemno (2.425-30) | ----- |

*Quadro 5: Comparação entre os eventos da ilha de Lemno em Apolônio de Rodes, Valério Flaco e Estácio*

**49-56. o Egeu Nereu pressiona ... fere o espúmeo Egeu:** Hipsípile começa a fala localizando Lemno. Em Apolônio de Rodes, como em Valério Flaco, os episódios envolvendo a ilha também são precedidos por uma descrição geográfica, na qual é possível observar algumas se-

melhanças especialmente quanto às referências utilizadas. Apolônio, por exemplo, diz (*A. R.* 1.601-8): *ἦρι δὲ νισσομένοισιν Ἄθω ἀνέτειλε κολώνη / Θρηικίη, ἣ τόσσον ἀπόπροθι Λῆμνον ἐοῦσαν / ὅσσον ἐς ἔνδιόν κεν ἐύστολος ὁλκὰς ἀνύσσαι, / ἀκροτάτῃ κορυφῇ σκιάει καὶ ἐσάχρι Μυρίνης. / τοῖσιν δ' αὐτῆμαρ μὲν ἄεν καὶ ἐπὶ κνέφας οὖρος / πάγχυ μάλ' ἀκραής, τετάνυστο δὲ λαίφεα νηός· / αὐτὰρ ἅμ' ἠελίοιο βολαῖς ἀνέμοιο λιπόντος, / εἰρεσίῃ κραναὴν Σιντηίδα νῆσον ἵκοντο* ("Bem cedo, surgiu Atos diante deles, monte / Trácio, que embora fosse tão longe de Lemnos / quanto percorre a nau mercante em meio dia, / tal pico inda sombreia, longe até Mirina. / Até a noite, naquele dia, um vento bom / soprou forte, esticando a vela do navio. / Mas ao tombar do sol, co' o abandonar do vento, / remando foram 'té a rochosa Lemnos Síntia" – trad. Vinicius Barth); e Flaco (*V. Fl.* 2.72-9): *iamque sub Eoae dubios Atlantidis ignes / albet ager motisque truces ab ouilibus ursi / tuta domosque petunt, raras et litus in altum / mittit aues, cum primus equis erexit anhelis / Phoebus Athon mediasque diem dispersit in undas. / certatim remis agitur mare rostraque cursu / prima tremunt et iam summis Vulcania surgit / Lemnos aquis* ("Já sob a tíbia luz da aurora, o campo aclara-se; / ursos ferozes, os redis deixando, buscam / tocas e abrigo; a praia envia ao mar as aves / quando, primeiro, co' os corcéis arfantes, Febo / despertou o Atos e espargiu nas ondas luz. / Remos no mar porfiam; treme a proa ao curso; / à flor das águas a Vulcânia Lemnos surge" – trad. Márcio Meirelles).

**49. o Egeu Nereu:** sobre Nereu, cf. 3.409-10. É dizer "o mar Egeu".

**50-1. do Eta ignífero lasso, o Mulcíbero / respira:** refere-se a Vulcano (o **Mulcíbero**), que foi criado em Lemno – sobre isso, cf. 2.269n. Diz **do Eta ignífero lasso** porque o Monte Etna, na Sicília, é tido como o local onde estavam encravadas as oficinas de Vulcano (cf. 1.458n).

**51-2. Com ampla sombra, seu vizinho a terra / Atos cobre e com imagem do luco ao mar tolda:** "próximo dali, Atos veste a terra com sombra ingente e tolda o mar com a imagem da floresta". **Atos** é um monte localizado ao sul da península Calcídica, na Macedônia. É constantemente referido na poesia por causa de seu tamanho e de seus bosques (cf. 5.49-56n). Aqui, também por isso, Hipsípile diz que sua sombra **cobre** a terra até as proximidades de Lemno, e que o reflexo (a **imagem**) de seus bosques obscurece (**tolda**) o mar.

**55. Samo:** ou Samos, é uma ilha do mar Egeu (cf. 1.261n). **Delos soante:** ilha do Mar Egeu onde nasceram Apolo e Diana (cf. 1.573n). De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), diz **soante** por causa de oráculos localizados na ilha, mas pode simplesmente referir-se ao marulho.

**56. ou às que, várias, fere o espúmeo Egeu:** aquelas várias ilhas cujas costas são banhadas pelas águas do mar Egeu – diz **fere** para ressaltar a força das ondas do mar contra a costa.

**57-60. Talar casas aos deuses ... as Penas correm:** junto a uma breve digressão sobre a manifestação da dor nos deuses, Hipsípile apresenta o motivo pelo qual Vênus se decidiu por vingar-se de Lemno: a ausência de honras junto a seus altares e de moradas para si na ilha (cf. 5.58-9n). Também indicam a falta de sacrifícios como a causa da ira de Vênus Apolônio de Rodes (*A. R.* 1.614-5): *ἐπεὶ χόλος αἰνὸς ὄπαζε / Κύπριδος, οὕνεκά μιν γεράων ἐπὶ δηρὸν ἄτισσαν* ("os escoltava o atroz rancor / de Cípris, pois há muito a ela não honravam" – trad. Vinicius Barth); e Valério Flaco (*V. Fl.* 2.98-101): *contra Veneris stat frigida semper / ara loco, meritas postquam dea coniugis iras / horruit et tacitae Martem tenuere catenae. / quocirca struit illa nefas* ("Pelo contrário, o altar de Vênus sempre é frio, / dês que a deusa tremeu por justa ira do esposo / e subjugaram Marte as ocultas correntes. / Ela, por isso, engendra um crime" – trad. Márcio Meirelles). Flaco, porém, torna explícito o motivo pelo qual os habitantes deixaram de prestar honras à deusa: a traição de Vulcano com Marte – sobre isso, cf. 2.269-70n e 2.270-1n. Por ser, então, o local onde Vulcano foi criado depois de ter sido arrojado dos céus por Júpiter (cf. 2.269n), os moradores da ilha negavam-se a prestar honras a Vênus, que decidiu vingar-se de tal desleixo. Apolônio (cf. *supra*) e Estácio (5.58-60) apenas citam a ausência, desde há muito, das honras à deusa: aquele, empregando a construção *ἐπὶ δηρὸν* (*epí dērón* – "pois há muito"); este, com a afirmação de que **em lento flume, as Penas correm** no peito dos deuses.

Ao contrário de seus antecessores, contudo, Estácio não inclui o ciúme como um dos afetos que influenciaram as lêmnias em sua vingança – exceto por uma menção feita por Polixo, mas que não pode ser atribuída diretamente a Vênus (cf. 5.142). Apolônio de Rodes deixa claro que, ao lado do "atroz rancor / de Cípris", o ciúme das cativas trácias trazidas por seus maridos para Lemno tornou insaciável o desejo de vingança das mulheres da ilha (*A. R.* 1.611-9): *δὴ γὰρ κουριδίας μὲν ἀπηνήναντο γυναῖκας / ἀνέρες ἐχθήραντες, ἔχον δ' ἐπὶ ληιάδεσσι / τρηχὺν ἔρον, ἃς αὐτοὶ ἀγίνεον ἀντιπέρηθεν / Θρηικίην δῃοῦντες· ἐπεὶ χόλος αἰνὸς ὄπαζε / Κύπριδος, οὕνεκά μιν γεράων ἐπὶ δηρὸν ἄτισσαν. / ὦ μέλεαι ζήλοιό τ' ἐπισμυγερῶς ἀκόρητοι· / οὐκ οἷον σὺν τῇσιν ἑοὺς ἔρραισαν ἀκοίτας / ἀμφ' εὐνῇ, πᾶν δ' ἄρσεν ὁμοῦ γένος, ὥς κεν ὀπίσσω / μή τινα λευγαλέοιο φόνου τείσειαν ἀμοιβήν* ("Pois tendo rejeitado as esposas legítimas, / execrando-as, desejo bruto tinham pelas / cativas, que eles despojavam do outro lado, / pilhando a Trácia; os escoltava o atroz rancor / de Cípris, pois há muito a ela não honravam. / Ó, miseráveis! Insaciadas de ciúmes, / não somente os maridos com elas mataram / na cama, mas os homens todos, p'ra que não / houvesse no futuro a paga do massacre" – trad. Vinicius Barth).

Valério Flaco também traz à tona o ciúme das cativas trácias, mas atribui o despertar do afeto ao estratagema de Vênus, fazendo com que as habitantes da ilha, embora ainda selvagens em seu comportamento, semelhem "mais decorosas" (VESSEY, 1973, p. 172) do que as descritas por Apolônio (*V. Fl.* 2.127-34, em que Vênus ordena à Fama que espalhe o ciúme entre as Lêmnias): *uade age et aequoream, uirgo, delabere Lemnon / et cunctas mihi uerte domos, praecurrere qualis / bella soles, cum mille tubas armataque campis / agmina et innumerum flatus cum fingis equorum. / adfore iam luxu turpique cupidine captos / fare uiros carasque toris inducere Thressas. / haec tibi principia, hinc rabidas dolor undique matres / instimulet. mox ipsa adero ducamque paratas* ("Eia, vai, Virgem, debelar a equórea Lemnos, / verte-me as casas e antecede, como sóis, / as guerras quando crias nos campos mil trombetas, / tropas armadas e o resfolgo dos cavalos. / Dize que os homens chegarão, presos por luxo / e cupidez, para levar ao leito as trácias. / Principia, e que a dor instigue as mães raivosas. / Logo estarei presente e, as guiarei, já prontas" – trad. Márcio Meirelles).

**57. Talar casas aos deuses deu-se:** "apresentou-se aos deuses a ideia de destruir as casas dos homens." Inicialmente, Hipsípile apresenta o motivo da vingança de Vênus como uma escolha arbitrária dos deuses. Já na sequência, porém, ela mesma a justifica: **e culpa ao peito / nosso não falta**.

**58. a Vênus fogo algum sagramos:** a ideia do fogo, ausente dos altares de Vênus, também é apresentada por Valério Flaco (*V. Fl.* 2.98 *apud* 5.57-60n).

**59. morada alguma à deusa:** como esclarece Lactâncio (*ad loc.*), por causa do adultério de Vênus, que traiu Vulcano com Marte, e por Lemno ser a terra onde Vulcano passou sua infância, seus habitantes não ofereciam abrigo à deusa – cf. 5.57-60n –, no sentido de que seu culto não era bem vindo entre as famílias lêmnias.

**59-60. às vezes, move a célios / imos a dor e em lento flume as Penas correm:** Hipsípile atribui o desejo de vingança de Vênus a uma característica dos deuses: às vezes, a dor afeta-lhes o peito (os **imos**), fazendo com que as **Penas** corram em um **lento flume**. Aos poucos, então, e em um processo lento, arrojam-se aos deuses as Penas, ora entendidas como a personificação da vingança e do castigo – não se referem, portanto, ao monstro enviado por Apolo com a intenção de vingar as mortes de Psâmate e Lino (cf. sobre isso 1.578n).

**61-9. Deixa a deusa a anciã ... a gente do fiel cônjuge:** descreve a ação de Vênus sobre Lemno e sobre as mulheres. No início (5.61-4), mostra como ela se desvincula de seus símbolos mais comuns (o templo de Pafos, a aparência e os cabelos, a cinta nupcial e suas aves, as pombas –

cf. comentários *ad loc.*), assumindo, na sequência, a aparência e o modo de agir das Fúrias (5.64-9 – cf. comentários *ad loc.*) e desfazendo-se do povo **do fiel cônjuge** (cf. 5.69n). Valério Flaco também descreve a ação de Vênus sobre a ilha e as casas de Lemno. Sem preocupar-se com a transformação da deusa do amor em Fúria, porém, Flaco descreve Vênus já com uma tocha à mão (sobre a relação entre a tocha e as Fúrias, cf. 1.123-30n), acompanhada por seu séquito infernal (*V. Fl.* 2.196-215): *ipsa Venus quassans undantem turbine pinum / adglomerat tenebras pugnaeque accincta trementem / desilit in Lemnon. nimbis et luce fragosa / prosequitur polus et tonitru pater auget honoro. / inde nouam pauidas uocem furibunda per auras / congeminat, qua primus Athos et pontus et ingens / Thraca palus pariterque toris exhorruit omnis / mater et adstricto riguerunt ubere nati. / accelerat Pauor et Geticis Discordia demens / e stabulis atraeque genis pallentibus Irae / et Dolus et Rabies et Leti maior imago / uisa truces exserta manus, ut prima uocatu / intonuit signumque dedit Mauortia coniunx. / Hic aliud Venus et multo magis ipsa tremendum / orsa nefas gemitus fingit uocesque cadentum / inrupitque domos et singultantia gestans / ora manu taboque sinus perfusa recenti / arrectasque comas: 'meritos en prima reuertor / ulta toros, premit ecce dies.' tum uerbere uictas / in thalamos agit et cunctantibus ingerit enses* ("A própria Vênus, sacudindo a undosa tocha, / pronta p'ra luta, ajunta as trevas e se arroja / sobre Lemnos, que treme. Em nuvens e relâmpagos / o Céu a segue e co' o trovão o Pai a alteia. / Então, furiosa, novos gritos pelos ventos / redobra e o Atos e o Oceano e da Trácia / o mar imenso, e mesmo as mães, nos leitos, tremem; / e no regaço estreito os filhos se enregelam. / A Discórdia e o Pavor dos estábulos guéticos / e a Raiva negra, em faces pálidas, se apressam, / e o Dolo, as Iras e, da Morte a grã figura / mostrando as mãos cruéis ao primeiro chamado, / quando a mavórcia amante ouviu-se e deu sinal. / A preparar infâmia ainda mais tremenda / Vênus imita os ais e os gritos dos que morrem; / invade as casas: u'a cabeça estertorante / leva na mão, de cruor recente os seios sujos / e a coma desgrenhada: "Eis-me a voltar vingada / do leito. A hora chega"! E, vencidas co' o golpe, / à cama as lança e põe a espada em mãos que tremem" – trad. Márcio Meirelles).

**61. A ANCIÃ PAFOS E O CENTO DE ALTARES:** Pafos é o uma cidade no Chipre, consagrada a Vênus, onde se diz ter a deusa nascido – por isso, então, a centena de altares por lá erguidos. Sobre a relação entre Vênus e a cidade, cf. 4.300n. Como em Virgílio (*A.* 1.415-7): *ipsa Paphum sublimis abit, sedesque reuisit / laeta suas, ubi templum illi, centumque Sabaeo / ture calent arae, sertisque recentibus halant* ("ela, enquanto isso, pelo éter librando-se atira-se a Pafos, / onde a morada revê, jubilosa com um cento de altares / a que o perfume sabeu e festões variegados enfeitam" – trad. Carlos Alberto Nunes).

**62. SEM FACE OU MECHAS DE ANTES:** "sem a aparência e os cabelos de antes". Flaco (*V. Fl.* 2.212-3 *apud* 5.61-9n) também se refere à aparência alterada da deusa, com os cabelos desgrenhados.

**62-3. PERDIDA SUA CINTA / NUPCIAL:** o cinto de Vênus, que seria dotado de poderes amorosos – sobre isso, cf. 2.283-4. A ausência do cinto é bastante significativa, uma vez que a deusa se assoma contra Lemno justamente para destruir-lhe as famílias, fazendo com que as mulheres ergam a espada contra os próprios maridos e parentes. Segundo Lactâncio (*ad loc.*), o cinto foi construído com todos os encantamentos das núpcias e da cupidez, sendo então utilizado para enlaçar em matrimônio os casais.

**63. AO LONGE ENVIADAS SUAS AVES DA IDÁLIA:** o último símbolo do qual Vênus se desfaz são as pombas, aves consagradas à deusa. A **Idália** é uma montanha do Chipre (cf. 5.61n).

**64-7. UMAS HÁ AS QUAIS ... TARTÁREAS / RELATAM:** "há pessoas que contam terem visto Vênus voando junto com as Irmãs Tartáreas entre as camas das lêmnias, trazendo consigo armas maiores e fogos diferentes". Hipsípile reporta o que diziam as próprias lêmnias: naquele momento, a deusa já teria infectado os leitos com armas e com um fogo outro que não o do Amor. É, pois, o início de seu plano contra os habitantes da ilha.

**65. FOGOS OUTROS:** que não o das chamas do Amor e do desejo. **ARMAS MAIORES:** maiores que as do Amor, pode-se pensar, pois que seriam utilizadas para provocar a morte dos cônjuges.

**66. AS IRMÃS TARTÁREAS:** as Fúrias, agentes da vingança – cf. 1.52n. (LACTÂNCIO) "Há as que dizem ter visto Vênus com as Fúrias. E muito bem e filosoficamente, quase de modo obscuro, o poeta menciona aqui que as fúrias se conectam com o amor, seguindo Virgílio (*G.* 3.244): *in furias ignemque ruunt: amor omnibus idem* ["caem em fúrias e fogo: o amor é o mesmo a todos"]. As coisas, então, são unidas pelo amor como costumam sê-lo pelo furor. O que é, pois, a volúpia de Vênus, se não uma mera insânia? Vênus, então, é dita, pelo fogo, a esposa de Vulcano, assim como de Marte pelo fogo e pelo furor. Por causa disso, qual Fúria armada com uma tocha de fogo, é distinguida."

**67-8. QUE OS ARCANOS DAS CASAS COM TORSAS / SERPES ENCHERA:** as serpentes, que habitam por todo o crânio das Fúrias (cf. 1.103-4n), também são por elas utilizadas para espalhar o furor – sobre isso, cf. 1.123-30n.

**68. A TODAS AS PORTAS:** há disputa entre os editores com relação ao trecho. Lesueur, Klotz, e Bailey imprimem *nupta ... limina* ("os umbrais nubentes"); Amar-Lemaire, Mueller e Hall, *cuncta ... limina* ("todos os umbrais"). Porque *nupta ... limina* se trata de uma construção de di-

fícil interpretação, à qual nem mesmo os comentadores mais antigos se dedicaram, a leitura *cuncta ... limina* parece mais condizente com o passo, em que se relata a ação de Vênus e das Fúrias em todas as casas da ilha – motivos pelos quais foi, aqui, adotada.

**69. SEM COMOVÊ-LA A GENTE DO FIEL CÔNJUGE:** refere-se aos lêmnios, cujo vínculo com Vulcano, o esposo de Vênus, deu-se após ter sido o deus arrojado do Olimpo por Júpiter (cf. 2.269n).

**70-6. DE LEMNO, Ó AMORES TENROS ... ATROZ BATER NA GUERRA:** Hipsípile passa a descrever as consequências que a intervenção de Vênus e das Fúrias junto às casas provocou: a ausência das obrigações amorosas entre homens e mulheres, bem como da concordância entre o casal (5.70-4), e os desejos de guerrear contra os trácios e devastar-lhes as cidades (5.75-6). Ora, a guerra surge como um dos passos do plano de Vênus, como parece sugerir Apolônio de Rodes falando sobre os homens da ilha (*A. R.* 1.614-5): *ἐπεὶ χόλος αἰνὸς ὄπαζε / Κύπριδος* ("os escoltava o atroz rancor / de Cípris" – trad. Vinicius Barth).

Em Valério Flaco, contudo, a guerra parece independer dos planos da deusa, que dela simplesmente se aproveita para acender nas mulheres o ciúme (*V. Fl.* 2.107-16): *iamque dies aderat. Thracas qui fuderat armis / dux Lemni puppes tenui contexere canna / ausus et inducto cratem defendere tergo / laeta mari tum signa refert plenasque mouebant / armentis nuribusque rates (et barbara uestis / et torques insigne loci). sonat aequore clamor / 'o patria, o uariis coniunx nunc anxia curis, / has agimus longi famulas tibi praemia belli.', / cum dea se piceo per sudum turbida nimbo / praecipitat Famamque uaga uestigat in umbra* ("Chegava o dia. O capitão lêmnio que à Trácia / levara as armas e que ousara em tênue junco / urdir navios e de couro os recobrir, / traz pelo mar sinais alegres; naus seguiam, / cheias de reses e mulheres – vestes bárbaras, / joias vernáculas. Nas águas soam brados: / "Ó Pátria, ó esposa ora ansiosa de atenções, / trazemos servas para ti – prêmios de guerra!" / Quando, pelo ar, em nuvem negra, a turva deusa / arroja-se e procura, em incerta sombra, a Fama" – trad. Márcio Meirelles; para as ordens de Vênus à Fama, cf. 5.57-60n).

A outra consequência da intervenção da deusa, por sua vez, diferencia-se tanto da apresentada por Apolônio como por Flaco: em ambos os antecessores de Estácio, o ciúme foi difundido por Vênus entre as mulheres da ilha (sobre isso, cf. 5.57-60n). Aqui, porém, a reação das esposas advém muito mais da ausência do Amor carnal, o de Vênus portanto (cf. 2.283-4n), em suas casas – um motivo que se repetirá durante o discurso de Polixo (cf. 5.85-142 e comentários *ad loc.*). Ora, o que parece estar em questão é a ação do *furor* sobre as lêmnias, uma tentativa de mostrar que tanto os homens como as mulheres podem ser vítimas da loucura.

Na *Tebaida*, contudo, de acordo com Vessey, "[...] enquanto, nos homens, o impulso de insanidade geralmente floresce de um desejo ardente pelo poder e pela glória, entre as mulheres de Lemno a causa básica é sexual" (1973, p. 179). Com isso, então, e ainda conforme Vessey (1973, p. 179), Estácio cria um paralelo entre o massacre em Lemno e a disputa entre Polinices e Etéocles, tornando a tragédia na ilha um exemplo dos efeitos terríveis do furor em uma comunidade humana. Além disso, a manifestação desse furor entre as habitantes de Lemno reforça o paralelo entre as ações de Vênus e das Fúrias, já indicado por Lactâncio (cf. 5.66n) e utilizado tanto por Estácio como por Valério Flaco para descrever os meios pelos quais a deusa interferiu entre as mulheres, nelas acendendo uma fúria contra os seus esposos, seus descendentes e seus demais parentes homens (cf. sobre isso 5.61-9n).

**70. Amores tenros:** a qualificação dos Amores que fugiram de Lemno como **tenros** deve-se tanto à afetuosidade quebrada por Vênus como às futuras núpcias com os argonautas, prometidas pela deusa (**elos melhores**, 5.138). Embora ela mesma os diga **melhores**, porém, é certo que estão fadados a um fim abrupto, visto que os argonautas se obrigam a retomar seu caminho, abandonando suas novas esposas (5.468-85). Pode-se ter em mente, ainda, a relação que se estabelecerá entre Hipsípile e Jasão, da qual nascerão os filhos que a própria Hipsípile chamará de **monumentos de um leito forçado** (5.463).

**71. Hímen silente:** Hímen, ou Himeneu, é o deus das núpcias. Como primeira consequência da fuga dos **Amores tenros** (cf. 5.70n), o silêncio do deus representa o silêncio do próprio casal. **inversas tochas:** "tochas invertidas". Refere-se às tochas com que se celebram os enlaces matrimonias, como durante o casamento das filhas de Adrasto (cf. 2.259n). De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), as tochas são invertidas, isto é, são colocadas com as chamas viradas para baixo, para que o fogo se extinga – simbolizando a extinção do próprio casamento.

**71-2. frios cuidados / de leito justo:** a última das consequências da fuga dos Amores de Lemno é a ausência das relações amorosas do casal em seu leito – dito **justo** ("legal") por ser leito nupcial. Não estão mais acesos, então, os cuidados do casal, mas frios. Sobre os traços eróticos da vingança de Vênus, cf. 5.70-6n.

**73-4. em tudo rude Ódio, / Furor e, em meio ao leito se pondo, Discórdia:** eis o séquito que acompanha Vênus e as Fúrias em sua jornada pelas casas lêmnias. Após a fuga dos **Amores tenros** (cf. 5.70n), deitam-se nas camas dos casais o **Ódio**, o **Furor** e a **Discórdia**. Compare com as personificações que acompanham Vênus em Valério Flaco (*V. Fl.* 2.204-6): *accelerat Pauor et Geticis Discordia demens / e stabulis atraeque genis pallentibus Irae / et Dolus et Rabies et Leti maior*

*imago* (“se apressa Pavor, e Discórdia demente, de Géticos / estábulos, e de faces palentes sevas Iras, / e Dolo e Raiva e, da Morte, a imagem maior”). Note-se também que os três afetos figuram como resultados da maldição de Édipo contra seus filhos: **furor**, 1.126; **ódio**, 1.127; e **discórdia**, 1.130 (VESSEY, 1973, p. 174, n. 2).

**77-80. Mesmo na praia os filhos ... da maré quebrando:** Hipsípile continua a narrativa, retomando os eventos que ela mesmo presenciara (cf. 5.64-7n). Ora, descreve a partida dos homens para a guerra contra os trácios, habitantes das terra continentais ao norte e ao nordeste da ilha. A descrição é feita de modo a ressaltar ainda mais a força com que se inculcou nos homens a decisão de invadir as terras estrangeiras, apelando, para isso, para as relações familiares que eles deixaram na praia ao partirem (**contra suas casas** e **seus filhos**). Essas mesmas relações, contudo, serão destruídas pelas lêmnias.

**77-9. Mesmo na praia ... Arturo / é sofrer:** “mesmo que contra as suas famílias, estando os seus filhos parados na praia, é mais doce aos homens sofrer os frios da Edônia e o Arcturo, que oprime.” A comparação põe em relação a busca pela guerra ao norte, região castigada pelo frio (cf. 5.78n), e a família. Tamanha foi a força com que Vênus os atingiu, que os homens preferiram a guerra, ainda que em tais condições. Cf. também 5.77-80n.

**78. os frios Edônios:** do Édon, um monte da Trácia, parte do Hemo (cf. 1.275-6n). **premente Arturo:** “Arturo, que oprime”. Fala do frio típico das terras ao norte. Sobre Arturo, cf. 1.18n.

**79-80. ou pós-prélio, enfim, em muda noite / ouvir os bruscos choques da maré quebrando:** outra situação que os lêmnios preferiram em detrimento de suas casas e filhos (cf. 5.77-80n; 5.77-9n): gozar o silêncio noturno, quando se ouvem as ondas chocando-se nas rochas, depois de passar o dia guerreando contra os inimigos.

**81-4. Mas tristes elas ... a seva Trácia miram:** fala da tristeza das lêmnias após a partida dos homens para a guerra. Suas ações resumiram-se a dizer palavras de conforto umas às outras durante um choro contínuo e a olhar em direção à Trácia. Na sequência, a tristeza será transformada por Vênus, tendo Polixo como sua intermediária, em um ódio nefasto (cf. 5.85-163).

**81-2. livre, pois, de tais cuidados / velavam-me a inocência e a idade:** naquele momento, Hipsípile não se preocupava com as questões que atormentavam as outras mulheres porque era virgem e ainda jovem para assuntos matrimoniais – por isso diz que a **inocência e a idade** a **velavam** (“guardavam, protegiam”). Vessey (1973, p. 181) faz uma consideração importante

sobre o fato: por ser virgem, Hipsípile não será afetada pelo furor que recairá, logo adiante, sobre as lêmnias. Sã em meio às outras habitantes da ilha, enlouquecidas pelo estratagema de Vênus, ela poderá ser, durante o massacre, a representante da *pietas* que deseja mostrar ser aos chefes argivos (cf. 5.34-6n).

**85-103. No entre da faina ... ao centro, audaz diz:** Hipsípile introduz a fala de Polixo às lêmnias (5.104-42), por meio da qual a anciã convencerá as mulheres a sacrificarem todos os homens da ilha. Diferentemente do que ocorre em Valério Flaco, portanto, onde é a própria Vênus, transformada em Dríope, quem incita as mulheres contra os homens (*V. Fl.* 2.170-85), Estácio faz com que uma personagem humana cumpra o papel de exortatriz em seu poema – uma criação sua, segundo Vessey (1973, p. 173). A personagem, contudo, em Apolônio de Rodes e em Valério Flaco, discursa às suas companheiras, mas para convencê-las a receber os argonautas na cidade e, mais do que isso, em seus próprios leitos (*A. R.* 1.667-96; *V. Fl.* 2.311-25). Ora, como defende Vessey (1973, p. 174-5), a função de Polixo é muito mais semelhante à de Édipo do que àquela que desenvolve nos outros poemas: por ser aquela que efetivamente faz com que se dissolva a *pietas* que mantém unidas as famílias – a mando de Vênus, é certo (5.132-42) –, ela está para os planos da deusa tal qual está Édipo para os planos de Júpiter contra Argos e Tebas: "Sem Édipo, as intenções de Júpiter não poderiam ter-se cumprido satisfatoriamente. Sem a ação de Polixo, não haveria razão pela qual os homens de Lemno não pudessem retornar para uma renovada harmonia com suas esposas. A loucura de Édipo é transmitida a seus filhos (cf. 1.123ss); a perturbação psicótica de Polixo é transmitida a suas compatriotas. Conforme seu discurso aproxima-se do fim, Polixo aponta para seus quatro filhos e comunica sua intenção de matá-los: **esses quatro [...] com o ferro transporei, dos irmãos pus e chagas / mesclando, e o pai, enquanto expiram, somarei** (5.125; 5.127-8). A relação entre essa decisão e o desejo de Édipo por destruir seus filhos é suficientemente óbvia. Sua maldição era, para todas as intenções e propósitos, um ato de homicídio tanto quanto o de Polixo. Exatamente quando ela faz seu voto horrendo, as lêmnias veem a frota retornando da Trácia; e Polixo aproveita sua oportunidade: **Deus, o ultor, às iras / os guia e ampara a empresa** (5.133-4). As palavras novamente nos levam ao canto primeiro, quando Júpiter chamou a si próprio o ultor (1.241). Polixo e Édipo são, ambos, os agentes da vingança divina, e aquela foi introduzida no mito de Lemno por Estácio para tornar mais próximo o paralelismo entre a narrativa de Hipsípile e a guerra tebana" (1973, p. 175).

**85-6. No entre da faina o Sol librava no alto Olimpo / ou detinha os luzentes corcéis:** ou seja,

durante o meio-dia, quando os cavalos que conduzem o carro de Apolo (o **Sol**) atingem o meio de seu trajeto (o **entre da faina**) – por isso diz que ali os equilibra ou os detém.

**86-8. QUATRO, NO ALVO / POLO, TROVÕES; NA GRUTA DO DEUS FÚMEO, QUATRO / LÍNGUAS DE FOGO:** naquele momento, então, soaram no céu quatro trovões, e na gruta de Vulcano, o **deus fúmeo**, alçaram-se quatro línguas de fogo: como explica Lactâncio (*ad loc.*), porque preferem os deuses os números ímpares (Verg. *Ecl.* 8.75: *numero deus impare gaudet* – "se apraz o deus com números ímpares"), os pares estão associados a maus agouros. Como em Virgílio, quando Eneias fala sobre a entrada do cavalo de madeira ofertado pelos gregos em Troia (*A.* 2.242-3): *quater ipso in limine portae / substitit atque utero sonitum quater arma dedere* ("por quatro vezes no umbral da porta / parou, no ventre um ruído quatro vezes as armas deram").

**88-9. MESMO AUSENTE O VENTO, EGEU / MOVEU-SE E PERCUTIU COM MAR INGENTE A PRAIA:** outro dos prodígios que antecedem a aparição de Polixo: o Mar Egeu, mesmo que sem o sopro dos ventos, lançava contra a praia suas águas avolumadas.

**90-1. DE PRONTO, ENTÃO, A VELHA POLIXO EM HORRENDAS / FÚRIAS SE ERGUE E, DEIXADO O LEITO, CORRE AVESSA:** na sequência dos prodígios (cf. 5.86-9 e comentários *ad loc.*), Polixo sai correndo de seu quarto – **avessa**, diz Hipsípile (cf. 5.91n). Como anteriormente mencionado (cf. 5.85-103), embora também apareça e discurse nas narrativas sobre Lemno de Apolônio de Rodes e Valério Flaco, somente aqui Polixo desempenha a função de convencer e exortar as mulheres contra os homens.

**91. DEIXADO O LEITO, CORRE AVESSA:** seguindo Lactâncio (*ad loc.*), pode-se pensar que a aversão de Polixo se manifesta com relação ao ato de abandonar seu leito. Barthius (*ad loc.*) cogita que, por estarem ausentes seus maridos, deve-se crer que as mulheres preferiam o conforto de suas casas ao convívio nos espaços públicos.

**92-8. QUAL, GUIADA PELO INSANO ... CLAMA O CONSÍLIO:** enquanto abandona sua casa e, clamando, convoca as conterrâneas para um consílio, Polixo é convenientemente comparada a uma bacante (**Teumésia Tíade** – cf. 5.92n) durante o frenesi de Baco (o **insano deus**): atormentada por Vênus durante a noite (cf. 5.134-40), a anciã fala às mulheres como se estivesse possuída por uma divindade. Compare-se o passo, por exemplo, à possessão da bacante em Tebas, no canto quarto (cf. 4.377-82 e comentários *ad loc.*), e ao comportamento de Dido, em Virgílio, ao saber da notícia da partida de Eneias (*A.* 4.300-3): *saeuit inops animi totamque incensa per urbem / bacchatur, qualis commotis excita sacris / Thyias, ubi audito stimulant trieterica Baccho / orgia nocturnusque uocat clamore Cithaeron* ("fora de si, se enraiva e, inflamada, por toda a cidade

/ delira, qual, pelas sacras acesas excitada, / a Tíade quando a estimulam as trietéris orgias, sendo ouvido Baco, / e o noturno Citéron com um clamor a convoca").

**92. Teuménsia:** do monte Teumeso, na Beócia, localizado entre Tebas e o Citéron. **Tíade:** outro dos nomes pelos quais referem-se às bacantes – do grego *θυιάς* (*thyiás*, "mulher inspirada, possuída").

**93. as sacras:** os rituais sagrados – ora, designa especificamente os Bacanais. **o buxo:** instrumento típico dos rituais de Baco – cf. 2.77n.

**94. do Ida:** do monte Ida, em Creta. **o Euã:** Baco – cf. 2.72n.

**95-6. a vista infusa em sangue / vibrante:** com os olhos avermelhados por causa do sangue, que vibra no corpo com o furor que a domina.

**99-102. Todas, logo, os tetos ... nos agrupamos / amontoadas:** também em Valério Flaco as lêmnias se agrupam em um consílio. Nele, porém, não há uma figura que as convoque, como Polixo, mas, logo após Eurínome ser inflamada pela Fama (*V. Fl.* 2.135-60) e sair pela cidade espalhando a nova às conterrâneas (*V. Fl.* 2.162-9), todas saem de suas casas e se agrupam para maldizer seus casamentos (*V. Fl.* 2.170-3): *prosiliunt nec tecta uirum thalamosque reuisunt / amplius, adglomerant sese nudisque sub astris / condensae fletus acuunt ac dira precantur / coniugia et Stygias infanda ad foedera taedas* ("Com pressa saem e não voltam mais às casas. / Sob astros nus se conglomeram, e assim juntas / o pranto incitam e praguejam contra as bodas / e contra as tochas infernais da união maldita" – trad. Márcio Meirelles).

**100. sumos montes de Minerva:** (Lactâncio) "No templo da deusa virgem, oportunamente todas as mulheres conjuram o homicídio dos maridos. Essa deusa, pois, parece condenar o matrimônio, contente com a virgindade."

**104-42. Grade feito, em razão ... Bístones consortes venham:** Polixo fala às lêmnias em consílio. Seu discurso, de tom deliberativo, pode ser dividido em dois momentos, entrecortados pela narrativa de Hipsípile (5.129-32). Na primeira parte (5.104-29), ela convoca as mulheres para dizer-lhes ter descoberto uma forma de aplacar os ânimos de Vênus: dedicar às próprias mágoas a mesma força que a deusa dedica às suas (cf. 5.110n). Antes de detalhar seu plano, porém, chama a atenção das companheiras para a falta que os homens fazem em suas vidas (5.111-7), evocando na sequência os mitos de Dânao e Procne (5.117-22) como uma primeira tentativa de validar sua ideia: se àquele foi permitido dar às filhas as armas com que assassinaram seus maridos na mesma noite do casamento (cf. 2.222n), e se a Procne foi dado

cozinhar o próprio filho e servi-lo em vingança ao marido (cf. 4.56n), por que, então, a elas não seria permitido vingar-se dos esposos pelo abandono das casas e dos casamentos? E antes mesmo de revelar-lhes o consentimento de Vênus com relação ao plano, afirma que será a primeira a executá-lo, matando seus quatro filhos e, tão logo ele retorne da guerra, seu marido (5.123-9).

Logo após Hipsípile contar aos chefes argivos que, em meio ao discurso de Polixo, foram avistadas as naus dos lêmnios que retornavam da guerra, as palavras de Polixo voltam a ocupar a narrativa, agora em tom mais exortativo, buscando convencer as conterrâneas, no pouco tempo que resta, a decidirem-se pela execução do plano. Para isso, logo após falar sobre a ciência dos deuses quanto à sua intenção (5.132-4), a anciã narra às companheiras a aparição de Vênus durante seu descanso, na qual a deusa a teria incitado ao crime (5.134-40). No fim de seu discurso (5.140-3), busca exortar-lhes o ânimo uma última vez, sugerindo a chegada de novas esposas junto com seus maridos.

Como já dito, em Estácio o motivo pelo qual se exasperam as mulheres contra os homens, a ausência do Amor carnal em suas casas, é diferente daquele apresentado por Apolônio de Rodes e por Valério Flaco – a saber, o ciúme das escravas trácias trazidas pela frota (sobre isso, cf. 5.70-6n). Nisso, então, o discurso de Polixo difere dos presentes em Flaco, onde tanto a Fama, assumindo as feições de Nereida (*V. Fl.* 2.135-61), como Vênus, passando-se por Dríope (*V. Fl.* 2.170-85), incitam as mulheres ao crime baseando-se principalmente nesse sentimento. Assim, como Nereida, fala a Fama a Eurínome, dizendo saber que, junto com seus maridos, vêm as escravas, pelas quais serão preteridas as esposas legítimas (*V. Fl.* 2.142-50): *'utinam non hic tibi nuntius essem, / o soror, aut nostros' inquit 'prius unda dolores / obruat, in tali quoniam tibi tempore coniunx / sic meritae, uotis quem tu fletuque requiris, / heu furit et captae indigno famulatur amore. / iamque aderunt thalamisque tuis Threissa propinquat, / non forma, non arte colus, non laude pudoris / par tibi. nec magni proles praeclara Dorycli, / picta manus ustoque placet sed barbara mento* ("Quem dera, irmã, não fosse eu tal mensageira / ou que antes uma onda as dores nos ruísse, / porquanto neste instante o homem por quem clamas / com promessas e pranto, assim tão meritória, / se enlouquece e ao amor vulgar de escrava serve. / Já chegarão; e de teu leito se aproxima / u'a trácia que em beleza, em virtude ou pudor / não se compara a ti; não é prole doricla, / mas, bárbara, seduz co'o queixo e mão marcados" – trad. Márcio Meirelles). Sem mencionar a vingança – ao contrário de Polixo, que a sugere referindo-se às atitudes das Danaides e de Procne (5.117-22) –, a Fama primeiro desperta em

Eurínome o ciúme, deixando para Vênus (*infra*) a função de animar-lhes à vingança.

Na sequência, então, Vênus, falando entre as lêmnias com a feição de Dríope, reforça a ideia das amantes trácias para, finalmente, sugerir uma punição (*V. Fl.* 2.176-84): *Sarmaticas utinam fortuna dedisset / insedisse domos tristesque habitasse pruinas, / plaustra sequi uel iam patriae uidisse per ignes / culmen agi stragemque deum. nam cetera belli / perpetimur. mene ille nouis, me destinat amens / seruitiis? urbem aut fugiens natosque relinquam? / non prius ense manus raptoque armabimus igne / dumque silent ducuntque noua cum coniuge somnos, / magnum aliquid spirabit amor?* ("Quem dera a Sorte me deixara ter morado / em lar sarmácio e ter vivido os tristes frios, / ou levada num carro, o templo pátrio visto / tomado em fogo e o fim dos deuses. Já sofremos / outros combates! Como um louco, a que tarefas / ele me envia? Deixarei, fugindo, os filhos? / Não armaremos com espada e tocha as mãos? / E enquanto dormem com as noivas, algo horrível / o Amor não instará?" – trad. Márcio Meirelles). Dessa forma, a fala de Vênus se distingue da segunda parte do discurso de Polixo, em que, buscando convencer suas conterrâneas, a anciã diz ter sido instruída pela própria deusa quanto ao que fazer: em Flaco, é a própria Vênus quem fala às mulheres. Porém, tal como o faz Polixo em Estácio (5.123-8), entrega seus próprios filhos – os de Dríope – ao sacrifício (*V. Fl.* 2.184-5): *tunc ignea torquens / lumina praecipites excussit ab ubere natos* ("Girando olhos ardentes, / lançou do seio, de cabeça, ao chão os filhos!" – trad. Márcio Meirelles).

Deve-se destacar, ainda, que o assassinato dos filhos parece dar-se, em Valério Flaco, por um motivo bastante específico, ausente no texto estaciano: protegê-los de uma vida constantemente ameaçada pelas madrastas trácias (*V. Fl.* 2.153-5 – em que a Fama fala a Eurínome): *me tua matris egens damnataque paelice proles / exanimat, quam iam miseros transuersa tuentem / letalesque dapes infectaque pocula cerno* ("Sem mãe, teus filhos me consternam, perseguidos / pela mulher que de soslaio os contemplando / já imagino; e as refeições envenenadas" – trad. Márcio Meirelles). Flaco apresenta, assim, um motivo que, por um lado, pode amenizar a atrocidade da decisão das lêmnias, mas que, por outro lado, torna Vênus ainda mais cruel, pois que, se aproveitando do instinto de proteção materno dessas mulheres, faz com que matem os próprios filhos.

**104. POR SOPRO ETÉREO:** em latim, *instinctu superorum*. Isto é, "por inspiração divina". Polixo não trata o crime a ser cometido como um erro humano, mas como um **grande feito** que, por causa da **dor**, foi inspirado pelos deuses – Vênus, especificamente.

**105. OS ÂNIMOS FIRMAI E O SEXO ESQUECEI!:** Amar-Lemaire (*ad loc.*) explica a exclamação de Polixo

como um pedido para que as lêmnias deixem de lado as "fraquezas femininas" e assumam, para o crime, os "ânimos viris"; mas, embora não se possa excluir completamente essa leitura, é mais provável que ela esteja vinculada à execução de um **grande feito** (5.104) do que de um "crime" – palavra ausente do discurso da anciã. A ideia da inferioridade do sexo feminino, afirmada pela primeira vez no poema quando da descrição da descendência de Adrasto (**Ausente o melhor sexo, em femínea estirpe / vingou** – 1.393-4), será retomada na sequência, surgindo logo após a recepção hostil dos argonautas pelas próprias lêmnias: após sinais divinos que as fazem suspender o ataque contra os nautas, diz-se que **tornou o sexo aos peitos**, fazendo crer que as mulheres não são propícias para a guerra. E outra vez, no canto sexto, buscando expor o vigor das éguas de Admeto, o narrador diz que "seu sexo desprezam e todas / centram Vênus na força" (6.334-5).

**106. VIÚVAS:** Lactâncio (*ad loc.*) entende o uso do termo (*uiduae*, em latim) como uma forma de explicitar a dor que as mulheres sentiam em relação à ausência de seus maridos: embora não fossem de fato viúvas, pois que os homens ainda estavam vivos, a distância lhes causava a mesma dor que se estivessem mortos. Amar-Lemaire (*ad loc.*), por sua vez, vê a escolha da palavra por Polixo como uma forma de aumentar ainda mais o furor das conterrâneas contra os homens: embora ainda não sejam de fato viúvas, assim parecem, pois que o abandono por parte deles traz o mesmo sofrimento que a morte traria. Deve-se acrescentar a essas duas leituras, porém, uma terceira, em que o termo é visto como um prenúncio do **grande feito** (5.104) a ser proposto pela anciã: o assassinato dos homens da ilha.

**106-8. SE A VÓS DESGOSTA ... LUTO ESTÉREIS ANOS:** elenca Polixo as principais consequências da ausência dos homens na ilha, ou pelo menos aquelas que mais atingiam as mulheres: suas casas vazias (**inanes**), a vergonhosa negligência dos jovens (**a infame incúria**) e os anos infecundos passados em um **longo luto**. No passo, e nos versos que se seguem (5.109-17), Vessey (1973, p. 180) destaca o jogo que Polixo faz "[...] com as tensões sexuais que foram construídas durante um longo período de abstinência forçada e não natural." Sobre o assunto, cf. 5.70-6n; 5.104-42n.

**107-8. DOS FLORIDOS JOVENS / A INFAME INCÚRIA:** refere-se Polixo à negligência com que os jovens, em plena mocidade (**floridos**), tratam as questões que os cercam.

**108. EM LONGO LUTO ESTÉREIS ANOS:** é dizer "em luto eterno passar os anos sem ter do matrimônio os frutos". Barthius (*ad loc.*) lê a passagem como referência à troca das esposas legítimas pelas escravas trazidas da Trácia pelos homens. Até esse ponto, porém, Polixo não apontou

essa possibilidade, e só vai se referir a ela, e de modo ligeiro, no final de seu discurso (5.142). Por esse motivo, pode-se entender que, tal como o uso de **viúvas** (cf. 5.106n), o **longo luto** tanto se refere à forma como já sofrem com a ausência dos maridos as lêmnias, como prevê o seu futuro – que nem se cumprirá, uma vez que, após os assassinatos, os argonautas chegam à ilha e se juntam às nativas (cf. 5.335-485).

**109-10. ACHEI, AFIRMO, COMO ... / VÊNUS SER RENOVADA:** Lactâncio, Barthius e Amar-Lemaire (*ad loc.*) entendem o uso de **Vênus** como uma referência ao próprio Amor, pelo que Polixo estaria dizendo, então, ter encontrado uma forma de renovar, entre elas, o Amor – *i.e.*, encontrar outros maridos. A leitura faz sentido se considerarmos que a própria Vênus prometeu a Polixo, em sua aparição, novos e melhores casamentos para as lêmnias (cf. 5.136-8), mas essa não é a única possível. A anciã pode estar-se referindo, também, à relação da deusa com a ilha, já que, agindo conforme os desejos de Vênus, poderiam as mulheres ressignificar sua ligação com a terra em que seu marido foi criado – sobre isso, cf. 2.269n.

**109. E NÃO SE ALHEIAM NUMES:** "e os numes não estão alheios a isso". Garante Polixo, assim, a participação e a aprovação dos deuses (cf. 5.109-10n).

**110-1. A MESMA FORÇA ÀS MÁGOAS / DEDICAI:** para que consigam o seu objetivo (cf. 5.109-10n), devem, então, dedicar às suas mágoas a mesma força (*robur*, em latim) que Vênus dedica às dela – sobre a energia que os deuses dedicam às suas mágoas, cf. *esp.* 4.670-8n, em que se fala sobre o ódio de Juno em relação a Eneias, e o de Poseidon em relação a Odisseu.

**112. BRANQUEIA O TERÇO INVERNO:** por causa da neve. Começava, então, o terceiro inverno desde a partida dos homens para a Trácia – dois anos já completos, portanto.

**112-3. QUEM TEVE CONÚBIO / OU DO LEITO A SECRETA HONRA?:** refere-se ao concúbito legítimo, entre o casal, no segredo do quarto.

**114. VIU LUCINA OS TRABALHOS DE ALGUÉM:** Lucina é a divindade que preside os partos – sobre a deusa, cf. 3.158-9n. É dizer: "nesse tempo, alguém deu à luz?".

**115-6. E OS JUSTOS MESES QUE VOTOS VIBRANDO / ENCHERAM?:** os **justos meses** referem-se ao tempo de gestação, que os **votos** das mulheres **encheram** – uma metáfora *ab inclusis*, diz Lactâncio (*ad loc.*), pois que os ventres, e não os votos, enchem os meses de gestação.

**116-7. DE, EM PAZ, AVES E FERAS SE UNIREM / DEU-SE O USO!:** "foi dado o costume de que tanto as aves se unissem, como as feras". Somente Barthius (*ad loc.*) comenta a passagem, lendo nela uma reclamação de Polixo por ter-lhes sido negado o amor pelo qual deu-se a possibilidade

de os animais se unirem uns aos outros – prática essa que, como ressalta Barthius, existe por causa de Vênus (*Lucr.* 1.17-20): *denique per maria ac montis fluuiosque rapacis / frondiferasque domos auium camposque uirentis / omnibus incutiens blandum per pectora amorem / efficis ut cupide generatim saecla propagent* ("por fim, pelos mares e montes e rios rapaces, / e frondíferas casas de aves e campos verdejantes, / incutindo no peito de todos o brando amor, / fazes com que, com desejo, por espécie propaguem as gerações").

**117-9. Pode ultrices armas ... mergulhar dos jovens:** como argumento para convencê-las a agirem depressa, Polixo evoca a história das danaides, as filhas de Dânao, que receberam do pai como presente de casamento um punhal e a incumbência de assassinar seus esposos antes mesmo da consumação do casamento na noite de núpcias – para maiores detalhes, cf. 2.222n.

**117-8. Graio / pai:** Dânao – cf. 2.222n.

**119. em sangue o salvo sono mergulhar dos jovens:** porque foram mortos por suas esposas enquanto dormiam – cf. 2.222n.

**120. e somos nós um povo inerte?:** se mesmo o **Graio / pai** armou suas filhas contra os indesejados maridos (cf. 2.222n), seremos nós, as lêmnias, um povo que não se apressa à vingança?

**120-2. Se atos próprios ... cozendo ao marido:** Procne, esposa de Tereu, que matou o próprio filho e o serviu em um jantar ao marido, para vingar-se de Tereu por ele ter-se deitado à força com sua irmã, Filomela (sobre isso, cf. 4.56n).

**120. Se atos próprios:** diz **próprios** porque Procne, filha do rei Pandíon de Atenas, casou-se com Tereu, rei da Trácia. O exemplo de Procne, portanto, é mais próximo de Lemno do que o de Dânao (cf. 5.117-9).

**121. a esposa Ródope:** o Ródope é um monte localizado na Trácia. É dizer, então, "Trácia".

**122. da união, por si, vingada:** da união forçada entre Filomela, sua irmã, e Tereu, seu marido, da qual vingou-se por si própria – cf. 4.56n.

**123-9. Imune ao crime, a vós ... mortes traz o peito?:** Polixo, adiantando-se a um possível questionamento sobre o seu sacrifício, responde dizendo que matará seus quatro filhos, **conforto e orgulho do pai**, e, em seguida, o próprio marido – trata-se, então, de uma antipófora: a resposta a uma objeção feita por si própria, ou antes de que alguém a faça.

**126. embora em pranto ao colo grudados prossigam:** (Lactâncio) "Para que demonstre a gran-

de dificuldade em obrigar-lhes um tal crime, tornando-se ainda mais cruel, diz sentir-lhes afeto."

**127-8. COM O FERRO TRANSPOREI, DE IRMÃOS PUS E CHAGAS / MESCLANDO:** a imagem de irmãos mortos faz lembrar a morte dos tespíadas durante a monomaquia de Tideu (cf. 2.629-43 e comentários *ad loc.*), e adianta a de Polinices e Etéocles ao final da poema (cf. 3.133-68n).

**129-32. E EXORTA AS DEMAIS ... A SORTE / POLIXO E ITERA:** Hipsípile descreve a aproximação da frota lêmnia, que, do templo de Minerva (cf. 5.100n), elas veem se achegando – uma coincidência que Polixo não deixa passar sem dela se aproveitar para convencer as mulheres.

**132-4. A SI NOS CHAMANDO ... E AMPARA A EMPRESA:** aproveitando a conveniência do retorno dos homens naquele exato momento, Polixo alega tratar-se de um sinal de anuência divina – por isso pergunta, pois, se elas fugirão enquanto os deuses (os **súperos**) as convocam.

**134-5. NADA VÃ A IMAGEM / EM MEU REPOUSO:** isto é, "durante meu sono". É dizer que não foi sem propósito a aparição que Vênus fez-lhe em sonho. Como Íris, mudada em Béroe, em meio às mães troianas (*A.* 5.636-7): *nam mihi Cassandrae per somnum uatis imago / ardentis dare uisa faces* ("pois, durante o sono, de Cassandra, a vate, a imagem / visitou-me, dando as tochas ardentes").

**135-6. VÊNUS ... CLARA / EM SONHO:** "nítida, iluminada". Quase como Eneias, após Vênus surgir-lhe em sonho em Virgílio (*A.* 3.173): *nec sopor illud erat* ("nem foi aquilo um sonho").

**135. COM GLÁDIO NU:** já desembainhado, pronto para o ataque.

**136-8. 'POR QUE AS VIDAS VÓS ... MESMA, E ELOS MELHORES':** reporta Polixo as palavras de Vênus. Perceba como os argumentos da deusa servem de fundamento para as perguntas feitas pela anciã durante a primeira parte de seu discurso (cf. 5.112-6 e comentários *ad loc.*), mantendo o tom erótico por ela sugerido (sobre isso, cf. 5.104-42n; 5.106-8n). Para Vessey, no passo "[...] é obvio que Vênus, quem Polixo alega ter visto durante um sonho, não é nada mais do que a personificação de seus próprios desejos frustrados" (1973, p. 181).

**138. FOGOS OUTROS TRAREI EU MESMA, E ELOS MELHORES:** teria Vênus lhes prometido novos e melhores matrimônios (**fogos outros** e **elos melhores**), referindo-se, na verdade, à futura chegada dos argonautas – um fato, porém, ainda desconhecido tanto para Polixo como para suas conterrâneas. Por isso, alega a deusa que as Lêmnias deveriam livrar-se de seus maridos, purgando seus leitos desses **homens escusos** (5.137), não mais desperdiçando suas vidas.

**139-40. E ESTE FERRO, CREDE!, E ESTE FERRO NA MANTA / DEIXOU:** a repetição é enfática, potencializando a impressividade da fala de Polixo com vistas a cooptar mais facilmente as lêmnias: a anciã teria às mãos a mesma espada que Vênus trouxera consigo durante a aparição, destinada a purgar os leitos da ilha.

**140. ENQUANTO HÁ TEMPO P'RA AGIR:** em latim, *dum tempus agit rem*. A frase é virgiliana e foi utilizada por Íris para exortar as mães troianas na *Eneida* (*A.* 5.638 – cf. ainda 5.134-5n): *iam tempus agi res* ("já é tempo de agir").

**141-2. POR FORTES MEMBROS MEXIDAS ESPUMAM / AS ÁGUAS:** porque já se aproximam os lêmnios em seus barcos.

**142. TALVEZ BÍSTONES CONSORTES VENHAM:** único momento em que Polixo alude à possibilidade de virem para a ilha, junto com seus maridos, escravas trácias que lhes servirão como **consortes**. Sobre o ciúme nas alegações que as levaram ao crime, cf. 5.104-42n.

**143-63. GRANDE FOI O INCENTIVO ... SOMBRA À MÃE CIRCUNDA:** Hipsípile descreve a reação das mulheres logo após as palavras de Polixo: extasiadas, em sinal de apoio e concordância, decidem dar fim à vida de seus descendentes, qual seja a idade, e de seus maridos (5.143-51). Depois disso, para consolidar o acordo, junto com Polixo sacrificam um de seus filhos, conjurando sobre o sangue ainda quente (5.152-63).

**144-6. QUE A CÍTIA FERVE EM ... PORTAS DA ATROZ GUERRA:** as lêmnias, exultantes após as palavras de Polixo, são comparadas por Hipsípile às Amazonas. Esse povo, localizado por Estácio na Cítia (uma das moradas de Marte – cf. 3.431n), é formado eminentemente por mulheres de comportamento extremamente bélico – seu nome, diz-se, é composto pela partícula de negação grega *ἀ* + *μαζῶν* (*a* + *mazṓn*), significando "as sem seio", por causa do costume de amputar uma das mamas para facilitar o manejo do arco e da lança. Em seu símile, Hipsípile dá ainda mais destaque à selvageria das Amazonas ao descrevê-las em formação de guerra, armadas por Marte (o seu **pai**) logo após ter ele libertado a **atroz Guerra**.

**145. LUNADA VINDO A TROPA:** diz **lunada** por causa do formato de seus escudos, chamados de "peltas", que eram chanfrados em forma de meia-lua. Como em Virgílio (*A.* 1.490-1; 11.663): *ducit Amazonidum lunatis agmina peltis / Penthesilea furens* [...] *feminea exsultant lunatis agmina peltis* ("conduz, das Amazonas, as tropas de peltas lunadas / Pentesileia enfurecida [...] exultam, de peltas lunadas, as femíneas tropas").

**147-8. NÃO É VÁRIO O BRAMIDO, OU COM ZELOS CONTRÁRIOS / DISCORDE, TAL À PLEBE:** "não é variado o

bramido das lêmnias, nem discordante, com diferentes preocupações, como costumam ser os bramidos da plebe".

**149-50. DE JOVENS E VELHOS / CORRER AS ROCAS:** as rocas em que as Parcas trançam o fio da vida dos homens – cf. 1.111n. Corrê-las é acelerar o tempo para que o fim logo chegue.

**151. OS DE OUTROS ANOS:** propuseram-se, então, a matar a todos, sem distinção de idade – como em Lucano (2.1089): *crimine quo parui caedem potuere mereri? / sed satis est iam posse mori* ("Por que crime inocentes a morte merecem? / De fato, já poder morrer era o bastante" – trad. Brunno Vieira).

**152-3. NO ALTO MINÉRVIO O LUCO, / POR SI NEGRO, AO CHÃO NUBLA:** no mesmo lugar em que se reuniram – nos **sumos montes de Minerva** (5.100) – há um bosque que escolhem para firmar seu **pacto** (5.155). De tão frondoso, diz que é, **por si** próprio, **negro**, e que obscurece (**nubla**) o solo sobre o qual se ergue.

**153-4. MAS ACIMA INGENTE / MONTE OPRIME, E POR GÊMEA TREVA O SOL PERECE:** embora o próprio bosque seja frondoso o suficiente para fazer sombra no solo sobre o qual se ergue (cf. 5.152-3n), há, acima dele, um monte que o oprime – isto é, o recobre com sua própria sombra –, fazendo com que o sol pereça **por gêmea treva** – pois que é causada tanto pelo bosque como pelo monte.

**155. MÁRCIA ENIO:** deusa da guerra, constantemente representada no cortejo de Marte – por isso dizê-la **Márcia**. É identificada com Belona (cf. 4.6n).

**156. CERES ÍNFERA:** Perséfone – cf. 4.459-60 (**Ceres / do abismo**).

**156-7. AS ESTÍGIAS / DEUSAS:** as Fúrias – cf. 1.52n.

**157. ANTES DAS PRECES:** antes mesmo de as lêmnias rogarem, Enio, Perséfone e as Fúrias já estavam entre elas, como testemunhas de seu juramento (**por testemunha** – 5.155).

**157-8. MISTA E UBÍQUA / VÊNUS BURLA, ARMAS VÊNUS TRAZ, E IRAS DÁ VÊNUS:** Hipsípile descreve, de maneira breve e objetiva, as influências de Vênus sobre as Lêmnias: **mista e ubíqua**, ou seja, misturada entre as mulheres e por todas as partes, Vênus, as enganando (**Vênus burla**), é responsável por armá-las e incitar-lhes a ira.

**159-63. NÃO ROTINEIRO O SANGUE ... SOMBRA À MÃE CIRCUNDA:** como uma forma de corroborar o pacto, e cumprindo o prometido, Polixo (a **esposa Cárope**) assassina um de seus filhos com a ajuda de suas companheiras – sobre o sacrifício inicial em Lemno, cf. 5.104-42n.

**159. Não rotineiro o sangue:** por ser um sangue que não é sempre derramado – seja por ser o do próprio filho, seja por ser sangue humano, como alega Lactâncio (*ad loc.*), esclarecendo que, nesses rituais, o mais comum era que se derramasse o sangue de animais. **a esposa Cárope:** Polixo, casada com Cárope.

**162. sobre o sangue vivo:** sobre o sangue ainda quente, recém-derramado. **um doce nefas:** (Amar-Lemaire) "Porque os crimes, quando cometidos, são doces. Ou é **doce** por causa da vingança: pois nenhuma pessoa vingada se alegra mais do que as mulheres."

**163. a recente sombra:** a sombra do jovem sacrificado, dita **recente** porque recém abandonou o corpo mortal.

**164-9. Tendo visto tais coisas ... dentadas ouvindo ao correr:** após descrever o comportamento um tanto animalesco de suas conterrâneas incitadas por Vênus à vingança, Hipsípile descreve a si própria como um corça em fuga, cercada por lobos selvagens. Imune aos poderes da deusa (cf. 5.81-2n), a virgem faz questão de afirmar seu medo ante cena presenciada, que se tornará, pelo símile, o medo da vítima sacrificada: ao pôr-se entre as companheiras como a corça entre os lobos, Hipsípile acaba se colocando ao lado da vítima, buscando que a simpatia de sua audiência para com a vítima do sacrifício também se aplique a ela, dando continuidade, assim, às tentativas de diferenciar-se de suas conterrâneas – sobre isso, cf. 5.34-6n.

**168-9. se põe perplexa em fuga, sem já alcançada / se crendo e as vãs dentadas ouvindo ao correr:** como em Apolônio de Rodes (*A. R.* 2.278-81): *ὡς δ' ὅτ' ἐνὶ κνημοῖσι κύνες δεδαημένοι ἄγρης / ἢ αἶγας κεραοὺς ἠὲ πρόκας ἰχνεύοντες / θείωσιν, τυτθὸν δὲ τιταινόμενοι μετόπισθεν / ἄκρῃς ἐν γενύεσσι μάτην ἀράβησαν ὀδόντας* ("como quando, nas montanhas, adestrados cães de caça perseguem o rastro de fornidas cabras ou de cervos e, deslizando-se a pouca distância para trás, no extremo das mandíbulas inutilmente golpeiam os dentes"); e Virgílio (*A.* 12.752-5): *ille autem insidiis et ripa territus alta / mille fugit refugitque uias, at uiuidus Umber / haeret hians, iam iamque tenet similisque tenenti / increpuit malis morsuque elusus inani est* ("da ribanceira e insídia espavorido, / cisca-se ele, anda e vira; o vívido umbro / hiante o alcança, quase quase o aferra, / e, como se o pegara, os queixos range, / a vã dentada o ilude" – trad. Odorico Mendes).

**170-205. Vêm os homens e, as quilhas ... rogando os seus ubres:** Hipsípile descreve os acontecimentos que se seguiram ao sacrifício do filho de Polixo, abrangendo desde o retorno dos homens à ilha (5.170-4) até o início da chacina (5.202-5). O auge da narrativa é precedido pelo comportamento tranquilo e pacífico dos homens, que a própria Vênus manipulou (5.192-4),

pela preparação e realização de um festival para comemorar seu triunfo contra os trácios (5.174-92) e pelo fim das comemorações com a chegada do Sono – e da Morte – a Lemno (5.195-201). A passagem é mais explorada em Estácio do que em Valério Flaco, que em nove versos dá notícias da chegada e da recepção dos homens (*V. Fl.* 2.187-95): *aequora cunctae / prospiciunt simulantque choros delubraque festa / fronde tegunt laetaeque uiris uenientibus adsunt. / iamque domos mensasque petunt, discumbitur altis / porticibus, sua cui<que> furens infestaque coniunx / adiacet, inferni qualis sub nocte barathri / accubat attonitum Phlegyan et Thesea iuxta / Tisiphone saeuasque dapes et pocula libat, / tormenti genus, et nigris amplectitur hydris* ("Todas juntas / olham p'ro mar, simulam coros; com guirlandas / os templos ornam e se alegram co'os que chegam. / Eles procuram casa e mesa. Sob os pórticos / deitam-se. Cada um ao lado tem sua esposa / irada e hostil, qual sob a noite do inferno, / com Flégia temeroso e Teseu, Tisífone / prova dos copos e das sevas iguarias; / num tipo de tormento, abraçam-nos serpentes" – trad. Márcio Meirelles). O maior espaço dedicado aos eventos por Estácio acarreta em um aumento dos detalhes da história, tonando mais sensíveis principalmente a ambientação algo sombria dos eventos, bem como o comportamento tranquilo e festivo dos homens da ilha no momento de sua recepção pelas mulheres – aumentando-se, com isso, o aspecto selvagem e nefasto da empresa por elas levada a cabo.

**172-4. Nem seu brio horrendo ... em meio ao mar / cansou!:** Hipsípile apostrofa os homens durante a narrativa, assim como é comum aos narradores épicos, o que ressalta ainda mais a consciência e o domínio retórico da personagem sobre a história e os elementos da narrativa. Caracterizada como um discurso endereçado a uma pessoa ou a um grupo de pessoas ausentes, mas discursivamente tratadas como se estivessem presentes – como, aqui, o indica o vocativo **ó miseráveis** –, a apóstrofe acaba por potencializar o *pathos* da situação, uma vez que se apresenta como uma "[...] explosão espontânea de paixão que reflete o elevado estado emocional do falante" (DOMINIK, 1994, p. 175). Assim como fez com o símile da corça em fuga (5.164-69), então, Hipsípile tenta manipular os afetos de seus ouvintes, buscando despertar a empatia com relação aos lêmnios e, consequentemente, tornando ainda mais cruéis as vinganças das mulheres e de Vênus.

**173. Marte Odrísio:** da Odrísia, na Trácia, onde Marte passou a infância – cf. 4.794-6n.

**174. Fumam os ... delubros:** exalam fumaça os templos, por causa da grande quantidade de incenso queimada pelo retorno dos homens à ilha.

**175-6. negro às aras todas / o fogo:** como um presságio funesto, as chamas que ardem sobre

todos os altares da ilha são negras, a cor do luto e da morte. Como em Virgílio, quando Dido vê o leite sacro tornar-se negro (*A.* 4.453-4): *uidit, turicremis cum dona imponeret aris, / (horrendum dictu) latices nigrescere sacros* ("viu, quando os dons dispôs nas turícremas aras, / (dizer horrendo) enegrecer o sacro leite").

**176. E O DEUS INTATO EM FIBRA ALGUMA EXPIRA:** de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), durante o haruspicismo – a divinação por meio das entranhas de vítimas sacrificiais –, buscava-se por um sinal nas partes consultadas que se costumava chamar "deus": se estivesse íntegro, indicava que deus era propício; se falho ou diminuído, que eram contrários os numes. Ora, então, diz Hipsípile que em nenhuma das vísceras consultadas (**em fibra alguma**) era **intato** ("íntegro, inteiro") o **deus**: outro presságio funesto, portanto.

**177-85. MAIS DEVAGAR DO UMENTE ... AOS VAGOS NAUTAS LEMNO:** apesar dos presságios funestos durante os sacrifícios após a chagada dos homens à ilha (cf. 5.175-6n; 5.176n), as celebrações parecem ter transcorrido sem qualquer problema. Embora Hipsípile não mencione a possível repercussão daqueles sinais, pode-se imaginar que, também por estratagema divino, o festival correu sem interrupções até que a noite chegou sobre Lemno e a encobriu com um **grave céu** e uma **triste bruma**. Ora, pois, descreve o ambiente soturno em que a cidade se transformou com a chegada das trevas da noite, criando uma atmosfera propícia para a execução do nefas por parte das mulheres de Lemno.

**177-80. MAIS DEVAGAR DO UMENTE ... SOL, AS NOVAS TREVAS:** Hipsípile descreve o lento anoitecer que se abateu sobre Lemno no dia em que os homens desembarcaram de volta à sua terra. A descrição é bastante trabalhada, no mesmo estilo das realizadas pelo narrador estaciano durante o poema (*e.g.* 2.134-40; 4.1-3), e parece sugerir (Barthius, *ad loc.*) que Júpiter, desgostoso do mal engendrado por Vênus no peito das lêmnias, retarda a noite (**mais devagar**) para que o destino daqueles homens e mulheres demore mais para se cumprir. Se assim o entendermos, porém, a reação do deus será contrária à que demonstra em Valério Flaco, onde se diz ter ele tornado ainda mais respeitável a figura da deusa, que então se acercava da ilha, com um de seus trovões (*V. Fl.* 2.198-9): *nimbis et luce fragosa / prosequitur polus et tonitru pater auget honoro* ("com nuvens e luz fragosa, / o polo a persegue, e com um trovão o pai a eleva em honra"). Compare-se o trecho com Lucano, quando o narrador diz que o Sol se recusava a nascer para iluminar o dia do embate ente César e Magno (*Luc.* 7.1-6): *segnior, Oceano quam lex aeterna uocabat, / luctificus Titan numquam magis aethera contra / egit equos cursumque polo rapiente retorsit, / defectusque pati uoluit raptaeque labores / lucis, et attraxit nubes, non pabula*

*flammis / sed ne Thessalico purus luceret in orbe* ("Nunca mais tardo em seu eterno ofício / Febo surgiu do mar; nunca mais torvo / instigando os corcéis no ascenso etéreo / à vertigem dos céus opôs o carro. / Deseja escuridão, quisera eclipses; / teme ver, teme olhar; some-se em nuvens: / não por dar nelas pasto ao próprio fogo, / mas por não reluzir sobre Farsália" – trad. José Feliciano de Castilho).

**178-9. E COM GENTIL ZELO, EU CREIO, OS CÉUS OPOSTOS / MANTEVE:** Gervais (2008, p. 24-5) aponta essa como a primeira das duas passagens em que Hipsípile se utiliza da forma verbal **creio** (*reor*, em latim) como um sinal de sua não onisciência em relação à influência de Júpiter sobre os acontecimentos em Lemno – para a outra ocorrência, cf. 5.452. Em Virgílio, Ana, a irmã de Dido, o rei Latino e Eneias também fazem uso semelhante da forma verbal (cf. respectivamente *A*. 4.45; 5.56; 7.273). **OS CÉUS OPOSTOS / MANTEVE:** ou seja, deteve os céus no ponto diametralmente oposto a Lemno de forma a retardar o avanço da noite.

**179-80. ATÉ QUE OS FADOS VETASSEM E AO LONGE / NÃO TARDASSEM ... AS NOVAS TREVAS:** Jove deteve **os céus** (cf. 5.178-9n) até o momento em que os Fados o proibiram de fazê-lo e **as novas trevas** surgiram, sem atrasos, depois de o Sol ter completado o seu caminho.

**180. JÁ PRONTO O SOL:** em latim, *perfecto sole*. Literalmente, "já perfeito o sol" – isto é, "tendo o sol completado o seu caminho".

**182. E PARO, E TASOS NEMOROSA E AS MUITAS CÍCLADES:** Paro (ou Paros) é uma das Cíclades, reconhecida pela qualidade de seu mármore. Tasos é uma ilha do mar Egeu, já próxima da Trácia, reconhecida por suas videiras – donde dizê-la, então, **nemorosa**. Sobre as Cíclades, cf. 3.438n.

**183-5. SÓ, POR GRAVE CÉU COBERTA ... AOS VAGOS NAUTAS LEMNO:** ao contrário das ilhas suas vizinhas (cf. 5.182n; 5.183n), Lemno não reluzia com a luz das estrelas, mas fora encoberta por um **grave céu** com uma **triste bruma** surgindo sobre suas **plagas** – as quais, então, não se podiam ver, donde dizê-las **cegas**. Como outro presságio funesto (cf. 5.175-6n; 5.176n), o céu de Lemno se cobre, então, tal se os crimes ali devessem ocorrer sem que pudessem ser vistos – **indistinta aos vagos nautas Lemno**.

**186-94. POR SUAS CASAS E SOMBRAS ... ATEANDO OS MISERÁVEIS:** nesse cenário sombrio e funesto (cf. 5.183-5n), desenrolam-se as celebrações em referência ao retorno dos homens da ilha, os quais narram às esposas suas aventuras pela Trácia. Em meio a eles, que descansam (**folgando**), se põem suas esposas, com nobres vestimentas mas mãos ímpias: trajadas de modo a

agradar seus maridos, a quem Vênus inflamou com seu **algoz fogo** (cf. 5.192-4n), escondiam em suas mãos as espadas com as quais os matariam logo após o encerramento das festas. Do mesmo modo, portanto, que as comemorações ocorrem em meio a um cenário sombrio, oculta-se a impiedade das esposas em meio às suas melhores roupas.

**187-8. ESVAEM, COPIOSO O MERO, / AMPLAS ÁUREAS:** os jarros de ouro em que estavam armazenadas grandes quantidades de vinho puro – o **copioso mero**.

**188-9. NO ESTRÍMON AS LUTAS / E A ÁRDUA FAINA NO RÓDOPE OU NO HEMO GLACIAL:** o Estrímon é um rio localizado na Trácia; o Ródope e o Hemo, dois de seus afamados montes. Nesses locais, dizem terem-se dado as batalhas contra os nativos.

**191. ENTRE RAMOS E PRATOS FESTOS:** por entre as comidas festivas e as coroas de flores com que enfeitaram suas casas e os templos – locais onde celebrava-se o retorno dos homens (5.186).

**192-4. GENTIS LHES DERA A CITÉRIA ... ATEANDO OS MISERÁVEIS:** por trás de um aparente ato de misericórdia, esconde-se mais uma das crueldades de Vênus (a **Citéria** – cf. 4.554n): na noite derradeira, torna **gentis** os homens da ilha e neles inflama seu **algoz fogo** – o amor erótico –, fazendo com que tenham, depois da longa incursão na Trácia, um período de paz **breve** e, acima de tudo, **inútil**, pois que antecede sua morte.

**196. DECRESCE O SOM DA PRIMA NOITE:** após a festança, o silêncio começa a se apoderar da cidade, fazendo cessar os sons da **prima noite** – *i.e.*, do anoitecer.

**197. CONSANGUÍNEA MORTE:** em relação ao Sono (5.199). Hesíodo apresenta a Morte e o Sono como irmãos, filhos da Noite (*Th.* 211-2): *Νὺξ δ' ἔτεκε στυγερόν τε Μόρον καὶ Κῆρα μέλαιναν / καὶ Θάνατον, τέκε δ' Ὕπνον, ἔτικτε δὲ φῦλον Ὀνείρων* ("Noite pariu hediondo Lote, Sorte negra / e Morte, pariu Sono e pariu a grei de Sonhos" – trad. Jaa. Torrano). Ttambém em Homero são irmãos (*Il.* 14.231; 16.672): *ἔνθ' Ὕπνῳ ξύμβλητο κασιγνήτῳ Θανάτοιο* ; *ὕπνῳ καὶ θανάτῳ διδυμάοσιν* ("aí encontrou o Sono, irmão da Morte"; "Sono e Morte, dois Irmãos" – trad. Frederico Lourenço).

**199. E INFUNDE GRAVES ÓCIOS COM ATRO CHIFRE:** diz-se, pois, que o Sono carrega o sopor no interior de chifre, de onde o derrama sobre a terra (cf. 2.144n).

**200. SEPARA OS HOMENS:** para que fossem mais facilmente mortos pelas mulheres, neles o Sono infunde **graves ócios** (5.199) – os distinguindo, portanto. **VELAM AS NOIVAS E AS NORAS:** enquanto os homens dormem, as mulheres, generalizadas em **noivas** e **noras**, restam despertas.

**201. E AS IRMÃS FEROS DARDOS LIMAM LEDAS:** ou seja, "e, contentes, as Fúrias afiam as armas selvagens" – a saber, aquelas que servirão para a execução do crime.

**202-5. ABREM SEU NEFAS, REINA ... ROGANDO OS SEUS UBRES:** assim anuncia Hipsípile o início da chacina em Lemno: um **nefas** governado pelas **Erínias**, que reinam em cada fêmeo peito na ilha. Ao fim, Hipsípile introduz mais um símile para descrever os acontecimentos daquela noite, ora evocando não a imagem da presa fugindo assustada (cf. 5.164-9n), mas da predadora – a **leoa Hircânia** – que busca suas vítimas acossada pela fome matinal e pelas crias demandando suas mamas. Como destaca Gervais (2015, p. 228-9), porém, enquanto, no símile, a predação está diretamente relacionada com a nutrição dos filhotes da caçadora, no caso das lêmnias é a morte de sua prole que se relaciona diretamente com as mães predadoras.

**206-35. DAS MIL FORMAS DO CRIME ... COM ARRANCADA COMA:** procede à narrativa de algumas das mortes que presenciou naquela noite. Dentre elas, escolhe o assassinato de Helimo por Gorge (cf. 5.207-17n), a maior das descrições do passo, e outras que representam o luto de sua estirpe (5.219): Cídon, Creneu, Gias, Epopeu e Cídimon. Também em Valério Flaco há uma descrição resumida dos assassinatos ocorridos durante a noite, mas de maneira menos precisa do que a feita por Hipsípile: se esta está preocupada em detalhar algumas das mortes, detendo-se em casos específicos para que pudesse descrever minuciosamente o horror das cenas presenciadas, em Flaco as mortes são apresentadas sem que se distinguam os personagens nelas envolvidos. A escolha de Hipsípile por deter-se sobre algumas das mortes apenas e, mais detalhadamente, sobre uma única, lembra a escolha do narrador estaciano por deter-se sobre a busca de Ide pelos corpos de seus filhos, os tespíadas, entre os emboscados tebanos mortos por Tideu (cf. 2.629-43). Lá, porém, o destaque dado à morte dos irmãos tem influência direta tanto no mútuo assassinato de Polinices e Etéocles, como na caracterização das figuras paterna e materna de Édipo e Jocasta (cf. 3.133-68n); ora, a semelhança pode ser vista como uma tentativa de aproximar a Hipsípile narradora ao narrador épico, criando outro ponto de contato entre a personagem e essa *persona* que ela assume durante a narração dos eventos de seu passado (cf. sobre isso 5.164-9n; 5.172-4n; 5.177-80n; 5.178-9n; 5.202-5n; 5.206-7n).

Confira o trecho de Valério Flaco (2.219-41): *inuadunt aditus et quondam cara suorum / corpora, pars ut erant dapibus uinoque soporos, / pars conferre manus etiam magnisque paratae / cum facibus quosdam insomnes et cuncta tuentes, / sed temptare fugam prohibetque capessere contra / arma metus, adeo ingentes inimica uideri / diua dabat, notaque sonat uox coniuge maior; / tantum oculos*

*pressere uelut agmina cernant / Eumenidum ferrumue super Bellona coruscet. / hoc soror, hoc coniunx propiorque hoc nata parensque / saeua ualet prensosque toris mactatque trahitque / femineum genus, immanes quos sternere Bessi / nec Geticae potuere manus aut aequoris irae. / his cruor in thalamis et anhela in pectore fumant / uulnera seque toris misero luctamine trunci / deuoluunt. diras aliae ad fastigia taedas / iniciunt adduntque domos. pars ignibus atris / effugiunt propere, sed dura in limine coniunx / obsidet et uiso repetunt incendia ferro. / ast aliae Thressas labem causamque furorum / diripiunt: mixti gemitus clamorque precantum / barbarus ignotaeque implebant aethera uoces* ("Atacam os portais e os corpos antes caros: / umas, àqueles pelo vinho adormecidos; / outras, co'as mãos para o combate preparadas / com grandes tochas, aos insones, que vêem tudo – / porém o medo lhes coíbe intentar fuga / ou pegar armas, pois que a deusa fê-las grandes / para os maridos, e maior a voz soar-lhes. / Com medo, só os olhos tampam, qual se vissem / as Fúrias, ou Belona a espada coruscasse. / P'ra tanto, a irmã, a mãe cruel, a filha próxima, / a esposa e o gênero das fêmeas os massacram / aos leitos presos – nem os Bessas derrotá-los, / nem pôde a força gueta, ou as iras do mar. / Na cama, o sangue; e as feridas no arquejante / peito fumegam; rolam corpos pelos tálamos / em agonia. Diras tochas nos telhados / algumas lançam; cercam casas. Uns das chamas, / às pressas, fogem, mas à porta a dura esposa / os impede, e à visão da espada retrocedem. / Outras às trácias despedaçam – causa e culpa / dos furores. Clamor bárbaro e os gemidos / de suplicantes; enchem Céu as vozes soltas" – trad. Márcio Meirelles).

**206-7. Das mil formas do crime, não sei qual agora / contar-te:** a hesitação de Hipsípile diante da barbaridade dos crimes a que assistiu durante aquela noite tem paralelo na hesitação do narrador de Valério Flaco ante as cenas protagonizadas pelas lêmnias: novamente aqui, então, Hipsípile se comporta como um narrador épico, potencializando, de certa forma, a leitura de sua narrativa como um microuniverso da história contada na *Tebaida* – uma épica dentro da épica – aventada por Vessey (*ad* 5.70-6n). Confira o trecho de Valério Flaco (2.216-9): *unde ego tot scelerum facies, tot fata iacentum / exsequar? heu uatem monstris quibus intulit ordo, / quae se aperit series! o qui me uera canentem / sistat et hac nostras exsoluat imagine noctes!* ("Como direi do crime as faces ou o destino / dos moribundos? A que horror conduz-se o vate! / Que fieira se desponta! Ah, quem me ajudará / cantando o vero e livrar-me-á da vista as noites?"). Compare, ainda, com o início da fala de Hipsípile, quando suas palavras se assemelham às de Eneias no paço de Dido (cf. 5.29-30n).

**207-17. A temerária Gorge a Helimo ... vil não solta os braços:** a passagem é bastante interes-

sante e demonstra novamente (cf. 5.206-35) o domínio de técnicas narrativas por parte de Hipsípile. Gervais (2008, p. 72-5), por exemplo, mostra como Estácio trabalhou, na descrição da morte de Helimo, com elementos comuns à Elegia Erótica. Sempre levando em conta os poemas 2.15 de Propércio e, de Ovídio, *Am.* 1.5, o autor aponta a semelhança entre passagens da narrativa de Hipsípile e alguns *topoi* elegíacos, como: 1. a presença da embriaguez – *Theb.* 5.209: **exalando em seu sono os vinhos que se elevam**; e *Prop.* 2.15.42: *et pressi multo membra iacere mero* ("soltando os membros, vivos pelo vinho", trad. Guilherme Flores); 2. as mulheres que vigiam enquanto os homens dormem – *Theb.* 5.207-10: **A temerária Gorge a Helimo ... em seu sono ... busca chagas**; e Propércio (2.15.7-8): *illa meos somno lapsos patefecit ocellos / ore suo et dixit 'Sicine, lente, iaces?'* ("com seus lábios abriu meus olhinhos de sono / e me disse: 'Ah molenga, estás dormindo?'", trad. Guilherme Flores); e Ovídio (*Am.* 1.5.2; 1.5.9): *adposui medio membra leuanda toro* [...] *ecce, Corinna uenit* ("deitei, em meio ao leito, os aliviados membros [...] eis vem Corina"); e 3. o despir as roupas – *Theb.* 5.210: **despidas dele as roupas**; e Propércio (2.5.17-8): *quod si pertendens animo uestita cubaris, / scissa ueste meas experiere manus* ("porém se insistes em deitar-te sem despir-te, / sentirás minhas mãos a rasgar-te a roupa" – trad. Guilherme Flores); e Ovídio (*Am.* 1.5.13-4): *deripui tunicam – nec multum rara nocebat; / pugnabat tunica sed tamen illa tegi* ("tomei-lhe a túnica – por muito fina, mal cobria; / mas lutava, contudo, pra defender a túnica").

A retomada mais relevante dos *topoi* elegíacos, porém, se manifesta na revisão do chamado *militia amoris*, pelo qual os poetas elegíacos costumavam empregar palavras de tom bélico para descrever os movimentos dos amantes durante a conquista ou o ato amoroso – vejam-se, por exemplo, as escolhas de Propércio por *rixa* (2.15.4 – "rixa"), *luctari* (2.15.5 – "lutar"), *proelium* (2.15.48 – "prélio") e os versos (2.15.17-20): *quod si pertendens animo uestita cubaris, / scissa ueste meas experiere manus: / quin etiam, si me ulterius prouexerit ira, / ostendes matri bracchia laesa tuae* ("porém se insistes em deitar-te sem despir-te, / sentirás minhas mãos a rasgar-te a roupa: / e mais – se acaso a ira me levar mais longe / tua mãe verás marcas nos teus braços" – trad. Guilherme Flores); e de Ovídio por *pugnare* (*Am.* 1.5.15 – "brigar"), *uincere* (*Am.* 1.5.15 – "vencer"), *proditio* (*Am.* 1.5.16 – "investida") e *deripui* (1.5.13 – "tomei").

Para Gervais: "No assassinato em Lemno, a violência real vem para o primeiro plano e, onde os elegistas augustos somente chamavam o amante de soldado, Estácio torna Gorge um verdadeiro soldado. Todavia, o contexto erótico da cena e as ações de Helimo nos levam a ver um tom metafórico nas ações da própria Gorge. Helimo **toma** seu **inimigo** (*hostem* / *occupat*,

5.212-3), mas o faz com seus **braços** (*amplexu*, 5.213). De sua parte, Gorge responde imediatamente (*nec segnius* , 5.213 [**não mais lenta**]), e a negativa de que seja *segnis* [**lenta**] a caracteriza como um herói épico em contraponto com o amante elegíaco *segnes inersque* [*Tib.* 1.1.58 – "lento e inerte"]. Na verdade, seu golpe sobre Helimo (*ponit adigit costas*, 5.214 [**por trás golpeia as costas**]) ecoa a frase de Virgílio (*transadigit costas* ["transfixa as costas"]) usada em três cenas de morte da *Eneida* [*A.* 9.432; 12.276; 12.508]. Mas, na linguagem erótica do *militia amoris*, esse homicídio épico é a penetração pornográfica que nossos dois poemas elegíacos educadamente (*Prop*. 2.15) ou provocativamente (*Am.* 1.5.25) elidem. Além do mais, a penetração é particularmente obscena: não somente é feita por trás, como é executada por uma mulher – e o objeto penetrante é forçado inteiramente através do homem até tocar o peito da mulher (ambos esses detalhes são, provavelmente, contrários à expectativa). Todavia, Helimo jaz satisfeito. Quando ele morre (aparentemente, um metáfora comum para o orgasmo [cf. Apuleio *Met.* 2.17: *derige et grassare nauiter et occide moriturus* – "abranda e avança diligentemente, e mata o que deve morrer"]), mantém seus braços em torno de Gorge, murmura para ela e permanece *blandus* (**manso**, 5.216) – um termo que pode descrever, no sentido de "encantador" ou "sedutor", o estilo Elegíaco em geral" (2008, p. 74-5).

Assim, então, Estácio não somente faz com que Hipsípile pareça consciente dos principais traços da Elegia, mas também suficientemente segura para manipulá-los, uma vez que constrói a cena como se invertesse a metáfora do *militia amoris*: em vez de referir-se, então, ao erótico por meio de um léxico e uma imagética militares, refere-se ao bélico por meio de um léxico e uma imagética erótica. Como narradora de seu próprio passado, portanto, Hipsípile demonstra um alto grau de domínio dos meios de composição poética da tradição literária – assim como Estácio, que a dotou de tal conhecimento.

**207. A TEMERÁRIA GORGE:** (LACTÂNCIO) "Ímproba ou audaciosa: porque é a primeira a cometer o crime."

**207-9. ORNADO / COM RAMOS ... OS VINHOS QUE SE ELEVAM:** os lêmnios estão postados de maneira semelhante à que estavam os tebanos quando a sombra de Laio chegou à cidade acompanhando Mercúrio – cf. 2.75-7.

**208. SOBRE UM GRANDE MONTE DE TAPETES:** onde se recostavam para comer e conversar – cf. 1.518.

**209. EXALANDO EM SEU SONO OS VINHOS QUE SE ELEVAM:** embriagados, enquanto dormiam recostados expeliam o ar alcoólico por meio da respiração.

**210. BUSCA CHAGAS:** em latim, *uulnera ... rimatur*. É dizer que Gorge buscava, no corpo do esposo, o melhor lugar para causar-lhe o ferimento de morte.

**210-1. PRESTES, / PORÉM, A MORTE, O INFAUSTO TORPOR O ABANDONA:** com a proximidade da morte, o torpor causado pelo vinho e pelo sono deixam o corpo de Helimo, que desperta.

**212. O INCERTO INIMIGO:** refere-se a Gorge. Diz **incerto inimigo** porque Helimo, recém desperto, ainda não sabia quem era aquele que o atacava.

**213. NÃO MAIS LENTA:** porque não abrandou seu ímpeto após o abraço do esposo (5.212-3) – sobre a postura de Gorge, cf. 5.207-17n.

**213-4. DO QUE A TEM / POR TRÁS GOLPEIA AS COSTAS:** Gorge golpeou, por trás, as costas daquele que a segurava. Desfere o golpe, então, abraçada ao esposo, pelas costas empurrando-lhe a espada em direção ao peito.

**215-7. CAI A FRONTE ... NÃO SOLTA OS BRAÇOS:** sobre a morte de Helimo cf. 5.207-17n.

**220-30. PORQUE A TI, CÍDON ... AMEAÇAS E CRAVOU O FERRO:** Hipsípile ainda fala das mortes de Cídon, Creneu, Gias, Epopeu e Cídimon, sem apresentar, porém, muitos detalhes. E embora, alerta Gervais (2008, p. 76-8), o elemento erótico, em comparação à morte de Helimo (cf. 5.207-17n), esteja praticamente ausente aqui, Hipsípile descreve os traços de alguns dos personagens de modo a ressaltar-lhes uma beleza andrógina, assim como o narrador estaciano apresentou Partenopeu durante o catálogo de heróis (cf. 4.246-308 e comentários *ad loc.*): Cídon é **flavo** (5.220), Creneu tem a coma **esparsa** e **intacta** (5.220-1), e Cídimon tem seus traços comparados aos da irmã (**símeis traços** – 5.227): **a face florindo, em ouro a coma atada** (5.228).

**221-2. COMIGO, AMBOS AO SEIO, / DE ORTO OBLÍQUO POR PAI:** ainda que tenham sido amamentados junto com Hipsípile (**comigo, ambos ao seio**), eram filhos de outra mãe – donde dizê-los **de orto oblíquo por pai**. Como em Lucano (8.286): *Hannibal, obliquo maculat qui sanguine regnum* ("Aníbal, que ao reino macula com sangue oblíquo").

**222. E O QUE, NOIVA, TEMI:** novamente aqui (cf. 5.81-2n) Hipsípile fala de sua castidade quando dos eventos passados em Lemno: ter temido o noivo, pois, é sinal de sua pureza e inocência – vejam-se os medos de Argia e Deípile antes do casamento, cf. 2.227-9 e comentários *ad loc.*

**224. DA MIRMÍDONE ATROZ:** provavelmente, pelo contexto, alguma parente de Gias. Os mirmidões são o povo da Tessália comandado por Aquiles na Guerra de Troia – não seria o caso,

então, de se supor que, aqui, Estácio se refira a uma habitante dessa região.

**226-30. Inerme a irmã Licaste ... ameaças e cravou o ferro:** Hipsípile descreve a reação de Licaste ao ver o corpo de seu irmão gêmeo – **equevo ... símeis traços**. Interessante notar que, embora já o tenha assassinado – Barthius (*ad loc.*) sugere que **inerme** indica o fato de Licaste ter-se livrado da espada após tê-la usado contra Cídimon –, a postura da jovem mais se assemelha à que a própria Hipsípele adotará na sequência (cf. 5.236-41), do que à de sua mãe e das outras mulheres da ilha. É possível, então, que a comiseração da personagem (**chora**), a despeito do crime cometido, adiante o comportamento de Hipsípile ao ver Alcímede correndo com a cabeça do próprio pai à mão (cf. 5.236-41).

**231-5. Tal fera que, por manso ... chaga com arrancada coma:** novamente, Hipsípile encerra uma seção de sua narrativa com um símile – cf. 5.144-6n; 5.164-9n; 5.202-5n. Ora, Licaste é relacionada a um animal domado por seu adestrador: após iniciar o crime terminado por sua mãe (cf. 5.226-30n; 5.230), como uma fera já domada incapaz de agir outra vez conforme sua natureza selvagem (5.231-3), só consegue se comportar de maneira misericordiosa. Gervais (2013, p. 154-5) compara o símile a uma passagem de Marcial, na qual se descreve o empenho dos adestradores incitando as já cansadas feras nos espetáculos do Coliseu (Mart. *Sp.* 22.1-4): *sollicitant pauidi dum rhinocerota magistri / seque diu magnae colligit ira ferae, / desperabantur promissi proelia Martis; / sed tandem rediit cognitus ante furor* ("Enquanto, a medo, acossam o rinoceronte / e, por tempos, conteve a raiva a fera, / prometido combate de Marte esperamos. / Enfim, voltou-lhe a fúria anterior" – trad. Fábio Cairolli).

**236-95. Quando, porém, Alcímede ... vindas e as ondas observo:** quando Hipsípile vê um último homicídio, praticado por Alcímede contra o pai, se enche de horror e corre em direção ao palácio para tentar salvar Toas. A seção apresenta, então, as ações de Hipsípile com vistas a retirar seu pai a salvo da ilha (5.236-64) e o auxílio dado por Baco, o pai de Toas, para que a fuga fosse empreendida com sucesso (5.265-95). Também em Valério Flaco (2.249-305) Baco auxilia a fuga de Toas, mas de um modo sensivelmente distinto: em Estácio, o próprio Baco surge a Hipsípile e Toas durante a correria, mostrando à jovem o caminho para que ela o levasse até o mar, de onde, então, o guiaria; em Flaco, ainda que contando com a intervenção do deus (*V. Fl.* 2.277-8: *sic medios egressa metus, facit ipse uerendam / nam deus et flatu non inscia gliscit anhelo* – "liberta ao medo, veneranda a faz o deus / e, em o sabendo, arfante o peito, ela se ufana", trad. Márcio Meirelles), Hipsípile escolhe sozinha os meios pelos quais conduzirá seu pai para longe dali, poupando-lhe a vida – e, em uma fuga que dura mais do que um

dia, o esconde sob a estátua de Baco dentro do templo para depois levá-lo, ainda oculto, até a praia, onde o despacha em um barco já abandonado (*V. Fl.* 2.288-305): *huc genitorem altae per opaca silentia noctis / praecipitem siluis rapit et sic maesta profatur: / 'quam, genitor, patriam, quantas modo linquis inanes / pube domos! pro dira lues, pro noctis acerbae / exitium! talin possum te credere puppi, / care parens? possum tantis retinere periclis? / soluimus heu serum Furiis scelus. adnue uotis, / diua, soporiferas quae nunc trahis aequore bigas! / non populos, non dite solum, non ulla parenti / regna peto: patria liceat decedere terra. / quando ego seruato mediam genitore per urbem / laeta ferar? quando hic lacrimas planctusque uidebo?' / dixerat. ille procul trunca fugit anxius alno / Taurorumque locos delubraque saeua Dianae / aduenit. hic illum tristi, dea, praeficis arae / ense dato: mora nec terris tibi longa cruentis; / iam nemus Egeriae, iam te ciet altus ab Alba / Iuppiter et soli non mitis Aricia regi* ("Ali o pai, pelo silêncio da alta noite, / tirado ao bosque leva, e triste assim lhe diz: / "Que pátria deixas! Quantas casas sem seus moços, / pai! Ó peste maldita, ó fim de noite acerba! / Devo eu te confiar a tal embarcação, / querido pai, ou te reter entre os perigos? / Remimos tarde com as Fúrias nossos crimes! / Atende, deusa que conduz do sono as bigas: / nem povo, rico solo ou qualquer reino eu peço / para meu pai: deixa-o a pátria abandonar! / Quando por ele, pela vila, satisfeita, / serei guiada? Quando aqui verei as lágrimas"? / Ele, p'ra longe, sobre o tronco, aflito foge / e chega à táurea terra, e ao templo de Diana, / ali, ó deusa, lhe confias triste altar / e espada – para ti, nas terras não há tempo: / já os bosques da Egéria e Jove do alto Alba / te reclamam, e a Arícia amiga de um só rei!" – trad. Márcio Meirelles).

Destaque-se ainda que, em Valério Flaco, Hipsípile roga a Baco que a ajude em seu plano, o que não ocorre em Estácio, onde o deus se dispõe a ajudar seu filho por vontade própria. Mais atuante em Estácio do que em Flaco, especialmente por causa dos eventos que ocorrem em Nêmea durante a passagem das tropas argivas (cf. 4.646-738 e comentários *ad loc.*), é normal que Estácio tenha escolhido fazer agir o próprio deus em sua narrativa, de um modo que, de certa forma, também cria um contraponto entre a postura das lêmnias em relação a seus parentes, e aquela do deus, que ora socorre seu filho e, mais adiante, levará para Hipsípile seus dois filhos deixados na ilha (cf. 5.710-30). Eis, de Valério Flaco, os dois momentos em que Hipsípile interpela Baco durante a fuga de Toas (*V. Fl.* 2.256-7; 2.274-6): *exime nos sceleri, pater, et miserere piorum / rursus!* [...] *linque o mihi caede madentem, / Bacche, domum! sine foedatum te funere pontus / expiet et referam lotos in templa dracones!* ("Os crimes purga, ó Pai, e tem mercê dos justos / outra vez! [...] Banhada em morte, minha casa, / Baco, deixa! Que o mar te lave da matança / e, ao templo, as serpes ilibadas voltarei" – trad. Márcio Meirelles).

**236-41. Quando, porém, Alcímede ... pátrio aflita, / levei-me:** Hipsípile vê Alcímede correndo com a cabeça do pai nas mãos e se lembra, por isso, de seu próprio pai, Toas, que descansa em seu quarto no palácio: há, portanto, um evento específico que desperta Hipsípile para sua casa, lembrando-lhe do pai repousando sozinho em seu leito, despertando o horror de que sua destra deveria ser capaz. Em Valério Flaco, porém, são os crimes de uma maneira geral que levam Hipsípile a lembrar-se do pai e a correr para salvá-lo (*V. Fl.* 2.247-55): *inruerant actae pariter nataeque nurusque / totaque iam sparsis exarserat insula monstris; / illa pias armata manus 'fuge protinus urbem / meque, pater! non hostis,' ait 'non moenia laesi / Thraces habent; nostrum hoc facinus. ne quaere, quis auctor! / iam fuge, iam dubiae donum rape mentis et ensem / tu potius, miser, oro, tene!' tunc excipit artus / obnubitque caput tacitumque ad conscia Bacchi / templa rapit* ("Filhas e noras, açuladas atacaram, / e toda a ilha ardeu, com espalhado horror. / Co' as pias mãos armadas diz: "De mim te afasta / e da cidade, ó pai! Nem trácio ou inimigo / os muros toma; é nosso o crime, o autor não saibas! / Foge, recebe o dom dest' alma que vacila, / e, antes, toma a espada, eu peço". Então o abraça, / vela-lhe a fronte e, assim, condu-lo silencioso / de Baco ao templo" – trad. Márcio Meirelles).

Mais semelhante à situação que fez a Hipsípile estaciana lembrar-se de seu pai, contudo, é a descrita por Eneias quando conta de Pirro, filho de Aquiles, assassinando o filho de Príamo diante do rei e o matando em seguida (*A.* 2.547-63): '*referes ergo haec et nuntius ibis / Pelidae genitori. illi mea tristia facta / degeneremque Neoptolemum narrare memento. / nunc morere.' hoc dicens altaria ad ipsa trementem / traxit et in multo lapsantem sanguine nati, / implicuitque comam laeua, dextraque coruscum / extulit ac lateri capulo tenus abdidit ensem. / haec finis Priami fatorum, hic exitus illum / sorte tulit Troiam incensam et prolapsa uidentem / Pergama, tot quondam populis terrisque superbum / regnatorem Asiae. iacet ingens litore truncus, / auulsumque umeris caput et sine nomine corpus. / at me tum primum saeuus circumstetit horror. / obstipui; subiit cari genitoris imago, / ut regem aequaeuum crudeli uulnere uidi / uitam exhalantem, subiit deserta Creusa / et direpta domus et parui casus Iuli* ("'Pois vai contá-lo ao genitor Pelides; / núncio narrar te lembre estas baixezas, / e o quanto o degenero. É tempo, morre.' / Falando Neoptolemo o arrasta às aras / tremebundo, e do filho em quente sangue / a resvalar: na esquerda a coma enleia; / com a destra saca a lâmina fulgente, / no vazio lha embebe até aos copos. / De Príamo este o fado, assim finou-se / Troia arder vendo e Pérgamo assolar-se: / quem d' Ásia em povos cem reinou soberbo / é cadáver; na praia o tronco informe / jaz sem nome, e a cabeça destroncada. / Pasmei de horror, confesso: o pai querido, / no equevo rei que derramava o alento / pela crua estocada, eu me figuro; / figuro ao desamparo o tenro Ascânio, / Creusa

em pranto, os lares saqueados" – trad. Odorico Mendes).

**236-7. A AINDA GEMENTE / FACE DO PAI NA MÃO:** "em sua mão, a cabeça de seu pai ainda gemendo". **AINDA GEMENTE:** por causa da expressão horrenda que traz, é como se, recém-cortada, ainda gemesse de dor a cabeça do pai.

**239-40. O MEU TOAS PARECEU, E MINHA / A ATRA DESTRA!:** a imagem de Alcímede correndo com a cabeça do pai na mão faz Hipsípile lembrar-se de Toas, seu pai. Além disso, também se vê como a autora do crime, imaginando ser sua própria mão aquela de Alcímede – seja aquela que carrega a cabeça do pai, seja aquela que traz **o ferro ansiando sangue** (5.237). Portanto, não é somente a cena que assusta Hipsípile, mas a própria possibilidade de ser ela a criminosa, uma condição que faz questão de negar desde que encontrou os chefes argivos (cf. 5.346n).

**241. AO DE VASTO FARDO:** refere-se Hipsípile à idade de Toas, já bastante avançada.

**242-4. SE PERGUNTA, INDA QUE ... DONDE A RUIDOSA CALMA:** Mueller (*ad loc.*) aponta semelhanças entre o passo e o trecho em que Eneias, durante sua narrativa a Dido, descreve a situação de Troia, que ruía sob o avanço dos gregos, logo depois de o fantasma de Heitor ter-lhe entregado os Penates de Ílio para que o herói os levasse consigo em sua jornada (*A.* 2.298-301): *diuerso interea miscentur moenia luctu, / et magis atque magis (quamquam secreta parentis / Anchisae domus arboribusque obtecta recessit) / clarescunt sonitus armorumque ingruit horror* ("em pranto diverso se confundem as muralhas, / e mais e mais – embora o sacro lar do pai / Anquises se isole protegido por árvores – / se iluminam os sons e aumenta das armas o horror").

**243-4. QUE ALARDES E ESTRONDOS NOTURNOS, / DONDE A RUIDOSA CALMA:** a breve descrição de Hipsípile apresenta os eventos passados em Lemno na sequência em que Toas os percebeu em seu palácio (5.242-3): os **alardes e estrondos noturnos** referem-se aos sons da festa e, principalmente, à agitação em que ocorrera a matança dos homens, seguida por uma **ruidosa calma** – por uma quietude em nada silenciosa e tranquila, mas conturbada e colérica.

**244-5. DOU O CRIME AO TENSO, / A DOR E O ARROJO:** "a ele, nervoso, revelo o crime, a dor e a ousadia que a isso levou as mulheres".

**245-7. 'FORÇA ALGUMA BARRA AS ... COMIGO, TALVEZ MORRAS':** Hipsípile aconselha a fuga a seu pai. Preocupada com a fúria de suas conterrâneas, tomadas pela raiva, teme que sua companhia possa lhe ser fatal. Perceba-se, porém, que a potencial fatalidade da presença de Hipsípile

parece estar mais vinculada à impossibilidade de se conter o ímpeto de suas companheiras (**força alguma barra as fúrias**) do que à possibilidade de ela própria cometer o parricídio – sobre isso, cf. 5.247n. Compare com a fala de Hipsípile a Toas em Valério Flaco (*V. Fl.* 2.249-53): '*fuge protinus urbem / meque, pater! non hostis,' ait 'non moenia laesi / Thraces habent; nostrum hoc facinus. ne quaere, quis auctor! / iam fuge, iam dubiae donum rape mentis et ensem / tu potius, miser, oro, tene!*' ("De mim te afasta / e da cidade, ó pai! Nem trácio ou inimigo / os muros toma; é nosso o crime, o autor não saibas! / Foge, recebe o dom dest' alma que vacila, / e, antes, toma a espada, eu peço" – trad. Márcio Meirelles).

**246. O TARDO OPRIMEM E HOSTILIZAM:** "perseguem e hostilizam os deixados para trás" – seja porque as mulheres de suas famílias negaram-se a executar a pena capital, seja por terem fugido, ou mesmo por serem solitários.

**247. COMIGO, TALVEZ MORRAS:** sua presença não seria suficiente para garantir a vida do pai. A possibilidade de que Toas fosse assassinado na companhia de Hipsípile se deve mais ao comportamento das compatriotas do que à probabilidade de ela própria cometer o crime (cf. 5.245-7n). Para Lactâncio (*ad loc.*), embora as lêmnias não tivessem jurado de morte nenhuma das mulheres, mas somente os homens, certamente aquelas que se negassem a cumprir com o combinado seriam perseguidas e mortas – donde, então, o perigo que sua companhia oferecia ao pai: "Duvida corretamente do risco, porque não conjuraram as lêmnias que deveriam ser mortas as do sexo feminino. Deveria ser morta, porém, aquela que traísse o juramento". **ABATIDO:** por causa das notícias dadas por Hipsípile.

**248-61. OS ERMOS FENDEMOS DA VASTA ... TRÊMULAS / ESVAEM AS ALMAS:** Hipsípile e Toas fogem pelos caminhos mais escondidos da cidade em direção à praia. Pelo trajeto, passam pelas marcas da chacina ocorrida na noite anterior, vendo, **por tudo, os amplos montes** de corpos sobrepostos. A descrição do cenário feita por Hipsípile dá novas notícias do horror que se passou na ilha, mostrando cadáveres mutilados e almas de jovens sobrevoando seus corpos em meio ao sangue e ao vinho derramados.

**250-1. TAL NO SACRO BOSQUE O ATROZ POENTE / OS DEIXARA:** o **atroz poente** refere-se ao momento em que o sono foi derramado sobre os homens, possibilitando às mulheres que realizassem sua vingança (cf. 5.195-200). O **sacro bosque** foi o local onde os homens celebraram, ainda em vida, o seu retorno para casa (cf. 5.186).

**252. ROSTOS NOS LEITOS:** porque deitados em decúbito ventral, descreve os homens com as faces apoiadas contra a cama.

**254. ROUPAS A FERRO INCISAS:** as roupas dos homens, rasgadas e cortadas pelos golpes de espada desferidos pelas mulheres durante a noite.

**256-7. COMO UM FLUME NAS LANHADAS FAUCES, / AO SANGUE MISTO E AOS COPOS RETORNANDO BACO:** dos cortes feitos nas gargantas, ainda escorriam, misturados, o sangue e o vinho ingerido pelos homens durante as celebrações. Por causa da quantidade, diz **como um flume**.

**258-9. JOVENS TROPAS AQUI, IMUNE A QUAISQUER ARMAS / A TURBA ANCIÃ:** o vocabulário bélico aproxima ainda mais a narrativa de Hipsípile das tropas argivas, servindo como um aviso aos chefes: **jovens tropas**, como a **turba anciã**, **imune a quaisquer armas**, tombaram ante a fúria das lêmnias.

**259-60. DE MÚRMURES PAIS SOBRE O ROSTO / SEMIMORTOS GURIS NO UMBRAL DA VIDA:** postos por sobre os rostos de seus pais, que ainda guardavam a expressão de dor de quando foram mortos (por isso **múrmures**), Hipsípile descreve os meninos ainda moribundos, entre a vida e a morte (os **semimortos guris**).

**261-4. PIORES, NO OSSA FRIO, AS ... MESAS DEIXANDO, SE LANÇAM:** em outro de seus símiles (cf. 5.144-6n; 5.164-9n; 5.202-5n; 5.231-5n), Hipsípile compara, à matança, as festas selvagens dos lápitas, um povo da Tessália (cf. 2.563-4n). Assim como os lêmnios parecem ter-se comportado como os tebanos na festa em honra a Baco que ocorria durante a chegada da sombra de Laio a Tebas (cf. 2.71-88n; 5.207-9n), este símile também se assemelha ao escolhido pelo narrador estaciano para descrever a festa dos tebanos em honra a Baco – cf. 2.81-88 e comentários *ad loc.* –, em que os bístones, um povo trácio, e suas celebrações selvagens são evocadas. Ora, Hipsípile parece ter em mente a festa do casamento de Pirítoo, rei dos lápitas, em que os Centauros (cf. 5.263n) foram convidados: estes, embriagados, teriam transformado a festa em um verdadeiro campo de batalha – sobre isso, cf. 2.563-4n.

**261. NO OSSA FRIO:** um monte localizado entre a Trácia e a Tessália, onde se diz que habitavam os Centauros – cf. 5.263n.

**262. EM MERO À FARTA:** é dizer "em vinho à farta". O **mero** é o vinho puro, ainda não diluído em água e, portanto, mais forte e de maior concentração alcoólica.

**263. NUBÍGENOS:** refere-se aos Centauros, filhos de Ixíon e de uma nuvem que Júpiter, ou a própria Juno, moldou com a forma de Juno para castigá-lo – sobre isso, cf. 4.539n.

**263-4. DO ÓDIO, MAL O PRIMO / PALOR E AO PRÉLIO, MESAS DEIXANDO, SE LANÇAM:** referência à briga entre lápitas e Centauros durante o casamento de Pirítoo (cf. 2.563-4n).

**265-71. Logo, pois, nós dois tensos... chuva implacável, / declarou:** durante a fuga de Hipsípile e Toas, o próprio Baco se apresenta aos dois para levar auxílio a seu filho. O deus também se faz presente em Valério Flaco, onde anui às ideias de Hipsípile para a fuga – sobre isso, cf. 5.236-95n.

**265-7. Tioneu sob a noite / mostrou-se ... e com bastante luz brilhou de súbito:** compare com a aparição de Vênus a Eneias em Virgílio (*A.* 2.589-91): *cum mihi se, non ante oculis tam clara, uidendam / obtulit et pura per noctem in luce refulsit / alma parens, confessa deam* ("quando a mim, nunca ante os olhos tão clara, p'ra ser vista / se apresenta e, através da noite, em pura luz refulge / a alma mátria, deusa confessa").

**265. Tioneu:** Baco. De acordo com Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.5.3), o deus buscou Sêmele no Hades e, após nomeá-la Tione, a levou aos céus, onde a transformou em deusa. **Tioneu**, então, é o filho de Tione. Sobre a morte de Sêmele, cf. 1.12n; 5.267n.

**266-7. o supremo / socorro:** o "último auxílio". Não porque morrerá, mas por que será o último necessário para que fuja das enlouquecidas lêmnias.

**267. com bastante luz brilhou de súbito:** para revelar sua identidade a Hipsípile e Toas, Baco brilhou em todo o seu esplendor divino. Da mesma forma, mas com resultados fatais para Sêmele e quase fatais para o próprio Baco, Júpiter se revelara à amante mortal por causa de um estratagema de Juno – cf. 1.12n. Como em Virgílio (*A.* 1.588): *restitit Aeneas claraque in luce refulsit* ("detém-se Eneias, e em clara luz refulge").

**268-9. nem com flores as têmporas cheias, / nem suas mechas com flavas uvas distinguira:** não surgiu, então, com seus ornamentos costumeiros: sinal de que não vinha em festa, mas por preocupação com Toas, seu filho.

**269. flavas uvas:** provável referência ao estado maduro das uvas que serviam-lhe de enfeite.

**270. turvo:** por causa de sua tristeza, uma vez que refulgia iluminado (cf. 5.267). **os olhos molhados por chuva implacável:** é dizer "por implacável choro".

**271-84. dês que, ó filho, os Fados ... eu assumo o cuidado:** Baco se pronuncia de modo a acalmar a aflição de Toas, dizendo-lhe nunca tê-lo abandonado desde que se tornou o chefe de Lemno, mas que, agora, nada pode fazer em relação aos perigos que corre, uma vez que Júpiter outorgara a Vênus **honra infanda**. Longe de abandoná-lo, porém, o deus instruiu Hipsípile sobre como proceder para que o pai fugisse em segurança da ilha. A fala de Baco, ausente de Apolônio de Rodes e de Valério Flaco, parece ser inovação estaciana, fundamentada pela

grande atuação do deus no início do episódio e por sua preocupação com Toas e Hipsípile – sobre isso, cf. 5.236-95n.

**272-3. MANTER LEMNO POTENTE, AOS POVOS ESTRANGEIROS / TEMÍVEL:** provável referência à vitória contra os trácios. Se assim for, porém, o conflito de interesses entre Baco e Juno mais se aprofunda, uma vez que o ardor por essa guerra fora incutido nos lêmnios pela deusa como uma das etapas de sua vingança – cf. 5.70-6n.

**274-5. AS INFAUSTAS PARCAS SEUS FIOS BÁRBAROS / REBENTARAM:** já não há o que ser feito por Baco com relação aos acontecimentos funestos passados em Lemno, e o primeiro motivo é que as Parcas já cortaram os tristes fios das vidas dos homens. Sobre as Parcas, cf. 1.111n.

**275-7. COM ROGOS QUE, INSTANTE ... OUTORGOU HONRA INFANDA:** eis o segundo motivo (cf. 5.274-5n) pelo qual Baco não pode mais ajudar seu filho em relação aos eventos que ocorreram na ilha: Júpiter outorgou **honra infanda** (cf. 5.277n) a Vênus – "não se pode excluir o luto com as preces que, rogando, eu lancei a Jove, e nem mesmo com pranto é possível, já que o deus deu a Vênus, sua filha, uma honra infanda".

**277. ELE À FILHA OUTORGOU HONRA INFANDA:** (LACTÂNCIO) "Isto é, Vênus. Pois, sem a anuência de Jove, não se concede aos numes que façam nada. Como em Virgílio (*A.* 7.305-6): *concessit in iras / ipse deum antiquam genitor Calydona Dianae* ["o próprio pai dos mortais e dos deuses / à grande fúria de Diana entregou Calidona inocente" – trad. Carlos Alberto Nunes]. Perceba, então, que, sem a ordem de Jove, não é permitido a qualquer dos numes que se vingue de suas ofensas. Como em Horácio (*Carm.* 4.6.21-4): *ni tuis flexus Venerisque gratae / uocibus diuom pater adnuisset / rebus Aeneae potiore ductos / alite muros* ["se, persuadido pela amada Vênus e por tuas / palavras, o pai dos deuses não assentisse / às questões de Eneias, melhor traçados / por augúrios, os muros"]."

**278. PROLE DIGNA DE MIM:** as palavras de Baco, reportadas por Hipsípile, têm em vista reforçar suas asserções sobre seu próprio carácter – cf. 5.34-6n; 5.81-2n; 5.164-9n; 5.239-40n. Além disso, realçam ainda mais sua origem divina, por ela mesma anunciada aos chefes argivos (cf. 4.769).

**280-2. À PORTA, QUE EM SILÊNCIO ... PUNHO ÀS RÁBIDAS / VALENDO:** Baco revela a ajuda de Vênus às mulheres. Em Valério Flaco, a própria deusa entrega as armas às habitantes da ilha, invadindo-lhes os leitos em companhia das Fúrias (cf. 5.61-9n); ora, mesmo depois da matança, Baco diz que a deusa as ajuda, ocupando a porta que Hipsípile julga **em silêncio** – evitando a

fuga dos que tardam (5.246), provavelmente. Como em Virgílio, em que Juno se coloca em uma das portas de Troia incitando os gregos contra a urbe (*A.* 2.612-4): *hic Iuno Scaeas saeuissima portas / prima tenet sociumque furens a nauibus agmen / ferro accincta uocat* ("Ali, sevíssima Juno as portas Ceias / primeiro toma, e furente, das naus a tropa sócia, / provida do gládio, chama").

**282-3. DONDE AS MÃOS, DONDE DA DEUSA O PEITO / MAVÓRCIO?:** Baco se admira da raiva que Vênus sente em relação aos lêmnios. Parece desconhecer, então, os motivos que levaram a deusa a tramar vingança contra os habitantes da ilha – cf. 5.57-60 e comentários *ad loc.*

**283. AO AMPLO IMENSO:** "ao mar".

**287-9. FECHADO, ENTÃO, EM CURVO ... ABRAÇADO, O PAI DOU:** Hipsípile envia o pai em direção às Cíclades (sobre as ilhas, cf. 3.438n) dentro de um barco (**fechado ... em curvo roble**): "em curvo roble protegido, confio meu pai aos deuses do mar, aos Ventos e ao Egeu, que abraça as Cíclades".

**290-1. AO POLO EOO OS ASTROS LÚCIFER / NÃO ENVIASSE:** Lúcifer é a estrela da manhã, que anuncia a chegada do dia – sobre ele, cf. 2.137-9n. É dizer, então, que nunca Hipsípile e seu pai encerrariam o pranto (**mútuo**, 5.289), se o novo dia não surgisse e Lúcifer não enviasse **os astros** para o **polo Eoo** – *i.e.*, para o ocidente, onde poderiam passar a noite até a nova chegada de Lúcifer.

**292. NO LIEU:** em Baco.

**293-4. O ANDAR VELOZ, MAS COM O ATRÁS AFLITO / O PEITO:** a postura de Hipsípile se assemelha novamente àquela por ela descrita no símile da corça em fuga, acuada por lobos e por suas mordidas – cf. 5.164-9n.

**294-5. NO CÉU AS NASCENTES / CHAMAS DOS MONTES VINDAS:** descreve o nascer do Sol por trás dos montes de Lemno.

**296-325. PUDICO, O DIA VEM ... LEMNO TRISTE SEM SEU CUME:** com o nascer do novo dia, a luz revela às mulheres o horror de seu feito, trazendo-lhes a vergonha. Hipsípile, então, lamenta o destino da urbe e descreve as falsas exéquias celebradas para seu pai. O trecho se encerra com Hipsípile assumindo, contrariada, o cetro de Lemno. Em Valério Flaco, porém, não se diz terem-se envergonhado pelos feitos as lêmnias, nem conta o narrador sobre as falsas exéquias de Toas. Depois de sua fuga, somente se diz que as mulheres assumiram as funções dos homens, criando novas leis e passando, a Hipsípile, o cetro de seu pai (*V. Fl.* 2.306-10): *ar-*

*cem nata petit, quo iam manus horrida matrum / congruerat. rauco fremitu sedere parentum / natorumque locis uacuaeque in moenibus urbis / iura nouant. donant solio sceptrisque paternis / ut meritam redeuntque piae sua praemia menti* ("A filha volta à praça onde a súcia de mães / se reunira. Em rouco frêmito assumiram / dos pais e filhos as funções; e nas muralhas / instauram novas leis. Trono e cetro do pai / restituem à justa, em prêmio à pia mente" – trad. Márcio Meirelles).

**296-8. PUDICO O DIA VEM ... À TURVA NUVEM TORNA:** como temesse revelar as atrocidades da noite anterior, o Sol surge **pudico**, acanhado (cf. 5.296n), escondendo por entre as nuvens suas parelhas – os **descendentes jugos** (cf. 5. 297-8n).

**296. PUDICO O DIA VEM:** a ideia é a de que o dia se ergue envergonhado por ter que iluminar o cenário de tão grande matança. A palavra em latim (*pudibunda* – **pudico**), contudo, designa não só o sentimento que se manifesta no dia, mas também o tom avermelhado que caracteriza tanto o constrangimento como a cor do crepúsculo matinal. Na tradução, optou-se por uma referência indireta à cor avermelhada da vergonha, mantendo-se em primeiro plano o sentimento.

**296-7. NO CÉU CONTRÁRIO A LEMNO / DESMANCHANDO O FULGOR:** descompondo o seu brilho na parte do céu diametralmente oposta a Lemno, para que o trouxesse de lá em direção à ilha.

**297-8. OS DESCENDENTES JUGOS / TITÃ À TURVA NUVEM TORNA:** porque se punha o sol no **céu contrário** (5.296), diz que as parelhas de seus cavalos – os **jugos** – eram **descendentes**, os quais fazia retornar para Lemno e se esconderem por traz de **turva nuvem**. Sobre o movimento do Sol buscando esconder-se, cf. 5.296-8n.

**299-300. EM TODAS / – EMBORA IGUAIS –, UM SÚBITO PUDOR:** refere-se às lêmnias: embora criminalmente iguais, em todas manifesta-se o pudor pela violência cometida.

**302. AS COORTES DAS FÚRIAS:** porque não acompanhavam Vênus sozinhas, mas trazendo consigo o **rude Ódio**, o **Furor** e a **Discórdia** (cf. 5.73-4n).

**303. SACIADA:** satisfeita com os resultados de sua vingança. **E OS FEITOS VER PUDERAM:** como se estivessem cegas à realidade enquanto Vênus, as Fúrias e seu séquito tomavam os cimos da cidade, passam a ver seus **feitos** tão logo os numes abandonam a ilha. Corretamente emprega, então, **puderam** (*licuit*, em latim), pois que somente agora foi-lhes aberta a possibilidade de enxergar o que fizeram.

**304. PUXAR A COMA E EM PRANTO MERGULHAR OS OLHOS:** por desespero e luto – cf. 3.125-6n.

**305-12. A ILHA, RICA EM CAMPOS E BENS ... MANES NO ALTO ARFANDO:** o lamento de Hipsípile aponta a responsabilidade pelo infortúnio de Lemno, outrora **rica em campos e bens, armas e homens**: não sucumbiu por causa da ação do mar, pelas investidas de inimigos ou porque a ela se opunham os deuses (**céu sestro**), mas pela ação de suas próprias habitantes, que dali mataram todos os **pátrios** – é dizer "os nativos". Foi uma investida civil, então, que esvaziou seus campos e suas águas.

Conforme aponta Augoustakis (2010, p. 48-9), é interessante a relação que Hipsípile parece instituir entre a identidade da ilha e a presença de homens e mulheres, especialmente quando diz que, sem seus homens nativos (os **pátrios**), foi **excluída e destituída** do mundo: "O que é impressionante nessa passagem é que a dicotomia do *mesmo* e do *outro* colapsa sob o peso da diferenciação inerente encontrada no próprio conceito de igualdade: claramente, a identidade lêmnia é dividida entre o masculino e o feminino, e, quando um dos dois componentes é apagado, surge a necessidade de regressão e auto-obliteração de toda a população em geral: *perdidit una omnes orbata excisaque mundo / indigenas* [**perdeu todos, do mundo excluída e destituída, / os pátrios**]. Por padrão, Lemno perde seus cidadãos do sexo masculino e, portanto, é completamente excluída do mundo. Observe a ênfase no *enjambment* de *indigenas* [**pátrios**], por exemplo. O território de Lemno se torna o outro, o lugar onde a devastação se prolifera, onde ações indizíveis resultam em uma assimbolia, onde o feminino pode existir marginalmente sem o masculino, até a chegada do próximo grupo de homens, que definirá a estabilidade na ilha, ao menos temporariamente" (2010, p. 49).

**306. DO TRIUNFO GETA HÁ POUCO UFANA E UM NOTO SÍTIO:** tanto o motivo pelo qual se ufana Lemno como aquele que a tornou **um noto sítio** dizem respeito ao triunfo na guerra contra os trácios (o **triunfo Geta**) – cf. 5.75-6.

**309. OS VARÕES NÃO LAVRAM AGROS E ÁGUAS:** nem trabalham mais os homens na terra, nem se ocupam nas águas.

**310. FUNDO É O SANGUE:** por causa da quantidade de assassinatos cometidos, são fundas as poças de sangue espalhadas pela ilha. **E TUDO ENCARNA:** por causa da cor vermelha do sangue.

**312. E OS SEVOS MANES NO ALTO ARFANDO:** os manes dos mortos, espirando por sobre a cidade. Barthius (*ad loc.*) lê o passo como uma referência ao som exalado pelos manes que sobrevoam seus corpos ainda insepultos, citando Lucano para abonar sua interpretação (*Luc.* 6.620-3): *Emathiis unum campis attollere corpus, / ut modo defuncti tepidique cadaueris ora / plena uoce sonent, nec membris sole perustis / auribus incertum feralis strideat umbra* ("Mais fácil é, porém,

com tanta cópia / de recém-mortos como vai na Emátia, / erguermos um, que em voz distinta fale, / pois do vital calor tem resto ainda; / depois que o sol os queima, as ferais sombras / só dão vago murmúrio, a custo ouvido" – trad. José F. de Castilho). O verbo em latim, porém, indica mais o movimento respiratório do que a emissão de sons de qualquer tipo.

**313-9. Eu mesma, no antro arcano ... o duplo horror da morte:** Hipsípile descreve as falsas exéquias que fez em honra a seu pai para que suas compatriotas não desconfiassem do estratagema com que o ajudou a deixar a ilha em segurança.

**314-5. o cetro e as armas pátrias / lanço, e as vestes do rei:** conforme o antigo costume, Hipsípile lança sobre as chamas da pira funerária os objetos mais característicos de seu pai, aumentando assim a veracidade das exéquias ante os olhos das lêmnias.

**317. com a espada cruenta:** também um falso sinal para suas companheiras. Por não ter matado Toas, não traz, em sua espada, o sangue paterno, mas provavelmente o de algum dos outros mortos.

**318-9. que ao pai nulo / o agouro venha peço, e o duplo horror da morte: p**ede para que sejam nulos tanto o **agouro** como o **duplo horror da morte**. No primeiro caso, pede para que as falsas exéquias não sirvam de agouro a seu pai; no segundo, para que seja vão o medo da morte de Toas, que sozinho viaja pelo mar, e dela própria, que enganou suas compatriotas – donde dizê-lo, então, **duplo**.

**320-5. P'ra mim, por isso, dês que ... triste sem seu cume:** ao fim, revela Hipsípile ter herdado o trono de Lemno, seu por justiça, mas também porque a trama para encobrir a fuga do pai funcionou. Perceba-se que, para ela, ter o controle sobre a urbe se manifesta como um suplício (5.322), possivelmente por tratar-se de uma conquista baseada na mentira e no nefas – especialmente se for levado em conta aquilo que diz ter provado para os deuses antes de ter aceitado o cetro: **a lealdade / e as inocentes mãos** (5.323-4).

**320-1. dês que o ardil do falso crime / ganhou crédito:** refere-se às artimanhas para que as mulheres acreditassem que ela matou seu pai – sobre isso, cf. 5.313-9 e comentários *ad loc.*

**322. Acuada, eu me oporia?:** novamente aqui Hipsípile se coloca na posição de uma presa acuada por seus algozes, como no símile anteriormente delineado – cf. 5.164-9n.

**324. ó atro poder!:** em latim, *pro dira potestas!* Interpela o próprio poder a ela concedido, ressaltando-lhe a crueldade (**atro**).

**325. O IMPÉRIO EXANGUE:** isto é, um reino débil, sem a força dos homens. **SEM SEU CUME:** sem o seu líder maior, Toas.

**326-34. JÁ, MAIS E MAIS TORMENTA ... OS RIOS E MUDAS ERVAS:** conforme passa o tempo, as lêmnias cada vez mais tomam consciência de seu crime, direcionando seu ódio a Polixo. Interessante é o símile com que se encerra o trecho (5.330-4) – em que as mulheres são comparadas a um rebanho cujo touro líder foi morto por um leão (o **hostil Massílio**, cf. 5.332n) e que resta, então, sem honra em meio aos lamentos pelo chefe abatido –, no qual é retrabalhada a importância da presença masculina, ao lado da feminina, para a caracterização da sociedade em Lemno, algo já sugerido por Hipsípile e abordado por Augoustakis (cf. 5.305-12n). Essa retomada, por sua vez, intensifica a preparação para a chega dos argonautas à ilha, que ocorrerá logo na sequência dos fatos (cf. 5.535-430n).

**326. OS VÍGEIS ÂNIMOS:** "os ânimos vigilantes" – porque não mais descansaram as mulheres depois da chacina.

**328. JÁ VEEM SEU NEFAS:** assim como só puderam ver a realidade quando Vênus e as Fúrias abandonaram a cidades (cf. 5.303n), ora já conseguem ter a consciência sobre os assassinatos cometidos, os quais entendem como um **nefas**.

**330-4. COMO, ANSIOSAS, O NOIVO ... OS RIOS E MUDAS ERVAS:** sobre o símile, cf. 5.326-34n. Glosa: "da mesma forma que as novilhas ansiosas vêm seu noivo morto sob o hostil Massílio, aquele que fora o principal do estábulo, a quem pertenciam o pasto e as glórias do rebanho, e que o gado segue órfão sem sua mais alta honra, e que o próprio campo, os rios e as ervas silenciosas choram seu rei ora morto".

**331. GLÓRIAS DA GREI FEITA:** Barthius (*ad loc.*) lê o trecho como uma referência ao rebanho já crescido (por isso **feito** – em latim, *adultae*), cria do touro morto (**acabado**) lamentado.

**332. SOB O HOSTIL MASSÍLIO: "**sob o inimigo Massílio". Designa o leão, animal nativo da África – donde, então, o gentílico **Massílio**, que se refere ao povo homônimo que habitava regiões próximas à Numídia (antigo nome de parte da região norte do continente africano).

**333. SEM HONRA O GADO:** sem seu principal touro, o gado segue como as lêmnias, **sem seu cume** (cf. 5.335n). **SEU REI MORTO:** o touro abatido.

**335-430. MAS EIS SINGRANDO AS ÁGUAS ... BREVE ATLAS CELÍFERO:** seguindo a narração, Hipsípile passa à história dos argonautas, contando, primeiro, sobre a chegada da embarcação à Lemno (logo após sugerir a importância dos homens para a condição mesma de existência da

ilha – sobre isso, cf. 5.305-12n; 5.326-34n). Retomando temas presentes em Apolônio de Rodes, a quem mais se assemelha Valério Flaco, Estácio amplifica o episódio (são 96 versos contra 10 em Apolônio e 5 em Flaco), explorando mais intensamente o potencial da situação: uma embarcação desconhecida que se aproxima de uma ilha, então habitada somente por mulheres, logo após terem os homens vencido um povo inimigo na guerra.

Em Apolônio de Rodes e em Valério Flaco, o medo de uma retaliação por parte dos trácios deixa as lêmnias em alerta e assustadas, fazendo com que se armem para a guerra tão logo avistem uma nau estrangeira se aproximando da costa (*A. R.* 1.630-9): *ἀλλὰ γὰρ ἔμπης / ἦ θαμὰ δὴ πάπταινον ἐπὶ πλατὺν ὄμμασι πόντον / δείματι λευγαλέῳ ὁπότε Θρήικες ἴασι· / τῶ καὶ ὅτ' ἐγγύθι νήσου ἐρεσσομένην ἴδον Ἀργώ, / αὐτίκα πασσυδίῃ πυλέων ἔκτοσθε Μυρίνης / δήια τεύχεα δῦσαι ἐς αἰγιαλὸν προχέοντο, / Θυιάσιν ὠμοβόροις ἴκελαι, φὰν γάρ που ἱκάνειν / Θρήικας· ἡ δ' ἅμα τῇσι Θοαντιὰς Ὑψιπύλεια / δῦν' ἐνὶ τεύχεσι πατρός. ἀμηχανίῃ δ' ἔσχοντο / ἄφθογγοι, τοῖόν σφιν ἐπὶ δέος ᾐωρεῖτο* (“No entanto, frequente / pousavam sobre o vasto mar os seus olhares, / temendo horrivelmente a chegada dos Trácios. / Por isso, quando viram junto à ilha a Argo, / iam em multidão das portas de Mirina / vestidas para a guerra, à praia despejando-se, / como Tíades carniceiras, pois talvez / viessem Trácios; e Hipsípile Toantida co’ elas / vestiu do pai as armas. Receosas desciam / sem fala; tal o horror que sobre elas pairava” – trad. Vinicius Barth).

Em Valério Flaco (*V. Fl.* 2.311-5): *ecce procul ualidis Lemnon tendentia remis / arma notant, rapitur subito regina tumultu / conciliumque uocat. non illis obuia tela / ferre nec infestos derat furor improbus ignes, / ni Veneris saeuas fregisset Mulciber iras* (“Eis que chegando, ao longe, a Lemnos, a remadas, / as armas veem. A rainha, alvoroçada, / chama o conselho. Adversas flechas, fogo hostil, / não lhes faltara atroz furor para lançarem-lhes, / se à ira de Vênus o Mulcíber não partisse” – trad. Márcio Meirelles). Como se vê, em nenhum dos dois, porém, ocorre o ataque por parte das mulheres, como em Estácio (5.376-419), uma vez que a situação se resolve antes de que a investida seja necessária: em Rodes, os argonautas enviam um mensageiro à ilha para que apresente a situação dos nautas ali embarcados (*A. R.* 1.640-3); em Flaco, é Polixo que, inspirada por Febo, ordena que os portões sejam abertos aos que chegam (*V. Fl.* 2.316-25).

Alargando o episódio por meio do desdobramento de suas cenas e da inclusão de outras, como aquelas do ataque à Argo, Estácio acaba por dar mais destaque aos afetos manifestados naquele momento tanto por parte dos marinheiros como das mulheres, e também cria um

ambiente mais afim à ilha, onde o dia recém amanheceu entre nuvens, logo após a chacina orquestrada por Vênus (cf. 5.296-8 e comentários *ad loc.*). Assim, não só as lêmnias chegam às vias de fato contra os navegantes, mas também eles, já cansados por causa da navegação (5.381-4), têm de lidar com situações adversas, quer sejam elas causadas pelo ataque vindo da costa (5.376-419), quer sejam provocadas pela tempestade que despenca dos céus (5.361-75) sobre o barco. Assim, ao comparar-se o passo às descrições feitas por Rodes e Flaco (*supra*), percebe-se que, em Estácio, o episódio ganha especialmente em força e consistência, principalmente porque se constrói com base em elementos anteriormente trabalhados, como a tempestade sugerida pelo amanhecer e a disposição bélica das mulheres.

**335-45. Mas eis singrando as águas ... fainas ordena que esqueçam:** Hipsípile começa descrevendo a nau que se aproxima pelo mar. A imagem do barco singrando os mares (5.335-9) contrasta, no mesmo passo, com a calmaria que toma a popa por causa do som da lira de Orfeu (5.340-5) – que, por sua vez, será transformada em correria durante o ataque das lêmnias e a tempestade futura (5.361-419).

**336. há muito no intacto mar viajando:** diz-se que o navio dos argonautas foi o primeiro a navegar em águas abertas – por isso o **intacto mar**.

**336-7. o Pélio / pinho:** a Argo, nau em que navegavam os argonautas – cf. 3.518n. Diz **Pélio** por ter sido construída com troncos vindos do Monte Pélion, na Tessália – cf. 2.598-9n.

**337. os Mínias:** por causa dos mínias, povo da Tessália descendente do rei Mínia, os argonautas eram assim nomeados – como explica Apolônio de Rodes (1.228-33): *τόσσοι ἄρ' Αἰσονίδῃ συμμήστορες ἠγερέθοντο. / τοὺς μὲν ἀριστῆας Μινύας περιναιετάοντες / κίκλησκον μάλα πάντας, ἐπεὶ Μινύαο θυγατρῶν / οἱ πλεῖστοι καὶ ἄριστοι ἀφ' αἵματος εὐχετόωντο / ἔμμεναι, ὥς δὲ καὶ αὐτὸν Ἰήσονα γείνατο μήτηρ / Ἀλκιμέδη Κλυμένης Μινυηίδος ἐκγεγαυῖα* ("Tais foram os que enfim reuniram-se co' o Esônida. / E os vizinhos nomeavam os heróis por Mínias / pois muitos e os mais nobres juraram ser prole / sanguínea das filhas de Mínia; era exemplo / Jasão, o próprio, pois Alcímeda, sua mãe, / de Clímena nasceu, descendente de Mínia" – trad. Vinicius Barth).

**338. um gêmeo estrondo:** porque, chocando-se contra o casco, as ondas soam de ambos os lados do barco.

**338-9. crês que à raiz sai abrupta / a Ortígia, ou que ruidoso monte desce ao pélago:** como em Virgílio (*A.* 8.691-2): *pelago credas innare reuulsas / Cycladas aut montis concurrere montibus altos*

("no mar crês flutuarem, arrancadas, / as Cíclades, ou altos montes com outros montes se chocarem"). **CRÊS QUE À RAIZ SAI ABRUPTA / A ORTÍGIA:** sobre a Ortígia, antigo nome de Delos, cf. 1.573n. Porque se dizia que as ilhas eram presas ao fundo do Oceano por raízes (cf. sobre isso 3.437n), compara o som que a Ortígia, abruptamente arrancada por suas raízes, provocaria chocando-se contra as águas do mar.

**339. OU QUE RUIDOSO MONTE DESCE AO PÉLAGO:** outro som ao que compara o barulho das águas chocando-se contra a Argo: o de um monte caindo no mar (no **pélago**). Com **ruidoso**, atribui ao monte a qualidade do som que ele provocaria chocando-se nas águas – uma hipálage.

**340. MAS QUANDO AS ÁGUAS, REMOS SUSPENSOS, CALARAM:** o som produzido pelas ondas ao se chocarem contra a proa da Argo (cf. 5.335-47n; 5.338n), portanto, não era resultado da agitação do mar, mas da força e da velocidade com que remavam os argonautas.

**341. MAIS SUAVE QUE UM CISNE:** porque, segundo Amar-Lemaire (*ad loc.*), quando está para morrer, o cisne emite um canto bastante suave. Lactâncio (*ad loc.*) cita Ovídio como um paralelo à imagem (*Met.* 14.428-30): *illic cum lacrimis ipso modulata dolore / uerba sono tenui maerens fundebat, ut olim / carmina iam moriens canit exequialia cycnus* ("aí, em lágrimas, com voz débil, entoa, entristecida, / palavras que a mesma dor modula, como às vezes o cisne que, / ao morrer, entoa o canto exequial" – trad. Domingos Dias). **E QUE O PLECTRO DE FEBO:** a varinha de madeira com que o deus tange as cordas de sua lira. Refere-se, então, à música que o deus executa em seu instrumento.

**343. APÓS:** como narradora personagem, seria impossível para Hipsípile saber o que se passava no convés do navio no momento em que ele foi avistado próximo às costa de Lemno. Por esse motivo, então, diz tratar-se de uma informação posterior à visão ora relatada.

**343-4. O EAGRO / ORFEU:** uma dos argonautas, Orfeu é filho de Eagro, rei da Trácia, e de Calíope, uma das musas (Hyg. *Fab.* 14; *Apollod.* 1.3.2; *A. R.* 1.23-5). Fora agraciado com o dom da música e do canto, cabendo a ele, durante a expedição liderada por Jasão, imprimir com lira e voz o ritmo dos remadores.

**345. E AS MUITAS FAINAS ORDENA QUE ESQUEÇAM:** a música então performada por Orfeu (cf. 5. 341) reflete a condição em que se encontra o barco: com as águas silenciadas pela suspensão dos remos (5.340), descansam os nautas de seu esforço, gozando o som tranquilo da melodia órfica. **ORDENA:** em latim, *iubet*. Porque era o responsável por ditar o ritmo aos remadores, diz que o repouso em que aqui são encontrados se trata de uma ordem.

**346-7. Seu curso é o Cítio Bóreas, e a entrada do Ponto / restrita pelos Ciâneos vaus:** outra informação que Hipsípile certamente soube *a posteriori*: a direção e o destino para onde navegavam os argonautas – sobre a primeira dessas informações, cf. 5.343n. Navegando em busca do velocino de ouro – cf. 1.13n; 2.281n – a mando de Pélias, os homens partiram em direção a Colcos, onde Eeta o havia consagrado a Ares, na Cólquida, região localizada na margem leste do Mar Negro (o **Ponto** ora referido em maiúscula). O **Cítio Bóreas** é o vento que sopra do norte – *i.e.*, da Cítia, a região que se estende da costa norte do mar Morto em direção ao oriente. Com **Ciâneos vaus** se refere às Ciâneas, um par de ilhas flutuantes localizadas no mar Negro, mais especificamente no Estreito de Bósforo – à **entrada do Ponto**, portanto –, as quais se fechavam de maneira brusca quando algo tentava passar por entre elas.

**347-60. Nós, crendo Trácia ... as penas de seus crimes:** ao avistarem o barco que se aproximava, as lêmnias temeram tratar-se da revanche dos trácios, recém derrotados na guerra pelos homens da ilha. Assustadas, então, prepararam-se para a guerra com as armas de seus maridos e parentes. Não pensavam, porém, tratar-se de simples vingança, mas de um castigo (**etérea / justiça** – 5.359-60) para os crimes que cometeram. Embora o temor pela chegada dos trácios esteja presente também em Apolônio de Rodes e em Valério Flaco (cf. os trechos citados em 5.335-430n), a crença de que a suposta revanche se tratava de uma resposta divina aos feitos por elas praticados trata-se de uma inclusão feita por Estácio, e marca, conforme defende Vessey, o exato momento em que a insanidade as deixa, trazendo novamente a consciência sobre suas últimas ações (*esp.* 5.358-60): "Conforme Argo se aproxima, a loucura por fim deixa as mulheres lêmnias e elas antecipam a punição para seus crimes" (1973, p. 183).

**350. Ora, donde as Fúrias?:** "nesse momento, onde estão as Fúrias que, junto de Vênus, nos incitaram contra nossos próprios companheiros, pais, filhos e irmãos?" – sobre a influência das Fúrias no episódio, cf. 5.61-9n; 5.66n.

**350-1. Muros junto a praia e porto, / donde longe contempla-se o mar, e altas torres:** as mulheres se estabelecem sobre as muralhas de Lemno, colocando-se por toda a extensão dos muros e ocupando as torres em postura defensiva. Antes de se defenderem, porém, atacarão a embarcação que se aproxima, de origem desconhecida por elas (cf. 5.376-421).

**352-6. aos postos, pedras, paus ... rostos / não pejam:** as mulheres se armam com tudo o que tinham disponível. Não usam, então, só as armas e armaduras dos homens, mas lançam mão também de paus e pedras para que possam atacar os estranhos que se aproximam pelo mar.

**352-3. AS TRISTES / ARMAS DOS HOMENS:** diz **tristes** seja porque estão mortos aqueles que as costumavam empunhar, seja porque foram utilizadas pelas mulheres para matá-los.

**353. GLÁDIOS DA CEIFA INFECTADOS:** as espadas que utilizaram para matar os homens da ilha durante a emboscada – por isso diz **da ceifa infectados** ("infectados pela matança").

**354-6. ADEMAIS, PESADAS ... ROSTOS / NÃO PEJAM:** é dizer que, mesmo depois de os terem matado, não se envergonhavam de vestir suas armaduras (as **pesadas tramas / de couraças**) e de cobrir os rostos **brandos**, porque femininos, com as **gáleas** dos homens – cf. porém 5.356-7n.

**356-7. COM O AUDAZ BANDO PERPLEXA, COROU / PALAS, ESCARNECEU NO HEMO ADVERSO O GRADIVO:** tanto Atena (**Palas**) como Marte (o **Gradivo**) reagem à audácia das mulheres de Lemno, que se armam de pau e pedras, vestindo as roupas de seus homens para enfrentar os estranhos que se aproximam: a vergonha de Atena e o riso de Marte, deuses da guerra, expõem o ridículo da situação em que elas se encontravam.

**357. NO HEMO ADVERSO:** localizado na Trácia, o Monte Hemo é **adverso** porque está nas terras inimigas em relação a Lemno. É dizê-lo, então, "hostil".

**358-60. NISSO CESSOU, ENTÃO ... AS PENAS DE SEUS CRIMES:** eis o momento em que a loucura deixa as mulheres de Lemno e sua consciência volta à tona: para Vessey (1973, p. 183), o exato instante em que a normalidade psicológica retorna à ilha.

**358. A ABRUPTA INSÂNIA:** em latim, *praeceps amentia*. Barthius (*ad loc.*) lê a expressão como uma referência à imprudência (em latim, *audacia temeraria*) das lêmnias, as quais ousam preparar-se para atacar os homens que ora se aproximam. Assim, então, o passo levaria em conta não toda a insânia que se abateu sobre as mulheres da ilha desde que Vênus inspirou Polixo a incitar suas companheiras contra a própria casa, mas somente a sua última atitude de desespero ante a chegada da embarcação estrangeira. Contudo, como fica claro no próprio passo (**e as penas de seus crimes** – 5.360), as lêmnias tomam conhecimento não de como estão risíveis trajadas para a guerra, mas de que a chegada do navio pode ser, na verdade, a chegada de sua punição: a referência à loucura implantada por Polixo, então, é mais provável do que aquela à situação em que ora se encontram. Além do mais, de acordo com Vessey (cf. 5.347-60n; 5.358-60n), essa retomada de consciência, um retorno à sanidade, é acompanhada ainda por outro retorno, o da "normalidade sexual" (1973, p. 18), visto que é exatamente isso que a chegada dos argonautas significará para as mulheres – são eles, pois, os **fogos outros** prometidos por Vênus (5.138).

**359. NÃO OS REMOS NO SAL:** isto é, "no mar".

**361-75. LONGE DA TERRA O QUANTO ... OS GRANDES REMOS CESSAM:** após terem-se acalmado os nautas com a música de Orfeu (cf. 5.340-5 e comentários *ad loc.*), novamente se agitam os homens e o barco por causa de uma tempestade enviada por Jove. Para Vessey: "[...] durante a última afirmação fútil de força não feminina, Júpiter envia a tempestade. O cosmos está envolvido nas e influenciado pelas paixões extremas da humanidade, exatamente como quando Polinices fez sua jornada para Argos no canto primeiro. Tanto a tempestade como a fúria final das mulheres se acalmam no mesmo momento: *tunc modus armorum, pariterque exhausta quierant / flamina, confusoque dies respexit Olympo* (5.420-1 [**Então param as armas, abstêm-se, assim, lassos / os ventos, do atro Olimpo outra vez vindo o dia**])" (1973, p. 183).

Compare a tempestade enviada por Júpiter com as que atingem os barcos de Odisseu, em Homero (*Od.* 12.403-19): *ἀλλ' ὅτε δὴ τὴν νῆσον ἐλείπομεν οὐδέ τις ἄλλη / φαίνετο γαιάων, ἀλλ' οὐρανὸς ἠδὲ θάλασσα, / δὴ τότε κυανέην νεφέλην ἔστησε Κρονίων / νηὸς ὕπερ γλαφυρῆς, ἦχλυσε δὲ πόντος ὑπ' αὐτῆς. / ἡ δ' ἔθει οὐ μάλα πολλὸν ἐπὶ χρόνον· αἶψα γὰρ ἦλθε / κεκληγὼς ζέφυρος μεγάλῃ σὺν λαίλαπι θύων. / ἱστοῦ δὲ προτόνους ἔρρηξ' ἀνέμοιο θύελλα / ἀμφοτέρους, ἱστὸς δ' ὀπίσω πέσεν, ὅπλα τε πάντα / εἰς ἄντλον κατέχυνθ'· ὁ δ' ἄρα πρυμνῇ ἐνὶ νηῒ / πλῆξε κυβερνήτεω κεφαλήν, σὺν δ' ὀστέ' ἄραξε / πάντ' ἄμυδις κεφαλῆς· ὁ δ' ἄρ' ἀρνευτῆρι ἐοικὼς / κάππεσ' ἀπ' ἰκριόφιν, λίπε δ' ὀστέα θυμὸς ἀγήνωρ. / Ζεὺς δ' ἄμυδις βρόντησε καὶ ἔμβαλε νηῒ κεραυνόν· / ἡ δ' ἐλελίχθη πᾶσα Διὸς πληγεῖσα κεραυνῷ, / ἐν δὲ θεείου πλῆτο· πέσον δ' ἐκ νηὸς ἑταῖροι. / οἱ δὲ κορώνῃσιν ἴκελοι περὶ νῆα μέλαιναν / κύμασιν ἐμφορέοντο, θεὸς δ' ἀποαίνυτο νόστον* ("depois de nos afastarmos da ilha, já não víamos / terra alguma: só víamos céu e mar. / Então colocou o Crônida uma nuvem negra / sobre a côncava nau, e debaixo da nau se escureceu o mar. / Navegou durante pouco tempo, pois logo sobreveio / o Zéfiro guinchante com grande rajada de tempestade. / A força do vento quebrou as cordas do mastro, / ambas: o mastro caiu para trás, e todo o equipamento / caiu no porão; na porta da nau, o mastro atingiu a cabeça / do timoneiro e partiram-se os ossos do seu crânio. / Com um mergulhador caiu da coberta / e a vida abandonou-lhe os ossos. / Zeus trovejou e, ao mesmo tempo, atingiu a nau com um raio. / Toda ela estremeceu, atingida pelo relâmpago de Zeus. / Encheu-se de fumaça de enxofre e da nau caíram os companheiros. / Como corvos marinhos foram levados em redor da nau escura / pelas ondas; e um deus lhes retirou o regresso a casa" – trad. Frederico Lourenço).

E de Eneias, em Virgílio (*A.* 3.192-9): *postquam altum tenuere rates nec iam amplius ullae / appa-*

*rent terrae, caelum undique et undique pontus, / tum mihi caeruleus supra caput astitit imber / noctem hiememque ferens, et inhorruit unda tenebris. / continuo uenti uoluunt mare magnaque surgunt / aequora, dispersi iactamur gurgite uasto; / inuoluere diem nimbi et nox umida caelum / abstulit, ingeminant abruptis nubibus ignes* ("Quando já estávamos longe, no pélago, sem mais indícios / de terra alguma – por tudo em redor, o amplo céu e água funda –, / surge por cima de minha cabeça uma nuvem cerúlea, / com a noite escura e as tormentas. As trevas as ondas cobriram; / o vento as águas agita, para o alto atirando ondas grandes. / Dispersa a armada, jogados nos vimos de um lado para outro. / A cerração cobre o dia; do céu nos afasta o aguaceiro; / ininterruptos relâmpagos traçam seus riscos nas nuvens" – trad. Carlos Alberto Nunes).

**361-2. Longe da terra o quanto as Gortíneas pungentes / percorrem:** as **Gortíneas pungentes** são as flechas produzidas em Gortine, uma cidade localizada em Creta – sobre as flechas e os arcos cretenses, cf. 3.587-8n. É dizer, então, que a tempestade formou-se sobre o mar a uma distância da terra tão grande quanto é possível fazer percorrer um flecha.

**363. avios:** "equipamentos" (*armamenta*, em latim). **nau Pelasga:** é dizê-la "grega". No momento da narrativa, já sabe Hipsípile tratar-se de uma embarcação grega, e não trácia, como julgavam ela e as conterrâneas no momento dos acontecimentos.

**365-6. o dia às trevas misto, as quais tão logo às ondas / dão cor:** ao escurecer o dia o dia, a escuridão da tempestade escurece, também, as águas do mar.

**366. as cavas nuvens rompe:** em latim, *caua nubila*. A ideia se deve, provavelmente, ao fato de as nuvens estarem carregadas de chuva – por isso estariam côncavas, arqueadas. Como em Virgílio (*A.* 9.670-1): *cum Iuppiter horridus Austris / torquet aquosam hiemem et caelo caua nubila rumpit* ("quando Júpiter, hórrido, com o Austro / revolve a aquosa tempestade e, no céu, as cavas nuvens rompe").

**367-8. umente a terra surge em vórtices / negros:** uma vez que o vento agita as águas do mar (5.366-7), criando nela turbilhões (os **vórtices**), é possível que se veja a terra do leito marinho – porque está no fundo do mar, então, a diz **umente**. Como em Virgílio (*A.* 1.106-7): *hi summo in fluctu pendent; his unda dehiscens / terram inter fluctus aperit, furit aestus harenis* ("uns, em sumas vagas, pendem; a outros, aberta a onda, / a terra entre as vagas se mostra; com a areia se enfurece o mar"). Diz **negros** os **vórtices** por causa das trevas que cobriram o dia e as águas do mar (cf. 5.364-6).

**368-70. COM ARDOR DO NOTO, A ... DOS ASTROS / SE QUEBRA:** descreve a formação das ondas pela fúria do vento – nesse caso, o Noto: soprando, este faz com que o mar (a **undíssona planície**) primeiro se avolume (**sobe**) e, depois, já arqueada a sua superfície (seu **dorso**), se quebre quando em seu ponto mais alto (**já perto dos astros**). O traço hiperbólico que marca as descrições do passo (5.361-75) indicam a fúria da tempestade que se abateu sobre o navio dos mínias.

**370. NO ALNO INCERTO:** porque não tinha curso certo por causa dos ventos e da agitação do mar, diz que o barco era **incerto**. O **alno** (também chamado "álamo" ou "amieiro") é uma madeira comumente utilizada para a construção de navios – aqui, portanto, uma metonímia para "embarcação". **O PRIMO ÍMPETO:** o primeiro impulso dado no barco pelas ondas.

**371-2. AO IMO ABISMO AFUNDA, IRROMPENDO DO ARÍETE, / E SOBE AO CÉU TRITÃO:** era comum que as embarcações trouxessem, prolongando-se a partir da ponta do aríete (cf. 5.371n), uma imagem escupida de Tritão (cf. 5.372n). Aqui, então, diz que, conforme o subir e o descer das ondas, ora o aríete se inclinava em direção ao fundo do mar, ora em direção aos céus.

**371. ARÍETE:** longa trave de madeira que se estende a partir da proa do barco na direção de seu comprimento.

**372. TRITÃO:** refere-se ou ao deus marítimo que intervém diretamente na lenda dos argonautas (*esp. A. R.* 4.1537-637) ou, ainda, à representação de um dos seres do cortejo de Posídon, cuja parte superior do corpo é de homem, e a inferior, de peixe. Sua imagem era comumente esculpida nas embarcações – como em Virgílio (*A.* 10.209-12): *hunc uehit immanis Triton et caerula concha / exterrens freta, cui laterum tenus hispida nanti / frons hominem praefert, in pristim desinit aluus, / spumea semifero sub pectore murmurat unda* ("trá-lo imano tritão, que os vaus cerúleos / a búzio aterra, humano híspido o rosto, / de ceto o imerso ventre, ao semífero / a vaga sob o peito alveja e estoura" – trad. Odorico Mendes). **DE HERÓIS SEMIDEUSES:** os próprios argonautas. De acordo com Barthius (*ad loc.*), assim os gregos os chamavam.

**373. INSANO AÇOITA A NAVE O TRONCO:** refere-se ao mastro da embarcação, formado por um único tronco de madeira, a partir do qual estendia-se a vela. Para Lactâncio (*ad loc.*), diz-se **insano** ao mastro ou por causa de seu tamanho, ou por causa da instabilidade. Mais fácil é crer, porém, que a agitação dos ventos durante a tempestade tem influência na insanidade do mastro, cuja instabilidade pode ser causada pela força com que os ventos inflam a vela.

**374. COM SEU PESO INSTÁVEL ENVERGANDO:** grande e pesado, com o vento fazendo oscilar o seu

peso de um lado para o outro, o mastro se envergava balançando a embarcação.

**374-5. AS CURVAS / ÁGUAS FENDE:** por causa da agitação do mar, diz serem **curvas** as suas ondas – compare com a expressão **undíssona planície** (5.368), com a qual se refere ao mar antes de ele ser agitado pelo Noto.

**375. NO PEITO OS GRANDES REMOS CESSAM:** inúteis durante a tempestade, os remos se detém ao peito dos remadores.

**376-93. NÓS TAMBÉM, NOS ROCHEDOS ... RUÍDO; NA ÁGUA, A IRA:** aproveitando-se da tempestade, que acabou distraindo os nautas, as mulheres empreendem um ataque contra a embarcação. Hipsípile descreve as investidas de suas conterrâneas e também se detém na reação dos argonautas, divididos, no primeiro momento, entre defender-se das flechas e da tempestade. Compare a reação dos homens àquela dos marinheiros de Céix, em Ovídio, também apanhados por uma tempestade (*Met.* 11.486-9): *sponte tamen properant alii subducere remos, / pars munire latus, pars uentis uela negare; / egerit hic fluctus aequorque refundit in aequor, / hic rapit antemnas* ("correm uns, por instinto, a tirar os remos, / outros, a reforçar o casco, outros recolhem do vento as velas. / Esvazia um a água que entrou, devolvendo ao mar o mar, / outro recolhe as antenas" – trad. Domingos Dias).

**377. COMO AOS VARÕES A FAINA IRAVA, O MAR E O AUSTRO:** "enquanto se preocupavam com o mar, o vento e as dificuldades por eles causadas."

**378. DÉBEIS MEMBROS:** tanto porque são de mulheres, como porque não têm prática no manejo das armas. **FLECHAS FLUTUANTES:** é dizê-las incertas – atiradas sem um alvo específico, apenas em direção ao barco.

**379. O QUE NÃO OUSA A MÃO?:** Lactâncio (*ad loc.*) entende que a questão de Hipsípile tem por base os crimes cometidos pelas Lêmnias: "por que não podemos ser ousadas depois do nosso crime?". Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), o passo deve ser entendido a partir dessa situação em específico: "como não ter tamanha audácia contra homens fortíssimos e armados?". Barthius (*ad loc.*), por sua vez, parece conciliar ambas as possibilidades, alegando que, ao verem a embarcação cheia de marinheiros grandes e fortíssimos, por que não atacá-la, uma vez que já tinham matado seus próprios homens? **PELEU E TÉLAMON:** irmãos, filhos de Éaco e Endeis – em uma versão mais antiga do mito, Télamon seria filho de Acteu e Glauce. Sobre a descendência de Télamon, cf. 2.473n.

**380. AO TIRÍNTIO COM O ARCO NOSSO FOMOS:** "com o nosso arco, atacamos o tiríntio". Refere-se a

Hércules, criado em Tirinte, cidade da Argólida – cf. 4.147n.

**382. UNS DOTAM O CONVÉS DE CLÍPEOS:** para evitar que as flechas lançadas atinjam aqueles que laboram no convés do barco, alguns dos nautas empenham-se em recobrir o barco com seus escudos.

**384. AS FORÇAS FALTAM, PELO EMPENHO USADAS:** empregadas para manter o barco flutuando e para se defender do assalto lêmnio, faltam forças para revidar o ataque – embora alguns dos embarcados se emprenhem na luta (**outros lutam** – 5.383).

**385-6. COM A FÉRREA NIMBO / COMBATE A CHUVA:** em latim, *et ferrea nimbis / certat hiems*. Foi tamanha a quantidade de flechas lançadas pelas mulheres, que a tempestade disputa os céus com a nuvem por elas formada – por isso **férrea nimbo**. Como em Virgílio (*A.* 12.283-4): *it toto turbida caelo / tempestas telorum ac ferreus ingruit imber* ("vai turva, por todo o céu, / a tempestade de dardos, e férrea avança a chuva").

**387. E, DE AMPLAS CHAMAS CRINUDOS, VENÁBULOS:** lanças curtas que, depois de incendiadas, eram arremessadas contra o alvo. Diz **crinudos** por causa do movimento das chamas depois do arremesso, que se assemelham às crinas de um cavalo. Como em Virgílio (*A.* 5.528): *crinemque uolantia sidera ducunt* ("e uma crina os astros cadentes traçam"); e Sêneca (*Oed.* 309-11): *utrumne clarus ignis et nitidus stetit / rectusque purum uerticem caelo tulit / et summam in auras fusus explicuit comam?* ("acaso, claro o fogo e nítido restou, / e ao céu direto um puro vértice levou, / e suma pelos ares a coma espalhou?").

**388-9. O OCULTO / PINHO:** diz **oculto** o navio (o **pinho**) por causa da quantidade de flechas que sobre ele se abateram, ou por causa dos escudos dos que buscavam proteger aqueles que estavam no convés da embarcação (cf. 5.382n).

**389. E O ASSOALHO SE QUEIXA NOS FUNDOS PORÕES:** em latim, *abiunctis regemunt tabulata cauernis*. A interpretação do passo é disputada pela crítica, especialmente no tocante às *abiunctis ... cauernis*. Barthius (*ad loc.*), aqui seguido, entende que a construção designa a distância entre os porões do navio e a superfície ("nos separados porões"), indicando, assim, as grandes dimensões da embarcação dos argonautas.

**390-3. FERE ASSIM, COM HIPERBÓREA ... RUÍDO; NA ÁGUA, A IRA:** outro dos símiles de Hipsípile – para os outros, cf. 5.144-6n; 5.164-9n; 5.202-5n; 5.231-5n; 5.261-4n; 5.326-34n. Aqui, a narradora compara, à salva de flechas que ela e suas companheiras enviaram sobre a Argo (5.385-9), as tempestades de neve enviadas por Júpiter, que têm consequências tantos para os animais

terrestres (5.391) como para as aves (5.392) e plantações (5.392-3), chegando mesmo a provocar agitações nas águas (5.393). Interessante é perceber que o símile se aplica ao ataque das lêmnias, que ocorre durante um tempestade enviada por Júpiter às águas onde estavam os argonautas (cf. 5.361-75) – como se o deus, então, os atacasse duas vezes.

**390. COM HIPERBÓREA NEVE:** para Lactâncio (*ad loc.*), com a neve vinda da Cítia – do além-Bóreas: do Grego *ὑπέρ* (*hypér* – "sobre, além de") e *Βορέας* (*Boréas* – "Bóreas", o vento norte). Sobre Bóreas, cf. 1.160n.

**391. E AS FERAS SUBMERGEM TODAS PELOS CAMPOS:** afundam-se na neve, de tão grande a sua espessura, os animais que sobre ela caminham.

**393. NO ALTO, O RUÍDO:** provocado pela neve que rola do cimos dos montes em grandes quantidades. **NA ÁGUA, A IRA:** causada pelas grandes quantidades de neve que chegam a rios e fontes.

**394-421. MAS, QUANDO ÀS NUVENS ... OUTRA VEZ VINDO O DIA:** durante o ataque, um raio enviado por Jove ilumina o barco e, enfim, as lêmnias podem ver seus tripulantes, tomando consciência dos homens contra os quais lutavam. Não só os reconhecem, porém, mas também veem o início de sua reação à investida, um misto de contra-ataque, mesmo que tímido, e pedidos de trégua. Chama a atenção a postura passiva dos argonautas ante ao ataque sofrido. Seu comportamento, porém, é muito provavelmente condicionado pela tempestade enviada por Júpiter, pois é difícil acreditar que, em condições normais, os nautas não reagiriam de pronto à investida vinda da costa. Nesse sentido, pode-se cogitar que a tempestade enviada por Júpiter (cf. 5.361-75), aparentemente sem motivos, cumpre um papel fundamental no destino das mulheres da ilha: sua ofensiva, levada a cabo por mulheres de **débeis membros** (cf. 5.378n), dificilmente colocaria em risco a vida dos tripulantes da Argo, mesmo durante a tempestade. Sem ela, porém, a resposta dos homens certamente não seria tímida, podendo acarretar a morte das habitantes da ilha.

**394-5. QUANDO ÀS NUVENS ESTILOU DO CÉU POR JOVE / O FOGO:** "quando dos céus Jove lançou um raio às nuvens".

**396-7. DAS MÃOS, DE HORROR MOLES, CAÍRAM / AS ARMAS DE OUTREM:** as armas que haviam empunhado (cf. 5.352-4) caíram de suas mãos, amolecidas pelo medo após a imagem revelada.

**397. TORNOU O SEXO AOS PEITOS:** desde que Polixo ordenou às conterrâneas que deixassem de lado seu sexo para que executassem um **grande feito** (cf. 5.104-5 e comentários *ad loc.*), somente agora Hipsípile diz terem recuperado sua condição feminina: diante dos argonautas,

sentiram-se novamente inferiores aos homens, desistindo de sua investida.

**398. os Eácidas vimos:** os filhos de Éaco – Télamon e Peleu (cf. 5.379n).

**399. Anceu:** filho de Licurgo, rei da Arcádia – não confundir com o Licurgo da Trácia (cf. 4.386n). **Ífito:** filho de Êurito, rei da Ecália.

**400-1. manifesto, vem por sobre os homens todos / o Anfitrionida:** Hércules, aqui tratado como filho de Anfitrião – seu padrasto, na verdade. Diz que, sem se esconder sob os escudos (cf. 5.382n; 5.388-9n), Hércules vem correndo **manifesto** por sobre os outros tripulantes no convés da nave.

**403. Jasão, lesto:** porque se movia o herói com bastante velocidade e presteza para, ao mesmo tempo em que fugia do ataque lêmnio, exortar e comandar seus companheiros (cf. 5.404-9 e comentários *ad loc.*).

**405. o Enida:** Meléagro, filho de Eneu e meio-irmão de Tideu (cf. 4.103n). **Idas:** filho de Afareu, rei da Messênia. Em Homero (*Il.* 9.558-9), "o mais forte dos homens que então / habitavam a terra" (*ὃς κάρτιστος ἐπιχθονίων γένετ' ἀνδρῶν / τῶν τότε* – trad. Frederico Lourenço).

**406. Tálao:** filho de Pero e Bías, é o pai de Adrasto (cf. 1.399n). **encharcado com o alvo jorro de água:** por causa da agitação, jatos de água caíam sobre os convés, molhando os marinheiros. Diz **alvo** o **jorro** porque, quando agitadas as águas salgadas do mar, pode-se observar a formação de uma espuma de cor branca.

**407. o Tindárida:** um dos filhos de Tíndaro, ou seja, Cástor ou Pólux – sobre eles, cf. 4.227n.

**407-8. obrando sob as nuvens do álgido / pai ... Cálais:** Cálais é filho de Orítia, filha do rei ateniense Erictônio, e de Bóreas, o vento frio que sopra do norte – por isso **do álgido pai**. É dizer que Cálais se empenhava "debaixo das nuvens" de seu pai, que também agitava as águas durante a tempestade. Sobre o vento, cf. 1.160n.

**408. p'ra amarrar aos mastros as velas:** não para prendê-las, mas para fechá-las, pois que assim evitaria que o vento empurrasse a embarcação para onde soprasse.

**409-11. impulsando, ora vibram ... retornam das torres:** tanto as tentativas de equilibrar o navio sobre as águas e retomar seu controle, como as de contra-atacar a ofensiva são frustradas, pois nem as águas cedem ao remos, nem os muros aceitam as flechas lançadas.

**412. por si:** ou seja, sozinho – refere-se a Tífis (cf. 5.413n). **o leme oposto a ouvi-lo:** (Lactâncio) "Não se submetendo ao que é certo. Lucano (*Luc.* 3.593-4): *nullam melius pelago turbante cari-*

*nae* / *audiuere manum* [“melhor em mar turbado, as naves a nenhuma / mão ouviram”]. Diz-se ‘ouvir’ tanto para barcos como carros. Como em Virgílio (*G.* 1.514): *neque audit currus habenas* [“nem ouve o carro às rédeas”].”

**413. Tífis:** da Beócia, é filho de Hagnia. Foi o primeiro piloto da Argo.

**413-4. ordens várias / troca:** comandos dados à quilha do navio por meio do leme: como não adiantavam (cf. 5.412n), Tífis (cf. 5.413n) os mudava constantemente.

**415. que anseia se chocar contra rochas navífragas:** a embarcação, que, se opondo aos comandos de Tífis, parece desejar chocar-se contra os rochedos.

**416-21. té que, da pínea cunha extrema ... outra vez vindo o dia:** ao fim da cena, Jasão (o **filho de Éson**) toma a atitude que acalmará não só as lêmnias, mas também a tempestade enviada por Júpiter: correndo do fundo da embarcação, traz na mão um ramo de oliveira, o símbolo da paz. Perceba-se que a fúria das mulheres e a tempestade enviada por Júpiter se acalmam no mesmo momento, logo após Jasão assinalar a paz – sobre isso, cf. 5.361-75n.

**416. da pínea cunha extrema:** “do mais distante extremo angulado do barco”. Como se, da popa, corresse à proa mostrando o ramo de oliveira às lêmnias.

**417. Mopso:** filho de Âmpix e Clóris, é o adivinho da expedição – cf. 3.517-21n. **ramos da oliva de Palas:** a oliveira, árvore símbolo da paz (cf. 2.389-90n), era consagrada a Atena (**Palas**). Seus ramos também ornavam as diademas ritualísticas dos adivinhos (cf. 2.98n).

**418. atrapalhando ao sócio a turba:** seja porque se opunha à tentativa de Jasão (o **sócio**), seja porque, no convés, corriam de um lado para o outro ocupados com afazeres vários.

**419. preste a procela encobriu o seu brado:** não foi ouvido, portanto, pelas lêmnias, uma vez que a tempestade encobriu seu pedido de paz.

**422-30. Com o lenho preso qual ... breve Atlas celífero:** por fim, desembarcam os argonautas, após acalmarem-se as mulheres e a tormenta (cf. 5.420-1). Ao contrário do que se passa na *Tebaida* a partir do momento em que as lêmnias veem a nau se aproximando, em Apolônio de Rodes e em Valério Flaco o desembarque dos nautas é precedido por um consílio entre as mulheres, durante o qual elas se decidem por recebê-los pacificamente (*A. R.* 1.640-96; *V. Fl.* 2.322-5) e pelo envio de uma mensageira, Ifínoe, que a eles informará a decisão do povo (*A. R.* 1.708-16; *V. Fl.* 2.326). Logo depois, em ambos os casos, Jasão desembarca para conversar com Hipsípile, e somente após a conversa os outros tripulantes vêm para a cidade. Em Está-

cio, porém, em que o avistamento da nave estrangeira é acompanhado de um ataque por parte das nativas, todos os tripulantes da Argo desembarcam logo após a sinalização de paz enviada por Jasão e a consequente calmaria, que, por seus efeitos, parecem substituir o consílio das mulheres e o encontro entre os chefes da expedição e da cidade.

**422. OS CINQUENTA:** porque eram cinquenta os argonautas.

**423. A NOVA PRAIA PULSAM:** diz **nova** porque considera a perspectiva dos nautas, que desconheciam as costas de Lemno. Diz **pulsam** em referência à grandeza dos homens que ali saltaram e do ímpeto com que o fizeram.

**424. NOBRES DONS DE ALTOS PAIS:** fala dos argonautas, cujas roupas e a própria aparência indicavam ascendência nobre – por isso, então, **de altos pais**.

**425. NOTOS NO ASPECTO:** para Barthius (*ad loc.*), Hipsípile diz isso não porque os tenha reconhecido individualmente durante o desembarque, mas porque, por sua aparência como um todo, revelavam-se gregos, e não trácios, como as mulheres primeiro desconfiaram.

**426-30. SAEM, E ASSIM É A FAMA ... BREVE ATLAS CELÍFERO:** com outro de seus símiles (cf. 5.144-6n; 5.164-9n; 5.202-5n; 5.231-5n; 5.261-4n; 5.326-34n; 5.390-3n), Hipsípile compara o desembarque dos argonautas à descida dos deuses à terra, especialmente por sua nobreza e pelas reações que causam ao tocarem o chão. Já ditos **heróis semideuses** pela narradora (5.371), ora Hipsípile põe novamente em destaque essas duas características vinculadas aos marinheiros da Argo, que reestabelecerão a normalidade em Lemno.

**426. À PORTA ARCANA:** a porta do Olimpo.

**427-8. QUAL SE AS CASAS E AS PRAIAS DOS RUBROS / ETÍOPES VER QUISESSEM, E AS SUAS MESAS SIMPLES:** conforme alegam Lactâncio (*ad loc.*) e Amar-Lemaire (*ad loc.*), os **rubros Etíopes** (habitantes do norte da África e, especificamente aqui, da costa do Mar Vermelho – por isso **rubros**) eram considerados justos e íntegros pelos deuses, que então frequentemente juntavam-se a eles em banquetes e demais celebrações. Estácio lembra, aqui, Homero, que descreve Zeus em meio aos Etíopes (*Il.* 1.423-4): *Ζεὺς γὰρ ἐς Ὠκεανὸν μετ' ἀμύμονας Αἰθιοπῆας / χθιζὸς ἔβη κατὰ δαῖτα, θεοὶ δ' ἅμα πάντες ἕποντο* ("é que Zeus foi ontem para o Oceano, para os irrepreensíveis / Etíopes, assistir a um festim, e com ele foram todos os deuses" – trad. Frederico Lourenço).

**429. DÃO PASSO OS RIOS E MONTES:** é dizer que os rios e os montes abrem caminho para a passagem dos deuses.

**430. ESPIRA BREVE ATLAS CELÍFERO:** porque os deuses esvaziam o céu, diminuindo assim o peso do firmamento, Atlas pode, enfim, respirar aliviado, ainda que por pouco tempo (**breve**). Sobre Atlas, cf. 1.98-9n.

**431-2. SOBERBO, ENTÃO, DE HÁ POUCO REMIR MARATONA, / TESEU:** sobre Teseu, cf. *esp.* 1.475-6n. Hipsípile retoma a história de quando Teseu enfrentou, em Maratona, o Touro de Creta que Hércules teria subjugado em seu sétimo trabalho (cf. *Apollod.* 2.5.7; *D. S.* 4.13.4) e levado para Euristeu. O animal, depois de abandonado por Euristeu, foi parar em Maratona, cidade próxima a Atenas. Quando Teseu retornava para Atenas, ao passar por Maratona capturou e matou o touro, deixando a cidade livre da fera – sobre o episódio, cf. Hyg. *Fab.* 38; e *D. S.* 4.59.6.

**432. DO ÍSMARO OS IRMÃOS, PROLE AQUILÔNIA:** os irmãos **do Ísmaro** – monte da Trácia (cf. 4.385n) – são Zeto e Cálais, filhos de Orítia e Bóreas. Porque os heróis nasceram lá diz serem, portanto, irmãos do monte. E porque Bóreas também é conhecido como Aquilão pelos romanos (cf. 1.160n), diz **prole Aquilônia**.

**433. NOS QUAIS RÚBEAS NA FRONTE FARFALHAVAM PENAS:** diz-se que Zeto e Cálais (cf. 5.432n) eram, como o seu pai, alados. Por isso, refere-se Hipsípile às **rúbeas ... penas** que, segundo Higino (cf. *Fab.* 19), saíam-lhes dos pés e das têmporas.

**434-5. O MESTRE DE UM NÃO BRAVO FEBO, / ADMETO:** Admeto era o rei de Feres, na Tessália. Apolo, depois de condenado a trabalhar para um mortal durante um ano inteiro por ter matado os Ciclopes que forjavam os raios de Zeus, foi parar no paço de Admeto, onde tomou conta de seus bois – por isso, Hipsípile o chama de **mestre de um não bravo Febo**.

**435. EM NADA IGUAL À RUDE TRÁCIA, ORFEU:** de origem Trácia (cf. 5.343-4n), Orfeu seria, de acordo com Hipsípile, mais refinado do que seus conterrâneos, provavelmente pela ausência de grande vigor físico e pelo domínio das artes vinculadas à música.

**436. E, AINDA, O NATO EM CÁLIDON:** Meléagro, anteriormente citado por Hipsípile (cf. 5.405n).

**436-7. O GENRO DO AMPLO / NEREU:** Peleu, o pai de Aquiles, casado com a Ninfa Tétis, filha de Nereu e Dóris – sobre a ninfa, cf. 3.34n.

**437-8. A DÚBIO ENGANO, O OLHAR LEVAM OS GÊMEOS / EBÁLIDAS:** Castor e Pólux (cf. 4.227n). Diz que levam o **olhar** a um **dúbio engano** por causa de sua semelhança física e dos trajes idênticos que vestiam (cf. 5.438-40). Eram espartanos, por isso os chama **Ebálidas** – de Ébalo, rei de Esparta.

**440. ROSTOS LISOS:** sem barba. **ÀS MECHAS ASTRO IGUAL BRILHANDO:** porque Júpiter enviou a ambos um raio, que pousou tranquilo em suas frontes, como relata Valério Flaco em uma fala do próprio deus (*V. Fl.* 1.561-73): *tunc oculos Aegaea refert ad caerula robur / Herculeum Ledaeque tuens genus atque ita fatur: / 'tendite in astra, uiri: me primum regia mundo / Iapeti post bella trucis Phlegraeque labores / imposuit; durum uobis iter et graue caeli / institui. sic ecce meus, sic orbe peracto / Liber et expertus terras remeauit Apollo.' / dixit et ingenti flammantem nubila sulco / direxit per inane facem, quae puppe propinqua / in bifidum discessit iter fratresque petiuit / Tyndareos, placida et mediis in frontibus haesit / protinus amborum lumenque innoxia fundit / purpureum, miseris olim implorabile nautis* ("Os olhos volta ao mar Egeu e, vendo a hercúlea / maça e os filhos de Leda68, assim diz: "Aspirai, / heróis, aos astros. Coube a mim o primo reino / após as lutas contra Jápeto e os trabalhos / flegreus. Tracei p'ra vós um rude e árduo caminho / ao céu. Assim, corrido o mundo, foi que o Líber / e o experto Apolo regressaram". Disse e um raio / lançou, a iluminar as nuvens com um grande / sulco pelo ar, que se fendeu próximo à nave / e aos dois tindáridas chegou; em meio às frontes / de ambos irmãos pousou tranquilo e, ao mesmo tempo, / espalhou-se uma luz purpúrea inofensiva / que os pobres nautas suplicar um dia iriam" – trad. Márcio Meirelles). Sobre a relação de Júpiter com os heróis, cf. cf. 4.227n.

**441-4. OUSA A VIA, SE AJUSTA ... AMPLA ALJAVA ALEGRA-SE:** Hilas, jovem e belo filho de Teódamas, rei dos Dríopes, foi levado por Hércules logos depois de sua vitória sobre o rei. Acompanhou Hércules durante a expedição dos argonautas, mas, na Mísia, quando enviado atrás de água, foi sequestrado pelas ninfas do local por causa de sua beleza. Hércules saiu em sua busca, sendo ali deixado pelos seus companheiros, que levantaram âncora por influência dos Ísmaros (cf. 4.432n), os quais foram mortos por Hércules depois de o herói reencontrar a nave.

**442. DEVAGAR EMBORA TRAGA O CORPO:** em latim, *tarda quamuis se mole ferentem*. Refere-se a Hércules, que caminhava lentamente, fazendo com que seu corpo avançasse devagar. Como Virgílio, ao referir-se a Polifemo (*A.* 3.656): *vasta se mole moventem* ("vasto movendo o corpo").

**443-4. AS DE LERNA / ARMAS:** as armas de Hércules, ditas **de Lerna** por causa da Hidra de Lerna – um de seus trabalhos (cf. 1.359n; 4.168-72n). Mais especificamente, segundo Barthius (*ad loc.*), refere-se às flechas infectadas com o veneno da Hidra, que o herói trazia consigo.

**444. DE TRABALHAR SOB A AMPLA ALJAVA ALEGRA-SE:** embora tenha sido tirado de sua terra natal por Hércules (cf. 5.441-4n), Hilas demonstrava alegria em servir ao herói, não se importando com o peso de sua **ampla aljava**. Como em Valério Flaco (1.108-10): *Arcadio cuius flammata ue-*

*neno / tela puer facilesque umeris gaudentibus arcus / gestat Hylas* ("cujo arco e as flechas inflamadas por veneno / Arcádio o jovem Hilas leva aos ombros ledos" – trad. Márcio Meirelles).

**445-58. Logo, Vênus e Amor ... outros tramas, Cólquida:** depois de aceitos na ilha, Vênus cumpre sua palavra e desperta, nas lêmnias, o amor pelos recém-chegados (cf. 5.138n). Imune, porém, aos poderes do Amor (cf. 5.81-2n), Hipsípile insinua ter-se tornado amante de Jasão conta a sua vontade (**o facho externo, por gana ou por crime / não tomei** – 5.455-6). Em Apolônio de Rodes e em Valério Flaco, contudo, Hipsípile se apaixona por Jasão, em uma situação semelhante àquela envolvendo Dido e Eneias. Assim, em Apolônio de Rodes, diz ela a Jasão no momento de sua despedida (*A. R.* 1.886-98): *ὣς δὲ καὶ Ὑψιπύλη ἠρήσατο, χεῖρας ἑλοῦσα / Αἰσονίδεω, τὰ δέ οἱ ῥέε δάκρυα χήτει ἰόντος· / "Νίσσεο, καί σε θεοὶ σὺν ἀπηρέσιν αὖτις ἑταίροις / χρύσειον βασιλῆι δέρος κομίσειαν ἄγοντα, / αὔτως ὡς ἐθέλεις καί τοι φίλον. ἤδε δὲ νῆσος / σκῆπτρά τε πατρὸς ἐμεῖο παρέσσεται, ἢν καὶ ὀπίσσω / δή ποτε νοστήσας ἐθέλῃς ἄψορρον ἱκέσθαι· / ῥηιδίως δ' ἂν ἐοῖ καὶ ἀπείρονα λαὸν ἀγείραις / ἄλλων ἐκ πολίων. ἀλλ' οὐ σύγε τήνδε μενοινήν / σχήσεις, οὔτ' αὐτὴ προτιόσσομαι ὧδε τελεῖσθαι· / μνώεο μήν, ἀπεών περ ὁμῶς καὶ νόστιμος ἤδη, / Ὑψιπύλης· λίπε δ' ἥμιν ἔπος, τό κεν ἐξανύσαιμι / πρόφρων, ἢν ἄρα δή με θεοὶ δώωσι τεκέσθαι'* ("Também Hipsípile rogou, tomando as mãos / do Esônida, e vertendo lágrimas à perda: / 'Vá, e que permitam teu retorno ileso os deuses / co' os consortes, levando ao rei dourado velo / como tu queres e desejas. Esta ilha / e o cetro de meu pai sempre estarão à espera, / se acaso aqui voltar quiseres, no retorno. / Congregarias, fácil, povo inumerável / de outras cidades; mas esse desejo tu / não terás, nem eu mesma prevejo tal fim. / Lembra de Hipsípile, ao partir ou retornar; / uma palavra deixa, e cumprirei qualquer / dever, se um filho teu os deuses me trouxerem'" – trad. Vinicius Barth). Também sobre a relação entre ambos, diz o narrador em Valério Flaco (2.351-6): *praecipueque ducis casus mirata requirit / Hypsipyle, quae fata trahant, quae regis agat uis / aut unde Haemoniae molem ratis. unius haeret / adloquio et blandos paulatim colligit ignes, / iam non dura toris Veneri nec iniqua reuersae / et deus ipse moras spatiumque indulget amori* ("Hipsípila, primeira, admirada co' os feitos, / indaga ao capitão que sorte, ou poder régio, / os leva, e a razão de tão grande navio. / Só a um se apega e, aos poucos, sente as doces chamas, / não mais é avessa ao leito, ou que Vênus retorne – / e o deus concede tempo e espaço para o amor" – trad. Márcio Meirelles).

Para Vessey, a forma pela qual Estácio constrói a relação entre Hipsípile e Jasão tem relação com o embate entre a *pietas* e o *furor* que está no cerne das relações entre o episódio relatado por Hipsípile e a história contada na *Tebaida* (cf. 5.70-6n): "[esta] versão é mais apropriada à

*Tebaida*, em que o episódio lêmnio é apresentado nos termos da *pietas* e do *furor* (em consonância com o contexto geral do épico), enquanto que a visão de Valério é mais romantizada como um embate entre o verdadeiro e o falso amor. A Hipsípile de Estácio é, dessa forma, diferente da Dido de Virgílio, que, por causa do amor de Eneias, padeceu de trágicas consequências. Hipsípile sofreu –mas seu sofrimento advém da *pietas*, não do *amor*. Não há lugares verdadeiros para o romance na lenda tebana, enquanto que, na expedição dos argonautas, ele desempenha um papel dominante. Estácio também buscou purificar e adicionar dignidade à personagem de Hipsípile, na qual a paixão não tem parte. Ela se aproxima de Jocasta, uma figura majestosa e triste: mas seu encontro feliz como Euneu e Toas contrasta com a falha total de Jocasta em tentar criar um acerto pacífico entre seus filhos no Canto Sétimo" (1973, p. 177-8).

**445-6. Vênus e Amor, com ardor secreto o rude / peito queimam das Lêmnias:** acendem novamente em seus corações as chamas do amor – o **ardor secreto**. Por causa de tudo que ocorreu na ilha, diz **rude** o seu **peito**.

**446. régia Juno:** Juno também se envolve nas novas uniões das lêmnias. Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), participa porque, junto com Vênus, é a deusa que preside ao matrimônio; para Lactâncio (*ad loc.*), para favorecer os argonautas, especialmente por causa de Jasão. Barthius (*ad loc.*) entende a influência de Juno no passo como resultado de ambos os motivos: por presidir aos matrimônios e por causa de Jasão, a quem protege.

**447. o traje dos heróis e as armas, do orto a insígnia:** são símbolos de sua origem, então, as roupas que vestem e as armas que portam.

**448-9. com rixa, as portas uma a uma / os recebem:** depois das ações de Vênus, do Amor e de Juno (cf. 5.445-8), as lêmnias disputam para receber os argonautas em suas casas. Perceba-se que Hipsípile faz questão de ressaltar a veemência com que as mulheres disputam os recém-chegados (**com rixa**), o que, adiante (5.455-6), contrastará fortemente com sua postura a respeito da união com Jasão – sobre isso, cf. 5.445-58n.

**450. e ao nefando encargo assoma o oblívio:** primeiro momento (5.449 – **por vez primeira há muito**), desde que tomaram consciência de seu crime (o **nefando encargo**), em que as lêmnias o esquecem.

**452. não sem celeste senso aprouve, creio, expor-se:** Hipsípile afirma a confissão das mulheres aos novos amantes – sobre a motivação, porém, não tem certeza (sobre o uso de **creio**, cf.

5.178-9n). (AMAR-LEMAIRE) "Este o sentido: a confissão de seu crime aos argonautas *agradou* as lêmnias, ou seja, deles obtiveram vênia: a confissão, então, merece vênia. Isso Hipsípile diz sobre as outras lêmnias, como não recusassem os desejos de concúbito com os argonautas, o que, adiante, nega sobre si própria."

**453. DA CULPA NOSSA O ESCUSÁVEL FIM:** em latim, *nostrae fatum excusabile culpae*. Lactâncio (*ad loc.*) considera o passo como uma referência à culpa pela morte dos homens da ilha, entendendo que o latim *nostrae* retoma as lêmnias como um todo. Contudo, para Barthius (*ad loc.*), que aqui foi preferido, Hipsípile refere-se especificamente à sua culpa em relação ao amor de Jasão, por ela negado. Por isso, fala em um **escusável fim** para a **culpa**, já que não foi por vontade própria que uniu-se ao herói estrangeiro (sobre isso, cf. 5.445-58n). Nessa interpretação, então, o latino *nostrae* é entendido como um plural de modéstia, ou majestático, comum nos discursos das personagens nobres nos poemas épicos.

**455-6. O FACHO EXTERNO POR GANA OU POR CRIME / NÃO TOMEI:** Hipsípile alega que sua união com o estrangeiro (**o facho externo**)– *i.e.*, Jasão – não se deu nem por vontade própria (por **gana**) nem por luxúria (por **crime**). Sendo assim, foi então coagida a unir-se ao chefe da expedição dos argonautas, embora Estácio não se detenha sobre o fato a ponto de esclarecer por quais meios e sob que argumentos Hipsípile aceitou o matrimônio.

**455. O FACHO EXTERNO:** é dizer "o matrimônio com um estrangeiro" – sobre o uso de **facho** (ou "tocha") para referir-se ao matrimônio, cf. 2.259n; 5.71n.

**456. JASÃO BRANDO:** a referência parece ser, mais do que à beleza do herói, à sua capacidade de persuasão, como se Hipsípile o chamasse de "o galante Jasão".

**457-8. AS SUAS LEIS, CRUENTO / TEM O FÁSIS:** Fásis é um rio da Cólquida, região para onde os argonautas se dirigem em busca do velocino de ouro (cf. 5.346-7n). Diz-se que Medeia, enquanto fugia com Jasão já de posse do velo (cf. 2.281n), teria assassinado seu próprio irmão, Absirto, e espalhado seus membros pelo caminho, inclusive dentro do Fásis, para atrasar seu pai, Eetes, que os perseguia, pois sabia que o rei se preocuparia primeiro em recolher todos os membros do filho morto. Ao dizê-lo, então, **cruento**, refere-se ao episódio em si, mas também à crueldade dos habitantes de Colcos, personificada em Medeia – por isso diz **suas leis**, como se regessem o comportamento de todo o povo da região. Sobre a crueldade de Medeia, cf. 4.504-11n.

**458. E AMORES OUTROS TRAMAS, CÓLQUIDA:** refere-se a Medeia, com quem Jasão se unirá depois

de partir de Lemno. **Cólquida** é a região para onde vão os argonautas (cf. 5.346-7n).

**459-67. Do frio já livres, queimam ... e os nutriu Licaste** após um ano desde o desembarque (5.459-60), Hipsípile relata o nascimento de novas crianças, filhas da união das lêmnias com os argonautas – e, mesmo dela, dois filhos nasceram, dos quais não sabe o paradeiro (5.463-7). A vida das mulheres com seus novos parceiros contada por Estácio parece ser algo diferente das relatadas por Apolônio de Rodes e por Valério Flaco: em ambos, o período em que ali permaneceram os argonautas é caracterizado como um tempo de felicidade e alegria para as mulheres, e de novos leitos e luxo para os homens. Em Apolônio de Rodes, por exemplo, não há menção a uma nova geração como resultado da acolhida dos nautas (*A. R.* 1.857-64): *αὐτίκα δ' ἄστυ χοροῖσι καὶ εἰλαπίνῃσι γεγήθει / καπνῷ κνισήεντι περίπλεον· ἔξοχα δ' ἄλλων / ἀθανάτων Ἥρης υἷα κλυτὸν ἠδὲ καὶ αὐτήν / Κύπριν ἀοιδῇσιν θυέεσσί τε μειλίσσοντο. / Ἀμβολίη δ' εἰς ἦμαρ ἀεὶ ἐξ ἤματος ἦεν / ναυτιλίης. δηρὸν δ' ἂν ἐλίννυον αὖθι μένοντες, / εἰ μὴ ἀολλίσσας ἑτάρους ἀπάνευθε γυναικῶν / Ἡρακλέης* ("E a cidade alegrou-se com danças, banquetes, / enchendo-se com fumos sacrificiais; / mais que outros imortais ao filho ilustre de Hera / e a Cípris com cantos e imolações rezavam. / Assim, dia após dia, atrasava-se o passo / da jornada; e mais longo tempo ficariam, / se Héracles não tivesse apartado os consortes / das mulheres" – trad. Vinicius Barth).

Por outro lado, em Valério Flaco, embora também seja dado maior destaque à vida confortável que ali levavam os homens, há uma rápida menção a possíveis herdeiros (*V. Fl.* 2.370-4; 2.394-6): *urbe sedent laeti Minyae uiduisque uacantes / indulgent thalamis nimbosque educere luxu / nec iam uelle uias Zephyrosque audire uocantes / dissimulant, donet resides Tirynthius heros / non tulit ipse rati inuigilans atque integer urbis* [...] *sibi moenia linqui / en iterum et quando natorum tempora, gentem / qui recolant, qui sceptra gerant?* ("Na vila, alegres Mínias ficam; das viúvas / ocupam leitos e, no luxo, querer fingem / o ir das nuvens e que Zéfiro os não chama / até que, ileso à vila, o próprio herói Tiríntio, / que à nau vigiava, não mais deixa os indolentes [...] eis outra vez os muros / abandonados. Quando é o tempo das nascenças? / Quem cultuará a raça e empunhará o cetro?" – trad. Márcio Meirelles).

Mesmo o fato de Hipsípile ter gerado filhos com Jasão é diferente nesses autores: em Rodes, Hipsípile deseja um filho do herói, mas não tem certeza da concepção (*A. R.* 1.897-8): *λίπε δ' ἥμιν ἔπος, τό κεν ἐξανύσαιμι / πρόφρων, ἢν ἄρα δή με θεοὶ δώωσι τεκέσθαι* ("uma palavra deixa, e cumprirei qualquer / dever, se um filho teu os deuses me trouxerem" – trad. Vinicius Barth); em Flaco, durante a despedida, ela afirma esperar um único filho de Jasão (*V. Fl.* 2.423-4):

*refer et domitis a Colchidos oris / uela per hunc utero quem linquis Iasona nostro* ("volta, conquistada a praia colca, / pelo nosso Jasão, que deixas neste ventre" – trad. Márcio Meirelles).

**461. PARTOS QUE A PRECES ATENDEM:** eram, portanto, partos ansiados e desejados pelas lêmnias – não necessariamente por Hipsípile, que, ao relatar sua experiência própria com a maternidade (5.463-6), parece querer mostrar-se alheia aos desejos das outras mulheres da ilha. Sobre o assunto, cf. 5.459-67n.

**462. NÃO PROVÁVEIS FILHOS:** por terem sido mortos todos os homens da ilha, era, portanto, improvável que as mulheres de Lemno tornassem a engravidar.

**463. MONUMENTOS DE UM LEITO FORÇADO:** retoma Hipsípile o assunto de sua união com Jasão, para a qual foi coagida (cf. 5.455-6n). É interessante a escolha por **monumentos** (*monimenta*, em latim) para referir-se aos filhos: mais do que qualquer coisa, então, seus filhos são os símbolos que a fazem recordar de um concúbito forçado.

**464. GÊMEOS:** Euneu e Toas, que serão reconduzidos à mãe por Baco ao final do canto quinto (cf. 5.710-4). **ATROZ:** em latim, *duro*. A referência parece ser à insensibilidade de Jasão, que, além de tê-la tomado em **leito forçado** (5.463), abandonará Hipsípile e seus dois filhos ao partir em direção a Colcos, onde se unirá a Medeia.

**465. DO AVÔ RENOVO O NOME:** seja por ter gerado dois descendentes para a família real, seja por ter batizado um dos gêmeos de Toas, o mesmo nome de seu pai.

**466. INTEIROS QUATRO QUINQUÊNIOS:** o meio mais fácil de descobrir o tempo transcorrido desde os eventos narrados por Hipsípile até o momento da narrativa aos chefes argivos, uma vez que já contam vinte anos completos os seus filhos.

**467. LICASTE:** a mulher com quem Hipsípile deixou seus filhos para serem criados é a mesma que chorava sobre o corpo do irmão após assassiná-lo durante a chacina dos homens – sobre o episódio e a postura de Licaste, cf. 5.226-30n.

**468-75. DO MAR CALMOU A FORÇA ... FRIXO, OS VELOS TORNAM:** as condições do mar começam a melhoram em Lemno, e Jasão começa a reunir seus companheiros para retornarem à expedição. Novamente aqui, a versão de Estácio se diferencia daquela contada por Apolônio de Rodes e Valério Flaco: neles, é Hércules o responsável por exortar os companheiros ao retorno, e o seu descontentamento com a demora e a vida que ali levavam os outros argonautas figura como o principal motivo da partida. Em Rodes, assim é dito ter clamado o herói Tiríntio (*A. R.* 1.861-78): *ἀμβολίη δ' εἰς ἦμαρ ἀεὶ ἐξ ἤματος ἦεν / ναυτιλίης. δηρὸν δ' ἂν ἐλίννυον αὖθι*

*μένοντες, / εἰ μὴ ἀολλίσσας ἑτάρους ἀπάνευθε γυναικῶν / Ἡρακλέης τοίοισιν ἐνιπτάζων μετέειπεν· / "Δαιμόνιοι, πάτρης ἐμφύλιον αἶμ' ἀποέργει / ἡμέας, ἦε γάμων ἐπιδευέες ἐνθάδ' ἔβημεν / κεῖθεν, ὀνοσσάμενοι πολιήτιδας, αὖθι δ' ἔαδεν / ναίοντας λιπαρὴν ἄροσιν Λήμνοιο ταμέσθαι; / οὐ μάλ' ἐυκλειεῖς γε σὺν ὀθνείῃσι γυναιξίν / ἐσσόμεθ' ὧδ' ἐπὶ δηρὸν ἐελμένοι, οὐδὲ τὸ κῶας / αὐτόματον δώσει τις ἑλεῖν θεὸς εὐξαμένοισιν. / ἴομεν αὖτις ἕκαστοι ἐπὶ σφεά· τὸν δ' ἐνὶ λέκτροις / Ὑψιπύλης εἰᾶτε πανήμερον, εἰσόκε Λῆμνον / παισὶν ἐπανδρώσῃ, μεγάλη τέ ἑ βάξις ἔχῃσιν." / Ὣς νείκεσσεν ὅμιλον· ἐναντία δ' οὔ νύ τις ἔτλη / ὄμματ' ἀνασχεθέειν οὐδὲ προτιμυθήσασθαι, / ἀλλ' αὕτως ἀγορῆθεν ἐπαρτίζοντο νέεσθαι / σπερχόμενοι.* ("Assim, dia após dia, atrasava-se o passo / da jornada; e mais longo tempo ficariam, / se Héracles não tivesse apartado os consortes / das mulheres, dizendo a eles tais censuras: / "Malditos, nos tomou a morte de um parente / de nossa terra mãe? Ou p'ra arranjar noivados / viemos p'ra cá, deixando lá nossas mulheres? / Agrada aqui morar e arar campos de Lemnos? / Pois poucos louros colheremos se ficarmos / com tais exóticas mulheres. Nenhum deus / concederá por nossas preces velo autômato. / Que volte, então, cada um por si; e sobre o leito / de Hipsípile p'ra sempre o deixai, 'té que Lemnos / povoe com garotos, alcançando-o a glória." / Ralhou assim co' bando; olhar nenhum se ergueu / a ele e nem palavra alguma, oposta, ouviu-se; / assim, saindo da assembleia se aprontaram / com pressa" – trad. Vinicius Barth).

Em Flaco, embora o motivo climático seja exposto pelo narrador, também é a insatisfação de Hércules o principal motivo para que a Argo seja novamente tripulada em direção a Colcos (*V. Fl.* 2.370-91): *urbe sedent laeti Minyae uiduisque uacantes / indulgent thalamis nimbosque educere luxu / nec iam uelle uias Zephyrosque audire uocantes / dissimulant, donet resides Tirynthius heros / non tulit ipse rati inuigilans atque integer urbis: / inuidisse deos tantum maris aequor adortis / desertasque domos fraudataque tempore segni / uota patrum; quid et ipse uiris cunctantibus adsit? / 'o miseri quicumque tuis accessimus actis! / Phasin et Aeeten Scythicique pericula ponti / redde,' ait, 'Aesonide! me tecum solus in aequor / rerum traxit amor, dum spes mihi sistere montes / Cyaneos uigilemque alium spoliare draconem. / si sedet Aegaei scopulos habitare profundi, / hoc mecum Telamon peraget meus.' haec ubi dicta / haud secus Aesonides monitis accensus amaris / quam bellator equus, longa quem frigida pace / terra iuuat – uix in laeuos piger angitur orbes –, / frena tamen dominumque uelit si Martius aures / clamor et obliti rursus fragor impleat aeris. / tunc Argum Tiphynque uocat pelagoque parari / praecipitat* ("Na vila, alegres Mínias ficam; das viúvas / ocupam leitos e, no luxo, querer fingem / o ir das nuvens e que Zéfiro os não chama / até que, ileso à vila, o próprio herói Tiríntio, / que à nau vigiava, não mais deixa os indolentes: / a abertura do mar ter tanto irado aos deuses, / vazio lar, paternos votos violados / em tempo

de ócio: e por quê os tíbios segue? / 'Míseros todos que acedemos a teus atos! / dá-nos o Fase, os perigos do mar cítio / e Eetes, Jasão! Contigo, ao mar, tão só o amor / aos feitos trouxe-me: a esperança de as Ciâneas / deter e espoliar a serpe vigilante! / Mas se escolheres habitar egeus escolhos, / comigo Telamon meus feitos cumprirá"! / Pelo acre aviso aceso, o Esônide atormenta-se / qual fogoso corcel que a fresca terra assiste / e que, na paz, dá curtas voltas preguiçosas, / mas que ainda anseia os freios quando a seus ouvidos / alcançam o rumor e as trombetas de Marte. / A Tífis e Argo chama e para o mar apresta-os" – trad. Márcio Meirelles).

**469-70. A PAUSA E O CALMO PORTO ODEIA / A NAVE, E DA USUAL ROCHA TENCIONA AS AMARRAS:** novamente aqui, a Argo parece ter vontade própria, agora desejando retomar seu rumo – sobre o assunto, cf. 5.412-5 e comentários *ad loc.*

**470. DA USUAL ROCHA TENCIONA AS AMARRAS:** ansiosa por partir, a embarcação tenta se afastar de seu ponto de ancoragem (a **usual rocha**), fazendo com que a corda que a mantém presa fique tensionada.

**471. OS MÍNIAS:** é dizer "os argonautas" – sobre o uso do gentílico, cf. 5.337n.

**472. FURIOSO:** cogita Barthius (*ad loc.*) que, aqui, Hipsípile parece supor insanidade em Jasão para que ele partisse da ilha a deixando com seus filhos ainda jovens – e o propõe principalmente pelo tema do lamento que se segue (5.472-4). Mais do que uma referência a seu estado de espírito, então, o termo parece predicar seu estado mental no momento da decisão, ao menos do ponto de vista de Hipsípile.

**475. DO MARINHO FRIXO OS VELOS TORNAM: Frixo** é filho de Átamas com sua primeira esposa, Néfele. Porque Ino, a segunda esposa de Átamas, queria matar os primogênitos de seu marido (Frixo e Hele), Néfele os entregou a um carneiro alado, cuja pele era de ouro – origem do velo de ouro que os argonautas buscam –, para que, voando sobre o mar (por isso diz **marinho Frixo**), conseguissem livrar-se das investidas de Ino e Átamas – sobre isso, cf. 1.13n; 2.281n. Diz Hipsípile, então, que a busca pelo tosão áureo retornou, naquele momento, à agenda dos argonautas.

**476-85. NO DIA ELEITO AO MAR ... PREMEU AS ÁGUAS:** chega o dia escolhido para a partida dos argonautas, e o desespero se instaura entre as lêmnias novamente. Também Apolônio de Rodes e Valério Flaco relatam a despedida dos nautas, de um modo um pouco distinto, porém: neles, recebe mais destaque a ação das mulheres tão logo os homens decidem-se a embarcar

no navio; já em Estácio, é o comportamento pós-partida que mais recebe espaço no trecho (5.481-5), em que a atitude das mulheres parece transbordar mais resignação do que revolta. Sobre o momento da partida, assim se diz em Rodes (*A. R.* 1.878-85): *ταὶ δέ σφιν ἐπέδραμον, εὖτ' ἐδάησαν· / ὡς δ' ὅτε λείρια καλὰ περιβρομέουσι μέλισσαι / πέτρης ἐκχύμεναι σιμβληίδος, ἀμφὶ δὲ λειμών / ἑρσήεις γάνυται, ταὶ δὲ γλυκὺν ἄλλοτ' ἐπ' ἄλλον / καρπὸν ἀμέργουσιν πεποτημέναι – ὣς ἄρα ταίγε / ἐνδυκὲς ἀνέρας ἀμφὶ κινυρόμεναι προχέοντο, / χερσὶ δὲ καὶ μύθοισιν ἐδεικανόωντο ἕκαστον, / εὐχόμεναι μακάρεσσιν ἀπήμονα νόστον ὀπάσσαι* ("As moças vinham correndo, ao sabê-lo. / E como abelhas zunzunindo sobre belos / lírios, fluindo da pétrea colmeia, e os campos / do entorno deleitando, em voo colhendo os doces / frutos de lá e de cá; assim essas mulheres / lamentavam-se em fluxos circundando os homens, / e com mãos e palavras saudaram a todos, / rogando aos deuses que tivessem bom retorno" – trad. Vinicius Barth).

Em Valério Flaco (2.393-9): *exoritur nouus urbe dolor planctusque per omnes / et facies antiqua domos: sibi moenia linqui / en iterum et quando natorum tempora, gentem / qui recolant, qui sceptra gerant? nunc triste nefandae / noctis opus, uidui nunc illa silentia tecti / saeua magis, thalamos excussaque uincla quod ausae / induere atque iterum tales admittere curas* ("Na vila se ergue nova dor por todas casas – / prantos e a antiga sorte: eis outra vez os muros / abandonados. Quando é o tempo das nascenças? / Quem cultuará a raça e empunhará o cetro? / Da noite infame, é a triste obra: o cruel silêncio / de um lar viúvo, pois que ousaram adentrar / em leito e laços já deixados, e em angústias" – trad. Márcio Meirelles).

**476-7. No dia eleito ao mar sentiu que ares viriam / Tífis:** "Tífis sentiu que, no dia escolhido para a partida, os ventos soprariam". Sobre **Tífis**, cf. 5.413n.

**477. e enrubesceu de Febo ocíduo o quarto:** ao pôr-se o Sol na noite anterior, as luzes do poente tornaram rubro o céu, o que, segundo Lactâncio (*ad loc.*), indica que o dia amanhecerá com condições favoráveis à navegação.

**478. outra vez prantos, e outra vez a noite última:** a repetição do pranto e da **noite última** pode referir-se tanto à última noite antes da partida dos lêmnios para a guerra contra os Trácios, como à última noite em que ali seus homens viveram, logo antes de serem mortos.

**481-5. Das rochas e altos cumes ... céus premeu as águas:** o último ato de despedida das lêmnias, que ficam observando a Argo sumir no horizonte, lembra o símile pelo qual Estácio comparou os argivos se separando de seus filhos às despedidas daqueles que partem em viagens marítimas (cf. 4.24-31 e comentários *ad loc.*).

**482. O DORSO ESPÚMEO ... DO VASTO PROFUNDO:** a superfície espumada do amplo oceano.

**484. O GRANDE PLAINO:** o mar; perceba como as palavras escolhidas para referir-se à superfície marítima no passo (também **dorso** – 5.482) refletem as condições favoráveis anunciadas pelo ocaso rubro de Febo na noite que precedeu a partida (cf. 5.477n).

**485. E NO FIM DOS CÉUS PREMEU AS ÁGUAS:** seguiram os argonautas com o olhar até que, na fronteira entre o céu e o mar no horizonte (**no fim dos céus**), o barco semelhou espremer as águas do oceano – como a imagem diminui conforme se torna mais distante, pode parecer que a embarcação pressionava o mar para baixo, até que, imperceptível aos olhos, desapareceu por completo.

**486-98. A FAMA ASSOMA AO PORTO ... TROUXE A ESTA COSTA:** na última sessão de sua narrativa, Hipsípile revela ter sido descoberta pela fuga de seu pai logo após a partida dos argonautas, o que a levou até a porção da praia por onde Toas escapou protegido por Baco. Lá, porém, Hipsípile foi encontrada por uma embarcação pirata e sequestrada para que fosse vendida como escrava doméstica – indo parar, então, em Nêmea, no paço de Licurgo. Estácio desenvolve aqui a tradição iniciada por Apolônio de Rodes, incluindo nela os motivos do banimento de Hipsípile, mas não detalha como as mulheres descobriram seu engodo, nem sua fuga do meio das companheiras, nem mesmo o sequestro pelos piratas aportados em Lemno. Vessey vê essa espécie de coda à narrativa de Hipsípile como uma forma de mostrar, mais uma vez (cf. 5.29-30n), a inadequação da *pietas* no mundo da *Tebaida*, uma vez que Hipsípile é banida justamente por ter sido piedosa com seu pai, tornando-se, assim, a única inocente em meio às outras habitantes de Lemno: "[...] a *impia plebes* [**plebe ímpia**] não é capaz de tolerar uma rainha inocente, que será uma constante reprovação às suas faltas, e então conduzem-na ao exílio" (1973, p. 183).

**486. A FAMA ASSOMA AO PORTO:** refere-se à notícia de que, em vez de matá-lo, Hipsípile ajudou seu pai a fugir. **O FUNDO TRANSPÔS:** é dizer que cruzou o mar.

**487. P'RA REINAR NA FRATERNA QUIO:** Quio é uma ilha localizada no mar Egeu, ao sul de Lemno. Nela, reinava Enópion, filho de Baco e Ariadne – irmão de Toas, portanto. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), Toas teria assumido o cetro de Quio logo após a morte de Enópion.

**487-8. FALTAS NÃO TENHO, / POIS VÁCUA A PIRA ARDEU:** refere-se Hipsípile à falsa pira funerária que ergueu para seu pai, nela queimando os objetos que pertenceram a Toas para que suas conterrâneas não desconfiassem de sua mentira – sobre isso, cf. 5.313-9 e comentários *ad loc.*

Conforme defende, se a pira ardeu vazia, então não cometeu crime algum. Por sua inocência, porém, terá que se exilar de sua terra natal (cf. 5.486-98n).

**489. POR GOLPES DO ERRO ACESA:** inflamada pelo crime que cometeram. **RECLAMANDO O CRIME:** ao tomarem consciência da inocência de sua rainha, que acreditam tão culpada como qualquer uma delas, as lêmnias passam a exigir, de Hipsípile, suas responsabilidades pelo crime que deveria ter cometido.

**491-2. 'A ÚNICA AOS SEUS LEAL? E NÓS, POR MATAR, LEDAS? / FADO NÃO FOI OU DEUS? COMO REGE URBE INFANDA?:** as questões que ressoam entre as mulheres misturam a indignação pela traição de Hipsípile – "enquanto nós nos alegramos por ter cometido assassinatos, ela continua fiel aos seus?" –, ao espanto por ela ter-se mantido inocente diante das condições em que a matança ocorreu – "não foi coisa dos Fados ou de um deus?" – e ao horror por ela conseguir, mesmo sendo inocente, reinar em uma cidade manchada pelo nefas. Novamente, então, há um embate entre a *pietas* e o *nefas*, mas delineado de maneira bem peculiar: em uma sociedade dominada pelo nefasto, quem manifesta a *pietas* é o condenável (**Fado não foi ou deus?**).

**493-4. ASSOMA-SE UMA TRISTE / PENA, E O REINO NÃO VALE:** Hipsípile percebe que o seu suplício se aproximava, e que sua realeza não a ajudaria nisso (**e o reino não vale**).

**495-6. DONDE / DO PAI A FUGA. EUÃ, PORÉM, NÃO ME ENCONTROU:** chega ao mesmo local por onde, instruída por Baco (o **Euã**), levou seu pai para que fugisse ao massacre – sobre isso, cf. 5.265-95 e comentários *ad loc.*

**499-504. ENQUANTO ITERA A HISTÓRIA ... AS MÃOS À ERVA PRESAS:** terminado o relato de Hipsípile (cf. 5.48-498n), o narrador estaciano retoma a narrativa, trazendo novamente ao foco o pequeno Ofeltes, que, esquecido por sua cuidadora, adormece em meio à relva onde foi deixado (cf. 4.778-85 e comentários *ad loc.*).

**501. DOS EXPOSTO FILHO:** refere-se a Ofeltes, filho de Licurgo, de quem Hipsípile era a nutriz. **URDISTES, Ó DEUSES:** "assim quisestes, ó deuses". Foi por estratagema divino que Hipsípile abandonou Ofeltes sobre a relva (cf. 4.778-85 e comentários *ad loc.*) para guiar os argivos.

**502. OS GRAVES OLHOS:** diz **graves** por causa do sono – é dizê-los, portanto, "pesados".

**502-3. EM FRÔNDEO / SOLO IMERGE:** porque coberto pela relva o solo, diz que nele Ofeltes imergiu sua cabeça.

**505-33. NISSO, NO CAMPO, SACRO ... UMA ARBÓREA FLORESTA:** enquanto o jovem Ofeltes adormece

em meio à relva esquecido por Hipsípile (cf. 5.499-504 e comentários *ad loc.*), uma monstruosa serpente se atiça acossada pela mesma falta de água que assolou as tropas argivas – sobre a seca, cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*: forma-se, então, o cenário para que se cumpra o augúrio que acompanhou o nascimento de Ofeltes – sobre isso, cf. 4.718-9n. Ora, o narrador descreve em toda a sua monstruosidade a serpente que matará Ofeltes, ressaltando sempre que possível sua atrocidade e seu tamanho. Compare-se (*infra*) a caracterização da serpente feita por Estácio com as de três outras cenas: a de Virgílio, em que Eneias descreve os monstros que atacaram Laocoonte; a de Ovídio, em que se diz sobre a serpente filha de Ares que foi morta por Cadmo; e a de Sílio Itálico, em que é desenhada a serpente da Líbia que atacou Marco Atílio Régulo – para uma comparação desta última com a serpe de Nêmea de Estácio, cf. Jörn Soerink (2013).

Em Virgílio, então, assim Eneias descreve as serpentes enviadas para dar cabo do sacerdote troiano Laocoonte (*A.* 2.203-11): *ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta / (horresco referens) immensis orbibus angues / incumbunt pelago pariterque ad litora tendunt; / pectora quorum inter fluctus arrecta iubaeque / sanguineae superant undas, pars cetera pontum / pone legit sinuatque immensa uolumine terga. / fit sonitus spumante salo; iamque arua tenebant / ardentisque oculos suffecti sanguine et igni / sibila lambebant linguis uibrantibus ora* ("Juntas, direito à praia, eis duas serpes / de espiras cento ao pélago se deitam: / de fora os peitos e as vermelhas cristas / entonam; sulca o resto o mar tranquilo, / e se encurva engrossando o imenso tergo. / Soa espumoso o páramo salgado: / já tomam terra, e em brasa e cruor tintos / fulmíneos olhos, com vibradas línguas / vinham lambendo as sibilantes bocas" – trad. Odorico Mendes).

Em Ovídio, eis a serpente morta por Cadmo (*Met.* 3.28-34): *silua uetus stabat nulla uiolata securi, / et specus in media uirgis ac uimine densus / efficiens humilem lapidum conpagibus arcum / uberibus fecundus aquis; ubi conditus antro / Martius anguis erat, cristis praesignis et auro; / igne micant oculi, corpus tumet omne uenenis, / tresque uibrant linguae, triplici stant ordine dentes* ("Velha selva crescia intonsa por machado, / e ao centro, densa em vime e vergas, uma gruta, / cujas pedras formavam uma arcada baixa, / vertia água; ali, naquele antro, escondia-se / a serpente de Marte, com sua crista de ouro, / olhos de fogo e o corpo inchado de veneno / com três línguas vibrando e três filas de dentes" – trad. Raimundo Carvalho).

De Sílio Itálico, o passo em que Maro conta a Serrano sobre a serpente que teria atacado seu pai, Marco Atílio Régulo, durante a Primeira Guerra Púnica, às margens do rio Bragada, na

Líbia (*Sil.* 6.151-65; 181-7): *monstrum exitiabile et ira / telluris genitum, cui par uix uiderit aetas / ulla uirum, serpens centum porrectus in ulnas / letalem ripam et lucos habitabat Auernos. / ingluuiem immensi uentris grauidamque uenenis / aluum deprensi satiabant fonte leones / aut acta ad fluuium torrenti lampade solis / armenta et tractae foeda grauitate per auras / ac tabe adflatus uolucres. semesa iacebant / ossa solo informi dape quae repletus et asper / uastatis gregibus nigro ructarat in antro. / isque ubi feruenti concepta incendia pastu / gurgite mulcebat rapido et spumantibus undis, / nondum etiam toto demersus corpore in amnem / iam caput aduersae ponebat margine ripae* [...] *quantis armati caelum petiere Gigantes / anguibus, aut quantus Lernae lassauit in undis / Amphitryoniaden serpens, qualisque comantis / auro seruauit ramos Iunonius anguis: / tantus disiecta tellure sub astra coruscum / extulit adsurgens caput atque in nubila primam / dispersit saniem et caelum foedauit hiatu* ("um monstro mortal, da ira / da terra nascido, ao qual, igual, dificilmente gostaria de ver qualquer / geração dos homens, uma serpente por cem braças estendida / na fatal margem, que os lucos Avernos habitava. / À gula do imenso estômago e, de peçonha prenhe, / ao ventre saciavam leões à fonte arrancados, / ou, ao rio levados quando queimava a luz do sol, / armentos e, derrubadas dos céus porque a corrupção da atmosfera / e podridão respiraram, aves. Semidigeridos, jazem / ossos no chão, disforme banquete com que se encheu e que, feroz, / sobre as devoradas greis no antro negro vomitou. / Então, quando o incêndio conseguido com o alimento fervente / aliviava na veloz correnteza de espumantes águas, / nem imersa, ainda, no rio com todo o corpo, / e já deitava a cabeça à margem da orla oposta [...] Tão grande como as cobras com que os Gigantes, pra atacar os céus, / se armaram, ou tão grande como a serpe que, nas águas de Lerna, / cansou o Anfitrionida, ou como a cobra de Juno / que, de ouro floridos, protegia os ramos: / tamanha, da terra partida sob os astros, a vibrante / cabeça levantou e, contra as nuvens, a primeira / saliva dispersou e o céu manchou com as mandíbulas abertas").

**505. SACRO HORROR DO BOSQUE AQUEU:** refere-se à serpente (5.506) que será descrita. Em poucas palavras, Estácio a define como um **horror** que assola o **bosque Aqueu** – *i.e.*, o bosque de Nêmea onde se encontram – e como animal sagrado – o que se esclarece mais adiante (5.511-2).

**506. SERPE TERRÍGENA:** nascida, então, da própria terra. É, portanto, filha de Nêmea. **COM FROUXO ARRASTO:** diz sobre o seu serpear, **frouxo** porque sinuoso.

**507. ÀS COSTAS O DEIXANDO:** refere-se ao seu **frouxo arrasto** (5.507), que fica pra trás conforme ela avança.

**509-10. TRÊS LÍNGUAS VIBRANDO, TRÊS SÉRIES / DE CURVOS DENTES:** em latim, *ter lingua uibrat, terna*

*agmina aduncī / dentis*. Como em Ovídio, sobre a serpe de Ares morta por Cadmo (*Met.* 3.34): *tresque uibrant linguae, triplici stant ordine dentes* ("com três línguas vibrando e três filas de dentes" – trad. Raimundo Carvalho).

**510-1. DA ÁUREA FRONTE, CRUEL GLÓRIA / SE ERGUE:** descreve uma juba ou, muito provavelmente, uma crista que se ergue a partir do topo de sua cabeça. Dizer **áurea** a fronte pode tanto significar que a serpente tinha o topo da cabeça amarelado, como ser um hipálage para dizer **áurea**, na verdade, a crista que se projeta de seu crânio.

**511-2. SAGRADA A DIZEM OS COLONOS DE ÍNACO / AO TROANTE:** em latim, *Inachii sanctum dixere Tonanti / agricolae*. Há disputa na crítica quanto ao paço: Barthius, Amar-Lemaire, Lesueur e Bailey imprimem *Inachio* em vez de *Inachii*. Assim, a concordância se daria com *Tonanti* ("ao Inácio Troante"). Por sua vez, Mueller, Hall e Klotz escolhem *Inachii*, conforme aqui se seguiu. A concordância com *agricolae* (**colonos**) foi aqui preferida pela semelhança com outra passagem, em que se fala dos **colonos da Arcádia** e de seu conhecimento sobre o Tênaro (*Theb.* 2.50): *Arcadii perhibent si uera coloni* (**se a verdade pertence aos colonos da Arcádia**).

**512. AO TROANTE:** a Júpiter – "o que troa, troveja". **CURA DO AGRO:** o protetor daqueles campos. **RUDES ARAS:** porque erigidas pelos camponeses – é dizê-las "rurais".

**513. ORA DO DEUS CINGE O TEMPLO:** o templo de Júpiter, por certo, visto ser ele o patrono daqueles bosques (cf. 5.512n).

**514. VOLTAS VAGAS RASTEANDO:** formando círculos com o próprio corpo enquanto serpenteia em torno ao templo.

**516-7. POR VEZ JAZ SOBRE RIOS LIGANDO AS DUAS MARGENS, / LINEAR:** tamanha a sua extensão que, às vezes (**por vez**), ao se esticar sobre os rios atravessando-os, acaba por unir com seu corpo as duas margens – compare com a serpente do rio Bragada descrita em Sílio Itálico (*Sil.* 1.164-5 *apud* 5.505-33n). **LINEAR:** em linha reta – ou seja, "esticada"

**517. O FLUME INCISO:** é dizer, literalmente, "o rio cortado". Porque, esticando-se transversalmente ao curso do flume, é como se o dividisse com seu corpo.

**518-9. ORA, PORÉM, COM O OGÍGIO ... NA AREIA ESCONSAS:** refere-se o narrador à seca que assola Nêmea e que não atinge, portanto, somente os exércitos argivos – sobre a seca, cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*

**518. COM O OGÍGIO JUGO ARFANDO A TERRA:** refere-se às ordens de Baco para que Nêmea enfren-

tasse grave seca durante a passagem das tropas argivas. Com **Ogígio** diz "tebano", remetendo a Baco – sobre o uso do patronímico, cf. 1.173n.

**519. AS NINFAS TRÉPIDAS NA AREIA ESCONSAS:** como ordenara Baco – cf. 4.683-96 e comentários *ad loc.* Dizer que as Ninfas esconderam-se **na areia** é o mesmo que dizer que as águas das fontes e rios esconderam-se em seus leitos.

**520-1. MAIS SEVA ARCANDO OS FLANCOS ... AO FOGO DO ATRO TÓXICO:** por causa da falta de água, serpenteia mais feroz o monstro do bosque nemeu, enfurecido com o ardor de seu veneno (com **o fogo do atro tóxico**) – como se a sede fizesse com que a serpente, sem poder se arrefecer, fervesse com seu próprio veneno. Compare com o trecho em que Virgílio descreve uma serpente atormentada pela sede (*G.* 3.425-34): *est etiam ille malus Calabris in saltibus anguis / squamea conuoluens sublato pectore terga / atque notis longam maculosus grandibus aluum, / qui, dum amnes ulli rumpuntur fontibus et dum / uere madent udo terrae ac pluuialibus Austris, / stagna colit ripisque habitans hic piscibus atram / improbus ingluuiem ranisque loquacibus explet; / postquam exusta palus terraeque ardore dehiscunt, / exsilit in siccum, et flammantia lumina torquens / saeuit agris asperque siti atque exterritus aestu* ("feia serpente em Calabrezes matas, / peito ereto, enovela o escâmeo tergo, / manchado ao longo o ventre: haja ribeira / que mane túrgida, ou nimbosos austros / ou madido verão, nos charcos mora, / e as margens discorrendo, o peixe engole, / mete em lôbrego papo as rãs palreiras; / se, esgotada a lagoa e a terra em fendas, / pula em seco, a torcer ignitos olhos / raiva de calma e sede exasperada" – trad. Odorico Mendes).

**523-4. INCERTA / DE SI MESMA:** já desesperada, portanto, temendo por sua própria vida. **OS ARES LAMBE:** vibra a língua no ar atrás de alguma umidade.

**525. ALTA A FRONTE:** com a cabeça erguida, como se tentasse enxergar ao longe. **OS AGROS GEMENTES RISCANDO:** por causa da seca e do peso da serpente, o chão faz barulho quando atritado pelo ventre do animal (donde os **agros gementes**), cujo serpear deixa rastros no solo. Interessante união de dois sentidos em um mesmo movimento da serpente: audição e visão.

**526-7. PRONA SE GRUDA AO CHÃO SE, VERDEJANDO, EXSUDA / A GRAMA:** para aproveitar a umidade que transparece pelo verde da grama, gruda-se ao chão a serpente.

**527. COM ARFAR QUENTE:** mesmo a serpente, porque abrasada pela seca, respira com dificuldades, expelindo um bafo quente que atinge e murcha as ervas do caminho (5.527-8).

**529-33. TÃO GRANDE COMO A SERPE ... UMA ARBÓREA FLORESTA:** ainda como uma forma de ilustrar

as dimensões da serpente, o narrador encerra o passo a comparando a duas outras cobras monstruosas: a primeira delas, a **Serpe**, refere-se à constelação de Serpente (cf. 5.529-30); a segunda, a Píton, que Apolo matou em Delos para fundar seu mais famoso oráculo (cf. 5.531-3).

**529-30. TÃO GRANDE COMO A SERPE QUE, DO ARTURO CARRO, / CORTA O CÉU E SE ALASTRA AO NOTO E A ORBE ALHEIO:** refere-se à constelação de Serpente, localizada sobre o equador celeste. Cortada pela constelação de Serpentário, divide-se em duas partes: ao norte está a chamada *serpentis caput* ("cabeça da serpente"); mais ao sul, a *serpentis cauda* ("cauda da serpente"). A *caput*, no hemisfério celestial norte, portanto, está localizada próximo de Arturo, a mais brilhante estrela da constelação de Boieiro – diz **Arturo Carro** por causa da relação entre Arturo e a constelação de Ursa Maior, também conhecida como Carro (sobre isso, cf. 1.18n). A partir de Arturo, então, a Serpente se prolonga em direção ao hemisfério celestial sul (o **orbe alheio**), de onde sopra o Noto – o vento sul (cf. 1.160-1n). Em resumo, hiperbolicamente diz ser a serpente de Nêmea tão grande como aquela que figura na constelação, se estendendo, portanto, desde o hemisfério norte até o hemisfério sul.

**531-2. TÃO GRANDE COMO AQUELA QUE ... UMA ARBÓREA FLORESTA:** a outra referência utilizada por Estácio é a Píton, serpente que vivia no monte Parnaso antes de Apolo instalar lá o oráculo de Delfos. Píton foi morta por Apolo – por isso o narrador o interpela no passo (**ó Délio**) – e, se diz, do seu sangue surgiu a floresta que cobre a região – sobre Apolo e a Píton, cf. 1.562-3n.

**534-87. QUAL DEUS A TI, PEQUENO ... AS SUMAS CRISTAS SABOREIA:** após breve apóstrofe (5.534-40), o narrador passa ao episódio da morte de Ofeltes, dividindo-o em diferentes cenas: na primeira (5.541-5), Ofeltes é atacado pela serpente e grita desesperado, despertando novamente a atenção de Hipsípile para si. Na sequência (5.545-9), Hipsípile corre em busca da criança, mas acaba deparando-se com a serpente (5.549-54). Os argonautas, então (5.554-63), correm para socorrê-la e Hipomedonte realiza a primeira investida contra o monstro. Porque foi ineficiente o ataque de Hipomedonte, Capaneu realiza outra tentativa de matar a serpe e logra êxito na empreitada (5.564-78). Por fim, o passo se encerra após a morte da serpente, com o próprio bosque e os seus seres lamentando o ocorrido (5.579-82), e Jove postergando sua vingança contra Capaneu (5.583-7).

**534. PEQUENO:** em latim, *parue*. A escolha pelo termo contribui para a intensificação do *páthos* típico desse tipo de apóstrofe – cf. *e.g.* 5.172-4n.

**535. DEU POR SORTE?:** no sentido de "destino". Ou seja: "qual deus te deu como destino o fardo de um fado tão grande?".

**535-6. INDA À ENTRADA DA VIDA, POR TAL / RIVAL CAIS?:** porque era ainda um bebê de colo, diz o narrador que ele estava na **entrada da vida**. O intuito é o de contrapor, à criança ainda bem jovem e pequena, a monstruosa serpente do bosque de Nêmea – o emprego de **tal** (em latim, *hoc*) recupera a última parte da descrição da serpe, em que se destaca justamente o seu tamanho (cf. 5.529-33 e comentários *ad loc.*). Compare com a afirmação sobre os meninos mortos pelas mulheres em Lemno: **semimortos guris no umbral da vida** (cf. 5.259-60n).

**536-7. OU P'RA SACRO POR ERAS AOS GREGOS / POVOS SERES, DE MAGNA TUMBA DIGNO MORRES?:** o motivo da morte de Ofeltes ora aventado pelo narrador adianta o futuro do jovem: após sua morte, como o próprio Adrasto indica ao final do canto (cf. 5.751 – **é, pois, um deus, um deus!**), Ofeltes passará por uma apoteose – donde dizê-lo **sacro [...] aos Gregos / povos**. Por **de magna tumba digno**, entenda-se uma referência aos jogos fúnebres que serão instituídos em honra ao menino e celebrados durante o canto sexto, bem como à própria pira a ele erigida e descrita no início do canto sexto.

**538-9. FINDAS LESO POR TRAUMA DE EXTREMO DE CAUDA, / MENINO, DE ÍNSCIA SERPE:** foi, então, com um golpe dado pela extremidade da cauda da serpente que Ofeltes morreu. Não há, contudo, a narração do momento da morte: a seguir, será mencionado o gemido que o jovem soltou quando foi atingido de morte (cf. 5.541-2), mas as condições em que o ferimento fatal ocorreu são-nos reveladas somente por este passo. Perceba-se ainda que, embora tenha sido dado destaque à ferocidade do monstro especialmente durante a seca que assolava Nêmea (cf. 5.505-33 e comentários *ad loc.*), a morte de Ofeltes foi acidental, pois que o narrador diz **ínscia** a **serpe** (em latim, *ignaro serpente*). Com isso, as investidas de Hipomedonte, e principalmente de Capaneu, contra a serpente consagrada a Júpiter (cf. 5.511-3 e comentários *ad loc.*) ganham traços de blasfêmia, o que vincula a passagem à morte de Capaneu durante o canto décimo do poema – sobre isso, cf. 5.583-7n.

**540. À SOLITÁRIA MORTE ABEM-SE OS OLHOS:** Ofeltes desperta do sono (5.539-40), como se pressentisse sua morte iminente, apenas para ver que morreria sozinho, abandonado pela nutriz.

**541-2. MORRENDO, ENTÃO, OS ARES UM GRITO DO ATÔNITO / CORTOU:** percebendo o monstro diante de si, e porque atingido pela serpente (cf. 5.538-9), Ofeltes (o **atônito**) lança aos ares um grito enquanto morre.

**545. EXANGUE, FRACOS PUXA OS JOELHOS:** por causa do susto causado pelo grito de Ofeltes (**ouve Hipsípile** – 5.544), diz **exangue** (isto é, "pálida") Hipsípile e **fracos** ("enfraquecidos") os seus **joelhos**.

**545-6. DO MAL CERTA / POR AUGÚRIO DA MENTE:** sobre isso, cf. 5.620-2n.

**548-9. E O PRADO / PERDEU OS TRAÇOS:** a referência é ambígua: os traços perdidos podem ser aqueles deixados pelo próprio Ofeltes, que vagava pelo chão (cf. 4.786-96), como os deixados pela serpente ao se arrastar por ali (cf. 5.525). Mais provável, porém, é que se tratem dos rastros deixados por Ofeltes, que ela reconheceria.

**549-51. A HOSTIL, EM VERDE ... VENTRE A CERVIZ DE ATRAVÉS:** Hipsípile encontra a serpente (**a hostil**), que jazia sobre a relva sobre seu próprio corpo enrolada – **em verde / arco reunida** –, em posição de ataque, ou de repouso – com a parte anterior de seu corpo (**a cerviz**), pousada de atravessado sobre o seu ventre. **VERDE:** Lactâncio (*ad loc.*) atribui a cor ao veneno da cobra, citando, para isso, Horácio (*Carm.* 1.17.8): *nec uiridis metuunt colubras* ("nem temerão às verdes cobras"). Não há motivos, porém, para crer que a cor seja uma referência ao veneno e não à pele da serpente, como parece ser o caso mesmo no verso citado por Lactâncio.

**553. ACENDER COM UM GRITO:** em latim, *incendit clamore*. Porque o seu grito agitou o bosque, como em Virgílio (*A.* 10.895; 11.147): *clamore incendunt caelum Troesque Latinique* ("com um grito, acenderam o céu os Troianos e os Latinos"); *maestam incendunt clamoribus urbem* ("acenderam com gritos a triste cidade"). **NÃO SE ATERRA AQUELA:** mesmo com o grito de Hipsípile, não se assustou a serpe (**aquela**).

**554-5. O BRADO AFLITO AOS OUVIDOS ARGIVOS / IMPELE:** o grito da nutriz, que ecoou pelo **fundo / luco** (5.552-3), chegou aos ouvidos dos argivos, que, durante a disparada de Hipsípile (5.544-9) em direção ao gemido de morte de Ofeltes (5.541-3), ficaram para trás em meio ao bosque.

**556. O ARCÁDIO:** Partenopeu, natural da Arcádia – sobre o herói, cf. 1.45n. **A CAUSA TRAZ:** Partenopeu dispara em direção ao grito de Hipsípile e, quando retorna, expõe aos outros generais qual a causa do desespero de sua guia. A escolha do jovem para cumprir a missão pode ter-se dado por serem, Partenopeu e seu cavalo, afeitos a correr em meio aos bosques durante as caçadas, com as quais costumavam se ocupar – sobre isso, cf. 4.271-4 e comentários *ad loc.*

**557. À LUZ DAS ARMAS E AO RUÍDO DOS HOMENS:** atormentada pelo brilho das armas e pelo barulho dos homens que dela se aproximavam.

**558-63. COM GRANDE ESFORÇO ... GOLPE ÀS COSTAS VINDO:** a primeira investida dos argivos contra o

monstro é realizada por Hipomedonte, mas resulta nula, uma vez que a pedra por ele lançada é amortecida por um movimento de dorso da serpente. Soerink (2013, p. 367) aponta as semelhanças entre o ataque de Hipomedonte e os realizados, também em vão, por Cadmo contra a serpente de Tebas (cf. 5.505-33n), em Ovídio (*Met.* 3.59-62): *dixit dextraque molarem / sustulit et magnum magno conamine misit. / illius inpulsu cum turribus ardua celsis / moenia mota forent* ("E grande / pedra susteve à destra e atirou-a com força. / Com tal pedrada, uma muralha de altas torres / tremeria" – trad. Raimundo Carvalho); e por Turno contra Eneias, em Virgílio (*A.* 12.895-907): *nec plura effatus saxum circumspicit ingens, / saxum antiquum ingens, campo quod forte iacebat, / limes agro positus litem ut discerneret aruis. / uix illum lecti bis sex ceruice subirent, / qualia nunc hominum producit corpora tellus; / ille manu raptum trepida torquebat in hostem / altior insurgens et cursu concitus heros. / sed neque currentem se nec cognoscit euntem / tollentemue manu saxumue immane mouentem; / genua labant, gelidus concreuit frigore sanguis. / tum lapis ipse uiri uacuum per inane uolutus / nec spatium euasit totum neque pertulit ictum* ("Nem mais, e encara com vetusta pedra, / agrária estrema, estorvo de litígios; / pedra, carga sobeja aos mais robustos / doze homens dos que a nossa idade cria: / com tremor agarrando-a, herói se apruma, / na corrida a propele; mas ignora / se anda ou corre, se pega o ingente marco, / se o move e arroja: faltam-lhe os joelhos, / coalha o sangue. No vácuo o seixo enorme / roda, no alcance falha, o impulso esfria" – trad. Odorico Mendes).

Conforme analisa Soerink: "Com sutileza, Estácio aperfeiçoa seu modelo ovidiano. Cadmo levanta a pedra que serve de marco de campo com uma única mão (*dextra* ["destra"]), ainda que precise de *magno conamine* ["magno esforço"]; Hipomedonte precisa de *ingente conamine* [grande esforço] para, primeiro, levantar a pedra. Além disso, Estácio substitui *sustulit* ["sustentou"] por *rapit* [puxou], provavelmente uma imitação de um segundo modelo, a igualmente ineficiente tentativa de Turno acertar Eneias com uma pedra na *Eneida* (*A.* 12.895-907 [*supra*]). O compromisso de Estácio com Virgílio atesta o débito de Ovídio para com a mesma cena" (2003, p. 367). E não somente o ataque de Hipomedonte se assemelha ao de Cadmo em Ovídio (*supra*), mas também a reação de ambas as cobras, que não se abalam com o golpe de tão grande pedra (*Met.* 3.62-4): *serpens sine uulnere mansit / loricaeque modo squamis defensus et atrae / duritia pellis ualidos cute reppulit ictus* ("a serpente não ficou ferida; / tendo como couraça escumas e a dureza / da pele negra, repeliu os golpes fortes" – trad. Raimundo Carvalho).

**559. MARCO DO CAMPO:** geralmente, eram grandes e pesadas as pedras utilizadas para marcar

os limites de um campo, evitando-se, assim, que fossem movidas.

**560-1. COM A FORÇA QUE POR VEZ A BÉLICOS / TRAVÕES DE PORTAS MÍSSEIS PEDREGULHOS SALTAM:** durante as guerras, grandes traves de madeira eram utilizadas para reforçar a segurança das portas das cidades – são esses, pois, **os bélicos / travões de portas**. Por suas dimensões e robustez, as pedras lançadas (**mísseis**) com o intuito de solapar as portas demandavam grande impulso, ao qual se compara, aqui, a força feita por Hipomedonte.

**564-78. RESSOA A TERRA E DENSOS ... ARAS INSTANDO, ASSOBIA:** depois da tentativa frustrada de Hipomedonte (cf. 5.558-63 e comentários *ad loc.*), Capaneu (cf. 1.45n) assume a missão de matar a serpente. Mesmo antes de se pronunciar, porém, o herói já dá mostras de sua força e sua brutalidade, pois que se aproxima trazendo um tronco de freixo como lança (5.564-6), recém-arrancado ao bosque (sobre a força e o tamanho de Capaneu, cf. 3.594-7n; 4.165-8; 4.173-7 e comentários *ad loc.*). Também a blasfêmia é característica sempre presente nas ações e nas palavras do herói, que morrerá após desafiar os deuses durante a tentativa de invasão a Tebas (sobre isso, cf. 3.539-40n; 3.598-677 e comentários *ad loc.*): ora, por exemplo, quando se anima a enfrentar a serpente prometendo-lhe a morte, Capaneu roga com veemência para que ela seja um **gozo dado** aos deuses (**que a deuses sejas!**), pelo que, ao matá-la, também os atingiria. Não somente nisso, porém, se manifestará a conduta herética do personagem: além de ser, de fato, um prazer concedido aos deuses (sobre isso, cf. 5.510-3 e comentários *ad loc.*), o que já serviria de motivo para uma vingança divina, a serpente atingiu mortalmente Ofeltes sem sabê-lo (sobre isso, cf. 5.538-9n): livre de dolo, portanto, embora culpada por sua morte. Por conta disso, Júpiter tem que se conter para não fulminá-lo já nesse ponto da narrativa, o que consegue por saber que um momento mais adequado virá (cf. 5.584-7n).

**564-5. DENSOS, NOS ERMOS DAS MATAS, / PULAM GALHOS:** Capaneu adentra a mata fechada (os **ermos das matas**) fazendo saltar, às vistas dos que o assistem, bastas galhadas (os **densos ... galhos**) que ele arranca para abrir caminho.

**567-8. QUER DO HORRENTE BOSQUE SEJAS FERA, / OU A DEUSES – QUE A DEUSES SEJAS! – GOZO DADO:** Capaneu promete a morte à serpente quer ela seja um simples animal que habita aquele bosque, quer seja animal sagrado aos deuses – sobre o comportamento herege de Capaneu, cf. 5.564-78n.

**569-70. NEM SE GIGANTE A MIM HOSTIL SOBRE ESTE CORPO / TROUXERES:** (LACTÂNCIO) "Porque dizia-se que os gigantes tinham pés de serpentes, os quais eram chamados serpentípedes. Ovídio, no

livro quinto dos *Fastos* (5.37): *mille manis illis dedit et pro cruribus angues* ["mil mãos lhes deu e, no lugar de pernas, serpes"]."

**570. INFIRME:** porque vibrava durante o trajeto percorrido.

**570-4. A HIANTE BOCA ... NO CHÃO SE CRAVA:** a lança enviada por Capaneu atinge a serpente primeiro em sua boca: após atravessá-la, corta a língua e sai pela parte de cima da cabeça do monstro, se encravando, depois, no chão, toda suja pelos miolos da cobra.

**572. NOTÁVEL SOBRE O CRÂNIO RÚTILO:** projetando-se a partir do crânio a lança, a diz **notável**, como se fosse um ornamento em meio à sua crista.

**576-7. NO OPACO / TEMPLO DO DEUS:** no templo de Júpiter, que era honrado pelos camponeses daquele lugar, e para quem era sagrada a serpente (sobre isso, cf. 5.510-3 e comentários *ad loc.*). Diz **opaco** por estar em meio à mata fechada.

**577. COM O VASTO PESO AFILA O SOLO:** "com todo o seu corpo, mensura o chão" – de acordo com Barthius (*ad loc.*), para que encontre um local onde possa se estender.

**578. E A ALMA, DO MESTRE ÀS ARAS INSTANDO, ASSOBIA:** morre a serpente aos pés do altar de Júpiter (seu **mestre** – sobre isso, cf. 5.510-3 e comentários *ad loc.*), expirando sua alma com um último silvo – por isso, diz que ela **assobia** a alma.

**579-82. ENTÃO, CHARCOS DA LERNA ... RUDES FAUNOS LAMENTARAM:** o próprio bosque, na figura de seus **charcos** e dos campos nemeus, assim como seus habitantes, **Ninfas** e **Faunos**, lamentam a morte da Serpe. Compare o passo com a comoção que a morte da serpente do Bragada (cf. 5.505-33n) causa, em Sílio Itálico (*Sil.* 6.283-90): *erupit tristi fluuio mugitus et imis / murmura fusa uadis, subitoque et lucus et antrum / et resonae siluis ulularunt flebile ripae. / heu quantis luimus mox tristia proelia damnis, / quantaque supplicia et qualis exhausimus iras! / nec tacuere pii uates famulumque sororum / Naiadum, tepida quas Bagrada nutrit in unda, / nos uiolasse manu seris monuere periclis* ("rebenta, do triste flume um mugido e, aos imos / vaus, espalham-se murmúrios; de súbito, o bosque e o antro / lamentosamente ulularam, e as margens ecoaram as selvas. Ah!, com quantos danos pagamos então os tristes prélios, / quantos suplícios e quais iras provamos! / Não se calaram os pios vates e, que a fâmula das irmãs / Náiades, as quais nutriu o Bragada em suas águas tépidas, / com nossas mãos violamos e, dos futuros perigos, avisaram-nos").

Compare-se, também, ao passo de Ovídio em que se fala da reação dos campos da Lícia e de seus habitantes diante da morte de Mársias (*Met.* 6.392-400): *illum ruricolae, siluarum numina,*

*fauni / et satyri fratres et tunc quoque carus Olympus / et nymphae flerunt, et quisquis montibus illis / lanigerosque greges armentaque bucera pauit. / fertilis inmaduit madefactaque terra caducas / concepit lacrimas ac uenis perbibit imis; / quas ubi fecit aquam, uacuas emisit in auras. / inde petens rapidus ripis decliuibus aequor / Marsya nomen habet, Phrygiae liquidissimus amnis* ("Choraram-no os faunos do campo, as deidades das florestas, / os sátiros, seus irmãos, e também o Olim-po, / que ainda não lhe era querido, as ninfas e quantos naqueles montes / apascentavam rebanhos de ovelhas ou manadas de bois. / A terra fértil foi-se umedecendo e, uma vez úmi-das, / chorou lágrimas que, ao caírem, recolheu no seu íntimo. / Ao torná-las água, enviou-as ao espaço vazio. / Daí que o mais transparente dos rios da Frígia que, entre abruptas / margens, se dirige célere ao violento mar, se chame Mársias" – trad. Domingos Dias). Sobre Mársias, cf. 1.709n.

**579. CHARCOS DA LERNA COGNATA:** porque as águas do pântano de Lerna nascem em Nêmea (so-bre a Lerna, cf. 1.359n), o mesmo lugar onde nascera Serpente morta por Capaneu (cf. 5.506), diz **cognata**.

**581. O AGRO NEMEU, ROJADO:** porque por ali se arrastava a Serpente, diz **rojado** ("rastejado") o campo.

**583-7. DO ALTO ÉTER JÁ CHAMARA ... AS SUMAS CRISTAS SABOREIA:** depois do assassinato da serpe a ele consagrada (cf. 5.510-3 e comentários *ad loc.*), Júpiter planeja se vingar de Capaneu – seja somente pela blasfêmia (sobre isso, cf. 5.564-78n), seja porque Capaneu matou a serpente sem que ela tivesse matado Ofeltes conscientemente (sobre isso, cf. 5.538-9n). Ao menos nesse momento, porém, desiste o deus de sua empresa, adiando a vingança para um mo-mento mais propício, pois sabe que Capaneu merece **armas piores** – refere-se assim' ao mo-mento em que Capaneu, novamente blasfemando contra os deuses, tenta subir sobre as mu-ralhas de Tebas para invadir a cidade e é enfim fulminado por um raio enviado pelo sumo deus (cf. 3.539-40n; 3.598-677 e comentários *ad loc.*).

**583. JÁ CHAMARA SEUS DARDOS:** Júpiter já havia convocado os seus raios, aqui chamados **dardos** porque desciam com o objetivo de ferir Capaneu, como uma arma.

**584. NUVENS À CHUVA HÁ MUITO SE JUNTARAM:** depois da convocação de Júpiter (5.583), para que os raios pudessem, então, ser formados.

**585. A IRA DIVA É POUCA:** ainda não se havia irado suficientemente para vingar-se de Capaneu (cf. 5.583-7n). **ARMAS PIORES:** refere-se, provavelmente, a um raio mais potente para atingi-lo,

ou ao menos a um que responda a uma motivação ainda maior.

**586-7. Já corre o enviado vento/ do raio, e no elmo as sumas cristas saboreia:** mesmo tendo desistido do ataque nesse momento, Júpiter não pode impedir que os ventos provocados pela formação do raio, um procedimento que já tinha se inciado quando adiou sua vingança (cf. 5.583-4), soprassem sobre a cabeça de Capaneu, atingindo as cristas de sua gálea como um prenúncio de sua morte (cf. 5.583-7n).

**588-604. Já se afastara a infausta ... nos berços, as plumas:** Hipsípile deixa o local onde encontrara a serpe e, buscando ainda pelo infante, descobre o seu corpo **só feridas** (cf. 5.596-8n). Perceba-se que o lamento de Hipsípile pela morte de Ofeltes ocorre logo após o lamento do bosque de Nêmea e de seus habitantes pela morte da serpente (cf. 5.579-82 e comentários *ad loc.*). Agindo assim, de acordo com A. M. Keith (2004, p. 57-60), Estácio aproxima os dois filhos de Nêmea em sua narrativa – a Serpe, por ter nascido da própria terra (5.506), e Ofeltes, por ser filho de Licurgo, rei de Nêmea –, fazendo-os, além disso, compartilhar do mesmo fim: a morte. Para o autor, contudo, não só esses dois personagens são relacionados no passo, mas também Hipsípile e Nêmea, tendo-se em conta principalmente a "fertilidade quase maternal" de ambas: "A fertilidade quase maternal de Nêmea é simbolicamente espelhada no retrato de Hipsípile que Estácio cria na clareira do bosque, mas, no final das contas, a rainha falha em sua missão de nutrir o infante confiado a seus cuidados. Essa falha em nutrir a prole nativa anula a lógica mais geral que requer, dela, uma imersão literal no plano que ela, figurativamente, incorpora" (2004, p. 59-60). O que está em jogo, então, de acordo com Keith, é um descompasso, quase um desentendimento, entre Hipsípile e Nêmea, uma vez que a incapacidade que a rainha demonstrou em cuidar da criança a ela confiada denuncia a incapacidade de existência de um vínculo seu com a terra que então habitava: bastou Hipsípile reviver seu passado em Lemno para que esquecesse por completo da sua responsabilidade com relação a Nêmea.

**588. Já se afastara a infausta Lêmnia pelos campos:** Hipsípile, que errava pelos campos em busca do jovem Ofeltes enquanto os chefes se ocupavam da serpente. Diz **infausta** tanto por causa dos eventos que se passaram em Lemno (cf. 5.48-498 e comentários *ad loc.*) como da morte de Ofeltes (cf. 5.534-49).

**590. pálida:** refere-se à Hipsípile. **à grama eivada por sanguíneo orvalho:** no local em que se encontra o corpo de Ofeltes, onde a grama foi toda aspergida pelo sangue do jovem. A descrição do ambiente parece não combinar com o golpe que matou Ofeltes, visto que o jovem

foi atingido por um único chicoteio acidental da cauda da serpente de Nêmea – cf. 5.596-8n.

**591. O CURSO ASSOLA COM ALTO LUTO:** é dizer que, durante sua busca pelo jovem entre os caminhos do bosque (o **curso**), em alto tom lamenta Hipsípile já sabendo da fatalidade.

**592. E SABE O NEFAS:** a morte de Ofeltes, que é nefasta por ser a morte de uma criança **inda à entrada da vida** (5.535). Mais adiante, a própria Hipsípile entenderá o episódio como a realização do nefas de que se livrou em Lemno ao ajudar seu pai a escapar com vida da ilha – sobre isso, cf. 5.624-8n.

**595. A MORNA FUGA DA ALMA:** como se buscasse algum calor, mesmo que pouco, deixado pela vida que recém escapou (pela **morna fuga da alma**). Diz **morna** por ser morte recente: já começou a esfriar-se o corpo sem vida, mas seu calor ainda não se foi de todo.

**596-8. NEM FACE ALI OU PEITO ... UM CORPO SÓ FERIDAS:** o tratamento hiperbólico dispensado às condições em que se encontram o corpo do infante, assim como ao local onde jaz (cf. 5.590n), demonstra mais a violência com que foi atingido, dadas as dimensões monstruosas da serpe (cf. 505-33 e comentários *ad loc.*), do que a crueldade do animal – que, na verdade, o atacou sem sabê-lo (cf. 5.538-9). Compare com o que diz Hipólito, em Ovídio, sobre o seu próprio corpo após um acidente com seu carro (*Met.* 15.528-9): *nullasque in corpore partes, / noscere quas posses: unumque erat omnia uulnus* ("nenhuma parte há no corpo / que possas reconhecer: era todo uma só chaga"); ou com Lucano, sobre o corpo de Tulo (*Luc.* 9.814): *totum est pro uolnere corpus* ("o corpo inteiro tornou-se uma ferida"); e com Sílio Itálico, sobre o corpo de Paulo (*Sil.* 10.512): *tum toto corpore uulnus* ("então, por todo o corpo, uma chaga").

**597-8. NERVOS ÚMIDOS / EM RIO DE SANGUE FRESCO:** em latim, *nexusque madentes / sanguinis imbre noui*: descreve, portanto, os nervos umedecidos (**úmidos**) por uma "chuva" de sangue fresco. Por motivos métricos, ora se traduziu o latino *imber* ("chuva") por **rio**, alterando-se assim o termo de base da metáfora, mas mantendo-se a ideia de abundância de sangue no local da morte de Ofeltes. Perceba-se também que as ideias suscitadas pelos termos de base na construção em latim (*madens* e *imber* – "úmido" e "chuva"; e, ainda, *ros* – "orvalho" – em 5.590) evocam a água como elemento principal da comparação, trazendo novamente para Nêmea a água que dali se foi por ordem de Baco (cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*). A troca de "chuva" por "rio", portanto, embora crie uma imagem diferente, mantém a abundância de água como a base da comparação estabelecida pelo poeta.

**599-604. TAL QUANDO NINHO E ... NOS BERÇOS, AS PLUMAS:** o passo se encerra com um símile carre-

gado de *páthos*: a Hipsípile e Ofeltes, compara-se uma mãe passarinho que retorna para casa trazendo o alimento para seus filhotes e encontra suas crias dizimadas por uma cobra. Perceba-se que, assim como Hipsípile só foi trazida novamente à realidade quando ouviu o grito de Ofeltes que já agonizava (5.541-2), intuindo, a partir disso, o pior (5.545-6), assim também são os barulhos que deixam a mãe passarinho temerosa sobre a vida de sua cria. Neste caso, porém, é a sua ausência que a faz afligir-se. Além disso, espalham-se as plumas dos filhotes pelo ninho assim como espalhou-se o sangue de Ofeltes por sobre o gramado em que, antes, repousava o jovem (5.590).

**600. SERPE LENTA:** de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), trata-se de uma *ἀντιδιαστολήν* (*antidiastolḗn*), ou seja, de uma comparação por oposição: diz **lenta** a serpente em comparação com a velocidade típica dos pássaros.

**605-37. QUANDO CORTADOS LEVA ... TRISTES AS ÁGUAS IMPUTA:** Hipsípile se lamenta pela morte de Ofeltes, ora chamado Arquêmoro pela primeira vez (cf. 5.609n), dando destaque ao fato de tê-lo abandonado sobre a relva enquanto guiava os reis argivos. Isso, por sua vez, acaba aproximando o infante morto dos filhos que ela deixou em Lemno (cf. *infra*), fazendo com que também se aproximem os eventos ocorridos em Lemno e os que, agora, em Lerna, ela sofre. Augoustakis (2010, p. 53-6) fala sobre a completa falência de Hipsípile em seu papel de mãe, ressaltando como as repetidas lembranças de sua origem (*e.g.* 5.29: **diz a Lêmnia**; 5.499-500: **itera ... a êxule / Lêmnia**; e 5.588: **se afastara a infausta Lêmnia**) deixam sempre presente a lembrança das crueldades que as mães suas conterrâneas cometeram contra seus próprios filhos. Ora, vendo Ofeltes como a **doce imagem dos por mim deixados filhos** (5.608), Hipsípile decreta seu maior feito na maternidade, seja ela direta, em relação a seus dois rebentos, seja em relação ao papel de mãe que assume para com Ofeltes (**e o seio ao miúdo, / mãe, eu dava** – 5.617-8): o abandono dos seus, um comportamento que é o exato oposto daquele que teve como filha em relação a seu pai (cf. 5.34-6; 5.236-95 e comentários *ad loc.*).

Pensando na relação entre a morte de Ofeltes e a salvação de Toas, Vessey (1973, p. 189) entende esse episódio como um reestabelecimento da normalidade por parte dos Fados, uma vez que, quando Toas foi salvo por Hipsípile, deixou-se de cumprir o que havia sido determinado pelos numes (**Fado não foi ou deus?** – 5.492): "A morte de Ofeltes, causada, nisso Hipsípile acerta, por uma falha de *pietas*, é uma compensação por seu feito anterior [...] O destino exige uma vida por outra vida, e então, no mesmo momento em que Hipsípile está comemorando seu ato de piedade [*pietas*] anterior, Ofeltes é abatido. A morte do infante é um pre-

lúdio necessário à reunião de Hipsípile com seus dois filhos, uma vez que ela reestabelece o equilíbrio do destino, pois que o seu exílio foi, em parte, uma punição por ter salvado Toas, desacatando a vontade de um *deum* ou do *fatum* [cf. 5.492 – um "deus" ou "Fado"]" (1973, p. 189).

**605. CORTADOS LEVA AO COLO OS MEMBROS:** os restos mortais de Ofeltes (cf. 5.587-604 e comentários *ad loc.*).

**606. E OS EVOLVE À SUA COMA:** em sinal de luto e comiseração por sua morte, passa entre os seus cabelos os membros de Ofeltes (5.605).

**606-7. À DOR A FROUXA / VOZ DEU VEZ:** em latim, *tandem laxata dolori / uox inuenit iter*. Como em Virgílio, quando Evandro se abraça a Palante, seu filho (*A.* 11.151): *uia uix tandem uoci laxata dolore est* ("até que a dor à fala abriu caminho" – trad. Odorico Mendes).

**608. POR MIM DEIXADOS FILHOS:** Toas e Euneu, filhos de Hipsípile com Jasão, que ficaram em Lemno quando a rainha foi persuadida ao exílio por suas conterrâneas. Teriam sido, de acordo com Hipsípile, criados por Licaste (cf. 5.467n).

**609. ARQUÊMORO:** após sua morte, Ofeltes é rebatizado, passando a chamar-se Arquêmoro. Anfiarau, que já denunciara o destino funesto dos argivos na guerra (cf. 3.460-551 e comentários *ad loc.*), faz lembrar, mais adiante (5.738-9), a etimologia do novo nome dado a Ofeltes: como a primeira morte em decorrência da guerra contra Tebas, Arquêmoro é o "início do destino" das tropas argivas: do grego *Ἀρχήμορος* (*Arkhḗmoros*), composto por *ἀρχή* (*arkhḗ*), "início", e *μόρος* (*móros*), "destino". **DO ORTO OBSTADO:** refere-se à sua terra natal, ou seja, Lemno.

**610. GLÓRIA DA ESCRAVIDÃO:** porque foi sequestrada por piratas e vendida como escrava para Licurgo (cf. 497-8), diz ter sido Arquêmoro a sua **glória**.

**611-2. ESSE A QUEM DEIXEI, DISPERSA, / BRINCANDO E JUNTO AO CURSO AS ERVAS ASSOLANDO?:** para servir de guia aos argivos, Hipsípile deixou Arquêmoro, então Ofeltes, sobre a relva, brincando e distraído com flores – cf. 4.778-96 e comentários *ad loc.*

**615-9. QUANTO DE LEMNO E ... ÀS CHAGAS A TORRENTE:** para Augoustakis (2010, p. 55-6), esse é um momento em que Hipsípile se reconecta, em seu discurso, com a tarefa maternal de proteção a Ofeltes – denunciada especialmente pelo emprego da palavra **mãe** (em latim, *iam materna* – "maternal, então") na primeira posição de 5.618. Para o autor, porém, sobre sua tarefa Hipsípile diria "[...] muito pouco e um pouco tarde" (2010, p. 56).

**616. o sono seduzindo com amplas queixas:** muito se queixando, por certo, do que passara em Lemno e com os argonautas (**de Lemno, e da Argo** – 5.615), Hipsípile diz ter trazido (**seduzido**) o sono ao pequeno Ofeltes.

**618-9. e sozinha agora em vão me vem / o leite, e infausta escorre às chagas a torrente:** sem o jovem para alimentar (por isso diz **sozinha agora**), torna-se **vão** o leite que enche as mamas de Hipsípile, o qual **escorre**, então, por sobre os ferimentos do corpo da criança como se os nutrisse.

**620-2. Conheço o deus: do sonho ... pasmas meus olhos, Vênus!:** Hipsípile revela ter sonhado com Vênus antes da morte de Ofeltes. O passo está conectado com a afirmação do narrador em 5.546, segundo a qual, logo após ter ouvido o grito de Ofeltes agonizando (5.541-2), Hipsípile soube **do mal ... / por augúrio da mente** (5.545-6). Compare-se com o trecho em que Polixo fala do sonho que teve com Vênus antes de incitar as lêmnias contra os homens (5.134-5): **Nada vã a imagem / em meu repouso**. Assim como foi com Polixo, então, seu sonho com Vênus não resultou nulo: no primeiro caso, as mulheres foram convencidas de assassinar todos os homens da ilha, independentemente de quem fossem; no segundo, Hipsípile provavelmente foi avisada da morte de Ofeltes – se não diretamente, ao menos a ponto de entender o presságio somente de ouvir os gemidos de Ofeltes.

**620. Conheço o deus:** Hipsípile responde a pergunta feita por ela própria em 5.610-1: **quais deuses, meu prazer, / réus te mataram**.

**623-4. Eu mesma – por que medo, se a morte terei? – / dei-te ao Fado:** nesse momento, Hipsípile, sem temer fazê-lo por crer certa a pena capital (**por que medo, se a morte terei?**), admite culpa pela morte de Ofeltes: foi porque o deixou sozinho sobre a relva, que ele foi morto. Não há como saber, contudo, se Hipsípile sabia do augúrio que o acompanhava desde o nascimento (cf. 4.718-9n), ou se fala do Fado em termos mais gerais.

**624-8. Que insânia me levou a ... cumpri, Lemno, teu nefas!:** depois de admitir a culpa (cf. 5.623-4n), Hipsípile desenvolve um raciocínio pelo qual vinculará, ao seu envolvimento com os chefes argivos e com sua própria narrativa, o **nefas** de Lemno (*i.e.*, os crimes cometidos pelas mulheres da ilha – cf. 5.48-498 e comentários *ad loc.*), do qual julgava ter escapado. Ter-se deixado levar por suas próprias histórias é, portanto, a **insânia** que levou-lhe **a mente**, fazendo que se esquecesse do seu **tamanho zelo** (cf. 5.625n), pelo que finalmente teria cumprido, de Lemno, o nefas – sobre isso, cf. 5.605-37n.

**625. Tamanho, de tamanho zelo, o olvido atou-me?:** com **zelo**, refere-se à tarefa de nutrir Ofeltes. Glosa: "um esquecimento tão grande de um ofício tão grande me deteve?".

**626. Da pátria os casos e os exórdios do meu nome:** refere-se ao que ocorreu em Lemno, sua **pátria** (cf. 5.48-498 e comentários *ad loc.*), e às origens de sua reputação – sua **piedade e lealdade** (cf. 5.627n).

**627. contando ávida:** em latim, *retracto* / *ambitiosa*. Hall entende *ambitiosa* ("ambiciosa, ávida") como um adjetivo de *exorsa* (5.626 – "exórdios ambiciosos"). A leitura mais adequada, porém, também feita por Lactâncio, Barthius, Amar-Lemaire, Lesueur e Bailey, entende *ambitiosa* como um predicativo da própria Hipsípile, que falava de si e dos fatos de Lemno ambicionando reconhecimento. **quanta piedade e lealdade!:** em latim, *pietas haec magna fidesque!*. Hipsípile fala de seu próprio comportamento em relação a Ofeltes: perdida em suas histórias, abandonou aquele de quem deveria cuidar. A expressão tem forte tom irônico, levando-se em conta o comportamento em relação a seu pai durante a chacina dos lêmnios (cf. 5.605-37).

**629. se há graça por meu duro feito:** "se há gratidão pelo meu árduo feito" – a saber, ter-lhes servido de guia e os distraído com suas histórias, enquanto Ofeltes era morto pela serpente.

**630-5. ou a ferro eliminai-me ... antes, / cubra a terra:** Hipsípile diz preferir a morte a encarar novamente Licurgo e Eurídice, os pais de Ofeltes (os **amos tristes**). As dores da mãe, porém, são as que mais se destacam em sua fala, certamente por crer que tanto ela própria como Eurídice partilhariam, a partir de então, de um sofrimento que, embora de intensidades distintas, podem ser vistos como de naturezas semelhantes, pois que se relacionam a seus filhos – sobre os filhos de Hipsípile, cf. 5.459-67n.

**631-2. Eurídice, / carente:** porque não tem mais o seu filho.

**633-4. Este ônus trago e ao abatido mátrio / colo passo?:** Hipsípile levanta em sua questão dois eventos: o peso da culpa pela morte de Ofeltes (**Este ônus trago**) e o anúncio da perda a Eurídice, a mãe da criança (**ao abatido mátrio / colo passo?**). É como se lamentasse, então, por ambos os acontecimentos – por isso pedirá aos chefes para que a matem (5.630; 5.634-5).

**634-5. Sob fundas sombras a mim, antes, / cubra a terra!:** como Dido, em Virgílio (*A.* 4.24-5): *sed mihi uel tellus optem prius ima dehiscat / uel pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras* ("mas prefiro que, a mim, primeiro a terra abra seus abismos, / e que o pai onipotente me atire, com um raio, às sombras").

**637. E EM SILÊNCIO AOS TRISTES AS ÁGUAS IMPUTA:** o narrador sintetiza, em **as águas**, todo o tempo compreendido entre o momento em que Hipsípile levou as tropas argivas até Langia e aquele em que a serpente atingiu mortalmente Ofeltes. Quando diz, então, que **aos tristes as águas imputa**, diz que Hipsípile, sem falar-lhes (**em silêncio**), responsabilizava os argivos (os **tristes** – por causa do ocorrido) pela busca da água, ou seja, pelo tempo que passou longe de Ofeltes, deixando-o à mercê dos Fados.

**638-49. E AGORA, BRUSCO ... ODEIA AS CONDENADAS TROPAS:** enquanto Hipsípile caminha rumo ao paço de Licurgo acompanhada dos argonautas, o próprio rei retorna para lá, vindo **do alto do Perseide / santo monte** (cf. 5.640-1n). Perceba-se que, aqui, Licurgo é dito **vate**, uma vez que, além de reinar em Nêmea, era também sacerdote de Júpiter. Além disso, ao mesmo tempo em que Licurgo retorna de um ritual feito para Júpiter, o **Troante hostil** (cf. 5.641n), para quem entregara os **cortes** da sacrificada vítima, Hipsípile retorna ao paço trazendo consigo os pedaços de Ofeltes (5.605-6), amputados pela serpente consagrada ao mesmo deus.

**638-42. E AGORA, BRUSCO ... DE ÍNVIAS VÍSCERAS:** a notícia (o **brusco ... / anúncio**) da morte de Ofeltes, correndo já pelos domínios do rei (**em mandos do vate Licurgo**), também já chegara ao palácio (**à casa**) e ao próprio soberano, avisado enquanto retornava dos cultos prestados a Júpiter no templo do Afesante (cf. 5.640-1 e comentários *ad loc.*). Sem descrever os meios pelos quais se espalhara a notícia, o passo realiza uma rápida transição entre as cenas sobre a morte do jovem (cf. 5.534-637) e a que se desenrolará no palácio nemeu (cf. 5.650-753).

**638-9. BRUSCO ... / O ANÚNCIO:** o anúncio da morte de Arquêmoro. Dizê-lo **brusco** pode dever-se tanto ao fato de ter sido uma notícia inesperada, uma vez que, na companhia de sua nutriz, não deveria a criança correr riscos, como ao de ter chegado o mensageiro ao palácio e ao rei de modo abrupto.

**640-2. AO PRÓPRIO ENQUANTO ... VOLTAVA DE ÍNVIAS VÍSCERAS:** Licurgo retornava, quando da notícia (5.638-9), de um ritual que teria ministrado para Jove sobre o **alto do Perseide / santo monte**. Sobre o local, cf. 5.640-1; sobre o ritual, cf. 5.641n.

**640-1. DO ALTO DO PERSEIDE / SANTO MONTE:** o Afesante, na Argólida (cf. 1.544-7n). Foi nesse mesmo local que, antes de partirem as tropas argivas, Anfiarau e Melampo se posicionaram para a ornitomancia pela qual conheceram o funesto destino dos chefes argivos (sobre isso, cf. 3.460-551 e comentários *ad loc.*). Segundo Pausânias (2.15.3), Perseu teria feito o primeiro sacrifício a Zeus sobre o monte Afesante.

**641. ONDE CORTES DEU A TROANTE HOSTIL:** em latim, *ubi auerso dederat prosecta Tonanti*. Os **cortes** (*prosecta*) que Licurgo levara a Júpiter tratam-se, pois, de um preparado específico para os rituais divinatórios. De acordo com Lactâncio e Barthius (*ad loc.*), o termo refere-se às partes das entranhas das vítimas sacrificiais que eram cortadas para que se lhe examinassem minuciosamente as fibras. Conforme Amar-Lemaire (*ad loc.*), desses **cortes**, uma parte era cremada; outra, consagrada e entregue ao sacerdote do ritual; e outra, ainda, deixada a céu aberto como se servida aos numes – nesse caso, a Júpiter. Ora, então, Licurgo retorna para casa depois de ter levado, das entranhas já lidas, o quinhão que cabia ao deus. **HOSTIL:** porque, durante o exame das entranhas, os Fados mostraram-se contrários a Licurgo – sobre isso, cf. 5.645-7n.

**642. NUTANDO O ROSTO:** em sinal de negação, vem balançando a cabeça enquanto retorna Licurgo. **POIS VOLTAVA DE ÍNVIAS VÍSCERAS:** diz das entranhas lidas, que não mostraram um fado esperado, mas sim, ao contrário disso, um desfavorável (cf. 5.645-7n).

**643. ALHEIO ALI MANTINHA-SE ÀS ARMAS DE ARGÓLIDES:** não havia tomado o partido das tropas que, em Argos, se reuniram para marchar contra Tebas. Portanto, assim como os micenenses (cf. 4.305-8 e comentários *ad loc.*), mas por motivo diverso, não se juntou aos vizinhos – cf. 5.644n.

**644. NÃO SEM BRIO, MAS AS ARAS E TEMPLOS DETÉM-NO:** porque era um sacerdote, portanto, e se ocupava de seus afazeres religiosos, e não porque lhe faltassem força e coragem.

**645-7. NEM DOS SEUS A RESPOSTA ... MORTE À DÍRCEA GUERRA":** a despeito de sua postura de não tomar partido na guerra entre os argivos e os tebanos, porém, Licurgo, como lembra Vessey (1973, p. 189-90), não pode fugir do destino, que lhe guardou a primeira morte evolvida com a incursão contra os tebanos: "Nêmea é, nesses versos [5.643-9], colocada à parte tanto de Tebas como de Argos: pois Licurgo é um homem de piedade [*pietas*], muito diferente de Etéocles, e, além disso, diferentemente de Adrasto, ele tomou nota dos oráculos e portentos que predisseram o porvir da guerra. Mas, apesar de tudo, Licurgo não pode escapar de um decreto do Fado. A morte de Ofeltes foi destinada a ser a primeira na guerra tebana, um presságio amaldiçoado para os argivos. Nenhum homem, por mais pio, por mais que tenha sido prevenido, por mais que busque proteger a si próprio, pode permanecer no caminho dos Fados" (1973, p. 189-90).

Soerink (2014, *ad loc.*) sugere a possibilidade de que esse oráculo substitui o que predisse a morte de Ofeltes caso o jovem tocasse o solo antes de poder sustentar-se sobre suas próprias

pernas (cf. 4.718-9n). Não parece ser essa, contudo, a interpretação mais adequada. Caso se desconsidere o augúrio dado a Licurgo e Eurídice quando do nascimento de seu filho, a afirmativa **nem do ancião o aviso** (5.645) fica sem referente no texto, uma vez que não se explica qual teria sido esse aviso, suficientemente diferente da **resposta** dada pelo deus e da **voz que ouviu do ádito fundo** a ponto de o poeta construir um tricólon com os três alertas recebidos por Licurgo – e nem mesmo Soerink, como qualquer um dos outros comentadores ora considerados, apresentam uma leitura para o trecho em específico, de modo a esclarecê-lo. Nem é de se espantar, como se poderia conjecturar, que um sacerdote tão dedicado às práticas religiosas como o rei de Nêmea (cf. 5.643-4) pudesse ter sido avisado mais de uma vez sobre uma questão tão relevante quanto a vida de seu filho. Sobre quais seriam esses três augúrios, cf. 5.645n; 5.646-7n.

**645. NEM DO DEUS A RESPOSTA:** refere-se ao augúrio vindo das entranhas sacrificadas para Júpiter (cf. 5.640-2 e comentários *ad loc.*). **NEM DO ANCIÃO O AVISO:** refere-se aqui ao augúrio em que foi predita a morte de Ofeltes caso o jovem restasse sobre o chão antes de poder manter-se de pé por si próprio (cf. 4.718-9n). Diz **do ancião** (*uetusti*, em latim) mais para marcar-lhe anterioridade em relação aos outros do que para indicar-lhe a origem.

**646-7. NEM A VOZ QUE OUVIU DO ÁDITO FUNDO: / "DARÁS, LICURGO, A PRIMA MORTE À DÍRCEA GUERRA":** o ádito é uma parte secreta do interior dos templos. Refere-se Estácio, aqui, ao ádito do templo de Júpiter, localizado dentro da cidade de Nêmea como o faz crer Pausânias (2.15.2), e não no Afesante, de onde voltava Licurgo (cf. 5.640-2 e comentários *ad loc.*). Perceba-se que o oráculo do templo não disse, porém, a que morte se referia: se a do próprio Licurgo, ou a de alguma outra pessoa.

**648. ISSO ELE EVITA:** em latim, *id cauet*. Em sendo o pronome latino *id* (**isso**) anafórico por excelência, ora ele retoma, então, as palavras que o rei de Nêmea ouviu no templo de Júpiter (cf. 5.647). Sendo assim, o que Licurgo evita é ser aquele que fornecerá a primeira morte à guerra de Tebas (**Dírcea** – 5.647). Ao menos por isso, então, parece certo afirmar que Licurgo não marcha ao lado dos argivos também (cf. 5.643n; 5.644n) porque tentava evitar que se cumprisse o presságio que ouvira no templo. **MESTO COM O PÓ MÁRCIO AO LADO:** é dizê-lo, pois, triste com a proximidade da guerra – **pó Márcio** é metonímia para a guerra (cf. 4.261-2 – **bélico / pó**). Fala da poeira que se levanta com a movimentação dos soldados no combate.

**649. SE ENRAIVA À TUBA:** enraiva-se com os toques dados pela tuba para avisar os guerreiros sobre os movimentos de batalha. **ODEIA AS CONDENADAS TROPAS:** como sugere Barthius (*ad loc.*),

odeia porque marcham para a morte (**condenadas**), uma vez que tenta evitá-la. Parece equivocada a interpretação de Lactâncio (*ad loc.*), repetida por Amar-Lemaire (*ad loc.*), de que Licurgo **odeia** (*inuidet*, em latim) simplesmente porque não irá para guerra – como se as invejasse, portanto.

**650-79. EIS TRAZ – BOA-FÉ DOS CÉUS! ... GEMENDO ESTES FADOS:** Hipsípile chega ao paço de Licurgo trazendo os restos mortais de Ofeltes (5.650-1), acompanhada pelas tropas argivas. Ao vê-la, tanto Eurídice como Licurgo reagem (5.651-2), cabendo a Licurgo a mais veemente postura (5.653-61). Nisso, os generais argivos tentam intervir em favor de Hipsípile (5.661-79), e a situação beira o descontrole com Tideu se inflamando contra o rei (5.661-4; 5.671-9), mesmo após Anfiarau ter-se interposto aos generais pedindo-lhes calma (5.667-71). Participam da cena Tideu, Capaneu, Hipomedonte, Partenopeu e Anfiarau.

Soerink (2014, p. 186-91), comparando a postura de ambos os pais no passo com aquela que apresentam nos fragmentos da *Hipsípile*, de Eurípides, mostra como o comportamento violento de Licurgo foi moldado por Estácio com vistas a adaptá-lo ao canto épico: "Nós somos convidados a visualizar (**Eis**) Hipsípile, a filha de Toas, carregando o corpo mutilado de Ofeltes. Da direção oposta (**irrompe**) vem Eurídice, acompanhada por mulheres lamentando-se, um reminiscente do coro das mulheres de Nêmea em Eurípides. A situação, então, é exatamente a mesma da *Hipsípile* de Eurípides. Naturalmente, espera-se que Estácio siga seu modelo dramático, e espera-se também que a mãe e a nutriz reencenem seu *agon* euripidiano. Mas, nesse momento, inesperadamente, Licurgo faz sua entrada. Eurídice retira-se para o segundo plano, e sua reação emocional é posposta para o próximo canto (6.135-92). As palavras com que Estácio introduz Licurgo são notórias: *at non pietas magnanimo ignaua Lycurgo* [5.653 – **Não inerte é a piedade em Licurgo magnânimo**]. É tentador ler essas palavras como um comentário intertextual sobre o Licurgo de Eurípides, como se Estácio estivesse perguntando: 'por que você não mostrou sua piedade em relação a seu filho na *Hipsípile* de Eurídice?' A resposta a essa questão, talvez, está na palavra *magnanimo* (**magnânimo**), epíteto épico por excelência, que caracteriza Licurgo como um herói épico. No drama de Eurípides, não há espaço para ele, mas ele toma o controle no épico de Estácio. Sua reação imediata, vingar seu filho e matar Hipsípile, é muito próximo do que [...] [se] chamou *impulso heroico*" (2014, p. 189-90).

**650. BOA-FÉ DOS CÉUS!:** refere-se a exclamação à chegada de Hipsípile, como fosse uma prova da fieldade dos súperos. **ESCOLTADA, A TOÂNTIDE:** Hipsípile, porque é filha de **Toas**. Porque vem

acompanhada pelos homens do exército argivo, diz **escoltada**.

**651. AS EXÉQUIAS RASGADAS:** refere-se aos membros do corpo de Ofeltes, dilacerados pelo golpe da serpente do bosque nemeu (cf. 5.538-9n).

**651. A HOSTIL MÃE:** Eurídice, a mãe de Ofeltes, que já havia recebido a notícia de sua morte (cf. 5.638-9).

**653-5. NÃO INERTE É ... INSANA A IRA / DO PAI:** de maneira quase surpreendente, Licurgo é tomado pela raiva que, **insana** e **maior** por causa do que ocorreu (do **mal**), absorve suas lágrimas e se manifesta em seu discurso – sobre o comportamento de Licurgo, cf. 5.650-79n.

**653. NÃO INERTE É A PIEDADE EM LICURGO MAGNÂNIMO:** Soerink (2014, p. 186-91) defende que, nesta frase, Estácio parece questionar a postura de Licurgo na tragédia *Hipsípile*, de Eurípides, onde o rei não reage à morte de seu filho (sobre isso, cf. 5.650-79n): diz o narrador, então, que em **Licurgo magnânimo** a **piedade** (a *pietas*) não é inútil, e por isso reage o rei à morte de seu filho, demandando que lhe entreguem a responsável pela segurança do jovem.

**656-7. "ONDE AQUELA À QUAL, DO SANGUE MEU, / FESTO É O DANO?:** Licurgo exige que lhe apresentem Hipsípile, aquela para quem há contentamento no sofrimento de seu sangue.

**659. A FARSA DO ORTO SACRO QUE A ENVAIDECE:** refere-se à sua ascendência divina (o **orto sacro**), da qual Licurgo diz que Hipsípile se orgulha, e que ele considera uma **farsa** (*mendacia*, em latim). Sobre a ascendência de Hipsípile, cf. 4.769n.

**661-2. AO VIR, O ENIDA HERÓI, / PRONTO, RECHAÇA O PEITO OPONDO-LHE SUA PARMA:** Tideu, que é filho de Eneu (por isso **Enida herói**), é o primeiro a interromper o avanço de Licurgo contra Hipsípile. Para isso, obstrui-lhe a passagem **opondo-lhe sua parma**. Diz que **rechaça o peito**, então, porque põe o escudo diante do soberano nemeu.

**665. O DE ERIMANTO:** Partenopeu, nascido na Arcádia, região onde se encontra o monte Erimanto (cf. 4.297n).

**666. AO JOVEM:** refere-se, com o termo, a Licurgo. A escolha por **jovem** pode ter-se dado tanto pela idade do rei – um filho de colo pode pressupor um casal ainda jovem – como pela intervenção de Partenopeu (5.665), o mais jovem dos sete generais tebanos, nas intenções do soberano nemeu. Sobre Partenopeu e sua juventude, cf. 4.246-74 e comentários *ad loc.* **FEREM COM AMPLA LUZ:** ou seja, porque lustrosas suas armas, usam sua capacidade de refletir a luz para impedirem o avanço de Licurgo, a ele direcionando, com elas, os raios do sol.

**666-7. DE LÁ, / PELO REI RUDES HOMENS:** do lado dos nemeus. Diz **rudes** por serem homens do campo, e não propriamente militares.

**668-9. DA FITA AMIGA A AÇÃO TEMENDO, / ANFIARAU:** entre os homens de Licurgo estão Adrasto, mais calmo do que os outros (5.667-8), e Anfiarau, que toma a iniciativa de acalmar os ânimos por temer o comportamento **da fita amiga**, ou seja, daquele que é seu companheiro no sacerdócio – diz **fita** por ser ornamento típico dos vates (cf. 2.95-100 e comentários *ad loc.*).

**670. UM SÓ É O SANGUE AVÔ:** Licurgo é filho de Feres, que é filho de Creteu e Tiro. Feres é pai de Admeto e de Idômene, que se casou com Amitáon: estes, por sua vez, são antepassados de Adrasto e de Anfiarau – cf. Quadro 3, p. 442. É, então, a Feres que, aqui, se refere Anfiarau.

**671. TU PRIMEIRO:** fala com Tideu, que já se havia colocado diante de Licurgo para deter-lhe o passo. Perceba-se que, também aqui, Tideu é o primeiro a tomar uma atitude, como quando se apresentou a Adrasto antes de que Polinices falasse (cf. 1.450-65 e comentários *ad loc.*), ou quando foi o primeiro a incitar a guerra contra os tebanos após seu retorno para Argos (cf. 3.345-65 e comentários *ad loc.*).

**672. A GUIA E GUARDA DESTA COORTE DO ÍNACO:** fala de Hipsípile, assim referida por ter-lhes guiado em meio à seca até Langia, salvaguardando-lhes, por isso, a vida – sobre isso, cf. 4.723-843 e comentários *ad loc.* **COORTE DO ÍNACO:** é dizê-la "coorte argiva" – sobre o Ínaco, cf. 1.356.

**673. EM FRENTE A TANTOS MILHARES DE INGRATOS:** refere-se a seus próprios companheiros de armas. Diz **ingratos** por ter em mente a inação dos soldados argivos diante das acusações e da investida de Licurgo contra Hipsípile. Pela dificuldade de interpretação, Hall (*ad loc.*) imprime *gratis* ("gratos") em vez de *ingratis* (**ingratos**), como fazem os outros editores.

**675-6. E EUÃ, FÚLGIDO / AVÔ DA ESTIRPE:** Tideu parece responder às palavras de Licurgo, que taxou de mentirosa a origem divina de que Hipsípile tanto se orgulha – cf. 5.659n.

**676. COVARDE:** não espanta que a principal crítica de Tideu a Licurgo (5.676-9) esteja fundamentada na ausência do rei entre os generais argivos que marcham contra Tebas. Sobre a sua audácia e seu comportamento belicoso, cf. *esp.* 2.175n.

**676-7. QUE OS POVOS / TEUS TENHAM ARMAS:** que os povos teus compatriotas tenham se armado. Refere-se, então, aos argivos que marcham contra Tebas ao lado de Adrasto, e não aos povos governados por Licurgo.

**678-9. QUE A VITÓRIA DOS GREGOS / TE ENCONTRE NO SEPULCRO GEMENDO ESTES FADOS:** a **vitória dos**

**Gregos** é, pois, a vitória dos argivos. Deseja Tideu, então, que, quando eles retornarem vitoriosos do embate contra os tebanos, encontrem Licurgo já morto lamentando os seus fados – especialmente a perda de Ofeltes.

**680-90. Disse, e, por fim, refreada ... então, aos altos / olha:** mais tranquilo, Licurgo (**o outro**) diminui o ímpeto de suas palavras. Começa (5.681-2) alegando ter pensado tratar-se de tropas tebanas chegando-lhe às portas, e não de compatriotas argivos (**vós**). Na sequência, provavelmente por causa do ímpeto com que Tideu o ameaçou (cf. 5.671-9), ordena aos argivos que o matem, se o prazer de derramar o sangue aliado é, para eles, tão grande, apelando ainda para os poderes do senhor sobre seus servos (5.683-7). Por fim, parece conformar-se com a possibilidade da justiça divina contra Hipsípile (5.688-90).

**683-4. se gozo há tanto em partidário sangue, / e em casa inaugurai as armas:** para refrear Tideu, Licurgo parece apelar para o mesmo sentimento patriótico que o enida invocou para repreendê-lo por não marchar contra Tebas (cf. 5.676-9).

**684-5. que, ora inúteis, / de Jove as aras tome – não pode? – ímpio fogo:** "que então incendeiem os altares de Júpiter, os quais resultam, pois, **inúteis**, se o poder de um senhor sobre seus escravos é tão pequeno". Diz **ímpio fogo** porque as chamas, acesas para que queimassem o templo do deus, não poderiam ser consideradas sagradas, mas de desprezo.

**687. certo o jus pensei de mestre e chefe:** se pensei que era **certo** o direito do senhor contra o escravo vil.

**688-9. Mas ele viu, o deus supremo viu, e aos crimes, / inda que tarda, a ira resta:** confia Licurgo na punição divina aos crimes humanos. Como em Tibulo, em que o amante espera a pena a quem lhe fez sofrer (*Tib.* 1.9.3-4): *a miser, et siquis primo periuria celat, / sera tamen tacitis Poena uenit pedibus* ("Ah miserável!, se alguém primeiro os perjúrios esconde, / ainda que tarda vem a Pena com pés silenciosos"); e em Ovídio, em que Filomela acredita na vingança do seu estuprador (*Met.* 6.542-4): *si tamen haec superi cernunt, si numina diuum / sunt aliquid, si non perierunt omnia mecum, / quandocumque mihi poenas dabis!* ("se os deuses viram isso, se o divino nume / vale alguma coisa, se comigo não pereceram todas as coisas, / em algum momento, por mim, darás as penas!").

**689-90. E, então, aos altos / olha. E, por lá:** Bailey (*ad loc.*) defende que os **altos** são os cimos do Afesante, onde estaria o templo de Júpiter. O templo, porém, não fica sobre o Afesante, mas dentro da cidade (cf. 5.640-1n; 5.646-7n). Os **altos** são, pois, os mesmos onde, **por lá**, se

agita a Fama (5.692): devem referir-se, portanto, à própria cidade de Nêmea.

**690. COM OUTRO COMBATE DE GUERRA:** de acordo com Soerink (2014, *ad loc.*), trata-se de uma construção do mais alto estilo épico, cuja origem remonta a Homero (*Il.* 13.271): *ὁππότε νεῖκος ὀρώρηται πολέμοιο* ("quando surge o conflito da guerra").

**691. TETOS FREMEM:** é dizer que "se agitam as casas". Por essa afirmação, torna-se mais provável que tanto os **altos** para os quais olhou Licurgo (5.689-90), como o **por lá** em 5.690, refiram-se ambos à própria cidade de Nêmea.

**691-2. DE EQUESTRES APANHA ÁGEIS ALAS / A FAMA, E ABRAÇA DUPLO LEVANTE:** embora toda a cidade de Nêmea pareça agitar-se com a morte de Ofeltes (cf. 5.691n), no passo o narrador restringe a atenção às tropas dos cavaleiros (**de equestres**) argivos – compare, contudo, com 5.699-709n. Entre os soldados, pois, diz que a Fama se espalhou criando um duplo motim (**levante**) no que diz respeito à punição de Hipsípile (cf. 5.692-4n). Lactâncio (*ad loc.*), de maneira diferente, entende que um dos levantes refere-se à discussão entre Tideu e Licurgo, e o outro, ao que se arma entre os presentes.

**692-4. QUE HIPSÍPILE, / UNS, AO FADO É TIRADA; E OUTROS, QUE JÁ A MORTE / TEM, POIS MERECE, DIZEM:** glosa: uns dizem que Hipsípile está sendo livrada dos Fados – *i.e.*, da morte; outros, que já a estão matando, uma vez que merece a pena capital.

**695-8. NÃO TARDAM, E INSTAM LARES ... AO TEMOR, DÁ AS COSTAS:** a discussão provocada pela Fama entre os cavaleiros argivos (cf. 5.691-2n; 5.692-4n) ganha novos contornos e os envolvidos começam a ameaçar a segurança de Nêmea e do próprio rei, a quem ameaçam prender.

**696-7. APREENDER LICURGO, / COM JOVE E ALTARES:** os revoltados pretendem capturar Licurgo, nem que para isso tenham que desconsiderar o sacerdócio do soberano (cf. 5.638-49 e comentários *ad loc.*) e o templo de Jove em Nêmea (cf. 5.640-2 e comentários *ad loc.*).

**698. VOLVE-SE A DOR E AO TEMOR DÁ AS COSTAS:** de acordo com a leitura de Lactâncio (*ad loc.*), é dizer que a dor pela morte de Arquêmoro torna-se maior do que o medo da guerra. Por isso, então, os ânimos se ascendem quase levando todos à violência.

**699-709. MAS ADRASTO, SUBLIME EM ... MONTES E ORLAS CRESCEM:** Adrasto surge **sublime** em seu cavalo em meio aos homens, trazendo consigo Hipsípile e pedindo calma aos presentes. Helen Lovatt (2005, p. 299-301) discute a imagem de Adrasto em comparação com o símile desenvolvido por Virgílio na *Eneida* (*A.* 1.148-56): *ac ueluti magno in populo cum saepe coorta est / seditio, saeuitque animis ignobile uolgus, / iamque faces et saxa uolant – furor arma ministrat; / tum,*

*pietate grauem ac meritis si forte uirum quem / conspexere, silent, arrectisque auribus adstant; / ille regit dictis animos, et pectora mulcet, – / sic cunctus pelagi cecidit fragor, aequora postquam / prospiciens genitor caeloque inuectus aperto / flectit equos, curruque uolans dat lora secundo* ("Como, enraivado em popular tumulto, / despara ignóbil vulgo, e o facho e o canto / já voa, as armas o furor ministra; / mas, se um pio ancião preclaro assoma, / calam, para escutar o ouvido afiam; / ele os convence e os ânimos abranda: / assim baixa o fragor, desque olha o padre, / e, o céu pacificado, os hipocampos / dobra e dá loros ao ligeiro carro" – trad. Odorico Mendes).

De acordo com Lovatt: "[...] essa comparação [*Theb.* 5.699-709] inverte o símile do estadista na *Eneida* (1.148-53), mostrando Adrasto como um comandante forte e o vinculando ao contexto romano de símile virgiliano. Embora *turmis* [**turmas**] sugira que a revolta se dá entre suas próprias tropas, a descrição anterior do distúrbio a localiza, por certo, em um contexto urbano: Licurgo olha para a cidadela (*arces*, 5.689 [**altos**]); a guerra se agrava nas construções (*tecta*, 5.691 [**tetos**]); as construções são atacadas assim como na *Eneida* (*A.* 1.148-50; *Theb.* 5.695). Esse deslizamento entre um motim em meio as tropas e um levante dos cidadãos vincula Adrasto mais fortemente ao estadista do símile virgiliano. A imagética do símile da tempestade é também uma reminiscência da tempestade em Virgílio. Há, nisso, uma diferença significativa, porém. Adrasto não é meramente o forte estadista acalmando a revolta com seu carisma pessoal: ele traz a certeza e a verdade ao pânico e ao rumor. Os dois ventos opostos são equivalentes aos dois rumores sobre as atitudes de Hipsípile, mas quando Adrasto traz sua presença física, ele se encarrega da verdade, encarregando-se da narrativa assim como acalma a tempestade e a revolta" (2005, p. 300-1).

**699. Mas Adrasto, sublime em seu carro de alípedes:** Adrasto surge **sublime**, em uma aparição claramente alinhada à de Netuno em 5.707. Compare sua aparição entre as tropas com sua introdução durante o catálogo de heróis, em que o rei é apresentado como uma figura já em decadência por causa da idade (cf. 4.38-40 e comentários *ad loc.*).

**700. a Toântide:** Hipsípile, filha de Toas.

**701. no meio vai da turma:** cf. 5.691-2n; 5.692-4n; 5.699-709n.

**702-3. Nem se fez nada atroz, nem merece Licurgo / tal excídio:** Adrasto surge para acalmar ambos os levantes espalhados pela Fama (cf. 5.691-2n): nada de atroz se fez com Hipsípile, que ainda está ali presente, nem Licurgo merece que lhe arranquem do trono desse jeito (cf. 5.694-9 e comentários *ad loc.*).

**703. EIS QUELA QUE ACHOU GRATO FLUME:** Adrasto apresenta Hipsípile como aquela que salvou os homens do exército argivo os guiando até Langia (cf. 4.769-78 e comentários *ad loc.*), e não como a nutriz que descuidou-se de seu infante, deixando-o sozinho para morrer. Trata-se, então, de uma postura proposital, buscando atenuar a condição de Hipsípile.

**704-9. TAL QUANDO TURBAM MARES ... MONTES E ORLAS CRESCEM:** o símile compara Adrasto a Netuno acalmando os mares durante uma tempestade em que os ventos sopram de dois lados opostos. Pode-se relacioná-lo à própria *Tebaida*, quando os tebanos compararam Tebas dividida entre dois reis a uma embarcação cuja quilha ora obedece ao Bóreas, ora ao Euro (cf. 1.193-4n): Adrasto seria, então, aquele capaz de acalmar os ventos e orientar o povo para uma única direção, tomando as rédeas da situação. Ainda sobre o símile, cf. 5.699-709n.

**705. EURO E BÓREAS DE LÁ, E DAQUI O AUSTRO UMBROSO:** o Euro sopra do leste (cf. 1.193-4n); Bóreas, do norte (cf. 1.160n); aqui, porém, Estácio coloca ambos empurrando o barco para uma mesma direção, contrária àquela de onde sopra o Austro, o vento sul, úmido e formador de nuvens (cf. 1.160-1n) – donde dizê-lo **umbroso**.

**706-7. O REI DAS ÁGUAS VEM, / SUBLIME EM SEU CAVALO:** Netuno e seu carro puxado pelos hipocampos (cf. 2.46-7n). A relação com Adrasto é explícita (**sublime em seu carro de alípedes** – 5.699).

**707. DUPLO TRITÃO:** diz **duplo** por causa de sua forma física, pois que a metade superior de seu corpo é de homem, e a inferior, de peixe – sobre o Tritão, cf. ainda 5.372n.

**708. AVISA O MAR QUE DESÇA:** porque se avoluma o mar com as chuvas e os ventos, Tritão sinaliza às águas que diminuam seu volume, tornando-se calmas.

**709. COM TÉTIS JÁ PLAINA:** usa Tétis para "mar" – sobre a titânide, cf. 1.39-40n. É dizê-la, pois, já calma, de águas tranquilas e sem ondulações. **MONTES E ORLAS CRESCEM:** já sem as chuvas, diz crescerem os **montes**, uma vez que as nuvens se desfazem revelando os altos cimos, e as **orlas**, pois que o mar se acalma e a maré reduz, tornando mais ampla a faixa de areia na costa.

**710-30. QUAL DEUS, POR TANTOS VOTOS ... BRONZE VIBRARAM NOS ARES:** após breve apóstrofe endereçada a Baco (5.710-4), o narrador descreve a cena de reconhecimento (*ἀναγνώρισις* – *anagnṓrisis*) entre Hipsípile e seus dois filhos, Euneu e Toas. Teriam os jovens chegado em Nêmea, adentrando o paço de Licurgo, no mesmo momento em que a notícia da morte de Ofeltes ali chegou (cf. 5.715-7). Aceitos no palácio, acorrem o rei no momento do desespero, mas reconhecem a mãe pelo nome da terra natal e do avô, ditos por Licurgo (5.658) e Tideu

(5.675), respectivamente. Hipsípile, por sua vez, os vendo correr em sua direção, os reconhece por sua feição e pelos **sinais** a eles deixados por Jasão (cf. 5.725-6n). Nesse instante, então, imediatamente após a morte de Ofeltes, o lactente sob os cuidados de Hipsípile, seus verdadeiros filhos retornam a seu seio (5.721): é o exato momento do reestabelecimento da normalidade pelos Fados, ora agindo pela intervenção de Baco, que trouxe ambos os filhos de volta para a mãe – sobre isso, cf. 5.605-37n.

**712. Euã, tu, criador da família:** porque é o pai de Toas, diz ser Baco (o **Euã**) o genitor da família de Hipsípile. Trazendo, novamente aqui, a imagem de Baco, o narrador relembra a importância e a presença do deus durante o final do canto quarto, após ter sido quase deixado de lado (cf. 5.265-86 e comentários *ad loc.*) durante a narrativa de Lemno e de suas consequências – sobre isso, cf. *e.g.* 4.652-722 e comentários *ad loc.*

**713. trazidos de Lêmnias praias os dois jovens:** os filhos de Hipsípile com Jasão, Euneu e Toas, os quais haviam sido entregues aos cuidados de Licaste (cf. 5.467n).

**715. A causa é a mãe:** em latim, *causa uiae genetrix* ("a causa da viagem é a mãe"). Fala o narrador sobre o motivo que levou os dois jovens até Nêmea: a procura de sua mãe. A construção remete a Ovídio, em que Orfeu diz ser Eurídice, sua esposa, a causa de sua viagem (*Met.* 10.23): *causa uiae est coniunx* ("a causa da viagem é a esposa").

**715-7. a entrada o paço de Licurgo ... filho com atra chaga:** Euneu e Toas chegaram ao paço de Licurgo no exato momento em que chegava, também, o anúncio da morte de Ofeltes (5.638-9). Perceba-se o cuidado do poeta em manter a mesma palavra – *nuntius* (**anúncio**) – na mesma posição do verso em relação a 5.639, como que para incorporar, no texto, a simultaneidade dos fatos.

**715-6. o paço de Licurgo, / nada inóspito:** em latim, *nec inhospita tecta Lycurgi*. Como em Ovídio, sobre o palácio de Cróton (*Met.* 15.15): *nec inhospita tecta Crotonis* ("o paço de Cróton, nada inóspito").

**717. com atra chaga:** o ferimento causado pelo golpe da serpente de Nêmea (cf. 5.538-9). Diz **atra** em relação seja à morte do jovem, prematura, seja ao estado de seu corpo (5.596-8 e comentários *ad loc.*).

**718. sócios:** os filhos de Hipsípile, recebidos como aliados (*comites*, em latim).

**718-9. ó sorte e cega mente humana / ao porvir!:** a exclamação está carregada de ironia, pois que se refere ao fato de Euneu e Toas estarem ao lado de Licurgo, o assistindo, quando este

decide vingar-se de Hipsípile. Estácio imita aqui Virgílio (*A.* 10.501: *nescia mens hominum fati sortisque futurae* – "néscia mente dos homens no fado e na sorte futura"), mas também influenciado por Lucano (2.14-5): *sit caeca futuri / mens hominum fati* ("seja cega ao futuro / do fado a mente dos homens").

**721-2. COM ÁVIDOS ABRAÇOS AMBOS / BUSCAM EM PRANTO, À VEZ ALTERNANDO O SEU COLO:** os filhos disputam o colo de sua mãe, ao qual se abraçam em turnos: ora um, ora o outro.

**724. NÃO OUSANDO CRER NOS NOTOS DEUSES:** seja porque a fortuna nunca lhe foi propícia, dados os eventos ocorridos em Lemno (cf. 5.48-498 e comentários *ad loc.*), seja porque Baco não a assistiu quando fugia da ilha e foi raptada por piratas (cf. 5.496-8 e comentários *ad loc.*).

**725-6. DA ARGO OS DOS DEIXADOS SINAIS / NOS GLÁDIOS E NOS OMBROS DE AMBOS POR JASÃO:** possivelmente, o desenho da Argo esculpido nos cabos das espadas dos jovens e nas clâmides que pendiam de seus ombros, presentes deixados por Jasão quando de sua partida. Em Ovídio, Egeu reconhece seu filho Teseu (cf. 1.475-6n) por uma marca no cabo da espada, salvando-o, por isso, da morte (*Met.* 7.421-3): *sumpserat ignara Theseus data pocula dextra, / cum pater in capulo gladii cognouit eburno / signa sui generis facinusque excussit ab ore* ("tomara Teseu, com a destra ignara, a taça entregue, / quando o pai, no ebúrneo cabo do gládio, reconheceu / os sinais de sua família, e o crime arrancou-lhe da boca").

**728. SEUS OLHOS COM OUTRO CHORO MOLHA:** antes molhados por lágrimas de tristeza por causa da morte de Ofeltes, agora molham-se os olhos com lágrimas de alegria por causa do reencontro com seus próprios filhos.

**729-30. SINAIS POSTOS NO POLO, EM FAUSTO AGITO UIVANTE, / DO DEUS O COURO E O BRONZE VIBRARAM NOS ARES:** do céu, Baco faz soarem seus instrumentos, o tímpano (**couro**) e o címbalo (**bronze**), para sinalizar sua influência e sua alegria com a cena. Sobre os instrumentos, cf. 2.78n.

**731-53. O PIO ECLIDA, ASSIM QUE ... COBRIU EM CAVA SOMBRA:** assim como os cantos primeiro, segundo e quarto, o canto quinto também se encerra com uma prece – cf. 1.696-720; 2.704-43; 4.824-43 e comentários *ad loc.* Ora, Anfiarau encerra o canto interpretando tudo o que ocorreu em Nêmea em função dos presságios que indicaram funesta a marcha argiva contra Tebas (cf. 3.460-551 e comentários *ad loc.*). Conforme interpreta Vessey: "O profeta, designado como *pius* (5.731 [**pio**]), tem consciência do que os Fados decretaram, e de que tudo aquilo que ocorreu tem seu lugar nos padrões do destino. É tempo de os argivos deixarem de lado seu desejo insano pela guerra e pagarem seus tributos ao novo deus [Arquêmoro] [...] Anfia-

rau não está iludido: tudo isso é um mero interlúdio, uma vez que o novo nome da criança é, em si, um sinal do que virá a acontecer" (1973, p. 190-1). Assim, então, Anfiarau, preparando já os jogos que ocorrerão durante o canto sexto (cf. 5.740-1n), dá um fechamento para o canto de modo a vincular tudo o que ali ocorreu (5.734-40) ao foco principal da narrativa nesse momento, a marcha dos exércitos argivos.

**731. O PIO ECLIDA:** Anfiarau, que é filho de Ecleu – cf. 1.399.

**731-2. ASSIM QUE A PRIMA PAZ MAIS BRANDA / A IRA DO VULGO DEU:** ou seja, em surgido o primeiro momento de calma e tranquilidade após ter-se tumultuado o povo nemeu em frente ao palácio de Licurgo – cf. 5.690-8 e comentários *ad loc.*

**733-4. CHEFE DE NÊMEA, E ESCOLHIDOS TÃO FORTES / DO ÍNACO:** o **chefe de Nêmea** é Licurgo; os **escolhidos tão fortes do Ínaco**, os homens dos exércitos argivos. Sobre o Ínaco, cf. 1.356n.

**735-6. E HÁ MUITO NÃO INJUSTO À TROPA ARGIVA / VINHA ESSE LUTO:** fala que as tropas argivas mereceram passar por esse luto. Os motivos, porém, não são claros, embora a desfeita aos augúrios anunciados por Anfiarau durante o canto terceiro (cf. 3.460-551 e comentários *ad loc.*) possa ser um deles, uma vez que, a partir desse momento, Anfiarau centra sua fala justamente nessa questão (5.736-40).

**736. AS PARCAS SEM DESVIO DESCIAM:** é dizer que o destino caia sobre eles de maneira clara e direta, sem desviar-se ou esconder-se. Sobre as Parcas, cf. 1.111n.

**737. POR FALTA DE ÁGUA A SEDE:** refere-se à seca das águas de Nêmea causada por Baco (cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*). **A SERPENTE MORTÍFERA:** a que matou Ofeltes com um golpe de cauda (cf. 5.538-9 e comentários *ad loc.*).

**738-9. E O JOVEM ... / ARQUÊMORO:** mesmo a morte de Ofeltes, então, segundo as interpretações de Anfiarau, é de responsabilidade dos Fados (cf. 5.736n), algo enviado pela suprema mente dos deuses (5.739). Ao atribuí-la aos Fados, Anfiarau acaba por diminuir a responsabilidade de Hipsípile sobre o evento; e se não a torna inocente, contribui, ao menos, para que ela não seja mais alvo dos anseios de vingança dos pais de Ofeltes e dos presentes.

**740-3. DISPERSAI O BRIO, E OS DARDOS ... PRÊMIOS / A SEU MANE:** nesse momento, Anfiarau defende que as armas sejam deixadas de lado (5.740-1) e que a morte de Ofeltes não seja vingada, mas celebrada com **honras contínuas**. Sua ideia, então, é de que sejam instituídos jogos em honra ao infante, o que anuncia especificamente em 5.742-3 (**que a Virtude ceda os belos prêmios / a seu mane** – cf. 5.742-3n).

**742-3. que a Virtude ceda os belos prêmios / a seu mane:** (Amar-Lemaire) "Que o entusiasmo da Virtude, então, preserve a vida do defunto."

**743-5. e oxalá! tramando atrasos ... esteja a Tebas fúnebre:** entende que os jogos, assim como os eventos ocorridos em Nêmea (5.734), são meios pelos quais Apolo retarda o destino das tropas argivas, mantendo afastada **Tebas fúnebre** (*i.e.*, "mortal"). Como se sabe, porém, o atraso das tropas em Nêmea é resultado da intervenção de Baco sobre o andamento do destino, pois quis o deus dar tempo para que os tebanos, seus protegidos, se preparassem para a guerra (cf. 4.652-722 e comentários *ad loc.*).

**746-52. Mas vós, transposto o fado ... adiante os Frígios anos:** no fim da fala, Anfiarau se remete aos pais de Arquêmoro, Licurgo e Eurídice, dizendo-lhes que não violem o **rito** (cf. 5.749n), nem protestem contra os **deuses**, uma vez que, agora, seu filho Arquêmoro também é um deus (**pois é um deus, um deus!** – 5.751). Para consolar-lhes pela tão precoce perda de seu filho, encerra dizendo que, em vez de tornar-se célebre por sua idade (cf. 5.751-2), tornou-se, ainda lactente, um deus.

**746. transpondo os fados de maiores pais:** refere-se a Licurgo e Eurídice, que, mesmo perdendo o seu filho ainda bebê, ultrapassaram o destino de **maiores pais** (*i.e.*, de pais mais ilustres), uma vez que trouxeram ao mundo um deus (cf. 5.746-52n), e não um mortal.

**747. aos quais há longa fama pelos séculos:** por terem sido pais de um deus (cf. 5.746n; 5.746-52n).

**748-9. enquanto o charco Lérneo seguir e o pai Ínaco, / e incertas sombras Nêmea der ao agro:** desdobra, aqui, a afirmação de que o renome de Licurgo e Eurídice vai perdurar **pelos séculos**, pois que não findará enquanto existirem o pântano de Lerna (**o charco Lérneo** – cf. 1.359n) e o **pai Ínaco** (sobre o rio, cf. 1.356n; sobre a alcunha de **pai**, cf. 2.217-8n).

**749. o rito:** refere-se aos jogos com que celebraram Arquêmoro. Diz, em latim, *sacrum* ("sagrado"; ora, **rito**), por ser uma celebração em honra a um deus (cf. 5.476n; 5.476-52n).

**751. pois é um deus, um deus!:** cf. 5.476-52n. **do velho Pílio o fado:** o quinhão de vida de Nestor, o rei de Pilo (cf. 4.125n), de quem se diz ter vivido e reinado por três gerações humanas (cf. 4.126-7n).

**752. os Frígios anos:** refere-se a Titão, também Títono, um dos filhos de Laomedonte e Estrimo, e irmão, portanto, de Príamo, o rei de Troia – donde dizê-lo **Frígio**. Consta em Homero (*Hymni* 5.218-38) que Aurora se apaixonou de Titão e pediu para que Zeus o tornasse imortal.

Esqueceu-se a deusa, porém, de pedir que Zeus também o deixasse eternamente jovem. Sem nunca ter morrido, então, já completamente decrépito pela senectude, foi trancado por Aurora em um quarto fechado, donde ainda emite sua voz estridente, qual cigarra. Dizer, portanto, **os Frígios anos**, é referir-se à idade de Títono.

**753. CAVA SOMBRA:** é dizê-la "escura".

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Comentários, traduções e edições de Estácio*

DEWAR, Michael. **Statius' Thebaid IX**. Edição, tradução e comentários de Michael Dewar. Oxfrod: Clarendon Press, 1991.

ESTÁCIO, Públio P. **P. Papinii Statii Quae exstant**. Edição e comentários de Caspar Barthius. Leipzig: Officina Melchioris Göpneri, 1664. 4 v.

_____. **Quae extant omnia opera.** Edição e comentários de J. A. Amar e N. E. Lemaire. Paris: N. E. Lemaire, 1825. 3 v.

_____. **Thebais et Achilleis cum Scholiis. Thebaidos Libri I-VI**. Edição de Otto Mueller. Leipzig: B. G. Teubner, 1870. v. 1.

_____. **Thebais**. Edição de Alfredus Klotz. Leipzig: B. G. Teubner, 1973.

_____. **Statius: Thebaid**. Edição de A. D. Melville e D. W. T. Vessey. Oxford: Oxford University Press, 1992.

_____. **Silvae**. Edição e tradução de D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2003. v. 1.

_____. **Thebaid**. Edição e tradução de D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2003. v. 2.

_____. **Thebaid. Achileid**. Edição e tradução de D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2003. v. 3.

_____. **Thébaïde** . Tradução e edição de Roger Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 2003. 3 v.

_____. **Thebaid and Achileid**. Edição de J. B. Hall. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007. 3 v.

_____. **Thebaid. A song of Thebes**. Tradução, introdução e comentários de Jane Wilson Joyce. Ítaca: Cornell University Press, 2008.

GERVAIS, Kyle. **Statius Thebais II**. 470 p. Tese (Doutorado) – Universidade de Otago, Dunedin, Nova Zelândia, 2013.

KOHLMMAN, Philip. **P. Papinii Statii Achilleis et Thebais**. Edição de P. Kohlmman. Leipzig: B. G. Teubner, 1884.

*Além dos comentários e edições referenciados durante a tese, esta seção também apresenta outras edições e comentários aos quais não se teve acesso.

PARKES, Ruth. **Statius, Thebaid 4**. Edição, tradução e comentários de Ruth Parkes. Oxford: Oxford University Press, 2012.

PLACIDO, Lactâncio. **Qui dicitur commentarios in Statii Thebaida et commentarios in Acchileida**. Edição de Ricardo Jahnke. Leipzig: B. G. Teubner, 1898[c. 350-400].

SMOLENAARS, J. J. L. **Statius Thebaid VII: a commentary**. Nova Iorque: E. J. Brill, 1994.

SNIJDER, Harry. **Publius Papinius Statius, Thebaid: a commentary on book III**. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1968.

## Traduções e edições de obras gregas e latinas*

APOLODORO. **Biblioteca.** Introdução de Javier Arce; tradução e notas de Margarita Rodrígues de Sepúlveda. Madri: Editorial Gredos, 1985.

ARATO. **Arati Phaenomena**. Edição de J. Martin. Florence: La Nuova Italia Editrice, 1956.

_____. Fenômenos. Organização de José Carlos Baracat Jr. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, v. 38, 2016.

ARISTÓFANES. **Aristophane**. Edição de V. Coulon, M. van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1928. v. 4.

ÁSIO. **Iambi et elegi graeci ante Alexandrm cantati**. Edição de M. L. West. Oxford: Oxford Unisersity Press, 1972. v. 2.

BAQUÍLIDES. **Dithyrambes, épinicies, fragments**. Edição de J. Irigoin. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

BARTH, Vinicius F. **O Canto I das Argonáuticas de Apolônio de Rodes: ensaios de interpretação, tradução poética e notas.** 183 p. Dissertação (Mestrado) – SCHLA, UFPR, Curitiba, 2013.

BIZÂNCIO, Estêvão de. **Ethnika**. Edição de A. Meineke. Berlim: Reimer, 1849.

CAIROLLI, Fábio P. **Marcial Brasileiro**. 498 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2014.

CALÍMACO. **Callimachus**. Edição de R. Pfeiffer. Oxford: Clarendon Press, 1949. v. 1.

CAMPOS, Haroldo de. **Ilíada de Homero**. 4. ed. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Benvirá, 2003. 2 v.

CARVALHO, Raimundo N. B. de. **Metamorfoses em tradução**. 158 p. Relatório (Pós-Doutorado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2010.

CASTILHO, J. F. Pharsalia: canto 6.º **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Ano XLIV – n. 297, 28 de out. de 1864, p. 2; n. 299, 30 de out. de 1864, p. 2.

*Nesta seção, estão listadas as traduções e edições de obras gregas e latinas referenciadas nesta tese, especialmente nos Comentários (Canto Quarto).

CATULO, Caio V. **Catullus**. Edição de G. P. Goold. Londres: Duckworth, 1983.

CÍCERO, Marco T. **M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Maserunt Omnia**. Edição de C. F. W. Mueller. Leipzig: B. G. Teubner, 1890. v. 2. part. 4.

_____. **M. Tulli Ciceronis Rhetorica**. Edição de A. S. Wilkins. Oxford: Oxford Univerty Press, 1902. v. 1.

_____. **M. Tulli Ciceronis Orationes**. Edição de A. C. Clark. Oxford: The Clarendon Press, 1905.

_____. **M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia**. Edição de Wilhelm Ax. Leipzig: B. G. Teubner, 1933. fasc. 45.

_____. **De inuentione, De optimo genere oratorum, Topica**. Edição de H. M. Hubbell. Harvard: Loeb Classical Library, 1949.

_____. **Aratea, fragments poétiques**. Edição de J. Soubiran. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

ÉSQUILO. **Aeschyli tradoediae**. 2 ed. Edição de G. Murray. Oxford: Clarendon Press, 1955.

_____. Persas. Tradução de Jaa Torrano. **Letras Clássicas**, n. 6, p. 197-228, 2002.

ESTRABÃO. **Geographica**. Edição de A. Meineke. Leipzig: Teubner, 1877. 3 v.

EURÍPIDES. **Medeia**. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. **Euripidis fabulae**. Edição de J. Diggle. Oxford: Clarendon Press, 1994. v. 2-3.

FLACO, Valério. **Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon Libros Octo**. Edição de W.–W. Ehlers. Stuttgart: B. G. Teubner, 1980.

_____. **Cantos Argonáuticos – Argonáutica**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

FLORES, Guilherme G. **Uma poesia de mosaicos nas Odes de Horácio: comentário e tradução poética**. 627 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2014.

HASEGAWA, Alexandre P. **Dispositio e distinção de gêneros nos Epodos de Horácio: estudo acompanhado de tradução em verso**. 236 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2010.

HERÓDOTO. **Histories**. Edição de Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1930. v. 1.

_____. **Histories**. Edição de Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1932. v. 2.

HESÍODO. **Theogony**. Edição de M. L. West. Oxford: Clarendon Press, 1966.

_____. **Hesiodi opera**. Edição de F. Solmsen. Oxford: Clarendon Press, 1970.

_____. **Teogonia: a origem dos deuses**. 3 ed. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

_____. **Os Trabalhos e os dias**. Estudo, tradução, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

HIGINO. **L'Astronomie**. Edição de A. Le Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

_____. **Hygini Fabulae**. Edição de H. J. Rose. Leiden: A. W. Sythoff, 1933.

HOMERO. **Homeri Ilias**. Edição de Allen, T.W. Oxford: Clarendon Press, 1931. v. 2-3.

_____. **Homeri Odyssea**. Edição de P. von der Mühll. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1962.

_____. **The Homeric hymns**. Edição de T. W. Allen, W. R. Halliday e E. E. Sikes. Oxford: Clarendon Press, 1936.

_____. **Ilíada**. 4 ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2013.

_____. **Odisseia**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011.

HONORATO, Mauro S. **Servii gramatici qui feruntur in Verglii carmina comentarii**. Edição de G. Thilo e H. Hagen. Leipzig: B. G. Teubner, 1884. 2 v.

HORÁCIO, Quinto F. **Q. Horati Flacci Opera**. Edição de F. Klingner. Leipzig: [s.n.], 1959.

ITÁLICO, Sílio. A Segunda Guerra Púnica: poema de Sílio Itálico, vertido em versos portugueses por Filinto Elysio. In: ELYSIO, Filinto. **Obras completas de Filinto Elysio**. Paris: A. Bobee, 1817. v. 2.

_____. **Corpus Poetarum Latinorum**. Edição de Walter Coventry Summers. Londres: Sumptibus G. Bell et Filiorum, 1905. v. 2.

JUVENAL, D. J.; PÉRSIO, A. F. **A. Persi Flacci et D. Iuni Iuvenalis Saturae**. Edição de W. V. Clausen. Oxford: Oxford University Press, 1959.

KLEIN, Giovani R. **O Édipo de Sêneca: tradução e estudo crítico**. 156 p. Dissertação (Mestrado) – IEL, UNCAMP, Campinas, 2005.

LUCANO, Marco A. **M. Annaei Lucani Belli Civilis Libri Decem**. Edição de A. E. Housman. Oxford: Blackwell, 1927.

_____. **Farsália. Cantos de I a V.** Tradução, introdução e notas de Brunno V. G. Vieria. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

LUCRÉCIO. Tito C. **De Rerum Natura Libri Sex**. Edição de J. Martin. Leipzig: B. G. Teubner, 1969.

MAGALHÃES, Alexandre C. N. **A Temática Pastoral em Teócrito: Os Idílios I, III, VI, VII, XI**. 94 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

MARCIAL, Marco V. **M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri**. Edição de W. Heraeus e J. Borovskij. Leipzig: B. G. Teubner, 1976.

MOREL, Willy (ed.). **Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium**. Edição de W. Morel. Leipzig: B. G. Teubner, 1927.

MOTA, Marcus. Sete contra Tebas de Ésquilo. **Archai**, n. 10, jan-jul, p. 145-168, 2013.

NOGUEIRA, Érico. **Verdade, contenda e poesia nos Idílios de Teócrito**. 298 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2012.

OVÍDIO, Públio N. **Arte de amar de Públio Ovídio Nasão**. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho seguida de comentários de José Feliciano Castilho. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1862.

_____. **Os Fastos**. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1862. 3 v.

_____. **Metamorphoses**. Traduzido por Frank Justus Miller. Cambridge: Harvard University Press, 1916. 2 v.

_____. **Tristia**. Ed. de G. Luck: Heidelberg: [s.n.], 1967. v. 1.

_____. **Ovid in Six Volumes**. Edição de J. H. Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 1977. v. 1.

_____. **Fastorum Libri Sex**. Edição de E. H. Alton, D. E. W. Wormell e E. Courtney. Leipzig: B. G. Teubner, 1978.

_____. **Ovid in Six Volumes**. Edição de J. H. Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 1979. v. 2.

_____. **As Metamorfoses**. Tradução de David Jardim Júnior. [Rio de Janeiro]: Ediouro, 1983.

_____. **Fastos**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **Metamorfoses**. Tradução de Manuel du Bocage, comentários de Rafael Falcón, edição de Renan Santos. Porto Alegre: Concreta, 2016.

_____. **Metamorfoses**. Tradução de Domingos Lucas Dias e apresentação de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

PAUSÂNIAS. **Desciption of Greece**. Tradução e comentários de J. G. Frazer. Londres: Macmillan & Co., 1898. 6 v.

_____. **Pausaniae Graeciae descriptio**. Edição de F. Spiro. Leipzig: Teubner, 1903. 3 v.

PÍNDARO. **Pindari carmina cum fragmentis**. Edição de H. Maehler. Leipzig: Teubner, 1971.

PLAUTO, Tito M. **Plauti Comoediae**. Edição de Friedrich Leo. Berlim: Weidmann, 1895. v. 1.

_____. **Plauti Comoediae**. Edição de Friedrich Leo. Berlim: Weidmann, 1896. v. 2.

_____. **O Truculento**. Tradução, introdução de notas de Adriano Milho Cordeiro. Coimbra: CECH, 2010.

PLUTARCO. **Plutarch's morals**. Traduzido por várias mãos; corrigido e revisado por W. W. Goodwin. Boston: Little, Brown and Co., 1874. v. 5.

PROPÉRCIO, Sexto. **Elegias de Sexto Propércio**. Tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PRUDÊNCIO, Aurélio C. **Contra Symmachum**. Harvard: Harvard University Press, 1949. 2v.

PSEUDO-APOLODORO. **Apollodori bibliotheca. Pediasimi libellus de duodecim Herculis laboribus**. Edição de R. Wagner. Leipzig: Teubner, 1894.

PSEUDO-CÍCERO. **Ad C. Herenium de ratione dicendi (Rhetorica ad Herenium)**. Tradução de Harry Clapan. Harvard: Harvard University Press, 1964.

_____. **Retórica a Herênio**. Tradução de Ana P. C. Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

PSEUDO-PLUTARCO. **De fluuiis**. Edição de K. Müeller. Paris: Didot, 1861.

QUINTILIANO. **Instituição Retórica**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. v. 1-2.

_____. **Instituição Retórica**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. v. 3-4.

RODES, Apolônio de. **Apollonii Rhodii Argonautica**. Edição de H. Fraenkel. Oxford: Clarendon Press, 1961.

SALÚSTIO, Caio C. **C. Sallusti Crispi Catilina, Iugurtha, Fragmenta Ampliora**. Edição de A. Kurfess. Leipzig: B. G. Teubner, 1957.

SAMÓSTATA, Luciano de. **Lucian**. Edição de A. M. Harmon. Cambridge: Harvard University Press, 1925. v. 4.

_____. Menipo ou Descida aos Infernos. In: SAMÓSTATA, Luciano de. **Luciano**. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Coimbra University Press, 2013. p. 71-90. v. 4.

SANCHES, Cíntia M. **Phoenissae de Sêneca: estudo introdutório, tradução e notas**. 133 p. Dissertação (Mestrado) – FCL, UNESP, Araraquara, 2012.

_____. **As tragédias de Sêneca Oedipus e Phoenissae: introdução, tradução expressiva, notas e comentários sobre a expressividade**. Tese (Doutorado) – FCL, UNESP, Araraquara,

2017.

SÊNECA, Lúcio A. **L. Annaei Senecae dialogorum libri duodecim**. Edição de L. D. Reynolds. Oxforf: Clarendon Press, 1977.

_____. **Tragédies**. Tradução e edição de François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 2008. v. 1.

_____. **Tragédies**. Tradução e edição de François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 2002. v. 2.

_____. **Tragédies**. Tradução e edição de François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 2008. v. 3.

SÍCULO, Diodoro. **Diodori bibliotheca historica**. 3 ed. Edição de F. Vogel e K. T. Fischer. Leipzig: G. B. Teubner, 1964. 5. vol.

_____. **Diodorus of Sicily**. Edição de F. R. Walton. Cambridge: Harvard University Press, 1957. v. 11.

_____. **Diodorus of Sicily**. Edição de F. R. Walton. Cambridge: Harvard University Press, 1967. v. 12.

SÓFOCLES. **Sophocle**. Edição de A. Dain e P. Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1958. v. 2.

SOUZA, Luiza dos S. **Bi-tradução do livro primeiro dos Amores de Ovídio: reflexões sobre dois modos de verter o dístico elegíaco**. 211p. Dissertação (Mestrado) – SCHLA, UFPR, Curitiba, 2016.

SOUZA JÚNIOR, Waldir M. de. **As Fenícias de Eurípides: estudo e tradução**. 211 p. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2015.

SUETÔNIO, Caio T. **C. Suetoni Tranquilli praeter Caesarum libros reliquiae**. Edição de A. Reifferscheid. Leipzig: B. G. Teubner, 1860.

TÁCITO, Cornélio. **Cornelii Taciti Annalium Ab Excessu Divi Augusti Libri**. Edição de C. D. Fisher. Oxford: Clarendon Press, 1906.

TEÓCRITO. **Theocritus**. 2 ed. Edição de A. S. F. Gow. Cambridge: Cambridge University Press, 1952. v. 1.

TERÊNCIO, Públio A. **P. Terenti Afri Comoediae**. Edição de R. Kauer e W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1958.

THAMOS, M. **As Armas e o Varão: leitura e tradução do canto I da Eneida**. São Paulo: EDUSP, 2011a.

TORRANO, Jaa. Escudo de Héracles – poema de Hesíodo. **Hypnos**, n. 6, p. 185-221, 2000.

TUCÍDIDES. **Thucydidis historiae**. Edição de H. S. Jones e J. E. Powell. Oxford: Clarendon Press, 1942. 2v.

VIRGÍLIO, Públio M. **Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino por Manoel Odorico Mendes.** Tradução de Manuel Odorico Mendes. Paris: Tipografia de W. Remquet, 1858.

_____. **Geórgicas. Eneida.** Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., [S.d.].

_____. **P. Vergili Maronis Opera**. Edição de R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 1972.

_____. **Eneida Brasileira**. Tradução de Manuel Odorico Mendes, organização de Paulo Sérgio Vasconcellos. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

_____. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes, organização, apresentação e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

WEST, Martin L. **Greek Epic Fragments: from the seventh to the fifith centuries BC**. Edição e tradução de Martin L. West. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

## Obras de referência

BAILLY, Anatole. **Le Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 1935[1895].

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 1999[1968].

COULTER, Charles R.; TURNER, Patricia. **Encyclopedia of ancient deities**. Nova Iorque: Routledge, 2000.

FORCELLINI, Egídio. **Totius latinitatis lexicon**. Prati: Typis Aldinianis, 1858-87. 10 v.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. 5 ed. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIDDELL, G. H.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. 9 ed. Oxford: Oxford University Press, 1996.

OXFORD **Latin dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1968.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1942.

VALPY, F. E. J. **Etymological dictionary of the Latin language**. Londres: A. J. Valpy, 1828.

## Demais Obras*

AHL, F. M. **Lucan: an introduction**. Ítaca: Cornell University Press, 1976.

ANDERSON, W. B. Statius' Thebaid, Book II. **The Classical Quarterly**, v. 18, n. 3/4, p. 203-208, 1924.

ASQUITH, H. C. A. **Silver epic catalogues**. 191 p. Dissertação (Mestrado) – Dep. of Classics and Ancient History, Durham University, Durham – Inglaterra, 2001.

AUGOUSTAKIS, Antony. Representing Ritual and Religion in Flavian Epic. In: _____. **Ritual and religion in Flavian Epic**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1-16.

BAILEY, D. R. Shackleton. On Statius' Thebaid. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 100, p. 463-476, 2000.

BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. Tradução, introdução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002[1920].

BERMAN, Antoine. **Pour une Critique des Traductions: John Donne**. Paris: Gallimard (Bibliothèque des Idées), 1995.

_____. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru-SP: EDUSC, 2002[1984].

_____. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hálène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007[1985].

BERMANN, Sandra; WOOD, Michael (org.). **Nation, language, and the ethics of translation**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

BERNSTEIN, Neil W. Ritual murder and suicide in the Thebaid. In: AUGOUSTAKIS, Antony (ed.). **Ritual and religion in Flavian Epic**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p.

BESSONE, Federica. Love and war: feminine models, epic roles, and gender indetity in Statius' *Thebaid*. In: FABRE-SERRIS, J.; KEITH, A. **Women and war in Antiqity**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2005. p. 119-37.

BOYLE, A. J. (org.). **The Imperial Muse: flavian epicist to claudian**. Bendigo: Aureal Publications, 1990.

_____. **Roman Epic**. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1993.

_____. **Tragic Seneca: an essay in the theatrical tradition**. Londres: Routledge, 1997.

BOYLE, A. J.; DOMINIK, W. J. **Flavian Rome: culture, image and text**. Leiden: Brill, 2003.

BOUCHÉ-LECLERCQ, Auguste. **Histoire de la divination dans l'antiquité**. Paris: Ernst Leroux, 1879a. v. 1.

*Compõem esta seção tanto as obras referenciadas durante a tese, como alguns trabalhos sobre Estácio e suas obras, assim como sobre o período flaviano.

_____. **Histoire de la divination dans l'antiquité**. Paris: Ernst Leroux, 1879b. v. 2.

BRANTEGEM, Nick. **Elements of horror in Statius' Thebaid**. 58 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras e Filosofia, Universidade de Gante, Gante-BE, 2014.

BRAUND, Susanna. A Tale of Two Cities: Statius, Thebes, and Rome. **Phoenix**, v. 60, n. 3/4, p. 259-273, 2006.

_____. Naturalizing Statius. In: DOMINIK, W. J.; NEWLANDS, C. E.; GERVAIS, K. (orgs.). **Brill's companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015. p. 579-99.

BRIGHT, David F. **Elaborate disarray: the nature of Statius' Siluae**. Meisenheim am Glan: Hain, 1980.

BRODSKY, Joseph. O filho da Civilização. In: _____. **Menos que um: ensaios**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BROWN, Joanne. **Into the woods: narrative studies in the Thebaid of Statius with special references to books IV-VI**. Dissertação (Mestrado) – Cambridge, 1994.

BLÄNSDORF, Jürgen (ed.). **Fragmenta poetarum latinorum epicorum et lyricorum praeter Enni Annales et Ciceronis Germaniciqve Aratea**. 4 ed. Edição de W. Morel e K. Büchner. Alemanha: De Gruyter, 2011.

BURCK, Erich. **Vom Römischen Manierismus: Von der Dichtung der Frühen Römischen Kaiserzeit**. Damnstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.

BURGESS, J. F. Pietas in Virgil and Statius. **Proceedings of the Virgil Society**, n. 11, p. 48-60, 1971-2.

CAMPOS, Haroldo de. Para transcriar a *Ilíada*. **Revista USP**, São Paulo, n. 12. p. 143-61, 1992.

_____. Uma metamorfose. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 de ago. 1994, Mais!, p. 6-6.

CARDOSO, Leandro D. A recepção (praticamente) perdida: a Tebaida de José de Agostinho Macedo – apresentação e edição. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. 14, n. 01, p. 31-55, 2018.

CARDOZO, Mauricio M. **Solidão e encontro: prática e espaço da crítica de tradução literária**. 180 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, USP, São Paulo, 2004.

_____. Ilóquio ou por uma mecânica ética da tradução. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 04, p. 01-21, 2007.

_____. O Significado da Diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. **Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, UNIBERO, n. 18, p. 101-117, 2009.

_____. Escuta e responsabilidade na relação com o outro em tradução. **Outra Travessia**, Florianópolis, n. 15, p. 13-36, 2013.

_____. Tradução como prática e crítica de uma razão relacional. **Cadernos de Tradu-**

**ção**, Florianópolis, n. especial, p. 235-250, 2014.

CHAUDHURI, Pramit. **The war with god: theomachy in Roman imperial poetry**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CLINTON, Kevin. Publius Papinius ST[---] at Eleusis. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 103, p. 79-82, 1972.

CONRAU-LEWIS, Kyle. The Perversion of Virtue: a Case Study of Statius' Hippomedon. **Melbourne Historical Journal**, v. 42, n. 2, p. 60-79, 2014.

CONTE, G. B. **The rhetoric of imitatio: genre and poetic memory in Virgil and other latin poets**. Ítaca: Cornell University, 1996.

CONTE, G. B.; BARCHIESI, A. Imitação e arte alusiva. Modos e funções da intertextualidade. In: CAVALLO, G., FEDELI, P. & GIARDINA, A. **O espaço literário da Roma antiga: A Produção do Texto**. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010 [1989]. p. 87-121. v. 1.

COURTNEY, Edward. **A commentary on the Satires of Juvenal**. Berkley: California Classical Studies, 2013[1980].

CUCCHIARELLI, Andrea. Venusina lucerna: Horace, Callimachus, and Imperial Satire. In: BRAUND, Susanna; OSGOOD, Josiah (ed.). **A companion to Persius and Juvenal**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2012.

CURTIUS, Ernst R. **Literatura europeia e Idade Média latina**. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai (colaboração). Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DELARUE, Fernand. **Stace, poète épique: originalité et cohérence**. Lovaina: Éditions Peeters, 2000.

DOMINIK, William J. A generic-ontological reading of Adrastus' smintidac prayer (STATIUS, *Thebaid* 1.696-720). **Scholia**. v. 01, p. 66-78, 1992.

_____. **Speech and rhetoric in Statius' Thebaid**. Hildesheim: Olms-Weidmann, 1994a.

_____. **The mythic voice of Statius: power and politics in the *Thebaid***. Leiden: Brill, 1994b.

_____. Statius' Thebaid in the Twentieth Century. In: FABER, Richard; SEIDENSTICKER, Bernd. **Worte, Bilder, Töne: Studien zur Antike und Antikerezeption**. Wiirzburg: Konigshausen und Neumann, 1996. p. 129-141.

_____. Deuses, homens e livre-arbítrio em a Tebaida de Estácio. **Revista Letras**, Curitiba, n. 82, p. 131-144, 2010.

_____. Similes and Their Programmatic Role in the Thebaid. In: DOMINIK, W. J.; NEWLANDS, C. E.; GERVAIS, K. (ed.). **Brill's companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015.

DOMINIK, W. J.; NEWLANDS, C. E.; GERVAIS, K. (orgs.). **Brill's companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015.

DUNCAN, Thomas S. **The influence of art on description in the poetry of P. Papinius Statius**. Baltimore: J. H. Furst Company, 1914.

ÉCHINARD-GARIN, Paul. La douceur de Stace dans la Thébaïde. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, n.1, p. 31-46, 1992.

FANTHAM, Elaine. Envy and fear the begetter of hate: Statius' Thebaid and the genesis of hatred. In: BRAUND, Susanna M.; GILL, Christopher (orgs.). **The passions in Roman thought and literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 185-212.

_____. **Roman Response to Greek literature from Plautus to Statius and Quintilian**. Berlim: De Gruyter, 2011.

FEENEY, D. C. **The gods in epic: poets and critics of the classical tradition**. Oxford: Clarendon Press, 1991.

FOWLER, Don. On the shoulders of giants: intertextuality and Classical Studies. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, n. 39, p. 13-34, 1997.

FRANÇA, Letícia D. G. **Caminhos do pensamento tradutório de Lawrence Venuti**. 167 p. Dissertação (Mestrado) – SCHLA, UFPR, Curitiba, 2014.

GANIBAN, Randall T. **Statius and Virgil: the Thebaid and the reinterpretation of the Aeneid**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. Crime in Lucan and Statius. In: ASSO, Paolo (ed.). **Brill's Companion to Lucan**. Leiden: Brill, 2011. p. 327-344.

GEORGACOPOULOU, Sophia. Indices intertextuels et intergénériques: la présentation des coursiers d'Amphiaraüs et d'Admète au livre 6 de la "Thébaïde" de Stace (Theb. 6, 326-339). **Mnemosyne**, Fourth Series, v. 49, n. 4, p. 445-452, 1996.

GERVAIS, K. **Dealing With A Massacre: Spectacle, Eroticism, and Unreliable Narration in the Lemnian Episode of Statius' Thebaid**. 141 p. Dissertação (Mestrado) – Depto. de Clássicas, Queen's University, Kingston, 2008.

_____. Viewing violence in Statius' Thebaid and the films of Quentin Tarantino . In: LOVATT, E.; VOUT, C. (ed.). **Epic visions: visuality in Greek and Latin epic and its reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 139-67.

_____. Parent-Child Conflict in the Thebaid. In: DOMINIK, W. J.; NEWLANDS, C. E.; GERVAIS, K. (orgs.). **Brill's companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015. p. 221-39.

GELSOMINO, Remo. La Violentilla di Stazio (Siluae, 1.2) ed una signora della sesta satira di Giovenale (474-507). In: **Studi di poesia latina in onore di Antonio Traglia**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979. p. 841-870.

GIBSON, Bruce. Praise in Flavian Epic. In: MANUWALD, Gesine; VOIGT, Astrid. **Flavian Epic interactions**. Berlim: De Gruyter, 2013. p. 67-86.

GOLDBERG, Sander. Saturnian Epic. In: BOYLE, A. J. **Roman epic**. Londres: Routledge, 1993. p. 19-36.

GRUZELIER, Claire. The Influence of Virgil's Dido on Statius' Portrayal of Hypsipyle. **Prudentia**, n. 26, p. 153-165, 1994.

HÅKANSON, Lennart. **Statius' Thebaid: critical and exegetical remarks**. Lund: Gleerup, 1973.

HALL, J. B. Notes on Statius' Thebaid Books 3 and 4. **Illinois Classical Studies**, v. 17, n. 1, p. 57-77, 1992.

HARDIE, A. **Statius and the Siluae: Poets, Patrons and Epideixis in the Graeco-Roman World**. Liverpool: ARCA, 1983.

HARDIE, Philip. Flavian epicists on Virgil's epic technique. **Ramus**, v. 18, n. 1-2, p. 3-20, 1989.

_____. **Rumour and Renown: representatios of Fama in Western Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HARRISON, Stephen J. The Arms of Capaneus: Statius, Thebaid 4.165-77. **The Classical Quarterly**, New Series, v. 42, n. 1, p. 247-252, 1992.

HENDERSON, John. Statius' Thebaid / Form Premade. **The Cambridge Classical Journal**, v. 37, p. 30-80, 1992.

_____. Form Remade / Sataius' Thebaid. In: BOYLE, A. J. (org.). **Roman Epic**. Londres: Routledge, 1993. p. 162-191.

HERSHKOWITZ, D. Patterns of Madness in Statius' Thebaid. **The Journal of Roman Studies**, v. 85, p. 52-64, 1995.

_____. "Parce Metu, Cytherea": 'failed' intertext repetition in Statius' Thebaid, or, Don't stop me if you've heard this one before. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, n. 39, p. 35-52, 1997.

_____. **The madness of Epic: reading insanity from Homer to Statius**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

HILL, D. E. Jupiter in Thebaid 1 again. In: SMOLENAARS, J. J. L.; DAM, H. J. van; NAUTA, R. R. (ed.). **The poetry of Statius**. Leiden: Brill, 2008. p. 129-41.

HINDS, Stephen. **Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman Poetry**. Cambridge: Cambridge, 1998.

HORÁCIO, Quinto F. **Obras de Horácio, traduzidas em verso portuguez por José Agostinho de Macedo**. Lisboa, Impressão Régia, 1806. v. 1.

HORÁCIO, Quinto F. **A lyrica de Quinto Horácio Flacco, poeta romano, trasladada literalmente em verso portuguez por Elpino Duriense**. Lisboa: Impressão Régia, 1807. v. 1.

HOUSMAN, A. E. Notes on Statius' Thebais. **The Classical Quarterly**, v. 27, n. 1, p. 1-16, 1933.

HULLS, Jean-Michel. Greek author, Greek past: Statius, Athens, and the Tragic Self. In: AUGOUSTAKIS, Antony (Org.). **Flavian Poetry and its Greek Past**. Leiden: Brill, 2014. p. 193-213.

KEITH, A. M. **Engendering Rome: women in Latin epic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KEUR, Michiel van der. Of corpses, canivores and Cecropian pyres. In: MANUWALD, Gesine; VOIGT, Astrid. **Flavian Epic interactions**. Berlim: De Gruyter, 2013. p. 327-342.

KLINNERT, Thomas. **Capaneus-Hippomedon: Interpretationem zur Heldendarstellung in der Thebais des P. Papinius Statius**. Berlim: Üniversitat, 1970.

_____. Celebração e Retórica em Estácio. In: LEITE, L; SILVA, G. V. da.; CARVALHO, R. N. B. de.; FRANCALANCI, C. (orgs.). **Rito e Celebração na Antiguidade**. Vitória-ES: Editora do PPGL, v.1, p. 67-78, 2012.

LEGRAS, Léon. **Étude sur la Thébaïde de Stace**. Paris: Société Nouvelle de Librairie et d'Édition, 1905.

LEITE, Leni. R. Estácio e a Poética do Ócio. **Antiguidade Clássica (Apucarama)**, v. 6, p. 70-77, 2010.

_____. A Mulher e a Casa – gênero e espaço doméstico em Estácio I.2. In: LEITE, L; SILVA, G. V. da.; CARVALHO, R. N. B. de.; FRANCALANCI, C. (orgs.). **Rito e Celebração na Antiguidade**. Vitório-ES: Editora do PPGL, v. 1, p. 59-73, 2011.

_____. Celebração e Retórica em Estácio. In: LEITE, L; SILVA, G. V. da.; CARVALHO, R. N. B. de.; FRANCALANCI, C. (orgs.). Rito e Celebração na Antiguidade. Vitório-ES: Editora do PPGL, v.1, p. 67-78, 2012.

LOVATT, H. Mad about Winning: Epic, War and Madness in the Games of Statius' Thebaid. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, n. 46, p. 103-120, 2001.

_____. Statius and Epic games: sport, politics and poetics in the Thebaid. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Statius, Orpheus, and the Post-Augustan Vates. **Arethusa**, n. 40, p. 145-163, 2007.

MACEDO, José A. de. **Obras inéditas de José Agostinho de Macedo – Cartas e Opúsculos**. Prefácio de Theophilo Braga. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1900.

MALLIN, Alexander. **The Thebaid, Statius' Homeric Epic? Reflections of Domitian's Rome**. 109 p. Dissertação (Mestrado) – Depto. de Clássicas e História Antiga, Universidade de Exeter, Exeter-Ing., 2012-3.

MANUWALD, Gesine; VOIGT, Astrid. **Flavian Epic interactions**. Berlim: De Gruyter, 2013.

MCGUIRE JR., Donald T. Textual strategies and political suicide in Flavian Epic. **Ramus: critical studies ins Greek and Roman literature**, v. 18, n. 1-2, p. 21-45, 1989.

MCNELIS, C. **Statius' Thebaid and the poetics of civil war**. Cambridge: Cambridge University

Press, 2006.

MICHLER, Waldemar. **De P. Papinio Statio M. Annaei Lucani Imitatore**. Breslávia: Typis Nischkowskyanis, 1914.

MICOZZI, Laura. Statius' epic poetry: a challenge to the literary past. In: DOMINIK, W. J.; NEWLANDS, C. E.; GERVAIS, K. (orgs.). **Brill's companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015. p. 325-42.

MORÁN, María C. A.; MONTIEL, Maria I. La Hipsípila de Estácio leía a Eurípides. In: MARTINO, Francesco de.; MORENILLA, Carmen (eds.). **Palabras sábias de mujeres**. Bari-ITA: Levante Editori, 2013. p. 14-45.

MOZLEY, J. H. Statius as an imitator of Vergil and Ovid. **The Classical Weekly**, v. 27, n. 5, p. 33-38, 1933.

NANCY, Jean-Luc. **Listening**. Tradução de Charlotte Mandell. Nova Iorque: Fordham University Press. 2007[2002].

NEWLANDS, C. Statius and Ovid: transforming the landscape. **TAPhA**, n. 134, p. 133-55, 2004.

PARKER, Holt. Other Remarks on the Other Sulpicia. **The Classical World**, v. 86, n. 2, p. 89-95, 1992.

PARKES, Ruth. Hercules and the Centaurs: reading Statius with Vergil and Ovid. **Classical Philology**, v. 104, n. 4, p. 476-494, 2009.

PARSONS, P. J.; KASSEL, R. Callimachus: Victoria Berenices. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, n. 25, p. 01-51, 1977.

PASCHALIS, Michael. **Virgil's Aeneid: Semantic Relations and Proper Names**. Oxford: Clarendon Press, 1997.

PASQUALI, Giorgio. Arte Allusiva. In: _____. **Pagina stravaganti**. Firenze: Sansoni, 1968. p. 275-82. v. 2.

PETRY, Simone C. **A noção bermaniana de relação sobre o viés derridiano da hospitalidade.** 76 p. (Dissertação) – SCHLA, UFPR, Curitiba, 2011.

_____. **A tradução como obra: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre tradução**. 186 p. Tese (Doutorado) – IEL, UNICAMP, Campinas, 2016.

POLLMANN, K. F. L. Statiu's Thebaid and the Legacy of Vergil's Aeneid. **Mnemosyne**, v. 54, fasc. 1, p. 10-30, 2001.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006[1934].

REQUIÃO, Altamirando. Um livro quinhentista. **Gazeta de Notícias**, Bahia, p. 02, 9 de jun.

1913, n.º 224. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=721026&pesq=gazeta%20da%20not%C3%ADcias

RIPOLL, François. Les scènes d'ornithomancie dans les épopées latines d'époque flavienne. **Latomus**, t. 61, fasc. 4, p. 929-960, 2002.

ROCHE, Paul. Lucan's De Bello Ciuili in the Thebaid. In: DOMINIK, W. J.; NEWLANDS, C. E.; GERVAIS, K. (orgs.). **Brill's companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015. p. 393-407.

RUBIO, Lisardo. **Introducción a la sintaxis estrutural del latin**. Barcelona: Editorial Ariel, 1982.

SCAFFAI, Marco. L'Ipsipile di Stazio, ovvero le sventure della Virtù. **Prometheus**, n. 28, p. 233-252, 2002.

SCHIESARO, A. **The passions in play: Thyestes and the dynamic of the Senecan Drama**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. In: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. 2 ed. Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 36-101. v. 1.

SEGAL, C. Senecan Baroque: The Death of Hippolytus in Seneca, Ovid, and Euripides. **Transactions of the American Philological Association**, v. 114, p. 311-325, 1984.

SELL, R. The comedy of hyperbolic horror: Seneca, Lucan and 20th century grotesque. **Neohelicon**, v. 11, n. 1, p. 277-300, 1984.

SEO, J. Mira. Parthenopaeus and mors immatura in Statius' Thebaid. In:_____. **Exemplary traits: reading characterization in Roman Poetry**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 122-146.

SILVA, Innocêncio F. da. **Memórias para a vida íntima de José Agostinho de Macedo**. Edição de Theophilo Braga. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1899.

SISCAR, Marcos. Jacques Derrida: o intraduzível. **Alfa**, São Paulo, n. especial, p. 59-69, 2000.

SMOLENAARS, J. J. L.. **Statius' Thebaid VII: a commentary**. Leiden, E. J. Brill, 1994.

SMOLENAARS, J. J. L.; DAM, H. J. van; NAUTA, R. R. (ed.). **The poetry of Statius**. Leiden: Brill, 2008.

SOERINK, Jörn. Statius, Silius Italicus and the snake pit of intertextuality. In: MANUWALD, Gesine; VOIGT, Astrid. **Flavian Epic interactions**. Berlim: De Gruyter, 2013. p. 361-77.

_____. **Beginning of doom: Statius' Thebaid 5.499-753. Introduction, Text, Commentary**. 281p. Tese (Doutorado) – Universidade de Groningen, Groningen, 2014.

STOSCH, G. von. **Untersuchungungen zu den Leichenspielen in der Thebais des P. Papinius Statius**. Tese (Doutorado) – Universidade de Tübingen, Tübingen, 1965.

STOVER, Tim. Apollonius, Valerius Flaccus, and Statius: Argonautic Elements in Thebaid 3.499-647. **The American Journal of Philology**, v. 130, n. 3, p. 439-455, 2009.

SULLIVAN, J. P. **Martial: the unexpected classic – a literary and historical study**. Cambridge, Cambridge University Press, 2004[1991].

TAISNE, Anne-Marie. Un scène de necromancie à Thebes chez Stace (*Th.* IV, 406-645) d'après Sénèque le dramaturge (*Oed.* 530-659). In: CHEVALLIER, R.; POIGNAULT, R. (eds.). **Présence de Sénèque**. Paris: Jean Touzot, 1991. p. 257-72.

_____. **L'esthétique de Stace: la peinture des correspondances**. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

_____. L'art de Stace au chant I de la Thébaïde. **Latomus**, t. 64, fasc. 3, p. 661-677, 2005.

TANDOI, Vincenzo. Il ricordo di Stazio "dolce poeta", nella Sat. VII di Giovenale. **Maia**, n. 21, p. 103-122, 1969,

THAMOS, Márcio N. Do Hexâmetro ao Decassílabo – equivalência estilística baseada na materialidade da expressão. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 10, p. 201-213, 2011b.

TUTTLE, Anne. Argive Augury and Portents in the Thebaid. In: AUGOUSTAKIS, Antony. **Ritual and religion in Flavian Epic**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 72-90.

VAN DAN, Harm-Jan. **P. Papinius Statius' Siluae, book II: a commentary**. Leiden: E. J. Brill, 1984.

VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility. **Criticism**, v. 28, n. 2, p. 179-212, 1986.

_____. **The translator's Invisibility: a history of translation**. Nova Iorque: Routledge, 1995.

_____. **Translation changes everything: theory and pratice**. Londres: Rouledge, 2013.

VERSTRAETE, Beert C. Originality and Mannerism in Statius' Use of Myth in the Silvae. **L'antiquité classique**, v. 52, p. 195-205, 1983.

VESSEY, David. W. T. C. The Games in Thebaid VI. **Latomus**, v. 29, fasc. 2, p. 426-441, 1970a.

_____. Lucan, Statius and the Baroque Epic. **The Classical World**, v. 63, n. 7, p. 232-234, 1970b.

_____. The Significance of the Myth of Linus and Coroebus in Statius' Thebaid, I, 557-672. **The American Journal of Philology**, v. 91, n. 3, p. 315-331, 1970c.

_____. **Statius and the Thebaid**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

_____. Flavian Epic. In: KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W. V. (orgs.). **Cambridge History of Classical Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 558-596. v. 2.

_____. Transience preserved: style and theme in Statius' Siluae 2.32.5. **Aufstieg und Niedergang der römischen Welt**, p. 2754-2802, 1986.

VIEIRA, Brunno V. G.. **Farsália, de Lucano, cantos I-IV: prefácio, tradução e notas**. Tese (Doutorado), FCL, Unesp, Araraquara, 2007a.

_____. Mito e tradição literária na luta entre Hércules e Anteu: *Farsália*, 4.589-665. **Clássica**, São Paulo, n. 20.1, p. 46-63, 2007b.

WEST, D. WOODMAN, T. **Creative imitation and Latin literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

WHITE, Heather. Notes on Statius' Thebaid. **Myrtia**, n. 22, p. 331-339, 2007.

WRAY, David. Wood: Statius's Silvae and the Poetics of Genius. **Arethusa**, 40.2, p. 127-143, 2007.

# APÊNDICES

# APÊNDICE A – A *TEBAIDA*, DE PÚBLIO PAPÍNIO ESTÁCIO (CANTO VI)

## Episódios do Canto VI

**1.** Os chefes argivos preparam os jogos em honra a Arquêmoro. **25.** Começam os ritos fúnebres. **54.** Construção do leito fúnebre e do andor para o corpo de Arquêmoro. **84.** Catálogo das árvores derrubadas para a pira funerária. **126.** Descrição do cortejo fúnebre. **135.** Lamento de Eurídice. **193.** Lamento de Licurgo. **204.** A pira é acesa e as tropas fazem suas oferendas. **234.** Fim das exéquias de Arquêmoro. **238.** Descrição do monumento fúnebre erguido sobre a pira. **255.** As tropas argivas dispõem-se para os jogos. **268.** Descrição das imagens dos antepassados argivos expostas durante os jogos. **296.** Apresentação dos cavalos e dos heróis para a corrida de bigas. **355.** Apolo assiste aos preparativos para a corrida. **389.** Início da disputa. **518.** Chegada da corrida e distribuição de prêmios. **550.** Apresentação dos competidores da corrida a pé. **593.** Início da disputa. **613.** Idas segura Partenopeu. **618.** Os ânimos se inflamam e Adrasto sugere uma nova corrida. **631.** Relargada da corrida e premiação dos vencedores. **646.** Apresentação dos concorrentes no arremesso de disco. **668.** Início da disputa com o disco. **722.** Distribuição dos prêmios entre os vencedores. **731.** Apresentação dos competidores e disputa no pugilato. **826.** Preparam-se os competidores para a luta com os corpos ungidos de óleo. **847.** Início da disputa. **905.** Premiação do vencedor. **911.** Preparam-se os homens para a luta com espadas, mas Adrasto impede a disputa. **924.** O encerramento dos jogos é anunciado. **934.** Digressão sobre os presságios. **938.** Interpretação do augúrio que marca o final dos jogos.

## Liber VI

nuntia multiuago Danaas perlabitur urbes
Fama gradu, sancire nouo sollemnia busto
Inachidas ludumque super, quo Martia bellis
praesudare paret seseque accendere uirtus.
Graium ex more decus: primus Pisaea per arua
hunc pius Alcides Pelopi certauit honorem
puluereumque fera crinem detersit oliua;
proxima uipereo celebratur libera nexu
Phocis, Apollineae bellum puerile pharetrae;
mox circum tristes seruata Palaemonis aras
nigra superstitio, quotiens animosa resumit
Leucothea gemitus et amica ad litora festa
tempestate uenit: planctu conclamat uterque
Isthmos, Echioniae responsant flebile Thebae.
et nunc eximii regum, quibus Argos alumnis
conexum caelo, quorumque ingentia tellus
Aonis et Tyriae suspirant nomina matres,
concurrunt nudasque mouent in proelia uires.
ceu primum ausurae trans alta ignota biremes,
seu Tyrrhenam hiemem, seu stagna Aegaea lacessant,
tranquillo prius arma lacu clauumque leuesque
explorant remos atque ipsa pericula discunt;
at cum experta cohors, tunc pontum inrumpere fretae
longius ereptasque oculis non quaerere terras.
clara laboriferos caelo Tithonia currus
extulerat uigilesque deae pallentis habenas
et Nox et cornu fugiebat Somnus inani;
iam plangore uiae, gemitu iam regia mugit
flebilis, acceptos longe nemora auia frangunt
multiplicantque sonos. sedet ipse exutus honoro
uittarum nexu genitor squalentiaque ora

## Canto VI

Núncia, por Dânaas urbes passa, com multívago
andar, a Fama: a um novo sepulcro abrem festas
os Inácios, com jogos em que, Márcia, à guerra
seu esforço a virtude encaminhe e os inflame.
Dever ao modo Grego: em agros Piseus, primo
pleiteou o pio Alcides honras tais por Pélope,
limpando as sujas comas com oliva selvagem;
em seguida, da união vipérea livre, a Fócida
honraram, guerra infante da Apolínea fáretra;
guardou-se, após, nas tristes aras de Palêmon,
um negro culto sempre que, animosa, o pranto
retoma Leucoteia e, à costa amada, em tempo,
a festa vem: com choro, em toda parte o Istmo
clama, responde em flébil tom Tebas Equiônida.
Ora, dos reis os nobres, filhos por quais Argos
se liga ao céu, dos quais, ingentes, toda a terra
Aônia e as Tírias mães pelos nomes suspiram,
disputam e em batalha as forças movem nuas.
Quando ousadas birremes por mares obscuros,
ou tormenta Tirrena ou águas do Egeu fendem,
primeiro em calmo lago as armas, leme e leves
remos provam, e os certos perigos descobrem;
mas sendo experta coorte, crê transpor o ponto
ao longe e sem buscar com olhar terras distantes.
Clara, os carros ao céu, laboriosos, Titônia
erguera e, da palente deusa, às vígeis rédeas
a Noite se escapara e, inane o chifre, o Sono;
as vias já com pranto, o paço já com queixas
triste soa, ínvios bosques quebram os aceitos
sons e os ampliam. Senta, isento da honorável
trama das fitas, rosto imundo, o próprio pai,

sparsus et incultam ferali puluere barbam.
asperior contra planctusque egressa uiriles
exemplo famulas premit hortaturque uolentes
orba parens, lacerasque super procumbere nati
reliquias ardet totiensque auulsa refertur.
arcet et ipse pater. mox ut maerentia dignis
uultibus Inachii penetrarunt limina reges,
ceu noua tunc clades et primo saucius infans
uulnere letalisue inrumperet atria serpens,
sic alium ex alio quamquam lassata fragorem
pectora congeminant, integratoque resultant
accensae clamore fores: sensere Pelasgi
inuidiam et lacrimis excusant crimen obortis.
ipse, datum quotiens intercisoque tumultu
conticuit stupefacta domus, solatur Adrastus
alloquiis genitorem ultro, nunc fata recensens
resque hominum duras et inexorabile pensum,
nunc aliam prolem mansuraque numine dextro
pignora. nondum orsis modus, et lamenta redibant.
ille quoque affatus non mollius audit amicos
quam trucis Ionii rabies clamantia ponto
uota uirum aut tenues curant uaga fulmina nimbos.
tristibus interea ramis teneraque cupresso
damnatus flammae torus et puerile feretrum
texitur: ima uirent agresti stramina cultu;
proxima gramineis operosior area sertis,
et picturatus morituris floribus agger;
tertius adsurgens Arabum strue tollitur ordo
Eoas complexus opes incanaque glebis
tura et ab antiquo durantia cinnama Belo.
summa crepant auro, Tyrioque attollitur ostro
molle supercilium, teretes hoc undique gemmae
inradiant, medio Linus intertextus acantho

coberto por funesta poeira, e a barba inculta.
Mais dura, pois, e as queixas viris excedendo,
com exemplo excita as servas e exorta, privada,
a mãe; por sobre as partes restantes lançar-se
do filho anseia e, assim que é puxada, retorna.
Mesmo o pai a detém. E quando, faces dignas,
nos lutuosos portais entraram os reis de Ínaco,
como se nova a perda e prima ao leso infante
a chaga, ou o átrio a serpe irrompesse mortal,
assim, brado após brado, os embora cansados
peitos dobram, vibrando com pranto reatado
as brilhantes entradas: e os Pelasgos sentem
o ódio e escusam, surgindo lágrimas, o crime.
Em pessoa, uma chance havendo e, findo o abalo,
se acalmando a assustada casa, alenta Adrasto
ao pai com seu discurso, revendo ora os fados
e a dura sina humana e o seu fardo implacável,
ora outro filho e, assente sob um destro nume,
a prole. Mas nem cessa a fala, e volta o pranto.
Licurgo ao verbo amigo não ouve mais calmo
do que a raiva do Jônio aos nautas suplicantes,
ou do que vagos raios buscam tênues nuvens.
E nisso, com macio cipreste e tristes ramos,
fadados à fogueira, um leito e o infante andor
tecem: com rude ornato, verdeja a ima palha;
é mais complexa a próxima, de ervais festões
e uma pilha entremeada com flores mortiças;
por cima, a terça parte insurge de olor Árabe,
do Eoo incluindo os luxos, em bolas incensos
brancos, do antigo Belo os duros cinamomos.
O alto crepita com ouro, se ergue de ostro Tírio
um mole cimo; em torno a tudo, tersas gemas
lampejam e, entalhados no acanto, estão Lino

letiferique canes: opus admirabile semper
oderat atque oculos flectebat ab omine mater.
arma etiam et ueterum exuuias circumdat auorum
gloria mixta malis afflictaeque ambitus aulae,
ceu grande exequiis onus atque immensa ferantur
membra rogo, sed cassa tamen sterilisque dolentes
fama iuuat, paruique augescunt funere manes.
inde ingens lacrimis honor et miseranda uoluptas,
muneraque in cineres annis grauiora feruntur;
namque illi et pharetras breuioraque tela dicarat
festinus uoti pater insontesque sagittas;
iam tunc et nota stabuli de gente probatos
in nomen pascebat equos cinctusque sonantes
armaque maiores expectatura lacertos.
[spes auidi quas non in nomen credula uestes
urguebat studio cultusque insignia regni
purpureos sceptrumque minus, cuncta ignibus atris
damnat atrox suaque ipse parens gestamina ferri,
si damnis rabidum queat exaturare dolorem.]
parte alia gnari monitis exercitus instat
auguris aeriam truncis nemorumque ruina,
montis opus, cumulare pyram, quae crimina caesi
anguis et infausti cremet atra piacula belli.
[his labor accisam Nemeen umbrosaque tempe
praecipitare solo lucosque ostendere Phoebo.]
sternitur extemplo ueteres incaedua ferro
silua comas, largae qua non opulentior umbrae
Argolicos inter saltusque educta Lycaeos
extulerat super astra caput: stat sacra senectae
numine, nec solos hominum transgressa ueterno
fertur auos, Nymphas etiam mutasse superstes
Faunorumque greges. aderat miserabile luco
excidium: fugere ferae, nidosque tepentes

e os cães letais: tais obras admiráveis sempre
odiara a mãe, e os olhos desviara do augúrio.
Cingem armas, dos velhos anciões os espólios,
glórias mistas aos males e ânsias da aula aflita,
tal grande ônus à tumba trouxessem e imensos
membros à pira; a tristes, pois, seca e vã pasce
a fama, e os manes tenros crescem nas exéquias.
Ao choro, então, honor ingente e prazer mísero,
dons mais graves que a idade à pira, são levados;
pois que aljavas, a ele, e os breves dardos dera,
adiantando-se ao voto, o pai, e insontes flechas;
e então, certos, de nota raça em seus estábulos,
em seu nome pastavam corcéis, soantes cintos
e armas que por mais fortes braços esperavam.
[Exaltada esperança! Em seu nome, que vestes
não fez com apuro e, marcas da realeza, ornatos
purpúreos, breve cetro: e tudo, às atras flamas,
atroz, danara o próprio pai que fosse entregue,
se com a perda saciar pudesse sua dor rábida.]
Na outra parte urge o exército, douto nas ordens
do presságio, a com troncos e ruínas do bosque,
obra tal monte, aérea pira erguer, que os crimes
creme da serpe: à infausta guerra atra expiação.
[O labor é, cortada, a Nêmea e o vale umbroso
prostrar ao solo, a Febo revelando os lucos.]
Logo é deposta, intonsa pelo ferro a antiga
coma, a selva, a mais basta em fartura de sombra
de Argivas e Liceias, que, aos altos lançando-se,
norteara a fronte aos astros: por nume dos anos
sacra, em velhice excede não somente anciões,
se diz, mas, resistindo, as Ninfas viu mudando,
e hordas de Faunos. Eis, no bosque, miserável
matança: as feras foram-se, dos ninhos tépidos

absiliunt – metus urguet – aues; cadit ardua fagus
Chaoniumque nemus brumaeque inlaesa cupressus,
procumbunt piceae, flammis alimenta supremis,
ornique iliceaeque trabes metuendaque suco
taxus et infandos belli potura cruores
fraxinus atque situ non expugnabile robur.
hinc audax abies et odoro uulnere pinus
scinditur, acclinant intonsa cacumina terrae
alnus amica fretis nec inhospita uitibus ulmus.
dat gemitum tellus: non sic euersa feruntur
Ismara cum fracto Boreas caput extulit antro,
non grassante Noto citius nocturna peregit
flamma nemus. linquunt flentes dilecta locorum
otia cana Pales Siluanusque arbiter umbrae
semideumque pecus, migrantibus aggemit illis
silua, nec amplexae dimittunt robora Nymphae.
ut cum possessas auidis uictoribus arces
dux raptare dedit, uix signa audita, nec urbem
inuenias; ducunt sternuntque abiguntque feruntque
immodici, minor ille fragor quo bella gerebant.
  iamque pari cumulo geminas, hanc tristibus umbris
ast illam superis, aequus labor auxerat aras,
cum signum luctus cornu graue mugit adunco
tibia, cui teneros suetum producere manes
lege Phrygum maesta. Pelopem monstrasse ferebant
exequiale sacrum carmenque minoribus umbris
utile, quo geminis Niobe consumpta pharetris
squalida bissenas Sipylon deduxerat urnas.
  portant inferias arsuraque fercula primi
Graiorum, titulisque pios testantur honores
gentis quisque suae; longo post tempore surgit
colla super iuuenum – numero dux legerat omni –
ipse fero clamore torus. cinxere Lycurgum

voaram as aves – punge o medo. As faias caem,
o Cáone bosque e, ileso ao inverno, o cipreste;
se prostra a pícea, a força das flamas supremas,
de azinho e sevo freixo as árvores, e horrendos
teixos; e, por beber da guerra infandos cruores,
o freixo e, em seu lugar não pugnável, o roble.
Então, o audaz abeto e, olente a chaga, o pinho
fendem, e ao chão inclinam os cimos intonsos
o álamo, dado ao mar, e, à vinha gentil, o olmo.
Geme a terra: arruinado, assim não foi movido
o Ísmaro quando Bóreas trouxe do antro a face,
nem, mais veloz, vastando o Noto, o fogo à noite
corre o bosque. Chorando, saem dos caros sítios
de ócio ancião, Pales e Silvano, juiz da sombra,
e hordas de semideuses; pranteia, ao migrarem,
a selva, e não deslaçam-se as Ninfas dos robles:
como a capta cidade, p'ra que a pilhem, a ávidos
doasse o chefe, mal dando os sinais, nem a urbe
vês mais; e tomam, vastam, saqueiam e roubam,
brutais: menor o ruído com que a guerra urgiam.

Já pares no auge, gêmeas, uma às tristes sombras
e outra aos céus, um labor afim erguera as aras,
quando grave mugiu, de adunco chifre, lúgubre,
a tíbia à qual se dava o avançar tenros manes
por lei triste da Frígia. Mostrou, dizem, Pélope
o exequial rito e o carme à sombra de menores
útil, com o qual, por gêmeos arcos finda, Níobe,
desfeita, a dúzia de urnas conduzira ao Sípilo.

Trazem feras e, às chamas, os pratos os príncipes
Gregos, e as pias honras, com as divisas, provam
da sua gente; e surgiu, passado um longo tempo,
sobre os colos dos jovens – o chefe os legara –,
com sevo grito, o esquife. Circundam Licurgo

Lernaei proceres, genetricem mollior ambit
turba; nec Hypsipyle raro subit agmine: uallant
Inachidae memores, sustentant liuida nati
bracchia et inuentae concedunt plangere matri.
illic infaustos ut primum egressa penates
Eurydice, nudo uocem de pectore rumpit
planctuque et longis praefata ululatibus infit:
“non hoc Argolidum coetu circumdata matrum
speraui te, nate, sequi, nec talia demens
fingebam uotis annorum elementa tuorum,
nil saeuum reputans: etenim his in finibus aeui
unde ego bella tibi Thebasque ignara timerem?
cui superum nostro committere sanguine pugnas
dulce? quis hoc armis uouit scelus? at tua nondum,
Cadme, domus, nullus Tyrio grege plangitur infans.
primitias egomet lacrimarum et caedis acerbae,
ante tubas ferrumque, tuli, dum deside cura
credo sinus fidos altricis et ubera mando.
quidni ego? narrabat seruatum fraude parentem
insontesque manus. en quam ferale putemus
abiurasse sacrum et Lemni gentilibus unam
immunem furiis! haec illa – et creditis – ausa
haec pietate potens solis abiecit in aruis,
non regem dominumque, alienos impia partus,
hoc tantum, siluaque infamis tramite liquit,
quem non anguis atrox – quid enim hac opus, ei mihi, leti
mole fuit? – tantum caeli uiolentior aura
impulsaeque Noto frondes cassusque ualeret
exanimare timor. nec uos incessere luctu
orba habeo, fixum matri immotumque manebat
hac altrice nefas. atquin et blandus ad illam,
nate, magis, solam nosse atque audire uocantem
ignarusque mei. nulla ex te gaudia matri.

Lérneos nobres, e cerca à mãe mais doce grupo;
com horda não rara, Hipsípile assoma: os Inácios,
lembrados, valem, firmam os filhos seus lívidos
braços e lamentar-se, à achada mãe, concedem.
Quando, por fim, se afasta aos infaustos penates,
rompe, vinda do exposto peito, a voz Eurídice
e, com exórdio de choro e longos gritos, fala:
"Nem por um bando envolta de Argólides mães
te esperei cortejar, meu filho, e nem, demente,
previ princípios tais, nas preces, aos teus anos;
nada atroz quis: por certo, ao final de tua vida,
como, ínscia, a guerra e Tebas, por ti, temeria?
Com sangue nosso abrir a luta a qual dos céus
é doce? O crime às armas quem votou? E nem
teu lar gemeram, Cadmo, ou a infante na Tíria.
Eu, do pranto as primícias, e da amarga morte,
sem tuba e ferro trouxe, enquanto em zelo vão
creio nos fidos seios da ama, e as mamas cedo.
Por que não? Do pai salvo por fraude contava,
das mãos insontes. Eis quem cremos ter o rito
mortal negado, a única a, das Lêmnias gentes,
às fúrias ser imune! Esta aí – crede! –, ousada,
esta, firme em piedade, não deixou no campo
o rei ou um senhor, mas, ímpia, o alheio parto
largou, sozinho, em trilha de infame floresta,
a quem não serpe atroz – ai de mim, e por quê
tamanho fim! – apenas, mas sopro mais forte,
folhas vibrando ao Noto ou medo vão dariam
à morte? A vós, culpar por meu luto, privada,
não posso; fixo e imóvel se mantém, da mãe,
por esta altriz, o nefas. Por certo, mais meigo,
só ela, ó filho, soube e te ouviu ao chamares,
ínscio de mim. Nenhum, de ti, o mátrio gozo.

illa tuos questus lacrimososque impia risus
audiit et uocis decerpsit murmura primae.
illa tibi genetrix semper dum uita manebat,
nunc ego. sed miserae mihi nec punire potestas
sic meritam! quid dona, duces, quid inania fertis
iusta rogis? illam – nil poscunt amplius umbrae –,
illam, oro, cineri simul excisaeque parenti
reddite, quaeso, duces, per ego haec primordia belli,
cui peperi; sic aequa gemant mihi funera matres
Ogygiae." sternit crines iteratque precando:
"reddite, nec uero crudelem auidamque uocate
sanguinis: occumbam pariter, dum uulnere iusto
exaturata oculos unum impellamur in ignem."
talia uociferans alia de parte gementem
Hypsipylen – neque enim illa comas nec pectora seruat –
agnouit longe et socium indignata dolorem:
"hoc saltem, o proceres, tuque o, cui pignora nostri
proturbata tori, prohibete; auferte supremis
inuisam exequiis. quid se funesta parenti
miscet et in nostris spectatur et ipsa ruinis?"
[cui luget complexa suos?" dixitque repente
concidit abruptisque obmutuit ore querelis.]
non secus ac primo fraudatum lacte iuuencum,
cui trepidae uires et solus ab ubere sanguis,
seu fera seu duras auexit pastor ad aras;
nunc uallem spoliata parens, nunc flumina questu,
nunc arbusta mouet uacuosque interrogat agros;
tunc piget ire domum, maestoque nouissima campo
exit et oppositas impasta auertitur herbas.
  at genitor sceptrique decus cultusque Tonantis
inicit ipse rogis, tergoque et pectore fusam
caesariem ferro minuit sectisque iacentis
obnubit tenuia ora comis, ac talia fletu

Ela, os teus choros, ímpia, e lacrimosos risos
ouviu, e os primos múrmures colheu da voz.
Ela, sempre, a tua mãe enquanto vida houve:
eu, nunca. Pobre sou! Nem poder p'ra puni-la,
credora! Por que dons, chefes, trazeis, inúteis
ritos, à pira? Esta – mais não pede a sombra –,
esta, eu peço, à arruinada mãe e às cinzas dai,
chefes, pelos primórdios, clamo, desta guerra
que eu gerei; funerais iguais gemam as mães
Ogígias." Volve a crina e, implorando, reitera:
"Dai! Mas feroz a mim não chamai, e sedenta
de sangue: junto morro e, os olhos com lesão
justa fartos, a um fogo só nós nos lançamos."
Assim pranteando, em outro lugar a gemente
Hipsípile – não poupa, pois, o peito e coma –
percebe ao longe, e a sócia dor a ressentindo:
"Ao menos, reis e tu, p'ra quem do nosso leito
veio a prole, a tolhei; expulsai das supremas
exéquias a invejosa. Então, funesta, aos pais
se mescla e na desgraça nossa está presente?
A quem chora, cingida aos teus?" Disse e caiu
de pronto; se calando, interrompeu as queixas.
Não de outro modo o boi, obstado o primo leite,
de força incerta e o sangue só dos ubres vindo,
que uma fera ou pastor levou às duras aras;
com o choro, a mãe lesada ora o vale, ora o rio,
ora as plantas perturba e os vagos agros sonda;
e a custo vai pra casa, o triste campo a última
a deixar e, em jejum, revira, à frente, as ervas.

Mas as glórias do cetro e as honras do Tonante
jogou na pira o pai; por sobre o peito e as costas,
talhou a ferro a coma, e com as mechas cortadas
cobriu seus tênues lábios, e, às frases um pranto

uerba pio miscens: “alio tibi, perfide, pacto,
Iuppiter, hunc crinem uoti reus ante dicaram,
si pariter uirides nati libare dedisses
ad tua templa genas; sed non ratus ore sacerdos,
damnataeque preces; ferat haec, quae dignior, umbra.”
iam face subiecta primis in frondibus ignis
exclamat; labor insanos arcere parentes.
stant iussi Danaum atque obtentis eminus armis
prospectu uisus interclusere nefasto.
ditantur flammae; non umquam opulentior illis
ante cinis: crepitant gemmae, atque immane liquescit
argentum, et pictis exsudat uestibus aurum;
nec non Assyriis pinguescunt robora sucis,
pallentique croco strident ardentia mella,
spumantesque mero paterae uerguntur et atri
sanguinis et rapti gratissima cymbia lactis.
tunc septem numero turmas – centenus ubique
surgit eques – uersis ducunt insignibus ipsi
Graiugenae reges, lustrantque ex more sinistro
orbe rogum et stantes inclinant puluere flammas.
ter curuos egere sinus, illisaque telis
tela sonant, quater horrendum pepulere fragorem
arma, quater mollem famularum bracchia planctum.
semianimas alter pecudes spirantiaque ignis
accipit armenta; hic luctus abolere nouique
funeris auspicium uates, quamquam omina sentit
uera, iubet: dextri gyro et uibrantibus hastis
hac redeunt, raptumque suis libamen ab armis
quisque iacit, seu frena libet seu cingula flammis
mergere seu iaculum summae seu cassidis umbram.
[multa gemunt extra raucis concentibus agri,
et lituis aures circum pulsantur acutis.
terretur clamore nemus: sic Martia uellunt

pio mesclando: “a ti, pérfido, com outro pacto,
Jove, eu disse, ante as partes, que a crina votava
se desses junto expôr, do filho, as frescas barbas
nos templos; mas, sem crer nas vozes o ministro,
vão as preces: mais digna, que a leve esta sombra.”
Já pronta a tocha, aos ramos primeiros o fogo
brada; custoso é os pais, insanos, deixar longe.
Ao mando os Dânaos param: plainadas as armas,
nefasto, aos olhos obstam, longínquos, o ângulo.
Enriquecem as chamas; nunca antes, mais fartas
que essas, as cinzas: gemas crepitam, em massa
escorre a prata e a roupa exsuda, ornada, o ouro;
engorduram-se os robles com sucos da Assíria,
com palente açafrão, fervendo, os méis sibilam,
com vinho, espúmeas, vertem as taças e, de atro
sangue e espoliado leite, os vasos valiosíssimos.
Sete esquadrões, então, e em cada um deles cem
corcéis marchando, avessas as insígnias, levam
os Graios reis que, à sestra, qual o feitio, lustram
em arco a pira e o fogo estante, com pó, dobram.
Três voltas fazem, soam os broquéis com dardos,
quatro vezes um ruído horrente as armas tocam,
quatro vezes um terno golpe as mãos das servas.
Outro, às mortiças greis e expiante gado, o fogo
recolhe; extingue as queixas e, da fresca morte,
o augúrio o vate e, embora entenda verdadeiros
os sinais, diz: em giro à destra, hastes vibrando,
voltem; das próprias armas vinda, uma oferenda
cada um jogue, quer freios ou cintos nas chamas
imerjam, quer a seta ou do elmo sumo a sombra.
[Fora, em rouca concórdia, lamentam os campos
e, em volta, as vivas trompas aos ouvidos ferem.
A selva treme: à tuba extraem os Márcios signos,

signa tubae, nondum ira calet, nec sanguine ferrum
irrubuit, primus bellorum comitur illo
uultus, honoris opus. stat adhuc incertus in alta
nube quibus sese Mauors indulgeat armis.]
finis erat, lassusque putres iam Mulciber ibat
in cineres; instant flammis multoque soporant
imbre rogum, posito donec cum sole labores
exhausti; seris uix cessit cura tenebris.
roscida iam nouies caelo dimiserat astra
Lucifer et totidem Lunae praeuenerat ignes
mutato nocturnus equo – nec conscia fallit
sidera et alterno deprenditur unus in ortu:
mirum opus accelerasse manus! stat saxea moles,
templum ingens cineri, rerumque effictus in illa
ordo docet casus: fessis hic flumina monstrat
Hypsipyle Danais, hic reptat flebilis infans,
hic iacet, extremum tumuli circum asperat orbem
squameus; expectes morientis ab ore cruenta
sibila, marmorea sic uoluitur anguis in hasta.
iamque auidum pugnas uisendi uulgus inermes
– fama uocat – cunctis aruis ac moenibus adsunt
exciti; illi etiam quis belli incognitus horror,
quos effeta domi, quos prima reliquerat aetas,
conueniunt: non aut Ephyraeo in litore tanta
umquam aut Oenomai fremuerunt agmina circo.
collibus incuruis uiridique obsessa corona
uallis in amplexu nemorum sedet; hispida circum
stant iuga, et obiectus geminis umbonibus agger
campum exire uetat, longo quem tramite planum
gramineae frontes sinuataque caespite uiuo
mollia non subitis augent fastigia cliuis.
illic conferti, iam sole rubentibus aruis,
bellatrix sedere cohors; ibi corpore mixto

sem acender-se a ira, nem, com sangue, a espada
corar-se e sem, das guerras, seguir-se o primeiro
rosto, obra de honra. Incerto se mantém, em alta
nuvem, Marte: a quais tropas ser, pois, favorável.]

Era o fim: lasso, às podres cinzas, já, Mulcíbero
andava; ao fogo ameaçam, apagam com muita
água a pira e, ao se por o sol, os seus trabalhos
findam; quase o labor avança às tardas trevas.

Vezes nove, do céu banira os astros róscidos
Lúcifer; muito, aos brilhos da Lua, adiantou-se,
noturno, outro o cavalo – cientes, não confunde
as estrelas e, em orto alterno, uno o conhecem:
como urge o afã a mão! Perdura a sáxea massa,
templo imenso de cinzas no qual, com relevos,
se conta o caso: aqui, as águas mostra Hipsípile
aos lassos Dânaos; pobre, aqui rasteja o infante,
aqui jaz; numa volta, o alto encrespa, da tumba,
a escâmea; espera, cruentos, da boca morrendo,
os silvos, se enrolando a serpe na haste mármore.

P'ra ver, sedento, as pugnas inermes, ao vulgo
chama a Fama, dos campos todos e urbes vindo,
e até os que, da guerra, os horrores não sabem
e os que em casa deixou a fraca e a prima idade
chegam: nunca tão grandes nas praias de Epiro
ou no circo de Enômau, fremiram as tropas.

Entre um verde festão de encurvadas colinas,
num elo arbóreo, o vale está; hirtos, em torno,
cimos sobem; de dupla bossa, diante, um monte
ao prado impede a fuga, o qual, ao longe, plano,
curvo por vivas moitas, as gramíneas frondes
e os gentis topes alçam com encostas não súbitas.
Lá, reunidas, vermelhos já com o sol os campos,
márcias sentam-se as coortes; e ali, corpo misto,

metiri numerum uultusque habitusque suorum
dulce uiris, tantique iuuat fiducia belli.
centum ibi nigrantes, armenti robora, tauros
lenta mole trahunt; idem numerusque colorque
matribus et nondum lunatis fronte iuuencis.
exin magnanimum series antiqua parentum
inuehitur, miris in uultum animata figuris.
primus anhelantem duro Tirynthius angens
pectoris attritu sua frangit in ossa leonem.
haud illum impauidi quamuis et in aere suumque
Inachidae uidere decus. pater ordine iuncto
laeuus harundineae recubans super aggere ripae
cernitur emissaeque indulgens Inachus urnae.
Io post tergum, iam prona dolorque parentis,
spectat inocciduis stellatum uisibus Argum.
ast illam melior Phariis erexerat aruis
Iuppiter atque hospes iam tunc Aurora colebat.
Tantalus inde parens, non qui fallentibus undis
imminet aut refugae sterilem rapit aera siluae,
sed pius et magni uehitur conuiua Tonantis.
parte alia uictor curru Neptunia tendit
lora Pelops, prensatque rotas auriga natantes
Myrtilos et uolucri iam iamque relinquitur axe.
et grauis Acrisius speciesque horrenda Coroebi
et Danae culpata sinus et in amne reperto
tristis Amymone, paruoque Alcmena superbit
Hercule tergemina crinem circumdata luna.
iungunt discordes inimica in foedera dextras
Belidae fratres, sed uultu mitior astat
Aegyptus; Danai manifestum agnoscere ficto
ore notas pacisque malae noctisque futurae.
mille dehinc species. tandem satiata Voluptas
praestantesque uiros uocat ad sua praemia Virtus.

o número estimar dos seus, e os rostos, roupas,
é doce aos homens: pasce a fé em grande força.
Cem negros touros, lá, a robustez do armento,
trazem qual mole massa; iguais em cor e soma,
mães também e, sem curvas à fronte, novilhos.
Depois, a antiga linha de avitos magnânimos
se segue, de expressão, por bela imagem, viva.
Primeiro esmaga o arfante o Tiríntio com duro
esfregar de seu peito, e do leão quebra os ossos.
E não sem medo, a ele, mesmo brônzeo, e à sua
glória os Inácios veem. Contíguo à ordem, pai,
deitado à sestra sobre um monte de suas canas,
maneando a urna, Ínaco escolhe, o indulgente.
Io, às suas costas, prona já , dos pais a angústia,
assiste a Argos luzente com olhar que não cessa.
Mas, nos campos de Faros, a erguera o melhor
Jove, e no então a Aurora honrava já o hóspede.
Nisso Tântalo, o pai, não quem sob as esquivas
ondas paira e, da selva arisca, colhe o ar árido,
mas, do magno Tonante, o pio conviva, chega.
No outra parte, triunfante, segura as Netúnias
rédeas Pélope, e prende-se às natantes rodas
Mirtilo, o auriga, com o ágil eixo já distante;
o grave Acrísio, o horrente aspecto de Corebo,
Dânae, culpado o seio, e, no flume encontrado,
triste Amimone; Alcmena orgulhosa do tenro
Hércules, tripla lua envolvendo-lhe as comas.
Unem em pacto hostil as discordantes destras
os Belidas irmãos, mas se mostra mais calmo
Egito; e discernir, de Dânao, é certo, em falsa
face, os sinais de infesta paz da noite adiante.
E, depois, feições mil. Por fim, farto o Prazer,
chama os varões de ali aos prêmios a Virtude.

primus sudor equis. dic incluta, Phoebe, regentum
nomina, dic ipsos; neque enim generosior umquam
alipedum collata acies, ceu praepete cursu
confligant densae uolucres aut litore in uno
Aeolus insanis statuat certamina uentis.
ducitur ante omnes rutilae manifestus Arion
igne iubae. Neptunus equo, si certa priorum
fama, pater; primus teneri laesisse lupatis
ora et litoreo domitasse in puluere fertur,
uerberibus parcens; etenim insatiatus eundi
ardor et hiberno par inconstantia ponto.
saepe per Ionium Libycumque natantibus ire
interiunctus equis omnesque assuerat in oras
caeruleum deferre patrem; stupuere relicta
Nubila, certantesque Eurique Notique sequuntur.
nec minor in terris bella Eurysthea gerentem
Amphitryoniaden alto per gramina sulco
duxerat, illi etiam ferus indocilisque teneri.
mox diuum dono regis dignatus Adrasti
imperia et multum mediis mansueuerat annis.
tunc rector genero Polynici indulget agendum
multa monens, ubi feruor equo, qua suetus ab arte
mulceri, ne saeua manus, ne liber habenis
impetus. “urgue alios,” inquit, “stimulisque minisque;
ille ibit, minus ipse uoles.” sic ignea lora
cum daret et rapido Sol natum imponeret axi,
gaudentem lacrimans astra insidiosa docebat
nolentesque teri zonas mediamque polorum
temperiem: pius ille quidem et formidine cauta,
sed iuuenem durae prohibebant discere Parcae.
Oebalios sublimis agit, spes proxima palmae,
Amphiaraus equos; tua furto lapsa propago,
Cyllare, dum Scythici diuersus ad ostia Ponti

Ora, aos corcéis. Egrégios, Febo, diz, dos guias
os nomes, os cavalos diz. Nunca, de alípedes,
mais nobres linhas, como se em corrida alada
pleiteassem muitas aves ou se, em uma praia,
Éolo insano instituísse um certame de ventos.
Ante o resto, eis Aríon, claro em ígnea e rútila
crina. Netuno é o pai, se vale a antiga história;
o primeiro a, com o freio, ter ferido, em jovem,
a boca e a ser, se diz, domado em pó de praia,
salvo ao relho; sequioso, é certo, nas vontades
de galgar, par ao mar hibernal na inconstância.
Muito foi, pelo Jônio e Líbio, entre os natantes
corcéis lançando-se, habituado às praias todas,
levando o pai cerúleo; vencidas, pasmaram-se
as Nuvens, e Euro e Noto, certando, seguiram.
Menos por terra, à guerra de Euristeu trazendo
com fundos rastros pela grama o Anfitrionida,
não fora, a ele mesmo fero e ao mando indócil.
Depois, por dom divino, dignado aos impérios
do rei Adrasto, muito se amansou com o tempo.
Que o guiasse, o reitor dera ao genro Polinices,
muito advertindo: aceso o corcel, sói com arte
ser calmado, sem seva mão ou, livre às rédeas,
em carreira. “Outros urge”, diz, “à pua e grito;
ele irá: vais mais lento querer.” Quando os loros
ígneos deu Sol, e o filho impôs no carro célere,
em pranto, ao ledo os astros pérfidos mostrou,
as não sabidas zonas onde ir e, entre os polos,
a mescla: e embora atento e, por medo, zeloso,
que aprendesse negaram-lhe as Parcas austeras.
Corcéis Ebálios, sumo, de aplausos a crença,
guiava Anfiarau; teus filhos, erro de adultério,
Cílaro, enquanto oposto à porta do Mar Cítico

Castor Amyclaeas remo permutat habenas.
ipse habitu niueus, niuei dant colla iugales,
concolor est albis et cassis et infula cristis.
quin et Thessalicis felix Admetus ab oris
uix steriles compescit equas, Centaurica dicunt
semina: credo, adeo sexum indignantur, et omnis
in uires adducta Venus; noctemque diemque
assimulant maculis internigrantibus albae:
tantus uterque color, credi nec degener illo
de grege, Castaliae stupuit qui sibila cannae
laetus et audito contempsit Apolline pasci.
ecce et Iasonidae iuuenes, noua gloria matris
Hypsipyles, subiere iugo, pare uectus uterque,
nomen auo gentile Thoas atque omine dictus
Euneos Argoo. geminis eadem omnia: uultus,
currus, equi, uestes, par et concordia uoti:
uincere uel solo cupiunt a fratre relinqui.
it Chromis Hippodamusque, alter satus Hercule magno,
alter ab Oenomao: dubites uter effera presset
frena magis. Getici pecus hic Diomedis, at ille
Pisaei iuga patris habet, crudelibus ambo
exuuiis diroque imbuti sanguine currus.
  metarum instar erat hinc nudo robore quercus,
olim omnes exuta comas, hinc saxeus umbo,
arbiter agricolis; finem iacet inter utrumque
quale quater iaculo spatium, ter harundine, uincas.
  interea cantu Musarum nobile mulcens
concilium citharaeque manus insertus Apollo
Parnasi summo spectabat ab aethere terras.
orsa deum, qui saepe Iouem Phlegramque suique
anguis opus fratrumque pius cantarat honores,
tunc aperit quis fulmen agat, quis sidera ducat
spiritus, unde animi fluuiis, quae pabula uentis,

Cástor troca, por remos, as rédeas de Amiclas.
Vem, vestes níveas, níveos cervizes nos jugos,
concolor, de alvas plumas, a cimeira e as fitas.
Também Admeto, fausto, das costas Tessálicas
mantém a custo estéreis éguas – sêmen, dizem,
Centáurio, eu sei; seu sexo desprezam, e todas
centram Vênus na força; e ao dia como à noite
parecem, de alvas malhas e, por entre, negras:
tão viva é cada cor que não se creem bastardas
da grei que ao silvo da Castália cana enleva-se,
contente, e se recusa ao pasto, ouvindo Apolo.
E eis, de Jasão, os jovens, da mãe recém-glória,
Hipsípile, subindo ao jugo que, a ambos, leva:
do avô seu nome, Toas; e, do augúrio da Argos
dito, Euneu. Tudo o mesmo nos manos: feição,
carro, roupas, corcéis, concórdia par na prece:
vencer ou pelo irmão – e somente – ser morto.
E Crômis e Hipodamo, um de Hércules o filho,
de Enômau o outro: os freios qual aperta mais?
Este, o armento do Geta Diomedes, e aquele
as juntas tem do pai Piseu, ambos com cruéis
presas, e em diro sangue ensopados os carros.
    De um lado, a meta é um tronco de carvalho nu,
da coma já despido; do outro, é um sáxeo bloco,
do agricultor o juiz; entre ambos, jaz o espaço:
quatro vezes com dardo o vences, três com seta.
    Nisso, com nobre canto encantando das Musas
o grupo e as mãos na lira introduzindo, Apolo,
do excelso etéreo do Parnaso, observa a terra.
O verbo – Jove, Flegra e a serpe, uma obra sua,
e a glória dos Irmãos cantava sempre – mostra
que deus atira o raio, que aura os astros move,
donde dos rios as almas, aos ventos qual pasto,

quo fonte immensum uiuat mare, quae uia solis
praecipitet noctem, quae porrigat, imane tellus
an media et rursus mundo succincta latenti.
finis erat, differt auidas audire Sorores,
dumque chelyn lauro textumque illustre coronae
subligat et picto discingit pectora limbo,
haud procul Herculeam Nemeen clamore reductus
aspicit atque illic ingens certaminis instar
quadriiugi. noscit cunctos, et forte propinqui
constiterant Admetus et Amphiaraus in aruo.
tunc secum: “quisnam iste duos, fidissima Phoebi
nomina, commisit deus in discrimina reges?
ambo pii carique ambo; nequeam ipse priorem
dicere. Peliacis hic cum famularer in aruis
– sic Iouis imperia et nigrae uoluere Sorores –,
tura dabat famulo nec me sentire minorem
ausus; at hic tripodum comes et pius artis alumnus
aetheriae. potior meritis tamen ille; sed huius
extrema iam fila colu; datur ordo senectae
Admeto serumque mori; tibi nulla supersunt
gaudia, nam Thebae iuxta et tenebrosa uorago.
scis miser, et nostrae pridem cecinere uolucres.”
dixit, et os fletu paene inuiolabile tinctus
extemplo Nemeen radiante per aera saltu
ocior et patrio uenit igne suisque sagittis.
ipse olim in terris, caelo uestigia durant,
claraque per Zephyros etiamnum semita lucet.
et iam sortitus Prothous uersarat aena
casside, iamque locus cuique est et liminis ordo.
terrarum decora ampla uiri, decora aequa iugales,
diuum utrumque genus, stant uno margine clausi,
spesque audaxque una metus et fiducia pallens.
nil fixum cordi: pugnant exire pauentque,

de qual fonte o mar vasto vive, por que cursos
o sol apressa a noite e a encurta, se é extremo,
ou meio, a terra, e envolta por oculto mundo.
Chega o fim, e as Irmãs libera, ouvindo atentas,
enquanto em louro a lira e a ilustre trama cinge
da guirlanda, e ao seu peito despe a ornada fita;
não longe a Hercúlea Nêmea, por gritos levado,
concebe e, ali, o ingente marco de um certame
de quadrigas. Conhece-os e, no acaso, próximos
no agro, Anfiarau e Admeto tomaram os postos.
E então disse: "os dois reis, de Febo fidelíssimos
nomes, qual deus juntou em disputa contrária?
Ambos pios, caros ambos; eu mesmo o primeiro
não digo. Quando, em agro Pelineu, fui fâmulo
– de Jove o império, e anseio das negras Irmãs –
ao servo incenso um dava, menor não me via;
o outro, pupilo pio na arte etérea, das trípodes
amigo: aquele é mais por méritos; mas, deste,
na roca é extremo o fio. O envelhecer foi dado
a Admeto, e morrer tarde; e a ti gozo nenhum
sobrou, pois junto eis Tebas e a trevosa fenda.
Sabes, ó pobre, e as nossas aves já cantaram."
Disse, a boca inviolável por pranto molhada;
de pronto, à Nêmea, em claro salto pelos ares,
mais veloz que sua flecha e o pátrio fogo veio.
Há muito já na terra, os rastros no céu duram
e, acesa, ainda luze sua trilha entre os Zéfiros.

As sortes já volvera Prótoo no elmo brônzeo,
os lugares já prontos, e uma ordem de entrada.
Os varões, honra pátria, e os jugos, honras tais,
de ambos divina a raça, à cela esperam juntos,
una a esperança ao medo audaz, a crença tênue.
Nada em seu peito: lutam p'ra avançar e temem,

concurrit summos animosum frigus in artus.
qui dominis, idem ardor equis; face lumina surgunt,
ora sonant morsu, spumisque et sanguine ferrum
uritur, impulsi nequeunt obsistere postes
claustraque, compressae transfumat anhelitus irae.
stare adeo miserum est, pereunt uestigia mille
ante fugam, absentemque ferit grauis ungula campum.
par circumstant fidi, nexusque et torta iubarum
expediunt firmantque animos et plurima monstrant.
insonuit contra Tyrrhenum murmur, et omnes
exiluere loco. quae tantum carbasa ponto,
quae bello sic tela uolant, quae nubila caelo?
amnibus hibernis minor est, minor impetus igni,
tardius astra cadunt, glomerati tardius imbres,
tardius e summo decurrunt flumina monte.
emissos uidere atque agnouere Pelasgi,
et iam rapti oculis, iam caeco puluere mixti
una in nube latent, uultusque umbrante tumultu
uix inter sese clamore et nomine noscunt.
euoluere globum, et spatio quo quisque ualebat
diducti. delet sulcos iterata priores
orbita, nunc auidi prono iuga pectore tangunt,
nunc pugnante genu et pressis duplicantur habenis.
colla toris crinita tument, stantesque repectit
aura iubas, bibit albentes humus arida nimbos.
fit sonus immanisque pedum tenuisque rotarum:
nulla manu requies, densis insibilat aer
uerberibus; gelida non crebrior exilit Arcto
grando, nec Oleniis manant tot cornibus imbres.
senserat adductis alium praesagus Arion
stare ducem loris, dirumque expauerat insons
Oedipodioniden; iam illinc a limine discors
iratusque oneri solito truculentior ardet.

corre às pontas dos membros um gelo animoso.
Dono e corcel, o ardor igual; fachos nos olhos,
lábios soam batendo, espuma e sangue ao ferro
queimam; se opor à força não podem as celas
ou postes; da oprimida raiva, esfuma o fôlego.
A espera é aflita, os passos perecem, milhares,
antes de ir, fere o grave casco o longe campo.
Fiéis os cercam, das crinas os cachos e os nós
desfazem e a coragem firmam, muito expondo.
Ressoa, adiante, o ruído Tirreno e, então, todos
saem dos postos. Que velas, tamanhas, no mar,
na luta, assim, que lanças, que nuvens no céu?
Mais terno o rio hiemal, mais terno o ígneo elã,
mais lenta a lua cai, mais lenta a chuva abunda
e mais lento, de um monte elevado, o rio corre.
Como surgem, os veem e os sabem os Pelasgos,
mas do olhar já raptados, mistos a um pó baço,
em nuvens cobrem-se; no caos nublada a face,
a custo se conhecem chamando os seus nomes.
Giram em torno ao cepo, e cada um prevalece
em seu lugar. Retraça a rota os primos sulcos.
Ora, ardendo, de peito prono aos jugos tocam,
ora aos joelhos se dobram, e às pegadas rédeas.
Nervos incham os críneos colos, deita as hirtas
jubas um vento, e bebe a terra as alvas chuvas.
Dos pés, um som brutal e, das rodas, o agudo;
não há descanso à mão, sibila o ar com o relho:
nem mais crebro o granizo, do gelado Arturo,
se atira e nem, do chifre Oleno, chuvas tantas.
Vate, sentira Aríon que, impelindo a loros,
outro équite restava; insonte, o atro Edipônida
temeu. Já desde a linha do início em discórdia
e irado, mais violento que o comum se ardeu.

Inachidae credunt accensum laudibus; ille
aurigam fugit, aurigae furiale minatur
efferus, et campo dominum circumspicit omni.
ante tamen cunctos. sequitur longeque secundus
Amphiaraus agit, quem Thessalus aequat eundo
Admetus; iuxta gemini, nunc Euneos ante
et nunc ante Thoas, cedunt uincuntque, nec umquam
ambitiosa pios collidit gloria fratres.
postremum discrimen erant Chromis asper et asper
Hippodamus, non arte rudes, sed mole tenentur
cornipedum; prior Hippodamus fert ora sequentum,
fert gemitus multaque umeros incenditur aura.
sperauit flexae circum compendia metae
interius ductis Phoebeius augur habenis
anticipasse uiam; nec non et Thessalus heros
spe propiore calet, dum non cohibente magistro
spargitur in gyros dexterque exerrat Arion.
iam prior Oeclides et iam non tertius ibat
Admetus, laxo cum denique ab orbe reductus
aequoreus sonipes premit euaditque parumper
gauisos; subit astra fragor, caelumque tremescit,
omniaque excusso patuere sedilia uulgo.
sed nec lora regit nec uerbera pallidus audet
Labdacides: lassa ueluti ratione magister
in fluctus, in saxa ruit nec iam amplius astra
respicit et uictam proiecit casibus artem.
  rursus praecipites in recta ac deuia campi
obliquant tenduntque uias, iterum axibus axes
inflicti, radiisque rotae; pax nulla fidesque.
bella geri ferro leuius, bella horrida, credas;
is furor in laudes. trepidant mortemque minantur,
multaque transuersis praestringitur ungula canthis.
nec iam sufficiunt stimuli, non uerbera; uoce

Por glórias creem-no aceso os Inácios, mas ele
evita o auriga e ameaça, em frenesi, o auriga,
feroz, por todo o campo buscando o seu dono.
Antes do resto, o segue à distância, montando
o segundo, Anfiarau, a quem se iguala o Téssalo
Admeto; em gêmeos jugos, à frente ora Euneu,
ora Toas: e um perde, outro vence, mas nunca,
ambiciosa, entrechoca os pios irmãos a glória.
O atroz Crômis, por último, e Hipodamo atroz:
na arte não rudes, tarda o peso dos cornípedes;
Hipodamo, o primeiro, do outro sente a boca,
sente os gemidos, ardem os ombros com o bafo.
O vate Fêbeo achou que, rente ao flexo marco,
inda mais perto o carro levando com as rédeas
encurtaria o curso; e o Téssalo herói queima
por se acercar, enquanto, não retendo o guia,
se espalha à curva e perde-se à direita Aríon.
À frente estava o Eclida e, terceiro, não longe,
Admeto, quando, enfim, de vasto curso vindo,
força o corcel undíssono e aos ledos de pouco
foge; o som sobe aos astros, o céu estremece,
e os acentos com o salto do povo se mostram.
Mas nem os loros rege ou, pálido, o Labdácida
ouve os relhos: qual, lassa a razão, um piloto
às ondas vai, e às pedras, sem os astros muito
sondar, lançando à sorte o seu saber vencido.

Prestes, de novo, em frente e no través do campo
escapam e acham rumo; e outra vez, eixo a eixo,
raios em rodas, batem: nem trégua ou confiança.
Mais lesta a luta à ferro, a horrenda luta, pensas:
à glória, este o furor. A morte ameaçam, tremem,
ferem-se os muitos cascos nas rodas transversas.
Nem bastam mais as puas, nem relhos; com a voz,

nominibusque cient Pholoen Admetus et Irin
funalemque Thoen, rapidum Danaeius augur
Ascheton increpitans meritumque uocabula Cycnum.
audit et Herculeum Strymon Chromin, Euneon audit
igneus Aetion; tardumque Cydona lacessit
Hippodamus, uariumque Thoas rogat ire Podarcen.
solus Echionides errante silentia curru
maesta tenet trepidaque timet se uoce fateri.
  uixdum coeptus equis labor, et iam puluere quarto
campum ineunt, iamque et tepidis sudoribus artus
effeti, et crassum rapit eiectatque uaporem
cornipedum flammata sitis, nec iam integer illis
impetus, et longi suspendunt ilia flatus.
hic anceps Fortuna diu decernere primum
ausa uenit. ruit, Haemonium dum feruidus instat
Admetum superare, Thoas, nec praetulit ullam
frater opem. uelit ille quidem, sed Martius ante
obstitit Hippodamus mediasque immisit habenas.
mox Chromis Hippodamum metae interioris ad orbem
uiribus Herculeis et toto robore patris
axe tenet prenso; luctantur abire iugales
nequiquam frenosque et colla rigentia tendunt.
ut Siculas si quando rates tenet aestus et ingens
auster agit, medio stant uela tumentia ponto.
tunc ipsum fracto curru deturbat et isset
ante Chromis; sed Thraces equi ut uidere iacentem
Hippodamum, redit illa fames, iam iamque trementem
partiti furiis, ni frena ipsosque frementes
oblitus palmae retro Tirynthius heros
torsisset uictusque et collaudatus abisset.
  at tibi promissos iamdudum Phoebus honores,
Amphiarae, cupit. tandem ratus apta fauori
tempora puluerei uenit in spatia horrida circi,

por seus nomes, provoca Admeto a Fóloe, e Íris
e, atada à corda, a Toe; e o Dânao vate ao célere
Ásqueton clama e, digno de seu nome, a Cicno.
Ouve a Crômis Hercúleo Estrímon, a Euneu ouve
o ígneo Etíon, e Hipodamo fustiga o mais lento
Cídon; que urja, o malhado Podarce insta Toas.
O Equiônida, somente, em carro errante, triste
mudez mantém: com frouxa voz teme se expor.
Mal surge ao pingo o afã, e com a quarta poeira
cobrem o campo; os membros já em tíbio suor,
lassos, de um denso bafo se apodera e o expira
a flâmea sede equina: e ora, deles, não íntegra
é a força, e longos sopros suspendem os flancos.
Há muito incerta, audaz vem a Fortuna ao primo
eleger. Rui, enquanto urgia o ardente Hemônio
por superar a Admeto, Toas – nenhum préstimo
trouxe o irmão. Ele anseia, mas adiante, Márcio,
se coloca Hipodamo e, ao entre, lança as rédeas.
Nisso, pois, no contorno à meta interna, Crômis,
a Hipodamo, com Hercúleo viço e a pátria força,
com eixo preso detém; livrar-se os jugos tentam,
em vão, e aos freios tendem, firmes, as cervizes.
Tal quando a remos Sículos veta o mar, o amplo
Austro agindo: no meio da água, velas túmidas.
Ao outro, então, do roto carro empurra, adiante,
Crômis; e vendo os Trácios corcéis ao jazente
Hipodamo, sua fome, aquela, volta e ao trépido
com fúria partiriam se aos freios e aos rábidos,
das palmas olvidado, em retro o herói Tiríntio
não torcesse, vencido e aclamado afastando-se.
Mas Febo anseia as honras já por ti juradas,
Anfiarau. Crendo, enfim, oportuna ao socorro
a hora, entra no espaço atroz do poento circo

cum iam in fine uiae, et summum uictoria nutat;
anguicomam monstri effigiem, saeuissima uisu
ora, mouet siue ille Erebo seu finxit in astus
temporis, innumera certe formidine cultum
tollit in astra nefas. non illud ianitor atrae
impauidus Lethes, non ipsae horrore sine alto
Eumenides uidisse queant, turbasset euntes
Solis equos Martisque iugum. nam flauus Arion
ut uidit, saliere iubae, atque erectus in armos
stat sociumque iugi comitesque utrimque laboris
secum alte suspendit equos. ruit ilicet exul
Aonius nexusque diu per terga uolutus
exuit: abripitur longe moderamine liber
currus; at hunc putri praeter tellure iacentem
Taenarii currus et Thessalus axis et heros
Lemnius obliqua, quantum uitare dabatur,
transabiere fuga. tandem caligine mersum
erigit accursu comitum caput aegraque tollit
membra solo, et socero redit haud speratus Adrasto.
  quis mortis, Thebane, locus, nisi dura negasset
Tisiphone, quantum poteras dimittere bellum!
te Thebe fraterque palam, te plangeret Argos,
te Nemea, tibi Lerna comas Larisaque supplex
poneret, Archemori maior colerere sepulcro.
  tum uero Oeclides, quamquam iam certa sequenti
praemia, cum uacuus domino praeiret Arion,
ardet adhuc cupiens uel inanem uincere currum.
dat uires refouetque deus; uolat ocior Euro,
ceu modo carceribus dimissus in arua solutis,
uerberibusque iubas et terga lacessit habenis
Ascheton increpitansque leuem Cycnumque niualem.
nunc saltem, dum nemo prior, rapit igneus orbes
axis, et effusae longe sparguntur harenae.

com o curso ao fim: vacila a vitória a vez última;
e monstra efígie anguícoma, à visão sevíssima
face, que moveu do Érebo ou fixou, na astúcia
do instante, com incontáveis medos cultivada,
alçou ao céu – o nefas; nem o guarda impávido
do atro Letes, sem forte terror, ou as próprias
Erínias, podem vê-la, e assustaria aos céleres
corcéis do Sol e ao Márcio jugo. O fulvo Aríon,
vendo, a crina eriçou e parou sobre os quartos,
seu par no jugo e, aos lados, os sócios nas lidas
consigo no alto erguendo. Nisso, pulou o êxule
Aônio: há muito os laços revolvendo às costas
despegou: livre há tempos de controle, escapa
o carro; mas, estando exposto em terra podre,
o eixo Tênare, o carro Téssalo e, da Lêmnia,
o herói, o quão possível foi desviar, com oblíqua
manobra o ultrapassaram. Imerso em caligem,
vindo os sócios, levanta a face e, lassos, ergue
os membros, como o sogro Adrasto não previa.

Que azo à morte, Tebano, se, atra, não negasse
Tisífone! Quão grande guerra obstar puderas!
Tebas e o mano, às claras, e Argos chorariam,
e a Nêmea; a coma, Lérnea e a rogante Larissa
deporiam, maior que o Arquêmoro o sepulcro.

E então, o Eclida, embora já certos ao próximo
os prêmios – e já, livre, ante seu dono Aríon –,
arde, querendo ainda ao carro inane impor-se.
Dá força e aviva o deus; mais ágil que Euro voa,
ou qual, celas abertas, o enviassem aos agros;
com açoite as jubas fere e com rédeas as costas,
ao hábil Ásqueton punindo, e a Cicno, o níveo.
Ninguém à frente, agora rompe o curso, ígneo,
o eixo, e longe as esparsas areias se espalham.

dat gemitum tellus et iam tum saeua minatur.
forsitan et uicto prior isset Arione Cycnus,
sed uetat aequoreus uinci pater: hinc uice iusta
gloria mansit equo, cessit uictoria uati.
huic pretium palmae gemini cratera ferebant
Herculeum iuuenes: illum Tirynthius olim
ferre manu sola spumantemque ore supino
uertere, seu monstri uictor seu Marte, solebat.
Centauros habet arte truces aurumque figuris
terribile: hic mixta Lapitharum caede rotantur
saxa, faces aliique iterum crateres; ubique
ingentes morientum irae; tenet ipse furentem
Hylaeum et torta molitur robora barba.
at tibi Maeonio fertur circumflua limbo
pro meritis, Admete, chlamys repetitaque multo
murice: Phrixei natat hic contemptor ephebus
aequoris et picta tralucet caerulus unda;
in latus ire manu mutaturusque uidetur
bracchia, nec siccum speres in stamine crinem;
contra autem frustra sedet anxia turre suprema
Sestias in speculis, moritur prope conscius ignis.
has Adrastus opes dono uictoribus ire
imperat; at generum famula solatur Achaea.
    sollicitat tunc ampla uiros ad praemia cursu
praeceleres: agile studium et tenuissima uirtus,
pacis opus, cum sacra uocant, nec inutile bellis
subsidium, si dextra neget. prior omnibus Idas,
nuper Olympiacis umbratus tempora ramis,
prosilit; excipiunt plausu Pisaea iuuentus
Eleaeque manus. sequitur Sicyonius Alcon,
et bis in Isthmiaca uictor clamatus harena
Phaedimus, alipedumque fugam praegressus equorum
ante Dymas, sed tunc aeuo tardante secutus.

Geme a terra e, no então já feroz, faz ameaças.
Talvez, vencido Aríon, Cicno à frente andasse,
mas veta o áqueo pai que perda: e, sorte justa,
guarda a glória o corcel, cabe ao vate a vitória.
A ele, às palmas paga, a taça trazem, gêmeos
jovens, Hercúlea: aquela que, antes, o Tiríntio
numa só mão pegar e, na boca, o espumante
verter, vencendo a Marte ou a monstros, usava.
Na arte, feros Centauros tem, ouro em terríveis
formas: são postas, mistas à morte dos Lápitas,
pedras, tochas, mais taças; por toda a extensão,
dos que morrem, as iras; e ele, atado ao rábido
Hileu, de barba torsa, e brandindo a sua clava.
A ti, porém, por banda Meônia ornada, trazem
por teu mérito, Admeto, manta tinta em muito
múrex: o efebo, aqui, ao mar Frixeu calcando,
nada e, cerúleo, espelha em estampadas ondas;
nos lados vão suas mãos, parece estar trocando
os braços: seca, a mecha não penses no estame;
no oposto, em vão, ansiosa senta, em alta torre,
a Séstia e observa: morre, perto, o cônscio fogo.
Obras que aos vencedores, por dom, manda dar
Adrasto; ao genro afaga com uma escrava Acaia.
Incita a prêmios amplos os homens mais céleres
a pé: de astúcia o esforço, e virtude tenuíssima,
obra de paz, se chama o sacro, à guerra auxílio
certo, se a destra negam. Antes de outros, Idas,
recém sombreada a fronte de Olímpicos ramos,
se lança; espera o jovem de Pisa com aplausos,
e as tropas Éleas. Seguem-no Álcon, de Sícion,
e, duas vezes campeão na arena Ístmica ovado,
Fédimo e, na dianteira em corridas de alípedes
no passado, mas que, ora, a idade tarda, Dimas.

multi et, quos uarii tacet ignorantia uulgi,
hinc atque hinc subiere. sed Arcada Parthenopaeum
appellant densique cient uaga murmura circi.
nota parens cursu; quis Maenaliae Atalantes
nesciat egregium decus et uestigia cunctis
indeprensa procis? onerat celeberrima natum
mater, et ipse procul fama iam notus inermes
narratur ceruas pedes inter aperta Lycaei
tollere et emissum cursu deprendere telum.
tandem expectatus uolucri super agmina saltu
emicat et torto chlamydem diffibulat auro.
effulsere artus, membrorumque omnis aperta est
laetitia, insignes umeri, nec pectora nudi
deteriora genis, latuitque in corpore uultus.
ipse tamen formae laudem aspernatur et arcet
mirantes; tunc Palladios non inscius haustus
incubuit pinguique cutem fuscatur oliuo.
hoc Idas, hoc more Dymas aliique nitescunt.
sic ubi tranquillo perlucent sidera ponto
uibraturque fretis caeli stellantis imago,
omnia clara nitent, sed clarior omnia supra
Hesperus exercet radios, quantusque per altum
aethera, caeruleis tantus monstratur in undis.
proximus et forma nec multum segnior Idas
cursibus atque aeuo iuxta prior; attamen illi
iam tenuem pingues florem induxere palaestrae,
deserpitque genis nec se lanugo fatetur
intonsae sub nube comae. tunc rite citatos
explorant acuuntque gradus, uariasque per artes
instimulant docto languentia membra tumultu:
poplite nunc sidunt flexo, nunc lubrica forti
pectora collidunt plausu, nunc ignea tollunt
crura breuemque fugam necopino fine reponunt.

E muitos que, do vário vulgo, cala a insciência,
passam, daqui e dali. E a Partenopeu, o Árcade,
chama e o sabe, do denso circo, o ruído errante.
De curso, nota a mãe: quem da Atalante Ménala
não sabe a egrégia graça, os passos misteriosos
para os noivos? Oprime ao filho a famosíssima
mãe; ao próprio, já longe sua fama, as inermes
corsas, a pé, descrevem entre os Liceus planos
caçando, e lança enviada apanhando no curso.
Por fim, num salto alado, ansiado, sobre o povo
se atira e, à manta sua, desprende a áurea fíbula.
brilham os braços, todo se mostra dos membros
o encanto, os nobres ombros e o peito de um nu
qual da face, e se esconde no corpo o seu rosto.
O próprio, entanto, enjeita a loa à forma, os fãs
afasta e, então, em haustos Paládios, não ínscio,
mergulha, escurecendo, em óleo graxo, a pele.
Idas, disso, tal o uso, e Dimas, e outros brilham.
Assim, quando cintilam no mar calmo os astros,
e, do céu, treme a imagem no estrelado abismo,
luzem claras as coisas, mas, que isso mais claro,
conduz Hespério os raios: tão grandes no sumo
celeste são mostrados, como em ondas cérulas.
Na forma afim, eis Idas, não muito mais lento,
perto em idade, a mais uns anos; nele, entanto,
de palestra encobriram a flor tênue os pingues;
descem, de arrasto, à face felpas, sem se darem
sob coma intonsa. E então, em tempo, a rapidez
testam e os passos pungem, de formas variadas
com douto gesto incitam os membros cansados:
flexo o joelho, ora agacham, ora, forte, ao liso
peito suas palmas batem, ora as ígneas pernas
erguem, e breve pique em brusco fim parando.

ut ruit atque aequum summisit regula limen,
corripuere leues spatium, campoque refulsit
nuda cohors: uolucres isdem modo tardius aruis
isse uidentur equi; credas e plebe Cydonum
Parthorumque fuga totidem exiluisse sagittas.
non aliter, celeres Hyrcana per auia cerui
cum procul impasti fremitum accepere leonis
siue putant, rapit attonitos fuga caeca metusque
congregat, et longum dant cornua mixta fragorem.
effugit hic oculos rapida puer ocior aura
Maenalius, quem deinde gradu premit horridus Idas
inspiratque umero, flatuque et pectoris umbra
terga ferit. post ambiguo discrimine tendunt
Phaedimus atque Dymas, illis celer imminet Alcon.
flauus ab intonso pendebat uertice crinis
Arcados; hoc primis Triuiae pascebat ab annis
munus et, Ogygio uictor cum Marte redisset,
nequiquam patriis audax promiserat aris.
tunc liber nexu lateque in terga solutus
occursu Zephyri retro fugit et simul ipsum
impedit infestoque uolans obtenditur Idae.
inde dolum iuuenis fraudique accommoda sensit
tempora; iam finem iuxta, dum limina uictor
Parthenopaeus init, correpto crine reductum
occupat, et longe primus ferit ostia portae.
Arcades arma fremunt, armis defendere regem,
ni raptum decus et meriti reddantur honores,
contendunt totoque parant descendere circo.
sunt et quis Idae placeat dolus. ipse regesta
Parthenopaeus humo uultumque oculosque madentes
obruit, accessit lacrimarum gratia formae.
pectora nunc maerens, nunc ora indigna cruento
ungue secat meritamque comam; furit undique clamor

Assim que a régua ruiu, nivelando a barreira,
o espaço, ágeis, tomaram, no campo fulgindo
a nua coorte: há pouco, ali, mais lerdos foram,
parece, os corcéis: crês, de uma turba Cidônia
ou Parta fuga, voassem outras tantas flechas.
Assim, os lestos cervos nos campos Hircânios,
ao longe, de leão faminto o estrondo ouvindo
ou crendo, pasmos, rapta a cega fuga e o medo
reúne: se chocando, alto os chifres retumbam.
Foge aos olhos, mais rápido que o veloz vento,
o Ménalo, a quem Idas preme, atroz seguindo,
arfa à nuca e com o hálito e a sombra do peito
às costas bate. Após, em dúbia luta, embatem
Fédimo e Dimas, Álcon junto aos dois, ligeiro.
Flavas, do intonso vértex, pendiam as Árcades
mechas: nutria à Trívia, desde os primos anos,
um dom; de Ogígio Marte voltando triunfante,
com audácia, em vão às pátrias aras as sagrara.
Do elo então livre e, ao longo, pelas costas solto,
voa p'ra trás, ao Zéfiro de encontro, e ao próprio
obstrui enquanto, alado, encobre o infesto Idas.
Um logro o jovem sente e adequado ao engano
o instante; o fim já perto e, vencedor chegando
Partenopeu, segura as suas mechas puxando-o,
passa e, primeiro, atinge, da porta, as entradas.

Da Arcádia soam armas, com armas o rei guardam:
p'ra que as glórias não levem, e as honras devidas,
brigam, e p'ra descer em todo o circo ajustam-se.
A alguns agrada o logro de Idas. Lança o próprio
Partenopeu a terra, e ao rosto e aos olhos úmidos
cobre, das lágrimas somando, à forma, a estima.
Triste, ao peito e também à proba face, com unhas
cruentas arranha, e à digna coma; atiça um grito

dissonus, ambiguumque senis cunctatur Adrasti
consilium. tandem ipse refert: “compescite litem,
o pueri! uirtus iterum temptanda; sed ite
limite non uno, latus hoc conceditur Idae,
tu diuersa tene; fraus cursibus omnis abesto.”
audierant, dictoque manent. mox numina supplex
affatu tacito iuuenis Tegeaeus adorat:
“diua potens nemorum – tibi enim hic, tibi crinis honori
debitus, eque tuo uenit haec iniuria uoto –,
si bene quid genetrix, si quid uenatibus ipse
promerui, ne, quaeso, sinas hoc omine Thebas
ire nec Arcadiae tantum meruisse pudorem.”
auditum manifesta fides: uix campus euntem
sentit, et exilis plantis interuenit aer,
raraque non fracto uestigia puluere pendent.
irrumpit clamore fores, clamore recurrit
ante ducem prensaque fouet suspiria palma.
finiti cursus, operumque insignia praesto.
Arcas equum dono, clipeum gerit improbus Idas,
cetera plebs Lyciis uadit contenta pharetris.
tunc uocat, emisso si quis decernere disco
impiger et uires uelit ostentare superbas.
it iussus Pterelas et aenae lubrica massae
pondera uix toto curuatus corpore iuxta
deicit; inspectant taciti expenduntque laborem
Inachidae. mox turba ruunt, duo gentis Achaeae,
tres Ephyreiadae, Pisa satus unus, Acarnan
septimus; et plures agitabat gloria, ni se
arduus Hippomedon cauea stimulante tulisset
in medios, lateque ferens sub pectore dextro
orbem alium: “hunc potius, iuuenes, qui moenia saxis
frangere, qui Tyrias deiectum uaditis arces,
hunc rapite: ast illud cui non iaculabile dextrae

dissonante e, do ancião Adrasto, tarda o incerto
juízo. Enfim, diz: “Cessai, ó crianças, este pleito!
Que a virtude outra vez se prove, mas sem irdes
na mesma pista: a Idas, que um dos lados deem;
tu manténs o outro; ausente-se a fraude no curso.”
    Ouvem e o dito atendem. Logo, a numes, súplice,
com silente discurso, o jovem Tégeo implora:
“Deusa, força dos bosques, em tua honra a coma
devida, e vem-me a injúria justo de um teu voto;
se o bem a mãe e eu mesmo mereci com as caças,
eu peço: a Tebas, com esse augúrio não me deixes
marchar, nem adquirir, p’ra Arcádia, tanto pejo.”
Da fé a deusa ao que ouve: mal o campo o sente
correndo, e um ar delgado entre seus pés se põe,
poucos passos pesando sobre a poeira incólume.
Num grito, irrompe às portas, num grito retorna
ante o rei e aos suspiros calma, as palmas juntas.
Findo o curso e, dos feitos, prontas as insígnias.
Ao Árcade um corcel, um clípeo a Idas ímprobo;
os que restam, com aljavas Lícias ledos seguem.
    Chama, então, ao combate com discos lançados,
os bravios, quem sua força quer mostrar suprema.
Terela à ordem vem: da brônzea massa, o lúbrico
peso, curvado o corpo inteiro, ao pé com o ardor
lança; em silêncio, assistem e, a faina, os Inácios
ponderam. Logo, surge a turba: de Aqueus dois,
de Epiro três, de Pisa um basta e, de Acarnânios,
são sete; e a glória a muitos movendo, não fosse
Hipomedonte, o altivo, a audiência o incitando,
entre eles, carregando à destra, esconso ao peito,
outro disco: “este, jovens que p’ra muro a pedras
vastar marchais, e p’ra arruinar da Tíria os arcos:
tomai este; a qual destra, do outro, não é míssil

pondus?” et arreptum nullo conamine iecit
in latus. absistunt procul attonitique fatentur
cedere; uix unus Phlegyas acerque Menestheus
– hos etiam pudor et magni tenuere parentes –
promisere manum; concessit cetera pubes
sponte et adorato rediit ingloria disco.
qualis Bistoniis clipeus Mauortis in aruis
luce mala Pangaea ferit solemque refulgens
territat incussaque dei graue mugit ab hasta.
Pisaeus Phlegyas opus incohat et simul omnes
abstulit in se oculos: ea uiso corpore uirtus
promissa. ac primum terra discumque manumque
asperat, excusso mox circum puluere uersat,
quod latus in digitos, mediae quod certius ulnae
conueniat, non artis egens: hic semper amori
ludus erat, patriae non tantum ubi laudis obiret
sacra, sed alternis Alpheon utrumque solebat
metari ripis et, qua latissima distant,
non umquam merso transmittere flumina disco.
ergo operum fidens non protinus horrida campi
iugera, sed caelo dextram metitur, humique
pressus utroque genu collecto sanguine discum
ipse super sese rotat atque in nubila condit.
ille citus sublime petit similisque cadenti
crescit in aduersum, tandemque exhaustus ab alto
tardior ad terram redit atque immergitur aruis.
sic cadit, attonitis quotiens auellitur astris,
Solis opaca soror; procul auxiliantia gentes
aera crepant frustraque timent, at Thessala uictrix
ridet anhelantes audito carmine bigas.
collaudant Danai, sed non tibi molle tuenti,
Hippomedon, maiorque manus speratur in aequo.
atque illi extemplo, cui spes infringere dulce

o peso?" Sem nenhum esforço o empunha e joga
ao lado. Ao largo afastam-se e, pasmos, se dizem
vencidos. Flégias, só, e o atroz Menesteu – estes,
pois, o pudor e os magnos pais forçam – a custo
as mãos empregam; cede o restante dos púberes,
opção sua, e retornam do orbe ilustre inglórios.
Tal como, em campos Bístones, o Márcio clípeo
fere o Pangeu com prava luz, com brilho ao sol
assusta e com a haste inserta do deus soa grave.
Flégias, de Pisa, as obras abre, e os olhos todos
em si concentra: a força, as formas do seu corpo
asseguram. Primeiro, o disco e a mão com terra
engrossa; então, batido o pó, volve-o e revolve:
qual lado aos dedos, qual, no braço, mais exato
se ajusta, e não sem arte: com amor, a este jogo
teve, e não só pleiteando nos sacros da honrada
pátria: de um lado a outro, do Alfeu costumava
medir as margens e, onde mais largas distavam,
atravessar com um disco nunca imerso o flume.
Confiado, pois, nas obras, não as jeiras hórridas
mediu do campo: a destra sim, com céu; premido
no chão um joelho, o disco, reunido seu sangue,
sobre si próprio arroja e, nas nuvens, o esconde.
Veloz, ao cimo assalta e, a um cadente semelho,
cresce, ao inverso; enfim, consumido, dos altos
mais lento à terra volta e nos campos se afunda.
Assim cai, quando aos pasmos astros arrancada,
do Sol a opaca irmã; um auxílio, longe as gentes
batem no bronze e temem; vencedora, a Téssala
ri, porque ouvido o carme seu, de arfantes bigas.
Muito louvam os Dânaos, não te vendo afáveis,
Hipomedonte, e o lance creem maior no plano.
De brusco, a ele – e é doce a ela quebrar crenças

immodicas, Fortuna uenit. quid numina contra
tendere fas homini? spatium iam immane parabat,
iam ceruix conuersa, et iam latus omne redibat:
excidit ante pedes elapsum pondus et ictus
destituit frustraque manum demisit inanem.
ingemuere omnes, rarisque ea uisa uoluptas.
inde ad conatus timida subit arte Menestheus
cautior, et multum te, Maia crete, rogato
molis praeualidae castigat puluere lapsus.
illa manu magna et multum felicior exit,
nec partem exiguam circi transuecta quieuit.
fit sonus, et fixa signatur terra sagitta.
tertius Hippomedon ualida ad certamina tardos
molitur gressus; namque illum corde sub alto
et casus Phlegyae monet et fortuna Menesthei.
erigit assuetum dextrae gestamen, et alte
sustentans rigidumque latus fortesque lacertos
consulit ac uasto contorquet turbine, et ipse
prosequitur. fugit horrendo per inania saltu
iamque procul meminit dextrae seruatque tenorem
discus, nec dubia iunctaue Menesthea uictum
transabiit meta: longe super aemula signa
consedit uiridesque umeros et opaca theatri
culmina ceu latae tremefecit mole ruinae:
quale uaporifera saxum Polyphemus ab Aetna
lucis egente manu tamen in uestigia puppis
auditae iuxtaque inimicum exegit Vlixen.
[sic et Aloidae, cum iam calcaret Olympum
desuper Ossa rigens, ipsum glaciale ferebant
Pelion et trepido sperabant iungere caelo.]
tum genitus Talao uictori tigrin inanem
ire iubet, fuluo quae circumfusa nitebat
margine et extremos auro mansueuerat ungues.

nímias – vem a Fortuna. Contra os céus que fás
cabe aos homens? E espaço vasto já planeava,
cerviz já torsa e, inteiro, um lado seu voltando:
ante seus pés findou, lançado, o peso; ao golpe
interrompeu e, em vão, sua mão baixou, inane.
Lamenta o povo, e a poucos dá prazer o visto.
Menesteu, de arte pouca, avança então à prova,
mais cauto; muito a ti, de Maia ó nato, orando,
da massa grave emenda, com poeira, o verniz.
Da magna mão, com muito mais sorte, ela sai:
parou tendo, do circo, ampla extensão cruzado.
Faz-se um som, e uma seta, fixa, marca a terra.
Terceiro, Hipomedonte ao certame seus tardos
passos empenha, visto que, fundo em seu peito,
de Flégias lembra a ação, de Menesteu a sorte.
Traça frequente gesto com a destra e, no cimo
sustendo teso o lado e fortes os seus músculos,
pondera e com ancho giro propele, ele próprio
seguindo. Pelos vácuos sai com horrendo salto
e, distante, relembra a destra e guarda o curso
o disco: nem por dúbia ou rente meta, ao findo
Menesteu passa e, longe além da marca hostil,
repousa; os verdes ombros e do teatro os altos
foscos treme, tal massa de grandes escombros:
como a rocha que, do Etna fúmeo, Polifemo,
com a mão, da luz privado mas da popa o rasto
sendo ouvido, lançasse ao pé do hostil Ulisses.
[E assim, os Aloídas, tendo opresso o Olimpo,
de cima, o Ossa gelado, o próprio Pélio álgido
levavam e, ao céu trépido, uni-lo esperavam.]
O Taláonide, então, ao triunfante, oco tigre
manda que deem: infusa em fulvo luz a borda,
e os extremos das garras em ouro se acalmam.

Cnosiacos arcus habet et uaga tela Menestheus.
“at tibi,” ait, “Phlegya, casu frustrate sinistro,
hunc, quondam nostri decus auxiliumque Pelasgi,
ferre damus, neque enim Hippomedon inuiderit, ensem.
nunc opus est animis: infestos tollite caestus
comminus; haec bellis et ferro proxima uirtus.”
constitit immanis cerni immanisque timeri
Argolicus Capaneus, ac dum nigrantia plumbo
tegmina cruda boum non mollior ipse lacertis
induitur, “date tot iuuenum de milibus unum
huc,” ait, “atque utinam potius de stirpe ueniret
aemulus Aonia, quem fas demittere leto,
nec mea crudelis ciuili sanguine uirtus.”
obstipuere animi, fecitque silentia terror.
tandem insperatus nuda de plebe Laconum
prosilit Alcidamas: mirantur Dorica regum
agmina, sed socii fretum Polluce magistro
norant et sacras inter creuisse palaestras.
ipse deus posuitque manus et bracchia finxit
– materiae suadebat amor; tunc saepe locauit
comminus, et simili stantem miratus in ira
sustulit exultans nudumque ad pectora pressit.
illum indignatur Capaneus ridetque uocantem,
ut miserans, poscitque alium; tandemque coactus
restitit, et stimulis iam languida colla tumescunt.
fulmineas alte suspensi corpora plantis
erexere manus; tuto procul ora recessu
armorum in speculis, aditusque ad uulnera clausi.
hic, quantum Stygiis Tityos consurgat ab aruis,
si toruae patiantur aues, tanta undique pandit
membrorum spatia et tantis ferus ossibus extat.
hic paulo ante puer, sed enim maturius aeuo
robur, et ingentes spondet tener impetus annos,

Menesteu ganha vagas setas e arcos Cnóssios.
"Mas a ti," disse, "Flégias, por sestro abatido,
– outrora nossa honra, o auxílio do Pelasgo –
damos, que Hipomedonte não arda, este ferro.
Ora, é de ânimo o esforço: erguei os cestos vis
face a face; virtude rente à guerra e ao ferro."

Detém-se, imenso aos olhos e imenso ao pavor,
o Argivo Capaneu e, com chumbo as couraças
de boi, negras e cruas, não tenras, nos ombros
vestindo: "dai um jovem dos tantos guerreiros
aqui," disse, "e melhor se viesse, pois, da raça
Aônia o opoente, a quem à morte é fás lançar,
nem meu valor cruel será com sangue pátrio."
Os ânimos se aturdem, o horror traz silêncio.
O imprevisto, por fim: dentre os Lacônios nus,
surge Alcídamas; pasmam-se as Dóricas tropas
dos reis, mas suportado por Pólux seus sócios
o sabem, e entre as sacras palestras crescido.
O próprio deus dispôs as mãos e fez os braços
– excita o amor à carne; então, se pôs em face:
pasma que a raiva seja a mesma ali em ambos;
contente então o toma e ao peito aperta o nu.
Capaneu o desdenha e, do acinte, escarnece
qual por piedade: pede outro; no fim, forçado,
resiste: os colos débeis do influxo turgescem.

Fulmíneas, corpos postos nas pontas dos pés,
sobem as mãos, em salvo abrigo as faces longes,
entre guarda de braços: ínvio o acesso às chagas.
Um, grande qual, de Estígios agros vindo, Tício,
se as torvas aves deixam, por muito expandindo
dos membros a extensão, feroz com largos ossos.
O outro, jovem de há pouco, força mais madura
que a idade, o tenro ardor fadando anos ilustres,

quem uinci haud quisquam saeuo neque sanguine tingi
malit, et erecto timeat spectacula uoto.
ut sese permensi oculis et uterque priorem
sperauere locum, non protinus ira nec ictus:
alternus paulum timor et permixta furori
consilia; inclinant tantum contraria iactu
bracchia et explorant caestus hebetantque terendo.
doctior hic differt animum metuensque futuri
cunctatus uires dispensat: at ille nocendi
prodigus incautusque sui ruit omnis et ambas
consumit sine lege manus atque irrita frendit
insurgens seque ipse premit. sed prouidus astu
et patria uigil arte Lacon hos reicit ictus,
hos cauet; interdum nutu capitisque citati
integer obsequio, manibus nunc obuia tela
discutiens, instat gressu uultuque recedit:
saepe etiam iniustis collatum uiribus hostem
– is uigor ingenio, tanta experientia dextrae est –
ultro audax animis intratque et obumbrat et alte
assilit. ut praeceps cumulo salit unda minantes
in scopulos et fracta redit, sic ille furentem
circumit expugnans; leuat ecce diuque minatur
in latus inque oculos; illum rigida arma cauentem
auocat ac manibus necopinum interserit ictum
callidus et mediam designat uulnere frontem:
iam cruor, et tepido signantur tempora riuo.
nescit adhuc Capaneus subitumque per agmina murmur
miratur; uerum ut fessam super ora reduxit
forte manum et summo maculas in uellere uidit,
non leo, non iaculo tantum indignata recepto
tigris: agit toto cedentem feruidus aruo
praecipitatque retro iuuenem atque in terga supinat,
dentibus horrendum stridens, geminatque rotatas

o qual ninguém, vencido e tinto em sevo sangue,
prefere: a luta, então, com votos prontos temem.
Mediram-se com os olhos, um e outro aguardando
a prima ação – nem pronta a ira, e nem o golpe:
por pouco, alterna o medo, ao furor se juntando
um plano; apenas curvam, contrários aos socos,
os braços, veem os cestos e, batendo, os firmam.
Um, mais douto, temendo o porvir, freia o ânimo
e, incerto, guarda forças; mas o outro, em matar
excessivo, com tudo irrompe, incauto, e as duas
mãos consome sem lei, em vão aperta os dentes
golpeando e, a si, condena. Munido da astúcia,
o Lácon, na arte pátria atento, esquiva aos socos
e os apara; e um mover-se, então, da testa célere
um gesto, ileso, os dardos contrários com as mãos
dispersa, insta com um passo, com a face se afasta:
por vez, lutando um opoente de injusta potência,
no engenho bom vigor, da destra tanto o treino,
de ânimo audaz, adentra, nubla e do alto assalta.
Como onda lesta que com excesso pula em feros
rochedos e se rompe, ao fulo, assim, pugnando,
envolve; eis que levanta, por muito ameaçando,
o flanco e o rosto, e às duras armas e ao esquivo
chama, com as mãos encaixa um repentino soco,
astuto, e o meio marca da fronte com um rasgo:
o sangue, então, com tíbio rio assina a têmpora.
Capaneu não o sente e um rumor entre as tropas
pasma; mas quando, exausta, sobre a boca leva
por sorte a mão e as manchas vê no sumo velo,
nem leão com alvejado dardo assim se indigna,
nem tigre: ardendo, o acossa pelo campo todo,
p'ra trás empurra o jovem, torcendo suas costas;
e, horrendo, os dentes range, e duplica, rotantes,

multiplicatque manus. rapiunt conamina uenti,
pars cadit in caestus; motu Spartanus acuto
mille cauet lapsas circum caua tempora mortes
auxilioque pedum, sed non tamen immemor artis
aduersus fugit et fugiens tamen ictibus obstat.
  et iam utrumque labor suspiriaque aegra fatigant:
tardius ille premit, nec iam hic absistere uelox,
defectique ambo genibus pariterque quierunt.
sic ubi longa uagos lassarunt aequora nautas
et signum de puppe datum, posuere parumper
bracchia: uix requies, iam uox citat altera remos.
ecce iterum immodice uenientem eludit et exit
sponte ruens mersusque umeris: effunditur ille
in caput, assurgentem alio puer improbus ictu
perculit euentuque impalluit ipse secundo.
clamorem Inachidae, quantum non litora, tollunt,
non nemora. illum ab humo conantem ut uidit Adrastus
tollentemque manus et non toleranda parantem:
“ite, oro, socii, furit, ite, opponite dextras,
festinate, furit, palmamque et praemia ferte!
non prius, effracto quam misceat ossa cerebro,
absistet, uideo; moriturum auferte Lacona.”
nec mora, prorumpit Tydeus, nec iussa recusat
Hippomedon; tunc uix ambo conatibus ambas
restringunt cohibentque manus ac plurima suadent:
“uincis, abi; pulchrum uitam donare minori.
noster et hic bellique comes.” nil frangitur heros,
ramumque oblatumque manu thoraca repellit
uociferans: “liceat! non has ego puluere crasso
atque cruore genas, meruit quibus iste fauorem
semiuir, foedem, mittamque informe sepulcro
corpus et Oebalio donem lugere magistro?”
dicit; at hunc socii tumidum et uicisse negantem

e amplia as mãos. Recebem os ventos o esforço,
parte nos cestos cai; num giro brusco, escapa
o Espartano às mil mortes lançadas às têmporas,
e com ajuda dos pés; da arte inda não imêmore,
enfrentado ele foge e, fugindo, obsta os socos.

Já a ambos, o labor fadiga, e os tensos sopros:
mais lento um preme; foge, nada veloz, o outro.
Dos dois, os joelhos findam e, juntos, repousam.
Tal como, a vagos nautas cansando o mar largo,
da popa faz-se o gesto e, por um tempo, pausam
os braços: mal repousam, e a voz pede os remos.
Eis, de novo, ao que ataca ilude e evita com ânsia
nímia, esquivo, entre os ombros. Aquele projeta
a face; o ávido jovem, com um soco o adversário
atinge, e com o segundo evento o outro empalece.
Clamam Inácios, nunca assim tão alto em praias
e bosques. Vendo-o Adrasto no chão empenhado,
suas mãos erguendo e preparando o intolerável:
“Ide, eu peço, homens, ide, enfurece! A mão dai,
correi, ele enfurece! As palmas dai, os prêmios!
Antes que os ossos junte a um cérebro frangido,
não volta, eu sei; expiante, ao Lacônio acorrei!”
Sem demora, Tideu irrompe, à ordem não foge
Hipomedonte; e então, a custo, ambos a ambas
as mãos contêm e firmam, muito aconselhando:
“Venceste, cessa: é belo, ao pior, poupar a vida.
É nosso igual na guerra.” Não se move o herói
e o ramo e o couro afasta do peito com as mãos,
gritando: “Deixa! Em gordo pó e sangue, a face,
esta, com qual obteve estima este semi-homem,
não vou meter, e enviar a um sepulcro informe
o corpo dando ao mestre Ebálio p’ra que chore?”
disse. Raivoso, o triunfo seu negando, os sócios

auertunt, contra laudant insignis alumnum
Taygeti longeque minas risere Lacones.
  iamdudum uariae laudes et conscia uirtus
Tydea magnanimum stimulis ingentibus angunt.
ille quidem et disco bonus et contendere cursu,
nec caestu bellare minor, sed corde labores
ante alios erat uncta pale. sic otia Martis
degere et armiferas laxare assueuerat iras
ingentes contra ille uiros Acheloia circum
litora felicesque deo monstrante palaestras.
ergo ubi luctandi iuuenes animosa citauit
gloria, terrificos umeris Aetolus amictus
exuitur patriumque suem. leuat ardua contra
membra Cleonaeae stirpis iactator Agylleus,
Herculea nec mole minor, sic grandibus alte
insurgens umeris hominem super improbus exit.
sed non ille rigor patriumque in corpore robur:
luxuriant artus, effusaque sanguine laxo
membra natant; unde haec audax fiducia tantum
Oenidae superare parem. quamquam ipse uideri
exiguus, grauia ossa tamen nodisque lacerti
difficiles. numquam hunc animum natura minori
corpore nec tantas ausa est includere uires.
  postquam oleo gauisa cutis, petit aequor uterque
procursu medium atque hausta uestitur harena.
dum madidos artus alterno puluere siccant,
collaque demersere umeris et bracchia late
uara tenent. iam tunc astu deducit in aequum
callidus et celsum procuruat Agyllea Tydeus,
summissus tergo et genibus uicinus harenae.
ille autem, Alpini ueluti regina cupressus
uerticis urguentes ceruicem inclinat ad Austros
uix sese radice tenens, terraeque propinquat,

tiram-no e, nisso, o ilustre aprendiz do Taígeto
Lacônios louvam, rindo, ao longe, das ameaças.

Há muito, as várias glórias e a cônscia virtude
a Tideu magno oprimem, qual ingente estímulo.
É bom, também, no embate de disco e no curso,
nada inferior com cesto; ao peito, porém, antes
do resto, a luta em óleo. Assim, o ócio de Marte
despender costumava, abrandando a ira armífera
contra ingentes varões no entorno de Aquelóides
praias, com o deus mostrando, e felizes palestras.
Quando chamou os jovens, pois, da luta briosa
a glória, o Etólio, as vestes terríveis dos ombros
despiu, e o pátrio porco. Contra, eleva os árduos
membros – orgulha a origem Cleoneia – Agileu;
que Hércules não menor, às alturas com grandes
ombros insurge, imane, ao homem se excedendo.
Mas sem viço, em seu corpo, aquela força pátria:
se avolumam as pernas, os membros em sangue
submersos nadam: donde essa tão audaz crença
do Enida em superar seu par. Posto que exíguo
pareça, é de ossos graves, de nodosos músculos
duros. Nunca a Natura esse ânimo em menores
corpos ousou incluir, e nem tão grandes forças.

Tendo as peles folgado em óleo, atacam ambos,
correndo, o plano, vestem-se com areia haurida,
enquanto, umentes, secam suas pernas com pó,
nos ombros afundando o colo e longe os braços
curvos mantendo. Ao solo, com astúcia arrastou
o hábil Tideu, p'ra frente arcando, a Agileu, alto,
sobre as costas subindo, junto à areia os joelhos.
Ele, porém, como um cipreste, o rei de Alpinos
cimos, que inclina ao Austro premente a cerviz,
pouco firme em sua base e chegando-se à terra,

iamdudum aetherias eadem reditura sub auras:
non secus ingentes artus praecelsus Agylleus
sponte premit paruumque gemens duplicatur in hostem.
et iam alterna manus frontemque umerosque latusque
collaque pectoraque et uitantia crura lacessit.
interdumque diu pendent per mutua fulti
bracchia, nunc saeui digitorum uincula frangunt.
non sic ductores gemini gregis horrida tauri
bella mouent; medio coniunx stat candida prato
uictorem expectans, rumpunt obnixa furentes
pectora, subdit amor stimulos et uulnera sanat:
fulmineo sic dente sues, sic hispida turpes
proelia uillosis ineunt complexibus ursi.
uis eadem Oenidae; nec sole aut puluere fessa
membra labant, riget arta cutis durisque laborum
castigata toris. contra non integer ille
flatibus alternis aegroque effetus hiatu
exuit ingestas fluuio sudoris harenas
ac furtim rapta sustentat pectora terra.
instat agens Tydeus fictumque in colla minatus
crura subit; coeptis non eualuere potiri
frustratae breuitate manus, uenit arduus ille
desuper oppressumque ingentis mole ruinae
condidit. haud aliter collis scrutator Hiberi,
cum subiit longeque diem uitamque reliquit,
si tremuit suspensus ager subitumque fragorem
rupta dedit tellus, latet intus monte soluto
obrutus, ac penitus fractum obtritumque cadauer
indignantem animam propriis non reddidit astris.
acrior hoc Tydeus, animisque et pectore supra est.
nec mora, cum uinclis onerique elapsus iniquo
circumit errantem et tergo necopinus inhaeret,
mox latus et firmo celer implicat ilia nexu;

que, em pouco, volta a si sob os etéreos ventos:
assim, alto Agileu as amplas pernas com ânsia
firma e ao baixo rival com um gemido se eleva.
A mão, alterna, à face, aos ombros e às ilhargas,
ao colo, ao peito e às pernas, que fogem, tortura.
Muito, às vezes, suspensos pelo braço pendem,
mútuos, e quebram, sevos, dos dedos os fechos.
Assim, levando o gado, gêmeos touros hórridas
guerras não fazem; justa, a esposa à relva para
e ao sumo espera; rompem, furiosos, os tensos
peitos, o amor submete a pua e as chagas cura:
assim, com presa atroz, os porcos; assim, feios
ursos travam com hirsuta pressão crespas lutas.
Mesma força a do Enida; nem sol ou pó cansam
os membros: rija a pele, pelos duros músculos
da faina castigada. O outro, contra, não íntegro,
com alternos sopros lasso e a boca fraca aberta,
despe, insertas com o flume de suor, as areias,
e, esperto, ao peito escuda com terra arrancada.
Tideu insurge e, em falso ameaçado o pescoço,
assoma às pernas; firmam-se, mas não agarram
as mãos, por breve frustras; de cima vem, alto,
aquele: de ampla queda com o peso, ao opresso
cobriu. Tal quando, o explorador de Ibério cimo
subindo e na distância a vida e a luz deixando,
se treme o campo, e brusco ruído a terra, rota,
lança: dentro se esconde, por monte oscilante
soterrado; quebrado e esmagado, o seu corpo,
à alma irritada, aos astros seus não reconduz.
Tideu, mais cruel, em alma e peito está além.
Tão logo da pressão do iníquo abraço escapa
e cerca o errante, às costas furtivo fixando-se,
com firme enlace envolve seu lado e a virilha:

poplitibus genua inde premens euadere nodos
nequiquam et lateri dextram insertare parantem
improbus – horrendum uisu! – [ac] mirabile pondus,
sustulit. Herculeis pressum sic fama lacertis
terrigenam sudasse Libyn, cum fraude reperta
raptus in excelsum, nec iam spes ulla cadendi,
nec licet extrema matrem contingere planta.
fit sonus, et laetos attollunt agmina plausus.
tunc alte librans inopinum sponte remisit
obliquumque dedit, procumbentemque secutus
colla simul dextra, pedibus simul inguina uinxit.
deficit obsessus soloque pudore repugnat.
tandem pectus humi pronamque extensus in aluum
sternitur, ac longo maestus post tempore surgit,
turpia signata linquens uestigia terra.
palmam autem dextra laeuaque nitentia dono
arma ferens Tydeus: “quid si non sanguinis huius
partem haud exiguam – scitis – Dircaeus haberet
campus, ubi hae nuper Thebarum foedera plagae?”
haec simul ostentans quaesitaque praemia laudum
dat sociis, sequitur neglectus Agyllea thorax.
  sunt et qui nudo subeant concurrere ferro:
iamque aderant instructi armis Epidaurius Agreus
et nondum fatis Dircaeus agentibus exul.
dux uetat Iasides: “manet ingens copia leti,
o iuuenes! seruate animos auidumque furorem
sanguinis aduersi. tuque o, quem propter auita
iugera, dilectas cui desolauimus urbes,
ne, precor, ante aciem ius tantum casibus esse
fraternisque sinas – abigant hoc numina! – uotis.”
sic ait, atque ambos aurata casside ditat.
tum generum, ne laudis egens, iubet ardua necti
tempora Thebanumque ingenti uoce citari

com a coxa prende os joelhos p'ra fugir ao nó,
em vão; ao lado a destra inserta, se ajeitando,
imane, horrendo à vista, e um espantoso peso
levanta. Assim, é fama, nos Hercúleos braços
suou, terrígena, a Líbia quando, dolo exposto,
a arrebatou ao céu; sem crenças, já, na queda,
nem pode à mãe, com a ponta da planta, tocar.
Um som se faz, e a turba eleva alegres palmas.
No alto librando, então, de repente impulsiona,
de através lança e, perseguindo o arremessado,
ao colo a destra, esmaga com o pé seu escroto.
Bloqueado, esvai-se e, só por vergonha, reage.
No fim, deitado, peito e ventre prono ao chão,
se estende e após um longo tempo sobe triste,
torpes na terra escrita abandonando os passos.
À destra a palma e à sestra, rútilas, por prêmio,
as armas traz Tideu: "O que se, deste sangue –
sabeis –, parte não pouca não tivesse o Dírceo
campo, donde estas chagas, o pacto de Tebas?"
E, mostrando-as, os prêmios, raros, de louvor
dá aos sócios; o excluso couro a Agileu segue.

Eis chegam os que pugnam com ferro despido:
Já vêm, nas armas doutos, o Epidáurio Agreu
e, inda incólume aos Fados, o exilado Dírceo.
Veta Adrasto: "da morte, a grande cópia resta,
jovens! Mantende os ânimos, e o furor ávido
de sangue hostil. E tu, por quem as ancestrais
jeiras, por quem as urbes queridas deixamos,
antes da luta, eu peço, aos acasos, tal chance
não deixes, e ao fraterno voto – negai, numes!"
Diz assim e enriquece com elmo áureo a ambos.
Por honra, ordena cinjam, do genro, a soberba
testa e de Tebas, com alto clamor, o proclamem

uictorem: dirae retinebant omina Parcae.
  ipsum etiam proprio certamina festa labore
dignari et tumulis supremum hunc addere honorem
hortantur proceres ac, ne uictoria desit
una ducum numero, fundat uel Lyctia cornu
tela rogant, tenui uel nubila transeat hasta.
obsequitur gaudens, uiridique ex aggere in aequum
stipatus summis iuuenum descendit; at illi
pone leues portat pharetras et cornua iussus
armiger: ingentem iactu transmittere circum
eminus et dictae dare uulnera destinat orno.
  quis fluere occultis rerum neget omina causis?
fata patent homini, piget inseruare, peritque
uenturi praemissa fides: sic omina casum
fecimus, et uires hausit Fortuna nocendi.
  campum emensa breui fatalis ab arbore tacta
– horrendum uisu! – per quas modo fugerat auras,
uenit harundo retro uersumque a fine tenorem
pertulit, et notae iuxta ruit ora pharetrae.
multa duces errore serunt: hi nubila et altos
occurrisse Notos, aduersi roboris ictu
tela repulsa alii. penitus latet exitus ingens
monstratumque nefas: uni remeabile bellum
et tristes domino spondebat harundo recursus.

campeão: o agouro, diras, ressoavam as Parcas.
Que ao festivo certame, com façanhas próprias,
reputem e essa glória extrema à tumba juntem,
os príncipes o incitam; p'ra que honra não falte
aos chefes todos, firma que, com o corno, Lícias
flechas instem, ou cruze as nuvens haste tênue.
Feliz aprova e, ao plaino, desde o verde monte,
pelos sumos dos jovens desce envolto; entanto,
por trás, leves aljavas porta, a mando, e cornos
o armígero: de um golpe, cruzar o amplo circo
de longe e ao tronco certo dar chaga pretende.
Quem nega emane o agouro por causas ocultas?
Mostra-se o Fado, e olhá-lo aborrece, e perece,
ante o porvir, a fé: e o agouro, assim, em sorte
mudamos, donde o elã de arruinar da Fortuna.
Fatal, desde o alvejado tronco o agro aferindo,
pelos ares – visão horrenda! – os quais cruzara
retro regressa a cana e o curso inverso ao marco
cumpre, à boca da nota aljava despencando-se.
Muito os chefes incorrem no erro: foram o alto
Noto e nuvens; com o golpe da madeira, a seta
retornou. No imo resta o ingente efeito, o nefas
exposto: ao mestre, apenas, regressar da guerra
promete a cana, e infaustos caminhos de volta.